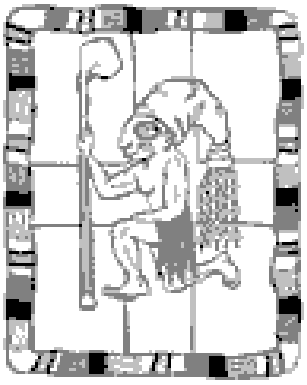
A OBRA COMPLETA DE ỌRÚNMÌLÁ
A SABEDORÍA DIVINA

Autor: Mr. Cromwell Osamaro



Esu
by Awo Falokun
Fatunmbi

INTRODUÇÃO **7**
CAPÍTULO I **9**
A PRECOCE ASSOCIAÇÃO DO AUTOR COM ỌRÚNMÌLÁ 9
O CONVITE DIVINO 16
CAPÍTULO II **18**
ỌRÚNMÌLÁ E AS OUTRAS DIVINDADES 18
A FUNDAÇÃO DO MUNDO 19
A CRIAÇÃO DA DIVINOSFERA: 19
CAPÍTULO III **20**
A PRIMEIRA TENTATIVA DE ESTABELECER A VIDA NA TERRA 20
OUTRAS DIVINDADES RETORNAM PARA O CÉU 23
AS DIVINDADES RETORNAM PARA A TERRA 23
O DINHEIRO VEM PARA O MUNDO 24
O PRINCÍPIO DOS CONFLITOS FÍSICOS 24
O PRINCÍPIO DA DESTRUIÇÃO DO MUNDO 24
A DESTRUIÇÃO FINAL DO MUNDO 25
CAPÍTULO IV **26**
A SEGUNDA MORADIA NA TERRA 26
A VINDA DAS OUTRAS DIVINDADES 31
O MUNDO SE ESTABELECE 32
CAPÍTULO V **33**
COMO O HOMEM VEIO DO CÉU PARA A TERRA 33
A INFLUÊNCIA DO OBSTÁCULO DIVINO NO NOSSO DESTINO 34
A FUNÇÃO DO ANJO GUARDIÃO 34
A FORÇA DO DESTINO EM NOSSAS VIDAS 35
A POSIÇÃO DO ORÁCULO EM NOSSAS VIDAS 36
AS ORÍGENS DOS PROBLEMAS VIVENCIADOS PELOS SERES HUMANOS NA TERRA 38
CAPÍTULO VI **40**
O RELACIONAMENTO DO HOMEM COM DEUS 40
CAPÍTULO VII **44**
O EFEITO DAS OFERENDAS SACRIFICAIS EM NOSSAS VIDAS 44
CAPÍTULO VIII **47**
O LUGAR DE ÈṢU NO SISTEMA PLANETÁRIO 47
O SIGNIFICADO ESPECIAL DO BODE PARA ÈṢU 53
CAPÍTULO IX **54**
O LUGAR DAS FEITICEIRAS NO SISTEMA PLANETÁRIO 54
CAPÍTULO X **57**
CÓDIGO DE CONDUTA DE ỌRÚNMÌLÁ 57
ELOGIOS DE ỌRÚNMÌLÁ À PERSEVERANÇA 58
A EFICÁCIA DA PACIÊNCIA NO IFISMO 59
CONCEPÇÃO DE IFÁ DO BEM E DO MAL 62
CAPÍTULO XI **64**
COMO ALGUÉM PODE ENTRAR EM CONTATO COM ỌRÚNMÌLÁ 64
A FUNÇÃO DA ORÍENTAÇÃO DIVINA EM NOSSAS VIDAS 66
A IMPORTÂNCIA DA FÉ DO DEVOTO NA RELIGIÃO DE IFÁ 67
CAPÍTULO XII **68**
A GENEALOGIA DE IFÁ 68
ORDEM DE IDADE GENEALÓGICA DE IFÁ 69
CAPÍTULO XIII - OS OLODU/ APÓSTOLOS DE ỌRÚNMÌLÁ **70**
EJIOGBE OU OGBE-MEJI 70
A CABEÇA COMO UMA DIVINDADE 70
EJIOGBE VAI PARA A TERRA 71
O NASCIMENTO DE EJIOGBE 72
OS TRABALHOS TERRESTRES DE EJI-OGBE 73

O MILAGRE NO MERCADO 73
O MILAGRE DO ALEIJADO E DO CEGO 73
O RESULTADO DA IGNORÂNCIA AOS AVISOS DE EJIOGBE 74
COMO EJIOGBE SOBREVIVEU A IRA DOS MAIS VELHOS 75
COMO EJIOGBE ADQUIRIU TRANQÜILIDADE MENTAL 75
EJIOGBE RETORNA PARA O CÉU POR DENÚNCIA 76
O CASAMENTO DE EJIOGBE 77
O SEGUNDO CASAMENTO DE EJIOGBE 78
COMO EJIOGBE AJUDOU UM LITIGANTE A VENCER EM SEU CASO 80
COMO EJIOGBE FEZ UMA MULHER ESTÉRIL TER UM FILHO 80
COMO EJIOGBE AUXILIOU A MONTANHA A RESISTIR AO ATAQUE DE SEUS INIMIGOS 81
COMO A MÃE DE EJIOGBE O SALVOU DE SEUS INIMIGOS 81
COMO EJIOGBE SE TORNOU O REI DOS OLODUS 82
CONTROVÉRSIA ENTRE EJIOGBE E OLOFEN 84
A BATALHA DE EJIOGBE COM A MORTE 85
CARACTERÍSTICAS NOTÁVEIS DE EJIOGBE 86
O ENIGMA PARA OS AWO 88
POEMAS DE EJIOGBE PARA O PROGRESSO E PROSPERIDADE 88
AKPETEBI ABORRECE EJIOGBE 89
CAPÍTULO XIV 90
OYEKU - MEJI 90
OUTROS TRABALHOS CELESTES DE OYEKU 92
COMO O PEIXE VEIO A SE MULTIPLICAR 92
OYEKU-MEJI REVELA O RETORNO DAS DIVINDADES AO MUNDO 93
O NASCIMENTO DE OYEKU-MEJI 94
A VINDA DE JEWÈSÙN PARA A TERRA 95
COMO ELE VEIO SER CHAMADO JEWÈSÙN 95
OS TRABALHOS TERRESTRE DE OYEKU MEJI 96
PORQUE OS FILHOS DE OYEKU MEJI NÃO USAM GORRO 96
COMO EJI- OYE RESOLVEU O PROBLEMA DA MORTE 97
COMO OYEKU MEJI GANHOU BENEFÍCIOS E PRESENTES 98
OYEKU MEJI SE TORNOU O REI DA MORTE 98
COMO OYEKU MEJI DEU NOME A UMA CRIANÇA DE ADENIMI 99
CAPÍTULO XV 100
IWORÍ-MEJI 100
TRABALHOS DE IWORÍ-MEJI NO CÉU 100
IWORÍ MEJI FEZ DIVINAÇÃO PARA AKUN (CONTA DE CORAL) 101
ELE TAMBÉM FEZ DIVINAÇÃO PARA O CHUMBO 101
EJIKOKO IWORÍ FEZ DIVINAÇÃO PARA O LEÃO, A VACA E O BÚFALO. 102
IWORÍ MEJI DEIXA O CÉU PARA A TERRA 103
O NASCIMENTO DE IWORÍ MEJI 104
IWORÍ-MEJI BRIGA POR SENIORÍDADE NA TERRA. 104
COMO IWORÍ MEJI SOBREPUJA TODOS OS SEUS IRMÃOS 106
COMO IWORÍ MEJI SE TORNOU UM PODEROSO SACERDOTE DE IFÁ. 108
OS TRABALHOS POSTERIORES DE EJIOGBE. 108
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA UMA CRIANÇA APENAS. 110
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA ORARE: 111
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA KINIUN: 111
RECOMENDAÇÃO AOS FILHOS DE IWORÍ-MEJI. 112
CAPÍTULO XVI - EDI - MEJI 112
IDI MEJI AUXILIA ODE (LADO DE FORA) A RECUPERAR PROSPERIDADE. 112
COMO O AMENDOIM VEIO A SE MULTIPLICAR. 113
IDI MEJI, FEZ DIVINAÇÃO PARA O SÊMEN E PARA A MENSTRUAÇÃO FEMININA. 113
IDI MEJI COMO UM NOTÁVEL LUTADOR. 114
IDI MEJI PARTE PARA A TERRA. 116

IDI CURA UM ALEIJADO E UM HOMEM CEGO. 119
A CURA DO CEGO E A HÉRNIA MAGOADA. 120
CAPÍTULO XVII -OBARA -MEJI 120
CONFUSÃO E DESENTENDIMENTO COMEÇARAM COM OS CINCO OLODUS DO CORPO GENEALÓGICO DE IFÁ. 120
A DIFÍCIL TRAVESSIA DA PROSPERIDADE PARA O MUNDO. 121
O ENCONTRO DE OBARA MEJI COM INIMIGOS. 127
OBARA MEJI TRANSFORMA PRETO EM BRANCO 128
OBARA - DEMONSTRA INGRATIDÃO PARA A MÃE. 130
OBARA MEJI GANHA UM TÍTULO DE CHEFIA. 130
COMO OBARA MEJI PERSEVEROU EM SUA PROSPERIDADE. 131
O ÚLTIMO GRANDE MILAGRE EXECUTADO POR OBARA MEJI. 132
CAPÍTULO XVIII - OKONRON- MEJI. 133
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A FORMIGA ERIRA. 134
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A ÁRVORE GENEALÓGICA. 134
OKONRON MEJI PARTE DO CÉU PARA O MUNDO. 134
OKONRON MEJI TORNA-SE O GRANDE CHEFE DE ILAYE OKO. 136
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AKPON PARA SER POSSÍVEL TRAZER PAZ A IFÉ QUANDO ESTAVA EM GRANDE CONFUSÃO 137
A SALVAÇÃO DE AKERIWAYE. 137
O MAU DESTINO DA COROAÇÃO DE ADEGUAYE. 137
CAPÍTULO XIX - IROSUN-MEJI 138
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA TODAS AS DIVINDADES ANTES DELAS PARTIREM DO CÉU PARA A TERRA 138
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O CROCODILO 139
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O PEIXE E O RATO PARA OS MULTIPLICAR 139
IROSUN-MEJI VEM PARA O MUNDO 140
IROSUN-MEJI FEZ DIVINAÇÃO PARA MINHOCA 141
IROSUN - MEJI COMEÇA UMA NOVA VIDA NA TERRA 143
A BENEVOLÊNCIA DE IEROSUN-MEJI 144
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AIROWOSEBO E A RAINHA MÃE DO TRONO DE BENIN. 145
COMO IEROSUN-MEJI OBTEVE POPULARIDADE COM MAJESTADE 146
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA OLOWU DE OWU 146
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AS VENDEDORAS DE EKO E ÀKARÀ DE ODERE 147
IFÁ - ALLAYE TOMA A COROA DE ODERE 147
O ÚLTIMO TESTE PARA IROSUN-MEJI 148
CAPÍTULO XX - OWANRIN-MEJI 148
OWUANRIN MEJI SE PREPARA PARA VIR AO MUNDO 149
OWANRIN MEJI AMARRA AS MÃOS DOS SEUS INIMIGOS 150
A EXPERIÊNCIA DE OWANRIN-MEJI COMO UM COMERCIANTE 152
OWANRIN-MEJI TESTA SUAS MÃOS NA AGRICULTURA 153
OWANRIN-MEJI ASSUME UMA NOVA ESPOSA 155
OWANRIN-MEJI PÔS EM XEQUE AS MAQUINAÇÕES DE SEUS INIMIGOS 156
OWANRIN-MEJI NO LIMIAR DA PROSPERIDADE 156
OWANRIN-MEJI SE TORNOU FAMOSO POR MEIO DE SEU FILHO 157
O ÚLTIMO MAIOR TRABALHO DE OWANRIN-MEJI - ELE SALVOU A ESPOSA FAVORÍTA DO OLOFEN DAS TRAMAS MALÉFICAS DE SUAS COMPANHEIRAS 158
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA DUAS ESPOSAS DO MESMO MARIDO 159
CAPÍTULO XXI - ÒGÚNDA-MEJI / EJI-OKO / ÒGÚNDA JA MEJI 160
OS TABALHOS CELESTES DE ÒGÚNDA-MEJI 163
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A BOA 164
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA ODE 165
EJI-OKO SEDUZ A ESPOSA DA MORTE 166
A SEGUNDA ESPOSA DE EJIOKO 168
EJIOKO FOGE DO CÉU PARA A TERRA 170
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA OYI 170

EJIOKO SE INSTALA NA TERRA 171
ÒGÚNDA-MEJI CURA A ESTERILIDADE DAS ESPOSAS DO OLOFEN 173
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AGUOFENIA (O FOSSO CAÇADOR) 178
ELE TAMBÉM FEZ DIVINAÇÃO PARA DOIS PESCADORES: 179
COMO ÒGÚNDAMEJI RECEBE O CODNOME DE ÒGÚNDA-JA-MEJI 179
SEUS SUBROGADOS TOMARAM CONTA DA DIVINAÇÃO PARA O PRÍNCIPE HERDEIRO DO REINO DE BENIN 179
ELE AUXILIOU O POVO DE OYO EM SUA GUERRA COM ILESHA 180
ÒGÚNDA-MEJI PARTE PARA O CÉU 181
CAPÍTULO XXII – OSAMEJI 184
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O ALGODOEIRO 185
OSAMEJI SE PREPARA PARA VIR AO MUNDO 185
O NASCIMENTO DE OSAMEJI 187
ÈŞU FINALMENTE RECEBE SEU BODE DE OSAMEJI 188
AS FEITICEIRAS DESCOBREM A VERDADE 189
OSAMEJI FAZ DIVINÇÃO PARA OS DEZESSEIS OBA 190
OSAMEJI É ACUSADO DE SER UM FEITICEIRO 190
OSAMEJI DESCOBRE A CAUSA DOS SEUS PROBLEMAS 191
OSAMEJI FINALMENTE AJUSTA SUAS CONTAS COM A FEITIÇARIA COM UM CONVÊNIO 191
CAPÍTULO XXIII - ETURA-MEJI 194
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O AMENDOIM 195
FEZ DIVINAÇÃO PARA O HOMEM BRANCO QUANDO ELE ESTAVA ANSIOSO PARA SABER COMO PRODUZIR UM SER HUMANO VIVO 195
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A SINCERIDADE E PARA A FALSIDADE 196
OTUMEJI PARTE DO CÉU PARA A TERRA 196
OTUMEJI ABRE CAMINHO PARA A PROSPERIDADE VIR PARA O MUNDO 199
A ORÍGEM DO GOLPE DE ESTADO CONTRA ANTIGUIDADE/ AUTORÍDADE 199
OTUMEJI VAI ATÉ IMODINA PARA AUXILIAR OS IMOLES 201
OTUMEJI VAI A IMEKA 203
CAPÍTULO XXIV – IRETE-MEJI / EJI-EDE / EJI-ELEMERE 205
EDI ELEMERE REVELA COMO ỌRÚNMÌLÁ BATALHOU POR PROSPERIDADE EM FAVOR DE SEUS SEGUIDORES 206
EJI ELEMERE VEM PARA O MUNDO 207
SUCESSO DEPERTA A INIMIZADE PARA EJI ELEMERE 214
COMO O BODE SE TORNOU O ALIMENTO BÁSICO DE ÈŞÙ 215
A DIVINAÇÃO PARA (YEYE OLOMO MEFA) MÃE DE SEIS FILHOS 216
CAPÍTULO XXV – EKA-MEJI 217
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O GATO 218
EKAMEJI SE PREPARA PARA VIR AO MUNDO 218
EKAMEJI PARTE PARA TERRA 218
EKAMEJI GANHA UMA COROA 219
POEMA PARA CORRIGIR OS TRAÇOS DIFÍCEIS DE EKAMEJI 219
CAPÍTULO XXVI – ETURUKPON-MEJI/ OLOGBON-MEJI 221
OLOGBON FEZ DIVINAÇÃO PAR EKUN E PARA IFAA (O TIGRE E O GATO DO MATO) 221
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA EGHERUN O PÁSSARO MAIS BONITO NO CÉU BEM COMO PARA O UGUN OU ABUTRE 222
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O CAÇADOR COM UMA ESPOSA TEIMOSA 224
OLOGBON-MEJI PARTE DO CÉU PARA A TERRA 224
ELE SEDUZIU A ESPOSA DE ÒGÚN 225
COMO ÒRÚNMÌLÁ DEIXOU O MUNDO 225
CAPÍTULO XXVII – OSE-MEJI 226
ATIVIDADES DE OSEMEJI NO CÉU 228
OSE-MEJI PARTE PARA A TERRA 230
OSEMEJI ASSUME A ARTE E A PRÁTICA DE IFÁ 233

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AKINYELE DE IWERE 233
A ESTÓRIA DE MÁ SORTE DE OLOKOSE 234
A DIVINAÇÃO PARA OLUBADAN DE ÌBÀDÀN 235
ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA OLOKÚN 235
A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE OSEMEJI 236
OSEMEJI VIVEU MUITO MAIS QUE QUALQUER OUTRO OLODU 236
CAPÍTULO XXVIII – OFUN – MEJI 237
OFUNMEJI REVELA QUANTO TEMPO DEUS LEVOU PARA COMPLETAR SUA CRIAÇÃO 237
COMO O PAPAGAIO SE TORNOU UM SÍMBOLO DE NOBREZA 238
ỌRÚNMÌLÁ CONVERTE A AUTORÍDADE DE TODAS AS OUTRAS DIVINDADES PARA SÍ MESMO 239
OFUNMEJI PARTE PARA A TERRA 240
O NASCIMENTO DE OFUNMEJI 240
OFUNMEJI RETORNA PARA O CÉU 241
OFUNMEJI RETORNA PARA O CÉU 242
A ORÍGEM DA FRATERNIDADE SECRETA 242
A SEGUNDA VINDA DE OFUNMEJI PARA TERRA 243
A DIVINAÇÃO PARA ORANGUN E AKÒGÚN 243
DIVINAÇÃO PARA AGANBI, A MULHER ESTÉRIL DE IFÉ 244

INTRODUÇÃO

A filosofia de Ifá é uma das mais antigas formas de conhecimento revelada a humanidade. Infelizmente as revelações de Ọrúnmìlá, têm desde o início dos tempos, sido escondidas no mais completo sigilo e aqueles que poderiam dispor de tempo e possuir horas de folga para adquiri-los, não tinham recursos de ir atrás deles. Tudo o que sabemos hoje de Ifá, tem sido passado de geração em geração. Muito do que o povo conhece sobre Ifá é também revelado: até mesmo hoje em dia, pelo próprio Ọrúnmìlá, porque ele regularmente surge para seus seguidores em sonhos, para ensiná-los o que é necessário saber sobre sua obra. O conhecimento de Ifá tem sobrevivido essencialmente pela tradição oral de um sacerdote de Ifá para outro. Nenhum esforço consciente tem sido feito para publicar a obra de Ọrúnmìlá completa para o público consumidor. Até os sacerdotes de Ifá entre eles, são freqüentemente relutantes em compartilhar conhecimento por temor que se o mesmo se tornar de domínio público, a fachada mística oculta a qual eles operam será destruída. Isto não é totalmente sua falta, porque levaram pelo menos 21 anos de aprendizado para produzir um sacerdote eficiente.

Mas pelo fato que este trabalho era diretamente inspirado pelo próprio Ọrúnmìlá, não seria fácil para ninguém dispor de tempo, esforços e dinheiro, para iniciar desta maneira numa aventura interminável. Aquilo é dizer que a sociedade de Ifá chamada conhecimento é interminável, imutável e imortal. Ver-se-á de suas revelações que Ọrúnmìlá, embora a mais nova de todas as divindades criadas por Deus, era verdadeiramente a própria testemunha de Deus quando começou a criar outras substâncias orgânicas e inorgânicas. Este é o porque de ser consultado como o Ẹleri Upin. Somente ele conhece a verdadeira natureza e Orígem de todos os objetos animados ou inanimados criados por Deus.

Este conhecimento tem lhe dado desta maneira incomparáveis poderes que fazem-no o mais eficiente de todos os adivinhos, que eram as primeiras criaturas de Deus.

Seus seguidores que são capazes de alcançar algo do conhecimento conseqüentemente controlam enorme poder o qual tem muitas vezes confundido muito em chamando na magia ou fetiche.

Por outro lado à expressão "IFÁ" encerra as revelações, estilos devida, e religião ensinada por Ọrúnmìlá. Este é o porque de ser freqüentemente dito que Ọrúnmìlá é a divindade mas Ifá é sua palavra.

O sacerdote de Ifá é o pedaço da boca de Ọrúnmìlá e até comparativamente recentemente, ele era o eixo em torno do qual a vida diária da comunidade girava. Naqueles dias era respeitável ir abertamente até ele para buscar solução para os problemas da vida. Atualmente tem se tornado moda consultar um sacerdote de Ifá em segredo absoluto e furtivamente.

Três fatores têm sido os responsáveis por esta espetacular mudança de atitude.

O primeiro é a chegada da civilização moderna e a educação trazida desta forma. A segunda é a despótica influência das religiões modernas as quais eram usadas pela espécie humana como armas para conquistas não apenas das mentes mortais, mas também para manifestamente ambições de território.

O terceiro é o impacto agregado das duas primeiras forças. As crianças dos sacerdotes de Ifá, não mais desejam ser associadas com a religião e ao modo de vida de seus pais, aos quais eles rejeitam como superstições pagãs.

Muitos sacerdotes de Ifá dotados de brilhante conhecimento teórico e prático do oráculo, têm morrido não restando nada gravado de suas riquezas de conhecimento e experiência. O volume de livros os quais eu estou prestes a me lançar são uma tentativa para deixar um relato histórico da grande obra de Ọrúnmìlá.

Eles se destinam a provocar debates para o enriquecimento do conhecimento de modo que as gerações vindouras conhecerão sobre Ọrúnmìlá e seu acesso para religião, em tempo, ser orgulhoso por estar associado com ela. Este trabalho se designa também para assistir a estudantes da filosofia de Ifá na obtenção mais profunda do conhecimento o Ifismo, tão bem quanto gerar interesse nele.

Também irá prover assistência para aqueles que foram iniciados na religião , mas que continuam a duvidar da veracidade da concepção inteira de Ọrúnmìlá.

Freqüentemente quando uma pessoa vai a um sacerdote, ele conta para seu cliente os encantamentos do Ọdu específico que se apresentou para ele. Depois disso ele prescreve os sacrifícios a serem feitos sem preocupar-se em narrar ao questionador a história fundamental do sacrifício que ele está pedindo para fazer. Eles o fazem por que acreditam que a mente não iniciada não irá entendê-los.

O cliente começa a questionar se o sacrifício é ou não relevante.

Se ele faz ou não o sacrifício, torna a reputação do sacerdote de Ifá incerta e não as suas convicções da necessidade disto. Mais importante é uma tentativa para fazer a religião se classificar como muitas religiões novas, como o judaísmo, cristianismo, budismo e islamismo. Estas outras religiões tinham a vantagem da documentação anterior. Quanto ao mais, nós veremos que Ifá é muito mais rico e mais antigo corpo de conhecimentos.

È importante notar que todavia este trabalho não coloca reivindicações quaisquer que sejam por conta completa da religião de Ifá. É dito que ninguém pode saber no total a Obra completa de Ọrúnmìlá. Este trabalho é portanto o início, e a pesquisa continuará durante toda a vida do autor. Espera-se que ela será atualizada de tempos em tempos tendo em vista a ausência de pesquisas e revelações adicionais.

Por outro lado, o escritor espera com esses volumes de dezessete livros no todo, desmistificar a filosofia da Religião de Ifá. Contrário a todas as aparências externas, não há nada mágico sobre Ifá. A arte é análoga ao trabalho de astrologia. Um astrólogo conta o futuro de um homem lendo o comportamento das estrelas que estavam no céu na época em que a pessoa nasceu. Do mesmo jeito quando uma criança nasce, os instrumentos principais de divinação de Ifá são usados para sensibilizar sua cabeça e escutá-la. O instrumento irá declarar o nome do Ọdu que é sua estrela guia. O sacerdote de Ifá irá então revelar a história da vida do Ọdu que surgiu para ele e pode proclamar com cem por cento de certeza que a vida da criança irá tomar alguns caminhos que aparecem no Ọdu. É uma coisa que acontece quando o Ọdu particular surge no jogo quando uma pessoa é iniciada na religião de Ifá e na sociedade secreta (Ogbodu).

Por exemplo, se a cerimônia do nome ou durante a iniciação em ifá , Ejiogbe é o Ọdu que surgir , a pessoa pode convenientemente ser informada de que sua história de vida seguirá o caminha da vida de Ejiogbe.

Se por exemplo o iniciado é negro e de estatura média, ele pode ser informado que se ele é capaz de seguir os èto e ewọ de Ejiogbe ele certamente prosperará na vida e dispensará sua vida em serviços humanitários. Se por outro lado à pessoa é clara ou baixa, ele pode ser informado que ele não será provavelmente muito próspero a menos que consulte seu Ifá e execute sacrifícios especiais para remover os obstáculos que Ejiogbe tinha em circunstâncias similares. Neste caso Ejiogbe tinha retornado para o céu para se recuperar antes da fortuna lhe sorrir na terra.

No mesmo jeito, se algum Ọdu particular surgir no jogo , o sacerdote vai recomendar a perguntar se é para realizar algum sacrifício executado pelo Ọdu em tais circunstâncias. Se o jogo revelar que a morte da pessoa é iminente, o sacerdote simplesmente informará a pessoa para fazer um sacrifício que Ọrúnmìlá foi informado a fazer , e o qual ele recomendou a outros fazerem a fim de evitar o perigo da morte prematura em circunstâncias similares.

É razoável imaginar pela análise anterior que longe de uma vida de mágico, o sacerdote de Ifá é simplesmente um hábil intérprete. Contanto ele pode desenvolver uma memória retentiva, desde que a maiOría não pode ler e escrever, ele tem somente que relatar os problemas de um cliente com uma situação correspondente ao que ocorreu a milhares ou milhões de anos atrás, para revelar problemas constantes em uma informação de hoje e colocá-los na forma apropriada. Estas considerações da obra de Ọrúnmìlá são uma tentativa de auxiliar os não iniciados, bem como os neófitos, a serem capazes de interpretar as revelações de Ifá por eles mesmos, a fim de perceber que o sacerdote tenta fazer no discurso de sua prática a arte de Ifá.

È importante observar do início que Ọrúnmìlá não procura pela conversão dos fiéis. Esta é uma religião do indivíduo, o qual não confia na importância dos números para sobrevivência. No início Ọrúnmìlá ensina que a melhor maneira de compreensão é prezando seus conhecimentos, o que é completamente eficaz para seu trabalho e para a melodia de sua música.

CAPÍTULO I

A PRECOCE ASSOCIAÇÃO DO AUTOR COM ỌRÚNMÌLÁ

Para um homem que nasceu em uma família cristã, batizado com o nome de Clemente, e confirmado com o nome de Joseph na igreja católica, e que nos primeiros estágios de vida, até mesmo contemplei uma curta passagem no sacerdócio, é difícil imaginar como o escritor como sucedeu uma religião “primitiva” como Ifá, ou Ifismo. Isso talvez vai indicar a força atrativa que a religião tradicional de Ifá tem nas mentes de seus seguidores.

Meu pai aposentou-se como servidor público na idade de 48 anos em 1951 após o que ele ocupou na agricultura e política. Mas Ifá atraiu tornando-se assim tão forte que ele eventualmente desistiu da agricultura para um estudo independente da Sociedade Religiosa de Ifá. Hoje em 1983, ele é um experiente sacerdote de Ifá. Eu sempre discutia com ele que bordava a indolência para refugiar-se deste modo no “fetichismo idólatra”. Ele sempre respondia zombando de mim com a observação que numa época, eu mudaria minha opinião. Entretanto, todo tempo eu via pessoas vindo agradecê-lo por salvar suas vidas, das suas crianças e outros membros de suas famílias ou por tê-los ajudado a prevenir uma catástrofe que deles estava se aproximando, eu comecei a querer saber se havia verdadeiramente algo miraculoso sobre esta aparente religião mundana.
Eu tenho visto entusiásticos cristão e muçulmanos vindo a ele e seus colegas para auxiliar. Eu vejo pessoas vindo vê-lo de lugares distantes e próximos, porque eles diziam que a não ser que eles fizessem assim num altar de Ifá, eles não estariam livres de suas aflições.

Eu também tenho visto deste mesmo modo pessoas retornando dias, semanas ou meses depois para expressar profunda gratidão.

Contudo eu estava sossegado demais na prática do cristianismo para proferir algum pensamento positivo deste crescimento contemporâneo. Não há contradição no fato que eu estava começando a me perguntar sobre certas questões. Quando eu me aposentei do serviço público em 1980, eu decidi descobrir mais sobre esta religião e uma irresistível busca por respostas a várias perguntas que o homem tem tentado responder através dos anos. Qual é atualmente o relacionamento entre Deus e o Homem? Qual é o relacionamento entre o céu e a terra e qual é o relacionamento entre o homem e as divindades.

Eu desejava de qualquer modo narrar o espetacular progresso tão logo após minha aposentadoría do serviço público em 1980. Havia um homem Yorùbá em seus noventa anos que tinha estado associado com meu pai desde minha infância, mas que eu não tinha visto por mais de onze anos. Seu nome é Chefe Ọbalọlá, ele mesmo um exímio sacerdote de Ifá em toda sua vida.

Um dia eu estava comprando materiais para reformar minha casa em Benin, quando este senhor aproximou-se de mim e eu me apressei em cumprimentá-lo.

Ele perguntou sobre meu pai e eu informei o que ele estava muito bem. Ele então me perguntou se eu estava hospedado em Lagos e eu informei que embora eu tivesse me aposentado do serviço público, eu estava entretanto morando em Lagos. Curiosamente, ele perguntou se eu já entendia o idioma Yorùbá e eu confirmei que apesar de ter vivido em Ìbàdàn e Lagos desde 1959, eu até agora não falava uma sentença em Yorùbá.

Ele balançou sua cabeça simpatizando comigo. Eu o informei que eu não tinha necessidade desta simpatia desde que não estava me fazendo muita falta o não conhecimento da língua Yorùbá e que neste caso eu tinha uma esposa Yorùbá que poderia suprir esta lacuna.

Depois de uma profunda reflexão, ele me informou que desde o tempo em que eu era criança, ele tinha informado ao meu pai que Ọrúnmìlá tinha uma tarefa especial para mim, e que ele lamentava naquele dia, pois Ọrúnmìlá tinha informado que se eu tivesse compreendido sua linguagem (Yorùbá) ele teria feito grandes coisas através de mim. Eu perguntei o que neste mundo Ọrúnmìlá esperava fazer por meu intermédio, quando eu nem mesmo acreditava nele. Quando estava saindo, disse-me para olhar para fora com cuidado de modo que eu não tivesse que estar entre o diabo e o mar azul profundo, antes de apreciar o lugar de Ọrúnmìlá em minha vida.

Quando eu cheguei em casa, contei ao meu pai o que o Chefe Ọbalọlá me informou, e ele confirmou que eles tinham discutido o assunto constantemente desde que eu tinha oito dias de vida, quando fizeram minha cerimônia de nomeação por meio da religião de Ifá.

Quando eu me aposentei voluntariamente em março de 1980, aos 45 anos, eu descobri rapidamente mais tarde que eu não tinha muito a fazer para me manter ocupado, desta forma decidi escrever um livro de História Econômica da Nigéria entre 1960 e 1980. Eu mal tinha andado um quinto do caminho escrevendo o livro quando a atração por Ifá se tornou muito forte para que eu ignorasse. Eu não acreditava em mistérios e milagres, mas confesso que em 1981 eu não pensava em alguma outra coisa exceto como fazer outras pessoas conhecer os segredos da Religião de Ifá.

Eu tenho entretanto descoberto que não há nenhum mistério na religião de Ifá. É justo que seu conhecimento tenha sido guardado por muito tempo deixado nos cérebros dos iletrados homens

mais velhos, que tendo gasto inúmeros anos aprendendo sobre o Ifá, não são suficientemente afiados para dividir com o conhecimento, exceto aqueles que preparados para se sujeitar ao processo da aprendizagem que também irão atravessar. Desde que eu descobri que para se tornar um sacerdote de Ifá, o estudante tem que se tornar virtualmente em um servo-aprendiz por alguma coisa entre 20 e 30 anos.

Em primeiro lugar, havia um Sr. Bayo Ifaniyi, um homem ikale de Ode Irele no estado de Ondo, quem eu encontrei em 1967 quando um parente o trouxe em minha casa para ajudá-lo, garantindo um trabalho humilde para fazer na fábrica. Posteriormente eu o introduzi na Indústria Enpee Ltd. em Ilupeju, Lagos, onde ele fora empregado como operador de máquinas. Ele fez aquele serviço por dois anos depois do que ele desistiu, sem que eu soubesse na época porque ele desistiu do emprego. Cerca de sete anos depois ele me visitou em companhia de parentes que o trouxeram em primeira instância até mim. Eu lhe dei Obi que ele abriu e começou a falar divinando através do mesmo. De um modo impaciente com sua espontânea leitura da sorte eu disse a ele para comer seu obi e tomar sua cerveja que eu havia lhe dado e ir embora. Ele contudo disse uma ou duas coisas - eu não lhe daria total atenção - mas que se manifestaria com questão de dias. Uma semana depois, eu informei ao meu primo sobre a visita e então fui informado que ele tinha deixado seu trabalho na fábrica porque Òrúnmìlá o queria para a prática de Ifá em todo tempo fundamental.

Ele era a primeira pessoa que eu convidava para me falar de Ọrúnmìlá quando o chamado veio a mim em 1981.

Também recordei de outro jovem que eu encontrei em 1969, Mr. Idahosa Imasuen de Benin. Eu viria a ter conhecimento depois que meu pai preparou meu próprio Ifá para mim em 1944 quando eu estava no segundo ano primário no ensino fundamental. Tudo que eu posso relembrar daquele incidente é que eu de repente me tornei inválido e não mais podia ficar em pé sobre meus dois pés. Por volta de seis semanas, eu era um inválido, andando de quatro por toda parte em meus joelhos. Meu pai recebeu um papel de seu escritório e me levou para ver um médico branco do Hospital Geral na Cidade de Benin. Eu acho que o seu nome era Dr. Stevenson, que me examinou e sugeriu que eu deveria ser levado a Lagos para exames médicos apropriados. Minha mãe não aceitou esta idéia de minha ida a Lagos para tratamento por medo de me amputarem as pernas.

Eu tinha me tornado muito irritável por que eu amava minha vida em sala de aula e minha participação como um coroinha na igreja católica. Eu também era demasiadamente afeiçoado as minhas lições de catequese sob as ordens do Irmão James e Pius.

Eu estava com saudade daquelas pequenas tarefas divertidas, assim eu tampouco podia andar até a escola nem a igreja. Eu não estava em posição de participar de alguma atividade escolar ou cristã.

Eu tenho vaga lembrança do que aconteceu depois, eu tinha estado doente por exatas seis semanas. Meu pai tinha convidado alguns velhos homens que vieram a sua casa para preparar algumas sementes pretas as quais eles colocaram em uma cabaça e encheram-na de óleo e eu fui chamado naquele quarto.

Eu não posso me recordar totalmente o que aconteceu depois disso, nem eu sei tudo o que tinham feito comigo. Mas eu posso relembrar que mais tarde naquela noite, eu fui capaz de permanecer sobre os meus pés novamente e andar para fora da casa para urinar. Eu porém não estava totalmente desperto, assim sendo eu não provoquei nenhum alarme sobre a mudança em minha condição física.

Na manhã seguinte eu levantei normalmente e andei até o quarto de meus pais para lhes dar meu tradicional bom dia. Eles estavam surpresos por me ver de volta sobre meus pés. Ele resmungou

alguma coisa que eu não compreendi totalmente, mas eu estava apto a ir novamente para a escola naquela manhã e não tive recaídas desde então.

Contudo em 1955, eu deixei o ensino secundário e estava trabalhando na Warri, e ainda um católico praticante. Em agosto daquele ano, eu tive um ataque de malária. Fui tratado com tabletes de Mepacrine e tabletes antimalária populares e disponíveis naquela época. Foi um Dr. Ezekwe quem me tratou. A malária persistiu por alguns dias e quando se tornou séria, eu caí doente por três dias. Eu estava na época morando sozinho como um jovem solteiro na Rua Ginuwa nº 4 em Warri. Uma tarde, meu tutor em Warri, Mr.Wilfred O Osunde, enfermeiro superintendente na radiografia no Hospital geral de Warri, me visitou e me apoiou em um pequeno ajuste incômodo. Ele perguntou se eu tinha tomado os medicamentos dados a mim no hospital e eu respondi afirmativamente. Ele me administrou quatro tabletes de uma vez e se foi. Logo depois que ele me fez tomar e saiu, eu comecei a transpirar profusamente e logo me senti melhor. Minha temperatura caiu e a febre tinha aparentemente cessado.

Era um sábado e eu fui capaz de ligar meu fogão para preparar uma refeição. Meu antigo amigo e vizinho de porta, Mr Joseph Okuofo tinha planejado ir a Benin quando ele retornou de seu trabalho na UAC naquela tarde. Por volta da uma da tarde, ele veio em meu apartamento para descobrir qual era à distância. Vendo que virtualmente estava bem, ele sugeriu que eu poderia acompanhá-lo a Benin no final de semana já que eu não tinha estado em casa por semanas.

Já que eu me sentia forte o bastante para a jornada, e prontamente concordei em ir com ele.

Naquela época, o rio Olobo entre Sapele e Benin estava cheio e o trecho de estrada entre o ramal Koko e a cidade de Ologbo tinha se tornado intransitável. Pessoas viajando de Warri e Sapele para Benin nessa época tinham que desembarcar no ramal de Koko para atravessar o rio de canoa, pegar um transporte a motor de Ologbo ao Benin. Eu ainda lembro que nós viajamos com a namorada do Joseph, Elizabeth, uma garota Urhobo. Quando o Armel's nos levou de Warri ao ramal Koko, nós todos descemos e três de nós desceu a rampa do barco para Ologbo. Eu estava começando a sentir vertigens quando nós subimos a bordo de outro veículo a motor para Ologbo. Eu devo reconhecer que neste dia eu não lembro o que aconteceu entre Ologbo e Benin.

Eu fui informado depois que eu estava muito passivo em minhas reações durante o resto da jornada para Benin, sem falar com ninguém e sem replicar quando falavam comigo. Chegando em Benin, Joseph e sua namorada me deram boa noite e partiram. Eu devia ter andado sem rumo um bocado e peguei a direção da primeira estrada que eu vi.

Eu não recuperei a consciência até mais ou menos 10:00h da noite quando eu repentinamente me achei no meio do nada.

Quando eu vi um jovem numa bicicleta vindo pela rua, o parei e lhe pedi para me mostrar o caminho para Do Colige Road nº 4, residência dos meus pais em Benin. O jovem desceu da bicicleta e me perguntou qual era o problema comigo. Eu o informei que estava vindo de Warri mas eu não estava me sentindo totalmente bem desde a minha saída para Benin.

Em uma exclamação de simpatia ele me informou que eu estava cinco milhas além de Benin em uma vila chamada OKA. Então se ofereceu para me levar a Benin em sua bicicleta. Só que como não conhecia a College Road, ele parou assim que chegou na cidade para perguntar a direção e finalmente desembarcou-me na casa dos meus pais por volta das 11:15 h. Quando eu narrei como ele me achou na vila de Oka para meus pais, minha mãe rompeu em lágrimas. Eles recompensaram o jovem depois que lhes falou para cuidar bem de mim.

Eu dormi profundamente naquela noite, contudo eu tive novo surto de alucinações no dia seguinte. Estava novamente claro que eu estava sofrendo de paranóia psicótica espasmódica. Desde que eu estava doente e de licença por três dias, e que expirava na sexta-feira precedente, eu tinha que retornar a Warri no domingo e ao doutor. Minha mãe me acompanhou a Warri no domingo. Na manhã seguinte minha mãe me acompanhou até o hospital aonde ela fez um apelo emocionado para me deixar uma semana em licença, permitindo-a me levar de volta a Benin para cuidados adequados. O doutor se sentiu insultado e instruiu que eu deveria ser hospitalizado imediatamente para observação e tratamento. Fui deixado em uma cama no Hospital Geral e amostras do meu sangue foram tiradas para o recente patologista Ikomi.

Ele diagnosticou que era o que mais tarde se chamou "Mepacrine PsychÒsis". Pelas próximas três semanas, eu estava recebendo tratamento no hospital com muito pouca ou nenhuma mudança em minhas condições. Meu primo e guardião então fez um apelo especial ao doutor para me liberar para tratamento tradicional em casa. Relutante, Dr.Ezekwe concordou em colocar-me em licença por duas semanas e me informou para voltar a se reportar a ele no fim deste período.

Minha mãe e eu viajamos de volta para Benin imediatamente. Na chegada em casa, meu pai me informou que ele tinha completado minha cerimônia de Ifá imediatamente, porque Ọrúnmìlá disse estar lamentoso por ter ficado por muito tempo dentro do óleo - onze anos (1944 a 1955). Eu devo confessar que eu não tinha idéia do que ele estava falando. Durante minha hospitalização ele tinha mais uma vez convidado o velho que preparou o estágio inicial da cerimônia de Ifá. Ele me revelou que o velho tinha lhe dito que Ọrúnmìlá me perseguia no mundo por causa do problema de má cabeça e que eu estava destinado a pagar na terra por não reconhecer sua importância em minha vida. Meu pai me disse que tudo foi assentado e que a cerimônia era para iniciar imediatamente.

Tudo aquilo era Grego para mim porque eu o recordo falando que se ele queria comer carne, eu compraria uma cabra para ele abater mas não me falaria coisa alguma sobre algumas sementes pretas juju que tinham ficado por tão longo tempo dentro de uma cabaça com óleo. Perdi a memória novamente por algum tempo e quando recuperei a consciência, meu cabelo tinha sido raspado como parte da cerimônia. O velho que eu reconheci depois ser um sacerdote de Ifá, estava junto na sala de visitas com meu pai e eles começaram a me contar sobre meu passado, presente e futuro. Eles mencionaram o meu nome iniciático e me disseram que minha vida ia em conformidade com a vida daquele assentamento. Foi naquele momento que eu comecei a acompanhar o resto da cerimônia, e exatamente sete dias depois fui para Warri. Estava me sentindo suficientemente bem para voltar ao trabalho.

Quando eu retornei sozinho nesta época para visitar o Dr. Ezekwe, eu era capaz discursar de forma perfeita e inteligente com ele mais uma vez. Ele riu e mais tarde disse ao meu primo que a medicina tradicional tinha operado maravilhas. Logo depois estava de volta ao trabalho e não tendo alucinações desde então.

Casei-me em 1959 e tive uma filha daquele casamento. Casei-me sob as bênçãos da igreja católica porque até esta data não podia ter nada a fazer com este Òrúnmìlá, que meu pai mantinha com ele. Concluído meus estudos em UK, eu persistia praticando o catolicismo com minha esposa, que também é de uma família católica. Em Galsgow, eu era de tal maneira devoto que o capelão da universidade de Glasgow, Reverendo Matthew Dooley e Bishop Ward de Glasgow tornaram-se virtualmente meus pais no cristianismo. Eu gastei todo meu tempo livre na capela, e fui sempre um ajudante nas missas. Em um determinado estágio, pensei seriamente à idéia do sacerdócio.

O único fator que aniquilou minha admiração pelo sacerdócio era que eu queria que minha esposa tivesse um menino em adição a minha filha. Mas a providência divina não nos favoreceu com outra

criança. Retornei para casa em 1963 e continuava praticando o catolicismo, atendendo a igreja de Santo Agostinho em Surulere e depois Santo Dominic em Yaba.

Minha esposa no entanto não teve outra criança e meus pais estavam começando realmente a aumentar a pressão para eu pegar uma segunda esposa, o que para mim era fora de questão, sendo verdadeiro princípio da igreja católica.

A quebra veio em 1969, quando por frustração por não poder ter mais uma criança, pela impotência temporária, eu quase acabei com a minha vida num sábado à noite em agosto do mesmo ano. Os sacerdotes de Ifá tinham me alertado durante o final da cerimônia de iniciação em 1955, que se eu não seguisse a religião de Ifá, ele não estaria em posição para ajudar na temporária impotência sexual, que estava destinada a ocorrer em um estágio da minha vida.

Meu pai me revelou que ele havia sido informado quando eu tinha oito anos, que eu estava destinado a ter muitos filhos, mas que Ọrúnmìlá não seria capaz de introduzi-los se eu não seguisse os caminhos de Ifá.

Por outro lado, eu preferiria morrer a ter que abandonar meu caminho cristão.

Eu fui miraculosamente salvo de me suicidar naquele fatídico sábado de agosto de 1969, por volta das três da manhã quando retornava à minha residência na Estrada Elms, 2, no conjunto médico em Yaba.

Logo que minha tentativa de suicídio foi frustrada pela intervenção divina, eu chorei pelo resto da noite sem ter sono algum.

Na amanhã seguinte que era um sábado, fui como de costume a Igreja de Sto. Dominic em Yaba. Na minha volta da igreja, eu encontrei um homem na entrada da minha residência vestido com objetos da realeza do Chefe Bini. Eu lhe perguntei qual era sua missão e ele respondeu que ele estava procurando pela residência do antigo Dr. Idehen, quando foi enviado dos arredores de Yaba à casa de um homem de Bini dentro do composto médico, que pôde apontar a residência do Dr. Idehen. Ele se apresentou como Chefe Igbinovia da Av. Nekpenekpen nº 8, na cidade de Benin.

Eu o levei até minha sala de estar e lhe ofereci os tradicionais Obi e bebida. Quando ele abriu o obi do jeito tradicional, os jogou no prato no qual haviam sido presenteados e murmurou algo para si mesmo. Nesse ínterim, eu telefonei ao Dr. Idehen que se desculpou por não poder ver aquele homem imediatamente, e que tinha um serviço a fazer na Casa Estado. Ele me pediu para informar ao homem que o veria mais tarde, entre cinco e seis horas.

Chefe Igbinovia, me perguntou se eu tinha Ọrúnmìlá e o informei que embora meu pai tivesse preparado um para mim muitos anos antes, eu era no entanto um cristão, como ele podia ver que eu estava justamente retornando da igreja com a bíblia e um rosário nas mãos. Para meu total espanto ele tirou seu instrumento de divinação de Ifá (Okpele), e perguntou lhe se era a minha casa que Ọrúnmìlá mandou-o visitar em Lagos.

Todavia eu já tinha ouvido sobre as manhas destes “falsos doutores nativos”. Eu comecei a me perguntar se ele estava vendo uma oportunidade de fazer dinheiro em cima de mim.

Depois de jogar três vezes, ele tornou a me dizer que se eu não acreditava que ele estava vindo para falar comigo ele era obrigado a me dar uma mensagem divina assim mesmo. Ele então revelou que estava dormindo em sua casa na noite anterior, quando por volta das três da manhã Ọrúnmìlá o

acordou e lhe disse que uma de suas crianças estava entre a vida e a morte em Lagos e que ele deveria ir para informá-lo para retornar para casa onde seu Ifá estava preparado, e banqueteá-lo com uma cabra, só então Ọrúnmìlá poderia revelar a causa e a cura para seus problemas de homem. Em vista dos fatos acontecerem às três da manhã, quando ele supostamente teve seu sonho em Benin, coincidiu com o momento em que eu tinha atentado contra minha vida na noite passada em Lagos.

Diante do fato fiquei mais interessado em sua exposição e comecei a escutá-lo com elevada atenção. Sem lhe revelar que me ocorreu na noite anterior, ele me contou que quaisquer que fossem os problemas que eu tinha não eram privados de solução, desde que eu fosse para casa fazer o sacrifício prescrito por Ọrúnmìlá. Então lhe perguntei se era Ọrúnmìlá a causa dos meus problemas, por ter me recusado a trilhar seus caminhos. Ele replicou que Ọrúnmìlá não estava me punindo ou chantageando por se recusar a seguí-lo. Ele adicionou que o motivo por que Ọrúnmìlá insistia em ser reconhecido por aquele a quem acompanhava nesta terra , é para estar em posição de auxiliá-lo a frustrar as maquinações maléficas dos seus inimigos.

Ele também revelou que meus temporários problemas sexuais, precedidos por 10 anos absolutamente sem filhos, eram causados por inimigos que tramaram um jeito brusco de, quanto mais longa e memorável a vida, colocar um fim.

Eu lhe prometi que estaria indo fazer o sacrifício e ele se foi. Ele recusou-se a aceitar algum dinheiro exceto o de seu transporte no valor de duas libras. Eu nunca mais o vi, até 10 anos depois em 1979, na casa de parentes, nem o tenho visto deste então.

Na próxima segunda, eu vitoríosamente solicitei para sair de férias, e imediatamente viajei para Benin. Por volta de três semanas antes da minha tentativa de suicídio, eu tinha sido totalmente impotente e absolutamente incapaz de ter sexo, ambos fora e dentro do casamento.

Chegando em casa eu contei ao meu pai o que aconteceu e novamente ele convidou alguns dos sacerdotes de Ifá que ainda estavam com vida, para me auxiliar na oferenda do sacrifício para Ọrúnmìlá.

Depois de tê-lo servido, os sacerdotes se reuniram cinco dias mais tarde para louvar Ifá, perguntando-lhe qual revelação tinha para fazer. O que eu posso revelar do que me foi informado naquele dia é que eu deveria manter meu altar de Ọrúnmìlá comigo se eu preferia viver e como estava morando em Lagos, deveria levá-lo comigo.

Casualmente o Chefe Ọbalọlá, que mais uma vez estava disponível, me perguntou diretamente se eu ainda era um homem completo como eu estava ereto diante dele. Eu não podia remediar, mas respondi negativamente, embora eu não tivesse discutido aquele aspecto dos meus problemas previamente com alguém em casa.

Ele também me perguntou se eu tinha tentado o suicídio e eu respondi afirmativamente. Ele me assegurou que tendo sobrevivido a aquelas duas pré-destinadas provações, estas seriam as últimas neste período, contanto que eu parasse de negligenciar meu Ọrúnmìlá.

Ele predisse uma mulher que eu teria um caso e então ficaria grávida, mas eu não aceitaria responsabilidade ou tomaria susto. Não era para eu tomar nenhum remédio para minha condição e o aspecto surpreendente foi que ele perguntou se minha esposa estava por perto e eu lhe disse que não. Ele então me disse que se eu tivesse uma namorada em Benin, eu deveria convidá-la a dormir comigo naquela noite. Ele me afirmou que Ọrúnmìlá lhe informou que eu recuperaria minha potência naquela noite. Basta apenas dizer que tudo que ele disse foi verdade conforme predição.

Eu tenho tido muitas crianças entre 1970 até o presente momento e minha vida tem sido uma história de sucesso desde então. Um dos sacerdotes presentes naquele dia era o Senhor Idahosa Imasuen, que é o maior contribuinte para os assuntos deste livro.

Eu encontrei o terceiro dos meus professores de Ifá logo depois da minha aposentadoría em 1980. Ele é o Chefe Omoruyi Edokpayi, que mora em Ondo. Ele me visitou em 21 de maio de 1980, em minha nova residência em Ajao, Oshodi nos arredores de Lagos. Ele veio acompanhado de um parente meu. Mais uma vez, de acordo com a tradição Bini, eu lhe dei Obi e quando ele o abriu e jogou no prato, ele me olhou com espanto. Eu novamente fiquei confuso, porque eu tinha visto muita sorte agourenta assim no passado. Ele me informou que Ọrúnmìlá tinha lhe pedido para me dizer que pessoas estavam vindo mandadas para me matar a menos que eu fizesse um sacrifício para Ifá imediatamente. Ele me disse que se eu fizesse o sacrifício poderia escapar da morte mas poderia ser vítima de algum roubo, para compensar pela minha vida.

Ele chamou uma das minhas esposas e lhe disse para fazer sacrifício para Ọrúnmìlá com uma espada para evitar ser morta ou ferida com a mesma. Ela sendo filha de Bishop, nunca costumou dar muita atenção a tais coisas, de modo que ela não fez o sacrifício, apesar de que eu adicionei uma espada aos materiais com que fiz o sacrifício.

Exatamente sete dias depois de eu ter feito o sacrifício, que foi em 1º de junho 1980, quarenta ladrões armados atacaram minha casa às duas horas da manhã. Eles quebraram todas as portas e removeram tudo de valor da casa.

Mas pela graça de Deus nenhuma vida foi perdida, apesar do líder dos ladrões mandar três homens ficarem nos apontando armas pelas duas horas da operação. Não sei como fui salvo, eles estavam provavelmente deslumbrados com os itens de valor que levaram.

Um deles tentou violentar minha esposa a qual tinha sido solicitado o sacrifício com a espada. Como o estuprador tentou rasgar a cinta que ela estava usando, a espada a feriu na coxa. Ela foi salva pela oportuna ordem de seu comandante para se mexer enquanto o tempo estava correndo. Foi neste caso que refletindo sobre os acontecimentos espetaculares na minha vida que eu comecei a ficar curioso se o caso “prima facie” não era passível de investigação a fundo dos mistérios de Ifá. Quando o Chefe Edokpayi interpretou a história de Ọrúnmìlá , ele me disse que todas as coisas que tinham me acontecido desde que eu nasci, coincidiam com a vida do próprio Ọrúnmìlá.

Este livro é portanto uma tentativa para desmascarar a relação mútua e coeficiente entre a vida de Ọrúnmìlá e a vida dos simples mortais, que de repente averiguam por si mesmos mais pelos simples acidentes designados, tornando-se seguidores de Ọrúnmìlá.

O CONVITE DIVINO

Eu não sabia que a voz que não me deixou por fim a vida em 23/08/1969, era aquela de Ọrúnmìlá.

Eu só o reconheci em 03/06/1979, quando a voz falou comigo de novo em Hamburgo, Alemanha Oríental. Eu tinha estado na Alemanha para um check up médico, o qual eu me dei conta que estava com a saúde desordenada. O doutor tinha me dito para ir devagar em qualquer que fosse o trabalho que eu estava fazendo e eu estava contemplando uma maneira de dar a mim mesmo mais um pouco de capacidade de vida trabalhando.

Eu fui para cama mais cedo àquela noite e por volta da uma hora da manhã, um homem vestindo uma túnica branca com um rabo de cavalo na mão me acordou. Ele também usava contas azuis em seu pulso direito. Ele se apresentou com o Ukpin e um servo de Deus. Perguntou-me se eu tinha me esquecido que ele me acompanhava neste mundo, e revelou que eu tinha prometido no céu, quando estava vindo para a terra, que eu serviria a espécie humana até a idade de 45 anos, depois deveria iniciar o serviço às divindades. Ele me disse que eu não poderia deixar passar o primeiro aniversário de sua aparição, para me dedicar a serviço do público.

Também disse que se eu deixasse os encantos do cargo anuviar minha visão, eu pagaria por isto com a minha liberdade pessoal. Antes de se afastar ele reiterou que eu não deveria chegar a metade do próximo ano me encontrando ainda a fazer o trabalho que tinha estado fazendo por 25 anos passados.

Eu estava bem confuso. Eu não sabia se foi uma aparição ou um sonho, mas eu estava bem acordado e não dormi mais pelo resto daquela noite. Eu voei de volta a Lagos mais tarde e indo direto a Benin para procurar o conselho do meu pai no significado daquela estranha experiência.

Quando eu revelei ao meu pai como o homem apareceu para mim e como ele chamou a si mesmo, dizendo que era Ọrúnmìlá. Ele me avisou que apesar de eu não estar pronto para me aposentar, que seria melhor pedir meu aviso de aposentadoría imediatamente. Quando eu retornei a Lagos no dia seguinte, rapidamente chamei minha secretária e ditei meu aviso de aposentadoría.

Novamente em Janeiro 1980 a mesma voz me ordenou a acordar e ver o tabuleiro que ele tinha posicionado na minha frente. Naquela noite singular, ele me deu o nome dos 16 Olodus de Ọrúnmìlá e como marcá-los na bandeja de Ifá. Ele prometeu me deixar conhecer posteriormente como construir os nomes dos seus 240 (odus). Com aquilo ele desapareceu de novo das vistas e eu me levantei rapidamente para anotar os 16 nomes e suas marcas.

Ele apareceu posteriormente para mim para me ensinar os nomes dos 240 Odus e eu escrevi todos num grande quadro que eu tinha para este dia.

Três dias depois do meu aviso de aposentadoría ter vencido, ele apareceu mais uma vez para me dizer que me queria para permitir ao mundo saber sobre a sua função no sistema planetário. Ele também me ensinou como reconhecer e ler o instrumento de adivinhação chamado Okpele. Antes de partir , me disse que uma vez que eu não entendo sua linguagem (Yorùbá), eu deveria procurar por um homem chamado Bayo Ifaniyi para me falar o que fazer. Eu não tinha visto Bayo por quase sete anos. Então rapidamente o chamei e lhe contei que Ọrúnmìlá me pediu para consultá-lo. Aquele era o início da minha longa estada na interminável obra de Ọrúnmìlá e a filosofia de Ifá que forma a base deste livro.

Eu desejo finalizar este capítulo pagando tributo a Ọrúnmìlá por ter me dado a oportunidade advertindo-me para deixar o serviço público em 1980.

Eu hesitei por um longo tempo, por estar curioso em saber se era razoável viver do sinal e do chamado da voz de um desconhecido. Não foi fácil deixar o alto posto da Secretaria Permanente no Serviço Público Federal, uma posição que eu tinha ocupado por cinco anos. Quando todavia entendi que era a mesma voz que me impediu de fazer Haraquiri em 1969, eu assegurei a mim mesmo que não perderia nada atentando para os avisos da voz.

É significante mencionar que se tivesse desobedecido às instruções, como saber se eu teria escapado totalmente dos eventos desagradáveis que ocorreram na Nigéria entre 1983 e 1985.

Da mesma forma eu agradeço ao último Ministro com quem trabalhei, quem indócilmente e intransigentemente ajudou a firmar minha decisão de me aposentar do serviço público.

CAPÍTULO II

ỌRÚNMÌLÁ E AS OUTRAS DIVINDADES

Ninguém deve confundir o mundo tentando igualar as divindades com Deus. Ọrúnmìlá tem revelado claramente que todas as divindades menores foram criadas por Deus para assisti-lo na gerência do sistema planetário e sem exceção, todos deviam total lealdade Ele. As divindades consideram a si mesmas como servas de Deus, mandadas ao mundo para ajudá-lo a fazer um lugar mais habitável para colocar os mortais, de modo que através deles , o homem possa ser capaz de apreciar como Deus ama suas criaturas. Quando por exemplo uma sacerdotisa da divindade das águas (Olókun), tomando-se possuída, ela começa por cantando em louvor de Deus e reconhecendo sua supremacia acima de toda a existência. Quando Ògún (o engenheiro divino) possui seu sacerdote, ele também começa por pagando tributo a Deus todo poderoso e agradecendo-o por fazer o possível por ele (Ògún) para contar aos mortais que eles não deveriam saber de outro modo sobre eles mesmos.

O mesmo é verdade para a divindade da eletricidade (Sàngó), e para cada uma das 200 divindade criadas por Deus. Eles são ditos para serem membros do conselho Divino de Deus.

Do mesmo modo, o sacerdote de Ifá começa sua atividade reconhecendo Deus como o repositório de todo conhecimento e sabedoría. Não permitir ao homem por isso pensar que, prestar serviços através de alguma das divindades, é ser um substituto dos serviços de Deus.

Ọrúnmìlá tem revelado para seus seguidores que as primeiras criações de Deus são as divindades menores. Eles são os primeiros habitantes do céu levando uma vida normal, cada um na imagem que se pareciam como próprio Deus. A Morte é uma das criações favorítas de Deus e ele era o que buscava a argila com que a imagem dos homens era moldada depois daquelas divindades.

Depois da moldagem da figura humana em barro, era tempo de lhe dar o hálito de vida, de modo que Deus falou a todas as divindades que estavam presentes para fecharem seus olhos. Todos fecharam seus olhos, exceto Ọrúnmìlá, que simplesmente cobriu sua face com seus dedos sem cobrir seus olhos. Quando Deus estava insuflando o sopro de vida no homem, descobriu que Ọrúnmìlá estava assistindo-o . Quando Ọrúnmìlá tentou fechar seus olhos depois de ter sido pego espionando, Deus chamou-o para manter seus olhos abertos já que nada espetacular era feito sem uma testemunha viva. Este é o porquê Ọrúnmìlá é chamado Ukpin ou Orísa (Testemunha do próprio Deus).

Segundo a criação do homem, era tempo para Deus talhar a terra para ser habitada. Mas o homem era também ainda muito jovem e inexperiente nos caminhos do céu para ser exposto à tarefa de estabelecer um novo domicílio com seu próprio discernimento. Deus por isso preferiu mandar as divindades a terra para estabelecer com seu próprio discernimento e experiência.

A FUNDAÇÃO DO MUNDO

Quando Deus manda uma mensagem a alguém, Ele não lhe dá termos minuciosos como referência. Ele conta com o mensageiro para usar seu próprio senso comum ou discrição para executar a tarefa. Deus apenas espera resultados positivos e é permitido ao mensageiro fazer quatro de dois e dois.

Os primeiros habitantes desta terra foram as 200 divindades. A terra era então chamada DIVINOSFERA, até o momento quando as divindades, como é hoje, foram os únicos com capacidade espiritual para se comunicar entre o céu e a terra. Eles são capazes de saber ao mesmo tempo o que está acontecendo na terra e no céu com seus poderes extravisionários. Os habitantes do céu foram se tornando muito populosos, e o próprio Deus, quem poderia no momento, como Pai Onipotente que Ele é, atender pessoalmente as súplicas de suas crianças no Céu, instituiu tarefas tornando-o super lotado para Ele. Por essa razão, Ele decidiu criar um novo Firmamento para Divindades e Humanos semelhantes viverem, como um modo de despovoamento dos céus. Na verdade, o que não divulgou as suas criaturas era que estava indo transfigurado no ar fino, de modo que depois disso pudesse somente ser comunicado com espírito.

A CRIAÇÃO DA DIVINOSFERA:

Este trabalho não está tentando desafiar todas os outros relatos de "Criação do Mundo", que tem previamente sido dados pelos videntes, ouvintes e profetas. É tentando narrar o relato de Ọrúnmìlá de como o fenômeno geográfico agora referido como a terra, veio a ser uma parte do sistema planetário.

Em um dos encontros semanais do Conselho Divino, Deus perguntou as divindades, quais delas estavam preparadas para ir a terra criar uma nova habitação. Deus os informou que todos que se apresentassem voluntariamente para ir estavam indo agir dentro de uma ordem do Conselho Divino para estabelecer na terra, as leis naturais que fizeram do céu um lugar tão bonito para se viver. Ele os informou que as mesmas regras iriam operar na terra.

Havia apenas dois conjuntos amplos de regras que Ele lhes daria.

1 – Ninguém tiraria vantagem indevida de Sua (de Deus) ausência física para atribuir a si mesmo Sua função de Pai de todo o Universo. Todos eles deveriam respeito a Ele como o criador de tudo, ou seja, eles sempre dariam início aos seus trabalhos na terra prestando o devido respeita a Ele como seu Pai eterno, e...

2 – Ninguém deveria fazer aos outro o que não gostaria que os outros lhes fizessem; regra a qual é conhecida como "Regra Dourada". Isto se destinava a que eles não fossem mortos sem um julgamento apropriado pelas divindades.

Eles não furtariam as propriedades uns dos outros, como no céu a punição seria a morte.

Eles não se poríam uns contra os outros, um seduzindo a esposa do outro ou fazendo outra coisa para o outro que resultaria em sofrimento.

Eles deviam se opor ao ímpeto de vingança uns contra os outros, já que todos os desacordos mútuos deviam ser resolvidos através de um julgamento público no Conselho das Divindades. Acima de tudo, eles deviam respeitar sua regra divina que tudo quanto alguém fizesse para prejudicar seu equivalente divino, a retribuição viria para o agressor dez vezes mais. Finalmente, Ele lhes

informou que o segredo do sucesso estava em ouvir sempre a voz silenciosa da divindade chamada Perseverança.

CAPÍTULO III

A PRIMEIRA TENTATIVA DE ESTABELECER A VIDA NA TERRA

Oposto ao motivo deste conjunto de regras e regulamentos, Deus desenvolveu um plano para despachar todas as divindades para a terra simultaneamente sem nenhum aviso prévio. Uma bela manhã portanto, Deus chamou a sua criada Arugba para convidar cada uma das divindades, em suas respectivas casas, para aparecerem no palácio celeste na manhã seguinte para um desígnio especial.

Arugba pôs-se a caminho muito cedo naquela manhã. Antes então de qualquer modo, Deus tinha preparado uma câmara especial completamente equipada com vários implementos com os quais Ele contava que as divindades executassem suas tarefas na terra. A mensagem de Arugba para cada uma das divindades foi clara.

"Meu pai me enviou para convidá-lo a se preparar para uma tarefa especial amanhã pela manhã. Você deve começar se preparando para partir em missão assim que a mensagem divina lhe for dada. Você não deve retornar para sua casa antes de embarcar na missão."

A maioría das Divindades levou a mensagem ao "pé-da-letra" e não se preocupou em se informar com seus próprios conselheiros ou guardiões em como começar a tarefa que Deus tinha reservado para eles. Arugba visitou as casas das divindades por ordem de idade, que significa que Ọrúnmìlá, o mais moço das divindades, foi o último a ser visitado.

Entretanto, Ọrúnmìlá que estava habituado a criar circunstâncias de divinação toda manhã, foi avisado por Ifá a fazer um banquete naquele dia particular em antecipação a uma visita em sua residência. Na hora que Arugba alcançou a casa de Ọrúnmìlá, já era muito tarde da noite. Não tinha feito nenhuma refeição desde a manhã, e Arugba já estava com muita fome quando alcançou a casa de Ọrúnmìlá. Antes de permiti-la entregar a mensagem divina, Ọrúnmìlá a persuadiu a fazer uma refeição. Ela comeu até se satisfazer e então contou a Ọrúnmìlá que Deus queria que ele comparecesse em seu palácio no próximo dia, junto com as outras divindades para uma missão especial.

Em reconhecimento a hospitalidade de Ọrúnmìlá, ela confidenciou ajudando-o revelando detalhes da missão que Deus tinha reservado para eles.

Ela o avisou para pedir por três favores especiais para Deus em adição a qualquer instrumento que ele coletaria da Câmara Especial para sua missão. Ele deveria perguntar pelo CAMALEÃO, (Alagemo em Yorùbá e OMAENEROKHI em Bini), a galinha multicolorída doméstica de Deus, e a bolsa especial do próprio Deus (Akponimijekun em Yorùbá e Agbavboko em Bini). Nós veremos o significado deste pedido especial mais tarde. Em uma última ressalva, Arugba informou Ọrúnmìlá que se ele assim o desejasse, poderia também persuadir Deus em levá-la acompanhando-o na sua missão. Com estas palavras de aviso Arugba partiu para casa, tendo completado sua tarefa.

Na manhã seguinte, um após o outro, todas as divindades apresentaram-se no Palácio Divino de Deus. Tão logo que chegaram, Deus pediu para cada um deles prosseguir na jornada para a terra sem regressar aos seus respectivos lares. Um após o outro eles vieram e se moveram marchando em

ordem para partir para a terra. As primeiras divindades a chegarem na terra logo descobriram que não havia solo para pisar. Todo o lugar era alagado. Havia uma única palmeira que se encontrava no meio das águas com suas raízes no céu, que era o portão para o mesmo. Como eles estavam chegando, e não tinham nenhum outro lugar para ficar exceto nos ramos da palmeira. Era um momento realmente muito difícil.

Antes de partir do céu, cada uma das divindades recolheu da Câmara Especial de Deus todo o material e instrumentos de suas preferências. São os mesmos instrumentos que os iniciados no culto de cada uma das divindades usa na iniciação nos dias de hoje.

Quando Ọrúnmìlá chegou ao Palácio de Deus, todos os outros já tinham ido.

Ele apresentou-se ao Pai Todo-Poderoso, e igualmente seguiu marchando em ordem imediatamente para a terra. Ele foi informado como os outros, a recolher todo instrumento que ele achasse na Câmara Especial. Contudo, todos os instrumentos disponíveis tinham sido coletados pelos outros e havia uma única inútil concha de caracol.

Ele não tinha escolha mas agarrou-se a ela e então suplicou a Deus que já que não tinha nada mais para resgatar da Câmara Especial, pediu:

(a) O Camaleão - a mas velha das criaturas na casa de Deus para aconselhá-lo em como tentar resolver os problemas da fixação das habitações terrestres.
(b) O benefício de ir a terra com a multicolOrída galinha doméstica divina de Deus.
(c) A bolsa divina do próprio Pai Todo Poderoso, para recolher as coisas que ele estava levando, e...
(d) O privilégio de ir para a terra com Arugba, para fazê-los lembrar das regras do céu.

Seus quatro pedidos foram atendidos. Como ele estava partindo, ele coletou quatro plantas diferentes, que um sacerdote de Ifá usa para todos os seus preparativos. Ele também coletou amostras de plantas e animais que ele pôde colocar nas mãos. Ele guardou sua coleção na sacola que Deus lhe havia dado. A sacola Divina tinha a misteriosa capacidade de acomodar qualquer coisa, não importando o tamanho e também produzir tudo o que era preciso para isso.

Quando Ọrúnmìlá alcançou o portão para a terra, ele encontrou todas as outras divindades penduradas nos ramos da palmeira. Ele também não tinha opção exceto se unir a eles.

Depois de Ọrúnmìlá ter estado sentado ou parado nos ramos da palmeira por algum tempo, Arugba recomendou-o, de dentro da sacola Divina onde estava escondida, a pegar a concha do caracol, e virar a boca da mesma na água abaixo porque continha a base do solo da terra e que faria o chão firme para pisarem.

Ọrúnmìlá que tinha coletado a concha do caracol vazia da Câmara Especial de Deus, não sabia do seu conteúdo. É também óbvio que se encontrou com somente a concha do caracol dentro da Câmara Especial de Deus porque todos os outros a tinham ignorado. Nenhum deles a não ser Arugba sabia que continha o Segredo da terra. Quando Ọrúnmìlá virou a boca da concha do caracol para baixo, o escasso conteúdo de areia caiu na água abaixo e esta começou a borbulhar. Dentro de pouco tempo, grande quantidade de areia começou a se empilhar ao redor da palmeira. Depois de muitos montes terem se formado, Arugba falou outra vez a Ọrúnmìlá de dentro da sacola. Desta vez, recomendando-o a deixar cair à galinha nos montes da areia. Como a galinha espalhou os montes, a área da terra começou a expandir. É a mesma operação que a galinha está executando até hoje. Onde quer que a galinha seja encontrada, vê-se usar os pés para dispersar a areia na terra.

Depois do solo ter sido expandido sobre uma extensa área, as outras divindades que estavam pasmas com a misteriosa performance de Ọrúnmìlá. Mandaram-no descer e caminhar no solo para verificar se ele poderia suportá-los. Mais uma vez Arugba aconselhou Ọrúnmìlá para com a sacola, soltar o camaleão para caminhar primeiro no solo. O camaleão andou sobre o solo furtivamente, por temer que pudesse desmoronar sob seus pés. Mas o chão agüentou firme, e esta é a mesma prudência andando marchando que o camaleão ficou acostumado, até o dia de hoje. Este é o porquê do camaleão pisar gentilmente no solo.

Logo que Ọrúnmìlá teve certeza de que o solo estava suficientemente forte, ele desceu da palmeira para a terra, e sua primeira tarefa foi transplantar as plantas que trouxe do céu. Depois disso todas as outras divindades desceram para a terra uma depois da outra. Este é o motivo porque a palmeira, a primeira a ser criada das que tinham suas raízes no céu, é respeitada por todas as divindades. É o antepassado de sua estirpe. Todas as divindades espalharam-se da palmeira para estabelecer seus vários domicílios em diferentes partes da terra. Ọrúnmìlá sendo o mais jovem de todas as divindades morou e serviu a cada um dos mais velhos, um de cada vez. Ele serviu Ògún, Ṣàngó, Olokún, Eziza, etc.

No decurso de sua servidão, uma das divindades apoderou-se de Arugba. Ele foi desta maneira despojado de sua Conselheira Chefe e confidente.

É importante neste estágio mencionar que o processo de iniciação na religião de Ọrúnmìlá ou Ifismo é uma tentativa para recordar este processo da partida do céu e chegada no mundo para se estabelecer através da palmeira. A mulher que carrega os Ikin em sua cabeça para Ugbodu é chamada de **Arugba**. É considerado um fato que Ọrúnmìlá nunca casou com Arugba, também não é aconselhável a nenhum iniciado de Ifá casar coma mulher que o acompanha com o UGBODU. Justamente por isso não é aconselhável empregar alguma esposa para a cerimônia, a fim da mulher não ser na verdade seduzida por algum tempo depois da cerimônia, ou pela morte ou por outros.

A presença de Arugba como única mulher em volta, criou uma gama de problemas para as divindades. Uma após outra, eles lutaram para retê-la. O conflito por Arugba logo trouxe a tona a pior das divindades. A violência de alguns, isto á, Ṣàngó, Sankpana, Ògún, etc., combates mútuos com todas as defesas a sua disposição. Houve total confusão que se encheu de aspereza entre eles. Neste momento, Ọrúnmìlá foi o primeiro a retornar ao céu para fazer um relato a Deus. O papel de protetor de Arugba perdeu-se para as divindades porque ela tinha sido privada da companhia de Ọrúnmìlá com quem ela veio ao mundo.

Todas as outras divindades tinham se estabelecido com os instrumentos que eles coletaram na Câmara Especial de Deus. De sua parte, Ọrúnmìlá tinha perdido o uso de todas as coisas que ele trouxe, inclusive até a Sacola Divina, dos quais sem os conselhos de Arugba, ele não sabia como usar. Depois de ter levado uma vida de privações e penúria, ele decidiu voltar para o céu para perguntar a Deus porque a vida na terra era tão dolorosamente diferente da vida no céu. Até as quatro plantas que ele trouxe do céu não o ajudaram apesar de elas serem usadas unicamente durante a iniciação de Ifá até hoje, e elas também são usadas para alguns preparados medicinais feitos por Ọrúnmìlá.

Quando foi o momento de Ọrúnmìlá retornar para o céu, ele foi até o pé da palmeira e subiu para seus ramos donde ele se transfigurou para o céu. De volta ao céu, ele foi o único das muitas divindades a ver a última forma física do próprio Deus.

O Deus Onipotente que era conhecido por nunca perder sua calma, estava evidentemente aborrecido diante de Ọrúnmìlá. Ele apresentou suas desculpas a Deus por olhar os traços físicos, do pescoço

em diante, mas explicou as dificuldades que ele tinha experimentado na terra nas mãos de seus irmãos divinos. Ele reclamou que surpreendentemente, as regras celestes não estavam sendo seguidas na terra. Após ter ouvido o relato revelado por Ọrúnmìlá, Deus convenceu-o a permanecer momentaneamente no céu, mas enviou o obstáculo, o mais poderoso de todas as divindades, (Elenini em Yorùbá e Idoboo em Bini) para ir verificar o relatório de Ọrúnmìlá. Quando Elenini chegou a terra, ele observou o espetáculo do restante das divindades no corpo a corpo. Ele não ficou apenas satisfeito que o relato de Ọrúnmìlá estava correto, mas também ficou receoso que com a privação predominando na terra, as divindades poderiam acabar guerreando umas contra as outras.

OUTRAS DIVINDADES RETORNAM PARA O CÉU

Tão logo Ọrúnmìlá partiu para o céu, as outras divindades se recusaram a cooperar umas com as outras. Seu irmão mais novo que costumava servir a todos eles tinha partido e nenhum dos restantes estava preparado para servir mais ninguém. A vida se tornou especialmente intolerável, visto que não havia meio de fazer trocas comerciais. A necessidade por dinheiro tinha se tornado muito evidente. Um após o outro se juntaram de volta para o céu para relatar a missão impossível. Eles também decidiram que iriam solicitar a Deus para lhes dar Autorídade Divina (Àṣẹ) como qual eles poderiam induzir as coisas a acontecer, por empregados mortais para servi-los e por dinheiro como qual fazer negócios uns com os outros.

Chegando no céu, eles pediram por estes favores e Deus os deu todos a eles, mas comprometeu-se a despachar dinheiro depois de eles retornarem para a terra. De todos eles inclusive Ọrúnmìlá foi ordenado retornar a terra para completar a missão que haviam iniciado.

Neste instante, já que o solo tinha se formado na terra, foi possível retornar pela rota terrestre.

Um a um, as divindades começaram a retornar para a terra com seus servidores humanos. Como eles estavam partindo nenhum deles se preocupou em descobrir os elementos misteriosos responsáveis pelas dificuldades que eles tinham encontrado na terra. Èṣu, "a divindade do infortúnio", tinha jurado criar problemas para algumas divindades que falharam em angariar seu apoio antes do retorno a terra.

OYEKU MEJI revelará mais tarde como Èṣu abriu as pipas das chuvas do céu para ocasionar três anos de aguaceiro o qual impediu as divindades de retomar seus destinos no momento. Contudo antes da partida, Ọrúnmìlá procurou a Oríentação de seu conselheiro que lhe disse para não ser apressado em assegurar o dinheiro que Deus tinha prometido enviar ao mundo, e oferecer sacrifício a Èṣu antes de sair do céu. Ọrúnmìlá fez conforme lhe tinha dito.

AS DIVINDADES RETORNAM PARA A TERRA

Antes de deixar o céu, Ọrúnmìlá foi avisado por Deus para retornar ao pé da palmeira da qual as divindades desceram no primeiro estágio, porque foi o alicerce de sua existência na terra. Logo que as divindades se puseram a caminho em sua jornada de retorno a terra, uma forte chuva começou a cair. A chuva continuou por muitos dias e noites. Mas Ọrúnmìlá tinha sido avisado para não tentar se abrigar da chuva antes do retorno para a terra. Em oposição da chuva moveu-se imediatamente para construir uma cabana no pé da palmeira. Todos os outros não encontraram um jeito até depois da chuva ter parado, isto é, mil dias e mil noites depois. Em seguida ao enfraquecimento da chuva, eles encontraram na beira da estrada um adivinho chamado Okiti kpuke que os avisou que eles só poderiam instalar-se adequadamente após prestar homenagem ao alicerce de sua Orígem o qual é o

pé da palmeira. Tomou tempo descobrir a localização da palmeira aonde Ọrúnmìlá tinha entretanto estabelecido uma habitação viável. Visto que ele era o proprietário da palmeira, ele colhia os benefícios de todos os sacrifícios feitos por cada uma das divindades no pé da palmeira.

O DINHEIRO VEM PARA O MUNDO

Após eles estarem razoavelmente instalados, o papagaio foi o primeiro a descobrir uma grande quantidade de búzios que descendiam do céu pela margem da vastidão de água que separava o céu da terra. O papagaio alertou as divindades, que sem uma preparação adequada, começaram a tirar dinheiro do monte. Depois eles veriam como aqueles que tentaram extraí-lo, estavam todos mortos embaixo de sua avalanche.

Èṣu ainda estava com seu jogo para destruir todas as divindades que se recusaram a admitir sua influência e autOrídade. Quando Ọrúnmìlá viu todas as outras divindades que correram depois que faltou o dinheiro para retornar para casa, ele decidiu ir e descobrir o que estava acontecendo com eles. Ele percebeu que eles todos tinham perecido embaixo da avalanche de dinheiro. Ele então decidiu questionar seu "anjo guardião" no que foi responsável pela destruição em massa. Ele foi informado que alguns dos que juntaram o dinheiro com voracidade e avareza estavam prestes a ser destruídos pela razão de que o dinheiro sempre foi um prodígio ávido. Qualquer um que cobiçou desfrutar os benefícios do dinheiro tinha que primeiramente alimentado-o . Ele foi informado o que fazer para alimentar o dinheiro e como juntá-lo. Ele fez conforme lhe foi dito e se tornou a única divindade que teve êxito em fazer do dinheiro seu criado. Este é o motivo que no altar de Ifá se coloca dinheiro e búzios até hoje.

O PRINCÍPIO DOS CONFLITOS FÍSICOS

O êxito com que Ọrúnmìlá descobriu o segredo do dinheiro trouxe-lhe a fúria das divindades remanescentes, que lançaram mão de iniciar ataques para destruí-lo. Por meio de um sacrifício especial revelado por Ejiogbe, Ọrúnmìlá fez seus inimigos estarem lutando entre si. Houve total pandemônio na terra por causa da partilha do dinheiro. Entrementes as novidades chegaram ao céu que havia um tumulto geral na terra. Deus enviou a Morte para ir buscar os responsáveis pelo conflito de volta para o céu, mas ele tentou e fracassou. Ele só teve êxito na retirada dos discípulos das divindades mas não as divindades em si.

Com seus discípulos destruídos pela Morte, eles descobriram que não poderiam realizar muito sem a ajuda de seus auxiliares.

O PRINCÍPIO DA DESTRUIÇÃO DO MUNDO

Dinheiro e morte junto tiveram êxito em dobrar a espinha das divindades, por que eles tinham ignorado totalmente as leis de céu quando vieram ao mundo. Foi por fim a mais forte divindade (Infortúnio ou Obstáculo) a vir e acabar por levá-los para cima (?). Ele deixou o palácio de Deus com instruções claras de voltar com o resto das divindades. Ele foi com sua Akpo minijekun para capturar e trazê-los de volta aos céus. Entrementes Ọrúnmìlá, fez sua adivinhação diária numa manhã e viu que uma catástrofe estava se aproximando, Ele foi avisado por Ifá a preparar um banquete elaborado para uma poderosa visita que estava vindo do céu. Ele foi informado que haveria um sinal aparecendo no horízonte três dias antes da chegada do visitante. No dia da chegada do visitante ele agruparia todos os seus seguidores e dançariam em cortejo de sua casa até o prédio administrativo (prefeitura) aonde eles dançariam e cantariam em louvor ao "Augusto" visitante. Da

“prefeitura” ele o convidaria para um banquete em sua casa. Aquela era a única maneira que ele poderia salvar a si mesmo de uma catástrofe iminente. Ele fez conforme lhe foi dito.

Por volta de sete dias depois ele viu uma estrela vermelha aparecendo no céu e ele percebeu que o visitante estava a caminho. Ele fez a preparação que tinha sido avisado a fazer e foi no máximo da prontidão.

Desconhecido para ele, o visitante já estava no mundo. Divindade do Infortúnio, o mais poderoso de todos eles, estava por perto. Sua primeira escala foi na casa de Ògún. Ele encontrou Ògún em sua oficina e rapidamente o transformou em folha e o embolsou. Ele fez a mesma coisa com todas as outras divindades durante os próximos três dias. No terceiro dia ele tinha aprisionado a todos eles dentro de sua bolsa e era hora de ir a Ọrúnmìlá. Quando ele estava seguindo para a casa de Ọrúnmìlá, ele encontrou uma procissão de cantores e dançarinos louvando. Eles lhe deram Obi para comer e água fresca para beber, chamando o de Pai de todos eles e amigo divino íntimo de Deus Todo Poderoso.

Pela primeira vez desde sua chegada ao mundo, Infortúnio sorriu. Ọrúnmìlá então apareceu e lhe disse que desconfiava de ele estar muito faminto e tinha preparado um banquete para ele.

Ele os seguiu até a casa do líder da procissão entre canções e danças. Chegando na casa de Ọrúnmìlá, o visitante celeste foi elaboradamente banqueteado com suas comidas mais importantes e ele estava muitíssimo feliz. No final do banquete comentou que se todas as outras divindades fossem tão magnânimas quanto Ọrúnmìlá, o céu não teria sido repleto de novidades de atrocidades na terra.

Ele contou a Ọrúnmìlá e seus seguidores que Deus não tinha destinado o mundo a ser um antônimo, mas um sinônimo do céu. Ele relatou que Deus estava determinado a destruir o mundo ao invés de permiti-lo continuar como um constrangimento à boa imagem e reflexo de Deus.

Ele quis saber se Ọrúnmìlá com sua Sabedoría poderia fazer um lugar melhor, ele respondeu que a tarefa não era fácil, mas que ele continuaria a fazer o seu melhor.

Com isto Infortúnio deu-lhe a bolsa contendo todas as outras divindades e declarou que a partir daí, ele passava a ter autorídade sobre todos eles.

Isto explica por que os únicos divinadores que tem êxito nos caminhos do céu são aqueles que têm o apoio e a cooperação de Òrúnmìlá a partir deste dia. Ser um sacerdote de Ògún, sacerdote de Olokin, sacerdote de Ṣàngó, etc, a não ser que eles tenham seu próprio Ifá, eles não têm as bênçãos do céu. De outro modo eles se tornam vítimas de todos os tipos de obstáculos.

A DESTRUIÇÃO FINAL DO MUNDO

Tão logo as divindades recuperaram sua liberdade então voltaram para suas brigas fratricidas. Eles estavam particularmente enfurecidos pois compreendiam que foi Ọrúnmìlá quem realizou seu salvamento das frias mãos do Infortúnio.

Novidades de suas atrocidades continuavam a chegar aos céus. Deus tinha sido informado que Ọrúnmìlá foi à única divindade que estava agindo pelas leis do céu na terra. Deus então convocou a palmeira a ir a terra providenciar uma plataforma para Òrúnmìlá retornar ao céu com seus seguidores. Uma noite Ọrúnmìlá foi convocado pelo seu “anjo guardião” (seu duplo) a organizar a

subida na palmeira a qual tinha rapidamente crescido na frente de sua casa. Ele tinha recebido três dias para se preparar. Ele subiu na palmeira e pediu para todos os seus seguidores subirem depois dele. Visto que eles alcançaram o cume da palmeira, eles todos foram absorvido para dentro do céu. Assim que todos eles estavam em segurança no céu, seguiu-se um aguaceiro de chuva que alagou e consumiu o mundo.

Aquele foi o fim da divinosfera e a primeira tentativa de criar uma habitação na terra. Pode ser observado pelas amostras anteriores que o mal participou muito pouco ou não fez parte da destruição do mundo.

CAPÍTULO IV

A SEGUNDA MORADIA NA TERRA

Ọrúnmìlá revela que se passaram sete gerações no céu antes que Deus decidisse lançar-se em uma segunda experiência para a habitação da terra.

As divindades haviam argumentado que a primeira tentativa falhou porque houve cozinheiros demais preparando a sopa. Deus rendeu-se as sugestões das divindades e decidiu dar a cada um deles a chance de expor suas aptidões. Foi **Elenini** a divindade do infortúnio quem propôs que a Ògún, o engenheiro, seria dada a primeira tentativa. Ògún aceitou o desafio e decidiu sem demora partir para a missão. Este é o motivo porque ele é considerado como o descobridor de caminhos, o desbravador do universo.

Alagbede (Ògún) o metal, ferro divino, foi então enviado por Deus para preparar o caminho para os outros. Como ferreiro da divinosfera (o mundo das divindades), ele foi implantar a infra-estrutura para os outros construírem no mundo. Ògún era contudo, tão egocêntrico que ele não viu motivo em consultar mais alguém no céu para se aconselhar antes da partida com seus seguidores em sua missão. Ele partiu para a terra com seus 200 seguidores sem se incomodar em fazer as devidas preparações para alimentá-los na terra. Ele achou que estabelecer uma moradia num ambiente virgem era como ir para a guerra. Ògún também é uma divindade guerreira. Quando ele vai para a guerra, ele vai sem provisão alguma para se alimentar. Ele come do que seu exército pilha, ao longo da trilha. Ele veio para a terra com a mesma suposição. Logo eles chegaram à zona cinza (?) entre o céu e a terra. A zona cinza é chamada Hades, que é a casa dos Imere (Aiku em Yorùbá e Igbakhuan em Bini). A partir daí eles se lançaram para a zona negra da fronteira, aonde não havia luz do sol. Era chamada Erebu. Muitos viajantes costumavam se perder naquela zona, na época quando as pessoas viajavam livremente entre o céu e a terra. Uma vez que se aproximavam da escuridão do útero feminino assim era para os viajantes que estavam vindo para o mundo. Chegando na terra, ele colocou os seus homens para trabalhar sem demora, preparando residências temporárias e estradas.

Na manhã seguinte seus 200 seguidores mortais perguntaram a ele o que eles iriam comer. Já que não havia comida por perto. Ele disse-lhes para cortar lascas (pedaços de pau) do mato em volta para comer. Eles comeram as lascas apenas para alegrar seus corações, mas só aguçaram seus tubos digestivos. Com 14 dias ele tinha perdido mais da metade de seus seguidores mortais para a inanição.

Ele foi deixado sem opção, exceto baterem em retirada para o céu com o restante enfraquecido para contar a Deus que ele não tinha comida com a qual alimentar seus seguidores. Assim foi como Ògún abandonou sua missão e retornou ao céu.

Em seguida Deus convidou a divindade da água (Olokún) para ir ao mundo estabelecer uma moradia provisória. A ele também foram determinadas 200 pessoas para acompanhá-lo ao mundo.

Como Ògún, Olokún também partiu sem fazer as preparações adequadas para a viagem. Chegando na terra, os seguidores da divindade da água também lhe perguntaram o que eles iriam comer e ele lhes deu água para beber, a qual falhou no fornecimento de nutrientes. Como seus seguidores estavam se tornando escassos devido à inanição, Olokún, como Ògún, retornou ao céu para informar do fracasso de sua missão.

Deus convocou um número de outras divindades para esta incumbência, mas eles polidamente declinaram em ir, já que eles duvidavam se teriam alguma chance de sucesso na missão a qual tinha desafiado os esforços de seus irmãos mais velhos; Ògún e Olokún. Determinado a instalar uma habitação no mundo, Deus finalmente convidou Ọrúnmìlá (a Sabedoría divina) a fazer uma tentativa. Ọrúnmìlá imediatamente buscou conselho dos irmãos celestes mais velhos que o aconselharam a procurar a assistência de Èṣu. Ele fez sacrifício para Èṣu, que o recomendou ir ao mundo com uma bagagem contendo amostra de todos os gêneros alimentícios, pássaros, répteis, animais, etc., disponíveis no céu.

Ele coletou todos os itens em sua sacola de adivinhação chamada (Akpo-minijekun em Yorùbá e Agbavoko em Bini) e pegou seus seguidores para levá-los com ele para o mundo. Esta misteriosa sacola tinha características espetaculares. Fazer com que o que quer que fosse colocado nela se tornasse mais leve, e produzir tudo o que dela fosse exigido.

Contudo Ọrúnmìlá cometeu um engano inicial, em não avisar seus colegas mais velhos, Ògún e Olokún, que tinham feito anteriormente esforços em vão para se estabelecer no mundo. Como ele partiu do céu para sua jornada, Èṣu foi zombar de Ògún e Olokún, que Ọrúnmìlá havia buscado e conseguido a liberação dele antes da partida para o mundo, e que ele estava indo para ter pleno sucesso onde eles tinham falhado. Ele revelou-lhes que suas falhas formam seu castigo por não terem buscado e não terem recrutado seu apoio antes de ir para a terra. Ele os fez se lembrar do provérbio celeste de que "O cão segue apenas aqueles que o tratam com benevolência."

Por inveja e raiva, Ògún criou uma espessa floresta para obstruir o caminho, ele tinha chegado antes ao mundo.

Chegando naquele ponto Ọrúnmìlá e seus seguidores não puderam prosseguir, pois eles careciam de instrumentos para limpar seu caminho através da floresta. Enquanto esperavam, o rato ofereceu-se para traçar o caminho para a terra. Ele realmente traçou o caminho porém sendo um animal pequenino, o caminho que ele limpou não era largo e forte o suficiente para proporcionar a passagem adequada de uma figura humana.

Foi neste estágio que Ọrúnmìlá chamou Ògún para ajudá-lo. Ògún compareceu e repreendeu Ọrúnmìlá por não tê-lo comunicado antes de partir para o mundo. Ọrúnmìlá imediatamente se desculpou com Ògún e explicou que longe dele ignorá-lo, ele tinha na realidade pedido a Èṣù para informá-lo de sua iminente jornada para a terra. Quando Ògún relembrou que Èṣu realmente viera avisá-lo, ele se calou e concordou em limpar a rota que ele havia bloqueado. Todavia ele informou Ọrúnmìlá que já na terra, ele alimentaria seus seguidores com a mesma comida (lascas) com que ele (Ògún) tinha alimentado seus seguidores durante sua breve permanência na terra. Deste modo a floresta foi removida e Ọrúnmìlá continuou sua jornada com seus seguidores.

Antes de Ọrúnmìlá atingir o Erebus, a fronteira entre o céu e a terra, Olokum também criou um obstáculo, um enorme rio para interceptar o caminho recém construído por Ògún para o mundo. Quando ele e seus seguidores chegaram à margem do rio, não puderam prosseguir em sua viagem.

Depois de rondar durante algum tempo, Olokún surgiu e questionou Ọrúnmìlá por ter ousado partir para o mundo sem tê-lo comunicado. Novamente Ọrúnmìlá se desculpou e explicou que ele tinha na verdade, antes da partida, enviado Èṣù para avisá-lo de seu propósito de viajar para a terra.

Relembrando que de fato Èṣu o tinha informado, Olokún perdoou Ọrúnmìlá e secou instantaneamente o rio para que Ọrúnmìlá e sua equipe prosseguissem para o mundo.

Contudo antes de partir Olokún recomendou a Ọrúnmìlá a fazer o que ele fez para alimentar seus seguidores, com água, quando chegassem ao mundo.

Com essas prescrições Ọrúnmìlá entrou no mundo. O ponto no qual eles entraram era uma floresta muito densa, então ele rapidamente convocou seus seguidores para construir habitações temporárias para eles mesmos enquanto ele estava ocupado plantando produtos agrícolas que trouxe do céu.

De modo que estando sendo plantados, Èṣu interveio e os fez desenvolver-se e produzir frutas no mesmo dia do seu plantio. Na manhã seguinte os produtos agrícolas estavam todos prontos para serem colhidos. Estes incluíam milho, um tipo de bananeira, inhames, coqueiros, etc, e uma variedade de frutas. Os pássaros e animais que ele trouxe também se multiplicaram da noite para o dia através das maquinações de Èṣu e eles também estavam prontos para o abate ao amanhecer.

Pela manhã os seguidores de Ọrúnmìlá se reuniram para perguntar por sua comida, em respeito à promessa feita a Ògún no céu, de alimentar seu povo como ele havia feito, Ọrúnmìlá deu lascas de madeira para todos eles. Depois ele também respeitou a promessa feita a Olókun, dando lhes água para beber.

Isto é muito simbólico, por que a partir daí a tradição foi estabelecida de que os seres humanos iniciariam seus dias mascando lascas para limpar os dentes. Isto é seguido pelo uso da água para enxaguar suas bocas.

Esta tradição sobreviveu até os dias de hoje se bem que com pequenas modificações, como o uso da escova de dente e pastas com as quais ainda assim se aproximam da mastigação das lascas. Após a escovação dos dentes a água ainda é usada para enxaguar a boca.

Após ter dado as lascas e a água para seus seguidores, eles ainda estavam perguntando por sua comida. Ele lhes informou para irem à fazenda que tinha então florescido e colher os gêneros alimentícios para comerem. Eles tiveram um dia no campo e começaram a comer todo tipo de alimento para alegrar seus corações. Os animais e pássaros também estavam disponíveis em abundância para proporcionar carne para todos eles. Dali em diante eles permaneceram alegremente na terra como seus primeiros habitantes.

Mais tarde Ọrúnmìlá viajou para o céu para informar seu sucesso a Deus, e todas as outras divindades começaram a ir para o mundo uma após a outra com suas comitivas de seguidores.

Nós poderemos ver nos próximos capítulos e volumes, que os feitos de Ọrúnmìlá evocaram a inimizade para ele das outras divindades. Isto é a interminável inveja no mundo de hoje entre os ativos e os vagabundos, excelência e indolência, sucesso e fracasso e todas as outras forças positivas e negativas, que afetam as vidas dos seres humanos.

Isto explica porque aqueles que se esforçam em ter sucesso se expõem ao descontentamento daqueles que tentam e falham ou aqueles que se recusam a tentar tudo. É importante relembrar neste estágio, que tudo que nós fazemos que nos beneficia na vida é em função do roteiro divino, acompanhado ao mundo por seu ancestral Oríginal que estabeleceu uma habitação humana na terra.

Os adeptos de Ifá são hoje descendentes do primeiro conjunto de seres humanos que seguiram Ọrúnmìlá ao mundo. O mesmo é verdade de Ògún e seus seguidores, Ṣàngó e seus seguidores, Olokún e seus adeptos, Sankpana e seus fiéis, etc., etc.

Nesse ínterim, Ọrúnmìlá foi ao céu para informar do sucesso de seus esforços ao Pai Todo Poderoso. Chegando, Ọrúnmìlá reportou o sucesso de sua primeira missão a Deus e finalmente ao Conselho de Divindades. As novidades do seu sucesso forma recebidas com murmúrios de inveja e marcou o início do encerramento da afinidade que existiu entre as divindades. Neste ponto, se demonstra que ao contrário do que se tem acreditado Èṣu não é o culpado por todo o azar, porque ele é apenas a personificação do mal, e não o mal em si.

Nós poderemos ver mais tarde que apesar de não ter o poder de criação, ele tem habilidade para mutilar qualquer coisa e qualquer um que foi criado, o que é esperado, pois Deus se apresenta para neutralizar as forças das trevas as quais Èṣu representa. Assim Èṣu garante que longe de serem eliminadas, as forças do mal continuam prosperando.

Este combate tem continuado para expressar por si mesmo a preponderância do mal sobre o bem na terra, até o presente momento pelo menos. Nós veremos mais sobre estes argumentos quando formos analisar a influência de Èṣu no firmamento.

Na cabeça de muitas divindades perversas, é a Divindade da Morte quem é responsável pela morte de todos os seres vivos criado por Deus. Na verdade nós veremos que ele é a única divindade que se alimenta diretamente dos seres humanos; a qual era a mais contente entre todas as divindades quando o homem foi criado por Deus. Ele exclamou na criação do homem, “Finalmente Deus criou um alimento básico (apetecível) para mim!”

Ele apanha suas vítimas por meio das quatro divindades mais agressivas. O primeiro deles é Ògún, que é responsável por toda destruição que resulta da luta, fogo, guerras e acidentes. Ele dizima por grandes quantidades. Há Ṣàngó, que também destrói apesar de fazê-lo só quando suas vítimas infringiram leis naturais. Há Sankpana que destrói indiscriminadamente através das epidemias e doenças divinas; a qual é a esposa da morte e quem destrói pela eutanásia. Também há a Noite Divina, que destrói seres inocentes pela multidão. Todas estas divindades são criadas por Deus e tem seu poder dado por Ele. Nós veremos que a mais poderosa de todas as divindades criadas por Deus é o Infortúnio ou Obstáculo. Ele é a divindade mais chegada a Deus, por ser o responsável pelo Palácio Divino.

Muitas destas divindades assumiram imediatamente uma postura agressiva no momento em que souberam que Ọrúnmìlá tinha roubado a cena deles. Eles imediatamente votaram em ir e destruir o mundo estabelecido por Ọrúnmìlá.

De sua parte, ele rapidamente convocou Èṣu para auxiliá-lo, o qual disse para não se preocupar. Èṣu garantiu a Ọrúnmìlá que as divindades belicosas destruiriam a si mesmas antes de destruir o mundo criado por ele. Ọrúnmìlá também foi à divindade Obstáculo/Elenini e banqueteou-o elaboradamente para angariar o seu suporte e cooperação. Enquanto isso, todas essas divindades começaram a fazer planos para sua viagem a terra.

OYEKU MEJI nos revelará mais tarde como todos eles partiram para o mundo e como se levou três anos para lá chegar.

Ọrúnmìlá tinha sido avisado pela divinação para se certificar, que era por fim autorízado a viajar para a terra. Ele também foi advertido que haveria uma chuva torrencial na terra que durariam mil dias e noites. Ele desafiou a chuva e não procurou nenhum abrigo antes de chegar ao seu destino.

Uma após a outra, as divindades partiram para a terra, chegando na fronteira, descobriram que teriam que atravessar o último rio no céu com uma minúscula ponte de corda, a qual só poderia acomodar um passante de cada vez. Levaram bastante tempo para atravessar o caminho possível do rio. Chegando ao Erebus, região de trevas contínuas, descobriram que estava chovendo e todos começaram a procurar abrigo aonde pudessem permanecer. Todos seus planos para destruição do mundo tinham-se evaporado no ar rarefeito, como resultado das dificuldades que eles encontraram no caminho tramadas por Èṣu . Entre as divindades amigáveis que estavam no caminho de Ọrúnmìlá, estava Ule (casa) e Ìgèdè (feitiçaria/encantamento). Ule, que não faz movimento pediu a Ọrúnmìlá para carregá-la em sua bolsa divinatória. Ìgèdè, que não tinha membros informou a Ọrúnmìlá que a batalha que o esperava na terra seria muito árdua, portanto ele o advertiu para levá-lo engolindo-o, auxiliando o então em tudo aquilo que ele disse que Ọrúnmìlá viria a passar.

Ọrúnmìlá atendeu os dois pedidos.

De modo que avisado, ele esperava por tudo das divindades agressivas que partiram para a terra antes que ele fosse. Quando ele chegou na margem do rio, encontrou somente uma divindade esquerda (Òsi).

Era a Rainha da Feitiçaria/Bruxaria (chamada Iyami Osoronga em Yorùbá e Iyenigheekpe em Bini).

Ela também estava fraca para atravessar a ponte. Ela tinha implorado a todas as outras divindades para ajudá-la a atravessar a ponte, mas todos eles recusaram, porque tradicionalmente tinham medo dela.

Quando ela viu Ọrúnmìlá vindo, ela lhe implorou para ajudá-la, mas ele lhe respondeu dizendo que a ponte podia apenas com um único ocupante por vez. Então ela propôs que Ọrúnmìlá abrisse sua boca para ela voar para dentro, prometendo sair no final da aponte. Com o que Ọrúnmìlá foi obrigado a aceitar. Ele tinha ignorado o fato de que ela era a única divindade que jurou destruí-lo na terra. Na cabeceira da ponte, Ọrúnmìlá disse-lhe para sair, mas ela se recusou com base em que seu estômago era o domicílio ideal para ela. Ele blefou que ela passaria fome dentro do seu estômago, mas ela cancelou o blefe, tomando um pedaço de seu intestino e dizendo-lhe que toda sua comida básica era abundante dentro dele. (Coração, fígado, intestinos, etc)

Percebendo o risco em tinha se envolvido, ele rapidamente usou seu instrumento de divinação para buscar a solução. Ele tirou uma cabra de sua sacola, sacrificou e a cozinhou. Estando o cozido preparado, ele a convidou para vir para fora para comer, mas ela disse que ela só poderia comer em particular. Ele então conseguiu uma roupa branca e fez uma barraca improvisada com ela. Ela então saiu e se escondeu dentro da tenda e comeu a carne de cabra.
Enquanto ela estava apreciando a sua refeição, Ọrúnmìlá desapareceu na escuridão do Erebus, enfrentando a chuva e sem olhar para trás, e continuou sua jornada sem parar. Ele encontrou as outras divindades buscando abrigo em um ponto ou outro na beira da estrada.

Em conformidade com o aviso que ele tinha recebido no céu, ele continuou na sua jornada abaixo de chuva, até que ele alcançou seu destino.

Ele foi recebido alegremente pelos seus seguidores que estavam começando a se perguntar por que ele tinha demorado tanto na volta.

Chegando em casa, ele pediu a Ìgèdè e Ule para descerem. Ule desceu mas morreu instantaneamente, enquanto Ìgèdè lhe disse que ele seria mais eficaz dentro do seu estômago. Isto mostra porque é a única divindade com capacidade de conjurar com palavras faladas.

Ele pediu a seus seguidores para prepararem uma sepultura adequada para Ule. Como ele foi colocado de lado esperando o funeral, o acontecimento mais maravilhoso desde o estabelecimento do mundo, ocorreu.

Linhas de casas repentinamente começaram a saltar sobre toda a colônia, parecidas com os tipos de casa que eles tinham no céu. Era o início da formação arquitetônica do mundo. No lugar das cabanas construídas antes pelos seguidores de Ọrúnmìlá, edifícios palacianos começaram a surgir em toda a volta.

A VINDA DAS OUTRAS DIVINDADES

Aqueles que acharam abrigo da chuva, se alojaram permanentemente em todo tipo de lugar sujo, durante toda a duração da chuva. Na hora em que a chuva se acalmou, eles já tinham se acostumado com suas acomodações improvisadas e não viam motivo para saírem delas. Este é o motivo pelo qual, divindades como Ògún, Ṣàngó, Olokún, Ovia, Ake, Sankpana, Uwen, Ora, Leron, etc,..., têm seus altares feitos fora de casa a partir deste dia.

Ọrúnmìlá sendo o único que veio direto para sua casa, desafiando a chuva, é a única divindade (exceto Oríṣa N'La, que veio depois), a ser estabelecido e servido em casa.

Relembrando que as divindades agressivas que vieram para o mundo com Ọrúnmìlá, o fizeram portando com a única determinação, vir e destruir o mundo construído por ele.

Infelizmente eles estavam despreparados para a viajem, porque não tiveram a autorização formal de Deus antes de partirem do céu. Na chegada ao mundo, logo descobriram que sem esta autorização eles não poderiam realizar os seus intentos. Então se reuniram e decidiram retornar ao céu para obter a autorização adequada de Deus.

Guiados por Ògún, o mais velho deles, partiram para o céu. Chegando ao Palácio de Deus, eles pediram a Autorídade Divina (AṢẸ), com a qual se faz e desfaz. Já que Deus não recusa nenhum pedido, Ele lhes deu, e cada um deles cedeu seu próprio AṢẸ para Ògún mantê-los sob custódia. Qualquer um que quisesse fazer uso do seu próprio AṢẸ ia a Ògún para recobrá-lo e devolvê-lo depois de feito uso.

Com este instrumento de autorídade, eles começaram a criar toda sorte de problemas para Ọrúnmìlá e seus seguidores, que por sua vez começaram a fazer todos os tipos de sacrifício para defender a si mesmos contra os maus desígnios das divindades agressivas. Quando chegou no ponto em que Ọrúnmìlá e seus seguidores tinham usado todo seu dinheiro para fazer sacrifícios para dissipar as armações maléficas das demais divindades, ele resolveu perguntar ao seu "guardião" o que fazer a esse respeito.

Ele foi avisado a preparar um novo encantamento especial, referido como Gbetugbetu em Yorùbá, ou Ataighimua em Bini. Depois de prepará-lo, ele o utilizou em visita a Ògún e pediu-lhe para entregar todos os AṢẸ que ele tinha sob sua custódia. Com este encantamento é possível invocar qualquer um conduzindo-o como ordenar o usuário. Por esta razão Ọrúnmìlá preparou o encantamento conforme o combinado e fez visita a Ògún. Chegando na casa de Ògún, Ọrúnmìlá disse-lhe que ele veio para levar todos os AṢẸ com ele. Sem nenhuma hesitação qualquer que seja, Ògún foi até seu tesouro e o trouxe todo para fora e o entregou para Ọrúnmìlá. Com o AṢẸ em suas mãos Ọrúnmìlá foi para casa e chegando engoliu a todos os AṢẸ.

Cinco dias depois, Ògún quis usar seu próprio AṢẸ e foi ao seu tesouro buscá-lo. Para seu espanto descobriu que não apenas não localizava o seu próprio AṢẸ, como também todos os pertencentes as demais divindades tinham desaparecido.

Ele tentou relembrar quem o visitou durante os cinco dias, mas já que sua memória havia lhe falhado, ele decidiu checar com as divindades. Ele foi primeiro a casa de Ọrúnmìlá perguntar se ele foi até sua casa coletar o seu AṢẸ. Ọrúnmìlá negou tê-lo visitado alguma vez, e tê-lo deixado em paz para capturar os AṢẸ dele. Com o AṢẸ divino desaparecido, Ọrúnmìlá e seus seguidores tiveram uma trégua e começaram a levar a vida alegremente e em paz.

O MUNDO SE ESTABELECE

Assim que bases firmes foram estabelecidas para a habitação permanente na terra, mais habitantes do céu começaram a fazer visitas freqüentes. Aqueles que tornaram o céu um lugar inabitável fugiram para o mundo. Outros saíram por curiosidade. A grande maioría daqueles que seguiram as divindades ao mundo eram seus seguidores no céu.

Este livro estará se restringindo apenas aos familiares de Ọrúnmìlá e àqueles que o seguiram ao mundo.

Inicialmente, foi possível por muito tempo caminhar a pé do céu para este mundo e voltar.

Foi um pedido feito pelo gênero feminino a Èṣu que acabou com a passagem física entre o céu e a terra. Anteriormente, era possível deixar o céu e chegar ao mundo ainda com as límpidas lembranças de tudo aquilo que se desejasse, a fim de poder realizar na terra. Foi Èṣu e Elenini quem bloquearam a memória durante a passagem. Quando as divindades partiram do céu uma após a outra, eles abandonaram os seus seguidores e descendentes em uma vida sem rumo na terra.

Nós já vimos o conflito que caracterizou a co-habitação terrestre das divindades. À medida que elas retornaram para o céu, uma após a outra, os conflitos se tornaram ainda mais ferozes entre os leigos mortais. O que esclarece os combates, guerras, traições, tumultos e destruição mútua que continua com vida entre os habitantes da terra até os dias de hoje. Foi assim desde o início e assim permanecerá até o fim dos tempos. A culpa não é totalmente dos homens, é o reflexo do conflito interminável entre o bem e o mal.

CAPÍTULO V

COMO O HOMEM VEIO DO CÉU PARA A TERRA

Há sempre a tendência de ver o homem absolutamente de uma perspectiva biológica. Um homem e uma mulher unem-se e uma criança nasce deles, a criança nova é vista como uma identidade independente. Nós já vimos que no início da colonização terrestre, seres humanos viajavam para este mundo sob as ordens de uma ou outra das divindades.

Nós veremos nos próximos capítulos que a permanência de um homem no mundo é simplesmente uma continuação de suas atividades no céu. Nós já vimos que antes do homem vir viver no mundo, os habitantes do céu viajaram a pé para a terra, completavam suas tarefas na terra e retornavam para o céu. Foi Èṣù quem bloqueou a livre passagem entre o céu e a terra e fez do útero feminino o caminho de passagem entre os dois lugares.

Então antes, a pélvis em todos os animais como nas plantas era na cabeça, mais especificamente na testa e também não era reconhecida e nem respeitada, tanto nos animais como nos seres humanos. A pélvis, que era um organismo vivo no céu, foi para a divinação e lhe foi dito para fazer sacrifício com um bode preto para Èṣu e assim foi feito. Depois disso Èṣu pediu a fêmea para abrir suas pernas e tirou a pélvis para fora de sua testa e a posicionou entre as pernas dela. Ele então extraiu uma parte do couro do corpo do bode com o qual a pélvis havia lhe feito o sacrifício, e Èṣu usou o para revestir a pélvis completamente no seu novo domicílio entre as pernas femininas. Depois disso Èṣù foi até a fronteira entre o céu e a terra e a bloqueou para sempre com uma escuridão total.

Aquela parte do sistema planetário a qual se aproxima na mitologia grega do chamado Erebus. Foi Èṣu quem bloqueou permanentemente e ordenou que fossem guardados os portões do céu, permanentemente ocupado por viajantes vindos da terra para pedir por crianças no céu, a partir daí, qualquer um, animais e seres humanos igualmente que queriam ter crianças apelariam à pélvis; e o útero de todas as fêmeas foi feito para simbolizar a escuridão e o mistério da passagem pelo Erebus. O período de gestação que leva para uma fêmea dar a luz a um jovem, também se aproxima do tempo levado pelas diferentes espécies de famílias animais para viajar do céu, do tempo que uma criança leva.

Nós veremos como a atração mútua entre os órgãos reprodutores de macho e fêmea veio a caracterizar a base de toda a existência. Nós também descobriremos nos próximos capítulos como o pênis e a pélvis por um lado e o óvulo e o espermatozóide no outro, fizeram o sacrifício para tornar possível a eles cooperaram para dar a luz a uma criança do céu.

Antes de vir para o mundo, todos os seres humanos fazem seus próprios pedidos e comprometimento no Palácio Divino de Deus. Alguns preferem fazer visitas breves ao mundo e retornar ao céu tão rapidamente quanto eles vieram. Outros preferem retornar na fase inicial da vida, meia idade, enquanto outros preferiam retornar na idade madura. Quando nós fazemos nossos pedidos no altar divino no Palácio de Deus, o servo favoríto de Deus, chamado Infortúnio, a mais poderosa das divindades, é a única presente. Os Yorùbá chamam-no Elenini enquanto os Bini o chamam de Ido-Boo. Esta é a única força capaz de ser obstáculo à realização do nosso destino na terra, por que ele está presente quando nós fazemos nossos votos de vida. Aqueles que são cuidadosos o suficiente em pagar homenagem a ele antes de partida do céu recebem uma licença para ir ter com seus negócios na terra sem problemas ou obstáculo.

A INFLUÊNCIA DO OBSTÁCULO DIVINO NO NOSSO DESTINO

Iworígogbe, um dos Odu mais velhos (discípulo) de Ọrúnmìlá, revelará mais tarde a influência em nossas vidas da divindade chamada Infortúnio. Elenini (Ido-Boo) é o guarda da Câmara interna do Palácio divino de Deus, aonde todos vamos nos ajoelhar para fazer os pedidos e juramentos para a nossa permanência no mundo. Uma vez tendo completado as providências para nossa partida, seremos conduzidos por nossos "anjos guardiões" à câmara interna, aonde fazemos nossos próprios desejos. Deus não nos conta o que vai ou não vai acontecer conosco ou nos dar algum desígnio especial. Tudo aquilo que vemos, desejamos fazer ou transformar, Ele simplesmente abençoa dizendo: "- Que assim seja minha criança!"

Quando Iworígogbe estava indo para a terra, ele fez um pedido, que queria modificar a face da terra, eliminando todo mal e elementos viciosos. Para ser capaz de executar sua tarefa, ele solicitou de Deus um poder especial sobre a vida e a morte. Deus respondeu que seu pedido estava concedido.

Envolvido pelo poder concedido a ele por Deus, partiu rapidamente em sua jornada para a terra. Seu anjo guardião o relembrou da necessidade de assegurar seus pedidos com Elenini a mais poderosa divindade, mas ele disse ao seu anjo que não havia força maior que Deus e desde que ele tinha obtido autorízação divina, não via porque se justificar com alguma divindade inferior. Assim que deixou o palácio divino, Elenini inverteu os desejos de Iworíbogbe. Na chegada a terra, ele descobriu que ao contrário de seus pedidos, estava se encontrando por acaso em dificuldades. Veio a saber que tudo aquilo que ele pediu estava acontecendo sempre ao contrário. Quando ele rezava para pessoas viverem, eles morriam, enquanto aqueles que ele desejava mortos, viviam.

Ele se tornou muito amargurado e desiludido, por que ninguém se atrevia a ir até ele para consultar o oráculo, ou pedir auxílio, desde aquilo que havia feito, pagava muito caro por isso. Após passar fome dentro de sua frustração por algum tempo, ele decidiu retornar ao céu.

Chegando ao céu, ele foi ao seu anjo que o relembrou do aviso dado a ele antes da partida do céu.

Foi neste ponto que ele concordou em ir ao oráculo, aonde foi informado a fazer sacrifícios elaborados para Elenini, a mais velha das divindades. Ele fez o sacrifício e retornou subseqüentemente para a terra para uma vida produtiva e realizada.

A FUNÇÃO DO ANJO GUARDIÃO

O principal arquiteto do nosso destino, tanto no céu como na terra é o nosso anjo guardião. Ele nos informa o que fazer antes da vinda do céu para o mundo. Alguém que segue a direção e as instruções de seu anjo guardião nunca se perde. Os Yorùbá o chamam Eleeda e os Bini o chamam Ehi. Aqueles que são meticulosos o bastante para ir ao oráculo no céu antes de vir para o mundo, e fazer tudo aquilo que lhes for avisado no jogo para fazer, agüenta melhor até mesmo mudanças de uma permanência tranqüila e razoável na terra.

Aqueles que se recusam a acatar as prescrições ou então fazem apenas metade, encontram todo tipo de problemas em ambas as jornadas, na vida e no mundo. Todas as criaturas animadas por Deus têm seu anjo guardião individual. Tanto as divindades inferiores e humanos igualmente são conhecedoras de ter seus guardiões. Esses guardiões moram no céu e guardam vigia sobre nossas atividades na terra. Acredita-se na mitologia que a sombra de uma pessoa é a imagem do seu guardião. Nos seguindo aonde quer que nós vamos. Ocasionalmente quando nós estamos adormecidos, sonhamos com um evento por vir e algumas pessoas atualmente estão percebendo

estes eventos. Estes livros estão repletos de passagens nas quais o guardião de várias pessoas lhes aparece em sonhos para guiá-los em suas atividades na terra. Isto acontece na maioría dos casos quando um indivíduo está se desviando do caminho do seu destino e ele não é dado a ir consultar o oráculo.

É em tais circunstâncias que o anjo recorre ao uso dos sonhos ou avisos através de amigos íntimos e parentes, para nos advertir sobre eventos prestes a acontecer. Quando o anjo descobre que seu pupilo não acredita em sonhos, sempre pode falar com ele através de outras divindades. Há muitos exemplos em que um vidente estranho chega para uma pessoa ao longo da jornada em seu local de trabalho ou em sua casa para alertá-lo de perigos prestes a acontecerem e o que ele pode fazer para desviá-los.

Assim todos os exemplos são arquitetados por nossos anjos. Para aqueles que acreditam no oráculo e em sacrifícios, são freqüentemente avisados a fazer sacrifícios por meio de seus anjos.

Nós iremos descobrir através destes livros quais materiais para tais sacrifícios são usados pelos anjos para receber Oríentação do Alto poder para ter suporte na realização dos vários objetivos de nossas vidas.

O papel mais importante do guardião é usar o sacrifício feito por seu tutelado no céu para homenagear todas as divindades com provável desempenho de função em suas atividades diárias na terra. Aqueles que falham em fazer tais sacrifícios no céu, são os que se tornam pobres na terra. Os sacrifícios são feitos através de nossos anjos antes de partir do céu, e aproximando-se a semeadura , nós semeamos, fato que, como a noite segue o dia, produz o benefício o qual nós colheremos depois no mundo.

É uma paródia da justiça divina, louvar uma vida de perpétua privação e penúria, levando isso como integridade moral. Pobreza não é sinônimo de virtude, por que a ninguém é dada à opção de escolher entre opulência e penúria.

A verdade simples é que ninguém colhe aquilo que não plantou, ninguém vai pegar seu pacote de pagamento donde ele não tenha trabalhado. Ninguém vai tirar dinheiro de um banco no qual ele não tenha depositado ou tenha crédito.

Ninguém espera colher dividendos de uma companhia na qual ele não tenha investido. E ninguém espera obter um certificado ou diploma de um curso ou estudo que ele não tenha realizado com sucesso. Da mesma maneira, ninguém espera ter uma vida boa na terra, se não fez o sacrifício antes de sua vinda do céu.

A FORÇA DO DESTINO EM NOSSAS VIDAS

Como já foi indicado, a duração de nossa permanência na terra, o tipo de trabalho que fazemos, e o grau de nosso sucesso ou fracasso na vida são todos funções de nossas próprias solicitações destinadas. Nós veremos por exemplo os trabalhos de Iworíbogbe, que se uma pessoa escolhe pagar uma visita rápida no mundo, não haveria virtualmente nada que se pudesse fazer para prolongar a vida de tal pessoa na terra, exceto em raras circunstâncias, aonde seu guia divino pode modificar o destino propenso. Esta classe de pessoas é que são chamadas **IMERE** em Yorùbá e Igbokhuan em Bini, vêem para o mundo por umas poucas horas, dias, semanas, meses ou anos e morrem quando chega à hora escolhida. Foi apenas Ọrúnmìlá que descobriu o segredo de como prolongar as vidas de tais pessoas na terra, que ocorre apenas se os pais da criança são capazes de descobrir pelo oráculo com boa antecedência, que o nascimento da criança será Imere.

Por exemplo uma pessoa vem do céu com a determinação de se tornar um fazendeiro na terra. Dependendo do tipo de liberação de poderes celestes que ele obteve, ele poderá gostar de agricultura logo que ele se torne adulto no mundo e prosperar imensamente. Se por outro lado ele falhou na obtenção da liberação dos poderes superiores no céu, ele pode se tornar um profissional completamente diferente no qual ele nunca será capaz de encontrar o fim, tendo se desviado fora das suas escolhas vocacionais ou profissionais. Um ponto significante para se ter em mente é que ninguém alguma vez relembra suas frases no céu na partida para a terra.. Èşù usa o período de espera no Erebus e o processo da infância para apagar (bloquear) toda memória do que nós somos no céu e o que planejamos fazer na terra.

Ninguém veio alguma vez do céu, exceto os Imere, com pedidos ruins para si mesmos. Todo mundo deseja ter sucesso naquilo que faz, mas seu sucesso depende principalmente na quantia de autorízação que recebeu das altas divindades antes da vinda para a terra. Algumas pessoas fogem do céu sem obter a liberação de ninguém. Há pessoas que divagam por toda parte no mundo por querer uma vida estável. Quase invariavelmente uma vida tranqüila esquiva-se deles em toda parte, já que eles não fizeram programação para isso. Tais pessoas vêm ao mundo para censurar e culpar Deus, seu guardião ou suas cabeças e companheiros humanos, por suas falhas e infortúnios. Mas eles têm que culpar unicamente a si mesmos.

È como alguém partindo para uma nova fazenda sem estar à altura do trabalho e nem ter comida para a jornada.

Na chegada ao mundo, um número de pessoas é afortunada tendo bons pais que vão a algum tipo de oráculo ou outro tipo de sacerdote. Só os pais são capazes de descobrir a tempo o tipo de criança que eles têm, eles podem iniciar suficientemente cedo a tarefa para o preparo dos pés da criança no caminho certo do seu destino.

Um aspecto muito importante do destino de uma pessoa é a divindade dominante de sua vida.

Como indicado anteriormente, antepassados dos homens vieram a este mundo sob a liderança de uma ou outra divindade. É a alguém que veio sob a Oríentação de Ọrúnmìlá que será requerido que seja bem sucedido servindo Ọrúnmìlá no mundo. O mesmo é verdade para todas as demais divindades como Ògún, Ṣàngó, Olokún, Ọya, etc.

Do mesmo modo, é a pessoa que veio sob a Oríentação de Orísa N'la (representação personificada de Deus) que irá prosperar seguindo o caminho da religião moderna.

A tragédia da existência do homem é que quando um seguidor de uma divindade observa os seguidores de outras divindades, felizes e contentes em sua própria facção, ele acredita que ele seria igualmente bem sucedido, abandonando os serviços de sua própria divindade pelo serviço de outra.

Há pessoas que ou caem da frigideira para o fogo ou passam através da vida como se estivessem envolvidos em uma busca sem fim por um porto seguro.

A advertência para tais pessoas é irem ao algum tipo de oráculo, eles têm a função e autorízação para descobrir suas divindades Oríentadoras. Tão logo isto seja desvendado uma proporção considerável do tamanho de seus problemas terá sido resolvida.

A POSIÇÃO DO ORÁCULO EM NOSSAS VIDAS

A consulta oracular (divinação) é definida como a faculdade da previsão. Vem da palavra em latim "Divinatus, Divinare" – prever. A arte e a prática da previsão dos eventos futuros ou o desconhecidos, por meio de oráculos ou ocultismos. Uma profecia, predição ou augúrio.

Divinação é a arte de possuir visão, perspicácia e percepção das sortes, infortúnios e futuro. Pode ser feito algo pela oração de videntes cristãos ou através de um sacerdote de Ifá, ou algum outro sacerdote de outra divindade, ou através de algum outro tipo de oráculo. Por Ògún, Ṣàngó, Olokún, etc, sacerdotes que prevêem o futuro quando possuídos também são um divinador.

Com referência em particular a Divinação de Ifá, é feita numa das quatro maneiras pelo sacerdote de Ifá.

Pode ser feira com um Obi de quatro partes, arremessado ao chão e interpretando a proclamação do Ọdu surgido através das peças do Obi. O alcance do oráculo pelas quatro partes do Obi é limitado e só sacerdotes de Ifá altamente experientes vêem e dizem muito sobre isto.

Divinação é feita muito freqüentemente com o Okpele, o qual é capaz de traduzir o alcance total do oráculo de Ifá. Nós veremos mais tarde que há 256 Odus no corpo de Ifá. Alguns principais chamados Olodus são em número de dezesseis. Os 240 restantes são chamados simplesmente Ọdus. Todos eles contudo são tratados por seus nomes individuais.

Quando o Okpele é lançado ao chão, o sacerdote lê em voz alta o Ọdu que tem aparecido para informar ao inquiridor.

Logo que o nome do Ọdu é sabido, o sacerdote traça imediatamente a trajetória daquele Odu relevante para a questão perguntada.

Suponhamos que um homem se preparando para viajar do céu para a terra vá a um sacerdote de Ifá no céu para consultar o oráculo e o sacerdote opte por usar o Okpele, Suponhamos ainda que depois de lançado seu okpele, Ogbe-Oligun saia. O sacerdote de Ifá simplesmente irá relembrar o sacrifício que Ogbe-Oligun fez antes da partida para a terra no começo dos tempos. Se por outro lado Ogbe-Oligun apareceu numa divinação terrestre para um homem que quer fazer uma viagem, o sacerdote de Ifá também se lembrará à experiência de Ogbe-Oligun numa situação similar quando ele estava no mundo.

O Ọdu aparecendo por meio deste instrumento oracular é similar às estrelas as quais os astrólogos lêem quando nasce uma pessoa. O sacerdote de Ifá tem um conhecimento razoável do que cada Ọdu fez no céu e durante sua vida na terra. Se alguém por conseguinte vai ao oráculo e um Ọdu em particular surge, o sacerdote só relembra o evento em particular na vida e o trabalho daquele Ọdu, pertinente ao assunto em questão e informa ao consulente para fazer a mesma coisa que Ọrúnmìlá fez em circunstâncias similares. Se ele recomenda sacrifício e é feito de acordo, o consulente certamente obterá de certa forma o auxílio que Ọrúnmìlá teve na mesma situação.

A terceira forma de divinação é o Ikin ou (Iken em Bini). Este é constituído por 16 caroços de palmeira transferidos entre as duas palmas das mãos. O sacerdote de Ifá pede ao consulente para tocar sua cabeça com os 16 Ikin e o sacerdote começa embaralhando os Ikin entre as mãos.

Usando a palma esquerda como base para os Ikin, ele tenta removê-los todos com a mão direita. Se por exemplo ele removê-los todos ficando dois Ikin na palma esquerda ele então marca uma linha no Ọpọn-Ifá (Bandeja de Ifá) com Iyerosun ou pó divinatório. Ele também marca duas linhas se apenas um Ikin permanecer na mão esquerda.

Ele vai por meio deste processo fazendo oito vezes até preencher o Ọdu e fazê-lo aparecer na bandeja. Este primeiro Ọdu que surge na bandeja, o qual fornecerá as informações que o sacerdote irá interpretar depois.

Depois da marcação do primeiro Ọdu, vai buscar confirmação através do mesmo processo obtendo o segundo Ọdu. Para completar o processo ele finalmente questiona se há algum obstáculo no assunto do inquiridor. Se é revelado pela terceira marcação na bandeja que há obstáculos, o sacerdote continuará a perguntar a causa e o tipo, antes constatando o que tem sido feito a esse respeito pelo consulente. Os detalhes deste processo será explicado neste livro mais tarde.

A quarta e mais importante forma oracular é uma que tem seu lugar quando uma pessoa está preparando seu próprio assentamento de Ọrúnmìlá ou quando ele é iniciado em Ifá. Que é quando ele se encaminha para Ugbodu. O processo adquire a mesma forma anterior, mas neste momento o primeiro Ọdu que sai no Ugbodu, se torna o nome do iniciado de Ọrúnmìlá. A vida histórica daquele Ọdu é narrada ao iniciado e sua vida irá experimentar os mesmos problemas e expectativas como aqueles do Ọdu.

AS ORÍGENS DOS PROBLEMAS VIVENCIADOS PELOS SERES HUMANOS NA TERRA

Se o guardião percebe que o número de inimigos que está determinado a destruir seu filho ou filha, ou frustrar sua fortuna (sorte na vida) são muitos, ele aborda uma ou outra divindade para seguir seu filho (a) ao mundo para protegê-lo (a) contra as maquinações de tais inimigos.

Chegando a terra, se uma pessoa é afortunada de encontrar por acaso o condutor divino suficientemente cedo na vida, ele é capaz de levar uma vida confortável. Por outro lado à pessoa perde seu caminho e opta por uma religião que lhe trará os braços compridos do seu Oríentador divino, ele ou ela torna-se vítima de todas as dificuldades criadas pelos inimigos declarados (?).

Este é o porquê de nossos antepassados conceberam a prática da cerimônia da nomeação como um meio de desvendando as perspectivas e problemas que esperam pelo recém nascido, a fim de iniciar cedo a remover os obstáculos de seu caminho.

Aqueles que têm vivido uma vida razoavelmente inofensiva no céu, talvez venham ao mundo sem muitos problemas. Há pessoas que são vistas ter sucesso sem muitas dificuldades na vida. Tais exemplos são contudo raros em nosso meio.

Normalmente nos tornamos adultos no mundo para descobrir a nós mesmos tendo dificuldades com nossos pais, irmãos, irmãs, colegas, contemporâneos, associados, maridos, etc...,etc., sem conhecer exatamente o por que .

Pessoas tomam antipatia por outras a primeira vista sem uma causa aparentemente visível. Ao mesmo tempo justamente quando todas as esperanças parecem ter acabado, alguém aparece do azul para oferecer socorro. Aqueles que entendem os segredos da vida não são freqüentemente surpreendidos por esses acontecimentos, por que o plano foi feito com antecedência no céu.

Ninguém vem ao mundo com mau destino. Ao contrário da idéia tida comumente que Deus ordena, seja qual for o destino que nos aconteça na terra, o Pai unicamente confirma tudo que nós desejamos para nós mesmos quando comparecemos no altar divino para fazermos nossos pedidos pela permanência na terra.

É irreal imaginar que o todo misericordioso e amado Deus discriminará ordenando a alguns a se tornarem bem sucedidos e outros a se tornarem falidos e frustrados na terra.

Todos vindo para a terra pedem por sucesso e prosperidade. Uma ilustração prática explicará este fenômeno.

Como já demonstrado no capítulo do destino, nossa vida na terra é continuação de nossa vida no céu. Como nós tivemos muitos inimigos e amigos no céu, assim nós os temos na terra. Portanto quando uma pessoa vai ante o altar divino para fazer seus pedidos para sua jornada a terra, ele roga por todas as coisas boas da vida. Quando ele completa suas preces, Deus o marca com seu cetro de autorídade e diz: "Que se faça para você."

Quase imediatamente um maledicente vem à frente do altar de Deus no céu para dizer que logo que a primeira pessoa inicie a subir a escada do sucesso ele (a) o arrastarão para baixo. Novamente Deus avaliza com seu cetro os pedidos do inimigo do primeiro orador.

Logo o amigo da primeira pessoa vem pedir que todas as vezes que o inimigo sair para atingir o primeiro pedinte, ele (a) o defenderão. Deus também confirmará os pedidos da terceira pessoa.

A corrente de pedidos continua desta maneira, sem que ninguém saiba se as pessoas anteriores são a favor ou contra ele (a). Eles todos vão para o mundo, e podem nascer como crianças dos mesmos ou de pais diferentes. Como eles se tornam adultos, podem se ver como irmãos, irmãs, amigos, colegas de escola, colegas de trabalho, membros de um mesmo clube, namorados, maridos, esposas ou então entre esposas do mesmo marido.

Efosa estava tendo muitos problemas no céu, e ele concluiu após sua viajem retornando da terra que era um lugar interessante para viver. Ele decidiu por fim aos seus problemas no céu, viajando para a terra.

Ele foi antes ao Divino Palácio e fez vários pedidos por prosperidade e longevidade na terra. O Pai Todo Poderoso abençoou seus pedidos e ele estava convencido de que aquilo era tudo que ele precisava.

Logo que Odioma ficou sabendo que Efosa estava partindo para o mundo, ele também jurou seguí-lo para acertar suas contas com ele. Foi antes ao Altar Divino para pedir por sucesso na sua empreitada de fazer Efosa quitar seu débito de 30k na terra. Madame Akuarosa que afiançou Efosa em sua dívida com Odioma, também veio ao Divino Altar para pedir que ela também viria ao mundo para auxiliar Efosa a cumprir sua tarefa de quitar o débito. Os pedidos dela também receberam as bênçãos divinas.

O guardião celeste de Efosa, sendo um anjo que opera no espírito, sabia o que Odioma e Akuarosa tinham reservado para seu tutelado na terra, o guardião de Efosa avisou-o para não deixar o céu sem pagar seu débito. Ele respondeu que se ele tivesse dinheiro suficiente, não estaria indo para a terra.

Sem fazer sacrifício de espécie alguma, Efosa partiu para a terra.

No entanto seu guardião foi a Ògún e apelou a ele para conduzir Efosa no mundo. Ògún aceitou.

Efosa nasceu posteriormente na terra numa família polígama. Ele era o quarto filho da esposa mais velha da família (primeira esposa). A irmã do pai de Efosa também dera a luz a Odioma, enquanto a

colega da mãe de Efosa deu a luz a Akuarosa. Assim as crianças cresceram, viviam na mesma localidade, mas eles estavam sempre discutindo entre eles.

Um dia, Efosa estava retornando dos campos de seu pai, quando viu uma armadilha colocada por Odioma, a qual tinha pego um Grass-cutter (cortador de grama??). Ele o libertou e levou para casa como se tivesse sido pego em sua própria armadilha.

Chegando em casa ele convenceu sua irmã Akuarosa a vender o Grass-cutter para ele no mercado. Ele foi vendido por 30K. Neste meio tempo Odioma foi aos campos e viu todos os indícios que sua armadilha tinha sido mexida. Em um exame detalhado ele descobriu todos os sinais de que sua armadilha tinha pego um Grass-cutter, porque todos as farpas dos pelos do animal ainda estavam no chão. Ele não estava ciente de que Efosa tinha levado um Grass-cutter para casa. Quando Odioma chegou em casa, contou sua apreensão a sua mãe, que sabia que Akuarosa tinha levado um Grass-cutter ao mercado para vender no dia anterior. A mulher fez uma visita à casa de Efosa e questionou Akuarosa sobre a Orígem do animal que ela vendera no mercado. Ela respondeu que pertencia a Efosa. Chegando em casa a mulher contou a novidade a seu filho Odioma, que teve certeza de que fora Efosa o culpado da remoção do Grass-cutter. No próximo confronto que houve entre os dois, Efosa não teve opção senão confessar que removera o animal, mas que tencionava entregar o dinheiro para Odioma. Este pediu seu dinheiro, mas Efosa disse que havia gasto. Aquele débito de 30K se arrastou, até que os mais velhos intervieram.

Logo Efosa adoeceu e morreu na seqüência. Akuarosa também ficou doente, justamente antes de ser dada em casamento e ela também morreu.

Foi a vez da mãe de Efosa apelar a todas as divindades para destruir quem quer que fosse o responsável pela morte do seu filho. Assim Odioma conseqüentemente adoeceu e também morreu.

A tripla tragédia provocou uma reunião dos mais velhos da localidade, que ordenaram que as mortes deveriam ser investigadas. Um sacerdote foi convocado e a consulta ao oráculo revelou que todos eles já tinham acertado a dívida que eles trouxeram do céu para a terra. Ele informou que a tragédia só poderia ter sido revertida se os seus pais ao invés de recorrerem aos mais velhos da noite, tivessem feito os sacrifícios necessários, os quais o trio tinha falhado em fazer antes da vinda no céu.

CAPÍTULO VI

O RELACIONAMENTO DO HOMEM COM DEUS

Esta questão tem ocupado a atenção de pensadores através das eras. Alguns filósofos argumentam que a relação entre Deus e o homem é como a relação entre um pai já falecido e seus sobreviventes.

Outros têm argumentado que Deus viveu uma vez, mas que morreu há muitos milênios atrás e que é seu espírito que continua a Oríentar as questões do sistema planetário, da mesma maneira que alguns acreditam que as almas dos ancestrais continuam a ditar as principais regras de algumas questões.

As revelações de Ọrúnmìlá confirmam que a existência de Deus não pode e nunca poderá ser objeto de debate. A maneira pela qual ele tem ordenado o projeto do céu e de toda a terra e também a

justiça divina para aqueles que contrariam as leis naturais, são provas inquestionáveis para as regras intervencionais de Deus em nossas vidas.

É minha visão que o conceito de uma personalização e personificar Deus, que está velando constantemente os assuntos de todas as suas criaturas onde quer que elas possam estar, pode conclusivamente ser defeituosa. A idéia de um Pai impiedosos que condena infratores para sempre ao fogo eterno do inferno é simplesmente uma atrocidade e insustentável. Se um simples mortal não pode ser impiedoso o bastante para condenar uma criança má aos lobos ou ao fogo abrasador, por que deveria alguém pensar do Pai como sendo ainda pior que um humano cruel.

As punições para algumas contravenções as leis naturais são postas abaixo, elas não estão baseadas na vontade de Deus. Portanto nós não esboçaremos para Deus uma figura de um disciplinador, que se assenta a julgar tudo e todas as ofensas cometidas por suas criaturas. As sanções penais por ofender as leis da natureza são retribuídas automaticamente. Elas são similares à aplicação das leis terrestres.

A lei representa reforço cumprindo o ditado contra alguma ofensa independente de ser ele ou não filho daqueles que fizeram a lei, que está acima de algumas circunstâncias normais. É desnecessário dizer portanto que Deus não pode causar dano a espécie humana, é o modo que está decretado para fazer, para aqueles que transgridem as leis naturais. Assim sendo, nenhum dano "feito por Deus" ao homem deixa de ser um dano feito a ele mesmo, já que a humanidade é uma personificação do Seu próprio ser.

Deus é o mesmo para tudo que existe, o que inclui ambas as criaturas orgânicas e inorgânicas. Nós todos desempenhamos um papel ou outro para fazer o Corpo de Deus todo trabalhar com mais eficiência. As forças do bem e do mal coexistem dentro de Sua composição fisiológica, assim como eles existem dentro dos nossos corpos microscópicos.

A relação entre Deus e nós mesmos é análoga ao nosso relacionamento com os organismos vivos que funcionam dentro dos nossos corpos. Para atuarmos e vivermos como seres humanos, nós temos milhões de células agindo dentro dos nossos corpos, cada qual representando um papel distinto.

Não há forma pela qual influenciarmos diretamente o caminho destas células a executarem suas funções individuais, exceto por meio de nossa conduta geral. Por exemplo, quando alguém bate uma de suas mãos na mesa para marcar um ponto, esse alguém causou dano a centenas ou milhares de células vivas dentro de algum corpo e há células que talvez tenham estado suplicando dentro de algum corpo por algum tipo de libertação.

Do mesmo jeito, qual emoção pode proporcionar para Deus matar centenas ou milhares de suas criaturas, componentes da espécie humana, plantas e animais em um terremoto?

Fazê-lo não lhe dá prazer nem quando o mundo destrói a si mesmo nas guerras. Guerras são conflitos intrafratricidas dentro do corpo de Deus, visto que os conflitos fazem parte do processo da vida.

Nós não temos como antever os pedidos e aspirações dos organismos vivos dentro do nosso corpo, exceto que suas condições refletem em nosso próprio visual e saúde. Se eles estão saudáveis e sadios, fazem bem o seu trabalho e também se sentem saudáveis. Ao mesmo tempo, Deus está feliz quando as minúsculas células dentro de seu corpo, plantas, animais, água, fogo, sol e lua, homens e mulheres estão todos executando suas funções satisfatoríamente e com alegria.

Ọrúnmìlá por outro lado revela que Deus uma vez teve existência física e que era freqüentemente possível para auxiliares próximos, às divindades e seres vivos interagirem com ele, como nós abertamente interagimos com nossos pais. Como o sistema planetário expandiu em tamanho e população, a tarefa de dar ouvidos a todo mundo veio a ser embaraçosa, ao ponto que Ele decidiu evaporar no ar fino. Contudo antes de fazê-lo deste modo, ele designou as 200 divindades para assumirem a responsabilidade de julgar e intervir nos assuntos do céu e da terra.

Não é portanto um acidente da historía que cada uma das variadas divindades tem seus próprios seguidores e adeptos. Os adoradores de Ògún, Ọşun, Olokún, Oríşá N'La, Ṣàngó, Cristo, Buda, Bruxaria, Judaísmo, Ọrúnmìlá, Asuppuru, etc, mas não têm justificativa para reivindicar superiOrídade em sues meios de adoração acima dos outros, porque de acordo com a revelação de Ọrúnmìlá, cada um destes ramos vai para diferentes partes do mundo para auxiliar as forças do bem a predominarem sobre as forças do mal. O denominador comum entre todos eles é que aconselham seus seguidores a não fazerem mal algum e não destruir seus companheiros, porque e contra as leis naturais. Eles (as divindades também) todos estão sujeitos as leis naturais, que seus seguidores então façam aos outros o que também desejam para si mesmos.

Aqueles que contrariam esta regra de ouro, levam a sua gratificação apropriada aqui mesmo na terra

Tendo em vista o que já nos foi mencionado, é claro que a relação entre Deus e os homens é comparada ao Pai que envia suas crianças para fora de casa para seguirem diferentes vocações para o progresso de toda a família.

O pai envia a cada uma de suas crianças o discernimento para determinarem como melhor cumprirem suas tarefas. Ele está interessado apenas no resultado final dos esforços de suas crianças.

Deus nos criou com mãos, pés, inteligência e discernimento para possibilitar nos virarmos por nós mesmos dentro das amplas regras do conjunto de ética chamado de Leis Naturais.

Deus não veda a ninguém fazer o bem ou o mal, porque está decretado nas leis naturais que assim como a noite segue o dia, qualquer um que faz o bem terá boa chegada em seu caminho e aquele que faz o mal sem dúvida colherá os frutos do mal.

Ọrúnmìlá revela que Deus apenas ri em duas circunstâncias, uma quando uma pessoa perversa que tramou o mal contra o seu próximo, vai de joelhos implorar a Deus por um favor, Deus ri imensamente. Por outro lado, quando pessoas estão tramando contra uma pessoa com um coração limpo, e eles rezam a Deus para abençoar seus planos maléficos, Deus se ri deles.

Se você planta milho, você simplesmente pode esperar colher milho. Ninguém pode justificavelmente esperar que a serpente dê a luz a uma ave. Isto é contra as leis divinas do universo.

Este é o motivo pelo que as divindades só podem dar ouvidos para a voz dos justos.

Aqueles que recorrem ao uso de remédios diabólicos para obter sucesso em suas intenções maléficas, não angariaram o suporte das divindades.

Nem Deus e nem algum de seus servos cooperará com alguém que reza por ajuda para destruir ou prejudicar seus amigos, companheiros ou vizinhos.

Envolver-se em má conduta uns contra os outros companheiros na esperança que após isto implorando dia e noite pode salvar alguém dos longos braços da justiça divina, é com certeza colocar a eficácia da oração em dúvida.

Qualquer pessoa só pode desejar ter sucesso se também encorajar o sucesso alheio. Ninguém pode obstruir constantemente a ação da justiça e esperar altos poderes para fazer justiça à causa de alguém. Esta é a Lei Divina (do justo retorno).

Muitos mensageiros do céu têm através das eras tentado ensinar o mundo como servir a Deus. Todos eles têm enfatizado, sem exceção, que o único caminho verdadeiro servo de Deus é fazendo o bem para nossos amigos, companheiros, vizinhos e até mesmo inimigos.

Que favor pode esperar o homem de Deus, quando ele se recusa a usar seu carro para levar a esposa do seu vizinho ao hospital quando ela entra em trabalho de parto? O homem que nega seu carro, passará a uma vítima moríbunda de um acidente sem nenhum auxílio para levá-lo ao hospital, mesmo buscando a ajuda de Deus dezesseis vezes por dia, não virá a ele, por que ele não propagou isto anteriormente. Se ele houvesse prestado auxílio a um necessitado em seu momento mais crítico, Deus também poderia vir ajudá-lo através de alguma fonte quando ele estivesse em dificuldades. Podem as orações trazer libertação ao homem que recusou ajudar um colega de trabalho com N2,00 para alimentar sua família, quando de fato ele tinha acima de N300,00 em seu armário de cozinha naquele momento tão crítico? Não devemos orar pelo que não temos ganhado (pedir indiscriminadamente). Nós apenas podemos angariar a benevolência das divindades, se não hesitarmos em auxiliar aqueles que necessitaram de nós em momentos anteriores.

Aqui se encontra a similaridade entre a oração e o sacrifício. Para que a oração se manifeste deve estar claro que o ofertante tenha sacrificado previamente seu esforço, hora ou dinheiro a ajudar ao necessitado. Isto se aproxima estreitamente ao sacrifício físico feito freqüentemente às divindades quando desejamos angariar sua ajuda.

Este é o motivo pelo qual Ọrúnmìlá recomenda a seus seguidores nunca recusar ajuda a amigos, vizinhos ou companheiros necessitados. Veremos como as forças das trevas punem o homem que ocultou o cervo, o qual matou no mato, parecer com um cadáver humano, simplesmente porque ele não queria que nenhum dos membros de sua comunidade partilhasse dele. Ele perdeu duas de suas crianças antes de ser capaz de relacionar casualmente a sua traição com a morte de suas crianças.

De fato Ọrúnmìlá avisa a seus seguidores para ter sempre comida em casa, de acordo com a possibilidade, com o intuito de que visitantes famintos encontrem o que comer. Ele assegura que qualquer um que se porte desta forma, nunca será rejeitado de forma que só irá consolidar sua hospitalidade. Portando nos mantendo no bom caminho, e nos Oríentando para fazê-lo, conseguiremos permanecer felizes como alguém que só é verdadeiramente feliz fazendo os outros felizes. Há muitas pessoas ingratas no mundo, mas a vítima da ingratidão sempre vive muito mais que o ingrato.

A estória de como Deus enviou Nene ir buscar caracóis (igbin) para sacrifício. Sem fazer questionamento algum ela partiu para sua tarefa. Deus a chamou de volta para lhe entregar quatro presentes para a jornada, uma noz de cola (obi), uma pimenta (ataare), um pedaço de giz (ẹfun), e uma peça de pano branco. Ela sabia que naquela época os caracóis não estavam disponíveis no céu, mas ela estava determinada a vasculhar toda a extensão e largura do céu e da terra para trazer os caracóis.

Depois de vagar no mato por algum tempo, Eşu a divindade do mal, se transfigurou em quatro tipos diferentes para colocá-la a prova. Primeiro uma velha senhora apareceu para ela e implorava por giz para fazer alguma coisa por sua filha que estava em trabalho de parto. Nene a favoreceu com o pedaço de giz que Deus tinha lhe dado. A seguir um velho senhor apareceu para ela implorando por um pedaço de pano branco para levar remédio para seu filho mais velho que estava sofrendo de convulsões. Num gesto de genuíno interesse e simpatia, ela cedeu a única peça de pano que Deus lhe havia dado. Não muito longe dali, uma mulher surgiu com uma criança chorando em suas costas. A criança estava com fome. Assim que Nene ouviu o choro da criança, correu até a mãe para saber o que estava acontecendo. A mãe explicou que tinha estado na floresta o dia todo sem nenhuma comida para dar ao seu filho. Obi era principal alimento no céu. Nene então, deu o único obi que tinha para a mulher, que ficou muito feliz.

Finalmente um caçador se juntou a ela para pedir por uma pimenta, a qual ela igualmente de boa vontade repartiu. Com o que, ela tinha beneficiado com o os quatro presentes recebidos de Deus. Assim que ela deu a pimenta ao caçador, ele se afastou um pouco e retornou para encontrá-la.

Ele lhe perguntou o que fazia na floresta. Quando ela explicou que fora enviada por Deus na busca de caracóis. O caçador disse-lhe para esperar. Ele abriu a pimenta e lançou as sementes no mato. Então ele disse a ela para entrar no mato na direção em que ele havia lançado as sementes da pimenta. Ela foi ao mato e viu um número incontável de caracóis.

A de se notar que foi a única alternativa de Nene, dispor dos presentes para obter o que estava procurando. Se ela tivesse se acomodado em casa ou se ajoelhado na floresta para rezar para os caracóis virem até ela, teria falhado em sua missão. Pode se notar também que Deus não disse a ela o que deveria fazer com os presentes que lhe deu.

Ela estava livre para usar seu próprio discernimento.

CAPÍTULO VII

O EFEITO DAS OFERENDAS SACRIFICAIS EM NOSSAS VIDAS

Nos dicionários usuais, a definição de "sacrifício" é oferenda de alguma coisa para uma divindade. Um ato de abnegação em favor de outrem, privação de uma coisa muito apreciada, por cobiçar uma coisa valiosa ou por um pedido de máxima urgência.

Assim diz Addison: "Se tu preservas minha vida, teu sacrifício poderá ser ..." Sejam quais forem os desejos pessoais tidos no céu ou na terra, envolvem algum sacrifício ou entrega de alguma coisa. A vida não transcorre apenas com lucros. Também envolve doação, por isso se diz que a vida é um processo de doar e receber.

O sacrifício mais simples que alguém pode fazer por algo é o tempo. Sacrificar tempo e esforço, seja na quantia que for, sempre é tido como válido, obviamente em simples comparação ao pedido, pode envolver sacrifícios de vaidade humana e de independência. Quantas coisas alguém pode ganhar de outrem sem implorar por isto, subornando ou fazendo alguma compensação ou gratificação maior, tendo mesmo até que comprometer sua palavra em adiantamento.

Quando existe portanto a necessidade de realização de um desejo ou pedido de proteção de uma divindade, um grande sacrifício é exigido. Não é suficiente merecer pedir por tais benefícios ou

favores. Envolve obrigatoríamente sacrifício físico. Há sacrifícios envolvendo a oferta de objetos animados ou inanimados.

Quando alguém solicita algum tipo de progresso ou de lucro, isto envolve alguma espécie de investimento, assim como um fazendeiro que sacrifica parte de suas sementes para a plantação no ano seguinte, a fim de colher uma safra no final do ano, ou então um negociante que investe suas economias ou seus fundos de empréstimos em seus próprios negócios a fim de receber os rendimentos que irão satisfazer as suas necessidades recorrentes.

Desta forma, se alguém se comporta bem na divinosfera, receberá deles o necessário, o que irá facilitar no pedido de auxílio a outrem. Por isso, o último recurso na religião de Ifá é fazer um sacrifício.

Ọrúnmìlá diz que sacrifício é resgate, quaisquer que sejam os problemas, pode se dispor de algum tempo para solucioná-los ou para se dedicar a algo que venha a criar crédito, assim quando houver a real necessidade de fazer um sacrifício de acordo com o oráculo e o fizer prontamente, haverá a confiança de uma assistência.

Ọrúnmìlá revela que antes de alguém partir do céu para o mundo, ele aconselha a conseguir autorízação das divindades Oríentadoras. Se a pessoa aceitar o conselho dado para fazer o sacrifício, certamente encontrará uma estadia tranqüila no mundo. Mas se ele se recusa, a menos que faça o sacrifício depois de sua chegada ao mundo, ele estará propenso a ter problemas na terra.

Nós veremos nas vidas dos 256 Ọdus e Olodus, que virtualmente todos eles foram avisados a fazer sacrifícios antes de deixarem o céu. Nós também veremos o que aconteceu com aqueles que fizeram o que foi recomendado, assim como para aqueles que falharam em fazê-lo.

Todos esses sacrifícios envolvem a oferta de um ou mais bodes para Èṣu, que pode ser muito útil para aqueles que fazem oferendas para ele e trazer a destruição da sorte daqueles que se recusam a fazê-lo. Esse é o motivo pelo qual algumas pessoas se referem a ele como a divindade do suborno, porque ele não auxilia a ninguém gratuitamente.

A diferença fundamental entre Ọrúnmìlá e as outras divindades é que de certa forma na época em que eles foram criados por Deus, ele foi o único que reconheceu os poderes destrutivos de Èṣu e concebeu uma estratégia para ter uma harmonia com ele. Esta estratégia foi o sacrifício, ele compreendeu que Èṣu estava interessado apenas em reconhecimento e comida. Èṣu freqüentemente diz a Ọrúnmìlá: “Meu amigo é aquele que me respeita e alimenta, enquanto que meus inimigos são aqueles que desrespeitam e me fazem passar fome. Eu nem tenho uma fazenda ou um negócio próprio. Minha fazenda é o universo e minhas mercadorías são as criaturas de Deus.”

Veremos mais adiante que ele é capaz de se infiltrar e mutilar qualquer coisa criada por Deus. É por este simples reconhecimento do poder dele e como ele tem feito uso disto para sua própria vantagem, que Deus nomeou Ọrúnmìlá “Alguém que é sábio e sensato”.

Oyekumeji revelará adiante como a vida de um homem chamado Odo Agutan (o pastor celeste) ou (JewÈsùn como Ifá o chama) teve uma vida curta na terra por conta de sua recusa em fazer as oferendas a Èṣu antes de sua partida para a terra. Depois dando lhe nova chance de mudar sua opinião, por fim Èṣu se infiltrou no seu rebanho e pôs fim a sua vida. Isto é a despeito do fato que quando JewÈsùn foi diante de Deus para fazer seus pedidos para a estadia na terra, ele se comprometeu em viver fisicamente no mundo por cem anos, e jurou que durante aquele período ele estaria indo para liquidar qualquer vestígio do mal e da mão de Èṣu da face da terra.

Mesmo assim ele foi advertido em fazer sacrifício para Èşu, o qual ele recusou enfaticamente a fazer, por que ele não podia imaginar a lógica de fazer um sacrifício para um vilão que ele estava indo combater. O resto da estória é história e as forças do mal continuam a ter sucesso na face da terra.

Estas afirmações não são suficientes para sentenciar Èşu como o "demônio"; que não faz o bem, ele pode ser um dispersador de boas novas, dependendo da atitude de alguém para com ele.

Da mesma forma, na vinda para o mundo, ao homem é exigido fazer ainda mais sacrifícios para tudo o quanto ele desejar ter. Veremos que nenhum problema na vida pode resistir à eficácia do sacrifício fornecido e feito pontualmente, veremos também a vida das pessoas que após recusar fazerem os sacrifícios iniciais, foram obrigadas a fazê-los em dobro quando se viram entre o demônio e o profundo mar azul.

Há tendência de se pensar freqüentemente que um sacerdote de Ifá que recomenda sacrifício com animais como cabritos, carneiros ou bodes, simplesmente quer uma desculpa para ter carne para comer às custas de um consulente desamparado. Longe disto! Qualquer sacerdote que recomende mais sacrifício do que é ordenado por qualquer motivo, pagará por ele dez vezes mais. Do mesmo modo, Ọrúnmìlá igualmente recomenda aos seus sacerdotes a usar o seu próprio dinheiro para financiar sacrifícios para consulentes demonstravelmente destituídos. Ele apregoa desta maneira que os sacerdotes serão recompensados dez vezes. Veremos de Ofun-Ogbe, como Ọrúnmìlá usou seus próprios materiais e dinheiro para fazer sacrifício para Oríşá N'La e como ele foi conseqüentemente compensado duzentas vezes.

Existem dois sacrifícios principais os quais não podem ser negligenciados, são para Èşu e para Ògún. O escritor tem visto pessoas a quem foi recomendado fazer sacrifício assim para Èşu , mas recusaram e apenas poucos dias depois passaram por grandes dificuldades.

Um jovem foi avisado a dar um bode a Èşu a fim de evitar ser preso por um delito que ele não cometeu. Ele não se recusou a fazê-lo, mas prometeu ao sacerdote de Ifá que faria quando recebesse seu salário no final do mês. O sacerdote preveniu o jovem de que o perigo previsto no oráculo era muito iminente para o sacrifício poder esperar. O jovem que também era um homem (Aladura), me contou á parte, que sua igreja tinha visto a mesma coisa para ele, mas que ele tinha sido avisado para oferecer um jejum e orações especiais.

O sacerdote de Ifá, um homem muito velho em seus 90 anos, contou lhe que se ele mesmo tivesse o dinheiro, faria por ele, deste modo ele poderia indenizá-lo no final do mês. O escritor também se ofereceu para ajudá-lo, mas como o homem orgulhoso cujo pedido é lei, preferiu esperar até receber seu próprio salário.

Exatamente três dias depois, um batalhão de policiais armados invadiram a casa na qual o jovem morava, na busca de um ladrão armado. Todo mundo sabia que o jovem não tinha histórico de comportamento criminoso. Mas ele foi inadvertidamente arrastado pelos policiais e levado embora. Ele ficou em detenção por 23 dias. Tão logo o escritor foi informado do incidente, ele viajou ao Benin par informar a mãe da vítima sobre o sacrifício que ele tinha sido recomendado a fazer. O escritor finalmente financiou e o sacrifício foi feito rapidamente. Três dias depois do sacrifício ter sido feito, o jovem foi solto, após o verdadeiro culpado ter sido capturado. Uma mera coincidência alguém poderia imaginar.

Há também o caso de outro homem que foi avisado pelo sacerdote de Ifá a oferecer um galo e um cão a Ògún pelo oráculo, ele fez num sábado de manhã. Foi recomendado a ele não viajar a lugar

nenhum antes de fazer o sacrifício. Ele deu dinheiro a sua esposa para comprar o material sacrificial e foi visitar um amigo. Na casa deste amigo ele recebeu a notícia de que a mãe de seu amigo estava seriamente doente em uma vila chamada Igousodin, mais ou menos a 16 km de Benin. Esquecendo o aviso que tinha sido dado e antes de fazer o sacrifício, decidiu conduzir o seu amigo em seu próprio veículo até a vila de sua mãe.

No caminho para a vila, ele encontrou um cortejo fúnebre, e ele dirigiu no meio da multidão, matando dois dos oficiantes do funeral. Seu carro não foi apenas queimado, como foi linchado para morrer. Estas lembranças são dolorosas, porque a vítima infeliz era um amigo querido.

De igual importância é o sacrifício para seu próprio guardião (Eleeda ou Ehi). O próprio guardião de alguém é um pouco mais paciente e favorável. Entretanto todo sacrifício que alguém é recomendado a fazer para ele deve ser feito até se implicar em empréstimo de dinheiro para fazê-lo.

O guardião não pede sacrifício a não ser que tenha um motivo para usar o sacrifício para satisfazer a outra divindade cuja proteção não pode ser angariada facilmente. Quanto a não alimentar o anjo guardião de alguém com os sacrifícios prescritos, equivale a sua própria inanição.

O guardião é o conselheiro de alguém e advogado na divinosfera.

CAPÍTULO VIII

O LUGAR DE ÈṢU NO SISTEMA PLANETÁRIO

Èṣu é comumente mencionado como o mal. Nós fomos educados pelas outras religiões que ele era um anjo de Deus que caiu em desgraça e como conseqüência foi expulso do paraíso. De modo mais preciso, ele pode ser descrito como uma divindade mágica. Em geral é considerado como o chefe das forças do mal na divinosfera, ainda que nela existam, além dele, outras divindades mortíferas.

O Rei da Morte destrói maciçamente; Ògún, Ṣàngó e Sapana não perdoam quando são ofendidos e também destroem com crueldade, contudo eles são divindades agindo conforme sua própria natureza e seus próprios direitos, e não como agentes de Èṣu . A penalidade para quem os ofende é a morte. Por outro lado, Èṣu pode criar obstáculos no caminho de alguém, somente para dar a vítima à oportunidade de reconhecê-lo; após o que ele pode transformar o infortúnio em boa sorte. Ele é um trapaceiro, mas apenas para aqueles que o depreciam, ou diminuem. Ele é a divindade da confusão e da incerteza.

Tem havido um esforço consciente para aproximar Èṣu da divindade do mal, como o Lúcifer bíblico, de quem também se diz ter caído do céu em desgraça. Mas nós podemos ver claramente que a diferença entre eles é que um existe autonomamente ao lado de Deus, enquanto o outro foi criado por Deus e influenciado por Èṣu .

Veremos em Ejiogbe, como Èṣu veio a existir. É revelado que a escuridão existiu antes da luz. A escuridão, que é qualquer coisa que não podemos ver através, ou compreender prontamente, representa a força do mal, a qual anuncia a existência de Èṣu. Assim como a escuridão anuncia o nascimento de Èṣu, a Luz anuncia o advento de Deus. A luz representa a verdade, a bondade, a objetividade, a honestidade e o otimismo. O bem e o mal existem lado a lado e estão em constante e interminável concorrência. Um não é criação do outro, por que o bem não pode ser gerado pelo mal, assim como o mal não pode ser gerado pelo bem.

Na luz dos acontecimentos, a divindade chamada Èşu a que estaremos nos referindo neste livro, é uma entidade que não deve ser vista como independente a Deus. Ele veio a ser ao mesmo tempo do que Deus. A superiorídade de Deus reside no fato de que Èşu não pode criar, assim como Deus é a única autorídade que tem este poder. Mas Èşu pode mutilar, transformar e causar danos quando ele quer, e ele também pode ser construtivo e até imparcial, quando é persuadido a fazer isto. Deus é a única agência que pode ser boa e distribuir benefícios e bênçãos do começo ao fim. Ele não tem que ser subornado para ser favorável aos seus filhos. Ao inverso, Èşu está sempre aproveitando a oportunidade que tiver para demonstrar que, caso alguém não reconheça a sua autorídade, ele terá meios de obrigar a esta pessoa a fazê-lo, criando-lhe problemas deliberadamente.

Veremos também que Èşu, em sua capacidade de distribuir o mal, pode conquistar as melhores mentes, tomar conta delas e manipulá-las de acordo com sua vontade. Foi esse Èşu que tomou conta da mente de Lúcifer e o fez se voltar contra Deus. Foi também ele quem tomou conta de mente de Judas Iscariotes e o fez se voltar contra Jesus Cristo. É o mesmo Èşu que volta o filho contra o pai, a esposa contra o marido, amigos contra amigos, irmãos contra irmãos, homens contra homens, nações contra nações, a terra contra o céu, etc.

Tem se discutido que ele é quem tem maior quantidade de seguidores dentre qualquer comunidade de criaturas vivas. Não há ser criado por Deus que Èşu não possa manipular, começando com as divindades que Deus criou primeiro, para auxiliá-lo na administração do Universo. Èşu criou tantos problemas para elas que ele acabou usando-as conforme sua vontade. Quando estas divindades perpetraram o mal, tanto umas contra as outras, quanto contra os indefesos mortais, elas o estavam fazendo sob a influência de Èşu e não como servidores de Deus. Algumas destas divindades pensaram várias vezes que pudessem ignorar Èşu e prosseguir assim.

Conforme descrito no capítulo anterior, que tratava da criação do mundo, Deus mandou suas duzentas divindades preferidas para a terra, mas Èşu veio com elas como a ducentésima primeira (201ª.) divindade. Todas elas trouxeram consigo instrumentos recolhidos dentro do quarto mais íntimo da casa de Deus, exceto Èşu, que é um fenômeno independente. Esses instrumentos, ferramentas e miudezas que estas divindades trouxeram com elas para o mundo, consistem os materiais com os quais seus seguidores são iniciados para seus cultos em diferentes fé e ordens religiosas até hoje. A diferença entre as outras divindades e Èşu é que ele não tem religião própria e ninguém é iniciado para seu culto exclusivo. Com exceção da pedra procurada na água corrente de um rio, que é usada para preparar seu altar e de seu animal favoríto, o bode, não há qualquer outro instrumento ou ferramenta com a qual Èşu possa ser associado. Seu altar em geral é preparado apenas por aqueles que preferem recrutar a sua ajuda, ante ao seu antagonismo, e não que a ele estejam servindo de alguma outra maneira discernível.

A verdade sobre o lugar de Èşu na divinosfera é que esse é o lugar mais traiçoeiro e enganoso de todos. Nós iremos descobrir mais tarde nesses livros, que logo depois que ele veio ao mundo com essas divindades, elas todas tentaram mantê-lo isolado e à parte. Elas se recusaram a reconhecer seu poder e autorídade. Veremos também que problemas ele criou para todo o grupo como estratégia para obrigá-los a reconhecerem seus poderes. Descobriremos que quando todas as divindades resolveram vir ao mundo para definir sua própria posição na hierarquia, elas concordaram que cada uma festejaria todas as outras em suas próprias casas, seguindo uma ordem hierárquica de Antigüidade. Oríşá N'Lá estava indicado para ser o primeiro, uma vez que tinha sido escolhido como representante do próprio Deus na terra. Èşu de certo modo alertou-os de que ninguém poderia pretender ser mais antigo do que ele, porque ele estava lá antes que qualquer outro tivesse sido criado. Elas o mandaram calar-se.

Oríṣá N'la então começou a preparar a sua própria festa. Nesse dia, tão logo a mesa foi estendida para que comidas e bebidas fossem servidas, Èsù piscou seus olhos para dois dos filhos de Oríṣá N'la e eles foram imediatamente tomados por convulsões. Quando a festa estava para começar, gritos foram ouvidos vindos do Harém de Oríṣá N'la e todos abandonaram a mesa de jantar para descobrir o que estava acontecendo. Antes que qualquer um deles pudesse fazer alguma coisa, as duas crianças morreram.

O mesmo incidente, em diversas variações, aconteceu quando chegou à vez das outras divindades.

No final, todos acabaram concordando em deixar Èṣu iniciar com os banquetes, e depois disso todas as outras fizeram suas festas sem atrasos ou impedimentos.

Esse incidente ilustra claramente que ninguém pode competir e confrontar Èṣu. Mesmo Deus, que teorícamente tem poder para eliminá-lo da superfície do sistema planetário, permitiu que ele transitasse livremente entre os pobres e indefesos mortais. Ọrúnmìlá é a única divindade que sabe como administrar Èṣu até hoje. Veremos em Obge-Odi como Èṣu tornou-se um parceiro íntimo de Ọrúnmìlá. Ele é a única divindade que sabe como aplacar Èṣu e obter dele o máximo de proveito. E é por isto que Ọrúnmìlá, sabendo que ele é o arquiteto do infortúnio, está sempre a recomendar seus seguidores para que ofereçam freqüentes sacrifícios a Èṣu.

Qualquer um que deseje ser bem sucedido em plantar, caçar, negociar e etc, é avisado por Ọrúnmìlá para que comece dando a Èṣu o seu bode. Veremos depois em Obge-Okanran como um estrangeiro recém-chegado que queria ser fazendeiro foi instruído por seus vizinhos para que plantasse nos pântanos, quando todos eles sabiam muito bem que durante as chuvas, tudo o que tivesse sido semeado nos pântanos seria destruído pelas enchentes. Ọrúnmìlá instruiu o fazendeiro para que desse um bode para Èṣu, que reagiu suspendendo as chuvas naquele ano. Todos os outros fazendeiros da cidade fizeram suas plantações no topo das colinas e nos vales, e suas plantações secaram pela falta de água. Todos eles então tiveram que comprar alimentos do novo fazendeiro, naquele ano, porque suas plantações no pântano tinham propiciado as mais ricas colheitas.

No ano seguinte, o novo fazendeiro foi aconselhado pelos mais velhos da cidade a fazer sua fazenda nas colinas, enquanto eles fariam as deles nos pântanos. O visitante foi novamente a Ọrúnmìlá, que mais uma vez recomendou-lhe que desse um bode a Èṣu. Depois de fazer a oferenda, o fazendeiro começou a plantar na colina. Tendo aceito a oferenda, Èṣu veio uma vez mais para abrir a rolha com a qual havia estancado o barril da chuva do céu no ano anterior. Começou a chover tão fortemente que só a fazenda sobre as colinas floresceu imensamente. Todas as outras, feitas nos pântanos, foram destruídas pelas enchentes. Uma vez mais a cidade inteira teve de comprar alimentos do recém-chegado durante todo o ano seguinte. Estes dois acontecimentos fizeram do novo fazendeiro o mais próspero homem da cidade. Veremos mais tarde como acabou por ser coroado Ọba de toda a região, quando considerarmos os feitos de Ogbe-Okanran, um dos ọdus de Ejiogbe.

Neste ponto, esta história tem o único interesse de demonstrar que Èṣu pode ser um ajudante valioso para a pessoa que não o subestimar ou negligenciar. E é por isso que antes eu o descrevi como divindade da razão ou a interação entre o bem e o mal. Ele age de diferentes modos. Ele pode influenciar a mente de um juiz encarregado de um caso para realizar ou impedir um julgamento que afete a qualquer pessoa, dependendo de que esta tenha ou não feito oferendas a ele. Veremos depois como ele puniu um conceituado general do exército que tinha sido mandado pelo rei em missão de conquistar uma cidade inimiga. Antes de partir para a guerra, o general buscou um adivinho, onde foi instruído a dar um bode a Èṣu. Ele estava, no entanto, tão certo de sua habilidade que não considerou necessário fazer qualquer sacrifício. Aí então ele seguiu para a guerra, mas foi avisado que ficasse consciente do infortúnio que viria depois de seus atos de bravura em batalha.

Ele foi mesmo vitorío so nas batalhas, e quando voltou ao rei para narrar-lhe o seu sucesso, Èşu influenciou um dos conselheiros reais a dizer que não seria suficiente narrar como ele tinha submetido o rei da cidade dominada, mas que o General devia demonstrar como ele tinha agido.

Enquanto ele dançava e demonstrava seus movimentos com a espada, Èşu tirou a espada da mão do General e ela caiu de suas mãos ferindo o rei, que imediatamente caiu inconsciente.

O General foi imediatamente preso e acorrentado, aguardando julgamento e execução. E foi durante o tempo de prisão que o general lembrou-se do sacrifício que ele tinha deixado de fazer a fim de evitar desastres depois de sua vitória na batalha. Ele então mandou uma mensagem a sua esposa, que imediatamente ofereceu um bode a Èşu. Tendo recebido o que desejava, Èşu foi em espírito a Ọrúnmìlá, que era também o médico do rei, Oríentando-o para que usasse um determinada folha para fazer o rei recobrar a consciência. Ọrúnmìlá instantaneamente deixou seu palácio para curar o rei e tão logo usou as folhas indicadas por Èşu, fez com que o rei voltasse a si. Novamente, Èşu tomou conta da mente do conselheiro real que antes tinha dado a sugestão que acabara gerando a catastrófica demonstração de Luca com a espada e fez lhe desta vez, recomendar compaixão. O mesmo conselheiro apelou ao rei que lembrasse dos bons serviços que o general já lhe prestara no passado, retomando o ditado de que “Um servo leal não pode ser condenado com base em um único erro fortuito e não intencional.” Sua sugestão foi prontamente aceita pelo rei e o general foi perdoado e finalmente homenageado por sua vitória.

Esta história, como veremos depois, ilustra claramente o que Ọrúnmìlá tem ensinado a seus seguidores: que ninguém pode vencer uma batalha com Èşu, porque ele tem o poder de influenciar todas as criaturas e manipulá-las a sua vontade. Èşu é capaz de dominar um homem com um estalar de dedos. Os homens podem apenas evitar a cólera de Èşu, alimentando-o ou aplacando-o periodicamente, sem necessariamente terem de submeter-se a ele. Èşu é capaz de voltar pais contra filhos, tornar o inocente culpado, voltar esposas contra os maridos, bruxas contra os homens e transformar fortuna em infortúnio, dependendo apenas de que esse alguém tenha procurado sua ajuda ou incorrido em seu desprazer.

O papel de Èşu como divindade do bem e do mal pode ser claramente ilustrado nas revelações de Irosun-Irete, que nos contarão mais tarde como um sacerdote chamado Okpini fora advertido por Ifá para que nunca deixasse sua casa para dar consultas fora, sem antes oferecer, cedo pela manhã, um inhame assado a Èşu, por sete dias seguidos.

Ele seguiu a advertência ao pé da letra por seis dias consecutivos. No sétimo dia, foi intimado muito cedo, pela manhã, para ir ao palácio real, porque o rei precisava dele para uma decisão urgente. Sem esperar para dar primeiro o inhame assado a Èşu, ele partiu apressadamente para o palácio, apesar de ter intenção de fazê-lo tão logo retornasse à sua casa. Èşu ficou aborrecido e decidiu fazer com que o sacerdote pagasse por ter dado maior deferência ao rei do que a ele.

Okpini foi ao palácio e lhe disseram que as coisas não iam indo bem para o rei. Ele disse que os súditos não estavam pagando seus impostos pontualmente e, com isto, a fortuna do palácio vinha diminuindo. O rei queria que ele descobrisse porque isto estava acontecendo e como melhorar a situação. Após a consulta oracular, Okpini disse ao rei que fizesse o sacrifício e a situação daria sinais de melhora naquele mesmo dia. Ele predisse que após o sacrifício, caçadores trariam ao palácio naquele dia: uma serpente, um veado vivo e notícias de dois caçadores que tinham conseguido abater um búfalo e um elefante.

O rei seguiu rapidamente as prescrições e ficou esperando que as predições de Okpini se manifestassem. Terminado o trabalho, Okpini voltou para casa, todas as suas predições iriam se mostrar verdadeiras, mas Èşu estava determinado a impedir que elas se manifestassem.

Enquanto isso, Èşu se transfigura em um velho cidadão e toma posição na ponte que dá acesso à cidade (Ubode em Yorùbá). Quando o homem com a serpente chega, o ancião diz a ele que, no seu próprio interesse, não vá ate o palácio, porque o rei está fazendo certos sacrifícios e os sacerdotes de Ifá lhe tinham recomendado que qualquer caçador que viesse ao palácio com qualquer animal, ou para contar que tivesse abatido qualquer caça (era tradição, naqueles tempos, que qualquer pessoa que abatesse um animal grande deveria contar ao rei para render-lhe homenagem), deveria ele mesmo (o caçador), ser usado como vítima do sacrifício que estava sendo oferecido no palácio naquele dia.

Tão logo o homem que trazia a sucuri ouviu as más notícias, agradeceu o velho homem e sentou-se perto da Ubode para esperar. O homem com o veado vivo, o que havia matado o búfalo e o que havia matado o elefante também se refugiaram temporariamente perto da ponte. Todos eles acabaram passando a noite ali, nem ousando entrar na cidade e muito menos ir até o palácio.

Depois de esperar em vão que as previsões de Okpini se tornassem verdadeiras, o rei se aborreceu e, na manhã seguinte, mandou chamar Okpini mais uma vez. Desta vez, Okpini já tinha dado o inhame a Èşu, embora com atraso.

Chegando ao palácio, o Ọba acusou-o de incompetência e de ser mentiroso e trapaceiro. Ele estava irremediavelmente em desgraça. Deprimido, Okpini retornou a sua casa, embrulhou seu Ifá e jogou-o no rio Oşun, por tê-lo enganado nas predições.

No entanto, tão logo ele tinha deixado o palácio, Èşu, que já tinha recebido seu inhame, foi contar aos caçadores que aguardavam na Ubode, que os sacrifícios na palácio haviam terminado, e que o caminho estava abeto e que eles poderiam prosseguir até o palácio. Todos eles chegaram lá ao mesmo tempo para renderem suas homenagens ao rei.

O rei admirou-se de que todos eles tivessem chegado ao palácio ao mesmo tempo e perguntou-lhes se por acaso todos teriam ido caçar no mesmo lugar. Em resposta, eles lhe contaram, sem medo, como tinham passado a noite na Ubode, embora, na verdade, tivessem chegado à cidade na véspera.

Nesse momento, o rei entendeu que as previsões de Okpini tinham se cumprido na íntegra, mas que as malévolas maquinações de um desconhecido tinham assustado os caçadores. O rei mandou rapidamente um chamado a Okpini, pedindo-lhe desculpar por incomodá-lo tão cedo. Disse-lhe então que todas as previsões tinham se realizado, recompensou-o e conferiu-lhe um alto título. Okpini mais tarde voltou para casa à frente de um cortejo triunfal.

Tão logo chegou em casa, correu para o rio Oşun para recuperar seu Ifá e, ao chegar em casa, apaziguou-o com a oferenda de uma cabra que o rei lhe havia dado. Os leitores podem imaginar como, falhando em dar um mísero inhame assado a Èşu, tantos transtornos foram causados. È por isso que, no culto de Ifá, as pessoas são sempre ensinadas a fazer as oferendas prescritas para Èşu sem qualquer demora.

Um exemplo final é dado em Irosun-Osa, o do barbeiro real que é alertado para fazer sacrifício para Èşu a fim de evitar que as suas tarefas não consigam ser completadas. Ele se recusou a fazê-lo. Nesse ínterim o rei pede ao barbeiro que venha ao palácio lhe cortar o cabelo. Quando percebeu que

o barbeiro tinha se recusado a fazer-lhe o sacrifício, Èṣu se transforma em um velho cidadão e vai ao barbeiro para cortar o cabelo, chegando exatamente na hora que ele está de saída para o palácio.

O velho homem tenta convencer o barbeiro a atendê-lo antes de sair. Este faz o que pode para convencê-lo a voltar mais tarde, uma vez que está indo atender o rei, mas não consegue. Finalmente, decide, pelo preço de 5 kobo, cortar o cabelo do ancião. Mas aí percebe que à medida que vai cortando-lhe o cabelo, este vai crescendo, instantaneamente, e apesar de levar o dia inteiro cortando o cabelo do homem, nem um único fio de cabelo cai no chão.

No fim do dia, o velho acusa o barbeiro de ineficiência e recusa-se lhe pagar o combinado porque o seu cabelo e está mais comprido do que estava antes de vir cortá-lo. E é nesse ponto que o barbeiro, tendo desapontado o rei naquele dia, entende que devia ter feito o tal sacrifício. O que deve ser observado nessas análises é que, como todas as outras divindades, Èṣu é invisível e pode influenciar situações e fatos de diversas maneiras. É errado supor que Deus espere de nós, simples mortais, que antagonizemos Èṣu, porque nós nem ao menos podemos vê-lo para abrir-lhe combate. Ele opera em espírito e, muitas vezes, age por procuração. A regra do culto a Ifá é dar a Èṣu o que quer que seja necessário para agradá-lo, e, às outras divindades, o que elas desejarem, e só assim alguém poderá ter a chance de atingir os objetivos de seu destino.

À medida que vivemos, não temos meios de nos confrontar com forças invisíveis, quer elas tenham boas ou más influências em nossas vidas. Verdade é que, à medida que seguimos as regras de ouro, fazendo às outras criaturas de Deus aquilo que esperamos que elas façam para nós, estamos diretamente a serviços de Deus. Mas isso não significa que não estaremos vulneráveis a outras forças malignas, invejosas de nossas virtudes e determinadas a expulsar os atributos da bondade da face da terra. Ọrúnmìlá revela que, o modo como Deus espera que nós reajamos a estas forças do mal não é fazendo o mal, mas defendendo-nos delas.

A questão agora é, como os seres humanos que se queixam das maldades dos outros contra eles, podem eles mesmos pedir absolvição total por praticar o mal?

O chefe de um escritório que insiste que seus subordinados lhe paguem propinas antes de promovê-los, chefes homens que insistem que seus subordinados do sexo feminino, casadas ou não, vão com eles para a cama antes de serem recomendadas para receber seus direitos de rotina e/ou privilégios, o trabalhador que exige propina de uma concessionária antes de garantir isenções estatutárias ou cívicas, o policial que recebe propina um caso, de modo a alterar o curso da justiça, o bancário que causa prejuízos ao público fazendo operações de câmbio no mercado negro, assim impedindo que esse dinheiro seja usado para cumprir obrigações nacionais legítimas, aqueles que usam meios físicos e diabólicos para buscar a morte de alguém que esteja atrapalhando seu caminho de ganho, lucro, promoção ou competição, qualquer pessoa que falsifique uma situação à custa de outros para seu ganho pessoal, qualquer pessoa que participe da conquista de uma posição ou indicação, em detrimento de outros e para seu próprio benefício, qualquer um que roube seu vizinho abertamente ou não, e qualquer funcionário público que inflacione o custo de um projeto ou contrato para aumentar sua própria comissão, não pode esperar invocar a graça de Deus, não importa quão fervorosas sejam suas preces. É um princípio fundamental das regras da divinosfera que aqueles que buscam a bênção das divindades, devem fazê-lo se tiverem às mãos razoavelmente limpas. Nenhum homem pode, sob qualquer justificativa, esperar melhor justiça dos poderes superiores denegrindo a integridade de outros, quando são, eles mesmos, culpados de ofensas semelhantes.

Quando nos engajamos em qualquer prática que não seja sadia, estamos agindo como agentes do mal e não como servidores de Deus. Se uma pessoa dessa espécie está rezando ou pedindo algo e espera que Deus e suas divindades escutem suas preces, está simplesmente esperando extrair água

de uma pedra Assim sendo, é razoável concluir que desde que não são muitas as pessoas que servem a Deus de maneira correta, é lógico que partamos para a segunda melhor alternativa: a de encontrar Deus através de seus agentes, as divindades e conseqüentemente aplacando as forças do mal, das quais nós mesmos não estamos livres. Em outras palavras, aqueles que estão verdadeiramente limpos de coração, e eles são poucos e estão longe, podem ousar ignorar Èşu e prosseguir. Mas na medida em que nadamos, nos banhamos e bebemos da correnteza do mal, não estamos em posição de condenar Èşu. É só através do bem absoluto que podemos lutar e nos precaver contra Èşu. É por isso que no Novo Testamento, quando a multidão quer apedrejar Maria Madalena por prostituição, como era costume entre os judeus naqueles tempos, Jesus pediu que qualquer pessoa daquela multidão que se considerasse livre de pecado, atirasse a primeira pedra, e ninguém atirou.

É assim que Ọrúnmìlá, a divindade da sabedOría, nos ensina que a melhor abordagem a Èşu é tentar apaziguá-lo para que ele não obstrua os caminhos de nossa vida, porque nós não somos suficientemente fortes, nem física, nem espiritualmente, para lutar contra ele.

O SIGNIFICADO ESPECIAL DO BODE PARA ÈŞU

Os leitores verão mais tarde neste livro, que o bode é a principal oferenda para Èşu. Veremos também que o bode e o cachorro, juntos, costumavam ser empregados domésticos de Ọrúnmìlá no céu. Foi à deslealdade do bode que o tornou vítima sacrificial para Èşu. Mais importante, todavia, o bode tornou-se a principal oferenda para ele por causa de um débito como Rei da Morte. Irosun-Irete revela como o filho de um Ọdu de Ọrúnmìlá chamado Imoton ou "sabe-tudo" aborreceu o Rei da Morte. Para testar o quanto de sabedOría ele realmente tinha, como seu nome indicava, o Rei da Morte deu-lhe um bode para criar para ele, ordenando-lhe que ele trouxesse, anualmente, os filhotes que ele gerasse. Enquanto isso Ọrúnmìlá tinha pensado em comprar uma cabra para viver com o bode. Èşu alertou-o que esta abordagem não seria aceitável pelo Rei da Morte. Èşu disse a Ọrúnmìlá que lhe desse o bode para comer e que ele saberia o que fazer quando chegasse à hora.

Quatro anos mais tarde, o Rei da Morte mandou uma mensagem ao filho de Ọrúnmìlá para que lhe trouxesse o bode e suas crias. Nesse momento, Èşu pediu que lhe comprasse outro bode que ele também matou e comeu, deixando um de seus membros e a cabeça. Ele usou a para marcar pegadas no chão, simulando o movimento de uma grande quantidade de bodes. Èşu também preparou cordas supostamente usadas para amarrar uma quantidade grande de bodes. Èşu em seguida acompanhou Ọrúnmìlá para responder ao enigma do rei da Morte. Chegando lá, Èşu explicou que quando eles vinham vindo com as crias ao lado do bode, um grupo de bandidos armados os atacou, roubando o bode e seus filhotes. Para substanciar a história, Èşu mostrou ao Rei da Morte as cordas usadas para amarrar todos os bodes. Acrescentou que eles tinham matado o bode Oríginal e por isso lhe tinham trazido a cabeça e a pata.

O Rei da Morte então se voltou para Èşu dizendo que ele teria de pagar pelo bode perpetuamente. Èşu por sua vez, reuniu as duzentas divindades e disse-lhes que daquela data em diante, se elas quisessem paz e prosperidade deveriam sempre lhe oferecer bodes para que ele resgatasse seu débito como Rei da Morte. Esse é o bode que todos nós pagamos a Èşu até hoje. Até onde este autor pode verificar, todas as divindades conhecidas recomendam a seus seguidores oferecer, periodicamente, sacrifício de bodes a Èşu.

CAPÍTULO IX

O LUGAR DAS FEITICEIRAS NO SISTEMA PLANETÁRIO

A posição das feiticeiras no sistema planetário, são atribuídos como os espíritos do mal que operam durante a noite para trazer sofrimentos e padecimentos aos seres humanos. Assim como ao demônio, é esperado de nós que tenhamos medo das feiticeiras e nos mantenhamos à distância delas. No decorrer da minha investigação, eu vim a descobrir que elas pertencem a uma esfera cosmogônica, a qual tem recebido o nome mais antigo Senhoras da Noite.

Veremos em Osa-Meji, como elas vieram e se instalaram no mundo e como se tornaram mais poderosas, ao ponto que nenhuma outra divindade pode derrotá-las. Elas podem frustrar os esforços de todas as outras divindades que falharam em lhes dar o reconhecimento adequado.

Também descobri que elas não são totalmente más como freqüentemente são representadas. Como todo o conjunto de corpos celestiais e terrestres, há feiticeiras boas ou inofensivas e há feiticeiras más ou negras e vermelhas.

Elas administram provavelmente o mais justo sistema de justiça. Elas não condenam sem um julgamento apropriado e imparcial. Se alguém se aproxima delas com uma acusação contra alguém, elas considerarão todos os lados antes de chegar a uma decisão. Ose-Osa e Osameji, nos contarão como elas vieram ao mundo e como sobrepujaram todas as outras divindades.

Ọrúnmìlá nos conta porque e como elas não destroem ninguém a não ser que a pessoa tenha atravessado o juramento feito entre Oríṣá N'la, Ọrúnmìlá e as feiticeiras. As feiticeiras não matam homem algum que age sinceramente de acordo com o sistema de instituição do povo e tabus proclamados por Deus.

Veremos como Ọrúnmìlá revelou que as feiticeiras foram a princípio mais atenciosas que os meros mortais. Foram os seres humanos que as ofenderam primeiro, matando seu único filho. Acontece deste modo que as feiticeiras e os mortais (OgbOrí em Yorùbá e Ogboi em Bini) vieram como irmãs ao mundo ao mesmo tempo. A mortal teve dez filhos enquanto a feiticeira teve apenas um.

Um dia a leiga estava indo ao único mercado disponível naquele tempo, chamado "Oka Ajigbomekon Akota" (Eki Adagbon Aderinnwin em Bini). Estava situado na fronteira entre o céu e a terra. Os habitantes do céu e da terra o usavam para comércio comum, de modo que a leiga indo ao mercado, pediu à feiticeira que cuidasse dos seus dez filhos durante sua ausência. A feiticeira tomou conta muito bem dos dez filhos da mortal e nada aconteceu a nenhum deles.

Então foi a vez da feiticeira ir ao mercado. Seu nome então era Iyami Osoronga em Yorùbá e Iyenoroho em Bini. Tendo ela partido para o mercado, também pediu para sua irmã, para cuidar de seu único filho durante sua ausência. Enquanto ela estava fora, as dez crianças da mortal sentiram vontade de matar um passarinho para comerem. OgbOrí falou a suas crianças que se eles quisessem a carne de um passarinho, ela iria ao mato buscar um para comerem, mas que eles não deveriam tocar no único filho da feiticeira.

Enquanto a mãe foi ao mato, suas dez crianças juntaram-se e mataram o único filho da feiticeira e assaram sua carne para comer. À medida que as dez crianças de OgbOrí assassinaram do filho da feiticeira, o poder sobrenatural deu a ela um sinal de que nada estava bem em casa. Ela rapidamente abandonou as compras no mercado e retornou para casa apenas para descobrir que seu filho tinha sido assassinado. Ela não conseguia compreender nada, porque sua irmã foi ao mercado e ela foi

bem sucedida cuidando das dez crianças sem nenhum transtorno, mas quando foi sua vez de ir ao mercado, sua irmã negligenciou seu único filho.

Ela chorou amargamente e decidiu abandonar a casa aonde viveu com sua irmã.

Elas tinham um irmão com o qual elas vieram ao mundo ao mesmo tempo, mas que preferiu morar no meio da floresta, porque ele não desejava ser incomodado por ninguém. Era Irókò.

Quando Irókò ouviu a feiticeira chorando, ele a convenceu a revelar o que estava acontecendo, e ela lhe contou como os filhos de sua irmã OgbOrí assassinaram o seu único filho, sem sua mãe ser capaz de impedi-los.

Irókò consolou-a e lhe garantiu que a partir daí ele se alimentariam dos filhos de OgbOrí. Foi a partir daí que, com o auxílio de Irókò, a feiticeira começou a picar as crianças de OgbOrí uma após as outras. Veremos também como Ọrúnmìlá interferiu para impedir a feiticeira de destruir todas as crianças de OgbOrí e o porque a rixa continua até hoje. Foi Ọrúnmìlá que apelou a Irókò e a feiticeira e pediu-lhes que aceitassem, a fim de parar o assassinato dos filhos mortais dos leigos.

É deste modo que Ọrúnmìlá introduziu o sacrifício (Èbutu) de oferendas às senhoras da noite, o qual envolvia um coelho, ovos, fartura de óleo e outros itens comestíveis.

Da mesma maneira como Èşu nós não podemos nos opor as feiticeiras sem o suporte principal adequado. Nós apenas tentamos descobrir por meio do oráculo o que nós podemos lhes dar para angariar seu apoio e no instante em que o fizermos lhes dar o que mais elas pedirem, elas com freqüência descem novamente sobre alguém que não entendeu este aspecto da existência humana, eles são os que caem com facilidade vítimas de bruxaria.

Finalmente Ọrúnmìlá foi decretado pela divinação pública a ser o único capaz de cativar a mulher. Assim que ele foi abordado para a tarefa, fez os sacrifícios necessários e ao invés de ir ao Ìlú Omuo, com um exército, ele foi com um cortejo dançante o qual adentrou reto para dentro da cidade.

Quando as mulheres viram o longo cortejo de homens maravilhosamente vestidos e mulheres dançando na cidade com melodiosa música, elas perceberam que era momento de voltar para a casa de Ifé. Antes de elas compreenderem o que estava acontecendo, eles já estavam todos de volta a Ifé e havia reconciliação e júbilo geral.

Este incidente ilustra novamente de maneira clara que não é fácil derrotar as forças das feiticeiras por meio de agressão sem apelar para uma autorídade superior. A maneira mais fácil de proceder para com elas é por meio de apascentamento. Ọrúnmìlá não resolve nenhum problema através de confronto a menos que todos os meios possíveis de conciliação tenham falhado. Até mesmo nesse caso, ele freqüentemente ele solicita o auxílio das divindades mais agressivas para fazer o serviço sujo para ele. E ele é uma divindade muito paciente. Ele diz que só pode reagir depois de ter sido ofendido trinta vezes e até neste momento, levar no mínimo três anos para se sentir ofendido, depois ainda dando ao ofensor ampla oportunidade de arrepender-se.

A única força capaz de sobrepujar o poder das feiticeiras é a terra. Em Ose-Osa (Osemolura) teremos a informação de como o próprio Deus proclamou que o solo (Oto ou Ale) seria a única força que destruiria qualquer feiticeira ou divindade que transgredisse algumas das leis naturais. Isto foi proclamado na época quando um Curandeiro do Céu chamado Eye to yu Oke to Yoi Orun tinha se comprometido na destruição das divindades terrestres devido à suas condutas perversas na terra.

Osemolura, quem transportou a mãe das feiticeiras para o mundo, porque nenhum outro tentou fazê-lo, também nos contará que o juramento que Oríṣá N'lá fez a feiticeira submeterem-se foi ao solo. O juramento foi submetido em oposição a injustificável destruição de vidas humanas. Conta-nos porque as feiticeiras não têm poderes para destruírem o filho sincero de Deus, ambos são seguidores de votos de Ọrúnmìlá.

Veremos também que o enorme poder manuseado pelas anciãs da noite, lhes foi dado pelo Pai Todo Poderoso, na época em que Deus vivia livre e fisicamente com as divindades. Foi dado a feiticeiras o poder exclusivo de manter vigia sempre que Deus estivesse tomando seu banho pouco antes do galo cantar. Era proibido ver Deus despido. As feiticeiras divinas eram as únicas a quem foi dada esta autorídade. Elas freqüentemente davam sinal ao galo que Deus já tinha tomado seu banho, depois disso o galo cantava pela primeira vez na manhã.

Deus não abandona o restante da sua criação à mercê das anciãs da noite. Por meio de Osa-Ose, Ọrúnmìlá revelará como Deus conta conosco para nos proteger contra os poderes das feiticeiras.

Havia uma linda moça no palácio de Deus que estava pronta para casar. Ògún, Osonyin (Osun) e Ọrúnmìlá estavam interessados na garota. Deus consentiu em dar a mão da moça em casamento ao admirador que provasse ser merecedor de sua mão. A tarefa a ser cumprida como prova de elegibilidade para a mão da moça era colher um tubérculo de Inhame da fazenda divina sem quebrá-lo.

Ògún foi o primeiro voluntário a realizar a tarefa. Ele foi à fazenda e desenraizou o tubérculo. Tão logo ele o puxou, quebrou-se, o que logicamente descartava a sua candidatura.

Osun foi o próximo a tentar sua sorte e também passou pela mesma experiência. Foi à vez de Ọrúnmìlá ir até a fazenda. Mas ele não se direcionou diretamente para a fazenda. Ele decidiu descobrir porque aqueles que tentaram antes dele falharam e o que fazer para ser bem sucedido. Ele consultou o oráculo e durante a consulta foi informado do que era desconhecido a todos, Deus tinha nomeado as anciãs da noite para zelar pela fazenda.

Eram elas portanto, as responsáveis pelos inhames mágicos arrancados quebrarem. Ele foi recomendado a fazer um banquete para elas com àkarà, ẹkọ e todos os itens de coisas comestíveis, e um grande coelho, e também para servir o banquete na fazenda à noite. De acordo ele executou o sacrifício de noite. Naquela noite todas as guardiãs da fazenda divina banquetearam-se com a comida. Na mesma noite, Ọrúnmìlá teve um sonho no qual as feiticeiras enviaram alguém para lhe dizer para não ir a fazenda no dia seguinte. Ele deveria ir um dia depois.

No dia seguinte elas fizeram a chuva cair pesadamente sobre o solo a fim de amolecê-lo.

Depois disto todas as feiticeiras fizeram um juramento solene de não encantar o inhame de Ọrúnmìlá a quebrar.

O terceiro dia, Ọrúnmìlá foi à fazenda e arrancou o inhame com sucesso e o entregou a Deus, que instantaneamente cedeu a garota para ele em casamento.

Deve-se observar que Deus não falou nada aos admiradores da garota sobre a coisa estranha que os aguardava na fazenda. Ele tão pouco lhes disse como solucionar a questão que sabia que iriam enfrentar.

Foi apenas Ọrúnmìlá, que nunca se lançou em algo sem pensar bem antes de agir, ele sabia que era apenas apascentando as feiticeiras que ele poderia pegar o que ele queria.

CAPÍTULO X

CÓDIGO DE CONDUTA DE ỌRÚNMÌLÁ

De maneira bastante interessante, todas as divindades tem características e tabus similares. Na dependência da variação do grau de agressividade, eles todos aceitam a imutabilidade das leis naturais, as quais teólogos e teósofos têm codificado dentro dos 10 mandamentos de Deus. Isto não é dizer que algumas divindades não mataram quando eles acreditaram ter fortes justificativas para fazê-lo, no momento em que códigos terrestres e celestes admitiram a punição capital como medida para sentenciar os ofensores capitais.

Sem exceção, todas as divindades também aceitaram a supremacia de Deus. No caso de Ọrúnmìlá, ele deixou na memória de todos seus apóstolos, discípulos, sacerdotes e seguidores que ele é apenas um servo de Deus, e no melhor conceito de Deus, este é o porque ele é geralmente chamado AjibOrişa Kpeero e Ukpin.

AjibOrişa Kpeero significa a única divindade que acorda de manhã para ir saudar Deus na Reunião do destino, enquanto que Eleeri Ukpin significa a divindade que se sentou como testemunho do próprio Deus na corte do destino, quando o destino de todas as criaturas estava sendo designado.

Veremos mais tarde como Ọrúnmìlá foi nomeado testemunha de Deus quando Este começou seu trabalho criativo. Ògúnda-Meji nos revelará depois neste livro por que Deus ordenou a todas as divindades a retornarem para o Céu depois de fundarem a terra. Quando a terra estava em estado de desordem ele enviou Elenini para capturá-los todos e trazê-los de volta ao céu.

Eji-Ogbe, o mais velho missionário de Ọrúnmìlá, irá na seqüência revelar como ele retornou ao mundo sob o nome de Omoonighorogbo para ensinar ao povo do mundo como proceder em concordância com os desejos de Deus. Ele demonstrou pelos preceitos, exemplos e ações como viver e agir em concordância com as leis naturais e como viver em paz com Deus. Ele também demonstrou que a verdadeira felicidade vem apenas quando alguém devota um pouco do seu tempo de modo abnegado ao serviço dos outros. Ele também ilustra a virtude do amor ao próximo. Sem dizer que se alguém ama seu próximo, não poderá seduzir a sua esposa, matá-lo, alimentar rancor contra ele, roubar sua propriedade e enganá-lo.

Portanto como um filósofo prático, Ọrúnmìlá estima alguém que muito pode aumentar todo o amor por seu próprio vizinho, o lado bom muitas vezes está em ser recíproco. Entretanto, Ọrúnmìlá é extremamente contra retaliações e vinganças porque as divindades sempre ficarão ao lado dos justos.

A primeira obrigação de um homem com ele mesmo, é preservar-se através da divinação e do sacrifício. Se uma pessoa forte está se envolvendo em alguma guerra aberta ou discreta contra alguém que carece de poder para combater estas forças invisíveis, Ọrúnmìlá adverte recorrer à divinação quando na dúvida e fazer algum sacrifício prescrito aos altos poderes. Uma fez feito o sacrifício, o receptador irá quase que imediatamente intervir nas maquinações do mal feitas pelos inimigos conhecidos e desconhecidas.

Ọrúnmìlá recomenda a seus seguidores a não se envolverem em preparados medicinais destrutivos, porque os mesmos podem conduzi-los a sua própria imolação. Contudo há alguns discípulos de Ọrúnmìlá cuja sobrevivência no mercado é a preparação de remédios, mas apenas com propósitos construtivos, de salvação e libertação.

Ọrúnmìlá é o melhor professor da eficácia da perseverança. Ele ensina que enquanto pode haver remédios que não sejam eficazes, não há paciência que fracasse em sobrepujar todas as dificuldades, porque as divindades irão ao final socorrer aqueles que perseveraram.

ELOGIOS DE ỌRÚNMÌLÁ À PERSEVERANÇA

Ọrúnmìlá recomenda perseverança em tudo o que seus seguidores fazem. Eles não poderiam em sua própria vontade vingar alguma ofensa feita a eles pelos outros. Ele não quer seus seguidores envolvidos em ações diabólicas, especialmente aquelas que objetivam a destruição de outras pessoas. Ele avisa nos poemas, que aqueles que tomarem as almas de outros, também pagarão com suas próprias almas ou com as almas de seus filhos e netos. Ele insiste que a posição dele é a melhor para proteger seus filhos, caso eles não resolvam tomar as leis da natureza em suas próprias mãos. Ọrúnmìlá insiste em que se alguém planeja a morte contra seus filhos, ele certamente fará com que a conspiração não tenha sucesso.

Contudo se seus filhos, revidarem planejando também a morte ou a ruína daqueles que o ofenderam, Ọrúnmìlá rejeitará a justificação dos argumentos nos casos de cada filho, quando as divindades se reunirem em julgamento sobre a questão. Nenhuma questão é estabelecida sem ter sido determinada pelas divindades. Estas por sua vez, não condenam ninguém sem um julgamento limpo. Mas se alguém adquire por preempção ao julgamento divino pela lei do retorno, olho por olho, ele perde a justiça de sua causa. Ọrúnmìlá recomenda que seus seguidores tenham conhecimento de qualquer um que queira planejar o mal contra eles, sua primeira reação será ir ao oráculo a fim de descobrir se a pessoa terá sucesso.

Freqüentemente se o peso da culpa está dentro da outra pessoa, será dito que o inimigo não o vencerá. Se por outro lado, o peso da culpa se inclina levemente contra você, você será Oríentado durante a consulta oracular no sacrifício o qual deverá fazer a fim de que a conspiração maléfica contra sua força pessoal não tenha sucesso.

Ao invés de fazer sacrifício, algumas pessoas preferem ainda os atos vingativos através da ida aos feiticeiros para preparar remédios mortais, com os quais combater o inimigo. Em alguns casos, se Ọrúnmìlá vê que o remédio que seu filho está preparando contra seu inimigo fará a ele algum mal e o mesmo obterá repercussão dolorosa no desenrolar, ele neutralizará a força do remédio e o tornará inútil.

Diante desta situação a pessoa forte começa a se questionar se o feiticeiro o enganou. Ele não o fez. Ọrúnmìlá tem apenas demonstrado para seus filhos que destruir algum inimigo é destruir a si mesmo. Se você aponta um dedo na direção do seu inimigo, os quatro restantes, os quais são em maior número, e simbolizando o eco, estão apontando para você. Ọrúnmìlá ilustrará que alguém que alguém que cava a sepultura de seus inimigos está ao mesmo tempo cavando sua própria. Este é o motivo de que a oração freqüente de Ọrúnmìlá é para o bem dos amigos, inimigos, feiticeiras, divindades, irmãos e irmãs, assim que por esta razão aqueles que lhe desejam mal talvez não o alcancem.

Ele defende que é freqüentemente muito recompensador para você orar por um inimigo que está planejando o mal contra você do que quando as divindades se unem para solucionar o caso, o peso

da probidade estará a seu lado. É melhor ter o suporte das divindades em uma certa situação do que atrair sobre si a sua reprovação.

A EFICÁCIA DA PACIÊNCIA NO IFISMO

Ọrúnmìlá diz que quando ele está com pressa, sua rapidez de ação não é mais rápida do que o passo com o qual a pequenina formiga ou o ágil caracol se move. Ele diz que sempre quando ele está se deslocando e uma árvore cai atrapalhando seu caminho, ele espera pela árvore caída, até que ela apodreça até o fim antes de ele continuar sua jornada.

Se por outro lado uma pedra bloqueia o seu caminho, ele irá aguardar até que a folhagem se amontoe até o cume da pedra, até ultrapassá-lo como uma ponte fornecida pelo amontoado de folhas. Até mesmo quando ele resolve reagir, não o faz de tal modo diretamente. Ele apela para algumas das mais agressivas divindades como Èṣu, Ògún, Sankpana ou Ṣàngó, fazendo sacrifícios para eles e exortando-os a agirem em seu favor.

Ọrúnmìlá diz que se ele reagem muito rapidamente, o fará de tal modo em três anos e apenas quando sua paciência tiver sido exaurida. Mas quando ele finalmente decide reagir, o faz sem qualquer piedade.

Ogbe-Suru proporciona a clara ilustração de como Ọrúnmìlá age neste contexto.

Era uma vez uma princesa residente em Iwo, cuja beleza era de tal modo cativante que todos os homens não eram considerados qualificados o bastante para ela. Seu pai, o Ọba de Iwo, tinha sido informado a não contratar casamento para ela com ninguém exceto com um homem escolhido por ela mesma. Quando o povo de Ifé ouviu sobre sua fama e beleza, eles decidiram disputar sua mão em casamento. Ògún foi o primeiro a fazer uma tentativa. Foi a Iwo e a visão da princesa deslumbrou o completamente e ele jurou não respeitar nada nem ninguém para conquistar o seu amor para si.

Quando Ògún declarou seu amor, ela aceitou-o sem nenhuma hesitação. Entretanto insistiu que ela tinha que morar com seu pretendente na casa de seu pai, sugestão a qual Ògún prontamente aceitou. Ela o entreteve primorosamente por sete dias.

No terceiro dia de sua chegada a Iwo, a princesa pediu a Ògún para lhe contar sobre suas proibições a fim de reduzir-se às chances de atrito entre eles.

Antes de Ògún deixar Ifé e ir para Iwo, ele tinha sido prevenido a fazer sacrifício a seu anjo guardião e a Èṣu, a fim de retornar de sua missão com vida para casa. Ògún gabou-se de que antigamente nenhuma batalha jamais tinha desafiado sua força e valor, e ele não via motivo em fazer preparação sacrificial alguma quando ele estava indo encontrar uma mulher. Ele não fez o sacrifício.

Em resposta a pergunta da princesa, Ògún informou-lhe que estava proibido de óleo do caroço de palma (Adin ou Uden) e menstruação. Em outras palavras ele é proibido de ver qualquer assento manchado pelo fluxo menstrual da mulher.

Assim que os sete dias de hospitalidade cessaram, a princesa viu sua menstruação. Ela então preparou uma refeição com Adin para Ògún comer. Quando ela entregou a comida para Ògún comer, ela deliberadamente sentou em sua almofada sem proteger seu fluxo menstrual.

Quando Ògún se acomodou para saborear a refeição descobriu que a sopa fora preparada com Adin. Quando ele levantou sua cabeça furiosamente para procurá-la, viu também que havia fluxo menstrual em seu assento.

Em fúria Ògún lançou-se para golpeá-la e ela rapidamente correu aos aposentos de seu pai por socorro. Quando seu pai viu Ògún perseguindo sua filha, o Ọba usou seu Aşẹ para conjurá-lo a parar e rapidamente ordenou Ògún a se transfigurar num malho usado pelos ferreiros, o qual ele é até hoje. Este foi o fim da tentativa de Ògún em conquistar a princesa de Iwo para sua esposa.

Após esperar em vão pelo retorno de Ògún com a princesa para Ifé, seu irmão mais novo Osonyin (Osun em Bini) decidiu seguir para Iwo para uma dupla missão, a de localizar Ògún e se possível de conquistar a princesa para si. Antes da partida para Iwo, também foi avisado a ele para fazer sacrifício para seu anjo guardião e oferecer um bode a Èşu. Ele também se gabou que como proprietário de todos os remédios diabólicos que existem, seria degradante para ele fazer algum sacrifício para qualquer outra divindade. Então ele partiu para Iwo.

Na chegada a Iwo, ele foi rapidamente apresentado à princesa que lhe concedeu a recepção inicial e hospitalidade a qual ela havia regalado anteriormente a Ògún. No terceiro dia da chegada de Osonyin ela também lhe implorou a desvendar quais suas proibições a fim de minimizar os riscos de atrito. Em resposta, Osonyin quis saber se ela tinha encontrado Ògún anteriormente. Ela confirmou que sim, mas que devido à recepção ordinária que ela deu a Ògún, ele também se sentiu ultrajado em retornar para casa e decidiu buscar uma nova residência distante de Ifé e Iwo. Numa disposição de bajulação proposital para os encher os olhos de Osonyin de orgulho, ela lhe contou que o os olhos de Ògún estavam também desagradáveis, e que o olhar afável de Osonyin lhe era mais agradável.

Com o que Osonyin foi desarmado e prosseguiu a revelar-lhe o que ele prescrevia a abstenção, óleo de palma e menstruação. Ela tranqüilizou Osonyin, como havia feito com Ògún antes dele, que ela meramente fez a pergunta a fim de prevenir o risco de algum desentendimento entre eles.

Pouco depois do término da lua de mel a princesa ficou menstruada. Ela então preparou uma sopa grossa com o fino óleo de palma para Osonyin comer. Ela também foi a sua cama para manchá-la com seu fluxo.

Quando Osonyin estava prestes a iniciar a sua refeição predileta, ele descobriu que fora preparada com óleo de palma. Então ele abandonou a comida fazendo-a lembrar que era seu interdito óleo de palma em sua comida. Ela se desculpou abraçando-o e o atraindo para a cama para romancear. Mas tão logo ele preste a deitar-se na cama, percebeu o fluxo, acusou-a de tentar matá-lo.

Quando ele pegou seu bastão para amaldiçoar a princesa, ela novamente correu para os aposentos de sue pai, e ele paralisou Osonyin com seu Aşẹ. O Ọba ordenou lhe a se transfigurar em um pote de água, o que ele é até hoje. Mais uma vez, que assinalou o fim da tentativa de Osonyin em conquistar a princesa para si.

Após aguardar em vão por Ògún e Osonyin retornarem para casa, o povo de Ifé encarregou Ọrúnmìlá a ir procurá-los. Então ele convocou seus Awo para uma consulta oracular e eles lhe disseram que Ògún e Osonyin não estavam mais. Ele foi advertido de que antes de ir a Iwo, ele deveria fazer sacrifício para seu Ifá e dar um bode a Èşu. Ele foi prevenido que muitos maus tratos o aguardavam em Iwo, a menos que ele controlasse sua mente para nunca exaurir sua paciência até que a mesma realmente findasse. Ele fez o sacrifício e então partiu para Iwo, depois de dar satisfações ao ancestral de tudo que ele experimentasse.

Chegando lá, ele começou a dançar no portão da cidade, e as pessoas reuniram-se para recebê-lo. Conseqüentemente a princesa veio em seguida e declarou seu amor por ele. Ele retribuiu seu amor e consentiu em viver com ela na casa de seu pai. Ela ofereceu a hospitalidade usual a Ọrúnmìlá e acabou perguntando-lhe quais seus interditos. Antes de consentir em responder essa questão, ele perguntou sobre o paradeiro de seus irmãos mais velhos, que vieram antes a Iwo para obter sua mão em casamento. Ela contou a Ọrúnmìlá que o primeiro foi muito agressivo para o seu gosto, enquanto o segundo foi muito diabólico para o seu agrado. Foi por este motivo que ela modificou sua proposta e como resultado de seus desapontamentos decidiram nunca mais pisar em Ifé novamente ou colocar os pés nas terras Iwo. Ela presumia que eles tinham ido montar novas casas em outras cidades. Ọrúnmìlá não acreditou na estória, mas foi o suficiente para deixá-lo em guarda.

Finalmente ele revelou-lhe que seus interditos eram rato, peixe, galinha, cabra, bucho de cabra (Oguonziram em Bini e Edu em Yorùbá), óleo de palma, vinho de palma e menstruação feminina. Casualmente à parte deste último item, todas as outras comidas por acaso eram gêneros alimentícios de quem Ọrúnmìlá muito gosta.

Poucos dias depois, a mulher ficou menstruada e preparou uma comida com rato para Ọrúnmìlá e sentou-se justamente em seu assento de Ifá. Quando Ọrúnmìlá viu o rato em sua comida, ele perguntou-lhe porque ela lhe deu aquilo de que ele era proibido. Ela lhe explicou que era porque não havia carne em casa. Após refletir profundamente, Ọrúnmìlá lhe disse, que a alma do casamento é o compartilhamento das penas e dos prazeres mútuos. É por causa do amor a alguém que uma pessoa come o que lhe é proibido. Porque eu deveria temer a morte quando tenho a rainha da beleza ao meu lado. Com aquela declaração amorosa, ele a abraçou e depois de ele ter comido, ela se levantou da onde estava em seu assento para apanhar os pratos, Ọrúnmìlá então viu que o adorno de pano branco de seu assento tinha sido manchado com fluxo menstrual. Novamente ela se desculpou com ele pelo motivo que o fluxo veio inesperadamente. Ele a perdoou de bom grado e saiu para lavar o tecido manchado ele mesmo. A princesa ficou confusa.

Uma vez após outra, a mulher deu-lhe tudo do que Ọrúnmìlá tinha lhe dito ser proibido, mas ele se recusou a perder sua calma. Após exaurir a lista de gêneros proibidos de Ọrúnmìlá e ele não ter perdido sua calma, a princesa de Iwo decidiu numa ação de provocação completamente nova, convidar um amante de fora a vir e visitá-los sob o pretexto de ser um parente dela. À noite, o amante fez amor com ela ante os vários olhos de Ọrúnmìlá. Eram exatamente 03 anos após Ọrúnmìlá tinha ido morar com ela. Na manhã seguinte Ọrúnmìlá mandou vir água para o amante tomar seu banho. Como ele estava prestes a partir, Ọrúnmìlá sugeriu que ele se juntasse à mulher para escoltá-lo. Era tempo para sua reação. Assim que eles se encontraram fora da cidade, ele invocou Èṣu para interferir. Èṣu usou sua própria cabeça para formar uma avalanche no caminho, e o amante que ia na frente recebeu uma pancada no seu pé e caiu. Ao mesmo tempo Ọrúnmìlá apontou seu Uranke para ele e o transfigurou em um caracol, o qual ele rapidamente quebrou e usou para purificar o corpo da mulher da contaminação que ela pegou do intruso. Quando eles chegaram em casa, a princesa, que ficou muito amedrontada com a bravura deste pretendente infinitamente paciente, foi até seu pai para proclamar que ela tinha encontrado o marido e ela consentiria em casar. Seu pai rapidamente convocou Ọrúnmìlá e sua filha e ambos professaram que eles estavam dispostos a se tornar marido e mulher. No mês seguinte ela ficou grávida.

Foi neste estágio que Ọrúnmìlá pediu permissão ao seu sogro para retornar com sua esposa a sua cidade natal de Ifé. Ele prontamente atendeu. Na sua chegada em casa em Ifé, ele apresentou as esposa como “Iya ile Iwo”, significando o produto do meu sofrimento em Iwo. O que é a Orígem da palavra Yorùbá “Iyawo” a qual significa esposa.

Ọrúnmìlá então compôs uma canção em louvor a perseverança e fez um banquete de júbilo pelo sucesso de seus mais de três anos de missão em Iwo. Sua experiência também foi para confirmar uma filosofia de Ifá fundamental, que se um homem revela suas proibições a sua esposa será exatamente o que ela irá fazer para ele quando ela tentar destruí-lo. A pessoa que não tem proibição alguma apenas prolonga sua vida. Este é o porque de Ọrúnmìlá não ter proibição alguma. Nós veremos em breve como a mãe de Ejiogbe deu a seu pai vinho de palma para beber embora ela soubesse que era seu interdito.

Sob Osa-Etura, Ọrúnmìlá nos ensinará a virtude da prosperidade sem a vaidade e força sem arrogância. Assim é como Ọrúnmìlá nos ensina a sermos modestos. Ele comparou a modéstia a ir mais lento, mas movimentos graciosos do milípede (centopéia) que tem 200 membros. Normalmente uma criatura com aquele número de membros poderia correr muito mais do que qualquer outro. Ao contrário, o milípede se move muito lentamente e com graça.

Quando alguém se encontra em estado de prosperidade, não poderá usá-lo em detrimento aos outros, mas sim para promover em toda parte bem estar da humanidade. Ninguém que usa seu poder ou prosperidade para eliminar o certo e os interesses dos seus próximos terá destruição esperando-o no apogeu do seu sucesso.

Para ser capaz de aproveitar a força e a prosperidade de alguém judiciosamente, Ọrúnmìlá diz que alguém poderá sempre apelar para sua cabeça interior não destruir o exterior de sua cabeça. Ele descreve a mente como a cabeça no interior e a cabeça física como o lado de fora da cabeça. É a mente que guia o destino da cabeça e por esta razão o diretor que sempre deverá ser persuadido a guiar a direção para a qual a cabeça se move. De fato Ọrúnmìlá diz que ele respeita três grupos de seres humanos:

A bela mulher e o belo homem que não flertam.

Uma pessoa rica que é humilde e despretensiosa, e...

Um funcionário poderoso que é liberal e equilibrado no exercício de sua autorídade.

CONCEPÇÃO DE IFÁ DO BEM E DO MAL

Ọrúnmìlá é um poderoso advogado da objetividade e da verdade, contudo ele é realista o bastante para dizer que a verdade é amarga e as pessoas se esforçam muito em grande quantidade para evitá-la ou burlá-la. A despeito das dificuldades julgamentos e tribulações associados com a defesa da verdade, e a exigência e a baixa popularidade da mentira, ele advoga que na analise final a verdade é muito mais recompensadora que a mentira.

Ọrúnmìlá ilustra muito claramente os problemas associados com a defesa aos bons objetivos. Exatamente no início do trabalho do primeiro dos apóstolos de Ọrúnmìlá a vir ao mundo, nós veremos sobre Ejiogbe, que no céu era chamado de Omonighorogbo (Odolevbo em Bini) (aquele que representa o liberalismo e a objetividade), que veio ao mundo para aperfeiçoar a qualidade e o padrão da conduta humana. Ele se comprometeu profundamente em demonstrações humanitárias para a espécie humana, sem aguardar ou exigir nenhuma recompensa em retorno por seus serviços gratuitos. Alguém teria pensado que seu comportamento não seria apreciado, mas também serviria como um brilhante exemplo aos outros. Ao contrário, aqueles que estavam no mundo antes dele estavam deste modo desaprovando suas ações e começaram a enviar incessantes mensagens a Deus no céu, que Omonighorogbo, ao invés de melhorar as condições do mundo, estava na verdade

prejudicando o código de conduta que ele encontrou, tanto que ele estava tornando a vida insuportável para os outros.

Estes relatos se tornaram tão comuns e freqüentes, que Deus que nunca condena sem averiguação, enviou um policial celeste ao mundo para convocar Omonighorogbo a retornar para o céu, assim que fizesse uma completa investigação do seu comportamento. O policial, após ter ocultado sua própria identidade, chegou cedinho a casa dele e se ofereceu como seu auxiliar. Desde muito cedo até o anoitecer o policial viu que Omonighorogbo gastou todo seu tempo no serviço aos outros, auxiliando no parto de mulheres grávidas, curando as doenças, fazendo consulta oracular para os aflitos, acertando discussões entre as pessoas, etc, tudo sem gratificação de espécie alguma, ele às vezes não tinha tempo sequer para tomar seu café da manhã.

Após observar sua performance durante o dia, o policial celeste, então revelou sua identidade dizendo que Deus o queria de volta ao céu. Quase que imediatamente Omonighorogbo se preparou para sua jornada de retorno ao céu. Lá chegando, Deus o repreendeu por ter ido para o mundo prejudicar suas virtudes. Antes que ele pudesse se explicar, foi o policial celeste quem falou em sua defesa. Ele explicou que aqueles que vinham se queixar contra ele, eram os que não estavam tranqüilos com a sua benevolência, pois sua postura era uma ameaça para suas próprias exorbitâncias de comportamento. Ele adicionou ainda que a grande maiOría das pessoas perderia a sua regra mais preciosa se Omonighorogbo tivesse que ficar permanentemente no céu.

Com aquele testemunho, Deus ordenou-lhe que voltasse ao mundo, para continuar seu bom trabalho, mas que a fim de sobreviver às maquinações maléficas de seus inimigos, ele deverá de hoje em diante cobrar honorários razoáveis por seus serviços aos seres humanos. Assim foi como os sacerdotes de Ifá obtiveram a autOrízação de Deus para cobrar honorários razoáveis do que quer que façam.

Deve ser lembrado que Ejiogbe foi o primeiro dos apóstolos de Ọrúnmìlá a vir ao mundo. Esta experiência de Ejiogbe ilustra claramente que aqueles que trabalham em defesa dos bons objetivos, correm o risco de inveja e agressões abertas de outros apesar de ter se doado com benevolência e magnitude.

Aqueles que insistem em fazer as coisas pela maneira correta incorrem em desagrado e cólera dos que permanecem no proveito do caos, confusão e trapaças. Aqueles que fazem os seus trabalhos sem esperar nenhum benefício extracurricular em retorno, serão chamados por todos os tipos de nomes do descrédito, e de fato falsas estórias são freqüentemente inventadas contra eles, porque a natureza egoísta do homem não admite que as pessoas dêem mais crédito a outrem do que são capazes de admitir para si mesmos.

Para sua própria paz, os menos idôneos têm necessidades de iludir sua consciência com uma fachada, falsas suposições e justificativas.

É necessário que eles se conscientizem que os outros podem vir a fazer o que na verdade deveria estar sendo feito por eles mesmo.

Se eles exigem propina antes de fazer o seu trabalho, para o qual eles são por outro lado muito bem pagos, eles também devem admitir que qualquer outra pessoa o faça, mas se eles repentinamente descobrem que há mudanças nas regras adotadas; a reação será imediata, um ataque.

Este é o motivo pelo qual aqueles que vivem por e em defesa da verdade sofrerem uma enorme hostilidade e privação. Mas em contrapartida seu consolo reside numa recomendação de Deus a

Omonighorogbo no céu, em continuar o seu caminho escolhido em defesa da verdade. Acima de tudo, há a eterna satisfação e integridade numa vida distinta.

Se cada um isoladamente, ao invés de perder a sua cabeça fosse capaz de conservá-la, a defesa e conclusão justa que vem para eles estarão com certeza ao lado da verdade, e é muito mais gratificante que todas as atrações transitórias que o dinheiro pode comprar.

O questionamento que muitos levantam é quais os benefícios materiais derivados da objetividade ética.

É moda comparar a satisfação material em termos não das necessidades imediatas do homem, mas de cobiça. O homem que furta dos cofres públicos é capaz de obter um jato particular, em um meio aonde pessoas não conseguem sequer obter trabalho para viver respeitavelmente, devendo ser ambicioso ao extremo, quando existem linhas aéreas comerciais que o levariam aonde ele quisesse ir. O escritório público que dobra o custo lógico ou funcional de um projeto só porque é a comissão que ele espera receber, comete um crime imperdoável contra a humanidade, porque o custo agregado de sua perfídia para a sociedade irá preparar futuramente novas oportunidades de sofrimento de grande número de pessoas.

Quando o íntegro vê o inescrupuloso na sociedade e vê que são ostensivamente mais prósperos, há uma tendência em se questionar se é mérito ter intenções abnegadas. Ọrúnmìlá nos contará que benefícios de fraude são um progresso aparente, mas se alguém chegou perto o suficiente do objetivo de sua ambição, irá descobrir que seu contentamento material é vazio e fútil e que ele não é o que parece ser. E se ele tiver sucesso com a sua cobiça, a punição será repassada para seus filhos e netos até que seja reparado completamente o que ele indignamente extraiu da sociedade.

Com relação a isto, nós veremos como Ọrúnmìlá estipula a satisfação derivando de uma vida de acordo com as leis divinas e a pobreza espiritual daqueles que acreditam que podem se fazer pela fraude. Embora existam inúmeros exemplos nas palavras de Ọrúnmìlá, nas quais os sacrifícios foram feitos pelos malfeitores a fim de alcançar êxito em suas fraudes nefastas, entretanto Ọrúnmìlá os torna completamente sem efeito, que cada bom resultado alcançado será meramente efêmero.

Assim que Deus se manifestou pela luz para vencer as forças das trevas e as forças do mal, Èṣu jurou que levantaria uma batalha feroz para obter ascendência sob as criaturas de Deus.

O homem próspero é alguém cuja satisfação final deriva do que ele tem e o que ele é, e o pobre é alguém que apesar de pouca riqueza material, segue insaciável na questão de incessante aquisição material às custas dos outros. Para o que qual seria a diferença entre um ladrão comum e um cavalheiro se ambos aspiram apenas às metas monetárias às custas da integridade alheia?

Não há justificativa plausível para hipotecar uma consciência na questão de riqueza pra legar aos filhos, enquanto nega a essas crianças a dignidade de herdar seu bom nome, porque o melhor legado que um homem pode deixar para seus filhos são os seus princípios e a sua identidade. As crianças podem ser orgulhosas de seu bom nome, mas não o serão de sua riqueza se todos souberem que eles a adquiriram inescrupulosamente.

CAPÍTULO XI

COMO ALGUÉM PODE ENTRAR EM CONTATO COM ỌRÚNMÌLÁ

A filosofia de Ifá (Ifismo) não tenciona ser uma religião universal em termos de arrastar partidários e convertidos. O fundamental do Ifismo é unir os reencarnados e descendentes dos seguidores Oríginais de Ọrúnmìlá e de seus Olodus e Ọdus, todos a caminho do céu.

Não são todos que podem tornar-se um seguidor de Ọrúnmìlá, a menos que seja especificamente escolhido. Ọrúnmìlá não procura convencer ninguém a ser parte de seu rebanho.

De fato, muitas pessoas vêem a ele quando estão tendo problemas difíceis, e ele freqüentemente demonstra desta forma que não existem problemas insuperáveis. Se uma pessoa é afortunada, ela terá recursos iniciais de conhecimento se ele está realmente destinado a ser um seguidor de Ọrúnmìlá. Uma vez que uma pessoa é escolhida como discípulo, ele deverá empenhar-se em seguí-lo fervorosamente, por que indiferente ao partidarismo usado para atribuir muitos dos problemas a Ọrúnmìlá, mas porque seu serviço indiferente não os colocam em posição de Ọrúnmìlá poder manejar os problemas de seus seguidores efetivamente. Há uma variedade de caminhos nos quais alguém pode vir a se associar com Ọrúnmìlá.

No passado a relevância da cerimônia de nomeação para uma criança recém-nascida era para permitir aos pais saber qual o caminho a criança seguiria na vida. Oito dias após o nascimento da criança, o sacerdote de Ifá e outros videntes, que se especializaram em astrologia do recém-nascido são convidados a ler a vida da criança. Em algumas partes da África, o Ọdu que surge para a criança na cerimônia do nome será posteriormente preparado para ele como seu próprio Ifá. É a cerimônia em que Ọrúnmìlá conta aos pais o tipo de criança que eles tem, se é um Imere em Yorùbá ou Elegbe em Bini, que está fazendo uma curta passagem pela terra, apenas para deixar os pais tão logo ele se torne bem quisto por eles.

Ọrúnmìlá dirá aos pais o que fazer para prevenir o retorno da criança prematuramente ao céu. Quase invariável, Ifá é preparado para aquela espécie de criança muito cedo na vida, como um contrapeso contra a morte precoce.

Por outro lado, algumas pessoas passam por sérios problemas no curso de suas vidas. Se uma pessoa é em potencial um sacerdote de Ifá, Ọrúnmìlá pode surgir para ele em sonho ou pedir ao seu anjo guardião para revelar lhe em sonho que ele está passando dificuldade por ainda não ter descoberto a divindade que o acompanha na terra.

Se tal pessoa for alguém experiente o suficiente nos caminhos da vida, ele então vai ao oráculo onde será confirmado a ele que então irá se organizar para ter seu próprio Ifá. Há muitas pessoas que chegam a este ponto de realização apenas quando já estão entre a vida e a morte.

Tirando a ignorância, alguns neófitos que obtém alívio de seus problemas logo depois de sua iniciação no Ifismo, são tentados a concluir que Ọrúnmìlá recruta os seguidores criando problemas para eles. O que certamente deve ser um ato de ingratidão, porque Ọrúnmìlá não cria problemas para seus seguidores. É apenas quando um anjo guardião descobre no céu que seu protegido está indo experimentar certos problemas na vida, que ele apela pelo suporte de Ọrúnmìlá, a fim de ser a mão que assiste seu protegido quando os problemas acontecerem.

A FUNÇÃO DA ORÍENTAÇÃO DIVINA EM NOSSAS VIDAS

Neste ponto eu gostaria de para ilustrar a parte em que uma divindade prevalece agindo na vida dos mortais. Amayo decide no céu vir ao mundo. Ele vai ao oráculo no que fazer a fim de ter uma permanência de sucesso na terra. Na consulta ele foi informado que ele estava indo para ser bem sucedido na vida. Ele tinha o ensino universitário estrangeiro e subiu rapidamente em seu emprego para a posição de chefe de seu departamento. Quando seus pais lhe falaram da revelação de que seria necessário ser iniciado na religião de Ifá, para ter seu próprio Ọrúnmìlá, ele reagiu dizendo a seus pais para se importarem com seus próprios negócios, porque ele estava satisfeito com a igreja católica.

Sete anos depois, houve uma calamidade nacional a qual o apanhou em todos os tipos de problemas "inter alios". Primeiro ele perdeu se grande emprego e depois ele foi colocado na cadeia e ficou muitos meses em detenção. Foi durante sua detenção que ele se lembrou que tinha sido avisado sete anos antes e ele informou a seus pais para se prepararem para a cerimônia. Mais tarde ele foi tentado justamente com outras reaquisições e posteriormente com sua liberdade.

Eu também tinha ciência de outro caso de um homem que estava gastando seu tempo dentro e fora da prisão em comando de roubos. Ele não era o tipo de ladrão temerário, era pego freqüentemente roubando coisas triviais como aves, inhames, cabras, etc, pela estrada ou nas fazendas. Ele nunca invadiu uma casa das pessoas. Mas uma vez ele foi encarcerado por um furto insignificante, e quando a situação se tornou desagradável para seus parentes, ele decidiu descobrir porque ele não podia ter uma vida estável. Eles foram avisados que Ọrúnmìlá era a única divindade que poderia salvá-lo e ele deveria por essa razão ter seu próprio Ifá. Logo depois da cerimônia ele decidiu por si próprio, mas influenciado pelo conselho de Ifá, a começar a sua própria fazenda. Ele então fez dinheiro suficiente para a sua primeira lavoura e depois para construir a sua própria casa, casou com duas esposas e criou muitas crianças. Hoje ele é um cidadão respeitado e desde então não tem sido preso ou apreendido por nenhuma má conduta durante os últimos quinze anos.

No caso quando alguém tem seu próprio Ọrúnmìlá, esse alguém é freqüentemente avisado para fazer ou deixar de fazer certas coisas, a fidelidade dele, da qual irá depender a performance deste alguém na vida. Como exemplo um certo indivíduo pode ser Oríentado a desistir de um hábito em particular por que ele é repugnante ao seu próprio Ọrúnmìlá ou ao seu anjo guardião. Alguns são destacados a desistir de certa profissão ou vocação por outras vocações ou profissões, outros ainda poderão ser informados para se divorciarem de suas esposas ou de seus maridos, outros são avisados a fazerem cerimônias adicionais a fim de ter retroação diante dos problemas vindouros na vida. Alguém pode simplesmente ignorar cada advertência e comunicar a outrem do risco que corre.

Eu soube de um homem nestas circunstâncias, recentemente falecido, que assim que ele obteve seu próprio Ifá foi avisado que deveria deixar de beber álcool a fim de evitar um problema incurável de estômago mais tarde na vida. Esse homem era muito ativo e pôs à prova em como seria, ele não parou de beber. Mais tarde ele descobriu uma úlcera estomacal e ainda assim tendo a úlcera ele continuou a beber. Eu, todavia, tenho clara lembrança de como ele morreu em 1957. Ele assistia as danças da festa de Ano Novo em várias casas longe de seus pais, aonde ele tinha então uma grande quantidade para beber. Por volta das três da manhã, ele teve um forte ataque cortante de estômago, conseqüentemente começou a vomitar sangue. Então foi removido ao hospital, mas faleceu antes de lá chegar.

Também tenho conhecimento de diferentes homens de sucesso que também morreram por não serem capazes de aceitar e executar as recomendações dadas durante a sua iniciação em Ifá.

Quando preparava seu próprio Ọrúnmìlá, ele foi avisado que prosperaria tremendamente na vida, mas se ele quisesse viver muito ele deveria ficar longe da sua esposa. Ficou muito furioso com o aviso, que certamente abriu isto para sua esposa, que desde então manteve o sacerdote de Ifá à distância. Ele se tornou muito próspero em seu trabalho e pelos muitos lucros secretos, atingindo o ápice de sua carreira piramidal. Ele estava cheio de espólios e vivia em fartura. No alto de seu sucesso sua esposa começou a criar muitos problemas para ele. Então se separaram e ele em seguida ficou tão doente que foi hospitalizado por aproximadamente um ano, tempo durante o qual sua esposa não podia por outro lado, visitá-lo no hospital.

Eu ainda lembro claramente dele em seu estado de inconsciência gritando em seu sono à noite e implorando a sua esposa para lhe poupar a vida, e todos os bens que ele tinha. Ele morreu logo depois e hoje sua viúva é a beneficiária do seu legado.

A religião de Ifá não é toda sobre histórias de má sorte. Há histórias mais interessantes daqueles que seguiram os conselhos e as linhas anunciadas pelo seu Ọrúnmìlá e têm sobrevivido em paz e prosperidade.

Eu sei de um magnata dos negócios, altamente respeitado, infelizmente falecido, que era um ardente seguidor de Ọrúnmìlá. Ele alcançou o pináculo do sucesso em ambos excelência moral e matéria.

Era freqüentemente mencionado em Ifá depois disso.

Ainda está vivo outro octogenário que é um industrial pioneiro na Nigéria. Ele é filho de Oyeku-Meji, cuja vida em termos de integridade moral, dignidade intelectual e destreza material têm sido fonte de inspiração para muitas gerações.

O ponto a ser enfatizado é que justiça, aquele que segue Ọrúnmìlá deve fazer então as suas mãos limpas. Ifá não pode garantir sucesso pessoal de alguém em seus esforços e aspirações se esse alguém tem o costume de obstruir o sucesso dos outros ou procurar a queda ou a morte dos outros. De fato aqueles que gastam suas vidas conspirando o mal contra os outros talvez tenham sucesso por algum tempo, no final todos os seus maus desígnios são eventualmente afligidos sobre eles e seus filhos.

A IMPORTÂNCIA DA FÉ DO DEVOTO NA RELIGIÃO DE IFÁ

Não há necessidade de adorar a Ọrúnmìlá da mesma maneira como adoramos o próprio Deus. Tudo que Ọrúnmìlá ordena aos seus seguidores e que tragam os seus problemas para ele. Ele avisará pela consulta oracular ou por sonhos quais os sacrifícios deve ser feitos de tempos em tempos. Assim como em outras religiões, há muitas pessoas que pensam que Ọrúnmìlá é uma divindade mágica, que pode duplicar dinheiro para eles, ou que pode vingar injúrias causadas pelos outros. Ele faz estas coisas da sua própria maneira sutil e no seu próprio passo. Alguns seguidores estão com pressa para realizar os seus objetivos e quando eles são atrasados em alcançá-los, lançam seu altar de Ọrúnmìlá fora e procuram alguma coisa para acelerar a manifestação de seus desejos. O que é uma coisa infeliz de se fazer, porque todo aquele que tem arremessado seu altar no rio ou no mato, longe das frustrações tem quase que invariavelmente que piorado por isto. Outros abandonam seus altares depois de serem iniciados na religião de Ifá e esperam milagres acontecerem. O centro de equilíbrio da prática de Ifá é o sacrifício, e o costume. Se alguém pega Ọrúnmìlá e o coloca dentro de um guarda roupa ou o abandona em um lugar onde não cuidará dele, Ọrúnmìlá não estará em posição de proteger a vida e os interesses de seu seguidor. Tão logo se complete a cerimônia de Ifá o próximo passo é descobrir quais problemas seu próprio Ọrúnmìlá encontrou entre o céu e a terra

durante o seu tempo. Deveria então tentar resolvê-los ou antecipá-los fazendo sacrifícios de pedido de precaução na cerimônia. Qualquer que seja o problema que alguém tenha, pode ser levado a Ọrúnmìlá através do oráculo pelo convite de um experiente sacerdote de Ifá para auscultá-lo nas ocasiões apropriadas. Um seguidor de Ọrúnmìlá não perde a fé em suas habilidades de solucionar os problemas proporcionados pelo irmão de alguém através da divinação e a execução de sacrifícios de tempos em tempos para aquele problema.

O propósito deste livro é Oríentar parcialmente os seguidores de Ọrúnmìlá nos seus caminhos, no meio do qual eles não podem perder sua fé. Há bons e maus patronos de Ọrúnmìlá, aqueles que são infelizes de vir ao mundo sob o patrocínio de um Ọdu de Ifá assim, não devem se desesperar. Há um caminho para melhorar suas chances, pela aproximação de um sacerdote de Ifá, porque Ọrúnmìlá pode tornar o infortúnio em fortúnio, má sorte em boa sorte e má saúde em boa saúde. De fato ele diz que o problema mais difícil é que o alegra em solucioná-lo.

CAPÍTULO XII

A GENEALOGIA DE IFÁ

Há dezesseis principais apóstolos (Olodus) de Ọrúnmìlá. Eles estão em ordem de idade como segue:

Ordem de idade de acordo com A Escola de Ifé	Ordem de idade de acordo com a Escola de Oyo, Ondo e Bini.	
01 – Eji-Ogbe	Eji-Ogbe	(01)
02 – Oyeku-Meji	Oyeku-Meji	(02)
03 – IwOrí-Meji	IwOrí-Meji	(03)
04 – Idi-Meji	Idi-Meji	(04)
05 – Obara-meji	Obara-meji	(05)
06 – Okonron-Meji	Okonron-Meji	(06)
07 – Irosun-Meji	Irosun-Meji	(07)
08 – Owanrin-Meji	Owanrin-Meji	(08)
09 – Ògúnda-Meji	Ògúnda-Meji	(09)
10 – Osa-Meji	Osa-Meji	(10)
11 – Etura-Meji	Irete-Meji	(11)
12 – Irete-Meji	Etura-Meji	(12)
13 – Eka-Meji	Eturukpon-Meji	(13)
14 – Eturukpon-Meji	Ose-Meji	(14)
15 – Ose-Meji	Ofun-Meji	(15)
16 – Ofun-Meji	Eka-Meji	(16)

A diferença na verdade está entre os lugares de Etura / Irete e Eka/ Ofun. Cada escola tem muitas justificativas para sua própria ordem de idade. A diferença entre elas é meramente uma questão de tradição. O efeito ficará claro quando mais tarde examinarmos a ordem de idade na família de Ifá para os propósitos da divinação. Eles estão no entanto, de acordo com os nomes e números dos Ọdu na árvore da família de Ifá. Nesta conjuntura é necessário concordar em mencionar as explicações claras de Ọrúnmìlá para a diferença entre as duas escolas e que motivos explicam parcialmente o porque da exposição da bandeja de Ifá ao ar livre ser proibida.

Há muito tempo à cidade de Oyo foi fundada por Oroniyan, cujo nome era Jegbe, o filho mais velho de Olofen, o Odùdúwa de Ifé; as pessoas de Ọyọ decidiram encontrar Ogbe-Alara, um discípulo de

Ọrúnmìlá em Ifé para ensiná-los a marcar os dezesseis Olodu de Ifá. Ogbe-Alara demarcou os dezesseis Olodu para eles numa bandeja de Ifá e eles decidiram carregá-la para Ọyọ com as marcas nela. Em seu caminho eles perderam parte das marcações e tentaram refazer as marcas pela memória. Eles conseguiram se recordar os nomes e números corretos, mas esqueceram a seqüência após o décimo Ọdu. Ogbe-Alara retornou ao céu antes de eles poderem encontrá-lo novamente e este é o motivo porque Ọyọ manteve esta seqüência desde então.

No relato das relações especiais entre os reinos de Ọyọ e Benin, os Bini aprenderam a arte de Ifá (não Oguega, a arte de Ifá equivalente para os Bini) para os Awo de Ọyọ.

Cada apóstolo (Olodu) de Ọrúnmìlá tem quinze discípulos (Ọdu), isto significa por efeito que há 16 Olodu e 240 Ọdu na família de Ifá.

A ordem de idade dos 256 apóstolos é listada na tabela neste capítulo. Este livro foi organizado de modo que deverão ser dezessete volumes no todo.

O primeiro volume é devotado à vida e aos trabalhos dos dezesseis Olodu (apóstolos). A continuação dos dezesseis volumes irá tratar do trabalho dos 15 Ọdu de cada Olodu.

Todos os esforços serão feitos para repetir a história de vida de cada apóstolo e discípulo vindo do céu para este mundo. O relato celeste revela o que um Ọdu em particular fez ou não no céu antes de sua vinda para o mundo. O relato terrestre revela o que cada um deles fez por si mesmos e para os outros, e o que foi feito para eles enquanto estavam na terra. Cada um deles será mencionado no livro como sendo o próprio Ọrúnmìlá, o que vai de acordo com a tradição.

É muito importante porque irá ser visto que se uma pessoa é iniciada no Ifismo e um dos discípulos surgir no Ugbodu (um conclave secreto no qual se revela o nome do Ọdu dominante), tem que seguir como a noite segue o dia, que a história da vida do iniciado tomará o mesmo curso como a que do seu Ọdu patrono. Este livro, portanto irá ser de imenso benefício para aqueles que tem seu próprio Ọrúnmìlá e que podem de outro modo não ter a oportunidade de conhecer a história de seu Ọdu patrono e (Ipso facto) a sua própria vida.

O livro também irá conter o nome dos sacerdotes de Ifá que revelaram estes acontecimentos históricos no caso de alguém se interessar em investigar os detalhes das amplas revelações personificadas em vários volumes. O segundo volume irá começar com os detalhes do Oráculo de Ifá e a ciência da divinação.

ORDEM DE IDADE GENEALÓGICA DE IFÁ

ÁRVORE DA FAMÍLIA DE ỌRÚNMÌLÁ

1. Eji-Ogbe	2. Oyeku-Meji	3. IwOrí-Meji	4. Idi-Meji
I I	I I I I	I I I I	I I
I I	I I I I	I I	I I I I
I I	I I I I	I I	I I I I
I I	I I I I	I I I I	I I

5. Obara-Meji	6. Okonron-Meji	7. Irosun-Meji	8. Owanrin-Meji
I I	I I I I	I I	I I I I

I I I I	I I I I	I I	I I I I
I I I I	I I I I	I I I I	I I
I I I I	I I	I I I I	I I

9. Ògúnda-Meji	10. Osa-Meji	11. Etura-Meji	12. Irete-Meji
I I	I I I I	I I	I I
I I	I I	I I I I	I I
I I	I I	I I	I I I I
I I I I	I I	I I	I I

13. Eka-Meji	14. Eturupon-Meji	15. Ose-Meji	16. Ofun-Meji
I I I I	I I I I	I I	I I I I
I I	I I I I	I I I I	I I
I I I I	I I	I I	I I I I
I I I I	I I I I	I I I I	I I

(*) Os demais Ọdu são a combinação que ocorre entre os Olodu, sendo lidos da direita para a esquerda.

CAPÍTULO XIII - OS OLODU/ APÓSTOLOS DE ỌRÚNMÌLÁ

EJIOGBE OU OGBE-MEJI

I I
I I
I I
I I

O trabalho mais memorável de Eji-Obge no céu foi a sua revelação. Como a Cabeça que foi uma divindade, veio a ter um corpo permanente. As divindades foram Oríginalmente criadas sem cabeça, como são hoje, porque a Cabeça, ela mesma é uma divindade.

A CABEÇA COMO UMA DIVINDADE

O Awo que reverenciou as Cabeças, Orí-omo Atete Ni Iron (aqui dita como Orí), foram chamadas de Amure, Awo Eba ono, que vivia no céu.

Ọrúnmìlá convidou Amure para fazer uma prece para obterem uma figura física completa, porque nenhuma das divindades tinha uma cabeça naquele tempo. O Awo disse a Ọrúnmìlá para esfregar ambas as palmas das mãos para cima e orar para obter uma cabeça (DumusOrí em Yorùbá ou Uhunmwun Arabona em Bini). Foi dito a ele para fazer um sacrifício com quatro obi, uma tigela de barro, uma esponja e sabão. Ele deveria manter o obi no seu altar de Ifá sem dividi-los porque um visitante inesperado poderia aparecer.

Orí (Cabeça) chamou também Amure para orar e foi dito a ele para servir seu guardião com os quatro obi, ele não tinha dinheiro para comprá-los, entretanto, foi lhe dito que somente após o sacrifício começaria a prosperar. Depois de fazer o seu próprio sacrifício, Ọrúnmìlá deixou os quatro obi em seu altar de Ifá como havia sido dito a ele. Mais tarde, Èṣu anunciou no céu que

Ọrúnmìlá tinha quatro obi bonitos no seu altar e estava procurando por uma divindade perfeita para quebrá-los.

Dirigidos por Ògún, todas as divindades foram visitar Ọrúnmìlá, uma após a outra. Porém, Ọrúnmìlá disse que nenhuma delas era suficientemente forte para quebrar os obi. As divindades sentiram-se fracas e deixaram-no perturbado.

Mesmo Oríşá N'Lá foi visitar Ọrúnmìlá, este o entreteve com diferentes e melhores obi, enfatizando que os obi especificados não foram feitos para serem quebrados. Já que Deus era conhecido por nunca perder a sua calma, ele aceitou os obi frescos dados a ele por Ọrúnmìlá e foi embora.

Finalmente Orí decidiu visitar Ọrúnmìlá, uma vez que Orí foi à única divindade que não havia ainda tentado abrir os misteriosos obi, especialmente porque ele nunca tinha dinheiro suficiente para comprar os obi requeridos para servir de guardião. Ele então foi à casa de Ọrúnmìlá.

Assim que Ọrúnmìlá viu Orí chegando em sua casa. O reconheceu e convidou-o para entrar. Ọrúnmìlá imediatamente pegou o jarro de barro encheu com água e usou a esponja e sabão para lavar Orí. Depois de secá-lo, Ọrúnmìlá carregou Orí para seu templo e pediu a ele que abrisse os obi que a tempos estavam aguardando por ele.

Depois de agradecer a Ọrúnmìlá por seu gesto honorífico, Orí orou para Ọrúnmìlá com os obi para que ele sentisse uma manifestação e preenchimento. Depois Orí usou os obi para orar para si e para ter uma residência permanente e cheia de seguidores. Orí então com toda força investiu contra os obi que abriram com um estrondo muito alto que ecoou por todo o céu.

Ouvindo o som da explosão, todas as divindades imediatamente ouviram que todos os obi, do templo de Òrúnmìlá haviam finalmente sido separados. Estavam todos muito curiosos em saber quem conseguira abri-los, uma vez que haviam desafiado a todos inclusive Deus (Oríşá N'Lá). Subseqüentemente Èşu anunciou que os obi haviam sido divididos por Orí, então todas as divindades concordaram que a Cabeça era a divindade certa para fazê-lo.

Quase que imediatamente a mão, o pé, o corpo, o estômago, o peito, o pescoço, etc, todos que antigamente tinham identidades distintas, decidirão unir-se e viverem junto à cabeça, eles não tinham entendido antes que ela era tão importante. Juntos carregaram a Cabeça para cima deles e lá no templo de Ọrúnmìlá a cabeça foi coroada como Rei do Corpo. É por conta de todo este ritual feito por Ọrúnmìlá em sua sorte que a Cabeça tocou o chão. Ọrúnmìlá é o mais o mais novo, o mais importante e o mais popular de todas as divindades.

Para o filho de Ejiogbe viver na terra, tem que olhar para o conhecido Awo e preparar numa caveira de qualquer animal um banho especial para si contendo sabão. Ejiogbe é a divindade patrona da Cabeça porque foi ele quem fez no céu um sacrifício no qual a Cabeça foi coroada como o Rei do Corpo.

Ejiogbe se tornou o Olodu mais velho na terra mesmo ele sendo o mais novo. Pertence a segunda geração dos profetas que se voluntariaram para vir ao mundo com o objetivo de através de exemplos, fazerem um lugar melhor para se viver. Foi um apóstolo muito benevolente de Ọrúnmìlá, tanto no céu quanto na terra.

EJIOGBE VAI PARA A TERRA

Enquanto isso, Orişá N'lá estava no mundo e era casado com uma mulher chamada Afin, mesmo ele não sabendo, ela não queria muito ter filho. Contudo Orişá N'Lá queria muito ter um filho na terra. No céu, Onomighorogbo havia ido ao altar de Deus para pedir para vir ao mundo ao mesmo tempo em que a criança de Afin e Orişá N'Lá. Ele também estava determinado a mostrar ao mundo o que é necessário para ser benevolente e de bom coração. Seu pedido foi atendido pelo Pai Todo Poderoso. Após obter a permissão de seu guardião ele foi para a terra.

O NASCIMENTO DE EJIOGBE

Enquanto isso, Afin esposa de Orişá N'Lá, ficou grávida na terra. Tradicionalmente, Orişá N'Lá estava proibido terminantemente de usar vinho de palmeira, enquanto sua esposa Afin era terminantemente proibida de usar sal. Orişá ko mu emo. Afin ko je iyo.

A gravidez de Afin não acabou com toda a tensão que havia entre o casal. A mulher se tornou cada vez mais preocupada enquanto sua gravidez avançava nos meses.

Nove meses depois um menino nasceu. Logo após o nascimento Orişá N'Lá percebeu que não havia mais comida na casa para alimentar sua esposa que amamentava. Imediatamente deixou a fazenda em busca de alimento. Ele se atrasou para voltar o que deixou sua esposa furiosa. Ela começou a reclamar e dizer que seu marido não a amava mais. Ela pensou naquele tempo em terminar o casamento suicidando-se. Sabendo que Orişá N'Lá proibiu o vinho e que beber poderia matá-lo, colocou vinho em seu copo de beber água. Assim que o fez, deixou seu filho sobre a cama e foi visitar as vizinhas. Enquanto isso, Orişá N'Lá retornou e foi preparar a comida que havia trazido para sua esposa. A sopa estava no fogo quando ele foi ao quarto buscar água com seu copo usual no pote de água envenenado. Assim que ele ameaçou tomar a água, a criança de um dia de vida deitada na cama falou com ele: "Pai não beba dessa água, porque minha mãe colocou vinho na água".

Surpreso com a habilidade da criança seguiu o conselho. Orişá N'Lá terminou de cozinhar e com um gesto de retaliação colocou sal na sopa, mesmo sabendo que seria o veneno para sua esposa Afin. Depois de guardar a comida de sua esposa, ele foi jogar Ayo com seus amigos, enquanto isso a esposa retornou e dirigiu-se até o local onde estava guardada sua comida.

Assim que a pegou para comer seu filho disse novamente: "Mãe não coma dessa comida, pois meu pai colocou sal na sopa". Imediatamente após ouvir o filho Afin ficou histérica. Gritou para os vizinhos virem salvá-la, pois seu marido estava tentando matá-la. Seus gritos atraíram espectadores das casas vizinhas.

Logo após houve um encontro das divindades na casa de Orişá N'Lá, o mesmo foi chamado do jogo de Ayo. Orişá N'Lá se manteve calmo o tempo todo mesmo quando sua esposa o acusava e o puxava.

Ògún foi o único a puxar uma cadeira durante a conferência, desde que Orişá N'Lá, o chefe era um convidado em sua casa nesse momento. Ògún convidou Afin a relatar o ocorrido. Ela explicou que seu marido havia colocado sal em sua comida mesmo sabendo sua proibição. Perguntaram-lhe como sabia do fato e quem contou, Afin explicou as divindades que seu filho, avisou-a. Nesse instante as divindades duvidaram de Afin, pois como seria possível uma criança, com apenas um dia de vida falar. Presumiram que Afin estava brava. Orişá N'Lá foi convidado a defender-se das acusações. Contrariando as expectativas ele confirmou que havia colocado sal na sopa de sua esposa, tendo feito apenas para vingar-se, pois no mesmo dia, mais cedo sua mulher colocou vinho

em seu copo de beber água, mesmo sabendo que era sua proibição. As divindades perguntaram como ele sabia e quem contou? Orísá N'Lá explicou que seu filho havia lhe dito.

Todos os olhares se voltaram para a misteriosa criança. Com poucas palavras foi decifrado o enigma. Juntaram as peças faltantes, dizendo:

"Eji mogbe ni ogbe enikon!" A tradução dizia: "Veio ao mundo para salvar a vida de seus pais, por isso, que cada um deles recebeu o aviso salvando-se de uma destruição mútua".

Todos ficaram impressionados com a criança. No sétimo dia quando seus pais foram dar o nome à criança decidiram chamá-lo de Ejiogbe, ou Dupla Salvação.

Devido ao primeiro trabalho de Ejiogbe na terra é que durante a cerimônia de iniciação de Ugbodu, todos os sacrifícios materiais devem ser feitos em dupla: duas cabras, duas galinhas, dois peixes, dois ratos, etc...

Quando Ejiogbe surge no Ugbodu, sal e vinho eram sempre adicionados a material de iniciação em comemoração aos eventos transcorridos no dia de seu nascimento.

OS TRABALHOS TERRESTRES DE EJI-OGBE

À medida que crescia o menino prodígio realizou uma série de coisas misteriosas, mas o primeiro maior milagre que ele executou foi com a idade de quinze anos, quando a sua mãe o levou ao Oja-Ajigbomekon,o único mercado existente naquele tempo e no qual comerciantes do céu e da terra faziam todo tipo de negócios até a venda de utilidades para a divinação. Todos tinham algum tipo de habilidade, utilidade, ofício, tecnologia, etc, para vender, vindo para aquele mercado para negociá-las.

O MILAGRE NO MERCADO

Em seu caminho para o mercado, ele encontrou uma mulher. Ele parou-a e perguntou-lhe se tinha um problema. Como ela se dispôs a falar, ele pediu para ela não se preocupar, pois ele conhecia seus problemas melhor que ela mesma.

Ejiogbe contou-lhe que ela tinha estado grávida por três anos, mas que não tinha se desenvolvido. Ele lhe pediu para fazer um sacrifício com dezesseis caracóis, uma galinha, um pombo, cinco obi saudáveis e mel. Ele também lhe pediu para usar um bode, àkarà (bolinhos de feijão) e ẹkọ para fazer sacrifício para Èṣu. A mulher providenciou os materiais para o sacrifício e depois de feito Ejiogbe garantiu-lhe que seus problemas estavam acabados. Ele, entretanto informou que após ela tivesse parido seguramente, deveria levar uma pequena serpente (da família da jibóia, chamada Oka em Yorùbá e Arumwoto em Bini) para dar de presente em agradecimento a Ọrúnmìlá. Ele pediu a ela para juntar caracol e ainda mais tudo o que pudesse dispor.

A mulher fez o sacrifício e seguiu seu caminho.

O MILAGRE DO ALEIJADO E DO CEGO

A próxima pessoa que Ejiogbe encontrou em seu caminho para o mercado foi um aleijado chamado Aro. Como ele disse antes para a mulher grávida, falou a Aro que ele tinha um problema, mas o aleijado respondeu que não tinha problema e que era o jovem (Ejiogbe) quem tinha.

Ejiogbe retirou seu Uroke (bastão de divinação) e apontou o nas mãos aleijadas e nas pernas. Instantaneamente o aleijado levantou-se para caminhar. Foi nesse instante que Aro se deu conta que longe de tratar com um garoto, ele estava tratando com um sacerdote. Aro foi de joelhos agradecer Ejiogbe por curá-lo de uma deformidade com a qual ele havia nascido. Ejiogbe avisou-o, entretanto, para ir e servir Ọrúnmìlá, mas que no futuro deveria evitar esconder seus problemas, porque ele nunca saberia quando Deus responderia as suas orações. Ejiogbe disse que se alguém esconde sua doença, adoença o esconderá dentro do chão.

Logo Em seguida, Ejiogbe encontrou um homem cego e perguntou-lhe se ele tinha um problema. O homem cego respondeu que não tinha quaisquer tipos de problemas. Novamente Ejiogbe estendeu seu Uroke em direção aos olhos do homem e ele instantaneamente recuperou a visão. O homem foi envolvido em total alegria, mas Ejiogbe o avisou para providenciar sua iniciação como um seguidor de Ọrúnmìlá a fim de minimizar as suas dificuldade com a humanidade. Ele também o avisou a servir a sua cabeça com um galo na chegada em casa. Com o que Ejiogbe foi para o mercado.

Ejiogbe executou os milagres mencionados sem pedir por nenhuma recompensa aos seus beneficiários.

O RESULTADO DA IGNORÂNCIA AOS AVISOS DE EJIOGBE

No seu retorno para casa, sua mãe o deixou para trás, Ejiogbe então encontrou por acaso um esquilo ao lado da estrada. Ele recomendou ao esquilo fazer um sacrifício para Èṣu com um bode a fim de que as palavras ditas por sua boca não pudessem lhe trazer a destruição.

O esquilo retrucou que se o jovem queria carne para comer, ele não iria conseguir a dele. O esquilo é chamado Otan em Bini e Okere em Yorùbá. Bem próximo, ele também viu um boá, chamado Okaa em Yorùbá e Aru em Bini. Ele lhe disse que a morte estava de tocaia ao redor e que seria levado a ela por um vizinho muito falador. Para evitar a calamidade, ele recomendou a serpente a servir a sua cabeça em um lugar secreto com um caracol. Ele estava proibido que alguém replicasse as suas orações enquanto estivesse servindo a sua cabeça.

E por fim, Ejiogbe encontrou um arbusto espesso (Eti em Bini e Illo em Yorùbá) e recomendou-lhe a oferecer um bode a Èṣu, a fim de evitar um problema sem motivo. Encontrou também uma palmeira para quem ele recomendou a dar um bode a Èṣu, a fim de que mais nenhum problema viesse a quebrar o seu pescoço. A palmeira fez o sacrifício sem demora o Illo não fez.

Após aquelas ajudas Ejiogbe foi para casa. A jornada do mercado Ajigbomekon normalmente durava perto de três meses. Tão logo ele chegou em casa, recebeu uma mensagem que a mulher que encontrou em seu caminho de ida ao mercado estava entrando em trabalho de parto. Ele correu rapidamente para a casa da mulher e a salvou com o uso de um encantamento o qual a tradição de Ifá não permite ser reproduzida neste livro. É um dos encantamentos com os quais os sacerdotes de Ifá salvam as mulheres grávidas neste dia. Ela teve um menino. Tão logo a mulher se deitou na cama, seu marido pegou seu bumerangue de caça (ekpede em Bini e Egion em Yorùbá) e saiu para a floresta em busca de um boá, bem como carne com a qual alimentar a sua esposa. Quando o boá tomou conhecimento que a mulher que tinha estado grávida por três anos deu a luz uma criança, ele compreendeu que o marido dela logo viria em busca dele, como ele fora informado pela orientação

de Ejiogbe. Um tanto tardiamente, ele correu para a casa de Illo, para ali servir a sua cabeça privadamente. Illo lhe deu permissão para servir a sua cabeça em sua casa.

Tão logo Okaa sentou-se para rezar para sua cabeça, Okere veio à casa de Illo. Como Okaa dizia suas orações, Okere as respondia com "Aşẹ!". Okaa o advertiu que não deveria responder Aşẹ para ninguém em suas orações. Ele então correu longe da casa de Illo. Ao mesmo tempo Okere mudou de atitude e começou a cantar: "Okaa, jokoo kpekpe re kpe!'

Neste momento o homem com o bumerangue que estava procurando por Okaa, ouviu o esquilo gritando e começou a rastrear a sua posição. Como o esquilo continuava a berrar histericamente, Okaa atirou nele e matou-o. O Homem então cortou uma forquilha do espesso arbusto para iluminar o seu interior. Enquanto fazia isto viu Okaa no chão e o matou ao mesmo tempo em que notou ao lado da Okaa morta, um esquilo morto e um caracol que a boá ia usar para servir a sua cabeça. Ele juntou todos eles e foi para casa.

O arbusto havia sido cortado com uma foice que estava no corpo de uma palmeira, ela se alegrou e teve novo contato com a vida assim que o arbusto foi cortado pois estava interrompendo o ar fresco de alcançá-la. Esta foi à questão, a palmeira foi à única que fez todos os sacrifícios nos momentos certos. Neste dia foi a boca do esquilo que o matou, também foi ele quem informou ao homem onde a boá estava escondida e invariavelmente atraiu a morte para ela.

Isto também explica o porque que quando surge no Ugbodu Ejiogbe para um homem alto e de tez escura, significando prosperidade assegurada para esta pessoa, por causa da altura da palmeira que sozinha fez o sacrifício. Se por outro lado sair para um homem baixo e claro, a menos que ele faça sacrifício não terá sucesso na vida. Este é o significado da omissão do baixo Illo e o claro esquilo e da boá em deixarem de fazer os sacrifícios prescritos.

COMO EJIOGBE SOBREVIVEU A IRA DOS MAIS VELHOS

A benevolência do jovem Ejiogbe o tornou tão popular que sua casa estava jorrando com os chamados dia e noite. Ele curou a doença, fez sacrifício para os pobres se tornarem ricos. Ajudou no parto de crianças e auxiliou o parto de toda mulher grávida que precisou de sua assistência.

Essas atividades trouxe-lhe admiração dos beneficiários de sua magnitude, mas lhe trouxe a inimizade da maioria dos awo mais velhos que não poderiam compreender seu altruísmo e benevolência. Logo ele ficou intranqüilo e uma noite, teve um sonho no qual seu anjo lhe informou que alguns mais velhos estavam conspirando contra ele. Quando ele levantou de manhã, ele estava tão confuso que decidiu ir para a divinação.

COMO EJIOGBE ADQUIRIU TRANQÜILIDADE MENTAL

Ele foi aos seguintes sacerdotes de Ifá para divinação:
Ajogodole efo ni mo kpe ifami
Òsigi sigi le ekpo
Usee mi oojagba igbo
Abu kele kan lo ode ide

Eles o avisaram para fazer sacrifício para seu Ifá com um cesto de caracóis. Já que ele não tinha dinheiro para comprar caracóis, todas as pessoas que ele tinha auxiliado anteriormente trouxeram

todos os caracóis requisitados para ele. Os caracóis foram quebrados e o liquido deles foi coletado. Os Awo coletaram folhas Ero e as maceraram no liquido dos caracóis para Ejiogbe se banhar com ele.

Após o sacrifício, ele começou a viver em paz. Este é o porque quando Ejiogbe surge durante a divinação, a pessoa é avisada para oferecer caracóis para Ifá. Quando sai no Ugbodu a cabra para a cerimônia não devera ser oferecida naquele dia até 5 dias depois. O que e para ser oferecido naquele dia Ogbodu são caracóis, rato seco e peixe seco. Quando a paz de espírito retornou para ejiogbe após a cerimônia ele se regozijou cantando: "Uruko iro, Erero lu uruko iro Erero".

EJIOGBE RETORNA PARA O CÉU POR DENÚNCIA

Antes de Ejiogbe fazer o sacrifício, os mais velhos que sentiram que ele estava obstruindo seu meio de sobrevivência fazendo milagres de graça, foram ao céu um após o outro para reportar a Deus.

Eles o acusaram de estragar o mundo e introduzir um novo código de sobrevivência o qual era totalmente alienado aos costumes da terra. Por outro lado, Ejiogbe não tinha vida própria, porque dedicava todo seu tempo a serviço dos outros. Quando crianças tinham convulsões ele era chamado a fim de curá-los, o que com encantamentos. Ele fazia o parto de mulheres grávidas, acalmava disputas das pessoas e ia em socorro dos oprimidos. Mal sabia ele que estas atividades humanitárias tinham incomodado os altos sacerdotes tradicionais a ponto de até mesmo planejarem matá-lo.

Neste estágio Olodumare (Osalubua em Bini), o Pai no Céu, enviou para Ejiogbe um Cavaleiro Celeste para ir buscá-lo. O Cavaleiro usou seu discernimento para decidir uma estratégia para arrastar Ejiogbe para o céu. Antes de chegar à casa de Ejiogbe, ele retirou seu uniforme e colocou-o em sua mala e fingiu ser um pedinte desempregado procurando por trabalho. Chegando a casa de Ejiogbe muito cedo pela manhã, suplicou para que lhe fosse dado o emprego de criado a fim de possibilitá-lo ganhar a vida. Ejiogbe lhe disse que ele não tinha emprego para oferecer, pois sua própria ocupação era prestar serviços de graça às pessoas do mundo.

Como estava prestes a tomar seu café da manhã quando o visitante chegou, o convidou para comer com ele, mas o homem explicou que não estava qualificado para comer no mesmo prato que Ejiogbe, o visitante insistiu que ele comeria qualquer coisa que restasse depois que Ejiogbe tivesse comido. Enquanto transcorria esta discussão, alguns novos suplicantes vieram chorando por auxílio.

Eles se queixaram que a única filha de seus pais teve convulsões e queriam que Ejiogbe fosse e revivesse a criança. Sem fazer a sua refeição matinal ele saiu, seguido pelo Cavaleiro Celeste.

Ele chegou a casa, colocou seu joelho esquerdo no chão e repetiu um encantamento, após o qual ele chamou pelo nome da criança três vezes e ela respondeu. A criança então respirou, abriu seus olhos e pediu por comida. Enquanto ele estava completando aquela operação de cura, outro suplicante o abordou implorando para ajudá-los a salvar uma mulher grávida que tinha estado em trabalho de parto durante toda à noite. Ele foi diretamente para a casa da parturiente que estava quase dando seu último suspiro. Assim que chegou, ele fez uma consulta oracular rápida e assegurou para as pessoas que a mulher se salvaria. Ele lhe deu Iyerosum (pó divinatório) e a água para engoli-lo. Enquanto ela engolia a água ele repetiu um encantamento e a criança com toda a placenta saíram ao mesmo tempo.
Ejiogbe e seu visitante foram então para casa, neste momento já passava bem do meio-dia e ele ainda não tinha tomado seu desjejum. Quando estavam chegando em casa encontraram um grupo de pessoas esperando. As pessoas tinham uma disputa para a qual o requisitavam para resolver para

eles. Um após o outro ele auxiliou e aplacou todas as disputas e as pessoas foram juntas para suas casas alegremente e reconciliadas. Neste momento ele ficou completamente livre para poder comer a sua refeição, o sol estava quase se pondo. Ele sentou-se para comer a comida preparada para ele mais uma vez e convidou novamente o visitante para comer, e este insistiu em comer depois dele. Enquanto ele estava começando a comer, o visitante foi até a sala e colocou o seu uniforme de cavaleiro. A visão do cavaleiro em seu uniforme celeste fez Ejiogbe perceber que ele era um mensageiro divino do céu. Imediatamente parou de comer e perguntou ao cavaleiro celeste qual a mensagem que tinha para ele, neste ponto o cavaleiro lhe informou que Deus queria que ele fosse ao céu mais uma vez. Ele rapidamente se vestiu e partiu para o céu com o homem.

Tão logo eles se colocaram fora de casa, o cavaleiro o abraçou e quase que instantaneamente ambos estavam no palácio de Deus. Tão logo eles chegaram, a voz de Deus pediu para Omonighorogbo (Ejiogbe - nome celeste antes de sua vinda para o mundo) dar explicações para a criação de muita confusão no mundo e que ele tinha perturbado as outras divindades na terra. Omonigborogbo se ajoelhou para oferecer uma explicação, mas antes que ele dissesse uma palavra, o mensageiro enviado para capturá-lo se ofereceu para falar em seu lugar. O cavaleiro explicou que o Próprio Pai Todo Poderoso não poderia ter feito o que Omonighorogbo fez na terra. Ele demonstrou que desde cedo Omonighorogbo não tinha sequer tempo para comer uma refeição apropriada, pois ele no serviço de lavrador da espécie humana, não recebia qualquer recompensa que fosse.

O mensageiro explicou que era uma tentativa de se comportar na terra como eles faziam no céu, o que aborreceu as divindades ambiciosas da terra.

Ouvindo os detalhes das observações do mensageiro, Deus ordenou a Omonighorogbo levantar-se de sua posição, já que ficou claro que todas as denúncias feitas anteriormente contra ele eram fruto de inveja e ciúme. Então Deus lhe ordenou a voltar ao mundo para continuar as suas boas obras, mas que daí em diante ele deveria cobrar razoáveis honorários pelos seus serviços, mas continuaria a ajudar os necessitados. Ejiogbe então recebeu a benção de Deus e deixou o palácio.

Antes de retornar para o mundo, ele decidiu encontrar seus Awo celestes que fizeram a consulta oracular para ele antes de partir do céu pela primeira vez.

Ele foi à: 1 - Eduwe koko mejinja won sarawon kpelenje kpelenje.
2 - Ejo-mejinja, won sarawon loroku loroku.

Significando: (1) Quando duas folhas de cocoyam estão brigando, o vento as carrega por toda parte.
(2) Quando duas serpentes estão lutando, elas se enrolam uma com a outra.

Eles o avisaram para oferecer um outro bode a Èṣu, lhe disseram ainda que ele encontraria por acaso uma linda mulher na terra com quem ele casaria. Após se casar com ela, era para ele dar um grande bode mais uma vez para Èṣu, assim aquela mulher lhe traria força e prosperidade, mas que se ele a permitisse partir ele retornaria para a penúria. Ele fez o sacrifício a Èṣu no céu e retornou para a terra. Assim que cerrou seus olhos, como tinha sido feito pelo cavaleiro celeste, ele estava logo acordando de seu sono na terra. Os suplicantes estavam começando a se perguntar porque Ejiogbe dormira por tanto tempo naquela manhã.

O CASAMENTO DE EJIOGBE

Quando por fim ele acordou, a primeira pessoa que ele encontrou naquela manhã foi uma bela mulher clara chamada Eji-Alo. Ele se apaixonou assim que colocou seus olhos nela e a mulher lhe disse que ela viera para se oferecer em casamento para ele.

Após casar-se com a mulher esqueceu-se de dar o grande bode para Èṣu, como ele havia sido instruído no céu a fazer. Eji-Alo era filha de um chefe muito importante de Ifé. Ela ficou logo grávida e deu a luz a um menino que já era inválido no útero, o pai que era capaz de curar outras invalidezes, não podia curar seu próprio filho. Assim é porque vêm dizendo que um "doutor" pode curar os outros, mas não a si mesmo.

Eji-Alo estava tão frustrada sobre o nascimento do inválido que se recusou a ficar com Ejiogbe para cuidar dele, finalmente ela empacotou as suas coisas da casa de Ejiogbe deixando a criança para trás.

Posteriormente Èṣu, Ògún e Obalifon visitaram Ejiogbe para lhe perguntar porque ele não tinha sido visto do lado de fora de sua casa já fazia algum tempo. Ele respondeu que Eji-Alo o tinha deixado com uma criança inválida para cuidar. Então, eles se ofereceram para ir buscar um Awo no céu. Os dois Awo eram desta vez: Eduwe koko meji e Ejo Mejinja, que coincidentemente eram os Awo que fizeram a divinação para Ejiogbe em sua última viajem espiritual ao céu. Eles o relembraram do grande bode que eles haviam dito a ele para dar a Èṣu depois de casar na terra, afim de que sua esposa não o abandonasse. Os Awo prepararam um remédio para lavar as pernas da criança e a vida retornou instantaneamente a seus membros. Depois do que foi dado o bode a Èṣu.

Em seguida ao sacrifício e a cura da criança, Eji-Alo não voltou para Ejiogbe, porque neste meio tempo ela tinha contraído matrimônio em Oluweri. No entanto a porção do remédio usada para curar o filho de Ejiogbe foi feita com um Aṣẹ para ele usar para mandar a esposa retornar para ele, se assim ele o desejasse. Já que se deu conta de que ela já casara com outro homem, Ejiogbe preferiu usá-lo para chamar Eji-Alo para encontrá-lo em uma vereda longe dos invejosos de Ifé. Ele também usou o Aṣẹ para comandar Oluweri, que seduziu a sua esposa, a encontrá-lo na mesma vereda. Tão logo a dupla surgiu perante ele, conjurou-os a se abaixarem e os uniu em um só corpo e os trocou de posição para nunca mais se lembrarem de nada.

O SEGUNDO CASAMENTO DE EJIOGBE

A primeira esposa de um verdadeiro filho de Ejiogbe nunca ficará muito tempo com ele, a menos que seja de tez escura, a próxima mulher que Ejiogbe encontrou era chamada Iwere/Were, que era uma feiticeira. Todavia, não importando o quanto mais eles tentem evitar, os filhos de Ejiogbe (aqueles para quem Ejiogbe surge durante a iniciação de Ifá ou Ugbodu) acabam mais freqüentemente do que não, casando com uma mulher que faz parte do mundo da feitiçaria. Se ele tiver três esposas, no mínimo duas delas devem ser feiticeiras.

Ejiogbe estava mesmo muito pobre quando se casou novamente e eles estavam vivendo na fronteira da fome. Todas as vezes que eles matavam um rato, "Ọrúnmìlá" dava a cabeça para a esposa. A mesma coisa aconteceu com um peixe, uma galinha e ainda uma cabra. Com o tempo eles foram capazes de dar uma cabra, claro que seus lucros estavam começando a melhorar. Por fim eles se tornaram tão bem financeiramente para construir sua própria casa, educar os filhos e casar com outras esposas. Neste ponto ele decidiu oferecer um agradecimento a seu Ifá.

Ele então comprou uma vaca para um grande banquete para o qual ele convidou outros sacerdotes que eram membros de sua família. Durante o banquete, quando a carne estava sendo repartida entre

os convidados à esposa mais velha esperou como de costume lhe ser dada a cabeça da vaca. Após esperar em vão lhe ser dada à cabeça, a esposa mais velha arrancou-a para si. Quase que instantaneamente, alguns dos muitos sacerdotes vingativos a repreenderam, porque a cabeça não era parte certa da vaca a ser dada a uma mulher. A cabeça da vaca então foi tomada dela.

Ela ainda esperou por algum tempo para deixar o marido interferir para corrigir a situação. Quando não houve reação positiva vinda dele, ela se retirou da sala de banquete para o quarto.

Três dias depois ela juntou seus objetos pessoais fora da casa de Ejiogbe e foi morar com seu irmão chamado Irókò, que lhe deu seu santuário logo depois.

Com a cerimônia de agradecimento acabada, Ejiogbe saiu em busca dela. Depois de vasculhar todo lugar em vão ele foi a seu irmão que confirmou ter lhe dado refúgio.

Vendo onde estava Iwere, Ejiogbe perguntou-lhe porque ela o deixara tão sem cerimônia, com lágrimas nos olhos ela respondeu-lhe que quando eles eram pobres ele sempre lhe dera a cabeça de qualquer animal, eles podiam ter recursos para matar para comer e nenhum sacerdote ou membro de sua família os visitou neste período. Ela perguntou porque isto era assim, porque apenas quando eles estavam numa situação boa financeiramente o suficiente para banquetear uma vaca, que eles vieram retirar-lhe o privilégio do recebimento da cabeça. Porque nenhum membro de sua família não veio para exigir as cabeças do rato, peixe, galinha, etc...

Em uma recitação de um encantamento ela exclamou:

Que homem pode gabar-se de ser tão grande quanto o elefante.
Quem pode proclamar ser tão grande quanto o búfalo.
Quem pode se gabar de ser mais influente que o rei.
Nem um pano de cabeça pode ser mais largo do que aquele usado pelas mais velhas da noite. Nem a corda tão longa quanto aquela usada pelas feiticeiras!
Nem o chapéu pode ser mais famoso que uma coroa. Na largura ou na amplitude, a mão não pode ser mais alta que a cabeça.
O cume de uma palmeira é mais alto que as folhas na cabeça da palmeira.
Aonde existe a realização de música é o som do sino que toca mais alto que os outros instrumentos a palmeira é a mais influente que as outras árvores na floresta.

Logo que Ejiogbe ouviu este poema ele também estava em lágrimas e suplicou a sua esposa para perdoá-lo. A esposa então sentiu pena dele e aceitou retornar com ele para casa sob a condição de que ele aceitaria apaziguá-la com uma peça de tecido branco, algum dinheiro e servir lhe a cabeça de uma cabra.

Isto explica porque para qualquer um que é nascido por Ejiogbe no Ugbodu é requerido servir a cabeça para sua esposa mais velha, à altura de sua prosperidade com uma cabra.

Quando sai na divinação para uma pessoa que era nascida por Ejiogbe, será perguntado a ele se já tem servido sua esposa com uma cabra. Ele será informado que sua esposa mais velha, se amarela, é uma feiticeira benevolente que poderá auxiliá-lo a prosperar na vida, providenciando ele de evitar desprezá-la.
Por outro lado, se saiu no jogo para um homem cuja esposa saiu de sua casa, ele será avisado para ir e lhe implorar para retornar para ele sem nenhuma demora, afim de que ele não retorne para a penúria.

COMO EJIOGBE AJUDOU UM LITIGANTE A VENCER EM SEU CASO

Logo que ele se tornou próspero, ele foi capaz de ter recursos para convidar outros awo para trabalhar para ele. Quando, portanto Baba Jagba Loorum veio a ele quando tinha um caso, Ejiogbe convidou outro awo chamado Ajagba Agbagba Ajagba jagba, ni era (toon) difa fun Baba jagba jagba lo orun. O awo lhe disse para fazer sacrifício a fim de se livrar do caso. Ele foi recomendado a fazer sacrifício com duas galinhas, um palmo de linha tecida e gim em fartura (Unien em Bini e Eruru em Yorùbá).

Ele providenciou todo material e o awo preparou o sacrifício para ele. As penas da galinha e as sementes de gengibre foram costuradas com fio em um colar usado em volta do pescoço e foi removido com o Uroke no altar de Èṣu.

Quando finalmente o caso surgiu para julgamento e sentenciamento, Baba jagba ganhou a causa.

Quando Ejiogbe surgir na divinação para uma pessoa que tem uma causa pendente, ele será avisado para fazer o sacrifício acima, o qual, todavia será feito para ele por um awo que saiba como fazê-lo.

COMO EJIOGBE FEZ UMA MULHER ESTÉRIL TER UM FILHO

Ebiti okpale ligbe,
Oowo le kuuruku,
Adifa fun olomo Agbuti.

Estes foram os nomes dos outros Awo convidados por Ejiogbe quando ele fez o jogo para moju, quando ela veio a Ejiogbe porque não tinha filhos. Ejiogbe lhe disse-lhe que fizesse um sacrifício com galinha, uma angola, e uma cabra. Ela fez o sacrifício sem demora, depois de preparado, Ejiogbe lhe disse para carregar a oferenda até uma água corrente drenada (Agbara em Yorùbá e Orogho em Bini), ela fez de acordo.

Portanto Èṣu ficou aborrecido porque ele não recebeu nenhuma parte do sacrifício, mas moju chamou Olomo Agbuti e ele replicou a ela que já havia feito vários outros sacrifícios para Èṣu anteriormente sem utilidade alguma. Èṣu então invocou a chuva para cair a fim de impedir o rio drenado de apreciar o sacrifício. A chuva caiu sobre o rio (Olokún), a água divina, que por sua vez carregou o sacrifício ao céu. Neste meio tempo, no céu, o filho de Olodumare estava doente e os Awo celestes tinham sido convocados para curá-lo. Enquanto os Awo estavam fazendo a consulta sobre a doença da criança, pediram a Olodumare para ir de volta para sua casa para pegar um sacrifício que estava vindo da terra para eles usarem para curar a criança.

Quando Olodumare retornou para sua casa, ele viu o sacrifício de Moju. Ele levou o sacrifício para os Awo, que adicionaram Iyerosun (pó divinatório) a ele depois do que eles tocaram de leve a cabeça doente da criança com o mesmo.

Quase que imediatamente, a criança ficou curada. Assim que a criança ficou bem, Olodumare convocou Olókun para perguntar-lhe por aquele que fez o sacrifício que salvou seu filho. Olókun explicou que ele não sabia da onde Agbara ou Oghoro (dreno) trouxera o sacrifício. Olókun convocou o rio drenado (Orogho ou Agbara) para explicar onde ele pegara o sacrifício e ele releu que havia sido Moju que o fizera. Seu anjo guardião no céu foi então convocado e ela explicou que sua protegida foi avisada por Ọrúnmìlá para fazer o sacrifício , porque ela tinha permanecido estéril

desde sua vinda ao mundo. O guardião explicou que Moju sempre lamentou que os filhos de suas contemporâneas com quem ela veio ao mundo ao mesmo tempo, estavam até mesmo crescidos e desenvolvidos para cortejá-la.

Olodumare então, exibiu seu bastão de autoridade e proclamou que Moju teria uma criança e que antes que seus olhos estivessem fechados, suas crianças e netos também teriam crianças ante seus próprios olhos.

Antes da manhã seguinte, Moju viu sua menstruação. Quando se tornou incólume e limpa novamente ela se uniu com seu marido e ficou grávida. Depois de nove meses ela teve uma criança a quem deu nome de Adeyoríju. Ela teve uma série de outras crianças, netos e bisnetos, antes de retornar ao céu. Quando Ejiogbe, portanto aparecer na divinação para uma mulher que está ansiosa para ter um filho, ela será avisada pelo Awo a fazer o sacrifício precedente e infalivelmente terá filhos em abundância.

COMO EJIOGBE AUXILIOU A MONTANHA A RESISTIR AO ATAQUE DE SEUS INIMIGOS

Aja kulumo, Ajaa kuulumo.
Adifa fun Oke, Ota le lu run okoo.
Ebo oke shoota, ota legbeje Adaa.
Ebo oko shoota.

Oke, ou montanha foi avisada a fazer sacrifício, e ele o fez, por causa dos planos maléficos de seus inimigos. Conspirando para destruí-lo estavam a enxada e o cutelo, que vieram para destruí-lo, mas não conseguiram esfolar o seu corpo. Ele até mesmo se tornou enorme e então se alegrou e ofereceu um agradecimento a seu divinador.

Ono niti fewa - foi o sacerdote que fez a consulta para Abati, o filho de Ejiogbe quando Morte tencionava, levá-lo embora em sete dias. Abati foi avisado para fazer sacrifício com um galo, uma galinha e caracóis e dar um bode a Èşu. Morte fez três tentativas vã para remover Abati desta terra depois do que ele deixou-o completar sua jornada. Então ele cantou o seguinte poema:

Uku gbemi,
Otimi,
Tiri Abati,
Abati tiri,
Arun gbemi,

A morte me agarrou e me largou,
A doença tentou e me largou,
Ninguém come cágado junto com sua casca.
Ninguém come um carneiro junto com seus chifres.
A casca do caracol é guardada depois de comida a sua carne.
Eu tenho sobrevivido aos planos maléficos dos meus inimigos.

COMO A MÃE DE EJIOGBE O SALVOU DE SEUS INIMIGOS

Efifi nii shoju omo teeree te,
Okpa Teere be ejo leyin,

Oshudi Eereke, Oshudi Eereke.

Estes são os nomes dos Awo que fizeram divinação para OlayOrí, a mãe de Ejiogbe, quando pessoas estavam fazendo comentários sarcásticos contra seus bons trabalhos. Ela fez o sacrifício com quatro sacos de sal. Depois do sacrifício algumas pessoas que estavam desdenhando de seus trabalhos começaram a fazer comentários favoráveis sobre ele. Esta é a causa de ninguém colocar sal na boca e fazer comentários ruins sobre seu paladar. Assim que a galinha vai se empoleirar nos seus ovos, ela modificará sua voz.

COMO EJIOGBE SE TORNOU O REI DOS OLODUS

Depois de todos os dezesseis Olodus terem vindo ao mundo, foi o momento para apontar a cabeça entre eles. Ejiogbe não foi o primeiro Olodu a vir para o mundo. Muitos outros tinham vindo antes dele. Antes deles, Oyeku-Meji que era o Rei da Noite tinha sido proclamado o mais velho. A maioria caiu em Orişa N'lá (O filho de Deus, ou o representante de Deus na terra) para indicar o rei dos Olodu. Orişa N'lá convocou todos e lhes deu um rato para repartir entre eles. Oyeku-Meji pegou uma perna, IwOrí-Meji pegou a segunda perna, Idi-Meji pegou uma mão e Obara-Meji pegou a mão restante. As outras partes foram repartidas em ordem convencional de idade. Ejiogbe sendo muito novo foi dada à cabeça do rato. Na seqüência Orişa N'lá lhes deu um peixe, uma galinha, um pombo, uma angola e finalmente um bode, os quais foram todos repartidos de acordo com a ordem estabelecida com o rato. Em cada caso a Ejiogbe foi dada à cabeça de cada um dos animais sacrificados. Finalmente Deus (Orişa N'lá) convocou-os para vir a ele para uma decisão depois de três dias. Chegando em casa Ejiogbe fez uma consulta oracular e lhe foi dita para dar um bode a Èşu. Depois de comido seu bode, Èşu lhe disse no dia indicado, que ele deveria assar uma raiz de inhame e guardá-lo em sua sacola junto com uma vasilha de água. Èşu também o avisou para ir depois para o encontro dos Olodus ao palácio de Deus.

No dia recomendado, os Olodus foram convocá-lo para a conferência. Após o deixarem, ele tirou inhame, descascou e o colocou dentro de sua bolsa com uma cabaça de água. No caminho para a conferência ele encontrou uma velha mulher, justo como Èşu previu e de acordo com o aviso dado ele aliviou a velha do peso da madeira para o fogo que ela estava carregando, porque ela já estava tão cansada que mal podia andar. Após aceitar de maneira agradável a ajuda, ela se queixou que estava com uma fome terrível. Instantaneamente Ejiogbe retirou o inhame assado de dentro de sua bolsa e o deu para ela comer. Depois de comer, ela pediu por água e ele lhe deu a cabaça d'água de dentro de sua bolsa. Com a refeição terminada ele carregou a lenha enquanto a velha senhora caminhou ao seu lado.

Ele não percebeu que a mulher era a Mãe do Deus Filho. (Orişa N'lá). Entretanto como ele deu a impressão de estar com pressa, a velha perguntou-lhe onde ele estava indo com tanta pressa. Ele respondeu que ele já estava atrasado para uma conferência na qual Orişa N'lá iria apontar o rei entre os Olodus. Ele disse que ela não estava tomando seu tempo, de qualquer maneira, já que ele era muito novo para aspirar à coroa dos dezesseis apóstolos de Ọrúnmìlá.

Na sua resposta a velha assegurou-lhe que ele estava indo para ser feito o rei dos apóstolos. Quando eles chegaram à casa da mulher, ela lhe disse para depositar a lenha atrás da casa. Ejiogbe já estava identificando a casa como a de Orişa N'lá, quando ele compreendeu que a mulher que ele tinha auxiliado era ninguém mais que a mãe dele. Ele então se curvou em sinal de respeito. A mulher lhe disse para seguí-la até o interior da casa. Chegando lá ela trouxe duas peças de roupa branca, uma em seu ombro direito e outra em seu ombro esquerdo. Ela então inseriu uma pena vermelha de papagaio na cabeça de Ejiogbe e uma marcação (giz branco) em sua palma direita, depois ela lhe

mostrou as 146 (Ota legbeje) pedras em frente e fora da casa de Orísa N'lá e direcionou-o a ir e sentar no topo de uma pedra branca no meio. Em seu novo enxoval, ele foi se sentar lá, enquanto os outros esperavam em uma câmara de Deus.

Depois Orísa N'lá perguntou aos outros por quem eles ainda estavam esperando e todos eles responderam que eles estavam esperando por Ejiogbe. Orísa N'lá então perguntou-lhes pelo nome do homem que estava sentado lá fora. Nem mesmo eles puderam reconhecê-lo como Ejiogbe. Orísa N'lá orientou-os a ir e prestar respeitos ao homem. Um após o outro eles foram se prostrar e tocar o chão com suas cabeças nos pés da onde Ejiogbe estava sentado. Em seguida Orísa N'lá formalmente proclamou Ejiogbe como o rei dos Olodus da família de Ọrúnmìlá. Quase que unanimemente, todos os outros Olodus se queixaram aborrecidos demonstrando sua desaprovação pela nomeação do mais novo Olodu para chefiar entre todos eles. Neste ponto Deus lhes perguntou como eles repartiram os animais que ele tinha dado a eles durante os sete dias no período de avaliação. Eles explicaram como eles os dividiram. Ele lhes perguntou a quem foi dada a cabeça de cada um desses animais e eles confirmaram que tinham dado para Ejiogbe. Orísa N'lá então exclamou que foram eles que voluntariamente apontaram Ejiogbe para ser o seu Rei, porque quando a cabeça está fora do corpo, o resto não tem vida. Com aquela observação eles todos se dispersaram.

Quando eles deixaram o palácio de Orisa N'lá, todos eles decidiram prender Ejiogbe em seus fortes braços. Não apenas resolveram não se reconciliar com ele como também decidiram nem servi-lo nem visitá-lo. Antes da dispersão Ejiogbe compôs um poema o qual ele usou como um encantamento:

Oja nii ki owo jaa,
Owuwu oni koo wo won wuu
Ikpe Akiko kiiga akika deenu,
Ikpe Oríre kii gun Oríre deenu,
Etuu kii olo tu won nimo,
Inu lo otin ire efo ebire wa.

Com aquele encantamento especial, esperava neutralizar todas as maquinações maléficas contra ele. Ele usou algumas espécies de folhas para este propósito. Após aquele incidente, eles lhe disseram que antes não podiam aceitá-lo como rei, ele teria de banqueteá-los com:
200 cabaças de inhame assado.
200 potes de sopa preparada com diferentes tipos de carnes
200 cuias de vinho.
200 cestas de obi, etc, dando lhe sete dias para organizar o banquete.

É desnecessário dizer que parecia uma tarefa impossível porque eles sabiam que Ejiogbe não poderia bancar financeiramente um banquete daquele tamanho. Ejiogbe sentou-se lamentando de sua pobreza, e a perspectiva de se tornar um pastor sem rebanho. Entrementes, Èsu veio a eles para descobrir a causa de sua melancolia e ele explicou que não tinha dinheiro disponível para financiar esmeradamente o banquete solicitado pelos Olodus, antes de eles poderem aceitar se submeter a ele. Èsu replicou que o problema seria resolvido se Ejiogbe lhe desse mais outro bode. Ejiogbe não perdeu tempo em dar o outro bode para Èsu. Após comer o bode, Èsu avisou-o a preparar apenas uma de cada de todas as coisas necessárias para o banquete e para fazer cento e noventa e nove recipientes adicionais cheios de cada item e enfileirá-los fora do salão do banquete no dia indicado. Ejiogbe seguiu a recomendação de Èsu adequadamente, neste meio tempo, cada um dos Olodu tinha estado fazendo pilhérias dele, já que eles sabiam que não havia jeito para Ejiogbe poder providenciar o banquete.

No sétimo dia, eles começaram a visitá-lo um a um para confirmar se ele estava certo com o banquete, já que eles não ouviram o som do socar do pilão vindo da sua cozinha, acreditaram que não iria haver banquete mais tarde. Entretanto, tendo ainda fora os potes cheios, Èṣu foi para o salão e ordenou uma preparação só para multiplicar em potes cheios. Instantaneamente, todas as cabaças, potes de sopa, cuias, cestas, etc, estavam cheias com preparados frescos e o banquete estava pronto.

Assim que Oyeku-Meji chegou ao banquete descobriu o que estava acontecendo, ele ficou atônito em ver que o banquete estava pronto depois de tudo. Sem esperar por um convite formal, sentou-se para servir a si mesmo a comida.

Ele foi seguido adequadamente por IwOrí-Meji, Idi-Meji, Obara-meji, Okonron-Meji, Irosun-Meji, Owanrin-Meji, Ògúnda-Meji, Osa-Meji, Otura-Meji, Irete-Meji, Eka-Meji, Eturukpon-Meji, Ose-Meji e Ofun-Meji. Antes de perceberem o que estava acontecendo, eles tinham jantado tudo e bebido para a alegria de seus corações.

Após o banquete, todos eles carregaram Ejiogbe acima de suas cabeças e começaram a dançar em procissão cantando:
"Agbee geege, Agbee Babaa, Agbee geege, Agbee Babaa."

Eles dançaram em procissão através da cidade. Quando chegaram à margem do oceano, Ejiogbe lhes disse para colocá-lo no chão e ele cantou em louvor dos Awo que fizeram a divinação para ele e do sacrifício que ele fez. Com o que ele foi coroado formalmente o rei dos apóstolos de Ọrúnmìlá, com o título de Akoko-Olokún.

Neste momento, ele sacrificou caracóis na margem do oceano e foi o último sacrifício que ele fez antes de se tornar próspero e o trono começou a florescer e vicejar.

CONTROVÉRSIA ENTRE EJIOGBE E OLOFEN

Em sua posição como o Rei dos Olodu, Ejiogbe ficou muito rico e famoso. Preocupado com a presença de um poderoso rei em seus domínios Olofen, o tradicional governador de Ifé, reuniu um exército para guerrear com Ejiogbe. Entrementes Ejiogbe, teve um sonho no qual ele viu que um ataque sobre ele era iminente, então convocou um Awo chamado Oole jagida, Olupe Peroja (um fácil acordo vence a hostilidade) para fazer o jogo para ele. Foi avisado a mandar vir um porco espinho (Okha em Bini e Irere em Yorùbá) o qual seria usado para prepara uma refeição, mas ele foi avisado a não comer nada disto. Todos os outros presentes se regalariam com ele.

Conseqüentemente a trama contra ele se reduziria a zero. Não muito mais tarde, quando Olofen viu que Ejiogbe já estava bem próximo e se tornando cada vez mais popular do que ele, recrutou outro time das mais velhas da noite para lutar com ele. Ele foi mais uma vez ao mesmo Awo o que o avisou para ele mandar vir um ouriço (Akika em Yorùbá e Ekhui em Bini) para outro sacrifício. O sacerdote de Ifá adicionou folhas importantes e usou-as para preparar também outro banquete, avisando a Ejiogbe mais uma vez para não comer.

Após o banquete, aqueles designados por Olofen para atacá-lo diabolicamente se tornaram igualmente assustados para enfrentar Ejiogbe.
Após cada banquete, o Awo tinha coletado a cabeça, o couro e os ossos dos dois animais. Quando Olofen descobriu que Ejiogbe ainda estava na cidade e tão popular como sempre, ele convocou o povo para publicamente expulsá-lo. Mais uma vez Ejiogbe convocou o sacerdote que o avisou para providenciar um bode e um antílope inteiro para um sacrifício especial para Èṣu.

Ejiogbe pegou os dois animais para fazer sacrifício para Èşu. O Awo usou a carne para fazer outro banquete do qual Ejiogbe foi avisado para não comer. Logo depois (à tarde) gozando o banquete, o povo sustentou que eles não tinham como expulsá-lo da cidade de Ifé.

Neste ponto Olofen decidiu por uma nova estratégia completamente diferente. Ele convidou Ejiogbe para uma refeição em seu próprio palácio, em três dias. No dia indicado, Olofen requisitou ao seu carrasco real para se posicionar em emboscada por Ejiogbe e assassiná-lo durante a sua jornada para o seu palácio. Antes de sair de casa para o palácio de Olofen, Ejiogbe foi ao altar de Èşu com um obi, uma colher cheia de óleo de palma e um caracol para invocá-lo através de um encantamento para escoltá-lo, já que não sabia que trama o aguardava neste momento. Antes de verdadeiramente se colocar a caminho, ele fez seu próprio signo no chão e repetiu outro encantamento. Assim ele caminhou próximo de todos os carrascos sem nenhum incidente e chegou seguramente ao palácio. Olofen ficou surpreso em vê-lo e desde que não tinha nada na verdade para discutir o jantar terminou como começou. Olofen tinha certeza de que seus carrascos o pegariam em seu retorno para casa. Quando os carrascos esperavam para desferir o golpe fatal em Ejiogbe, foi o momento em que Èşu interviu.

Assim que Ejiogbe se aproximou dos carrascos, Èşu chamou o antílope com o qual Ejiogbe tinha feito o sacrifício para se tornar inteiro de novo e saltar sobre o meio dos assassinos na emboscada.

Quase que imediatamente, eles todos abandonaram sua vigília e perseguiram o antílope até que eles chegaram ao palácio de Olofen. Como o antílope entrou no palácio, houve um pandemônio geral e uma luta comunal na cidade de Ifé. Enquanto a agitação acontecia, Ejiogbe tranqüilamente retornou pacificamente para sua casa sem molestação alguma. Por outro lado, Olofen acusou os assassinos que enviou para a tocaia de Ejiogbe de falhar em levar a cabo as suas instruções, todos eles foram encarcerados.

Foi Ejiogbe quem mais tarde foi ao palácio para suprimir a confusão que tinha sido criada pelo mistério do antílope. Ele usou sua tábua de divinação e outro encantamento para o retorno da paz e tranqüilidade mais uma vez a Ifé.

Depois disso Ejiogbe convocou todos os sacerdotes de Ifá, chefes e mais velhos da cidade para um banquete preparado com uma vaca, cabras e galinhas para agradecer a Ọrúnmìlá, a divindade da sabedoría. Após a refeição, ele resolveu nunca mais se confraternizar com Olofen. Então cantou em louvor ao Awo que o viu através do incômodo de Olofen e de Èşu que usou o antílope com o qual ele fez sacrifício para espalhar seus inimigos.

Por esta razão é que em todo Ugbodu, ao filho de Ejiogbe é proibido porco-espinho, ouriço e antílope a partir deste dia, porque estes foram os animais usados para combater os planos maléficos de Olofen contra ele.

Isto também explica porque os filhos de Ejiogbe não se dão bem com nenhum rei ou Oba em seus domínios.

A BATALHA DE EJIOGBE COM A MORTE

Agora ficou claro o que Ejiogbe passou na mão de todos os inimigos possíveis e imagináveis, porque ele resistiu em defender os seus bons objetivos. Ele tinha sobrevivido aos problemas dos

leigos e dos sacerdotes da mesma maneira de sua família, dentre as divindades, e do Rei. Foi, então a vez da morte tomá-lo em combate.

O nome do Awo que fez o jogo para ele nesta ocasião foi Iku Kie ja nile Olodumare Aron kiija nile Olodumare. (A morte e a doença não fazem guerra na casa de Deus). Ejiogbe foi avisado que ele morreria antes do fim daquele ano. Rapidamente ele fez sacrifício com duzentos sinos e um bode para Èṣu. O sino sempre soará pois ele não morre. O sino foi preparado por dois Awo para ele estar soando toda manhã, com o que ele foi capaz de sobreviver ao final do ano e muito além.

Este é o tipo de sacrifício que é feito quando Ejiogbe surge no jogo e prediz a morte do consulente. Quando a morte viu que Ejiogbe tinha sobrevivido a ele naquele ano, fez uma nova tentativa com um próximo plano para deter a respiração dele dentro de sete dias.

Tão logo a Morte estabeleceu sua mórbida estratégia, Ejiogbe teve um sonho naquela noite e a viu pairando ao seu redor. Ele rapidamente convocou seus subordinados para fazer a divinação. O Awo chamado Una Oke, rororo moota, lhe disse que a morte o tinha marcado para ser abatido em sete dias. Ele foi informado a fazer sacrifício com um bode, uma galinha e vinte obi. O bode e o galo foram dados a Èṣu e ele iria quebrar cada um dos vinte obi para Ifá durante o período de vinte dias. Ele estava abrindo os obi de Ifá e então disse: Me deixe viver para quebrar obi para Ifá no próximo dia. Seja qual for o pedaço de obi para o Ikin ele nunca morre.

No final ele viveu até os próximos quinze anos.

CARACTERÍSTICAS NOTÁVEIS DE EJIOGBE

Em um poema especial, Ejiogbe revela que se ele surgir no Ugbodu para uma pessoa que é muito clara, a paternidade da mesma deverá ser meticulosamente examinada porque talvez haja algum temor sobre isto. Ele enfatiza que se a verdade sobre a ascendência do neófito não for examinada, o risco de morte prematura é muito real. Ele diz que ninguém iria censurar a Ọrúnmìlá sobre a morte prematura de um iniciado se a verdade não é dita sobre a duplicidade de sua paternidade. Ele insiste que há meio da pessoa, especialmente se ele é baixo, irá sempre ser próspero na vida.

Por outro lado, ele proclama enfaticamente que se ele surge no Ugbodu para uma pessoa negra e alta, ele deve ser o verdadeiro filho de Ejiogbe. Ele não apenas irá prosperar, mas será famoso e popular. A pessoa será sem dúvida honrada com um título alto ou tradicional mais tarde na vida, proporcionando a ele caminho livre para Ifá assisti-lo. A pessoa não será dada a jogos de trapaças sujas ou ambivalência.

Ele diz que é o iniciado para Ejiogbe que sofrerá traição e o dobro da conduta.

De um modo geral a criança de Ejiogbe tem muita dificuldade para superar barreiras antes de ver a ribalta.Todas as crianças de Ejiogbe devem de qualquer modo se abster de comer carne de alguns animais, antílope, ouriço (Ekhui em Bini e Akika em Yorùbá), porco espinho (Okhaen em Bini e Ururee em Yorùbá). Os filhos de Ejiogbe deverão também tentar evitar comer uma fruta parecida com a banana e inhame vermelho a fim de prevenir o risco de uma dor de estômago.

Quando Ejiogbe auxilia alguém, ele fará então sinceramente. Se por outro lado ele é afrontado acerca de uma agressão, destrói irreparavelmente. Filhos de Ejiogbe são por outro lado muito perseverantes e bondosos. Ainda assim ele é totalmente capaz de mudar a sorte porque Ọrúnmìlá não acredita nas impossibilidades, como podem ser vistas no poema a seguir composto por Ejiogbe.

"Pessoas com propósitos sérios não ouvem o pássaro cantando a canção do infortúnio.
Dificuldades e problemas fazem surgir o melhor do homem.
Paciência e sacrifício fazem o impossível se tornar possível.
Dê-me um problema difícil para resolver que os céticos possam assim crer, me dê uma guerra para promover que homens possam perceber então a força das divindades.
Aprender com infortúnios passados é ser sábio, não aprender com os erros anteriores é insensatez.
A pessoa que falha em fazer sacrifício justifica o adivinho.
No momento em que alguém ignora os conselhos torna o conselheiro um profeta".

O homem que aprende com a disputa e o homem que não aprende na disputa (Ajaagbon, Aagabon) eram os dois empregados de Ejiogbe que fizeram o jogo para a região de rixa. Eles avisaram o povo a fazer sacrifício com cinco cães, sete tartarugas e sete caracóis, deste modo eles seriam fortes para se libertar dos conflitos incessantes.

Eles foram juntos e fizeram o sacrifício, dois de cada dos materiais sacrificiais foram oferecidos a Ògún, que com Osonyin estão sempre fermentando conflitos para a cidade. Duas de cada uma das vítimas sacrificiais, excluindo os caracóis (Osonyin tem proibição de caracóis) foi dado a Osonyin. Quatro caracóis foram oferecidos à divindade da terra. Os três cachorros restantes foram preparados e levados a vagar ao redor na cidade.

É por conta deste sacrifício que alguns filhos de Ejiogbe são avisados a fazer criação de cães.

Os cães logo começaram a se reproduzir e multiplicar. Uma vez Ògún estava trazendo problemas para a cidade e todos os cães começaram a latir para ele. Com raiva, Ògún perseguiu e matou um dos cães para comer. Desta forma abandonando sua missão.

Por sua parte, algum tempo depois, Osonyin se aproximou da cidade para causar o caos, o chão liberaria então em abundância caracóis na linha de seu caminho. A visão dos caracóis sempre o aborreceria e ele iria embora.

Assim foi como paz e concordância substituem o tumulto e a discórdia na cidade.

Isto explica porque cães latem para sacerdotes de Ògún até hoje.

Normalmente quando Ejiogbe surge no Ugbodu durante uma iniciação, antes da cerimônia se completar, há certeza de que haverá chuva forte. O sacerdote de Ifá que fez esta revelação sugeriu que ele teve uma experiência pessoal. Ele recorda que durante a sua própria cerimônia de iniciação em 1953, não tinha havido chuva durante cinco meses em Ondo. Até mesmo o Osemawe de Ondo tinha convidado os fazedores de chuva para induzir a chover, mas não caiu nenhuma gota de chuva forte.

Quando o sacrifício para o seu Ifá, que aconteceu para ser Ejiogbe, estava sendo preparado, os Awo lhe disseram que antes dos sacrifícios estarem completos haveria uma chuva muito forte. Naquele momento o calor do sol era tão forte que ele simplesmente descartou aquela predição como conversa tola. Antes que o sacrifício estivesse a meio caminho do término, o tempo tinha mudado.

Quando ele foi informado a entregar o sacrifício no altar de Èṣu à chuva se tornou tão forte que ele não conseguia alcançar o altar por conta do aguaceiro. De acordo com o Awo Omoruyi Edkpayi, aquela foi à primeira maravilha que Ọrúnmìlá fez para ele. Desde então ele tem experimentado muitos outros momentos maravilhosos.

O ENIGMA PARA OS AWO

Após ouvir o melhor das atividades de Ọrúnmìlá nos dias de Ejiogbe, o rei de Ifé decidiu testá-lo juntamente com outros Awo na expectativa de tolher a sua crescente popularidade. O rei pegou uma cabaça e nela colocou uma esponja e sabão usado por uma moça recém-casada na lua de mel. Ele também adicionou canwood (Osun) e um pedaço de tecido de algodão fino preto da Índia (Asho Etu) e amarrou a cabaça com uma peça de roupa. O Rei então a colocou no seu altar de Ifá, depois do que ele convocou os Awo para vir e descobrir o conteúdo da cabaça. Todos os Awo tentaram e falharam até que foi a vez de um Awo chamado:
Adaro eeku
asha wo kookuta
oke olobitun ofiyi she okpe.
Ogbo ogbo ogbo,

Um dos representantes de Ejiogbe.

Assim que ele estava acomodado, ele soou seu bastão (Uroke) na bandeja divina (akpako) e Ejiogbe surgiu. Ele então nomeou os materiais a serem usados para fazer sacrifício, como esponja e sabão usados no banho de uma noiva no dia do casamento, canwood (osun) e um tecido preto. O rei havia recebido a resposta que ele queria e ficou muito satisfeito. Ele então recompensou o Awo com um título de chefia e quatro esposas, duas negras e duas brancas.

POEMAS DE EJIOGBE PARA O PROGRESSO E PROSPERIDADE

ENI - Shee inoo ni moo
EJI - Jiji ekpon agbo oji - eejaa.
ETA - Maa taaku nu, Maa Taarun daanu.
ERIN - Bi a baarin, adife ooye la agbo.
ARUN - Maarun kaasha, maada mi.
EFA - Efa ufe, efa ono ouniti erukoo.
EJE - Bi aghoro ba tii shoro, aakiije.
EJO - Uwaanmi aajo, eyin mi aajo.
ESAN - Uwaami aasuon, Eyinmi aasuon.
ENO - Inoo wale ayo, kuroiita.
OKONLA - Elereni eleno diiro
Alara, Eleno diiro Ajero, eleno odiro
Oba ado, ooni Oka siru Eleno diiru re.
Osemowe aamu udu ghaaran
eleno diirure, Orunmila ome kikan
eekun ro rabe eleno diiru re.
Ta ago, Teeru niiso ni ile oloja
Gbelemi soomi eeon ni nuule Alade
Aasofun oluware yi aalesio.

Tradução

1. Uma pessoa soma (acrescenta, adiciona) ao que ele já tem.

2. Não importa o quanto os testículos de um carneiro balancem, não podem ser separados do seu corpo.
3. Eu sobreviverei às mãos geladas da morte.
4. Uma longa discussão leva alguém até Ifé.
5. Quando eu como fogo, eu o engolirei.
6. A enxada arrasta as dádivas domésticas para dentro e para fora de casa.
7. Quando um sacerdote serve a sua divindade, leva sete dias.
8. Eu prosperarei na vida tanto mais tempo ficar.
9. Eu serei bem sucedido na vida e doravante.
10. Ayo só pode ser interpretada por seu conteúdo.
11. Apenas uma amostra pequena de presentes respeitáveis é presenteada aos Reis de Ara, Ijeto e Bini. Apenas uma parcela respeitável das dádivas é apresentada.
    Dádivas para o Ooni de Ifé, Osemowa de Ondo e Ọrúnmìlá são apresentadas aos montes.
    As unhas do tigre não são usadas como faca para lacerar o corpo humano.
    O carregador de dádivas descarrega sua bagagem em frente ao recipiente mais velho para o qual é designado.
    Carregando e descarregando da mesma forma que o indo e vindo nunca termina na casa das formigas e cupins.

A pessoa será avisada após uma cerimônia especial que vá com este poema, que progresso e proezas sempre ficarão com ele. Ter muita capacidade de crença perante os Awo pode auxiliar a executar esta cerimônia especial para o filho de Ejiogbe.

AKPETEBI ABORRECE EJIOGBE

Ejiogbe era conhecido por ser particularmente paciente e tolerante. Um dia, uma de suas esposas irritou-o tanto que ele decidiu sair de casa em fúria.

No caminho ele encontrou os seguintes agentes de destruição, um após outro, Èṣu, Feiticeira, Abiku, Doença e Morte. Cada um perguntando onde ele estava indo com tanta fúria e fumaça. Em resposta ele lhes disse que estava saindo de casa porque sua esposa que não estava lhe permitindo ter paz de espírito. Cada um deles se comprometeu a retornar com ele para casa para negociar com a esposa ofensora.

À noite Ejiogbe partiu para casa, a esposa ofensora teve então um sonho no qual a assustaram tanto que ela decidiu ir a um divinador na manhã seguinte. Ela foi avisada que o infortúnio, doença e morte súbita estavam em seu encalço porque Ọrúnmìlá a tinha denunciado para os altos poderes.

Ela foi informada a varrer e limpar a casa, lavar suas roupas e preparar um banquete em múltiplos de cinco, tipos de sopa, inhame assado, carnes, vinho, obi, água, etc, de encontro ao retorno do seu marido e apresentar o banquete de joelhos para tão logo ele retornasse para casa.

Ejiogbe esteve fora por cinco dias, como ele retornou no quinto dia, todas as cinco divindades o seguiram até sua casa.

Assim que eles chegaram à entrada principal de sua casa, ele lhes disse para esperar e ele foi pela entrada dos fundos. Em lágrimas esposa ofensora se ajoelhou para abraçá-lo e implorar por seu perdão.

Ela lhe deu um jantar farto, e um para todos os dias que ele esteve fora. Sendo um homem com um coração mole como era, Ejiogbe juntou o banquete e deu-o as cinco divindades que estavam esperando fora. Após comerem, eles se direcionaram para atacar a mulher, mas Ejiogbe lhes disse que ela tinha se arrependido por suas transgressões, posto que fora ela quem preparara o banquete que eles tinham justamente apreciado. Ele relembrou-lhes de uma regra divina de que ninguém pode matar aquele que os alimentou.

Assim foi como ele salvou sua esposa da destruição.

Quando Ejiogbe surge na divinação para uma mulher casada lhe será pedido para preparar o banquete acima mencionado em múltiplos de cinco, por ela ter ofendido seu marido tanto que as divindades da destruição a tem perseguido em fúria.

CAPÍTULO XIV

OYEKU - MEJI

II II
II II
II II
II II

Foi Oyeku quem revelou como Ọrúnmìlá ensinou a espécie humana como desviar-se da ameaça da morte prematura. Quando o homem foi criado, a morte viu a nova criatura como o seu melhor alimento básico. Morte, portanto foi à única divindade que se alegrou com a criação do homem por Deus. Enquanto as outras divindades viram o homem como ser inferior criado para servi-los, morte os viu como provisão de alimento. Ele, entretanto aguardou o homem se multiplicar e depois disso foi aos seus domicílios capturá-los para usar como comida. Carecendo de meios de autodefesa e deixado sozinho para o combate final, o homem se resignou com o fato do incessante ataque violento da morte. Eles não tinham ninguém para quem apelar, porque era a lógica, como os homens viam os animais inferiores como comida para se alimentarem, a Morte olhava para o homem, como carne para alimentá-lo. Logo que compreendemos a predominante filosofia da existência das plantas e animais, que são criados para servir ao propósito no sistema planetário, nós não seríamos injustamente perturbados pela inevitabilidade da morte.

Da mesma forma como usamos plantas e animais para satisfazer nossa rotina e desejos básicos, nós também estamos à mercê da mais poderosa divindade. Tendo nos dado um papel para exercer no sistema planetário, o qual inclui provisão de alimento para os altos poderes, Deus tem nos dado inteligência para nos defendermos da melhor maneira que possamos, por meio do apaziguamento ou pelo desvio. Isto é claramente ilustrado nas revelações de Oyeku que seguem:

Uku Yee
Iruku Yee
Eku meji Looruwe
Eja meji Ajoko Loore
Olule Adiye
Ideregbe Aaba murede
Agbo ghaka, Eji Laba odumeta
Ako Elila toun to oshukaare.

A morte se alegrou com a criação do homem.
Ele pilhou os seres humanos para comer à vontade.
Dois ratos se divertindo na terra
Dois peixes se divertindo na água
A galinha tem seus ovos, indo empoleirar-se
A cabra tem entregue muitos cabritos.
O poderoso carneiro de três anos
O gordo boi doou com carne robusta
Todos foram criados para apaziguar a morte.

Este conjunto de criações dada a Morte nem a apaziguou, nem a satisfez. Morte continuou a focar o seu olhar fixo na carne humana.

Quando finalmente o homem se aproximou de Ọrúnmìlá para a divinação em como controlar a ameaça da morte, ele lhes disse que nenhum sacrifício já poderia desviar a atenção da Morte do homem. Sua carne constituía o único alimento que poderia satisfazer seu apetite divino. Todo o resto, ratos, peixes, carne de aves, cabritos, carneiro e até mesmo vacas eram a principal comida dos sacerdotes das divindades.

Eles lhes perguntaram se nada poderia pará-lo de se alimentar com sua própria comida preferida. Entretanto ele lhes disse que a melhor maneira de desviar uma divindade maléfica era fazer sacrifício para ela com o que lhe era proibido. Ọrúnmìlá em sua capacitação como Ukpin (A testemunha do próprio Deus na criação) é o único que sabe o que cada uma das outras divindades é proibida.

Ele então avisou os para preparar inhames amassados (Obobo em Bini e Ewo em Yorùbá) para ser carregado de pequenas pedras. Também lhes recomendou a trazer um pequeno filhote de ave vivo.

Eles juntaram os materiais e todos os homens reuniram-se na sala de conferência aonde a morte costumava usar para pegá-los um após o outro. Ọrúnmìlá recomendou-os a comer o inhame assado, mas jogar fora às pequenas pedras. Também a amarrar o pintinho sobre a entrada da casa de Èṣu, sem matá-lo.

Quando a Morte se aproximou da câmara de conferência para mais um ataque, ele tropeçou nas pedras que os homens estavam descartando de suas comidas. Quando ele colocou as pedras na boca para experimentar a comida que os homens estavam comendo, ele não pode mastigá-las. Ele, então, se questionou se aqueles que eram capazes de comer objetos tão duros deveriam ser a mais terrivel das criaturas, quem poderia sobrepujá-los, sob provocação ficavam muitos irritados.

Desta forma a Morte estava contemplando o que fazer em seguida, quando o pintinho na entrada da casa de Èṣu começou a chorar: Uku yee.

Ouvindo o choro do pintinho, Morte correu para fora, porque lhe era proibido o som de um pintinho. Morte então, deixou o homem em paz e eles se alegraram, agradecendo a Ọrúnmìlá por demonstrar-lhes o segredo da Morte.

Foi desde aquele tempo que a Morte inventa outros caminhos através de procuradores ou caçadores do homem. Desde então, a Morte não pode matar o homem diretamente, porque ele é de outra forma uma divindade coração de pintinho.

Ele até mesmo tem estado contando com seus mais agressivos e vingativos irmãos, como Ògún, a divindade do ferro que mata por acidentes fatais, Ṣàngó, o trovão divino que mata através de relampejar, Sankpana, que mata por meio de epidemias como a varíola e sarampo, ou as divindades noturnas que assassinam através da feitiçaria, etc...Quando estas divindades não são rápidas o suficiente na busca de comida para a Morte, o Rei da Morte usa Doença, que é sua esposa, para lhe trazer comida. Mas isto foi depois que o homem tinha aprendido o segredo de como desviar o caminho da Morte. Antes, porém Morte caçava o homem por si mesmo.

Quando Oyeku-Meji, por conseguinte surge durante a divinação, a pessoa poderá ser informada que a Morte o está rondando, mas que ele deverá fazer sacrifício para Èṣu com inhame assado misturado com sal e óleo de palma e carregado de seixos. Também é para amarrar um pintinho vivo no altar de Èṣu para afugentar a Morte.

Quando Oyeku-Meji, entretanto surge na divinação para uma criança recém-nascida, os pais serão avisados a fazer sacrifícios similares como a chuva fez antes de vir ao mundo de modo que a criança seja elevada acima dos vários inimigos poderosos, que está destinado a ter durante o seu tempo de vida. Este tipo de sacrifício requer encantamentos especiais que só podem ser feitos pelos adeptos do Ifismo.

OUTROS TRABALHOS CELESTES DE OYEKU

Com o apelido de Edidu KpereKpere Ojumuna, ele fez divinação para a chuva no céu antes de ele vir ao mundo. Chuva era chamada Ojogidigidi Tiinshe omo okunrin Orun. Ele avisou Chuva a fazer sacrifício, porque estava indo para aparecer no meio dos inimigos na terra, Chuva foi avisada a fazer sacrifício com um bode, roupa preta e um feixe de porretes. Chuva fez o sacrifício antes de vir para a terra.

Como ele estava preste a nascer, seus mais agressivos mais velhos já estavam na terra. Eram o sol, brilho e estiagem. Antes da chegada da Chuva, todos eles tinham jurado que não haveria de ser o lugar da Chuva na terra. Enquanto isto a Chuva começou a ameaçar. Já que tinha feito o sacrifício para Èṣu, ele partiu em sua jornada para a terra. Èṣu então expôs a roupa escura com os quais a chuva fez o sacrifício e estendeu-a para formar uma grossa camada de nuvens sobre o céu. Houve escuridão total na terra. Èṣu então deu a Chuva muitos porretes que ele usou para fazer o sacrifício e recomendou-lhe a usá-los para derrotar qualquer um que se atrevesse a ficar em seu caminho. Aqueles porretes eram o aguaceiro que a Chuva usa para bater em ambos, reis e escravos, superiores e inferiores igualmente, a partir deste dia.

Desta forma ele foi capaz de subjugar o orvalho, a seca, o calor, a poeira e árvores, etc. Os quais todos eram seus inimigos.

COMO O PEIXE VEIO A SE MULTIPLICAR

Iwo oye
Emi oye
Oye okonte bo
Oshebi oju loomo.

Oyeku-Meji fez consulta oracular para o peixe quando ele estava vindo do céu. Peixe era filha do Rio no céu. Ele avisou a Peixe para fazer sacrifício a fim de ser plenamente capaz de ter filhos na

terra. Ela foi oríentada a fazer sacrifício com uma cabra, galinha e pombo. Ela fez e veio ao mundo aonde começou a ter filhos aos múltiplos de cem naquele tempo.

OYEKU-MEJI REVELA O RETORNO DAS DIVINDADES AO MUNDO

Uji odo nimo gbu iyi odo,
Ibi ono meewa mo gbu ji edun,
Akeke ge igi nu ugbo
Agboun re gegerege
Iyoyo agbo ni rinkonre Konre
Olule gi gbrironmu romu oja tontonton
Olule eti gbironmu
Ronmu oja titi ronronron
Adifa fun Orunmila ni igba to tiko
Run bowa kole aye.

O som do pilão ressoa do lugar onde está assentado.
Eu estava em pé no caminho e ouvi o machado derrubando a árvore.
O machado estava derrubando uma árvore na floresta e o som ecoou muitas milhas distante.
Do mesmo modo que o carneiro se movimenta, seu testículo oscila da esquerda para a direita.
O homem vivendo em uma casa próximo ao mercado escuta o ruído da praça do mercado.

Estes foram os nomes dos Awo que fizeram a consulta oracular para Oyeku-Meji no céu, quando ele estava vindo para o mundo. Eles lhe recomendaram a fazer sacrifício com um bode para Èṣu e oferecer cabra, galinha, pombo, um pano branco e búzios para Olokún, a divindade da água. Ele fez os sacrifícios. As duzentas divindades (Ugbarunmole em Yorùbá e Ihenuri em Bini) decidiram visitar a terra para descobriu como os habitantes estavam passando. Quando chegaram na fronteira do céu e da terra no Oja Ajibomekon, eles encontraram duas mulheres chamadas Oja e Aje. Estas mulheres personificavam dinheiro e prosperidade. Como veremos mais tarde, quase todas as duzentas divindades não fizeram o sacrifício antes da partida no céu nem se deram ao trabalho de obter autorízação de Èṣu, que eles todos desprezavam como a um desconhecido.

Nem bem eles haviam partido do céu, Èṣu soltou a corda da chuva do céu. A chuva logo começou a cair pesadamente, e todas as outras divindades procuraram abrigo em um ponto ou outro. Ọrúnmìlá, que tinha sido avisado pelo divinador a não parar no caminho até a chegada na terra, não importando o quanto chovesse pesadamente, procedeu a sua jornada sozinho, na companhia das duas mulheres. Quando eles alcançaram a terra, seus filhos lhes deram roupas para trocar. A eles foi dado um vestuário branco.

A chuva caiu continuamente por três dias, contudo Ọrúnmìlá contraiu matrimônio com as duas mulheres Aje e Oja e eles tiveram filhos, mas as outras divindades ainda não tinham chegado.

Após esperar em vão pela chegada das outras divindades, seus filhos e seguidores na terra decidiram ir procurar por eles.

Então, quando os habitantes da terra encontraram as divindades e as persuadiram a seguir com eles até em casa, eles recusaram a oferta, com base em que eles estavam bem confortáveis em suas novas residências e ambientes. Por sua parte, Ọrúnmìlá tinha estado praticando a arte de Ifá satisfatoríamente na terra e havia recrutado muitos noviços. Ele também abriu um comércio com a

ajuda de Aje e Oja, que tinham se tornado suas esposas. Elas mesmas o fizeram excedentemente rico.

Esta revelação explica porque os altares de algumas outras divindades são colocados fora de casa a partir deste dia, exceto Ọrúnmìlá, junto com Aje e Oja (Olokún) que seguiram-no ao mundo.

Os outros são colocados em vários locais aonde eles se refugiaram da chuva quando estava vindo ao mundo. O motivo pelo qual Olokún e Ọrúnmìlá são servidos com roupas brancas a partir deste dia, é porque foi à roupa que eles trocaram ao chegarem na terra após serem encharcados pela chuva durante sua jornada.

A revelação também explica porque dos filhos de Oyeku-Meji não serem autorízados a usar sombrinhas, porque seu patrono divino não se refugiou da chuva que encharcou durante sua vinda do céu. Se o Ono Ifá (Odiha) é cuidadosamente preparado para o filho de Oyeku-Meji (que é aquele que saiu no Ugbodu) ele será muito rico e próspero na vida, prevenindo eles são capazes de proibir o uso de sombrinha e nunca deixar a chuva pará-lo em prosseguir com o que está tencionando fazer.

Sua prosperidade é freqüentemente influenciada pelas esposas, se forem sortudos de casar com a mulher certa cedo na vida. A melhor profissão para os filhos de Oyeku-Meji é a criação em uma fazenda ou no comércio. Este foi o aviso dado a Oyeku-Meji antes de ele partir do céu, que ele comercializaria ovelhas ou teria granja, aves, porcos, cabras, vacas ou qualquer coisa destas.

Daria a eles um bom começo na vida, apesar de que eles deveriam ir a terra se graduar na faculdade de empreendimentos econômicos.

O NASCIMENTO DE OYEKU-MEJI

O pai de Oyeku Meji era tão paciente quanto o monte de entulhos, enquanto que sua mãe era tão enérgica quanto a junção de três estradas. Em outras palavras, seu pai era um homem leigo e sua mãe era uma feiticeira que costumava se transfigurar no mundo astral ou físico para se reunir com as mais velhas da noite. Quando os poderes da esposa se tornaram tão arrogantes para ele, ele foi ao divinador e foi informado para fazer um sacrifício com uma serpente (Okaa em Yorùbá e Arunmwoto em Bini). Ele fez o sacrifício e sua esposa logo ficou grávida.

Uma noite ela estava para entrar em trabalho de parto, ela mais uma vez se transformou em uma feiticeira. Quando ela acordou, Èṣu tinha colocado a serpente com a qual seu marido fez o sacrifício, atrás da casa. Enquanto isso, ela se sentiu como que afável em si. Ela então foi ao banheiro que ficava atrás da casa, o qual era tradicionalmente afastado. Em seu caminho para o banheiro, viu a cobra, que foi deixada por Èṣu. Fugiu de medo, o mais longe da casa até que chegou a um cruzamento triplo. Foi lá que ela entrou em trabalho de parto, e pariu um menino sem auxílio.

Ela estava tão feliz pela dupla salvação, que ela teve em uma única noite, que a criança foi nomeada Oyeku Meji. Ela tinha escapado da morte sobrevivendo ao ataque da serpente, e ao mesmo tempo, a chegada de uma criança ao qual ela havia esperado por anos.

Quando Oyeku Meji surge no jogo para uma mulher, que tem o desejo por um filho ela será aconselhada que é a responsável por sua infertilidade por que não é apenas mais forte, mas também vê mais longe que seu marido. Será avisada a se submeter a autorídade do marido se ela verdadeiramente quer ter um filho.

Se surgir este jogo para um homem que está ansioso para sua esposa ter um filho, lhe será dito que sua esposa não está tão desejosa quanto ele por um filho. A fim de convencê-la a ter um filho, ele usará uma serpente para fazer o sacrifício a seu próprio Ifá se ele tiver um, ou fará os preparativos para ter seu próprio, a fim de reprimir os diabólicos poderes superiores de sua esposa.

A VINDA DE JEWÈSÙN PARA A TERRA

Também foi Oyeku Meji quem revelou como JewÈsùn veio a este mundo. Os Awo que fizerem a divinação para ele antes de partir do Céu eram chamados:
Bí aba Kpe Oku ni Kponkpo
Alayiye, looma Daun
Odifa fun Odo Agutan
tinshe okonbi omo olodumare
Obe laa arinrin igbatema omo araye.

Significando:
Quando a noite é chamado à distância, é um ser vivo que responderá o chamado. O filho de Deus que foi chamado JewÈsùn no céu foi informado a fazer sacrifício com uma ovelha e um pano vermelho a fim de sobreviver à trama que estava sendo encubada pelos seres humanos contra ele na terra. Ele também foi informado a dar um bode a Èşu o qual ele asperamente se recusou a fazer, porque tinha jurado ir ao mundo para destruir as forças do mal representadas por Èşu. Entretanto concordou em fazer o sacrifício com a ovelha e a roupa vermelha. O Awo lhe avisou que se ele não fizesse o sacrifício para Èşu, eram os agentes do mesmo que o matariam e diminuiriam a medida de sua vida e seus trabalhos missionários na terra. Uma vez que ele tinha feito o sacrifício da ovelha ele acordaria depois de três dias e sua reputação sobrevivência a ele, após seu retorno ao céu.

Quando ele chegou ao mundo, estava preste a começar seu trabalho de preparação dos objetivos, o verdadeiro caminho da vida no céu e o amor de Deus pelas suas criaturas, Èşu lhe surgiu em sonho e o advertiu que nem mesmo o próprio Deus tinha sucedido em liminar. A influência de Èşu no sistema planetário inteiro. Èşu lhe disse em sonho que se não lhe desse seu bode ele teria falhado consigo mesmo, porque ele introduzia seus seguidores para destruí-lo. JewÈsùn mais uma vez se recusou a servir Èşu pela razão que a benevolência nunca poderia se render ao mal. JewÈsùn foi verdadeiramente assassinado três anos após ter começado seu trabalho na terra.

COMO ELE VEIO SER CHAMADO JEWÈSÙN

Sua mãe tinha ido secretamente a Ọrúnmìlá na véspera da partida de Odo agutan para a terra e o persuadiu a fazer o sacrifício para Èşu, o qual seu filho se havia recusado a fazer. Ela foi à cidade de Ọrúnmìlá com o bode logo depois do por do sol. Ọrúnmìlá lhe disse que ele teria que colher duzentas e uma folhas diferentes no mato com as quais lavaria a cabeça de seu filho no altar de Èşu. Já que não era possível lavar a cabeça de ninguém ausente, não havia jeito de fazer o sacrifício.

Quando a mulher insistiu que Ọrúnmìlá improvisasse algum ajuste, ele respondeu dizendo que as folhas na floresta já estavam adormecidas e não deveriam ser perturbadas. Esta expressão em Yorùbá significa "JewÈsùn", com o qual Ọrúnmìlá disse que seria o nome de Odo agutan, tiinshe okonbi omo Olodumare, quando viesse para a terra. Como JewÈsùn estava verdadeiramente

partindo para terra na manhã seguinte, não houve oportunidade para fazer o sacrifício para Èşu e nunca foi feito.

Quando este Odu surge no jogo para uma criança concebida, os pais serão avisados que o filho está vindo ao mundo como um reformador, mas a menos que um sacrifício especial seja feito, como Odo agutan foi avisado para fazer no céu, ele não vivera para executar sua tarefa e que sua popularidade só irá florescer após sua morte.

OS TRABALHOS TERRESTRE DE OYEKU MEJI

Ele fez o jogo para Oloba:
Aanu Eku, Eja, Adiye, Kpelu ewure
Amushe a ye oloba,
Aye Oloba ku dududu.
Won lo bere lowo Eji oye,
Kini laama mu shaye Oloba
K'aye re adide.

Oloba (fogo) estava doente e moríbundo,
O rato, peixe e galinha foram oferecidos como sacrifício,
A cabra depois foi usada para fazer sacrifício para reviver o fogo,
Apesar destes sacrifícios, sua doença se tornou muito mais séria.

Ọrúnmìlá foi então questionado o que poderia ser feito para revitalizar Oloba (fogo). Após divinação, ele revelou que o único modo de trazer o fogo de volta a vida era usando o óleo de palma, três peças de obi secos, folhas secas de palma e um galo para preparar um sacrifício especial para se banhar.

Após ter sido feito o sacrifício, Ọrúnmìlá o levou a uma encruzilhada e lavou-o. Após o banho, Oloba foi levado de volta para casa. As três peças de obi, as folhas secas e o óleo foram moídos juntos e marcada a cabeça de Oloba, logo mais tarde, Ṣàngó liberou raios do céu, os quais conjuraram Oloba a voltar à vida e inflamaram fogo e ele rapidamente desatrelou um incêndio. Este é o motivo porque Ọrúnmìlá é louvado com a cantiga, poema o qual diz que ele era a única divindade que trazia de voltar à vida para Fogo quando ele estava tão doente e fraco que ele nem podia queimar nada e nem ninguém.

Mas Ọrúnmìlá lhe disse que ele nunca lhe pagaria com ingratidão e se lembraria sempre o que fez para ele. Este é o motivo porque até hoje, quando fogo entra na casa, e Ọrúnmìlá está ele se consome todo. No mínimo não irá tocar o altar de Ọrúnmìlá.

Sempre fazendo um círculo ao redor do altar. A cantiga é o encantamento usado pelos sacerdotes de Ifá para apagar o fogo, quando está ameaçando fazer algum estrago.

PORQUE OS FILHOS DE OYEKU MEJI NÃO USAM GORRO

Ligbo lere Ligbo,
Ligbo haa re eri,
Ligbo naa tieri Elede Ule,

Ligba naa ri awOrí,
Airi eron ekon jeun modum modun.

Há eficácia na coragem,
E vigor que multiplica,
Que permite porcos domésticos se multiplicarem sossegados.
É também vigor que multiplica.
A ovelha quando eles chegaram à cidade.
Estes são nomes dos Awo que fizeram divinação para Oyeku Meji.

Eles lhe avisaram para fazer sacrifício a fim que sua força se multiplicasse. Ele foi avisado para fazer sacrifício com a carne de caça e porcos domésticos, angola e duas ovelhas, para que a força de seus parentes se multiplicasse. Ele fez o sacrifício.

Os sacerdotes prepararam uma das ovelhas com remédios, adicionando as folhas apropriadas e o Iyerosun de Oyeku Meji. Depois disso, eles colocaram a ovelha no pé de uma palmeira, aonde foi banhada com o preparado de folhas. Ao próprio Oyeku Meji foi dito também para tornar seu banho com as folhas ao pé da mesma palmeira. Foi uma palmeira jovem a que tinha justamente começado o crescimento. Após o banho, o pote e seu conteúdo foram emborcados para cobrir a jovem palmeira. Era esperado que a jovem palmeira lançasse o pote para o lado quando ela crescesse.

Assim foi como Oyeku Meji floresceu depois de ter crescido ao lado do chapéu da pobreza aos pés da palmeira. Este é o porque os filhos de Oyeku Meji não devem esperar colocar chapeis em suas cabeças.

Oyeku Meji então levou para casa a ovelha lavada. A segunda ovelha e os demais animais foram preparados e cozidos no chão da sua casa.

Assim foi como a cabeça de Oyeku Meji se tornou tão forte. Ele permitiu que a ovelha perambulasse na cidade, enquanto cuidava bem dela. Como a ovelha gradualmente começou a se multiplicar Oyeku Meji também começou a multiplicar. Ele teve muitas esposas e filhos. Quando Oyeku Meji surge durante uma iniciação no Ugbodu a pessoa será avisada que sua cabeça não está forte. Ele deveria por esta razão ser levado a uma encruzilhada, por um sacerdote instruído que conhece o Ono Ifá (Odiha) apropriado, com um galo, três peças de "Kolanut" e folhas secas de palmeira e banhado lá. Ele também será avisado que ele é um abiku e que ele estará para ser banhado por Awo em uma encruzilhada. Se ele é capaz de fazer o sacrifício ele prosperará na terra.

Ele deverá ser avisado a começar a vida com a criação de ovelhas ou porcos, a qual se desenvolverá em grandes dimensões.

COMO EJI- OYE RESOLVEU O PROBLEMA DA MORTE

Assim que Oyeku Meji começou a prosperar, a morte foi em seu rastro porque é freqüente dizer que a morte não assassina uma cabra que não está acomodada na vida. Da mesma forma, Morte raramente vai aos pobres e vagabundos. È quando uma pessoa começa a subir numa árvore e que, a Morte vai ao enlaço.

Este é o porque Ọrúnmìlá diz que o caminho da prosperidade é muitas vezes tortuoso e severo.

Neste momento, Oyeku Meji começou a ter sonhos horripilantes. Ele então convocou alguns de seus representantes para fazer adivinhação para ele.

Os Awo convocados eram chamados:
Okpa gboungbo ounshiwaju du ona
Ese mejeji onijija du ona.

Eles lhe avisaram para fazer sacrifícios com quatro galinhas, quatro ratos e quatro peixes a fim de sobreviver às maquinações da Morte contra ele. Ele fez o sacrifício e Eji - Oye viveu até a velhice.

E está descoberto que ele não morreu verdadeiramente. Ele retornou a pé para céu.

COMO OYEKU MEJI GANHOU BENEFÍCIOS E PRESENTES

Para ser capaz de desfrutar os frutos de seus esforços sem incômodo e o risco de retornar para a penúria, Oyeku Meji tinha feito mais um sacrifício. Depois de oferecer um rato e um peixe para desviar a morte e a doença, ele foi avisado para oferecer um porco para Ifá e uma segunda cabra para sua cabeça. Ele fez o sacrifício e se tornou tão abastado que ele próprio não poderia acreditar que ele sozinho governou seus bens. Os filhos de Oyeku Meji são freqüentemente muito prósperos, por causa do sacrifício feito para eles no começo dos tempos.

Os Awo que fizeram aquela divinação para ele eram chamados:
Eroke ile aaberu gegere,
Eroke ile abidi birikpe.

Ele também deu um bode a Èṣu, um galo a Ògún e uma tartaruga para Osanyin. Assim ele tinha comprado a prosperidade de todas as divindades principais.

OYEKU MEJI SE TORNOU O REI DA MORTE

As divindades estavam acostumadas a se reunirem de cada cinco dias. Num desses encontros, eles enviaram uma proposta que cada uma das divindades demonstrariam suas proezas para os outros verem. Por sua vez Oyeku Meji gabou-se que ele era o único que sabia como prevenir vermes de entrar em objetos podres, e como fazer um animal morto muito mais famoso do que foi na vida equivalente. Ele foi informado para demonstrar estas capacidades declaradas no próximo encontro, no dia seguinte, Oyeku Meji foi ao mercado e comprou uma cabra, a qual ele andou ao redor da cidade com uma corda em volta do seu pescoço. Por toda caminhada, a cabra apenas fez o inofensivo usual som do qual ninguém tomou conhecimento. No dia seguinte Oyeku Meji sacrificou a cabra e removeu o couro para secar. Tão logo estava suficientemente seco, ele fez um tambor do couro. Após preparar o tambor, ele começou a tocar e seu som foi ouvido por toda cidade tanto que as pessoas começaram a questionar o que ele estava fazendo.

No dia apontado, ele foi ao encontro com seu tambor engraxado com um sabão preto, o qual foi especialmente preparado para expulsar feiticeiros de seus ambientes. Ele então foi chamado para provar os pontos que ele fez no encontro anterior. Ele replicou perguntando se ninguém ouvia o som da cabra viva que ele exibiu ao redor da cidade recentemente. A maioría dos membros confirmou que eles ouviram o choro da cabra, mas muitos outros disseram que não ouviram o som.

Ele perguntou de novo se ninguém ouvia o som do tambor que tinha sido tocado durante os dois últimos dias. Todos confirmaram ouvirem o som do tambor, mas eles perguntaram como este provava suas qualidades.

Ele então esclareceu que o sabão sujo na face do tambor era o animal podre que não tinha vermes, enquanto o tambor representava o animal morto que ressoou mais alto que o animal vivo. Todos os membros então compreenderam os pontos e ele foi imediatamente feito o Rei da Morte. Se Oyeku Meji sai nos Ikins para o homem, ele será avisado para oferecer uma cabra morta a Ifá - matando a cabra antes de oferecer. É uma oferenda especial porque Ọrúnmìlá deseja fazer uma revelação secreta para o homem. Se surge para uma mulher, ela e muito provável de se tornar grávida ou está tendo sua menstruação.

Se as duas probabilidades não são explicáveis, ela será avisada a oferecer um galo para Ògún para prevenir um provável acidente para prender o derramamento sangue dentro de três a cinco dias. Ela será avisada de que há uma velha mulher atrapalhando ela e que está importunando-a com feitiços.

Ela então ofereceria uma galinha, nove ovos para a noite, para neutralizar as maquinações maléficas da velha mulher. Ele ou ela também podem ser avisados que se ainda não perderam algum dinheiro em breve aconteceria, mas ela não seria injustificadamente aborrecida por isto, porque a perda é um meio para reparar, harmonizar para mais graves calamidades.

COMO OYEKU MEJI DEU NOME A UMA CRIANÇA DE ADENIMI

Liimko, Miimiiko le rin mikoo
Mi ejiogbe yio she teere kaari
Limiko miimiko erimiko
Mi iwOrímeji yio shabe e firiyan
Liimi iko miimiiko, ierimiikoo
Mi edimeji, yio gbiku tuei, tuei
Limiko mimiko, ierimiko,
Miobara meji yio shOrí te bele
Limiko mimiko, ierimiko
Mi okanran meji yio shose gberege
Limiko mimiko, ierimiko
Moje wo o bon wooda shoromi.
Memo tii miiko ia fi owun
Oyekumeji yio owun nukon mimiaye Kobem bem
Omo tounba ti bi ni wa kati teun a ankpe ladenimi.

Quando sai na divinação para uma mulher grávida, a criança certamente será uma menina, que se chamará Adenimi,
Oyeku perguntou a seus seguidores,
Quem tem um corpo robusto e aprumado,
Eles responderam,
È Ejiogbe.
Ele respondeu,
Ejiogbe é alto, mas esguio.
O dia logo continuou por quatro outros Olodus,
Para cada um deles Oyeku respondeu:
IwOrí tem uma cabeça grande e pernas gordas mas um abdômen diminuto.

Idi tem cabeça pequena e pernas pequenas mas um ventre farto.
Obara te cabeça pequena, mas abdômen grande e pernas também.
Okaran tem uma grande cabeça e um grande estômago, mas pernas desproporcionais e diminutas.
Oyeku Meji então se gabou que não havia nenhum outro Olodu com físico simétrico da cabeça aos pés.
Apenas ele Oyeku Meji era dotado com um corpo forte do topo à base.
Ele então proclamou que alguém que nascesse durante seu tempo deveria ser chamado à coroa aproximada e robusta.

O significado para este elogio egocêntrico só pode ser reconhecido pela adoção de outra visão dos signos de cada um dos Olodus mencionados acima:

OGBE	IWORÍ	IDI	OBARA	OKONRON	OYEKU
I	I I	I	I	I I	I I
I	I	I I	I I	I I	I I
I	I	I I	I I	I I	I I
I	I I	I	I I	I	I I

CAPÍTULO XV

IWORÍ-MEJI

I I I I
I I
I I
I I I I

Enquanto no céu, Iworí-meji era o Olodu mais velho de Ọrúnmìlá. Ele era muito competente na arte de Ifá e suas práticas. Ele trouxe a tona vários sacerdotes celestes e também teve muitos sub-rogados trabalhando para ele. Todavia era muito vaidoso, o que explica porque por fim perdeu a seniorídade para Ejiogbe e Oyekumeji, que eram de outro modo muito mais novos que ele no céu.

Ele fez muitos e inumeráveis trabalhos no céu, porque não permitia seus seguidores terrestres revelar seus trabalhos na terra. Muitos dos seus trabalhos celestes têm sido contados por alguns daqueles que se beneficiam deles.

TRABALHOS DE IWORÍ-MEJI NO CÉU

Ejikoko Iworí fez divinação para o sol, lua e escuridão.

Seu título no céu era KPAU YAKATA. Ele fez divinação para o sol, lua e escuridão quando eles estavam vindo para o mundo. Em Yoruba, eles eram chamados Ojo para o sol, Oshukpa para a lua e Okuku para a escuridão. Ele avisou os três irmãos para fazerem sacrifícios como segue:

SOL: fazer o sacrifício com 1 feixe de vassouras, pano branco, galo branco e uma galinha branca.
LUA: fazer sacrifícios com 1 pano vermelho, 1 galo marron e uma galinha marron.
ESCURIDÃO: fazer sacrifícios com 1 pano preto, 1 galo preto e uma galinha preta.

Ele os avisou para fazerem o sacrifício afim de que as pessoas do mundo pudessem honrar e respeitá-los, mas tão especialmente que as pessoas talvez não olhassem desdenhosamente para eles na face.

Mais importante, o sacrifício era destinado a dar-lhes poder e energia, a qual as faria indispensáveis aonde quer que eles fossem.

A Lua disse que ela era tão bela e popular para se preocupar com algum tipo de sacrifício. A Escuridão disse que já era naturalmente dotada com características adequadas para impor respeito e medo aonde quer que fosse, e também se recusou a fazer sacrifícios. O Sol foi o único a fazer o sacrifício.

Contudo a Lua havia feito antes o sacrifício para o amor, sendo esta a razão das pessoas se alegrarem com a visão da lua nova. Ao sol foi dado o feixe de vassouras, com as quais ele havia feito o sacrifício, para segurar na mão sempre com o conselho de que deveria apontar para a face de qualquer um que se atrevesse olhá-lo fixamente. Aquelas vassouras são os raios do sol, os quais danificam os olhos de qualquer um que tente olhar diretamente a face do sol. Ele é, no entanto admirado pelo calor que gera e é usado para uma variedade de propósitos em toda parte do sistema planetário.

Ninguém liga muito para a escuridão e não é usada para nenhum propósito tangível, por não ter feito o sacrifício. Pela mesma razão, a Lua é apenas admirada, mas também não é adorada como o Sol, nem usada para nenhum propósito produtivo.

IWORÍ MEJI FEZ DIVINAÇÃO PARA AKUN (CONTA DE CORAL)

Antes de partir do céu, a Conta de Coral também foi a Iworí Meji para divinação, contudo ele indicou 3 de seus subordinados para fazerem a divinação para o Colar. Eles eram: AFUN YIN YIN; AKE YINYIN e OYIN YIN KEBI ALA.

Eles fizeram divinação para o Colar (Akun em Yoruba e Ivie em Bini) que era chamado Olono Akeriwaye no céu. Eles o avisaram para fazer sacrifício a fim de que pudesse viver para sempre na terra como instrumento de adorno e nobreza, e a fim de ele ser tratado com respeito e dignidade. Ele foi fazer o sacrifício com 1 bode, 1 rato, 1 peixe, 1 galinha branca, pano branco e fio branco. Ele fez o sacrifício antes de vir para o mundo, aonde foi naturalmente recebido com júbilo. Desde a sua vinda para a terra, tem merecido o respeito de todos. Ele está associado como um símbolo real, aristocrático e de adorno cerimonial.

ELE TAMBÉM FEZ DIVINAÇÃO PARA O CHUMBO

No céu 2 awo que estavam trabalhando para Iworí Meji, fizeram divinação para o chumbo (Oje em Yoruba e Oze em Bini), quando ele estava sendo usualmente vulcanizado como inútil no céu.

Os 2 Awo eram Kaun gere Awo Ile Aran e Afòsile Awo Ose Karan Musi, Adifa Fun Aje Minimini Nigbati Gbobo Orun Fi Oju Imere Wo Oje, já que ele tinha um físico maleável, foi avisado de que não viveria muito quando chegasse na terra. Seria considerado como um Abiku, que morreria tão logo chegasse. Na divinação os Awo lohe disseram para fazer sacrifício com 1 pato, 1 galo e 1 abutre. Ele fez o sacrifício e foi para o mundo aonde viveu tanto que ele sobreviveu a todos aqueles

que esperavam que ele morresse jovem. Assim é porque foi composto um poema em louvor a sua longevidade, a qual é cantada pelos Awos até hoje.
Ugun-Ugun Kii Ku Lewe, Kange;
Maadagba maadarigbo Kange

Significando: O abutre não morreu na infância; eu viverei até a velha idade avançada porque nem o chumbo apodreceu, nem o latão enferruja.

Quando Iwary Meji surge na divinação ou no Ugbodu para uma pessoa doente, este sacrifício especial (ono Ifá) será preparado para ele, afim de que a pessoa possa viver muito.

Este é o último trabalho que é dito para ser feito por Ejikoko Iworí antes de ele vir para o mundo. Ele compôs o seguinte poema antes de finalmente vir para o mundo:
Ejikoko Iworí
Alade teju momi koo, womi ire
Bo omode baa teju, moma ri awó
Bo omode baa teju, aamofa
Eji koko IwOrí
Alade teeju momi ko wo omi ire Eji koko IwOrí
Jengen Jengen Jengen
Awaade dode Igbodo

EJIKOKO IWORÍ FEZ DIVINAÇÃO PARA O LEÃO, A VACA E O BÚFALO.

O leão, a vaca e o búfalo nasceram do mesmo pai, que era o rei dos animais no céu. Quando ele partiu para o mundo, se fez necessário para um de seus filhos repassá-lo como rei dos animais. O leão nesse item correu ao adivinho de seu pai, Eji Koko Iworí para divinação. Ele foi avisado para fazer sacrifício como segue:
Jogar dez pedaços de carne de elefante no rio;
Servir sua cabeça com 1 camaleão para Èşu;
Dar um bode e contas para Èşu.

Ele fez o sacrifício sem demora alguma e foi garantido que ele certamente tomaria o título de seu pai. Nesse meio tempo, a vaca sendo a mais velha dos três irmãos, não se incomodou em ir para a divinação, já que a lei de primogenitura no céu a capacitava para tomar a coroa de seu pai. Portanto ele foi neste meio tempo coroado como o rei dos animais.

Logo mais tarde a esposa da vaca foi ao rio e viu uma grande massa de carne e a pegou. Como ela estava indo para casa com a carne, Èşu transformou em carne fresca de elefante com sangue escoando lentamente dela. Ao mesmo tempo, Èşu atraiu a atenção do leão para a peça de carne no topo do pote de água, na qual a esposa da vaca estava carregando para casa. Persuadiu o leão a seguir a mulher até sua casa. Logo depois, a esposa da vaca, rainha agora, foi publicamente acusada pelo leão de roubar sua carne.

Desde que furto é punido com a morte no céu, a vaca soube das conseqüências e rapidamente abdicou ao trono e escapou para a terra com sua esposa.

Em seguida ao repentino desaparecimento do rei (vaca) do trono, o búfalo foi o próximo convocado a se tornar o rei, já que ele nunca esperava se tornar rei, ele também se dirigiu ao trono sem se preocupar em ir ao divinador. Correto desde o princípio, ele era um rei muito cruel. Sempre que

dois ou mais animais pediam-lhe por decisão de disputas mútuas, ele chifrava o queixoso e o réu morreria. Seu rebanho começou então a fugir dele. Quando o leão viu que o búfalo tinha sido coroado rei, ele foi de volta a Ejikoko Iworí perguntar porque sua predição de que ele se tornaria rei não tinha vindo a ser verdade. Ejikoko Iworí avisou para exercitar a paciência, mas que se ele quisesse que a predição se manifestasse rapidamente, ele deveria conseguir ter seu próprio Ifá, depois do que ele certamente se tornaria rei dentro de um período de 3 meses. O leão providenciou seu próprio Ifá e foi Iworí meji que surgiu para ele no Ugbodu.

Neste ínterim a comunidade de animais que estava perplexa pelo reinado agressivo e destrutivo do búfalo, também foram a Ejikoko Iworí para consultar o que fazer para por fim ao reinado de terror do búfalo.

Ele os recomendou que apenas teriam paz e tranqüilidade se eles tivessem êxito na restituição de seus rebanhos, as três crianças da floresta que tinham precocemente sido banidas pelo rei búfalo. Eram elas:
Oten - Omo Ilara;
Ogoro - Omo Olode;
Gu - Omo Ijarere.

Ele também lhes avisou que seu verdadeiro rei ainda estava se escondendo dentro de uma caverna na floresta. Ele lhes deu uma descrição completa do lugar e os animais rapidamente foram até lá. Quando chegaram na caverna eles viram o leão e o espancaram completamente para ocultá-lo ao invés de se unirem a ele para combater a ameaça do búfalo. Entretanto eles se juntaram em um exército e expulsaram o búfalo do trono e ele também fugiu para a terra.

Foi depois da expulsão que o leão foi trazido à cidade em procissão triunfal com um pano enrolado no seu pescoço. Enquanto isso eles foram para Oten que teimou em ser carregado em alguns ombros. Ogoro também insistiu em ser levado para casa em algumas cabeças, enquanto Oju foi levado de volta para casa em algumas mãos por que eles deixaram a cidade precipitadamente.

O leão tinha estado no trono por quatro dias sem proferir uma palavra. Ele estava assustado de ser açoitado de novo como eles o fizeram na caverna. Quando o leão foi espancado e lhes disse aonde seu falecido pai deixara todos os instrumentos de autorídade, incluindo o seu bastão diabólico.

Como ele estava formalmente proclamado rei, todos os animais se ajoelharam para cumprimentá-lo tradicionalmente.

IWORÍ MEJI DEIXA O CÉU PARA A TERRA

Enquanto no céu Iworí Meji era o mais velho dos Olodu de Ọrúnmìlá. Foi protelação e complacência que levaram-no à 3ª posição quando foi para a terra. Quando Ọrúnmìlá retornou de sua 1ª e única viagem a terra, ele convocou seus 16 filhos para acompanhar o filho de outras divindades a terra, para construir lá uma residência permanente. Em seguida hipóteses ele propôs que fossem um após outro, ao invés de uma única descida. Iworí Meji foi o primeiro a sair para dizer que ele era tão útil no céu que ainda não era hora de deixá-lo, além disso, ele observou, " um bom general não manda seus melhores soldados em primeiro na batalha". Ele então propôs que Omonighorogbo, que se tornou Ejiogbe na terra, fosse o primeiro a ir. Um modo de lisonjear Eji Ogbe, ele descreveu, como sendo o único Olodu suficientemente sociável para interagir verdadeiramente com as outras divindades, e que ele seria o melhor embaixador da família de

Ọrúnmìlá. Ejiogbe ofereceu-se para ser o primeiro a encabeçar o caminho, desde que ele tivesse uma boa razão para ir a terra.

Como nós já revelamos sobre a coroação de Ejiogbe como o Rei do Dia, tão logo ele chegou na terra, por ter chegado em plena luz do dia.

Como Ejiogbe não trouxe notícias de suas averiguações na terra, também foi Iworí que propôs a Ọrúnmìlá que Oyeku Meji fosse o próximo a ir para a terra.

Como já foi mostrado sobre Oyeku-Meji, ele nasceu à noite e foi conseqüentemente coroado como o Rei da Noite. Quando ele começou a ouvir as novidades de como a vida estava prosperando na terra, Iworí-Meji decidiu seguir seus dois irmãos. Assim que ele decidiu partir para a terra, os seguintes Awo fizeram a divinação para ele: Akàkarà ka moni tuka, Owara wiri, Oju egun, Iba afo demi, Mu akpoko, Akpowa no muko. Pessoas potentes fazem outras potentes. Um altar divino está sempre coberto em mistérios. Meu pai me disse para carregar a sacola de sucessos no meu pescoço e assim eu não entregaria a sacola da prosperidade para ninguém. Estes são os nomes dos três Awo que fizeram a divinação para Iworí-Meji antes de sua partida.

Eles o avisaram para dar um bode a Èşu e um galo para sua cabeça ou tudo quanto ele sabia que ele comeria. Ele deu o bode a Èşu, um camaleão para sua cabeça e um carneiro para Ifá. Ele também foi a Ọrúnmìlá (o Deus Poderoso) para obter sua benção.

Quando ele estava deixando o palácio divino, ele pediu a Deus o Akpominijekun (sacola misteriosa). Tendo recebido a mesma ele desceu para o mundo.

O NASCIMENTO DE IWORÍ MEJI

Seu pai era um indigente, enquanto sua mãe uma sacerdotisa divina. A mãe se chamava Jetti (alguém desmazelado) e seu pai era chamado Ako-Oko. Enquanto no ventre, ele atraiu presentes e benevolência de tudo e todos para seus pais. Enquanto sua mãe o carregou no útero, ela freqüentemente não era permitida a pagar qualquer serviço prestado ou mercadorías as quais ela comprava. Ela freqüentemente dizia que a criança em seu ventre era um grande sacerdote de Ifá, e que deveria ser respeitado.

No dia em que nasceu, ele chorou na frente da casa de seu pai, mas o choro ecoou atrás da casa. Ele freqüentemente era deixado só por causa do mistério que envolvia sua vida. Geralmente se extraviava na floresta, aonde usava todos os tipos de folhagem para esfregar sua cabeça. Ele tinha um chocalho em si para que seus pais pudessem conseguir encontrá-lo. Freqüentemente auxiliava as pessoas sobre seus problemas. Numa dessas ocasiões ele recomendou a seus pais para servirem suas cabeças mutuamente, a fim de que eles pudessem prosperar. O pai deveria usar uma galinha para servir a cabeça da mãe, enquanto a mãe usaria um galo para servir a cabeça do pai. Após o sacrifício, seu progresso foi excepcional.

IWORÍ-MEJI BRIGA POR SENIORÍDADE NA TERRA.

Na chegada ao mundo, ele descobriu que seus dois irmãos mais novos, Ejiogbe e Oyeku-Meji, que vieram a terra antes dele, tinham respectivamente sido coroados reis do Dia e da Noite.

Desde o princípio ele estava determinado a firmar a sua seniorídade celeste na terra sobre seus dois irmãos. Igualmente seu signo, 2 dentro e 2 fora, estava destinado a opor-se as autorídades de Ogbe e Oyeku.

I I	I I
I	I
I	I
I I	I I

De sua parte, eles estavam igualmente determinados a impor sua autorídade terrestre sobre Iworí.

Numa tarde Iworí estava sentado na frente de sua casa quando viu uma grande procissão se aproximando. Ele viu que todos se curvavam em reverência a um homem num cavalo, na liderança da procissão. Quando chegara onde Iworí estava sentado ele viu que era Ejiogbe, para quem todas aquelas reverencias estavam sendo feitas.

Quando ele viu Ejiogbe, não dobrou seus joelhos para cumprimentá-lo, como todos os outros estavam fazendo. Ele apenas agitou o seu próprio rabo de cavalo (Oroke), para cumprimentar ejiogbe como são habituados a fazer. Ele não viu porque tinha que se ajoelhar para seu irmão mais novo, porque não havia tradição qualquer, exemplo do irmão mais velho, um rei colocando seu joelho no chão para cumprimentá-lo.

Ejiogbe, então parou o cortejo e ordenou que se Iworí se achava tão importante para não cumprimentá-lo como todos os outros estavam fazendo. Ele no futuro se fecharia em sua própria casa durante o dia, se não pudesse se ver estando sob a autorídade do rei do dia. Iworí então se recolheu para dentro de sua casa em fúria.

No cair da noite ele saiu de casa para andar ao redor. Quando ele foi à encruzilhada próximo de sua casa ele viu novamente outro cortejo, no qual encabeçava, Oyeku meji, com um brilho ofuscante que era tão brilhante quanto os raios do sol. Novamente ao invés de se ajoelhar para cumprimentar Oyeku Meji como todos os outros estavam fazendo, e amenos abanou seu (Oroke) para ele. Mas uma vez, Oyeku lhe disse que se ele não se sujeitasse a autorídade do rei da noite, ele se absteria de sair de sua casa a noite.

Ele então retornou para casa. Desta maneira ele estava efetivamente proibido de sair de sua casa de dia ou de noite naquela situação. Ele nunca poderia sair de sua casa para ir buscar seu pão diário.

Quando Èşu viu que a condição de Iworí estava se tornando insustentável, ele se transfigurou em um chefe e foi até Iworí para avisá-lo a convidar seus dois irmãos para uma reunião para decidir suas diferenças a benevolência de Èşu que Ejikko Iworí deu-lhe antes de partir do céu.

Iworí aceitou a recomendação do chefe e convidou Ogbe e Oyeku, para encontrá-lo aos pés da palmeira onde as divindades desceram do céu, e através da qual Ọrúnmìlá, retornou ao céu. Eles finalmente se encontraram naquele ponto para discutir seus problemas. Tanto Ogbe, quanto Oyeku insistiram em assegurar sua superiorídade terrestre sobre Iworí. Foi finalmente acordado que Iworí ocuparia a terceira posição.

Ele aceitou a posição relutantemente. De fato é mostrado que ele voltou aos Awo celestes que o avisaram para dar um carneiro para Ifá para possibilitá-lo com tanta ou mais autorídade que seus dois irmãos . Ele fez o sacrifício no céu antes de voltar a terra. A significância especial desta parte da vida de Iworí é que quando surge no ugbodu, a pessoa deve ser a terceira criança de sua família.

Ele deve ter reencarnado anteriormente, ou ele deve ter morrido logo após nascer, e ter nascido de novo através dos mesmos pais.

Nesta seqüência lógica, eu contaria que eu tenho uma criança que foi dado o seu próprio Ifá logo após seu nascimento quando ele estava a ponto de morrer. Foi-me revelado por Ifá, oito anos atrás porque ele perdeu sua seniorídade. Eles me perguntaram se eu tive uma criança antes. Foi quando lembrei que a primeira criança nascida de sua mãe foi um par de gêmeos ambos machos. O primeiro das duas crianças a apontar morreu cinco dias após o nascimento no hospital geral na cidade de Benin no estado de (Bendel) da Nigéria. Dois anos depois sua mãe teve outro menino e foi esta criança para quem Ifá havia sido preparado. Ele ficou bem depois de completada a cerimônia. Seu Ifá é Iworí Meji.

COMO IWORÍ MEJI SOBREPUJA TODOS OS SEUS IRMÃOS

De volta a história de vida de Iworí, vários anos depois os Awo que fizeram divinação para ele no céu, decidiram visitar a nobreza do mundo. Aqueles que não sabiam seus nomes seriam levados de volta para o céu para se retirar.

Eles começaram a visitar os monarcas reinantes e aqueles que não puderam descobrir seus nomes eram forçados a retornar para seus ancestrais no céu e todos os seus pertences terrestres eram confiscados e colocados numa sacola misteriosa. Naquele tempo muitos monarcas reinantes morreram um após o outro em circunstancias misteriosas.

Depois de tratar com os reis, seu próximo ponto de visita era a casa de Iworí-Meji, que estava servindo sua cabeça, quando eles chegaram. Então antes, assustado em como a morte estava a atingir os monarcas reinantes, Iworí, consultou o seu Ifá, que lhe disse rapidamente a dar um bode a Èşu, a fim de sobreviver ao teste que logo estava vindo para ele. Foi-lhe dito para adicionar Akará, Eku e cabaça de vinho de palma e três bordões para sacrifício a Èşu.

Ele também deveria servir sua cabeça com uma Angola, depois de fazer o sacrifício a Èşu. Ele fez o sacrifício, sem demora.

Após ter recebido suas oferendas Èşu construiu um pequeno quiosque num espaço livre próximo da entrada da casa de Iworí.

No dia fatídico quando os cavaleiros (?) celestes estariam para visitar Iworí, Èşu organizou rapidamente eku, akará e vinho de palma em muitas unidades no quiosque. Depois disso esperou lá por algum intruso.

Logo em seguida, quando os cavaleiros celestes estavam passando por lá Èşu, os convidou para banquetearem, onde eles jantaram e beberam vinho dentro do quiosque para a alegria de seus corações. À medida que avançava a comilança (banquete), Èşu lhes perguntou qual era o objetivo de sua missão no mundo ,quando eles tinham tanto para fazer no céu. Em resposta, eles disseram a Èşu, que eles estavam em viajem a para casa de Iworí-Meji, para lhe aplicar o teste de sua vida.

Se ele fosse bem sucedido em saber seus nomes, eles o fariam um homem muito rico. Se ele falhasse, eles fariam retornar para o céu. Èşu, mentiu para eles que Iworí era um homem pernicioso e que ele ficaria feliz em vê-lo morto porque ele também era presunçoso.

Èşu de qualquer modo os persuadiu a contar-lhe seus nomes logo que eles tivessem matado Iworí, ele ao menos saberia a Identidade dos homem que finalmente tiveram sucesso em eliminar o homem pernicioso da face da terra.

O mais velho dos três deles pegou três bastões dentro do quiosque e deu umas pancadas em suas pernas dizendo:

UNOKARE, AKAKA RAKA MONI TIKA - o qual ele disse o seu nome. O próximo usou o segundo bastão dizendo:
OWARA WIRI OJU EGUM.

O último pegou o terceiro bastão e usou em suas pernas revelando seu nome como:
IBARA FO DEMI-MU AKPOKPO. Èşu, lhes assegurou de que o homem pernicioso teria de ir para o céu para ser capaz de saber seus nomes.

Assim, que eles deixaram o quiosque, Èşu, se transformou em outra pessoa e entrou na casa de Iworí pela porta dos fundos e rapidamente alertou a aproximação dos cavalheiros assassinos do céu. Èsù então lhe deu seus nomes por ordem de idade. Depois disso Èşu, sentou-se com Iworí-Meji para aguardar a chegada dos cavalheiros celestes.

Não muito tempo depois, eles chegaram. Assim que eles surgiram em sua casa Iworí os abraçou, me ensinando seus nomes com ar de familiaridade, um após o outro enquanto sacudia mãos intimamente com eles.

Assim foi como ele fez: AKAKA RAKA MONI TIIKA, OJURE REE OWARA WIRI OJU EGUN - ODOJO META.
IBARAFO DEMI MU AKPOKPO-OJURERE-EKERUBO.

Ele então os motivou a se sentarem enquanto ele ia dentro do quarto para trazer-lhes Obi, depois de agradecendo-lhes profundamente por terem vindo ajudá-lo a servir sua cabeça. Tanto logo Iworí entrou Èşu lhes perguntou se eles eram Awo e eles responderam que sim.

Neste meio tempo eles penduraram sua sacola misteriosa de tesouros em um prego no lado da parede da sala de estar. Quando Èşu viu que eles tinham pendurado a sacola, ele lhes disse que três dias antes um adivinho tinha dito a Iworí que três Awo de um país desconhecido o visitaria. Quando ele estivesse servindo sua cabeça. O divinador avisou para Iworí para usar três awo para servir seu Ifá, afim de que ele pudesse prosperar. Com o que eles pegaram seus sapatos assustados, deixando para trás a sacola de tesouros.

Quando Iworí saiu do quarto com os Obi, Èşu lhe disse que os visitantes haviam partido, ele entretanto disse a Èşu, para ir chamá-los de volta. Èşu chamou-os para retornar e pegar sua sacola.

Mas eles responderam que como recompensa por saber seus nomes eles deixaram a sacola para trás para o benefício de Iworí-Meji. Então Èşu contou a Iworí que os visitantes tinham ido embora e não tinham desejo de voltar. Èşu chamou atenção para a sacola deixada para trás por eles revelando que era a sacola da prosperidade para enriquecê-lo.

A primeira vista a sacola do lado exterior dava a impressão de estar pingando sangue, mas quando eles viraram-na foi visto que continha todos os tipos de itens para riqueza, latões, metais, seres humanos e animais de todos os tipos e muito mais.

Iworí-Meji, então agradeceu a Èşu com outro bode robusto. Depois disso ele convocou todos os awo inclusive seus dois irmãos, para um elaborado banquete no final do qual ele cantou em louvor aos adivinhos celestes e houve alegria e folia.

Desta maneira, apesar de Iworí-Meji perder a batalha pela seniorídade, para seus dois irmãos mais velhos na terra, ele se tornou excessivamente mais próspero do que os dois. Se Iworí-Meji surgir no Ugbodu, o iniciado seguramente será muito próspero mais tarde na vida contanto que não abandone seu Ifá e retenha fechada uma parte com Èşu através de importantes sacrifícios.

COMO IWORÍ MEJI SE TORNOU UM PODEROSO SACERDOTE DE IFÁ.

Tendo se tornado rico ele começou a atrair a inveja de todos os outros. Então ele foi divinador para um Awo chamado Atari Ogbigbo mu arayen bi oje (o bico ou a pena na boca de um tiokan é tão poderoso como o chumbo).

O Awo avisou para fazer um sacrifício de um carneiro robusto para as mais velhas da noite, e um bode para Èşu. Ele fez os dois sacrifícios. Após os sacrifícios as mais velhas da noite trabalharam nele durante sete noites para torná-lo poderoso e invencível. Na sétima noite elas lhe deram quatro olhos com os quais ver de noite.

Simultaneamente, Èşu convocou os poderosos donos da luz do dia, para prepará-lo por 7 dias. No sétimo dia eles deram a Iworí 4 olhos com enxergar qualquer acontecimento no dia, este é o porque ele é considerado o Olodu mais poderoso, Olodu de dia e de noite, o que o faz conseqüentemente poderoso com os reis do dia (Ejiogbe) e da noite (Oyeku).

OS TRABALHOS POSTERIORES DE EJIOGBE.

Tão logo ele se tornou poderoso e rico ele foi cercado por muitos subordinados, que foram treinados por eles na arte prática de Ifá. Tendo concedido com seu conhecimento para os subordinados eles assistiram-no fazendo divinação para qualquer um que viesse para ele por socorro.

O primeiro de seus representantes era Okiti to berebere maye - que fez divinação para Oni Iworí Eyo quando sua sorte estava preste a ser transformada de penúria para prosperidade. Ele avisou Oni Iworí Eyo, para fazer sacrifício com abundância de milho e feijões porque ele iria prosperar antes do fim aquele ano.

Ele estava para acrescentar ao sacrifício 1 galo e 1 pombo branco. Ele fez o sacrifício, após o sacerdote de Ifá dividiu o milho e o feijão em 2 porções cada, dando lhe uma porção para que levasse com ele onde quer que fosse. Ao mesmo tempo recomendou-lhe a se movimentar de um local para o outro. De acordo com a recomendação do sacerdote: Oni Iworí Eyo, começou a viajar pelos arredores até que um dia ele chegou a um lugar onde os pássaros da floresta estavam reunidos em conferência. Só que ao chegar no lugar do encontro os pássaros exigiram comida dele e ele lhes deu milho. Quando eles terminaram de comer o milho eles pediram mais comida e ele lhes deu feijão. Após comer feijão eles perguntaram se ele tinha alguma coisa para deixar e ele explicou que não tinha mais nada a oferecer.

Em gesto de gratidão os pássaros lhe asseguraram que ele se tornaria rico depois de corrido um ano. Um pássaro chamado Aluko (Awe em Bini), retirou duas de suas penas as dando para ele, enquanto

o papagaio também tirou duas de suas penas vermelhas dando para ele. Outro pássaro chamado Okin o pavão também tirou duas de suas penas e lhe deu. Depois disso ele seguiu sua jornada.

Não muito longe depois ele encontrou Ògún, o grande guerreiro retornando do trabalho com 200 cativos a sua frente e 200 cativos a sua traseira todos carregando os espólios da guerra. Quando ele encontrou o comboio parou para cumprimentar Ògún, mas disse que apesar de seu visual belicoso, ele carecia de dignidade e nobreza.

Èşu rapidamente inspirou Ògún, para exigir de Oni Iworí Eyo para como servir de dignidade e nobreza, então Oni Iworí Eyo, ordenou a todos os seguidores de Ògún para fecharem seus olhos, e eles assim fizeram.

Ele rapidamente colocou duas penas de Aluko (vermelha na cor), na cabeça de Ògún.

Depois do que, ele pediu aos seguidores de Ògún para verem o novo visual de seu mestre e senhor. Quando eles viram as duas penas vermelhas na cabeça de Ògún, todos os seus seguidores exclamaram Ògún Yee...

O que até hoje é seu cumprimento tradicional. Quando Ògún pediu a todos os seus seguidores para comentarem sobre o seu visual, todos então comentaram que ele estava nobre e honorável. Ògún usa duas penas vermelhas até hoje para completar seus objetos.

Ògún então entregou os 200 prisioneiros em sua frente junto com o que eles carregavam para Oniworí Eyo, como recompensa. Oni Iworí Eyo então seguiu sua jornada.

Ele foi próximo ao palácio de OLOFEN, que estava sentado em seu trono, mais uma vez ele disse ao rei que apesar de ele estar vendo muita prosperidade, seu visual carecia de majestade e nobreza.

Quando o rei pediu a Oni Iworí eyo, que demonstrasse o que era majestade e nobreza, colocou as penas de Okin na coroa de Olofen, ele disse para a audiência palaciana comentar do novo visual do rei e todos eles gritaram Aba Iyeoo. Eles todos confirmaram que ele parecia majestoso.

Olofen então deu parte de seu reino para Oni Iworí Eyo administrar e ele continuou sua jornada.

Ele foi próximo onde Orişa N´la estava sentado em seu trono divino. Novamente ele disse a Orişa N´la que apesar dele ter autorídade sobre todo o Universo, sua aparência deixava a desejar a dignidade e majestade. Quando Orişa N´la lhe disse para demonstrar como dar a impressão honorável e majestoso, ele disse para todas as divindades presentes fecharem seus olhos e Oni Iworí Eyo colocou duas penas de papagaio na cabeça de Orişa N´la. Eles todos bradaram, Baa taa laa oo.

Orişa se sentiu tão contente que ele deu 10 unidades de cada um dos tesouros valiosos da terra.

No final de sua viagem, Oni Iworí Eyo, se tornou um homem muito rico, muito mais rico que qualquer um do grupo em volta.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA UMA CRIANÇA APENAS.

AGBON MOTA LO OTUN, AGBONMOTA LOORÍ, foram os dois seguidores de iworí que fizeram divinação para Omokan, ou Okonbi, a única filha de seus pais. Eles advertiram-na abster-se do hábito de sair sozinha pelo dia ou na noite.

Ela foi avisada para servir sua cabeça com um galo e oferecer um bode a Èṣu. Ela também deveria juntar todos os comestíveis e embrulhá-los em uma sacola de ráfia (oke em yoruba e ebo em bini) incluindo ekuru (emini eki em bini) e uma galinha pequena para o coração da floresta, para seus inimigos (erhu em bini ota em yoruba), ela também estaria oferecendo um galo.

Ela fez o sacrifício para Èṣu, e estava prestes a ir para casa com a sacola de ráfia sacrificial para fazer o sacrifício na floresta quando seu pai pediu para preparar comida para ele.

Antes ela terminar de cozinhar a comida para seu pai, toda mulher tinha saído para o mercado e a rua estava deserta e erma.

Aquele era o cenário no qual ela sairia de casa sozinha para o mercado correr atrás dos materiais a fim de preparar e depositar o seu sacrifício. Ao chegar ao coração da floresta, ela se assentou para rezar junto da sacola sacrificial. Instantaneamente apareceu um homem que era um notório bandido que tinha aterrorizado o povo naquela extensão da floresta por um tempo muito grande. Quando o bandido a chamou, ela começou a tremer. O bandido estava preste a assassiná-la quando foi impedido por Èṣu, que nesse ínterim tocou suavemente com pensamentos conciliatórios.

O bandido baixou sua guarda e lhe disse primeiro para ir ao mercado comprar-lhe alguns artigos.

Ele lhe deu seu dinheiro, para comprar-lhe um galo no mercado, mostrando-lhe o caminho a pegar em sua jornada e alertando-a a retornar desacompanhada.

Chegando ao mercado, ela mesma comprou o galo para sacrificar para Ṣàngó bem como foi ordenada pelo bandido. Quando ela estava no mercado um poderoso vendaval começou a soprar seguido por uma pesada tempestade. O vento forte arrancou pela raiz uma enorme árvore na vizinhança de onde o bandido vivia na floresta e despedaçou sua cabana, matando-o imediatamente.

Quando a chuva acalmou, a garota se pôs em retorno para a floresta, para entregar o galo para o bandido. Quando ela chegou ao ponto onde o bandido oríentou-a para esperar por ele, ela chamou para dar-lhe a encomenda. Não houve resposta, contudo ela viu os sinais de uma árvore caída e seguiu as pegadas até chegar a descobrir que o bandido morreu embaixo da árvore caída.

Então ela usou o galo do bandido para servir a sua cabeça naquele momento. Quando ela se ergueu, viu todas as pilhagens do homem acumuladas durante anos. Ela juntou o que pode dos valiosos tesouros e foi para casa. Ao chegar contou sua experiência a seu pai que imediatamente a acompanhou para a floresta para coletar o restante dos valores.

Enquanto isso, ela serviu Ṣàngó, com 1 galo que comprou no mercado. Depois disso foi com duas cabras, panos e colares para agradecer ao sacerdote de Ifá, que fez a divinação para ela acrescentando uma sacola de dinheiro e cheia de inhames. Sua experiência a tornou próspera depois disso. Quando este odu surge na divinação, à pessoa será recomendada a não se mover só em lugares quietos a fim de evitar o risco de cair vítima de assaltantes, que talvez matem apesar de ter feito o sacrifício recomendado.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA ORARE:

O terceiro dos seguidores de Iworí-Meji, foi Aro Ni Ikpin, que fez divinação para Orare, um pobre que estava sofrendo atrás da linha da inanição, tendo passado penúria por um longo tempo, seu anjo lhe apareceu numa noite para recomendá-lo a ir a Ọrúnmìlá para consultar. Então foi a Eji Iworí que pediu para Aroni Kpin para fazer divinação para ele. Ele foi recomendado a esforçar-se para fazer os preparativos para seu próprio Ọrúnmìlá, também lhe foi dito para dar um bode a Èṣu e criar um cão desventurado depois de fazer todos os sacrifícios. Ele saiu para procurar dinheiro com o qual faria as coisas que foram pedidas para fazer.

A tradição na cidade naquele tempo era que quando morria o rei, todos os homens adultos da cidade comprariam um cão e o amarrariam na encruzilhada.

Kokíro, o leão, viria do céu para levar embora um dos cães. Nesse ínterim o Oba da cidade morreu e todo homem adulto começou a amarrar seus cães em diversas encruzilhadas da cidade. Orare seguiu o exemplo dos outros e também amarrou o seu miserável cão na encruzilhada. Ele fez isto apenas para satisfazer o costume do povo porque estava certo de que o visitante celeste não estaria interessado em seu miserável cão.

Quando Kokiro finalmente visitou a cidade, ele capturou o cão de Orare. Na manhã seguinte todo mundo achou seu cão onde eles estavam amarrados exceto Orare, cujo cão tinha sido pego por Kokiro.

O costume do local era que a pessoa cujo cão fosse pego seria coroada o novo rei da cidade. Quando o fazedor de reis King Makeis, finalmente verificou que era o cão de Orare que fora capturado, ele foi convocado para um conclave secreto e o prepararam para a coroação.

Após o que ele foi coroado como novo rei, um banquete de agradecimento foi oferecido no qual houve alegria geral, e ele cantou em louvor ao Awo que fez divinação para ele.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA KINIUN:

Os quatros seguidores de Ejiworí foram Alastuhe Kute Atushe Arare Kure, que fez divinação para KINIUN (Dinossauro), quando outros animais maiores estavam tentando deportá-lo de seu país natal. Ele foi avisado na divinação para fazer sacrifício com um carneiro, uma cabra e um bode.

Depois do sacrifício o sacerdote avisou-o a ir a terra disputada e cercá-la com sua urina. Após isto ele ficou em pé no título para a terra. Ele foi para ficar lá e observou o seu subseqüente desenvolvimento.

Ele atualmente fez como lhe foi dito e circulou a terra com sua urina, parou no meio e gritou que qualquer que achasse certo contestar a posse de sua terra encontraria sua luta.

Outros concorrentes, desafiando seu título, tinham sido vistos por Kiniun, durante longo tempo eles foram a seu encalço para matá-lo. Qualquer um que cruzou o círculo de urina caiu e morreu instantaneamente.

Quando os outros viram o que estava acontecendo fugiram abandonando Kiniun para herdar a casa de seu pai em paz. Este é porque Kiniun é descrito como ENI TOMU ITO GBA UYI OWO ERAN KO OGBO.

Quando surge na consulta oracular para alguém lutando pela posse e propriedade de alguma coisa a qual por direito lhe pertence, será dito para fazer um sacrifício similar a este e certamente vencerá a disputa.

RECOMENDAÇÃO AOS FILHOS DE IWORÍ-MEJI.

No auge de sua prosperidade um sacerdote de Ifá, visitou Iworí-Meji, o sacerdote era chamado ENI AJA BA AWA NI AJA BANYO: significando: o cão volta para a casa com a pessoa com a quem ele saiu para um passeio. Ele deu a Iworí o seguinte aviso na forma de um poema:
Ifá Tetu Momi\ Ko womi ririe| okpe teju momi rire Eji koko Iworí.
Meu Ifá tem cuidado bem de mim,
Eu também cuidarei bem do meu Ifá,
A palmeira divina me protege como eu também servirei Ọrúnmìlá com todo o meu coração.

Quando Iworí-Meji surge a um novo iniciado na religião de Ifá no Ugbodu, a pessoa será recomendada a servir Ọrúnmìlá sinceramente porque, Ọrúnmìlá também cuidava bem dele sempre.

CAPÍTULO XVI - EDI - MEJI

I I
I I I I
I I I I
I I

Edi Meji, é um dos Olodu poderosos na família de Ifá. Ele é muito agressivo e belicoso. Enquanto no céu, era mais conhecido por sua belicosidade do que por seu sacerdócio. No entanto ele era um sacerdote de Ifá eficiente. No relato de suas várias atividades no céu, ele não fez muito da prática de Ifá. Ao invés disso, aquela parte de seus trabalhos estava principalmente cheia pelos (suplicantes).

Por exemplo, quando Odé (exterior ou fora) foi a ele para divinação, sua fortuna estava decaindo, foi um dos assistentes de Idi Meji quem o auxiliou.

IDI MEJI AUXILIA ODE (LADO DE FORA) A RECUPERAR PROSPERIDADE.

O suplicante chamado EWRE ABORÍ PETEKI LOON DIFA FUN ODE NIJO TIWARA ODE SUN.

As três esposas de Ode o tinham deixado, quando ele se tornou muito pobre para satisfazê-las materialmente, os nomes de suas três esposas eram:

1. IRE ou (jogo brinquedo) (IKU em Bini)
2. Oyia ou (prazer) (oyanmwan em Bini)
3. Ujo ou (dança) ou (Ugbe mwen em bini).

Foi o suporte e a cooperação eficaz de suas três esposas que deu a Odé sua identidade. Quando elas o deixaram ele se tornou muito insensível para seu brilho, sua vida. Foi sem dizer do que o Lado de Fora só se tornava atrativo quando há brincadeiras ao ar livre, gracejos, música e danças. As

pessoas saem para brincar e dançar. Prazer é manifestado principalmente na expressão de pessoas fora de suas casas.

Para ter de volta suas esposas o sacerdote de Ifá avisou para Ode fazer sacrifício de uma cabra e abater a segunda cabra para um banquete em sua casa. Era para ele assar inhame no fogo e foi garantido que, enquanto o inhame estava assando, suas esposas retornariam para ele uma após a outra. Ele fez o sacrifício conforme foi dito. Após o sacrifício ele preparou um pote de inhame e colocou no fogo. Os convidados para o banquete estavam chegando e jantando a carne, quando Èşu, chegou em Ire e falou para ela que foi um erro ela ter deixado seu marido só porque sua fortuna sofreu um eclipse temporário. Ele afirmou que até eclipses eram passageiros e efêmeros, Ode já estava novamente na prosperidade em grande caminho.

Tanto o que muitas pessoas já estavam banqueteando em sua casa diariamente. Èşu adicionou naquele momento a um dos tais banquetes que estava em andamento. Èşu visitou as outras duas mulheres e lhes contou a mesma história. As esposas então decidiram ir e verificar a estória e elas procurariam o inhame cozinhando e juntariam as mãos e prepararíam a comida.

Logo depois, todas elas ficaram satisfeitas em ficar com Odé por bem. Com o retorno de suas esposas a prosperidade de Ode floresceu novamente. Quando Idi Meji, surge para uma pessoa cuja fortuna esta acabando, o sacerdote de Ifá lhe dirá para fazer um banquete com duas cabras, um por meio de Ifá para banquetear as mais velhas da noite, a outra para fazer o banquete para o povo em volta dele e sua prosperidade certamente retornará para ele.

COMO O AMENDOIM VEIO A SE MULTIPLICAR.

SHEDIYE KINI BAE JOKU LOON DIFA FUN EKPA, TIOLO TUN EBE OBIGBA OMO.

Ele fez divinação para o amendoim, quando partia do céu para multiplicar 200 crianças na terra. Ekpa ou amendoim não tinha filhos e estava ansioso para procriar. Ela foi a Idi Meji que lhe avisou após a divinação para fazer sacrifício.

Galinha, Galo, Rato, Peixe e 1 bolsa de dinheiro. Ela fez o sacrifício após o qual levada para a fazenda para ser lavrada. Ela subseqüentemente teve 200 crianças, a família amendoim se tornou muito próspera.

IDI MEJI, FEZ DIVINAÇÃO PARA O SÊMEN E PARA A MENSTRUAÇÃO FEMININA.

SERÁ RELEMBRADO QUE NO COMEÇO DOS TEMPOS: plantas e animais não procriavam, da maneira que nós conhecemos hoje. Após a criação dos homens e das mulheres, eles apenas viviam juntos sem saber como procriar. Nós já vimos uma sinopse de como Èşu reposicionou a pélvis feminina da testa para o meio das pernas da mulher. A mulher não sabia o que fazer com a sua pélvis e o homem não sabia que seu pênis estava destinado para além da respiração.

O esperma e a menstruação que tinham então identidades separadas foram divinados pra casa de Idi Meji, onde eles encontraram seus criados chamados.
OGAN OFORÍ SO SIKI| OFOSE SO YEGBE
OFI AGBEDE GBEDE MEJI SON LEBE
IBO EFUN OBALE DE RUMU RUMU

AWON LO DIFA FUN ATO (OU EKUU EM BIN) ABUFUN ASE OU EHE EM BINI.

Sêmen e menstruação ambos estavam ansiosos para saber como procriarem. Deus os tinha criado enviando-os para usar sua própria inteligência, para dar um jeito de como procriar. Ambos foram avisados para fazer sacrifício com um bode, ao sêmen foi dito para adicionar efun (giz), galo branco, pano branco, pombo branco e okro (quiabo). Menstruação por outro lado era para adicionar galo vermelho e Osun para seu próprio sacrifício.

Providenciaram todo o material sacrificial e os sacerdotes usaram para preparar um remédio para eles comerem.

Depois disso foi dito ao esperma para ir viver com o homem, enquanto que para a menstruação foi dita para visitar a mulher e ficar com ela por cinco dias após o dia 30 de cada mês.

Assim é como nos transformamos a criança de esperma e menstruação, através do homem e mulher.

Este é o tipo de remédio cujo sacerdote de Ifá prepara para quem esta ansioso por procriar.

IDI MEJI COMO UM NOTÁVEL LUTADOR.

Como foi explicado anteriormente Idi Meji era famoso ou público no céu mais por sua combatividade do que por sua prática de Ifá. Sua pequena tarefa diária consistia em desafiar as divindades mais fortes do céu para lutarem e quase invariavelmente, ele sempre saia vitorióso. Ele era habituado a sair de casa de manhã para gritar: LOOGBAN - OO.

Um dia quando ele gritou Loogban-oo. O próprio rei da morte saiu para desafiar Idi Meji para uma competição de luta romana com uma resposta sarcástica e menosprezante, Idi Meji, disse ao rei da morte, que ele não estava acostumado em lutar luta romana com um ser maneta, porque ele não teria oportunidade de mostrar a sua superiorídade de sua força. Ele insistiu que aceitaria de criaturas com mais de uma cabeça.

Tão logo as novidades circularam, que Idi Meji só lutaria com pessoas carregando mais de uma cabeça, uma divindade com duas cabeças saiu para encontrá-lo.

Assim que ele aceitou o desafio ele arrancou uma de suas duas cabeças deixando com uma. Explicando seu objetivo declarando que ninguém tinha o direito de carregar mais de uma cabeça, estava determinado a forçar mais dos habitantes do céu a criaturas com uma cabeça.

No dia seguinte, a divindade com três cabeças saiu para desafiar Idi Meji, e ele arrancou suas duas cabeças deixando-o com uma. O processo continuou até ele encontrar por acaso a divindade com nove cabeças. Esta foi a primeira a sair de manhã para desafiar Idi Meji, gritando Loogban-oo...

Quando Idi-Meji aceitou, ele rapidamente arrancou oito das cabeças extras da divindade, mal fez seu oponente cair no chão e então ele estava em pé novamente para comprometer Idi Meji, para a segunda luta.

Neste meio tempo Ajala, por outro lado conhecido como Agbede-Ògún, quem é o modelador de cabeças do céu, alegrou-se que enquanto Iji estava no céu ele teria trabalho em abundância para fazer.

Ele estava no local de julgamento de competições, quando Ajala viu que a disputa estava se tornando forte, ele tem um oximoro (figura de linguagem que reúne problemas aparentemente contraditórios.) para Idi

Oríentado com uma expressão que Ajala conhecia como para partir mais das partes do corpo salvo a coluna vertebral. Aquele foi o sinal para Idi atacar seu oponente pela coluna vertebral.

Idi, imediatamente recebeu a mensagem erguendo seu oponente na coluna vertebral, e ele caiu no chão. Após destroçar seu oponente Idi, foi para casa com as esposas e as propriedades de todos aqueles que subjugou, como era de costume no céu. A última divindade que ele destruiu foi o Alará do céu.

Chegando em casa Idi convocou todos os Awo do céu e lhes disse para revelarem o nome da esposa de Alará ,a última mulher que ele herdou de suas contendas.

Seu nome era BOLA WUN MI - significa, minha esposa favoríta.

Declarar seu nome literalmente conotaria um desejo de seduzir a mulher a qual apanhou a pessoa revelando seu nome com Idi.

Ninguém mencionou seu nome daquela forma, pois qualquer um que o fizesse era desafiado para outra lança, fixando a luta em chão pedregoso. Todos aqueles que passaram por esta prova de fogo falharam e Idi confiscou todos os seus objetos pessoais neste processo, até que veio à vez de OLIGHARABAFE, que tinha sido avisado na divinação para oferecer uma ave para sua cabeça, e prepará-la com Eko. Ele tinha sido avisado para dar as patas da ave para seu primeiro visitante na manhã seguinte ao sacrifício para sua cabeça.

Por vez ele foi preparar outro sacrifício, para Èşu com pudim de quiabo(?) e outros objetos escorregadios. Ele também foi avisado para insistir que ele só lutaria no alto de uma bandeja de Ifá chamada Akpako, na manhã da batalha de Oligbarabafe com Idi, o último enviou seus três filhos:

Chamados Iboru, Iboye, Ibosise para visitar Oligbarabafe e convocá-lo para visitá-lo porque ele estava muito doente.

Quando os garotos chegaram à casa de Oligbarabafe, ele lhes disse para informar a seu pai que o visitaria, tão logo colhesse algumas folhas do mato para seu tratamento.

Como os garotos estavam prestes a partir, ele lembrou da pata da ave, que lhe tinha sido avisado para dar para quem quer que fosse o primeiro visitante naquela manhã.

Ele rapidamente chamou os garotos de volta e convidou-os a comer algo antes de retornarem para casa. Eles comeram Eko e as patas da ave, depois de comerem o mais velho dos três filhos de Idi recordou a seus outros dois irmãos que ninguém matava um anfitrião após ter gozado de sua hospitalidade. Em outras palavras: a lei no céu era que ninguém deveria matar uma pessoa após comer sua comida. Com aquilo eles resolveram revelar todos os segredos de seu pai para Oligbarabafe se salvar das maquinações de seu pai. Eles lhe ensinaram o meio correto de pronunciar o nome de Bolawunmi, bem como o local no chão rochoso no qual prendeu o Okparere, ou espetar ao chão da câmara privada de seu pai que é no dreno de água (Urara men em bini e Oríole em Yorúba), em cujo ponto uma rã era usada para o sacrifício toda manhã. Eles também lhe disseram como posicionar seu Akpako, avisando o que assim que seu pai parasse, que ele deveria proclamar que havia caído, com isto os garotos foram para casa. Quando Oligbarabafe, foi à casa de Idi ele se

queixou sobre sua doença, mas lhe disse que antes de fazer alguma coisa para curá-lo, ele primeiro revelaria o nome de sua esposa como prova de sua habilidade. Oligbarabafe, rapidamente perguntou-lhe, não era a antiga esposa de Alara chamada de Bolawo Kpe Uwa Jeon Awon awo, que é a única mulher que atrai o sacerdote de Ifá; Idi ficou aborrecido e desafiou Oligbarabafe para uma disputa no 7º dia. Oligbarabafe replicou que não havia motivo para esperar por sete dias, porque ele estava preparado para lutar ali e por isso sem mais nenhuma preparação, Idi, entretanto insistiu que não estava bem o suficiente para lutar, eles deveriam mantê-la suspensa até o 7º dia.

Foi combinado e com aquilo, Oligbarabafe tirou as folhas que preparou para Idi, deu-as a ele, dizendo-lhe como usá-la e saiu da casa. Antes de partir Oligbarabafe notificou que o nome de Bolawimi, verdadeiramente que se falhasse em restituí-la para Alara, ele perderia sua própria vida por causa de sua saudação.

No 7º dia, Oligbarabafe retornou a casa de Idi para lutar, tão logo começou a disputa, Idi sentou-se no Akpako de Oligbarabafe, o qual se tornou difícil para o último no manusear sem saber o que fazer em seguida, Olugbarabafe tirou seus instrumentos divinatórios e consultou-os e foi avisado para rapidamente oferecer um bode a Èṣu, a qual ele fez fritando a carne e colocando em frente a Idi, que então estava faminto de seu assento na bandeja de Ifá. Ele também foi avisado para usar um pombo para sacrificar o qual ele assou-o com óleo de palma após o que amarrou o num barbante suspendendo-o acima da onde estava sentado Idi. O Óleo do pombo estava pingando na cabeça de Idi. Quando este olhou para cima e viu o pombo assado.

Quando Idi se levantou para alcançar a carne, Oligbarabafe rapidamente puxou seu Akpako liberando-o de Idi. Idi viu então a encantadora carne de bode na frente dele. Assim que ele se levantou para arrancá-la para comer, seu oponente finalmente retirou seu Akpako. Tão logo Idi descobriu o que Oligbarabafe tinha sucesso em recuperar seu Akpako, ele admitiu que seu oponente tinha passado em todas as provações, mas que havia uma final para ir. Ele convocou-o a cravar sua lança no chão de sua câmara secreta. Oligbarabafe rapidamente viu a água drenada e ele fincou a lança ali e prendeu. No final da disputa Idi proclamou que seu trabalho no céu tinha sido completado, tendo encontrado alguém tão forte, esperto, e inteligente quanto ele mesmo.

Ele então decidiu que era o momento de partir do céu para a terra. Como todos os outros três companheiros Olodus tinham feito antes dele.

Quando Idi Meji surge no Ugbodu, ele deverá ser avisado de fazer sacrifício afim de que não sofra problemas com crianças. Quando sai na divinação, a pessoa deverá ser avisada para guardar-se de discutir sobre uma mulher. Ele deverá ser alertado de oferecer um bode a Èṣu, a fim de ter sucesso na discussão inevitável. Ele também deverá fazer oferenda para sua cabeça e para Ògún.

Quando surge na divinação com Okpele a pessoa devera ser avisada que está se preparando para uma jornada na qual deverá abster-se de empreender. Mas se é necessário ir, ele deverá servir Ògún, antes de embarcar. Ele será convocado a participar de conversas nas quais ele não deverá travar sem primeiro servir Ògún.

IDI MEJI PARTE PARA A TERRA.

Idi era tão conceituado que ele nem se incomodou em fazer qualquer divinação mais importante antes de embarcar em suas façanhas. Ele não via o porque deveria ir para a divinação com sacerdote de Ifá inferior ou divindades.

Por outro lado ele estava sempre certo que sua habilidade e poder o acompanhariam através de todos os desafios. Quando ele concluiu que era hora de partir do céu para a terra, decidiu viajar apenas com seus dois instrumentos essenciais de poder e autorídade, a pedra de raio e o forte vento escaldante.

Estes são instrumentos usados pela divindade do trovão (Ṣàngó), e a divindade do metal (Ògún), ambos os instrumentos estavam embutidos dentro de suas cabeças. Quando seus seguidores viram-no partir para a terra sem nenhuma preparação maior, alguns deles se juntaram e fizeram se lembrar que ele nunca teria uma esposa de sua escolha como teve no céu.

Eles lhe disseram que justamente por isso já que estava rumando para ir através da vida na terra sem a esposa de seu próprio desejo, ao menos que ele fizesse sacrifício de um bode para Èṣu e uma angola para seu guardião.

Ele retorquiu que se ninguém era capaz de subjugá-lo no céu, quem que poderia se opor a ele ou pará-lo em seu caminho.

Ele jurou que estava indo executar na terra feitos similares como gravou no céu. Eles lhe disseram para recordar a influência rompente de todas as outras divindades, as quais detinha degradado no céu. Ele seria impotente para subjugá-las na terra, já que elas chegaram lá antes dele. Entre seus representantes que lhe davam alerta estavam:

Abini LOrígi-Omo igi ri mu,
Edo Okpini ni monje \ Edo oke ni mo mu.
Okuro ni agbigbo.

Ele nasceu na terra para um pai que era sacerdote de Ògún e uma mãe que a sacerdotisa era de Ṣàngó. Ele saiu do útero com uma pedra de raio e um alto forno, os quais foram reservados para ele crescesse.

Na idade de 10 anos ele já estava lutando com adolescentes que eram alguns anos mais velho do que ele. Ninguém poderia tocar alguma vez o chão com suas costas. Se tornou tão violento que todo mundo estava com medo dele. Foi apelidado de o invencível.

Enquanto isso, ele tinha ido guardar os bastões que tinha trazido do céu num lugar secreto onde se refugiou para usá-los de tempos em tempos. Um dia viu seu pai se preparando para servir sua cabeça com um cão. Disse ao pai que era proibido servir a cabeça com 1 cão. Ele levou ao lugar onde guardou seu alto forno e abateu o cão. Quando o povo presente contestou sua ação, lhes disse para ir ao lugar onde ele sacrificou o cão e verificar se eles não encontrariam uma cabra viva lá.

O cão tinha sido transfigurado em 1 cabra viva e foi trazida a seu pai para servir sua cabeça. Numa segunda ocasião ele e sua mãe estavam preparando para vir servir a sua cabeça com uma ovelha. Mas uma vez ele disse, que era proibido servir a cabeça com uma ovelha. Então a levou para onde deixou sua pedra de raio e sacrificou-a. Ele foi de novo contestado pelos mais velhos ao redor e lhes disse que onde sacrificou a ovelha eles achariam óleo de palma com um galo. O povo coletou o óleo e o galo, e a mãe ofereceu-os a sua cabeça, enquanto ele a oríentou para beber o óleo.

Neste estágio ele contou a seus pais que veio do céu para relembrá-los de suas divindades patronas: Ògún e Ṣàngó, os quais haviam ignorado. Então ele deu o alto forno para seu pai reproduzir todas as ações manufaturamento do ferro e aço e deu a pedra de raio para sua mãe usá-la em suas tarefas como uma sacerdotisa de Ṣàngó.

Este re-descobrimento de seus caminhos de destino rapidamente os transformou em uma dupla famosa e próspera. Foi Idi quem ensinou o mundo como servir Ògún e Ṣàngó e acreditar que ele foi o 1º Odu que trouxe a cerimônia das duas divindades para a raça humana. Depois que ele partiu da casa de seus pais e vagou no coração do mundo. Onde quer que ele fosse ninguém pode subjugá-lo.

Mas estava muito temeroso que ninguém quisesse casar-se com ele nem fazer homem algum conviver com ele. Quando ele descobriu, que tinha se tornado efetivamente ostracizado, abandonou todas as cidades, vilas e habitações humanas e construiu um abrigo para si próprio no coração da floresta. Assim que iniciou sua vida na floresta foi considerado um homem mau.

Em seu novo lar, plantou árvores de kola, árvores de noz (nogueira) e pereiras. Elas logo cresceram e começaram a produzir frutos. Uma noite seu anjo guardião, surgiu em sonho para lhe dizer que estava sofrendo tantas privações pelos sacrifícios que se negou a fazer no céu. O guardião lhe disse que embora fosse ficando tarde, visto que ele era um homem velho, ele, no entanto faria o sacrifício.

Sem saber que estava falando com ele, decidiu na manhã seguinte, consultar seus Ikin divinatórios e foi seu próprio sinal de Ifá que surgiu, compreendeu que foi seu guardião quem sugerira para ele durante a noite. Do processo de venda de suas frutas, foi capaz de comprar 1 bode para Èṣu, e 1 angola para seu Ifá, mais tarde apesar de tardiamente fez seu sacrifício. Depois de proceder com o sacrifício, novamente consultou seu Ifá, que lhe disse que alguma coisa enérgica iria acontecer na cidade e que ele teria que desempenhar uma função decisiva. Nesse ínterim a filha mais velha do Oba estava tendo um parto difícil.

Todos os sacerdotes e sacerdotisas das outras divindades haviam falhado na tentava de fazer nascer o bebê. Quando não houve outro awo ao redor para ser convocado, Èṣu invadiu a mente de um dos conselheiros do Oba, que imediatamente recordou que Idi poderia ser convocado para tentar sua mão no problema. Idi foi rapidamente chamado e chegando ao palácio pegou sua sacola de divinação Akpo Minijekun, e apanhou algumas folhas. Então preparou as folhas e acrescentou seu Iyerossun (pó divinatório), depois disso repetiu a seguinte entoação para qual os sacerdotes de Ifá usam neste dia para auxiliar a mulher em parto trabalhoso.

AWO LAAFI RABE TAAFI DAE LOKO GBAA (3X)
EDON A MOJU GAN RAN NWU (3X)
ORUKO TAAN KPE OBO (3X)
IFA ABENW KPA KA (3X)
ALA ORÍSA NO TI GBE OMO OLOMODE SINU (3X)
ETU OMO OLOMO BO OGBO RO ORÍTE EJE WAYE.

Enquanto ele estava repetindo este encantamento usava as folhas para lavar o abdômen da mulher depois fazendo bebê-la até o fim. Assim que mencionou a última estrofe do poema a criança, junto com sua placenta saíram ao mesmo tempo. O único motivo pelo qual eu tive para revelar esta encantação, é para demonstrar o significado dos encantamentos em geral.

Será relembrado que foi Idi no céu quem deu a possibilidade para o Pênis do homem e a Pélvis da mulher produzirem uma criança. Na terra ele apenas recordou a vagina que era apenas indicada como passagem para o nascimento da criança, trazendo-a para fora do útero.

A essência total do encantamento é para recordar a razão do ser no celeste e seu papel, e daí em diante o seu poder de ser convocada para comportar-se como desejado.

Tão logo a mulher deu a luz à criança, sete dos chefes do palácio ficaram maravilhados que um homem que foi taxado de lunático, tinha tão grandes poderes. Seu mérito foi apreciado e apenas após ter feito o sacrifício para compensá-lo, o Oba lhe deu uma quantidade de dinheiro bem como, 1 homem e 1 mulher, já que ele estava tão velho para reproduzir, ele disse ao homem e a mulher para viverem com ele como marido e mulher para o resto de sua vida.

Uma vez seu mérito tendo sido reconhecido sua casa foi freqüentada pelo povo que tinha todo os tipos de problemas e ele foi capaz de auxiliá-los. Ele realmente recebeu o título dado pelo Oba e este lhe disse para transferir seu abrigo para a cidade de Ile Ifé. Na cerimônia de inauguração em sua nova residência, ele cantou em louvor ao seu awo no céu, lamentando por ignorar seus avisos, na canção ele avisava ao povo para fazer seus sacrifícios descritos, a fim de evitar sofrer todos os tipos de fato, porque ele tinha plantado a safra que outros estavam vindo para colher, já que não estava deixando ninguém na terra para colher sua herança. Idi é reconhecido por ter arrebanhado muitos seguidores após ter retornado para o céu.

IDI CURA UM ALEIJADO E UM HOMEM CEGO.

Tendo finalmente se estabelecido, Idi logo pegou alguns auxiliares e assistindo em seus trabalhos divinatórios entre as pessoas estavam:
DINI DIMI BARAKATA, ORON GBINRIN GBINRIN, OKUKU GBINRIN, AGADA BULE ARE REJE, FUN UN BA KOJE.

Colheram frutos e fizeram divinação para um homem aleijado e um homem cego, que eram muito pobres. Foram a Idi Meji para auxiliá-los e lhes disse para dar um bode a Èşu, o aleijado tinha visto uma cabeça de bode em algum lugar. Desde que ele nem imaginava como eles poderiam arranjar dinheiro para comprar um bode vivo ele moveu-se lentamente para coletar a cabeça onde ele tinha visto anteriormente.

Subseqüentemente eles ofereceram a cabeça de um bode a Èşu, e a promessa de lhe trazer 1 bode vivo quando fossem prósperos o suficiente para conseguir um. Neste ínterim eles continuaram a viver na penúria. Dispostos a finalizar seus sofrimentos eles traçaram um plano para cometer um suicídio mútuo. Um dia eles partiram para o rio, o cego refugou, dizendo que não podia ver seu caminho para o rio. Ele então sugeriu que primeiro o aleijado pularia no rio, para que o barulho de seu impacto na água mostrasse qual a direção para se jogar no rio.

Com aquela sugestão o aleijado se arrastou e pegou uma imagem de lama feita pelas formigas (Ulelefe em bini), se dirigiu para a beira do rio, fez seus últimos votos de despedida para o amigo e lançou a imagem de lama no rio, desta maneira saltando para enganar seu amigo cego. O homem cego chamou-o muitas vezes, mas não houve resposta. Então compreendeu que ele tinha se jogado, depois lamentando que estava indo morrer na miséria e na privação, conseqüentemente sofrendo para o fim. Ele começou a tatear o chão com sua bengala em direção a qual o aleijado estava supondo haver se lançado no rio. Chegando lá usou sua bengala de tatear continuamente no chão duro, continuou batendo que marcou, não sabendo que de fato furou as pernas do aleijado de quem até aqui as pernas dormentes recobraram a vida. O antigo aleijado era capaz de ficar em pé. Como o cego estava tateando o chão em direção ao rio, estava gritando que um homem para morrer precisava fazer uma última tentativa. Enquanto o aleijado estava levantando, ele gritou que um homem cego estava tentando matá-lo, e assim ficou em pé e estapeou o homem cego, que também instantaneamente recuperou a visão.

Como eles estavam responsabilizando cada um o outro, se abraçaram e começaram a se alegrar, ambos caminharam para casa pela primeira vez completamente curados, e procuraram por dinheiro para comprar o bode o qual eles ofereceriam a Èṣu, sem nenhuma demora. Finalmente eles foram agradecer ao velho Idi pela divinação eficaz que ele fez para ambos.

A CURA DO CEGO E A HÉRNIA MAGOADA.

OYIN FERERE MI OFE - Fez divinação para Idi Meji, quando nova criança nasceu na sua casa.

Ele convocou Arukuku Taaku, awo ono Alara e Arukuku Taaku, awo ono Ijero. O Awo Alara tinha hérnia, enquanto Awo Ijero era cego. Idi convocou os dois para participarem da divinação, de cerimônia do nome da nova criança. O Awo Ijero (Adeve), foi o primeiro a chegar e ele prosseguiu mais uma vez para a divinação com Ikin para a criança, como Awo Alara estava vindo e ele ouviu o som dos Ikin, imediatamente declarou do lado de fora que o Awo que estava divinando sem esperá-lo tinha Hérnia. O Adeve ouvindo a proclamação do awo recém-chegado, disse que o Awo que declarou seu problema era ele mesmo cego de um olho. O Adeve perguntou para o awo de fora da casa, o que ele devia fazer para curar sua hérnia. Foi dito para servir seu pai falecido com um carneiro. Em resposta o Awo cego parcial perguntou de dentro o que ele deveria fazer para curar o olho cego. Ele foi recomendado de servir sua cabeça com um galo. O awo caolho foi para casa sem ver seu colega. O Adeve também abandonou sua tarefa divinatória, e foi para sua casa servir seu pai. Quando ele estava servindo seu pai com um carneiro, o animal escoiceou um de seus membros traseiros e pisou sua hérnia, o pus da hérnia dos testículos arrebentou e começou a vazar, imediatamente desmaiou e caiu de cama para repousar sem terminar o sacrifício. No momento em que ele levantou da cama a hérnia tinha ido.

Quando o outro Awo caolho, foi para casa para servir sua cabeça com um galo, ele estava rezando para sua cabeça e soltou um de seus dedos que acertou seu olho ruim e no meio de uma dor severa ele recuperou o uso de seu olho cego. De suas respectivas casas cada um deles, após ser curado de suas aflições, decidiram ir agradecer Idi Meji, em sua casa. Os dois Awo se encontraram pela primeira vez quando estavam cruzando o portão logo na chegada da casa de Idi Meji. Após as apresentações formais, eles se abraçaram e juntos decidiram completar a divinação para a nova criança.

Chegando lá ambos agradeceram a Ọrúnmìlá pelos seus próprios milagres.

CAPÍTULO XVII -OBARA -MEJI

I I
I I I I
I I I I
I I I I

CONFUSÃO E DESENTENDIMENTO COMEÇARAM COM OS CINCO OLODUS DO CORPO GENEALÓGICO DE IFÁ.

Com os primeiros quatro Olodus (OGBE, OYEKU, IWORÍ, IDI), se seus signos são marcados dobrados acima ou abaixo, eles conservarão suas identidades. Foi com Obara que dobrando os seus

sinais inferiores, começou a dar uma nova nomenclatura. Se o sinal de Obará é dobrado de cabeça para baixo, ele se torna Okanran. É assim com os 11 Olodus restantes de Ọrúnmìlá, portanto foi Obará Meji, quem determinou que antes de dar comida para Ọrúnmìlá, o ofertante é obrigado a implorar-lhe a aceitar a comida.

Se é rato, peixe, galinha, ou cabra, o ofertante deverá implorar a Ọrúnmìlá de joelhos antes de ele poder aceitar alguma comida.

Este é porque que é dito que não é difícil implorar pelo favor da divindade patrono de alguém. Obara Meji é famoso por seu interesse pelas pobres criaturas de Deus. As pessoas se iludem com a filosofia frágil e frustrada de que há virtude na pobreza material. Ele demonstrou que o destino das criaturas era sua própria escolha e que se ou não uma pessoa permanecesse pobre era mérito de seus esforços pessoais. Quando o côco viajou do céu para a terra, com sua outra irmã, a palmeira real, ambos foram à divinação com um awo chamado JEEN FI DI HEE. O nome de Obara Meji no céu era Jeen fi di hee.

Ele fez divinação para eles e os avisou para fazer sacrifício prescrito na terra, ambas irmãs se casaram Ode (que é fora). A coconut, muitos frutos com os quais fez dela a favoríta de todas as pessoas.

Por outro lado à palmeira real, apesar de ser muito mais bela que sua irmã coconut, permaneceu um objeto de meia decoração para seu marido, carente de algum significado para mais alguém. Ela também fez divinação para a rã quando estava vindo para o mundo. Avisou para a rã fazer o mesmo sacrifício prescrito para as irmãs palmeiras. Ela o fez, e começou a se multiplicar, assim que chegou a terra. Depois de ajudar muitos outros no céu, ele viu muitos pobres na terra, e decidiu vir para o mundo para levar-lhes a prosperidade.

Primeiro ele foi à divinação com um sacerdote de Ifá chamado URORE KOO LAAAGBA, GBOGBO WON LO MAALA WENKE WENKE. Urore, avisou para fazer um sacrifício com quatro pombos e 1 peça de pano branco afim de que a felicidade e riqueza o acompanhasse para beneficiar o mundo.

A DIFÍCIL TRAVESSIA DA PROSPERIDADE PARA O MUNDO.

Quando o rei da Morte teve notícia que aquele único Awo, estava vindo em companhia da prosperidade e da riqueza para a terra, decidiu parar quem quer que fosse. Não sabendo exatamente saber quem era, decidiu colocar todos os Awo no céu, para testar sob pena de Morte. Tinha 14 de seus conselheiros com ele. Neste meio tempo o Rei da Morte vestiu a roupa de sua esposa que é a doença e tornou-se tão doente que seu corpo até mesmo viu a roupa dos antigos, começou a transmitir uma dor muito desagradável. Ele também preparou uma quantidade de Obi, que na verdade eram ovos, e pequenos barris de vinho, contendo urina de carneiro para testar seus convidados. Então convidou os Awo celeste um após o outro para vir curá-lo. Deu a cada um deles sete dias para curá-lo, caso falhassem não retornariam para casa.

Assim que algum Awo visitante chegou, Morte deu-lhe Obi para abrir como uma prova de sua grande habilidade, muitos deles falharam no teste de abrir o Obi, e eram imediatamente colocados na cadeia. Os poucos que passavam no teste do Obi, revelando-lhe o que realmente era, um ovo. Não sobreviveriam ao real teste de cura, porque a maioría deles que tentou administrar remédios ao rei da morte, com mais indisposição ele dava a impressão de ficar. Ele já tinha uma série de Awo Celestes em sua prisão, quando veio a vez de Obara-Meji.

Quando Obara Meji, recebeu o convocado do Rei da Morte, ele de outra forma chamado JEEN FIDI HEE, ou deixe-me sentar sossegadamente, ou inofensivamente como era chamado no céu.

Decidiu consultar seu Ifá, que o aconselhou a dar 1 bode a Èṣu e 1 cabra a seu anjo guardião, ele providenciou os sacrifícios rapidamente. Quando estava partindo para o Palácio do Rei da Morte, vestiu seu colar mágico (UDE), o qual era seu principal instrumento de autorídade Aṣé, também foi advertido a dar uma escada de mão a cada um dos seus anjos guardiões e para Èṣu, o que ele fez.

Quando chegou na casa da Morte, bateu na porta, e foi dito para revelar antes de abrir a porta o número de pessoas que estavam na sala e o que eles estavam fazendo naquele momento. Ele finalmente olhou em sua bola de cristal de seu colar e revelou que haviam 14 deles na sala, cada um segurando um copo de vinho, do qual estavam bebendo. A porta então abriu e ele foi liberado para entrar na sala.

Finalmente o Rei da Morte surgiu parecendo seriamente doente, assim que ele tomou seu assento, Morte ordenou que Obi e Vinho fossem dados a eles. Quando Obi foi servido, JEEN DIFI HEE, disse aos outros para quebrá-los. Usando um encantamento especial com o qual ele evocou-os pelos seus nomes celestes, conjurou Obi e o Vinho, que se eles fossem realmente Obi e Vinho como Deus os criou, ele apoiaria como tal, de outro modo ele ante seus olhos modificaria nas suas verdadeiras e reais identidades.

Rapidamente todos os venenos preparados e contidos imediatamente vieram à tona e a base de urina de ovelha foi ao fundo, ao mesmo tempo os Obi foram transformados em ovos. Ele então protestou o Rei da Morte por tratá-lo tão pouco acolhedor. Morte se desculpou e o acalmou trazendo-lhe Obi e Vinhos apropriados. Morte então apelou a despeito de sua indisposição inicial, para ajudar na cura de sua doença. Ele replicou dizendo que tinha de comer e beber primeiro, porque estava com fome de sua longa viagem.

Quando Obara-Meji foi sendo servido com comida Èṣu, se transfigurou em um rapaz sonolento e parou no portão, antes de comer a comida, ele retirou seu okpele (instrumento de divinação), e seu próprio Ifá surgiu . O que fez perguntar se a comida era segura e boa para a saúde.

Ele então convidou o rapaz para comer da comida. O garoto engoliu toda a refeição e seu conteúdo. Em retorno o garoto disse a Obara- Meji para livrar-se do pote de barro, o que na verdade era o recipiente com o qual seus (Yawa), eram normalmente tratados. Quando ele saiu para se livrar do pote, o garoto avisou para consentir em curar o Rei da Morte. Quando retornou para a sala da Morte, voluntariamente se ofereceu para fazer o máximo para curá-lo Ele também concordou em não retornar para casa em 7 dias se ele falhasse em realizar a tarefa, por sua vez. Obara Meji afirmou que desde que não havia débito sem um crédito correspondente. Ele quis saber a recompensa que espera ele se fosse bem sucedido, em curar o Idoso Rei da Morte de sua doença, e Morte prometeu-lhe entregar metade de seus pertences, se ele conseguisse. Pelo mesmo sinal, o garoto também perguntou a ele o que faria para que conseguisse ajudá-lo e Obará prometeu dar-lhe metade de tudo como um prêmio. O Rei da Morte estava acostumado a remover seu vestido de doença durante a noite, quando ia para a cama colocando-a apenas novamente ao primeiro pensamento da manhã.

Naquela primeira noite, assim que ele foi para a cama, Èsù usou a escada de mão com o qual Obara fez sacrifício para subir ao quarto da Morte.

Quando Èşu estava fazendo aquilo, conjurou a Morte para dormir profundamente. Assim que a Morte caiu celestemente adormecido, Èşu, como o garoto, ordenou a Obará para subir na escada ver como chamar o velho homem que parecia particularmente sadio e seu corpo estava sem doença.

Na próxima manhã, Morte, convocou Obará, para começar o serviço de curá-lo. Em resposta, Obará colheu todas as folhas disponíveis e adicionou iyerossun, seu pó divinatório, e preparou-os para a Morte se levantar por sete dias. Morte, contudo, não se banhou com o preparado. Obara estava neste meio tempo dando sempre o quinhão do leão, de alguma comida dada a ele para o garoto.

No 6º dia o rei da Morte disse a Obara que ele não estava recebendo nenhuma melhora, e que ao contrário estava tendo noites insones. Naquela noite Èşu mais uma vez conjurou a Morte para uma pesada e doce dose de sono e impulsionou Obara e o Yaw a se infiltrar por meio da escada invisível no quarto da Morte.

Quanto eles entraram no quarto o rapaz disse para Obará que a cesta continha a vestimenta de doença da Morte. Uma vez fora, Èşu encantou o caminho para o rio para ficar livre de todas as criaturas vivas, porque é proibido a todo ser vivo ver aquele pote. Depois disso, eles seguiram para levar o pote ao rio no qual foi atirado em seguida, amanheceu, e o dia fatídico tinha chegado, assim que era dia claro, uma multidão da hoste celeste havia se acumulado para testemunhar o fato de Obara-Meji. Enquanto isso Morte tinha se banhado e estendeu sua mão para o pote contendo sua vestimenta de doença, mas não estavam aonde eram para serem achadas. Falhando em achar sua vestimenta, Morte decidiu se trancar no quarto. Após esperar em vão o rei da Morte sair do quarto, Obara mandou buscá-lo porque estava ansioso para saber o que estava acontecendo. Depois de bater muitas vezes na porta do quarto da Morte, o velho homem se vestiu e saiu.

Ele tomou seu assento no seu trono, com seu corpo brilhando, radiante e transparentemente parecendo bem e saudável. Obara então pediu a Morte para tornar público o resultado dos seus esforços e ele afirmou que seu tratamento tinha lhe dado um claro anúncio da saúde.

Morte, então foi para dentro para trazer em dobro todos os tesouros para dar a Obara, o garoto Yawsed recomendou a Obara berrar porque o Rei da Morte tinha voltado em suas palavras. Obara por essa razão bradou, o seu choro foi ampliado e repetido por Èşu, o qual soou fazendo muitos andares do céu tremerem. O incidente fez tremer o Rei da Morte e ele então foi ao quarto para juntar metade de todos o seu pertence em uma caixa de obis e levou-os para fora. Antes de ele sair o garoto yawsed tinha avisado Obara que deveria aceitar apenas uma caixa de Kolanatus do Rei da Morte.

Finalmente, Morte saiu com duas caixas - uma caixa de latão contendo besteiras e uma caixa de Obi pedindo a Obara para escolher uma das duas e Obara escolheu a caixa de Obi e foi para casa. Enquanto isso Èşu se transfigurou em um velho homem e estava esperando por Obará no caminho.

Obará procurou em vão pelo garoto Yaws e como não o localizou, deixou alguns dos pertences para seu próprio guardião e continuou sua jornada.

Antes de chegar em sua casa, ele encontrou um velho homem em uma choupana improvisada, a qual não estava naquele ponto quando foi em sua missão. O velho homem disse para Obará mostrar-lhe a recompensa de sua missão. Ele começou a se perguntar se era Èşu, em seu jogo novamente. Para confirmar seus pressentimentos, ele retirou seu Asé e conjurou o velho homem para se transformar no que realmente é. O velho homem transformou-se instantaneamente no garoto Yawsed e depois em Èşu e em seus objetos reais todos. Obara então lhe agradeceu pela ajuda que lhe deu durante sua missão impossível. Ele tirou a caixa de Obi e lhe disse para que pegasse

qualquer que fosse a porção que ele quisesse deles. Em resposta Èşu lhe disse que por onde quer que ele fosse lhe seria dado uma parte, como ele fez generosamente durante suas façanhas.

Chegando em casa Obara Meji deu outro bode a Èşu e 1 cabra a seu anjo guardião, e então convidou seus amigos para um banquete sendo o único Awo quem teve sucesso em frustrar as maquinações do Rei da Morte. Por essa razão, quando Obará Meji surge na divinação para uma pessoa e Morte está observando para bater em sua porta, ele deverá ser avisado para fazer algum sacrifício que Obará fez antes de partir para o seu teste da Morte.

Neste estágio Obara meji decidiu que era o momento de partir para a terra. Antes de partir do céu ele foi ao seu sacerdote de Ifa para fazer divinação.Os awo eram chamados.

Wosomi kpelembe kpelembe
Oromi mimi mimi
Lake Uri Udi koko ni kpa eron
lembe lembe aaebe be
ouni mo ju oloja titu rin rin rin.

Eles disseram que para ter sucesso em conquistar prosperidade no mundo, ele deveria fazer sacrifício com 1 cabra para o seu Ifá, adicionando caixa de cesta de obi e dar 1 bode para Èşu, ele fez o sacrifício e partiu para a terra.

Ele nasceu de um pai que tinha apenas a mão direita, enquanto sua mãe era cega de um olho, apesar de suas deficiências físicas seus pais tinham inimigos em abundância. Foi Obará quem instituiu os sonhos no mundo, porque enquanto no útero ele estava mostrando freqüentemente perigos prestes a acontecer. Enquanto no útero as mais velhas da noite viram que uma criança estava preste a nascer, que traria prosperidade para a terra, elas estavam determinadas a fazê-la nascer morta. Uma noite ele disse para seu pai que preparasse um remédio em um sabão equivalente a 35 k para tomar banho a fim de desvair o ataque violento das mais velhas da noite. Ele avisou a seu pai que assim que as folhas fossem coletadas, ele deveria deixá-las da noite para o dia no altar de Èşu. Ele foi moê-las na manhã seguinte e misturando no sabão para tomar banho.

Obara meji, por fim nasceu seguramente, eles não tiveram mais problemas com as mais velhas da noite. Quando nasceu seus pais consultaram um sacerdote de Ifá para o dia do nascimento, os Awo se chamavam:
Afenju Omo
Omo are kii kon fene fene
kpobi gbite gbite ya alumen
ite onaye magba
nio ni gbe ite orun.

Obara meji, era o único filho de seus pais. Ele cresceu rapidamente para ser muito esperto. Estava freqüentemente contando às riquezas que absurdamente faria de todos os awo mais velhos de Ifá, e eles não estavam contentes com ele. Na tenra idade ele freqüentemente comparecia aos encontros dos mais velhos, aonde ele quase sempre roubava a cena. Havia um encontro sempre de awo mais velhos mantidos por 17 dias no palácio do rei em Ifé. O jogo de ayo era freqüentemente jogado após o encontro, mas o jogo sempre terminava com a morte de um dos filhos do rei.

O primeiro encontro presenciado por Obara Meji teve muito para beber e após chegar bebeu , ele se gabou que no próximo encontro ele revelaria quais eram os nomes daqueles que eram os responsáveis pelas mortes periódicas dos filhos do rei. Havia um chefe poderoso chamado Oshin,

que estava clandestinamente fazendo todas as atrocidades. Depois da proclamação do jovem Obara Meji o encontrou e afirmou que se ele falhasse em cumprir sua tarefa ele seria executado.

Convencido de que Obara meji não poderia revelar seus nomes, os conspiradores bolaram um plano de como matá-lo, eles sentaram em um arbusto no caminho para concluir seu plano e a mãe de Obara meji que eles não conheciam, estava retornando para a fazenda e ouviu por acaso o homem firmando seus planos execráveis contra seu filho. Após ouvir os detalhes do plano ela correu para casa para consultar seu sacerdote de Ifá de como salvar a vida do seu filho único. A mãe foi avisada para preparar três inhames amassados, três potes de sopa e enviá-los para a margem do rio onde ela estava por tomar seu banho. Enquanto estivesse se banhando, ela descobriria o que deveria fazer para salvar a vida do seu filho.

Ela voltou para casa, e fez conforme foi dito. No caminho colocou o inhame pilado e a sopa na margem e foi tomar banho no rio. Enquanto se banhava um homem chamado Okpolo, veio ao rio e cumprimentou-a. O homem rapidamente tomou seu banho saindo com pressa. Quando a mulher lhe perguntou o porque ele estava com pressa, ele lhe disse que estava apressado para assistir ao dia do encontro no palácio do rei.

Ela convidou-o para comer um pouco da comida que ela deixou na beira do rio antes de vir. Já que não havia comida servida ao longo dos encontros no palácio do rei (o que explica o porque eles estavam matando seus filhos), Okpolo simplesmente ficou muito feliz por comer antes de partir.

Enquanto comia, relembrou que um importante evento estava para ter lugar na conferência do rei, porque eles estariam indo matar o loquaz e presunçoso Obara Meji, já que não sabia que a seção dos jogadores de ayo que eram responsáveis pela morte dos filhos do rei, conforme se gabava. Ele terminou revelando para a mulher que ele Okpolo, era na verdade um dos conspiradores, porque o rei era tão avarento que ele nunca servia alguma comida ou refrescos ao longo dos encontros. O próximo homem a vir em seguida foi Obuko, que a ajudou de mesma maneira. Depois de comer o inhame pilado, ele contou a mulher os detalhes de sua missão naquele dia, e acrescentou que era um daqueles assassinos dos filhos do rei, por causa de sua avareza.

Também revelou como um dos conspiradores, estavam determinados a assassinarem o tagarela e vaidoso Obara Meji na conferência, posto que ele nunca saberia seus nomes. Ele então, se apresentou a mulher como Obuko - Omo lubebere tube - e os outros eram: Agbo - omojojoguole e Okpolo-ami soso run.

Terminou contando que eles eram os três conspiradores que estavam matando as crianças do Olofen após o jogo ele ayo. Ele revelou que Obara-Meji tinha vaidosamente prometido revelar o nome de Oshin, como o único conspirador enquanto na realidade Oshin não estava indo tomar assento na conferência naquele dia- e que o filho mais velho de Oshin chamado Aremo, estava indo para tomar o lugar de seu pai, enquanto Oshin estava indo sentar ao lado. Por fim ele revelou que um assento especial estava sendo preparado para Obara Meji, sob o qual estaria um buraco coberto com uma esteira. O indiscreto Obuko seguiu em revelar que a única maneira que Obara Meji poderia evitar os fatos que o aguardavam era indo com um cão e um pacote de eko e àkarà. Se ele jogasse o eko e o àkarà na esteira em baixo da cadeira reservada, seu cão iria por ele. Em suas próprias observações a mulher destacou que seria boa ocasião para Obara-Meji falecer porque a cidade seria um lugar mais pacífico sem ele, com o que Obuko partiu para o palácio do Rei.

Agbo foi o último a chegar ao rio, ele também passou pelo mesmo ritual de revelação após comer o inhame pilado e confirmou o que Okpolo e Obuko haviam revelado antes dele. Ele também revelou

o porque tencionavam matar Obara Meji. Depois de comer sua parcela de inhame pilado Agbo seguiu para a conferência.

Logo em seguida, a mãe de Obara-Meji, partiu para casa para dar instruções a seu marido e filho a respeito do que veio a saber no rio. Ela rapidamente transcorreu através da seqüência de eventos contando a Obara Meji, o que fazer. Ele deveria ir com seu cão chamado Boghoye aje ejobi. Ela avisou para jogar o Eko e o Àkarà debaixo da cadeira preparada para ele, e chamar o cão para ir buscá-los. Se o cão caísse no buraco ele levantaria e perguntaria por uma pessoa chamado Obuko. Assim que a pessoa se identificasse ele deveria ser oferecido em sacrifício para Èṣu, em seguida perguntaria por uma pessoa chamado Agbo e se ele se identificasse, ele deveria ordenar que ele deveria ser oferecido para o altar público dos antepassados.

Por fim ele perguntaria, pela pessoa chamada Okpolo e tão logo ele se identificasse, deveria ordenar que uma flecha seria perfurada através de sua boca e anús a ser oferecido em sacrifício para a divindade da terra.

Quando perguntado porque os três homens deveriam ser mortos, revelaria que aqueles eram os conspiradores responsáveis pelas mortes dos filhos do Olofen, após jogar ayo com eles. Após este episódio, ordenaria ao homem no trono para desocupá-lo, porque ele era um impostor e que deveria dar ao seu pai Oshin, que naquele momento estaria fumando um cachimbo longo chamado Ekitibe - ao lado da sala. Quando Obara-Meji estava partindo para a conferência, vestiu uma roupa de seu pai chamada gbariyee e seu boné chamado Labagaden, ele foi com seu cão chamado Boghoye atoju ma oko, chegando a principal entrada externa para o salão da cidade, os moradores começaram a cantar seu louvor com gritos para Obara Meji afenju-omo.

Quando adentrou a sala foi direcionado rapidamente a ocupar a cadeira colocada ao lado para ele. Neste momento ficou quieto e tirou seu pacote de eko e àkarà e lançou em baixo da cadeira indicada, direcionando seu cão para ir até eles. Seu cão foi, mas caiu direto através da esteira cobrindo o profundo buraco carregado com ganchos e espinhos por baixo.

Invertendo a ordem na qual ele estava para levar a cabo as suas tarefas diárias, começou por ordenando ao homem sentado no trono para desocupá-lo de uma vez e dar caminho ao chefe Oshin, seu pai. O homem do trono rapidamente vagou-o e seu pai se direcionou para ocupar seu lugar.

Ele então chamou o outro homem chamado Obuko e ordenou a se identificar, também chamou os homens chamados Okpolo e Agbo para levantarem e se identificarem. Eles todos levantaram de acordo. Obara Meji ordenou que Obuko devesse ser sacrificado para Èṣu, Agbo no altar público dos ancestrais masculinos e Okpolo para mãe terra (Oríole).

Quando Oshin questionou a ofensa feita pelos três homens, ele relembrou de sua promessa de no próximo encontro revelar os conspiradores que eram responsáveis pelas mortes dos filhos de Olofen, após jogarem Ayo. Ele confirmou que os três homens eram cúmplices, culpados. Depois de dizer aquilo os três homens foram de acordo usados para sacrifício. Os culpados na realidade eram: o bode, o carneiro e a rã.

Então toda a conferência prorrompeu em um estrondoso aplauso e ovação a Obara Meji. Ele foi carregado no alto dos ombros em procissão aberta para fora. Antes de chegar em casa, os pais dele tinham jurado cometer suicídio se seu único filho perdesse a vida em seu encontro. Assim que seu pai ouviu os gritos, concluiu que seu filho estava morto e tirou sua própria vida. Quando sua mãe viu o filho sendo carregado nos ombros acima da cabeça de uma procissão triunfal, ela retirou a sua cabeça da corda na qual tinha colocado em preparação para o suicídio.

Então ela usou a corda (Oja) para agradecer a sua própria mãe. Este é o porque da corda que algumas pessoas usam para o altar de suas mães falecidas em algumas partes do País Yorúba e Benin até os dias de hoje. Este é o porque dizem que a Mãe de Obara Meji é quem o salvou das frias mãos da Morte.

Quando Obara Meji, surge no Ugbodu durante uma cerimônia de iniciação será dito a pessoa que seu pai ainda está vivo, o fim de seu pai esta na mão. A pessoa deverá ser proibida totalmente de beber vinho.

Ele também deverá evitar fazer parte em partilhar herança de uma pessoa falecida. Três dias após surgir no Ugbodu exatamente ele deverá preparar o altar de Èṣu para o seu Ifá. Depois disso deverá comprar uma galinha da guiné (EYETU), para sua mãe se viva servir a própria cabeça. Se já for falecida, deverá usá-la para servir o altar de sua mãe, ou no seu dedão esquerdo. Ele também deverá servir sua cabeça com duas galinhas da guiné. Após o que ele preparará os altares para as divindades Ògún e Eziza para si próprio.

Se Obara Meji, saiu para uma divinação de Ikin, a pessoa será recomendada a servir rapidamente sua cabeça com um pombo ou uma ave da guiné, se surge para uma mulher grávida ela pode ser avisada que dará a luz a gêmeos.

Quando Obara Meji, surge na divinação por Okpele, a pessoa deverá ser avisada de servir Ògún e Eziza cada um com uma galinha e galo. Ele deverá ser avisado a não entrar em nenhuma contribuição financeira com alguém. Ele deverá tomar cuidado também com os ajuntamentos permanentemente em algum clube ou encontros, com medo que sua morte prematura irá se oríginar de lá.

O ENCONTRO DE OBARA MEJI COM INIMIGOS.

Após aquele incidente, Obara Meji tornou-se naturalmente muito famoso, sua popularidade logo começou a provocar inveja e inimizade, e ele percebeu logo que o sucesso provocava inveja e provocava animosidade, a qual gerava inimizade.

Geralmente as pessoas não gostam daqueles que os excedem. Os mais velhos sacerdotes divinos para quem Obara apareceu, para haver roubado a exibição não perderiam tempo em conspirar sua queda. Nesse meio tempo o anjo guardião surgiu para ele em sonhos e deu-lhe uma previsão das maquinações dos conspiradores.

Quando se levantou convocou 2 awo para fazer divinação para ele. Seus nomes eram.
Oni bara, ola bara, Eshishi bara, Eeku ooku ku so otin (Eye bara, kii ku si asi (Uho em Bini))
1 - O vôo que não atinge a ambição, nunca morre dentro de uma garrafa de vinho e,
2 - O vôo o qual voa alto no ar, e que não é seduzido pelos engodos do nível mais baixo, não é apanhado em uma armadilha grudada.

Eles avisaram Obara Meji para fazer sacrifício com um galo e 1 galinha, ele fez o sacrifício conforme explicado. Ele triunfou sobre seus inimigos, depois que haviam tentado na terra e falhado. Eles também denunciaram para os mais velhos do céu. Neste meio tempo um sacerdote de Ifá andarilho estava visitando Ifá, e ele parou pela casa de Obara Meji, que ofereceu elaborada hospitalidade para o visitante.

O nome do Awo era Eroke Ule Abiditirigi, quando o homem fez a libação divinatória, alertou Obará que um mensageiro estava sendo enviado do céu para buscá-lo, foi avisado para dar um bode para Èşu e 1 cabra para Ifá. Não apenas fez o awo fazer os sacrifícios para Obara, mas fez também a tradicional marcação (Ono Ifá em yorúba e Odiha em Bini) para ele.

Ele preparou um remédio para ele tomar diariamente, durante cinco dias. Tiokan veio do céu para prender Obará Meji. Quando Tiokan voou no topo da casa de Obará, chamou-o para ir para o céu.

Em uma resposta encantacional Obara, lhe disse que seu pai antes de sua morte, estava partindo para o céu para responder a um chamado prematuro que havia levado Obará para longe deste mundo, e que seu pai lhe disse que não era para ele partir deste mundo até uma árvore chamada Aro em yorúba e Uruaro em bini produzir folhas, e que até as raízes de uma planta parasita chamada Afuma em Yorúba e OSE em Bini tocassem o chão e deixassem cair suas folhas. Obará Meji coletou as três plantas e as deu a Tiokan, para dar ao Rei da Morte, quem mandara para ele no céu.

Quando o Tiokan entregou a mensagem no céu para o Rei da Morte, ele ordenou que Obara Meji se perdesse na terra sem conhecer seu caminho de volta para o céu. Este é o porque se diz que Obara Meji viveu na terra por 260 anos e no final teve que pedir para Deus aceitá-lo de volta no céu.

Se as crianças de Obara Meji são capazes de preparar seu Ono Ifá, eles poderão viver até a idade avançada.

OBARA MEJI TRANSFORMA PRETO EM BRANCO

O último maior teste sofrido por Obara Meji antes vendo a ribalta ocorrida, quando seus companheiros Awo o engabelaram para tomar bebida no palácio do Rei. Isto explica porque os filhos de Obará são proibidos de beberem qualquer bebida alcoólica.

Após beber ele começou a fazer pronunciamentos os quais ele não poderia corresponder. No meio das proclamações ele fez em seu estado de embriaguez é que ele poderia servir a cabeça de Olofen, visto que foi proibido para algum Awo fazê-lo então.

Ele também se gabou de que poderia lavar um pano preto e torná-lo branco. As proclamações de Obara Meji foram rapidamente reportadas ao Rei que o convocou para executar as proezas em 7 dias, falhando seria executado.

Chegando em casa, ele contou a sua mãe o que aconteceu no palácio do Rei, sua mãe gritou e chorou em desgosto, por ousar fazer cada elogio vazio, os quais ninguém havia feito anteriormente. Ele explicou que tinha bebido quando fez as proclamações. A única pessoa acostumada a servir a cabeça do Olofen era um homem chamado Okete, havia também um homem chamado Aro, que era o único capaz de lavar o preto e deixá-lo branco. A mãe de Obara Meji foi tratar como amiga o segundo deles.

No sétimo dia o Olofen expôs 10 peças de pano preto e deu-as a Obará para limpá-los no rio e torná-las brancas. Antes de seguir para o rio sua mãe já estava esperando por ele. O Rei enviou mensageiros para acompanhá-lo e para verificar a operação. Quando o grupo chegou à mãe de Obara estava cantando para invocar Aro para aparecer. Quando o peixe Aro ouviu a música, se moveu para onde Obara Meji estava lavando o pano preto, tornando-o dele, engoliu-o e vomitou-o fora e estava branco neve.

Assim que Obara viu que o pano tinha se tornado branco, ele trouxe para fora escorrendo e mostrou ás testemunhas enviados pelo Rei para verificar a operação de lavagem. Todos eles se moveram em conjunto para o palácio e todos inclusive o Rei estavam atônitos pelo milagre executado por Obará Meji.

A próxima atividade era a cerimônia para servir a cabeça do Rei Olofen, o homem acostumado a servir a cabeça do rei anualmente era chamado Ewu-okete. Ele tinha a tradição de ir a sua própria divinação e sacrifício antes de executar o sacrifício anual para a cabeça de Olofen. Neste ano em particular tinha ido a divinação e recomendado a dar um Bode a Èşu. Ele falhou em fazer o sacrifício.

Quando chegou o momento para ele servir a cabeça de Olofen como sempre, a cerimônia falhou em se manifestar. O ponto culminante do festival foi invariavelmente pela roupa com a qual a cerimônia foi feita para se transformar em branca.

Tendo em vista o sacrifício que Ewu-Okete se recusou de fazer para Èşu, a roupa preta se recusou a modificar a sua cor para branco. Estava claro que aquele festival foi um fracasso e o sacrifício para a cabeça não aconteceu. Normalmente o festival da cabeça de Olofen era invariavelmente seguido de paz, prosperidade e progresso para o Rei e o Reino. Mas após a cerimônia malograda da cabeça, as coisas naquele ano criaram dificuldades para o rei e o país.

Aquele foi o ano em que os filhos do rei estavam morrendo após jogar ayo com seus visitantes. Não haviam chuvas e comida, produtos agrícolas pegaram fogo. Houveram muitos casos de natimortos e mulheres grávidas que abortaram. Este era o resultado das coisas em Ifá, quando foi momento para outro festival. Ao passo que a procura era por uma nova pessoa para servir a cabeça do Olofen, Obara-Meji gabou-se de que poderia fazê-lo.

Antes de fazer alguma coisa a mãe foi à divinação e foi avisada a dar um bode a Èşu que foi feito imediatamente, subseqüentemente ela convidou Ewu-kete para ensinar seu filho o encantamento com o qual servir a cabeça do Olofen.
WONI KI OBA BORÍ OLOFEN
KORÍ OLOFEN FIN
KI OBARA BO AYA OLOFEN
KAYA OLOFEN GBA
KO FOWO KAN ALA
KO DI DUDU
OBARA BORÍ OLOFEN
ORÍ OLOFEN FIN
OBARA BOAYA OLOFEN
AYA OLOFEN GBA
OBARA FOWOKAN ALA
ALA DIDUN DUN.

Quando foi a hora de servir a cabeça do Rei, Obara o fez sem um transtorno acabando tocando o pano branco que ele trouxe do rio (Ala), e com auxílio invisível de Èşu, assim que Obara o tocou ele rapidamente se tornou preto. Aquilo foi o suficiente para indicar que os maus dias estavam no fim. O ano seguinte demonstrou ser muito próspero para o Rei e o País. Obara foi também amplamente recompensado.

OBARA - DEMONSTRA INGRATIDÃO PARA A MÃE.

Depois de ver Obará passar por todos estes processos e tribulações, ele acusou a mãe de estar flertando. A mãe ficou tão aborrecida que achou que era a hora de retornar para a casa de seus ancestrais. Antes de abandonar a sua vida ela declarou que desde então, a mão com a qual Okete serviu a cabeça de Olofen deveria ser utilizada para cavar a terra, o que o coelho faz até os dias de hoje. Ela proclamou que a roupa branca, a qual o de peixe Aro produziu, de hoje em diante, deveria ser usada para embrulhar o cadáver humano. Esta parte de Obara Meji é usada para causar grande devastação quando há justificação para tal.

Não é possível entrar em detalhes disso neste livro.

OBARA MEJI GANHA UM TÍTULO DE CHEFIA.

Seguindo a morte de sua mãe, ele tinha que aprender a tomar conta de si mesmo. Ele tinha parado de beber e já não estava tão em posição de fazer declarações e proclamações que o apanhassem em problemas.

Ele tinha aprendido de sua mãe as virtudes e sacrifício. Quando ele, entretanto descobriu que apesar de todas as suas façanhas, ainda era muito pobre, resolveu por fim aos seus problemas. Então convocou um Awo chamado Ishe toon shemi ko ni sha Alarin ni Ògún (Não há pobreza que não tenha fim), e foi recomendado de fazer sacrifício para seu Ifá, com uma cabra, obi, melão, sua capa e fazer um banquete de inhame pilado com a carne da cabra. Também era para ele dar um bode para Èṣu. O Awo também avisou que não deveria ir a lugar algum no dia que era para fazer o sacrifício.

Neste ínterim, o rei convocou ele entre outros awo, para ir ao seu palácio para uma competição especial de divinação. O awo lhe disse para fazer o sacrifício naquele dia, mas não responder a convocação do rei.

Então ele fez o sacrifício para seu Ifá, mas não poderia achar um barril de Obi e Melão (elegede ou kakamisi em yorúba e eyen em bini). Ele também deu um bode a Èṣu.

Quando os outros awo vieram para chamá-lo a responder a convocação do rei ele recusou-se a acompanhá-los porque estava fazendo um sacrifício especial para o seu Ifá.

Quando os awo chegaram ao palácio do Rei, pediu a cada um deles para revelar o conteúdo de uma sala, a qual ele tinha trancado no palácio. Um após o outro awo tentou, mas não puderam revelar o conteúdo da sala. Então veio um awo chamado Oguega que revelou que a sala tinha 201 pessoas que era a resposta correta.

O Rei então entrou e deu de presente uma cesta de obi e um melão para cada um dos awo. Ele também enviou a parte de Obará Meji apesar de sua ausência.

Os awo tinham esperado um longo tempo no palácio de Olofen sem terem nenhuma comida e bebida portanto estavam muito famintos. Em seu caminho para casa, decidiram chamar por Obara Meji, quem nesse ínterim, tinha colocado um enorme banquete na mesa, com inhame pilado e carne de cabra. Como se a refeição fosse a resposta de suas preces, todos sentaram, comeram, beberam para a alegria de seus corações. Quando Obará Meji perguntou o que Olofen lhes deu, todos lhe responderam que receberam obi, melão e também lhes deu a sua própria parte, com o que ele ficou

muito feliz, porque eles eram os dois materiais que faltavam para completar o sacrifício para seu Ifá.

Quando os outros perguntaram porque ele estava tão feliz, com tais presentes ostensivamente sem valor, ele replicou que eram os materiais usados para fazer o sacrifício para o seu próprio anjo guardião.

Com aquela observação, todos os awo entregaram seus próprios presentes de obi e melão para ele. Tanto que poderia ter um bom estoque delas. Antes de deixá-lo, eles o informaram que Olofen queria a todos para visitá-lo mais uma vez em 8 dias. Após a partida dos awo ele serviu sua cabeça e seu ifá, com alguns dos melões e cestas de obi, mas quando os cortou abrindo com uma faca, ele descobriu que longe de conterem obi e sementes de melão, cada um delas estava repleto com os mais variáveis tipos de tesouros, indo do dinheiro para contas e etc. De jóias que ele juntou das cestas, foi capaz de costurar uma toga de contas, um par de sapatos de conta e um chapéu de contas para ele mesmo e um traje para um cavalo, que separou neste meio tempo para o seu próprio uso.

No oitavo dia quando haveriam de ver o Olofen mais uma vez, ele quis ter a certeza de que seria a última pessoa a chegar no palácio do rei.

Antes do encontro, Olofen havia decorado o trono semelhante ao seu, para sentar o homem mais bem vestido na ocasião. Quando os awo começaram a chegar, nenhum deles teve coragem de ocupar o trono especial ao lado do rei. Todos tomaram seus assentos nas laterais da sala. Quando Oguega o vencedor da última disputa chegou à sala em sua roupa esfarrapada, ele se sentou no chão que é onde é feita a divinação até hoje.

Finalmente Obara-Meji chegou com uma comitiva de pajens acompanhando-o. Após oferecer o tradicional agradecimento ao Olofen, olhou em volta e viu o trono decorado ao lado do rei e foi direto para sentar nele. Tão logo todos estavam sentados, Olofen lhes perguntou o que eles fizeram com o melão e a cesta de obi que ele deu a cada um deles depois do último encontro.

Um após o outro responderam que visto que eles não eram dados a comer estas coisas, deram para Obara-Meji de quem era alimento básico.

Olofen então como Obara Meji veio com seu vestido real, o rei então retirou seu instrumento de autoridade Aşé, e chamou Oguega que a despeito de ser o vencedor do teste de Olofen de 8 dias antes, foi sua ignorância que o manteve na pobreza e o fez sentar no chão. Ele então amaldiçoou que Oguega que sempre viveria na pobreza e em trapos. Finalmente ordenou que Obara-Meji crescesse sempre acima de seus colegas e seria bem sucedido nos tronos e prosperidade.

COMO OBARA MEJI PERSEVEROU EM SUA PROSPERIDADE.

Tendo obtido todos os desejos para mais um dia, Obara-Meji recebeu um visitante chamado Efun yemi aborí bebele, que o avisou a fazer sacrifício, afim de que sua prosperidade recém chegada durasse até o final de sua vida.

Ele foi avisado a fazer o sacrifício com uma vaca, tendo as cores preta, marrom e branca e uma cabra da mesma cor, para seu Ifá. Ele também deveria oferecer um bode a Èşu com as mesmas cores. Ele fez os sacrifícios.

Este é o porque Obara Meji, viveu tanto tempo em opulência e como viu todos os seus filhos se tornarem velhos. O cabelo grisalho em sua cabeça e seu corpo vieram a ser tão branco como algodão, a sua riqueza se sustentou até o final de sua vida. Este é o último maior sacrifício especial (OnoIfa ou Odiha) para o qual toda pessoa nascida por Obara Meji, deve fazer, a fim de ter longa vida na prosperidade.

O ÚLTIMO GRANDE MILAGRE EXECUTADO POR OBARA MEJI.

Houveram 3 pântanos do céu, os quais amedrontavam todas as principais cidades Yorúba. Eles eram chamados :

1 - Obuko omo lubebe - o bode.
2 - Ejo omoni rongo - a cobra.
3 - Ekuku ale, Omonimene - o pombo.

Ota loon ba aye ati orun jaa - Eles estavam vindo para devastar a terra pelo rei das feiticeiras do céu. Ocasionaram a morte de muitos homens e mulheres em vários lugares e havia pandemônio em todo redor. Os três saqueadores celestes apanhavam suas vítimas em circunstâncias misteriosas e quase sempre parecendo estar colhendo nas personalidades importantes para ser cidadãos úteis das cidades. Eventualmente, eles pareciam ter sido dado o principal desígnio de trazer Obara-Meji de volta ao céu.

Quando por fim eles partiram no rastro de Obara-Meji, seu próprio guardião apareceu-lhe em sonho e alertou-o do perigo iminente da morte.

Ele não se preocupou injustamente sobre a morte, no entanto estava ainda desfrutando de sua prosperidade ganha com muito esforço. Então decidiu consultar seu Ifá, por meio da divinação com Ikin, seus subalternos domésticos chamados Uroke e Oroke lhe disseram rapidamente para fazer sacrifício com um galo, um coelho e inhame amassado (Obobo em bini e erwo em yorúba), o qual ele iria carregar por si mesmo a uma encruzilhada. Ele também deu um bode a Èşu. Ele fez os sacrifícios profundamente.

Quando ele carregava as oferendas sacrificais para a encruzilhada, Èşu levantou-se e disse aos 3 mensageiros do céu que Obara- meji que eles estavam buscando, estava na encruzilhada. Os três homens rapidamente se direcionaram para encontrá-lo, enquanto Obara Meji, estava oferecendo preces depois de colocar o sacrifício na posição. Èşu também o alertou da aproximação dos assassinos do céu. Com o que Obara Meji se pôs em pé e correu em segurança para sua cassa.

Obuko, omo olubebe tinha proibição de galo, ejo omoni rogonti tinha proibição de inhame amassado (obobo), enquanto omoni mene tinha proibição de coelho. Aqueles foram os materiais com que Obara Meji fez sacrifício na encruzilhada. Quando os três homens maus chegaram à encruzilhada, Èşu apareceu de novo para eles, dizendo-lhes que a refeição do chão era o banquete que Obara Meji estava enviando para as 200 divindades. (Ihanuri em bini e ugba urumole em Yoruba).

Èşu convenceu-os a comê-la porque Obara abandonou a comida quando os viu se aproximando.

Após comerem, eles continuaram determinados a perseguir Obara Meji até sua casa para capturá-lo. Nesse ínterim no caminho, as porções de comida proibida tinham começado a reagir neles. Em sua aproximação para a casa de Obara Meji, eles começaram a caírem mortos uns após o outro. Tudo

isso acontecendo de noite. Na manhã seguinte Obara Meji saiu apenas para descobrir que os 3 homens maus estavam mortos. Ele então enviou mensagem aos 16 monarcas das cidades que tinham estado sob muito medo pelos terroristas celestes. Tão logo eles se reuniram no palácio de Olofen, Obara informou como ele conseguiu a morte dos homens maus e todos eles se alegraram e agradeceram a Ọrúnmìlá em profusão por protegê-los da ameaça.

CAPÍTULO XVIII - OKONRON- MEJI.

I I I I
I I I I
I I I I
I I

Okonron meji realizou uma série de trabalhos importantes no céu antes de vir para a terra. Ele era chamado Okonron kon lon Okonron kon nihin - Ele fez divinação para Araba (Obadan em bini), e para Irókò (Uloko em bini), antes de eles virem para o mundo.

Araba e Irókò, sempre foram gatos e cachorros e nunca concordavam em nenhum ponto. Naquele tempo Irókò era tão forte e poderoso que todos o temiam.

O divinador avisou para ambos para prestarem homenagem para Eşu, com 1bode, 1 galo, 1 machado e um cutelo. Araba fez o sacrifício, mas Irókò se recusou a fazê-lo, pois se considerava forte o suficiente para ser invulnerável.

Após se banquetear com as oferendas feitas para ele Èşu, foi comunicar aos seres humanos, como o poderoso Irókò estava procurando lucros. Então antes, a árvore Irókò parecia tão feroz que ninguém pensou atacando-o no caminho. Em primeiro lugar ele é fisicamente muito forte e enorme para outro, sua casa é no jardim da reunião das mais velhas da noite. A intervenção de Èşu, foi para destruir o mito envolvendo a imagem de Irókò e fazê-lo parecer tão normal quanto qualquer outra árvore. Èşu até mesmo se ofereceu para conduzir os seres humanos para casa de Irókò, dando-lhes um machado com o qual cortá-lo.

As pessoas ficaram primeiro relutantes em usar o machado em Irókò, mas com o encorajamento dado a eles por Eşu, o atacaram violentamente. A queda de Irókò foi tão grande que reverberou através de toda a floresta. Quando Araba ouviu a queda, se perguntou o que estava acontecendo e foi informado que o grande Irókò tinha caído pelo ataque do machado humano. Compreendendo o acontecido com Irókò, foi o resultado de fazer o sacrifício, Araba se felicitou por ter atendido a recomendação de Okonron Meji.

Araba então cantou ao divinador que jogou para ele para vencer a ameaça de Irókò que de outro modo como um espinho nesta carne.

Quando surge na divinação, o inquisidor será avisado que ele ou ela tem um forte e alto inimigo que está procurando derrubá-lo (a).Para sobrepujar seus problemas apresentados pelo inimigo será recomendado de fazer oferenda com 1 bode, 1 galo, 1 machado e 1 cutelo para Eşu.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A FORMIGA ERIRA.

Okonron meji, fez divinação para a formiga antes de vir para a terra. A formiga era tão pequena que ele se questionou como seria capaz de trabalhar para sobreviver na terra. Foi então a Okonron - Meji, também conhecido como OKON FEERE E EJI FEERE. Ele avisou a formiga que lhe seria dado o gerenciamento da comida da casa se ele fizesse o sacrifício, foi recomendado a faze-lo com 2 pombos, 2 ratos e 2 peixes a fim de obter o controle sobre todos os materiais domésticos do mundo. Ele fez o sacrifício e partiu para a terra.

Esta situação explica porque a formiga caminha e se alimenta livre em toda comida e materiais domésticos até hoje. Elas se movimentam na casa livremente sem impedimento e o que comer nunca é problema para elas. Que é a manifestação do sacrifício que elas fizeram no céu.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A ÁRVORE GENEALÓGICA.

O último grande trabalho associado a Okonron meji antes de sua vinda para a terra, foi executado a seu favor por um dos seus seguidores chamado Efunfun lele (o vento). Naquele tempo todas as "arvores" estavam preparadas para vir para o mundo. Antes de partirem foram a Okonron meji para o que fazer a fim de ter uma missão bem sucedida no mundo. Visto que Okonron Meji também estava se preparando para ir ao mundo, ele estava ocupado fazendo seus próprios preparativos, então pediu a um de seus subordinados, Efunfun lele para consultar o oráculo para as árvores. Efunfun lele em concordância divinou para eles, recomendando-os de fazer o sacrifício para Eṣu com 1 bode e servir suas cabeças com galos, pombos e obi, e servir Ògún com 1 galo e 1 tartaruga (Cágado) e um barril de vinho e inhame assado e servir Ṣàngó com 1 galo, orogbo e vinho.

Todas as outras árvores se recusaram de fazer o sacrifício com exceção de Agbon (a palmeira real), (Urua em bini). Depois disso todos eles partiram para o mundo.

Muitos anos depois quando todos eles tinham frutificado na terra, novidades chegadas do céu, que havia muita maldade na terra. As divindades encarregaram Ṣàngó para ir ao mundo ver o que estava acontecendo. Efunfun lele (o vento) que fez divinação para as árvores, foi informado para acompanhar Ṣàngó em sua missão a terra.

Chegando a terra, a comissão celeste descobriu que muitas árvores tinham sido contaminadas pelos maus caminhos do mundo. Uma após a outra, o trovão e a força do vendaval, destruíram todas as árvores. Quando chegaram ao abrigo da palma real ou Urua, e ele começou a cantar em louvor ao divinador que fez consulta para ele no céu, relembrando o sacrifício e agradecendo o seu sucesso na terra. A palmeira real foi à única árvore cuja vida foi poupada. Este é o porque até os dias de hoje, o Agbon (Urua) é a única árvore que está segura contra algum ataque de trovões e vendavais.

OKONRON MEJI PARTE DO CÉU PARA O MUNDO.

Relembrando que seus colegas tinham partido para a terra, ele também resolveu obter permissão de Deus para emigrar do céu. Ele foi ao divinador Awo chamado: Asokon deji, que lhe recomendou a fazer sacrifício antes de ir receber seus instrumentos de autoridade (Aṣé) de Deus. Foi recomendado para fazer sacrifício com um rato, um peixe, uma galinha, uma cabra, um bode e um pombo. Ele fez o sacrifício de acordo e foi ao palácio Divino para fazer seus pedidos para a terra.

Seu plano orígіnal era viajar em companhia da cabaça e do pote de barro, mas o awo lhe recomendou viajar sozinho por uma rota diferente. Em seu caminho para o mundo, ele veio a atravessar uma fazenda na fronteira. Na fazenda estava uma armadilha a qual capturou um antílope, que estava começando a se decompor, ele removeu o antílope da armadilha e matou-o, e começou a preparar fogo na fazenda para secar a carne do antílope.

Quando ele estava arrumando a carne no secador, o dono da fazenda veio e provocou-o. Ele, entretanto explicou que fez para prevenir a decomposição total da carne. Quando o fazendeiro compreendeu o gesto de Okonron meji, agradeceu-lhe e lhe deu uma pata do antílope que é à parte do animal cujo sacerdote de Ifá que sacrificou um animal pega até hoje.

Este é porque Okonron meji é descrito como o Ifá que foi dado à mão livre para prosperar na vida. Por esta razão os filhos de Okonron meji são recomendados a gostar da lavoura, porque ele veio através do campo. Quando em seguida ele nasceu no mundo, cresceu para ser um fazendeiro, mas no início foi muito desafortunado. Ele decidiu ir ao divinador, aonde foi avisado para fazer um traje para si mesmo tendo todos os bolsos sobre ela, preenchendo com um obi e um orogbo. Ele esfregaria seu corpo com um frango e para ter uma bengala chamada okparere em Yorúba ou Osogan em bini. Ele deveria coletar materiais do topo de duas colinas próximas uma da outra, assim como das duas calhas finais da casa, tudo para ser usado para invocar Eşu, para afugentar os animais intrusos de sua fazenda. Ele fez o sacrifício de acordo.

Depois de ser apaziguado Eşu plantou armadilhas invisíveis ao redor da fazenda de Okonron-meji, que capturou os animais um após o outro. Tendo se livrado dos animais intrusos, sua fazenda começou a frutificar. Ele também fez muito dinheiro revendendo a carne dos animais nas armadilhas preparadas por Eşu.

Com o dinheiro lucrado ele resolveu casar. Após o casamento sua esposa não teve filhos por um longo tempo. Contudo a esposa sonhou com Okonron meji dançando pela cidade com uma multidão seguindo-o.

Ele decidiu ir ao divinador para desvendar ao significado do sonho. O awo lhe avisou para preparar dois bastões com ponteiras agudas e pegar uma parcela de pimenta (Otawewe em yorúba akpokotan em bini), eles foram usados para fazer sacrifício para Eşu implorando-lhe para transformá-la sortuda para boa fortuna. Ele rapidamente fez o sacrifício e as coisas começaram a mudar para melhor em todas as facetas de esforços humanos.

Mas a mulher não conseguiu ficar grávida, aos poucos fez ele saber que a mulher era destrutiva e maléfica feiticeira. Estes fatos foram subseqüentemente revelados a ele em um sonho pelo seu anjo guardião e descobriu que o anjo era responsável por tornar impossível sua esposa ter um filho.

O anjo lhe informou em um poema que uma cobra gera uma cobra, como uma feiticeira gera uma feiticeira, do útero de sua mãe. A cobra herda a bolsa de veneno, justamente tal qual a feiticeira, feitiçaria das mães dos intestinos.

A mulher por fim o deixou, e logo depois, seus pais também morreram. Quando este Odu surge na divinação de ikin, o inquisidor deverá ser questionado se há um membro falecido de sua família que não teve o funeral final. Ele ou ela, também deverão ser questionados se há uma mulher em sua família que não está tendo crianças.

Se o homem tinha uma esposa infértil, ele será avisado que a mulher certamente o deixará porque seu casamento para ela não foi autorizado por seu anjo guardião.

Após a perda de sua primeira esposa e de seus pais ele decidiu mudar de residência temporariamente e foi a um sacerdote de Ifá chamado: Kponrinkpon abidi tirigi, para a divinação. Foi avisado a fazer sacrifício a fim de evitar se perder na floresta com um bode a Eşu, e 1 porco ao seu Ifá, e levar 16 embrulhos de ẹkọ e àkarà para a sua viagem. Também deveria viajar com dois cachorros, ele fez o sacrifício e deixou Ilaye Ule, sua residência fixa para Ilaye Oko, aonde procurou se recuperar temporariamente, antes, porém, e sem sabê-lo a viagem entre os dois lugares se tornou um tortuoso pesadelo. Aqueles viajantes entre os dois lugares um tanto misteriosamente nunca chegavam aos seus destinos e ninguém sabia com exatidão o que acontecia com eles.

Na metade de sua jornada para Ilaye Oko, seus dois cães ficaram famintos e ele lhes deu uma porção de ẹkọ e àkarà para comer. Quando os cães estavam comendo, uma misteriosa Boá (cobra), surgiu do nada atacou os dois cães e os engoliu.

Tendo engolido os dois cães a Boá ficou desamparada e Okonron Meji deu uma forte estocada e matou-a. Ele deixou a serpente lá e foi para Ilaye Oko. Quando ele lhes contou o que tinha passado, foi então que todos compreenderam que foi Boá, que estava engolindo os viajantes entre as duas cidades.

O povo seguiu-o até o local para matar a Boá, ele apenas pegou a pequena pedra estabelecida no estômago da cobra (Iyn Osunmale) e o óleo, levando a carne para as pessoas da cidade.

Aquela experiência singular projetou-o em uma fama de popularidade como sacerdote de Ifá, ao passo de que na cidade lhe foram dadas muitas mulheres em casamento.

OKONRON MEJI TORNA-SE O GRANDE CHEFE DE ILAYE OKO.

Chegando a Ilaye Oko, ele desenvolveu uma sociedade secreta com os mais velhos sacerdotes da cidade, para fazer por ela o que eles não puderam fazer por anos de tentativas. Um daqueles Awo era chamado Ojikutu Ogbede Sorun - Orín gbere gbere kaaye.

O homem recomendou-o a fazer sacrifício com um bode para Eşu, 1 cabra para Ifá, 1 coelho para a noite e 1 galo para sua cabeça porque ele estava provavelmente para receber uma promoção. Foi avisado para tocar um tambor e dançar fora da sua casa. O Momento era véspera de escolha do chefe da cidade. Sendo um visitante ele nunca aspirou à chefia da cidade, mas ele fez sacrifícios mesmo assim.

Após executar o sacrifício, ele mandou as pessoas tocarem sinos e tambores, deu Uroke para suas esposas e todos eles dançaram até o raiar do dia. Todos os sacerdotes divinos da cidade levantaram-se para participar da dança.

Na manhã, foi concluído que ele estava para ser o próximo grande chefe de Ilaye Oko e houve regozijo e júbilos gerais. Depois disso ele recrutou um número de subordinados sacerdotes de Ifá, que praticaram arte de Ifá em seu nome.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AKPON PARA SER POSSÍVEL TRAZER PAZ A IFÉ QUANDO ESTAVA EM GRANDE CONFUSÃO

Novamente Ifé estava passando por uma carestia severa. Houve uma grande seca e todos os fazedores de chuva da redondeza tinham tentado em vão, procurar nuvens de chuva. Enquanto isso eles ficaram sabendo de Okonron Meji e foram a ele. Por outro lado ele era um fazendeiro e não ampliou a arte de Ifá. Antes de responder ao convite ele foi à divinação e foi recomendado de fazer sacrifício antes de partir para Ifé.

Chegando em Ifé, ele viu realmente a devastação provocada pela estiagem. Tendo recebido sua parte dos sacrifícios, Eşu que era o responsável pelas estiagens desatarraxou a rolha da chuva do céu e bem na hora de sua chegada, após simplesmente usar iyerosun e o encantamento apropriado, a chuva começou a cair. Choveu continuamente por três dias e o povo de Ifé começou a agradecer em louvor de Okonron meji, que executou o milagre.

O encantamento usado por Okonron meji foi:

A batalha do calor nunca conquista a colher, e a colher nunca quebra dentro da sopa.

A SALVAÇÃO DE AKERIWAYE.

Dois dos seus sacerdotes subordinados eram Shekutu Molagua, Ojo okpa akiko iyere re odidi, que fez divinação para a mãe de Akeriwaye, quando inimigos estavam desejando a morte da garota.

A mãe foi avisada a fazer o sacrifício de dois galos e ela o fez rapidamente. Os galos foram usados para fazer sacrifício para Ògún e Eşu. Enquanto isso, Akeriwaye estava adormecida em uma noite, quando um mal espírito veio em forma de cobra para entrar no quarto enquanto ela estava dormindo. Quando a cobra estava quase para atravessar a porta, Èşu rapidamente soltou a barra de ferro que suportava a porta e caiu na cobra esmagando-a até a morte. O barulho da queda do objeto de ferro pesado acordou a mãe e quando ela viu o que aconteceu se ajoelhou e cantou em louvor de Okonron meji que fez o sacrifício dela. Quando este Odu surge normalmente na divinação, à pessoa será avisada que seu pai ou sua mãe tinham feito sacrifício justamente para ele ou ela e que tinha manifestado agora.

Se surge irregularmente a pessoa deverá ser avisada a falar para sua mãe fazer sacrifício que corre perigo iminente de morte.

O MAU DESTINO DA COROAÇÃO DE ADEGUAYE.

ETI LAWO MORUGE. ITA AARE RIJE ATA ONO; foram os sacerdotes que fizeram divinação para Adeguaye, o único filho do rei, que nasceu quando seu pai já era muito velho. O sacerdote recomendou a Adeguaye tão logo seu pai morreu, para fazer sacrifício as mais velhas da noite com uma cabra e oferecer um bode a Èşu, afim de que talvez sobrevivesse a cerimônia de coroação.

Sendo jovem ele não gostou do resultado das oferendas sacrificiais, logo ele não entendeu porque deveria fazer o sacrifício para uma mera cerimônia tradicional..

Depois disso, após o funeral de seu pai, os ministros convocaram-no a providência para suceder no trono. A cerimônia estava para começar com uma reclusão em isolamento em um conclave secreta por 14 dias.

Numa noite as feiticeiras, que normalmente não golpeavam sem dar a próxima vítima antecipar, prevenindo-se, visitaram-no e esfregou seu corpo com suas mãos. Na manhã seguinte ele ficou doente. A despeito de sua indisposição ele ainda não estava convencido de que deveria executar o sacrifício.

Sua mãe foi à única a avisá-lo que já era muito tarde para fazer alguma coisa. No sétimo dia do conclave ele morreu, mas sua morte não foi anunciada formalmente.

Sob a proteção de um toque de recolher (ORO) seu corpo foi levado para casa e a cerimônia de coroação foi completada após o funeral pelo seu filho menor que foi feito rei.

Quando este Odu surge na divinação para uma pessoa que está planejando tomar um novo compromisso, ele deverá ser avisado que há sucesso o aguardando, mas que a morte está entre ele e a realização de seu sucesso. Ele deverá, contudo fazer sacrifício para as mais velhas da noite e para Èşu a fim de remover o perigo de morte de seu caminho.

CAPÍTULO XIX - IROSUN-MEJI

I I
I I
I I I I
I I I I

Muito pouco é conhecido dos trabalhos celestes de Irosu-Meji. Ele está associado a dois trabalhos principais e um de menor importância no céu.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA TODAS AS DIVINDADES ANTES DELAS PARTIREM DO CÉU PARA A TERRA

No céu ele era chamado Akpejo Uku, que é, o homem que pode alterar o curso da morte. Ele avisou as 200 divindades antes de partirem do céu que, chegando na terra, deveriam abster-se de impor regras inflexíveis e normas, porque leis rígidas criavam afastamentos e evasões. Lhes avisou para buscarem o apoio de Èşu, oferecendo um bode a ele. Eles se recusaram a fazê-lo porque tradicionalmente desprezavam a divindade trapaceira. Ọrúnmìlá foi o único que deu o bode a Èşu. Depois disso todos partiram para a terra.

Assim que eles se estabeleceram na terra, o 1º decreto eles promulgaram, sendo que tão logo algum deles começasse criar cabelos grisalhos, aquela divindade retornaria para o céu.

Conforme o decreto, quem quer que tivesse cabelos brancos morria. Finalmente foi a vez de Ọrúnmìlá ter cabelos grisalhos. Assim que os cabelos grisalhos se tornaram predominantes em sua cabeça, as outras divindades recordaram-no que era sua vez de morrer. Ele concordou com eles que era chegada a hora para ele retornar para casa no céu.

Nesse ínterim, ele consultou seu Ifá, que avisou a fazer sacrifício com um bode para Èşu e também inhame seco triturado e misturado com cinzas e amarrar o pó em uma sacola feita de ráfia, na entrada principal de sua casa. Depois disso, ele deveria servir Ifá com um porco e alimentar todas as divindades restantes com ele. Ele fez todos os sacrifícios e preparações como foi avisado.

Então chegou o dia do banquete o qual se supunha ser uma festa de despedida para ele antes de partir para o céu. Tradicionalmente era proibida a entrada na casa de algumas das divindades com um gorro na cabeça. Assim que alguns deles alcançaram a entrada da casa de Ọrúnmìlá, ele tinha que remover seu gorro naquele ponto, Èşu esfregou o cabelo dos visitantes com o pó de dentro da sacola na entrada e ficaram imediatamente grisalhos. Ele colocaria seu gorro na cabeça após atravessar a entrada. Aquele ritual foi feito por cada uma das divindades visitantes, mas sem o conhecimento delas todas.

Assim que a refeição estava terminada, todos perguntaram a Ọrúnmìlá quando ele iria morrer. Ele respondeu que ele tinha completado seus preparativos para morrer naquela noite, porque estava muito satisfeito em participar no grande volume de mortes que estava preste a tomar lugar. Eles se perguntaram o que dizer com mortes em massa, já que ele era a única divindade conhecida marcada para morrer.

Ele então explicou que já que não era o único que tinha adquirido os cabelos grisalhos, concluiu que todos eles deveriam ter de morrer simultaneamente. Ele lhes disse para remover seus gorros de suas cabeças, e descobriram, para espanto geral, que todos na câmara tinham ficado completamente grisalhos.

Em face da perplexidade resultante, eles rapidamente aprovaram unanimemente a resolução que desde então, apenas aqueles que eram velhos o suficiente para morrer, morreriam. A resolução destacou que a aparência grisalha dos cabelos nas cabeças de alguém, já não constituía o padrão para medir o tempo para a morte. Aquele foi como Ọrúnmìlá modificou o mórbido decreto das divindades, porque se aquela lei tivesse persistido, ninguém teria vivido mais de 40 ou 50 anos na terra.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O CROCODILO

Enquanto no céu, o crocodilo sempre foi uma criatura indefesa. Ele tinha boca a qual comer, falar e defender-se. Quando se preparava para vir para o mundo, foi a Ọrúnmìlá para divinação sobre o que fazer para ser feliz na terra. Ele foi avisado a fazer um sacrifício com uma serra de ferro e um bode a Èşu. Após o sacrifício estar feito, ele recebeu uma segunda boca a qual era sua cauda feita da serra de ferro sacrificial. Com a segunda boca, ele era capaz de se defender e lutar por sua comida. Mas foi advertido em não ser ingrato com seu divinador.

Este é o motivo que chegando na terra, o crocodilo sendo um anfíbio, usaria sua cauda para derrotar e debilitar suas vítimas, e então usar sua verdadeira boca para arrastar sua vítima na água. O crocodilo pode engolir qualquer coisa, mas não as sementes de Ọrúnmìlá (Ikin). O dia que ele engoli-las, ele certamente morrerá.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O PEIXE E O RATO PARA OS MULTIPLICAR

Ele fez divinação para o rato e o peixe com o seguinte encantamento quando eles estavam vindo para a terra.

Ejeji laasun lere, Ejeji laasun,
Eji lomo eku sun loko odeta,
Eji lomo eja sun loni, odeta.

Machos e fêmeas se acasalam para multiplicar,
Dois ratos devem acasalar na terra para gerar um 3º rato,
Dois peixes devem acasalar na água para gerar um 3º peixe.

Eles queriam descobrir o que fazer a fim de se multiplicarem na terra. Ele lhes avisou para fazer sacrifício com uma galinha, um pacote de inhames, uma cabaça de água, um melão fermentado (Ubobo ogiri em Yoruba e Evbarie em Bibi), e todos os condimentos usados para preparar uma sopa.

Ele usou os materiais para servir seu Ifá, implorando para abençoar os ofertantes com filhos. Ele também preparou vegetais para eles fazerem sopa para seu consumo, com parte das aves sacrificiais, especialmente a moela. A sopa era para ser consumida por eles, bem como seus maridos. Logo em seguida, ambos o rato e o peixe, ficaram grávidas e deram a luz dentro de três meses, logo se multiplicando a passos largos.

Se este Odu surgir para uma mulher que está ansiosa para ter uma criança, as folhas propícias são coletadas para preparar uma sopa com a moela da galinha usada para fazer sacrifício para Ifá, e ela certamente ficará grávida.

IROSUN-MEJI VEM PARA O MUNDO

Os sacerdotes de Ifá, que fizeram divinação para ele antes de sua partida do céu eram chamados:
Ariro sowo gini gini moko,
Irawo bese leyin eran,
Oju imo kirawo matu eron se.

Eles o avisaram para fazer sacrifício com um galo e uma tartaruga para a divindade do infortúnio (Elenini ou Idobo) e um bode para Èṣu. Também foi recomendado a dar uma galinha da Guiné para seu anjo guardião. Ele se recusou a fazer algum dos sacrifícios, e então veio ao mundo aonde estava praticando a arte de Ifá. Quando cresceu, era tão pobre que não podia ter recursos para casar sossegado e ter um filho. O sofrimento se tornou tão severo para ele que apesar de suas frustrações, decidiu jogar suas sementes de Ifá fora.. Nesse ínterim, teve um sonho no qual seu anjo guardião surgiu-lhe falando que ele era o único responsável por seus problemas porque tinha teimosamente recusado a fazer o sacrifício prescrito. Quando acordou de manhã, decidiu consultar seu Ifá e foi então que compreendeu que foi seu guardião que surgiu para ele na noite e rapidamente providenciou fazer sacrifício para seu Ifá e deu um bode a Èṣu. Ifá avisou-o para retornar para o céu para informar a Deus como falhou em obter permissão em primeiro lugar. Para seu retorno ao céu, foi avisado a ir com um galo, uma tartaruga, um pacote de inhames, uma cabaça de água, uma de óleo, pimenta, quiabo e rapé. Ele juntou todas as coisas e empacotou-as em sua bolsa divinatória (AKOMINIJEKUN ou AGBAVBOKO).

Após viajar até o limite entre o céu e a terra, ele teve que atravessar sete colinas antes de chegar ao céu. Lá chegando foi direto ao palácio divino, onde encontrou o guarda da CÂMARA DIVINA - a divindade do infortúnio ou yeye muwo, a mãe dos obstáculos. Ele se ajoelhou na câmara divina e proclamou que viera em toda humildade para renovar seus desejos terrestres. Yeye muwo (interpôs-

se) que era ainda cedo da manhã para fazer algum pedido porque não havia comida na casa. De sua bolsa divinatória, ele retirou imediatamente a lenha, água, óleo, pimenta, sal, quiabo, rapé e por fim o galo, todos os quais a mãe dos obstáculos exigiu em troca, em sua usual tática atrasando-o, mas Irosunmeji estava completamente preparado depois disso, yeyemuwo permitiu-o fazer seus pedidos.

Já que era proibido ajoelhar-se no chão descoberto, ele se ajoelhou na tartaruga a qual trouxe da terra. Após fazer seus pedidos, Deus abençoou-os com seu cetro divino. Quando yeyemuwo ouviu o som do cetro, rapidamente terminou sua culinária, mas antes de ela poder sair, Èşu indicou a Irosunmeji a partir rapidamente para a terra.

Quando a mãe dos obstáculos emergiu por fim da cozinha, perguntou a Deus pelo homem que tinha estado fazendo seus pedidos e o pai todo poderoso replicou que ele tinha ido. Quando ela questionou o porque ele não pediu ao homem para fazer bons e maus pedidos, Deus replicou que não era sua tradição interferir quando seus filhos estavam fazendo seus pedidos .

A despeito de todos os presentes que ele tinha dado a yeyemuwo, ela no entanto rapidamente partiu em rápida perseguição de Irosunmeji.

Quando estava perseguindo-o, ela cantou:
Ariro sowo giniginimoko;
Irawo be sese le eyin eron;
Oju ima ki irawo ma bi eronise;
olo Oríre omomi duro demi buwo ooo;

Ele replicou com um refrão de uma canção dizendo que ele já tinha feito o sacrifício e seus pedidos, não faltando nada. Enquanto estava cantando ele estava correndo em frente em pavor.

Quando yeyemuwo viu que ela não conseguiria capturá-lo, ficou quieta e esticou seu polegar e disparou através de suas costas com ele. Aquela é a linha oca que corre por meio da espinha dorsal do ser humano, até hoje, a qual está nos recordando constantemente que a única maneira que nós podemos escapar das longas mãos do infortúnio é fazendo sacrifício. Com aquela marca yeyemuwo proclamou a Irosunmeji - e ipso facto (em conseqüência) para o resto da humanidade - nunca lembrar seus pedidos celestes chegando na terra, visto que os olhos não podem ver as costas do corpo e que antes de dar conta de seus pedidos, ele teria que andar nas trevas por um longo tempo e experimentar um processo muito sofrido.

A dor do ferimento fez Irosunmeji inconsciente e ele caiu em um transe de total escuridão. Quando levantou, se achou em sua cama na terra. Ele havia esquecido tudo que aconteceu desde então. Todavia ele circulou seus negócios e prosperou depois.

O estado de escuridão é simbolizado pela duração de tempo que Ifá ficou no óleo de palma antes de ser trazido à vida.

Também simboliza a gestação que nós esperamos no útero, durante a qual perdemos todas as recordações do que planejamos fazer na terra.

IROSUN-MEJI FEZ DIVINAÇÃO PARA MINHOCA

O primeiro trabalho que ele executou no retorno a terra, foi para foi para uma linda mulher que tinha estado prometida para a chuva no céu, um homem chamado Oju dudu bolojo ra le lede orum.

Ele fez divinação e avisou-a para fazer sacrifício com uma porção de cinzas, sal e ramos secos de palmeira, folhas secas, adicionando um bode a Èşu. Ele também avisou-a não abandonar seu marido a fim de evitar a capacidade física que poderia aleijá-la.

Ela nem fez o sacrifício, nem prestou atenção ao seu aviso de não se divorciar do marido. Assim que encontrou um homem mais bonito chamado Orun(Sol) na terra, ela desprezou seu marido oficial, baseando que sua residência era suja e desconfortavelmente fria, ela soltou (arremessou) um suspiro de alívio no encontro com o sol dizendo que finalmente tinha encontrado o marido certo. Em desafio aos avisos de Irosunmeji, ela começou a viver com o sol, seu novo marido.

Não muito depois, a casa do sol começou a esquentar. O tempo se tornou tão quente e seco que ela não estava acostumada ao calor intenso, o qual deixou-a muito desconfortável. Começou a importunar seu novo marido e deixou sua casa para procurar um lugar mais fresco. Quando o sol percebeu que ela estava abandonando-o, preparou uma vaca de fogo e visitou-a em seu esconderijo. Quando ele estava saindo, ele disse-lhe para acompanhá-lo, o que ela concordou em fazer.

Quando eles alcançaram um ponto muito seco ele perguntou-lhe se alguém da casa poderia ouvir um choro daquele ponto. Ela respondeu que o lugar não estava dentro do alcance da voz ficando temerosa sem saber o que iria acontecer então. Ele perguntou porque ela o tinha deixado e o estava ignorando. Ela replicou que sua casa havia se tornado muito quente e que não era acostumada a ambientes muito aquecidos.

Ele então retirou seu bastão de fogo e colocou as folhas secas no chão em chamas. O fogo se espalhou e envolveu-a. Quando ela estava para ser consumida pelo fogo, se lembrou de seu ex-marido no céu (chuva). Ela implorou a chuva para salvá-la do fogo desencadeado nela pelo sol com o seguinte poema:

Ojoo arata ojo;
Uno kpikpa belejeo;
Ojo arata ojo;
Ojo dudu bolojo;
Ojo arata ojo;

Quando chuva a ouviu chorando do céu, foi movido de simpatia por ela, e quase imediatamente a chuva começou a cair e logo extinguiu o fogo que destruía sua essência. A chuvarada proporcionada imediatamente a aliviou e ela começou a se regozijar.

Todavia, tendo em vista o sacrifício que se recusou a fazer para Èşu, ela não estava totalmente livre do perigo. Quando se moveu para retornar para casa, ela não sabia que havia um buraco no chão contendo algumas brasas dentro o qual não apanhou chuva.

Ela caiu com seus dois pés e mãos no buraco em chamas e seus membros ficaram queimados. Com o que ela perdeu seus membros e se tornou inválida. Assim é como a minhoca veio a existir e começou a rastejar sobre seu abdômen desde aquele dia. O que explica porque a minhoca desaparece dentro da terra em busca de solos úmidos durante a estação seca e só rasteja feliz durante as chuvas. Portanto o ditado diz que uma mulher nunca aprecia um bom marido até ela ter tido motivo para experimentar um segundo.

IROSUN - MEJI COMEÇA UMA NOVA VIDA NA TERRA

Tendo esquecido seus pedidos no céu, ele não exatamente encontrou uma vida fácil no começo. Ele ficou a procurar por algum tempo antes de achar seu rumo apesar do sacrifício que tinha feito. Aquilo era devido o efeito da maldição da mãe dos obstáculos. Ele se tornou um viajante onipresente se movendo de uma cidade a outra para praticar sua arte de Ifá.

Durante uma de suas viagens, se casou com uma mulher chamada Moromokpe(Imiomotie em Bini) que era habituada a flertar a cerca de todas as vezes que ele estava fora de casa. Ela, contudo ficou grávida, e durante o trabalho de parto, não podia dar a luz. Depois de tentar de tudo ele ficou perplexo. Naquele momento, outro sacerdote de Ifá chamado Adawara se wara, veio visitá-lo. Era famoso pelas suas divinações que aconteciam imediatamente. Quando ele fez divinação no porque a mulher tinha dificuldade no parto, ele revelou que ela havia cometido adultério depois ficando grávida e que ela não pariria a menos que confessasse sua ação criminosa.

Quando a mulher foi interrogada intimamente, confessou ter tido um caso com dois homens antes e durante sua gravidez. Depois de sua confissão ela pariu facilmente. No sétimo dia, Irosunmeji recebeu novamente a visita de Adawara se Wara para a cerimônia de divinação do nome. Ele descobriu que tinha uma boa criança, mas avisou-o que sacrifício deveria ser feito com um galo e um bode a fim de minimizar os problemas que a criança estava propensa a encontrar na vida.

A criança foi nomeada Ifamude (Ihasaindo em Bini). Quando a criança cresceu ele preparou um bumerangue(ekpede) para si.

O sacerdote de Ifá havia alertado que a criança será avisada a nunca ir a floresta no dia de descanso, a fim de diminuir o risco de ter a visão de seu anjo guardião na floresta. Sua mãe também era chamada Deyi.

Um dia, seu pai estava longe da fazenda, enquanto sua mãe fora ao mercado deixando-o sozinho em casa. Fora à malandragem, ele subiu através do telhado da casa e escondeu-se segurando seu bumerangue. Para seu total espanto, as cabras na casa apareceram em diferentes trajes pertencendo a sua mãe.

Quase em harmonia as cabras começaram a cantar:

Uja bele bele takoko;
Deyi lo oja;
Eran wule ogbedo kpasheba;
Eye wule egbedo kpa seye;
Uja bele bele ta ko ko;

O significado da canção é que as cabras estavam reclamando que Irosunmeji e sua esposa Deyi eram tão sovinas que eles não poderiam (davam-se ao luxo de) oferecer alguma das centenas de cabras e galinhas que eles tinham na casa para seus antepassados.

Ifamude ficou tão atônico com o incidente que ele rapidamente desceu, pegou a arma de seu pai no altar de Ògún e matou a cabra cantando. O restante das cabras correram mato adentro com as roupas de Deyi as quais elas vestiam.

Quando Deyi retornou do mercado, ela descobriu que todas as cabras tinham desaparecido com todas as suas roupas. Quando ela viu a cabra morta que não pode correr para longe, ela questionou

ao filho o que tinha acontecido e Ifamude narrou os eventos para ela. Ele explicou que o motivo de não ter perseguido as cabras até a floresta era porque era um dia de descanso. Quando ele era proibido de entrar na floresta.

Quando seu marido retornou da fazenda ele também foi informado do que tinha acontecido e agradeceu aos seus antepassados por pouparem a vida de seu filho na circunstância a qual se encontrava, quase imediatamente pegou uma cabra colorida de cinza, duas galinhas e um peixe para fazer o sacrifício para seus antepassados.

Quando este odu surge na divinação o sujeito será avisado a tomar cuidado com o risco de roubo e furto a sua volta.

A BENEVOLÊNCIA DE IEROSUN-MEJI

Irosunmeji sempre estava preparado para auxiliar alguém em dificuldade. Um dos beneficiados por sua benevolência foi um caçador chamado Ode, quem lhe solicitou por assistência em coletar da floresta o que tinha matado em sua expedição de caça. Ele fez o favor sem ressalva.

Outro foi o fazendeiro chamado Ogbe, quem também lhe solicitou por ajuda na colheita de seus produtos agrícolas da fazenda. Ele também fez o favor sem dúvida. Não apenas ajudou o caçador na coleta de seus animais de caça da floresta, mas também o auxiliou a assá-los e cortá-los.

Enquanto estava assando os animais, o fogo acidentalmente queimou seus olhos e lhe deu uma desfiguração permanente. Logo depois, estava colhendo para o fazendeiro, e os raios do sol ofuscou seus olhos e deixou-os vermelhos. Estes dois acidentes turvou e afetou seus sentidos. Apesar deste inconveniente, o fazendeiro e o caçador claramente recompensaram-no com ingratidão grosseira.

O segundo deles foi encontrar sua amante e questionou-a por continuar a ajudar um homem quem quase não via. Eles perguntaram se ela não pegaria um homem completo para casar.

Durante sua próxima visita a sua amante, ela tratou com frieza, e finalmente lhe disse que não mais estava disposta a casar com ele por causa de seu defeito ocular, contudo revelou-lhe que seus amigos Ode e Ogbe haviam vindo escandalizá-lo perante ela.

Ele então apelou ao seu anjo guardião e sua cabeça para desembaraçá-lo do sofrimento que trouxe o defeito a sua aparência. A noite seguinte, alguém apareceu para ele em sonho e lhe disse para fazer sacrifício com uma cabra e algumas folhas com as quais deveria lavar sua cabeça e olhos por sete dias. Ele estaria lavando sua cabeça na água do esgoto (Uroramen em Bini) de sua casa.

Ao final da operação de lavagem de sua cabeça e olhos os defeitos para seus olhos haviam desaparecido e ele estava tão bonito e tão alinhado que em outras ocasiões. Ele então retornou a sua amante que ficou tão feliz de vê-lo com sua nova aparência.

Logo em seguida eles se casaram e foram felizes e prósperos. Enquanto isso, ele decidiu proferir uma praga aos seus ingratos amigos com o seguinte encantamento:

Ino ioma kpanju ode;
Orun ioma kpanju ode;

O que significava que dai para sempre, o caçador seria identificado pela vermelhidão de seus olhos enquanto o fazendeiro seria sempre açoitado pelos raios do sol antes de ele poder tirar algum beneficio de sua fazenda.

Ele viveu para ser muito próspero e famoso.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AIROWOSEBO E A RAINHA MÃE DO TRONO DE BENIN

Arigala rigala fez divinação para Airowosebo, o homem que era muito pobre para ter condições de fazer o sacrifício prescrito para ele a fim de prosperar na vida.

Airowosebo por sua vez fez divinação para a esposa do Oba de Benin quando ela estava ansiosa para ter um filho. Naquele exato momento, a mulher havia justamente começado sua menstruação.

Assim que ela entrou na casa de Airowosebo, ele lhe disse que ela estava em seu período mensal, e que se ela fizesse sacrifício ficaria grávida no mês seguinte e carregaria adiante um menino que ascenderia ao trono do Benin. Foi avisada a fazer sacrifício com um bode, um galo, um pato, uma galinha, e dezesseis búzios. Ela rapidamente fez o sacrifício.

Conforme a predição verdadeira de Airowosebo, ela engravidou logo em seguida e subseqüentemente teve um menino que estava sendo preparado para tornar-se o próximo Oba de Benin.

Quando seu pai se juntou aos seus ancestrais, o príncipe real se tornou Oba do Benin.

Todos esses anos Airowosebo ainda não tinha podido ganhar dinheiro suficiente para fazer sacrifício o qual estava entre ele e a prosperidade. Um dia, Airowosebo estava passando pelo palácio do Oba do Benin e a rainha mãe o viu de longe.

Ela correu rapidamente e agradeceu-lhe reverentemente em seus joelhos - uma ocorrência muito incomum, ver a mãe do Oba agradecer alguém de joelhos.

Quando o Oba viu sua mãe agradecendo alguém com a aparência miserável de joelhos, mandou buscar sua mãe e o homem. Solicitou a mãe explicar tais respeitos régios para um plebeu que era claramente um pobre. A mãe, entretanto esclareceu que apesar de ser um pobre, era na verdade o homem que tinha tornado possível a ela tê-lo quando seu falecido pai não tinha filhos meninos.

O Oba então, se voltou para Airowosebo e perguntou-lhe porque ele era incapaz de ajudar a si mesmo, se ele realmente tinha o poder para auxiliar os outros a prosperar na vida. Ele explicou que estava desventurado porque ele não tinha condições para executar o sacrifício, feita previamente e dadas por Arigala rigala. Perguntou qual o sacrifício envolvido, e ele revelou que era um rato e a carne de um porco. O Oba perguntou-lhe se ele acreditava que fazendo o sacrifício com estes dois animais verdadeiramente resolveria seus problemas, e ele confirmou que ele faria então.

Sob pena de morte, o Oba decidiu auxiliá-lo a se tornar visivelmente próspero após o sacrifício. Foi então dadas a ele acomodações especiais no palácio real em Ogbe numa parte da cidade do Benin.

O Oba então solicitou duzentos ratos e um porco do mato vivo, os quais foram agrupados antes do pôr-do-sol naqueles muitos dias. E claro que naquele tempo a palavra do monarca do Benin era a lei.

Naqueles dias não haviam porcos domésticos no império do Benin, então, um porco selvagem tinha sido apanhado da floresta.

Airowosebo pegou apenas um dos ratos adicionou obi para servir seu falecido pai. Havia uma árvore da vida (Akoko em Yorùbá e um khinmwin em bini) na parte de trás do pátio do palácio real. Ele amarrou o porco a árvore, aguardando o sacrifício no dia seguinte. Naquela noite, choveu celestemente, e o porco cavou o solo em redor da arvore.

Quando cavou na terra, o porco involuntariamente desenterrou potes de tesouro aparentemente enterrados lá por um rei morto. Após garimpar os potes de tesouro, o porco cortou a corda com a qual estava amarrado, soltou-se e correu de volta para a floresta. Na manhã seguinte, Airowosebo saiu para inspecionar o porco apenas para descobrir que ele tinha escapado, deixando a mostra os potes do tesouro que tinha desenterrado. Os potes estavam completamente cheios de dinheiro, contas, roupas, etc... Ele removeu todos os tesouros para sua casa. Então usou algumas das contas para fazer um traje, sapatos, boné e um colar para si. Vendeu alguns do restante e usou o lucro para comprar um cavalo para si.

Quatro dias após o sacrifício, ele se vestiu em seu novo paramento e montou no cavalo para o palácio para demonstrar ao Oba que seu sacrifício tinha se manifestado. Vendo-o, o rei cumprimentou-o e proclamou-o um eficiente sacerdote de Ifá. Ele foi então indicado como divinador real e viveu em opulência e ascensão muito depois no reino do Benin.

COMO IEROSUN-MEJI OBTEVE POPULARIDADE COM MAJESTADE

Sua associação com o rei do Benin lhe trouxe popularidade em todas as cidades vizinhas e vilas através do reino. Ele estava em uma divinação ao redor quando encontrou um sacerdote de Ifá chamado Adayooko, que fez divinação para Irosunmeji chamado também Eleko Odere. Ele foi avisado a fazer sacrifício com sete ratos, sete peixes, sete galinhas, um bode, um porco, uma cabra e três cachorros. Ele fez o sacrifício adicionando (N5.00)cinco dinheiros.

Após o sacrifício, todos os Oba de perto e de longe começaram a enviar presentes a ele por conta dos serviços que prestou. Entre os presentes ofertados a ele havia, escravos humanos, vacas, cabras, dinheiro, etc... Foi como sua prosperidade se tornou ilimitada.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA OLOWU DE OWU

Yeri yei, afasho didu bora, era seu apelido quando foi fazer divinação para o Olowu. Ele recomendou ao Olowu a fazer sacrifício a fim de ter poder e influência. Foi avisado a fazer 2 sacrifícios, um com carneiro e outro com carne de vaca, cabra , porco, cachorro, tartaruga, pato e um coelho, a fim de evitar ter problemas vindos de uma mulher amarela. Ele fez o primeiro sacrifício, mas se recusou a fazer o segundo, apesar de ter feito o sacrifício com carne de vaca.

Enquanto isso, as Forças Armadas de Oyo se lançaram em ataque contra Owu, um evento o qual era uma característica comum no relacionamento entre as duas cidades naquele tempo. As forças combatentes de Oyo estavam cercadas pelo exército de Owu, e todos foram tomados prisioneiros. O Rei de Oyo foi então ao divinador e foi avisado para fazer o sacrifício que o Olowu se recusou a fazer incluindo 201 ovos, 45 coelhos e 41 cabaças de óleo. O Rei de Oyo rapidamente fez o sacrifício.

Havia uma mulher amarela na cidade de Owu que era tão poderosa que seus desejos eram lei, mas tinha se apaixonado com o Olowu de Owu. A mulher se sentiu desfeitada, rapidamente decidiu fazer o Olowu entender como era alto o preço por ofendê-la. Ela preparou uma mistura de vinho e osun e jogou-a na poderosa casa de Olowude Owu, enquanto ele estava dormindo. A mulher na verdade era uma feiticeira e era a única capaz de executar aquela atividade psiquicamente.

Neste momento, as tropas de Oyo atacaram Owu e no andamento massacrou o exército de Owu inteiro e tomou o Olowu como seu cativo. Quando o Olowu foi levado prisioneiro de guerra ante o Rei de Oyo, o último concordou em levá-lo de volta para sua casa em seu domínio. O Olowu, de outro modo, um rei muito presunçoso, respondeu que ele não tinha casa para retornar.

Ele então pronunciou um encantamento para própria imolação e morreu instantaneamente. A mulher amarela que também foi capturada foi usada para os ancestrais.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AS VENDEDORAS DE EKO E ÀKARÀ DE ODERE

Haviam duas mulheres na cidade de Odere. Uma preparava ẹkọ (mingau), enquanto a outra preparava àkarà (bolinhos de feijão) para vender. Quando seus negócios começaram a declinar, ambas decidiram consultar Irosun-Meji para divinação. Naquela época ele tinha três sacerdotes de Ifá alojados temporariamente com ele, denominados: Ada rooko, Ada roodo e Ada toro Iyangan. Foram eles que fizeram divinação para as duas mulheres na casa de Irosun-Meji.

Após a divinação, os três sacerdotes recomendaram-nas que seus negócios frutificariam se elas pudessem fazer sacrifício. A produtora de ẹkọ foi dito para fazer sacrifício com 1 galinha, 2 pombos e 1 caracol. Ambas fizeram os sacrifícios.

Depois, seus negócios se tornaram muito prósperos e os dois itens se tornaram alimentos elementares, e desde então, pessoas dificilmente tomam ẹkọ sem àkarà. Alàkarà era uma mulher clara enquanto que Eleko era muito pálida (quase branca).

Se perigo é mostrado (aye o) na divinação, o sacrifício é feito com um galo marron ou vermelho, um pano vermelho o qual a pessoa já tenha em sua casa, e pimenta. Labaredas de fogo extintas por água são usadas para lavar o rosto da pessoa, a fim de evitar uma catástrofe que pode fazê-la chorar.

Se surgir normalmente (ure) ele será avisado que uma mulher clara surgirá no seu caminho com quem deverá finalmente casar, e cujo primeiro filho será um menino. Ele, entretanto será avisado para fazer sacrifício com uma cabra.

Se por outro lado surgir para uma pessoa ansiosa por ter filhos, uma ovelha é oferecida a Ifá e a pessoa certamente começará a tê-los.

IFÁ - ALLAYE TOMA A COROA DE ODERE

Neste estágio de sua vida, Irosun-meji tinha se tornado muito próspero e sua popularidade tinha se espalhado aos quatro ventos. Nesse meio tempo tinha um número de outros sacerdotes de Ifá aos seus serviços. Um dos awo era chamado Oji Kutu Kutu Gbede.

Numa manhã Ifá Alaaye veio para divinação. O awo fez divinação para ele e lhe disse para fazer sacrifício rapidamente por causa de uma disputa. Ele avisou para fazer sacrifício com sete claras, a

fim de ganhar uma coroa que estava escondida por perto. Ele também deveria fazer sacrifício com sete bodes, uma cabra, um porco, um carneiro e seu próprio traje, a fim de sobreviver a uma batalha iminente. Ele fez o sacrifício, mas com apenas três bodes para Èşu.

Enquanto isso foi momento de escolher um novo rei para a cidade de Odere, aonde morava Irosun-Meji. A escolha favorita era Ifá-Alaaye, mas todos os olhos, nesse ínterim, se voltavam para um homem chamado Ògúnlana. Ifá Alaaye voltou a questionar Irosun-Meji porque seu nome não estava sendo mencionado na ligação com a disputa. Ele consultou Ifá e revelou que Èşu ainda estava aguardando mais 4 bodes para ele, e adicionou um tambor ao sacrifício. Ele rapidamente completou o sacrifício.

Na noite seguinte, Èşu levantou e bateu o tambor rodeando a cidade cantando, Ògún dee, aya jamagere giri giri. Era uma música anunciando a proximidade da guerra, e o povo de Odere se escondeu em suas casas. Naquela noite Agunlana, o candidato favorito para o cargo real, perdeu sua esposa mais velha e seu filho mais velho. O seguinte pesar e a melancolia fizeram-no perder o interesse na disputa pelo cargo. Houve também muita confusão e devastação na cidade, que todos aqueles que apoiavam Ògúnlana na disputa, foram cada um mortos, despojados ou sofreram dor.

Quando se venceu a disputa real, foi apenas Ifá Alaaye que sobrou e ele tomou a coroa e se alegrou muitíssimo. Ele foi agradecer Irosun-Meji com muitos dos presentes em reconhecimento pela divinação e pelo sacrifício feito para ele.

O ÚLTIMO TESTE PARA IROSUN-MEJI

Ele era agora um homem de sucesso reverenciado pelos reis, bem como plebeus. Ele também era muito próspero. Em uma manhã um de seus sacerdotes domésticos chamado Eyindede Eso Ilu, fez a tradicional divinação matinal e revelou que ele deveria fazer sacrifício para que sua influência e popularidade talvez não mergulhasse de nariz em um precipício sem fundo. Ele foi avisado a fazer sacrifício com uma vaca, um bode, três almofadas (osuka em Yoruba e ukoki em Bini) e 3 claras.

Três anos após o sacrifício, o rei da morte cavou um fosso que se estendia do céu até a casa aonde as crianças de Irosun-Meji moravam. A divindade do solo (Ebora Ile em Yoruba e Erinmwin Oto em Bini) revelou para Eji-Olorun em sonho que havia sepultura muito funda sob sua casa o qual só poderia ser fechada com uma vaca. Ele rapidamente ofereceu a vaca ao solo. Logo em seguida, houve uma epidemia de influenza que devastou a cidade. Todas as crianças de Irosun-Meji também foram afetadas, mas todos sobrevieram à epidemia. Ele então se alegrou e viveu até a idade avançada antes de retornar para o céu.

CAPÍTULO XX - OWANRIN-MEJI

I I I I
I I I I
I I
I I

O trabalho mais importante feito no céu por Owanrin-Meji foi à divinação para dois irmãos, Fefe e Ale (o vento e o solo), quando eles estavam vindo para o mundo. Ele os avisou para fazer sacrifício a fim de ordenar o respeito de tudo e todos na terra.

Ambos foram avisados a fazer sacrifício com uma folha de palmeira, uma pena de papagaio e um carneiro para seu anjo guardião e também dar um bode a Èṣu. Ale é muito calmo, paciente e muito bom ouvinte e rapidamente fez os sacrifícios. Fefe por sua vez, muito veloz, velhaco e cheio de presteza. Ele era tão conceituado que não considerou necessário fazer nenhum sacrifício. Ambos partiram para a terra ao mesmo tempo. Chegando na fronteira entre o céu e a terra, eles seguiram seus caminhos. Ale foi muito bem sucedido na terra, aonde ele se tornou o papel âncora de Deus das criaturas vivas. Eles tinham sido avisados no céu que poderiam viver para sempre se fizessem o sacrifício. Desde que foi só Ale que fez o sacrifício, a produção que todas plantas e animais vindos ao mundo tinham primeiro que prestar homenagens a ele tocando-o ou sua cabeça no chão para Ale.

Fefe por outro lado não pode viver muito na terra. Sua residência era efêmera, porque ele permaneceu se movendo entre o céu e a terra. Este é o porque o chão tem uma estabilidade e existência permanente na terra, enquanto o vento não é apenas invisível, mas não tem existência conhecida. Sua presença só pode ser sentida, mas não vista.

OWUANRIN MEJI SE PREPARA PARA VIR AO MUNDO

Vendo que muitos de seus irmãos mais velhos no céu tinham partido, também decidiu que era o momento de ir e ver como as coisas eram na terra. Estava muito assustado pelas histórias azaradas contadas pelos outros, e decidiu que antes de vir para a terra, tinha que fortificar a si mesmo.

Ele abordou um sacerdote de Ifá no céu chamado Oshukpa, omo alasho Arankije, que lhe fez divinação. Foi avisado para fazer sacrifício com 3 ratos, 3 peixes, 3 cabras, 3 bodes e 2 cachorros, como segue:

2 bodes para Èṣu Obadara;
1 bode para Èṣu - Jelu;
1 cabra para Orísa;
1 cabra para Ifá;
1 cabra para Sarah;
1 cachorro para Ògún;
1 cachorro para Obalifon;
1 galo para Uja Atikiriji;
1 galo para Osoyin;
1 galo para Enimity.

Ele foi avisado que ele iria passar por três julgamentos enquanto na terra e que aqueles sacrifícios eram necessários a fim de sobreviver a eles. Foi avisado que levaria uma vida próspera, mas que Morte sempre estaria em seu rastro com um porrete. Também na rota de sua vida, estava o risco de uma longa e incapacitante doença. Por trás dos dois julgamentos estaria o bem vindo sopro da prosperidade e da saúde. Ele fez todos os sacrifícios.

Por conta do elaborado sacrifício que ele preparou para Èṣu, começou a ver os bons efeitos até mesmo antes de partir para a terra. Tão logo Èṣu comeu seu bode, ele removeu o crânio do cão dado para Ògún e colocou-o na entrada da casa do Rei da Morte. Enquanto isso Ògún estava procurando pelo crânio do cachorro que ele havia comido e encontrou-o na casa do Rei da Morte, que naquele momento estava fora em seu trabalho rotineiro e diário na terra em busca de comida. Ògún viu por fim o Rei da Morte em algum lugar na terra e deteve-o. Desnecessário dizer que Ògún é muito forte e muito mais perverso que Morte. Ògún acusou Morte de roubo e ingratidão, dizendo que ele não

estava satisfeito com a carne humana que ele ia buscar por meio de acidentes todo dia, mas havia também começado a desejar ardentemente sua própria comida favorita, o cachorro.

Sabendo que ele estava indefeso no combate com Ògún, Morte desapareceu como ele é acostumado a fazer. Ògún, por outro lado, não tinha a capacidade de desaparecer. Ele, entretanto correu velozmente de volta ao céu para encontrar Morte em sua casa.

Quando Ògún encontrou Morte em sua casa, começou a atacá-lo com sua arma (matchet). Morte, que é uma divindade alta e gorda, considerando o castigo muito para ele, gritou para todos os cães no céu para estarem unidos. Seus seguidores juntaram 201 cachorros e assaram sete deles imediatamente para Ògún, que tinha nesse meio tempo destruído muitas vidas e propriedades no céu.

Enquanto Ògún punia o Morte, sua esposa, a divindade da Doença foi ferida na debandada geral e não pode seguir Owanrin Meji na terra, como havia planejado fazer. Foi durante a confusão no céu que Owanrin Meji afastou-se sorrateiramente do céu em sua jornada para a terra.

Quando a poeira baixou e Ògún havia deixado o Morte em paz, Ariku e Aje (longa vida e prosperidade) tiveram a oportunidade de acompanhar Owarun Meji ao mundo. É importante observar como sacrifícios elaborados feitos por Owanrin Meji começaram a se manifestar, distraindo a atenção dos obstáculos que o perturbariam na terra. Este é o motivo porque os filhos e seguidores de Owanrin Meji são dotados com riqueza, vida longa e prosperidade, desde que eles sejam capazes de fazer o mesmo sacrifício que ele fez antes de partir do céu para a terra.

OWANRIN MEJI AMARRA AS MÃOS DOS SEUS INIMIGOS

Logo antes de partir do céu, ele encontrou outros sacerdotes de Ifá chamados:
Oronkpon Tolo Tolo;
Iri arimo nirin biri biri biri;
Ojo kpa agbalagba ninu oko;
Ode le eerasho mu bura.

Eles avisaram-no para fazer sacrifício a fim de evitar ser vítima de uma conspiração enquanto estivesse na terra. Ele deveria dar outro bode a Èṣu, na véspera de sua partida. Depois disso, ele faria um banquete com uma cabra colorida para os mais velhos Awo do céu e eles lhe dariam suas bênçãos, prometendo-lhe suporte eterno enquanto estivesse na terra. Por fim ele foi até Deus para benção e liberação com uma peça de pano branco, um grande giz branco, uma pena de papagaio e dois obi brancos.

Deus recebeu as oferendas e lhe deu seus bons desejos, desta forma liberando-o formalmente para ir a terra.

Ele veio para a cidade de Oyo e gostou de sua habilidade como um sacerdote de Ifá, apesar de o comércio ser atividade secundária.

Ele foi inicialmente próspero em ambas as vocações, mas sua prosperidade logo começou a invocar a inveja dos muitos sacerdotes de Ifá mais velhos.

Os mais velhos logo começaram a conspirar contra ele. Eles fizeram uma divinação coletiva para o que fazer para diminuir a popularidade de Owanrin-meji. Eles por fim optaram em ir até ele para divinar no que fazer para destruí-lo.

Ele lhes disse para fazerem sacrifício com uma cabra para seu Ifá e 1 bode para Èṣu. Enquanto isso Èṣu advertiu-o que o sacrifício estava sendo feito contra ele, e ele tranqüilizou Èṣu que ele tinha visto durante a divinação e que ele sabia o que fazer para por suas maquinações em cheque. Eles não voltaram para os sacrifícios.

Nesse meio tempo, foi época para o festival anual de algumas das divindades na cidade. Os conspiradores convidaram Owanrin-Meji para acompanhá-los nas cerimônias. Eles haviam cavado um buraco no chão no caminho para o ponto de encontro da cerimônia, que é o altar da divindade.

Eles esperando-no pegar aquele caminho, enquanto tomaram uma rota diferente. Era comum aos visitantes para o altar ir e vir por caminhos diferentes. Depois que sua trama havia se revelado aos poucos para ele, Owanrin-Meji avisou-os que estava proibido de visitar qualquer outro altar, a não ser o de Ọrúnmìlá, mas eles replicaram ameaçando expulsá-lo da cidade se ele não pudesse estar presente na cerimônia, porque era uma obrigação cívica para todos os habitantes de Oyo.

Com aquela ameaça, ele decidiu consultar Ifá no que fazer, e seu Ifá pediu a ele um sacrifício de uma cabra colorida de cinza e 1 bode para Èṣu.

Ele fez o sacrifício, e se pôs a caminho para o altar, aonde os visitantes eram obrigados a permanecer por 14 dias.

Era costume para todos eles irem em grupos, mas retornar para casa separadamente. No 14º dia, todas as cerimônias estavam no fim e foi hora de dispersar. Os conspiradores disseram a Owanrin-Meji que sendo um neófito, ele deveria seguir o caminho na jornada de retorno para casa. Assim foi como eles esperavam atraí-lo a cair no buraco que tinham camuflado no caminho.

Quando ele se aproximou do local do buraco escondido, Èṣu transformou o crânio do bode com o qual fez o sacrifício, em um obstáculo no chão. Ele bateu seu pé no prego instalado por Èṣu, saltou sobre o buraco, e continuou seguramente na sua jornada para casa. O povo se regozijou quando chegou são e salvo em casa. Enquanto isso Èṣu cobriu o buraco cavado pelos conspiradores e preparou um outro fora do portão principal do altar.

Depois que Owanrin-Meji havia a muito partido, os conspiradores decidiram partir um após outro.

Sem ter motivo para suspeitar da presença de outro buraco justo fora do portal do altar, Èṣu havia colocado o crânio do bode com um prego próximo ao acesso para o buraco. O 1º conspirador bateu seu pé contra o obstáculo instalado por Èṣu e caiu direto no buraco. Èṣu então preparou o obstáculo e o buraco para o próximo conspirador, até todos eles estarem seguramente dentro do túmulo sem fundo cavado por Èṣu. Uma vez que o último conspirador estava no buraco, Èṣu selou-os como se nada tivesse feito antes lá. Assim foi como os conspiradores desapareceram de vista sem a menor indicação do que lhes aconteceu.

A partir daquele dia, foi ordenado por Ọrúnmìlá que quem quer que fosse buscar salvação em um altar sagrado, deveria fazer então com um coração limpo, por alguns mal intencionados talvez não voltassem com vida.

Logo em seguida, houve completo pandemônio em Oyo, quando muitas famílias começaram a procurar por seus maridos, filhos e parentes desaparecidos. A cidade decidiu ir em massa à divinação. Eles de novo foram a Owanrin-Meji, que após a divinação revelou que o Rei da Morte tinha enviado mensageiros do céu para capturar todos aqueles que retornavam do altar, que tinham más intenções. Ele revelou-lhes que foi por conta daquela visão que havia lhes dito antes de eles partirem para o altar, a oferecerem uma cabra para seu Ifá para acalmar o Rei da Morte e um bode para Èṣu, para afastar o perigo, mas eles não voltaram para fazer o sacrifício. Ele também avisou que era capaz de poupar as vidas daqueles que, estavam aquela altura, tão assustados para ir ao altar, pois o sacrifício ainda tinha que ser feito. E foi só então que Èṣu liberou o caminho para os celebrantes restantes retornarem seguramente para casa.

Quando a alegria estava sobre tudo, Owanrin-Meji, fez um grande banquete no qual se regozijou com uma canção em louvor aos sacerdotes que fizeram divinação para ele no céu, desta forma:

Os mais velos de Oyo foram avisados para fazer sacrifícios,
Mas eles ignoraram-no.
Eu fui avisado a fazer sacrifício similar,
Eu escutei e fiz o sacrifício.
Eu errei meus passos e sobrevivi,
Porque eu fiz o sacrifício.
Outros erraram seus passos e morreram,
Porque eles falharam em fazer seus sacrifícios.
Aqueles que fazem o sacrifício,
Infalivelmente recebem salvação.

A EXPERIÊNCIA DE OWANRIN-MEJI COMO UM COMERCIANTE

Seu 1º julgamento como sacerdote de Ifá abalou-o tanto que pensou em abandonar a prática e assumiria uma vocação menos satisfatória. Ficou assombrado pelo sucesso e vitórias que o inimigo obteve na arte e prática de Ifá, e decidiu limitar suas atividades para comerciar com o seguinte poema:
Gbi kodo Legun maja
Gba aghen mu bOrí
Uma sho lugobodo
Jagun fe maya
Ja ayo jere tu modon

Ele estava negociando com a água divina, mas sem ter feito as preparações adequadas antes de lançar-se no negócio, seus esforços falharam lamentavelmente e ele perdeu todo seu dinheiro tornando-se pesadamente endividado. Ele então convocou o papagaio para auxiliá-lo, mas o papagaio lhe disse que ele também estava em débito até o pescoço. O papagaio propôs que, já que ninguém concorda em dar assistência financeira a devedores, eles começariam, por ambos praticando a arte de Ifá. Decidiram partir de Oyo para outra cidade aonde não fossem conhecidos.

Owanrin-Meji tinha um sabão da boa sorte o qual não ajudou em seu comércio. Mas quando o deu para outra pessoa usar, foi tão eficaz e aquele que usou voltou para expressar sua gratidão com muitos presentes.

Sua sociedade com o papagaio saldou a dívida e juntos tiveram sucesso na assistência a muitas pessoas no progresso em suas atividades de comércio. Este é o porque o ditado diz que o doutor pode curar, mas não a si mesmo.

OWANRIN-MEJI TESTA SUAS MÃOS NA AGRICULTURA

Ele foi um fazendeiro de sucesso. Comparando sua experiência no comércio, ele registrou uma colheita impressionante. Um ano ele teve uma colheita de inhame muito produtiva e quando os inhames estavam sendo estocados, teve um desacordo com sua mãe. Quando ela dividiu o celeiro de inhame entre suas duas esposas e sua mãe, a última reclamou do tamanho do celeiro repartido para as esposas. Ele tinha duas esposas, que desconhecido dele, eram ambas feiticeiras. Sua mãe tinha freqüentemente acusado-o de dar mais atenção para suas esposas do que para a mãe que o trouxe ao mundo. A repartição do celeiro de inhame reacendeu os ressentimentos da mãe e ela novamente queixou-se dolorosamente.

Na desordem resultante, ele empurrou sua mãe que irrompeu em lágrimas acusando-o de bater nela. Ela deixou a fazenda e chorou todo o caminho para casa.

Quando ela chegou na cidade, encontrou a reunião das mais velhas na sala da cidade. Elas perguntaram-lhe porque estava chorando e ela explicou que seu filho tinha batido nela na fazenda por causa de suas esposas. Entre as mais velhas da cidade estavam alguns dos inimigos mortais de Owanrin-Meji, que também pertenciam ao culto das feiticeiras. Elas vinham procurando em vão encontrar falha com ele como desculpa para condená-lo na associação das feiticeiras.

Normalmente, a norma da associação é que nenhuma vítima é punida sem o benefício de julgamento justo e sentença.

Na verdade é bom saber que não importa, entretanto quantas feiticeiras talvez odeiem uma pessoa, elas não desferirão ataque até que a pessoa tenha sido julgada e estabelecida a culpa. Enquanto a pessoa não pode ser acusada e condenada, elas não tocarão nele. Neste caso, sua própria mãe tinha fornecido a questão prima facie contra ele.

Desconhecido dele, suas duas esposas a muito trabalhavam em conjunto com seus inimigos no clube das feiticeiras para destruí-lo, mas ele havia se abstido de propiciar-lhes alguma justificativa para fazê-lo.

A seguir a queixa pública levantada contra ele por sua mãe - o que se esclarece porque é importante para as pessoas resistir à urgência de tornar público seu ressentimento doméstico, por recear que algum ouvinte mal intencionado talvez os ampliasse no mundo das feiticeiras - a questão foi apresentada na próxima reunião.

Durante as deliberações, suas duas esposas confirmaram a alegação de sua mãe e ele foi sumariamente julgado e condenado. Alvejado na ausência, porque ele mesmo não era um feiticeiro. Ele foi apontado para ser morto. Naquela noite, entretanto, seu Ifá deu-lhe em seus sonhos, uma visão esotérica de seu julgamento e sentenciamento. Apavorado pelo sonho ele consultou Ifá na manhã seguinte, se o sonho assinalava a aproximação de perigo, e então foi confirmado. Ele foi avisado a dar um bode a Èşu imediatamente e abster-se de ir a fazenda no dia do descanso e culto, até nova ordem, para evitar cair vítima em uma conspiração desleal. Ele fez o sacrifício.

Nesse meio tempo, uma de suas esposas sugeriu que eles fossem à fazenda no próximo dia de descanso, porque não havia gêneros alimentícios em casa. Aquele era o dia em que ele estava se propondo a fazer o sacrifício.

Ele disse à esposa que ele não estava em condições de deixar a casa naquele dia, porque estava indo fazer um sacrifício. Quando aquela trama cambaleou, imediatamente seus inimigos adotaram outra estratégia. Eles convocaram-no e disseram que já que ele freqüentemente ia a floresta para apanhar folhas para sua prática de Ifá, deveria ser iniciado no culto secreto (ORO) da floresta. Ele concordou em ser iniciado e foi avisado a ir juntamente com um galo, giz branco, pena de papagaio e pimenta (aligator pepper), na floresta para a cerimônia de iniciação. Era para ele ser conduzido vendado ao altar de culto de Oro. Ele imediatamente consultou Ifá por um conselho e ele foi avisado a das outro bode a Èṣu, quem impediria a mórbida trama da cidade e ele já estava pronto para a cerimônia e iniciação ao culto de Oro.

No dia indicado, o sacerdote chefe do culto conduziu-o em uma procissão noturna da cidade em direção ao altar da floresta, no meio de um toque de recolher em toda cidade. Logo que eles deixaram os sacerdotes da cidade, foi lhe dito para parar e sua venda foi removida. Eles avisaram-no para esticar suas mãos para tocar o céu. Ele respondeu que as mãos de uma criança não podiam esticar para tocar o céu. Depois foi lhe dito para fechar seu punho e colocá-lo na boca de uma cabaça. Ele respondeu novamente que o punho de um adulto não poderia entrar na boca de uma cabaça.

Foi então lhe dito que nenhum neófito para o culto, que falhou em executar as duas proezas, jamais retornou para casa vivo. Ele foi imediatamente empurrado para frente aparentemente para ser sacrificado ao altar. Nesse meio tempo, Èṣu estava posicionado para intervir, tendo instalado um obstáculo invisível no chão contra o qual ele bateu seu pé, machucando-se, e desapareceu invisivelmente. Ele miraculosamente se encontrou em sua casa.

Enquanto ele estava cuidando o ferimento, observou que os homens do altar, seguiram-no até sua casa, aonde encontraram sua mãe e perguntaram-lhe pelo seu paradeiro. Ela lhes disse que ele estava indisposto. Eles a pressionaram e ordenaram-lhe apresentar seu filho, porque foi ela quem precipitou a retaliação, queixando-se na cidade que ele tinha batido nela na fazenda. Eles lhe disseram que como resultado de sua acusação, o filho tinha sido apontado para a execução ritual.

Ela então se ajoelhou para implorar-lhes para não executar seu filho, porque ela o tinha perdoado. Em vista de seus apelos apaixonados, eles lhe disseram para convencer o filho a apresentar uma cabra para ser sacrificada na sala da cidade para um banquete para os mais velhos. Após o banquete, eles até insistiram que Owanrin-Meji deveria ser apropriadamente iniciado na Floresta de Culto, já que ele tinha visto parte dos segredos do altar. A cerimônia foi completada em seguida, sem nenhum incidente e lhes deram uma pena de papagaio para usar de tempos em tempos, como um status de associação.

Por fim, eles revelaram-lhes que suas duas esposas foram às cúmplices que instigaram o culto de feiticeiras contra ele, apesar de que o catalisador foi à denúncia de sua mãe.

No entanto, foi sua mãe quem também apelou por sua vida.

Os feiticeiros então pegaram uma de suas esposas, na sua própria mentira e a mulher conseqüentemente morreu em seu sono. Ele por fim fez o mesmo com a segunda esposa.

Quando este Odu surge durante uma cerimônia de iniciação, a pessoa será alertada a nunca maltratar sua mãe e tomar cuidado com suas duas primeiras esposas, se ele é casado, ou seus dois primeiros casamentos, porque as mulheres são provavelmente feiticeiras. Ele também deverá ser avisado a não se permitir ser iniciado em nenhum culto secreto, a menos que ele faça o sacrifício solicitado.

OWANRIN-MEJI ASSUME UMA NOVA ESPOSA

Suru la fi wa owo
Eni to fe kpa eja lodo, kpelu awon ni lati
fi suru kpelu e.

A busca do dinheiro honesto requer paciência.

Atrair peixe com uma rede também envolve muita paciência.

Estes são os nomes dos Awos que fizeram a divinação para a princesa de Ado (omo ewi Ado), quando ela estava indo começar negócios de comércio. Foi lhe dito que ela era esposa de Ọrúnmìlá, quem a ajudaria a ter sucesso nos negócios.

Nesse interim, Owanrin-Meji visitou o palácio. Ele estava atraído pela princesa e pediu ao Ewi de Ado (pai da garota) para dá-la em casamento. O Oba respondeu que não faria objeção se sua filha concordasse em casar com ele. O Oba ofertou a Owanrin-meji um título de chefia se ele tivesse sucesso em fazer os negócios de sua filha frutificarem. Owanrin-Meji, contudo prometeu ajudar a garota, mas declinou o oferecimento do título de chefia.

Naquele ponto o Ewi convocou sua filha para pronunciar-lhe sua proposta marital de Owanrin-Meji. Quando a princesa foi questionada se concordaria em casar com Owanrin-Meji, ela prontamente confirmou que estava interessada e aceitaria ser sua esposa. Houveram muitos outros pretendentes na cidade que tinham colocados seus olhos na princesa. Assim que as novidades correram em volta que o Oba tinha prometido em casamento sua filha, eles reagiram decidindo parar, pagando homenagem e respeito ao Oba.

Chegando em casa, Owanrin-Meji consultou Ifá, em como fazer a princesa ter sucesso em seus negócios de comércio. Ọrúnmìlá avisou-o para fazer sacrifício com 16 pombos, 16 patos, 16 galinhas da guiné, 16 maletas de dinheiro, 16 peças de tecido, 16 pedaços de sabão e um bode para Èṣu. Owanrin-Meji iniciou o sacrifício, dando o bode a Èṣu. Ele coletou folhas importantes da floresta e usou 4 de cada coisa prescrita para o sacrifício para preparar uma travessa de sabão. Deixou os 12 pombos restantes para serem criados em casa e deu o sabão a princesa para ser usado para tomar banho.

No dia seguinte, ela viajou para Oja Ajigbo Mekon. Antes de chegar ao mercado, Èṣu tinha juntado todos os artigos valiosos para cima de uma barraca central no mercado. Tendo feito aquilo, Èṣu também deu uma volta com 1 sino na mão, anunciando através do mercado que a princesa de Ado tinha belos e duráveis artigos para vender. Ela vendeu todas as mercadorias com benefício extra e aquelas que não puderam comprar, imploraram-lhe para vir com mais artigos ao mercado no próximo dia.

Assim foi como seus negócios floresceram até que por fim se tornou tão rica quanto seu pai. Ela foi uma esposa amável para Owanrin-Meji e eles tiveram muitos filhos.

OWANRIN-MEJI PÔS EM XEQUE AS MAQUINAÇÕES DE SEUS INIMIGOS

Ele logo começou a se questionar se havia justificativa para todos os problemas que estava adquirindo de seus inimigos. Portanto decidiu ir a divinação para consultar o que fazer sobre isso. Ele foi a um sacerdote chamado Alakpata Aniye Gongonron para descobrir o que fazer para amarrar as mãos de seus inimigos.

Foi avisado para fazer sacrifício com três ratos, três peixes, uma cabra, um bode, 10 caracóis e carne de vaca. Ele deveria usar o osso da mandíbula e a língua de uma vaca, e folhas importantes era para serem adicionadas na preparação de um aşe com o encantamento que o choro de 1 vaca não agruparia uma conferência de seres humanos. Este é o Aşe com o qual Owanrin-Meji neutralizou os planos de seus inimigos, e é uma das preparações importantes para os filhos de Owanrin-Meji.

OWANRIN-MEJI NO LIMIAR DA PROSPERIDADE

Entre os Awo que o visitaram durante o banquete que foi com o sacrifício feito com a vaca, estava um poderoso sacerdote chamado Osomusore Abir Fiun. Quando o banquete estava no fim, foi que o Awo abriu o último obi (obi-tayen). Após lançar o obi no chão, avisou a Owanrin-Meji que haveria uma chuvarada a qual estava carregando riqueza para ele do céu, porque sua prosperidade ainda estava lá fora.

Foi avisado ainda a fazer outro sacrifício com um porco, um pombo, oito ovos, duas galinhas e um galo. Ele novamente fez o sacrifício para a noite, Ògún e Èşu. Um mês depois de feito o sacrifício, uma chuva muito forte caiu.

Dali em diante, a gravidez de sua esposa que não tinha se desenvolvido por muitos meses, de repente se desenvolveu e ela pariu logo em seguida. A chuvarada caiu durante toda à noite e na manhã seguinte, três pessoas vieram visitá-lo através da chuva.

Os visitantes reclamaram de estarem famintos. Ele avisou sua esposa para providenciar inhame triturado para ser preparado. Depois naquela tarde, Owanrin-Meji foi visitar seus amigos, mas antes que ele retornasse para casa, um dos três visitantes morreu. No dia seguinte morreu outro dos visitantes e o terceiro também morreu no 4º dia. Ele enterrou cada um deles.

Entretanto, os visitantes tinham ido à casa de Owanrin-Meji com muitos tesouros, os quais foram deixados nos fundos da casa, após suas mortes. Um deles tinha uma bagagem de contas, o segundo tinha muitas roupas, enquanto o terceiro tinha muito dinheiro.

Entretanto estava claro que os esperados presentes do céu tinham chegado, mas Owanrin-Meji não sabia sobre os pacotes.

Tornou-se conhecido que os visitantes tinham estado na chuva por cinco dias, durante os quais ninguém lhes ofereceu refúgio. Em seguida à morte dos visitantes, ele convocou o Awo que fez divinação para fazer outra sobre o significado desses eventos. Sem nenhum conhecimento prévio dos fatos, o Awo lhe disse que ele tinha três partes de dinheiro, contas e roupas em sua casa. Assim foi como ele soube que havia três pacotes na sua casa. Rapidamente organizou uma busca e encontrou os pacotes na sala ocupada pelos visitantes estrangeiros. Então agradeceu o Awo que lhe fez divinação e sacrifício e lhe deu uma parcela dos presentes entre alegria geral. Assim foi como a prosperidade veio para ele.

OWANRIN-MEJI SE TORNOU FAMOSO POR MEIO DE SEU FILHO

Owanrin-Meji tinha uma antipatia pela chefia da instituição. Ele tinha em um número de ocasiões resistido bravamente a oferta de títulos de chefia.

Visto que a concessão de título era o divisor de águas para a prosperidade naquele tempo, ele era relativamente socialmente desconhecido. Seu casamento com a princesa, entretanto lhe trouxe o começo da iluminação social.

Nesse meio tempo, um sacerdote de Ifá itinerante cumpriu a rotina de visitar a casa de Owanrin-Meji. Como era tradição, o visitante tinha que fazer divinação para ele. O visitante foi chamado Aiya Oshuru Gongon Gagbon. Ele disse a Owanrin-Meji que seu filho estava vindo para se tornar o Olowu de Owu. Foi avisado para evitar se tornar temperamentalmente e preservar tanto que a fortuna de seu filho talvez não se destroçasse. Ele foi avisado a fazer sacrifício com dois cachorros, três bodes, três cabras, três porcos, oito ratos, oito peixes e oito caracóis. Ele fez o sacrifício, afinal de contas, seu filho se tornou Olowu de Owu.

Depois disso ele viajou para Owu. O Olowu de Owu tendo nesse meio tempo, feito divinação para saber o que fazer para prosperar no fim de sua vida.

Ele foi avisado para fazer sacrifício para a cabeça da sua mãe com uma cabra e um porco, afim de que sua mãe talvez não se opusesse a sua prosperidade. Ele pegou uma cabra, mas não conseguiu um porco para comprar. A mãe pegou a cabra, mas não serviu sua cabeça com ela. Invés disso, ela comprou uma galinha para servir sua cabeça.

No dia seguinte, ela secretamente levou a cabra ao mercado, vendeu-a, e guardou o dinheiro.

Posteriormente, o Olowu finalmente conseguiu um porco. Ele o levou rapidamente para sua mãe servir sua cabeça, mas ela retrucou que ninguém servia a cabeça em plena luz do dia, então o Olowu retornou para seu palácio na expectativa que sua mãe servisse sua cabeça com o porco à noite.

A mãe novamente não serviu sua cabeça com o porco, ao invés disso ela usou um cão, com o qual abateu para usar para preparar a carne para seu marido.

Ela serviu a comida para seu marido de noite, quando seria difícil reconhecer a carne de cachorro. Quando seu marido se sentou para comer, a filha de sua esposa lhe disse para não comê-la porque ela sentiu o cheiro do cachorro na comida. Relembrando o aviso que lhe havia sido dado para não perder sua calma em face da provocação, ele imaginou a ação de sua esposa, se perguntando quais eram suas intenções.

Na manhã seguinte sua esposa (mãe do Olowu) convidou seu marido para esvaziar o recipiente com o qual ela tinha passado os despejos humanos na noite. Ele recusou-se a fazê-lo com a explicação que apesar de ele tê-lo feito com prazer quando ela estava recém-casada, ele não imaginou que o repetiria quando ambos já estivessem velhos. Ele então a acusou de provocá-lo na tarde anterior, tentando-o a comer com carne de cachorro, a qual ele teria comido, se não fosse a interferência de sua enteada. Sua esposa respondeu chamando-o de o filho de um cachorro.

Isto o aborreceu muitíssimo que não teve paz de mente para executar o que ia fazer para seu filho.

No entanto, ele pediu a seu filho para trazer seus instrumentos de divinação (1 Ikin) com o resultado do qual ele avisou ao filho que foi recomendado a servir sua (a do pai) cabeça com um elefante, um búfalo e um tigre. Ele rapidamente ordenou aos caçadores de Owu para irem a floresta e capturarem estes animais. Antes do meio dia eles retornaram com os mais jovens dos três animais. Owanrin-Meji extraiu algum sangue da pele dos três jovens animais e libertou-os de volta a floresta.

Com o sangue então extraído, ele preparou um remédio para seu filho marcar o corpo. Na chegada a Owu, Owanrin-Meji tinha notado que seu filho, o Olowu, não se prostrou para cumprimentá-lo, como a tradição mandava. Apesar disso ele fez para seu filho o que tinha que fazer, a despeito do embaraço que adquiriu de sua mãe e filho.

Quando ele estava se preparando para retornar para casa, ele expôs seus instrumentos divino de autoridade (AṢE) e proclamou que dali em diante, os cidadãos puros de Owu sempre prosperariam, mas que sua prosperidade viria apenas no entardecer de suas vidas, após receber de suas esposas e filhos, o tipo de tratamento que ele recebeu de Owu.

Acredita-se que como resultado desta maldição pronunciada por Owanrin-Meji, os ricos e famosos filhos de Owu encontravam dificuldades em viver até a velhice sem fazer um sacrifício especial para Ifá, para revogar a maldição.

Também se acredita que esta maldição é responsável pelo fato que o Alake de Abeokuta, que era filho do Olowu, já havia se tornado tão influente quanto o Olowu de Owu. Foi à coroa do Olowu que foi dada subseqüentemente ao Alake de Abeokuta, o que explica o porque o Olowu é dito não ter coroa.

O ÚLTIMO MAIOR TRABALHO DE OWANRIN-MEJI - ELE SALVOU A ESPOSA FAVORÍTA DO OLOFEN DAS TRAMAS MALÉFICAS DE SUAS COMPANHEIRAS

O Rei de Ifé tinha muitas esposas, mas uma delas conquistou a chave de seu coração. Esta invocou naturalmente a inveja e o ódio de suas companheiras. Elas tiveram sucesso usando meios diabólicos para fazê-la estéril. Então o Rei convocou Owuanrin-Meji para ir ao seu palácio em Ifé para ajudar sua esposa favorita a ter um filho. A mulher era chamada Eninikpola. Chegando a Ifé, ele fez divinação para a mulher, advertindo-o a fazer sacrifício com um cachorro e 1 galo para Ògún e 1 bode para Èṣu. Ela foi avisada a não permitir a ninguém ver os animais antes do sacrifico ser feito.

Com a intenção de fazer o sacrifício, ela esqueceu o aspecto sigiloso necessário. Depois de comprar os animais sacrificiais, ela deixou-os no jardim aberto do harém do palácio. Nesse meio tempo o tigre do rei desapareceu e não estava em lugar algum para ser encontrado.

Uma recompensa foi oferecida para o tigre ser devolvido vivo para o palácio.

Foi nesse ponto que ela fez o sacrifício. Como era a tradição, as cabeças das vítimas sacrificiais tinham que ser deixadas no altar da divindade servida. Após oferecer os sacrifícios para Ògún e Èṣu, as cabeças do bode, cão e galo foram deixadas nos 2 altares. Todas essas coisas foram feitas para o completo desconhecimento de suas companheiras. Mais tarde naquela noite, as companheiras combinaram de ter a cabeça de um tigre recém sacrificado e depositá-lo ao altar de Ògún, dessa forma preparando o terreno para acusar Eninikpola de usar o tigre do Rei para o ritual de sacrifício.

Na manhã seguinte, após a visão da cabeça do tigre no altar de Ògún, as companheiras foram relatar ao Rei que alguém tinha usado seu tigre desaparecido para fazer sacrifício. Ele perguntou para todas

as mulheres do harém e as acusações apontavam para sua esposa favorita. Ele então a convocou para interrogatório, acusando-a de assassinar seu tigre e avisando-a de que a pena era a morte. Ela foi rapidamente confinada em grilhões.

Nesse meio tempo, Èşu havia se transformado em um servo dos deuses que retirou a cabeça do tigre do altar, recolocando as cabeças de cachorro. Durante o julgamento seguinte, Èşu influenciou um dos conselheiros do Olofin para propor ao rei que antes de condenar a mulher, a ofensa deveria ser verificada e a cabeça do tigre mostrada. Concordando com a plausibilidade da sugestão, o rei indicou duas pessoas para ir ao altar de Ògún e voltar com o que quer que fosse que eles vissem lá. Eles trouxeram as cabeças decapitadas de cão e galo.

Em vista do que eles trouxeram, Eninikpola confirmou que aquelas eram as cabeças do cão e o galo com os quais ela fez o sacrifício para Ògún. Quando perguntou qual era o propósito do sacrifício, ela explicou que fez o sacrifício para ser capaz de ter um filho.

Ela foi imediatamente desacorrentada. Uma investigação foi conduzida para achar a orígem da acusação da cabeça de tigre, e a mulher que tramou a conspiração foi sumariamente executada.

No final daquele mês, Eninikpola ficou grávida e conseqüentemente teve um menino. Ela finalmente se alegrou e agradeceu a Owanrin-Meji por resolver o seu problema.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA DUAS ESPOSAS DO MESMO MARIDO

Akiriboto tinha duas esposas que tiveram uma desavença, poucos dias depois, o filho da esposa mais nova (Iyawo) ficou doente. Quando a criança estava preste a morrer, elas foram à divinação com Owanrin-Meji, que pediu a um Awo visitante para fazer divinação. A Awo era chamada:
Akitikpa Odigba mu Uriko - A corda continha Irókò
Uroko Odigba mu Akitikpa - Irókò continha a corda

Ele pediu a esposa mais velha (Iyaale) para narrar a disputa entre ela mesma e sua companheira, com uma amiga em seu caminho ao mercado.

Ela rapidamente recordou-se que num dia de mercado, após um desentendimento com Iyawo, ela decidiu ir ao mercado com uma amiga. Depois de contar para sua amiga como Iyawo a ofendeu, a amiga recomendou-lhe a esquecer a jovem mulher porque ela era ainda muito inexperiente para apreciar a enormidade de suas ações.

O Awo lhe disse que as feiticeiras, acidentalmente, estavam mantendo uma reunião no alto do Irókò ao lado da estrada do mercado, ao mesmo tempo em que ela narrava a estória para sua amiga.

Foi antes de ela voltar de viagem do mercado que o filho de sua companheira ficou doente, porque as feiticeiras intervieram nesta questão.

O Awo disse para fazerem um sacrifício à noite com um coelho para ser desenterrado no pé de Irókò no caminho para o mercado. Ele recomendou-as a ir ao pé de Irókò aonde elas encontrariam um pequeno monte, no qual tinha um coelho. Ele avisou-as para desenterrar o coelho, matá-lo e usá-lo para o sacrifício.

Elas realmente fizeram como foram recomendadas, e mataram o coelho e o usaram para o sacrifício. Logo em seguida a criança doente ficou bem.

Quando este Odu surge para uma mulher, ela deverá ser avisada para abster-se de contar suas discussões domésticas, especialmente com sua companheira, no caminho para o mercado.

Se surgir para uma criança doente, está claro que a doença foi acusada por uma discussão que sua mãe teve com sua companheira. Elas serão avisadas para fazer sacrifício com um coelho para as mais velhas.

CAPÍTULO XXI - ÒGÚNDA-MEJI / EJI-OKO / ÒGÚNDA JA MEJI

I I
I I
I I
I I I I

Ògúnda Meji foi um dos mais poderosos divinadores, tanto no céu como na terra. Ele era considerado por ter a força de Ògún e a inteligência de Ọrúnmìlá em seu trabalho. Foi ele quem revelou a estória da segunda tentativa de fazer as divindades colonizar a terra. Obara Bodi um dos discípulos de Ọrúnmìlá revelará mais tarde os detalhes da primeira tentativa de colonizar a terra e como foi fundada.

Ògún, a divindade do ferro e a mais velha das divindades criadas por Deus era também fisicamente mais forte que todas as 200 divindades. Ele freqüentemente era referido como o Desbravador de Caminhos, porque guiou a segunda missão de reconhecimento do céu para a terra. Diz Ògúnda-Meji, que foi por conta dos atributos físicos de Ògún que Deus apontou-o para abrir uma trilha para a segunda habitação na terra. Ele era conhecido por ser egocêntrico, vaidoso e quase nunca consultava alguém para aconselhar-se.

Ele confiava quase que exclusivamente em suas habilidades produtivas e força física. O que explica o porque não se incomodou em ir a divinação ou consultar alguém quando foi indicado por Deus para empreender a tarefa de estabelecer habitação na terra.

Assim que recebeu de Deus a ordem de prosseguir, ele o fez quase que imediatamente. Deus lhe deu 400 homens e mulheres para acompanhá-lo na missão. Chegando a terra, não demorou em descobrir as conseqüências de não fazer os preparativos adequados antes de virem do céu.

Seus seguidores mortais logo ficaram com fome, e exigiram comida. Já que vieram para o mundo sem nenhum suprimento, ele apenas poderia recomendar-lhes a cortar gravetos de uma floresta próxima para comer. O processo de se alimentar com gravetos não os satisfez e logo seus seguidores começaram a morrer de fome. Apreensivo por perder todos os seus seguidores por inanição decidiu retornar para o céu e comunicar o Pai Todo Poderoso que sua missão era impossível.

Em seguida Deus convocou Olokún, a divindade da água para guiar a segunda missão para a terra. Ele também é igualmente orgulhoso e cheio de alto confiança. Também lhe foi dado 200 homens e 200 mulheres para acompanhá-lo. Ele também não fez nenhuma consulta nem divinação com os mais velhos celestes antes de vir para a terra. Chegando ele também não teve indício de como alimentar seus seguidores. Ele apenas pediu-lhes para beberem água quando ficassem com fome. Já que a água não podia alimentá-los com eficiência, começaram a morrer de fome. Logo em seguida, ele também retornou com seus seguidores que sobreviveram ao céu para informar o fracasso de sua

missão. Deus então convocou Ọrúnmìlá, acompanhado por 200 homens e 200 mulheres para estabelecer uma habitação na terra. Ọrúnmìlá ponderou se ele poderia ter sucesso na missão a qual tinha desafiado os esforços dos mais velhos e das divindades mais fortes como Ògún e Olokún. Deus persuadiu-o a fazer o seu melhor, porque era necessário despovoar o céu, estabelecendo uma habitação satélite na terra. Seu servo fiel Okpele avisou Ọrúnmìlá a não recusar a tarefa porque com as preparações adequadas, ele estava convencido que o sucesso o aguardava.

Com as palavras de persuasão de seu Okpele favorito, Ọrúnmìlá concordou em partir na missão, mas apelou a Deus em lhe dar a indulgência para se preparar em alguns dias antes de partir. Ọrúnmìlá implorou as divindades mais velhas do céu para assisti-lo no planejamento de sua missão. Eles lhe garantiram que ele teria sucesso em estabelecer uma habitação na terra. Ògúnda-Meji, um de seus próprios filhos pediu-lhe seis cauries e avisou-o para coletar um de cada dos animais e plantas comestíveis no céu, para a missão. Ele também avisou para dar um bode para Èṣu e apelar para Èṣu seguí-lo para a terra na missão.

Após fazer todos os sacrifícios prescritos, ele foi finalmente liberado por Deus. Antes de partir implorou a Deus para permitir que Ule, (Owa em Bini) a divindade da habitação, fosse com ele. Mas Deus lhe disse que não era Sua intenção divina despachar duas divindades para terra ao mesmo tempo, já que Ele pretendia mandá-las uma após outras. Deus, entretanto assegurou a Ọrúnmìlá que ele teria sucesso na terra, e enviaria seu servo Okpele para voltar ao céu e buscar Ule (Owa), para auxiliá-lo. Ele então partiu para a terra.

Tão logo Ọrúnmìlá partiu, Èṣu foi contar a Ògún que Ọrúnmìlá estava viajando para terra pela rota a qual ele (Ògún) estabeleceu. Ògún imediatamente foi bloquear a rota com uma espessa floresta. Quando os partidários de Ọrúnmìlá se aproximaram da floresta, não sabiam o que fazer. Ele enviou o rato para procurar um caminho através da floresta. Antes que o rato retorna-se, Ògún apareceu a Ọrúnmìlá e interrogou-o pela ousadia em prosseguir para a terra sem informá-lo. Ele, entretanto explicou que havia enviado Èṣu para informá-lo e quando Ògún relembrou que foi Èṣu quem realmente avisou-o, imediatamente limpou a floresta para Ọrúnmìlá prosseguir em sua jornada. Antes de deixá-lo, Ògún avisou Ọrúnmìlá que apenas outra obrigação ele lhe devia, era alimentar seus seguidores com os gravetos da mesma forma que ele fez, e então Òrúnmìlá prometeu fazer.

Nesse meio tempo, Èṣu também informou a Olokún que Ọrúnmìlá estava em seu caminho para a terra para ter sucesso aonde eles falharam. Olokún reagiu provocando um largo rio para bloquear o avanço. Quando Ọrúnmìlá veio à margem do rio, despachou um peixe para procurar uma passagem através do rio. Enquanto aguardava pelo retorno do peixe, Olokún apareceu e interrogou-o porque ele ousou embarcar em uma viagem para a terra sem obter sua permissão.

Ọrúnmìlá explicou que longe de desdenhar Olokún, ele tinha na verdade enviado Èṣu para informá-lo de sua missão na terra. Quando Olokún compreendeu que Èṣu tinha vindo a ele, retirou a água para Ọrúnmìlá prosseguir em sua jornada. Contudo alertou Ọrúnmìlá que ele estava sob a obrigação divina de alimentar seus seguidores como ele (Olokún), com água. Ọrúnmìlá prometeu acatar o conselho de Olokún. Sem mais obstáculos em seu caminho, Ọrúnmìlá prosseguiu sua jornada.

Chegando ao mundo, ele rapidamente avisou a todos os seus seguidores masculinos para limpar o mato e construir cabanas temporárias cobertas com esteiras (Aghen). Quando aquela tarefa foi completada, retiraram os produtos agrícolas e sementes que ele trouxe para seus seguidores plantarem no mato que tinham limpado. Ao anoitecer todos eles se retiraram para dormir em suas cabanas. Èṣu, que tinha recebido um bode antes da missão partir do céu, foi trabalhar nas sementes plantadas e nos animais. Quando eles levantaram ao amanhecer, descobriram que todos os produtos agrícolas tinham não apenas germinado, mas tinham produzido frutos, prontos para a colheita. Estes

incluíam inhames, plantações, milho, vegetais, frutas, etc. Ao mesmo tempo toda a criação que eles trouxeram do céu tinham se multiplicado durante a noite. Aquele foi o primeiro milagre operado por Ọrúnmìlá na terra, como uma manifestação direta dos sacrifícios que ele fez antes de vir do céu.

Quando seus seguidores então pediram por comida antes de se lançarem ao trabalho rotineiro do dia, ele lhes disse, em respeito à injunção de Ògún, para cortar gravetos do mato ao lado para comer. Eles fizeram como lhes foi dito. Após mastigarem os gravetos por um longo tempo, lhes disse para beberem água como ele foi advertido em fazer por Olokún. O processo de acatar as instruções dadas a ele por Olokún e Ògún é seguido até os dias de hoje por toda a humanidade, por meio da rotina de começar o dia com a mastigação de gravetos ou escovação dos dentes e enxaguando a boca com água.

Tendo atendido aos desejos de seus mais velhos, Ọrúnmìlá disse ao seu povo para se alimentar com os animais e plantas que abundavam no povoado. Eles tinham sucesso em preparar o terreno para uma habitação permanente na terra. Satisfeito que nada então ficou em seu caminho para o sucesso na terra, Okpele propôs a Ọrúnmìlá que era hora de enviá-lo para informar a Deus que a terra já estava adequadamente habitável o suficiente para Ule juntar-se a ele. Ọrúnmìlá concordou, mas lhe disse que ele primeiro convocaria Èṣu para acompanhá-lo na terra antes de pedir por Ule. Tendo prometido anteriormente acompanhá-lo assim que fosse convocado, Èṣu imediatamente concordou em acompanhar Okpele a terra.

Antes da chegada Ọrúnmìlá pediu a seus seguidores para construir uma cabana para Èṣu na entrada do povoado. Tão logo Èsù instalou-se em seus aposentos, Ọrúnmìlá enviou um bode a ele. Ele ficou muito feliz em comer a sua comida preferida, a qual imaginou que não estaria disponível na terra. Quando Okpele veio conferir se Èṣu estava bem, o primeiro lhe disse-lhe para pedir a Ọrúnmìlá para perdoá-lo por causa das dificuldades iniciais que criou antes do mesmo partir do céu, incitando Ògún e Olokún contra ele. Ọrúnmìlá perdoou e implorou a Èṣu para ficar na terra para ser seu posto de ouvinte, prometendo sempre alimentá-lo. Após aguardar em vão pelo fracasso de e retorno para o céu de Ọrúnmìlá e seus seguidores, Olokún decidiu no céu retornar a terra para descobrir como a missão estava indo. Quando Olokún chegou a terra, encontrou Èṣu que lhe disse que Ọrúnmìlá tinha tido sucesso em tornar a terra habitável. Quando Olokún encontrou Ọrúnmìlá, pediu-lhe para perdoar por conta dos obstáculos iniciais criados por ele. Ọrúnmìlá lhe disse que as desculpas não eram necessárias porque o sucesso não é gratificante sem dificuldades iniciais. Contudo Ọrúnmìlá disse para Olokún concordar em viver com ele na terra. Ele então concordou em fazê-lo, mas insistiu que teria que ir ao céu para pedir ao Pai Todo Poderoso para permiti-lo retornar com seus seguidores. Olokún chegou ao céu e Deus permitiu-lhe retornar a terra com seus seguidores.

Quando Ògún ouviu que Olokún havia partido para acompanhar Ọrúnmìlá na terra, ele também decidiu ir e ver as coisas por si mesmo. Quando Okpele viu Ògún partindo do céu para a terra, alertou Òrúnmìlá que imediatamente instruiu seus seguidores a dar outro bode a Èṣu para evitar algum choque entre eles. Quando Ògún chegou, Èṣu ainda estava comendo seu bode e estava muito ocupado para se incomodar. Ele simplesmente indicou a Ògún para seguir para onde Ọrúnmìlá morava. Assim que Ọrúnmìlá viu Ògún, se ajoelhou para cumprimentá-lo, sendo seu irmão mais velho. Ògún retribuiu a altura desculpando-se com Ọrúnmìlá pelas dificuldades iniciais que criou para ele. Novamente Ọrúnmìlá explicou que as desculpas eram desnecessárias porque sem aqueles problemas duros, provavelmente não teria tido indicio de como alimentar seus seguidores. Ọrúnmìlá então persuadiu Ògún em ficar na terra com ele, porque sem ele (Ògún) era impossível para alguma tecnologia se desenvolver na terra. Ọrúnmìlá explicou que sabia apenas fazer divinação, mas que não sabia como inventar ou fabricar. Sentindo-se lisonjeado, Ògún rapidamente concordou em retornar ao céu para ter permissão de Deus para voltar com seus seguidores para a terra. Ògún por fim retornou com seus seguidores.

Foi naquele estágio que Ọrúnmìlá finalmente enviou Okpele para trazer Ule do céu. Quando Okpele narrou a mensagem de Ọrúnmìlá para Deus, o Pai Todo Poderoso, instantaneamente convocou Ule para seguir para a terra para auxiliar Ọrúnmìlá. Èşu foi novamente o primeiro agente que Ule encontrou chegando a terra. Èşu encaminhou-o para encontrar Ọrúnmìlá em sua cabana. Longe de desafiar Ule como fez com Olokún e Ògún, Èşu implorou a Ule que ele sempre seria mais bem sucedido que seus irmãos mais velhos e sem ele ninguém teria satisfação completa na terra, porque ele era caracteristicamente paciente e inofensivo. Quando Ule encontrou Ọrúnmìlá, prestou-lhe respeito, fazendo-o capaz de vir e auxiliá-lo na terra. Ọrúnmìlá retrucou proclamando com seu instrumento de autoridade (Aşe) que:

Se respeito lhe fosse prestado, seria sempre estendido a terra;
Olokún sempre moraria na água tendo em vista o rio que usou para bloquear sua aproximação a terra, mas que ele seria o distribuidor de riquezas e prosperidade para a espécie humana;
Ògún sempre seria usado para produzir grandes feitos, mas que ele próprio sempre trabalharia agitadamente noite e dia e não teria paz de mente.

Ele então disse aos três para seguirem em seus caminhos em separado. Os três deixaram os aposentos de Ọrúnmìlá. Eles mal haviam se movido para fora do aposento, quando subitamente Ule desfaleceu morto. Assim que caiu morto seu corpo desapareceu da vista e em seu lugar uma constelação de casas, prédios, e residências surgiram no chão. Desta forma, Ule tinha se transfigurado em casas respeitáveis para todos os habitantes existentes e futuros morarem. Ọrúnmìlá rapidamente deixou sua cabana coberta de esteiras e foi para ficar no melhor e mais agradável aposento produzido para ele por Ule. Ògún ficou aborrecido e se recusou a ficar em qualquer um dos aposentos providenciados por Ule. Então construiu sua própria casa caindo aos pedaços, chamada izegede, a qual onde ele está até hoje.

O Olokún também se sentiu provocado e voltou-se para a água para constituir-se nos oceanos, mares e rios dessa terra. Os homens e as mulheres trazidos para a terra por Ọrúnmìlá, Olokún e Ògún, logo começaram a casar entre si e multiplicar-se pelos quatro ventos desta terra. É importante relembrar que o fim da vida e reencarnação posterior dos seguidores que inicialmente vieram com Ọrúnmìlá, Ògún, Olokún, e outras divindades tornaram-se os sacerdotes e filhos destas divindades até hoje e para a eternidade. Aqueles que desviaram o caminho do rebanho, ou que não foram privilegiados em descobrir sua família, são os homens e mulheres que passam por todos os tipos de dificuldades na terra.

Neste estágio Okpele partiu para o céu, mas avisou a Ọrúnmìlá para procurar por ele depois de algum tempo no caminho para a fazenda. Por fim transformou-se em uma árvore cujo os frutos são usados até hoje para preparar o instrumento divinatório Okpele. Ele disse a Ọrúnmìlá como usar as sementes que ele traria dali em diante para divinação.

OS TABALHOS CELESTES DE ÒGÚNDA-MEJI

No céu ele era chamado Eji-Oko. Ele fez divinação para o tigre com este encantamento - Onoshe muroko nijo to onlo oko ode - quando o tigre quis começar a caçar. Ele avisou ao tigre para fazer os seguintes sacrifícios, dar um bode a Èşu, e servir Ifá com 1 galinha, peixe e rato para que fosse capaz de caçar com sucesso. O sacrifício era necessário para evitar caçar em vão, ou sofrer um atraso chamado (amubo) em Yorùbá e osobonomasunu (em Bini). Ele se recusou a fazer o sacrifícioe no dia seguinte partiu para a floresta para caçar. O tigre tinha dois aspectos. Quando algum objeto celeste caia atrás dele, ele instintivamente corria longe em pavor. Em segundo lugar, quando ele pula sobre algum animal que tenha matado, é proibido de comê-lo. Chegando a floresta,

ele viu um antílope e matou-o bebendo o seu sangue. Assim que deixou o antílope cair no chão, ouviu o som de um galho de árvore que caiu sobre ele. Por esse susto ele saltou sobre o antílope e largou imediatamente.

Em seguida ele matou um antílope preto chamado em Yorùbá de Edu e Oguonziran em Bini. Mais uma vez, o pesado o conjunto de frutas maduras pendeu da árvore sobre ele que saltou sobre a presa, deixando-a para trás. Nesse momento, o tigre estava ficando cansado e com fome, não tendo comido nada desde manhã. Quando o sol estava para se por ele estava se preparando para ir para casa quando viu um veado. Ele novamente teve sucesso em matar o veado, mas justo antes de tentar pegá-lo, um monte de frutas de palmeira caiu no chão atrás dele e ele novamente pulou sobre o veado tendo que abandoná-lo. Ele ficou desesperadamente frustrado e foi para casa. Èşu era obviamente responsável por seu infortúnio incomum.

Em seu caminho para casa avistou um coelho e perseguiu-o até que o coelho entrou em seu buraco. Quando o coelho estava entrando no buraco, o tigre segurou-o em sua cauda e começou a puxá-lo. Mas o coelho prendeu suas garras no buraco com tanta firmeza que o tigre só conseguiu apenas esfolar a traseira exposta do coelho. O coelho então se arrastou livre em segurança para o buraco.

Este é o porque à parte de trás do coelho é branca até hoje, o qual o distinguem de todos os outros animais mamíferos do seu tamanho. Este último incidente levou o tigre a fazer relação entre seu fracasso em fazer sacrifício e sua expedição de caça frustrada. Chegando em casa, informou sua aventura infrutífera. Para determinar a veracidade da sua estória uma equipe de busca foi à floresta e realmente viu e trouxe para casa os três animais mortos pelo tigre. Os animais foram trazidos por Ògúnda-Meji. Foi então que ele foi a Ògúnda-Meji para fazer os sacrifícios.

Após fazer os sacrifícios ele foi à floresta no dia seguinte e matou um veado o qual trouxe para casa sem nenhum incidente. Desde então, o tigre se tornou um caçador habilidoso e foi expressar a sua gratidão a Ògúnda-Meji.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A BOA

Após criar as varias espécies das famílias das cobras, Deus distribuiu armas para cada uma delas em forma de veneno, mas esqueceu de dar alguma para a Boá, que é chamada em Yorùbá Oka e Aru em Bini. A Boá começou a se queixar porque ele carecia de armas com as quais capturar a comida. Ele então foi a Ògúnda-Meji para divinação para auxiliá-lo no que fazer para sobrepujar suas dificuldades. A flecha foi um dos sacerdotes empregados que moravam com Ògúndá-Meji e foi ele quem fez divinação para Boa. O nome completo da flecha era Okofi doo, Oko reyin ya bo olooko - Odafá fun oka, elewu - obobo, significando a flecha com a qual a Boá mata um animal envolvido pelo seu estômago. A Boa era descrita como um réptil de pele de veludo.

O Awo avisou-o para fazer sacrifício com três flechas minúsculas, obi, e 1 galinha. Ele trouxe os materiais no dia seguinte e o Awo usou a galinha para servir Ifá por ele. Com o sangue da galinha, folhas e Iyerosun, o Awo preparou uma poção medicinal para ele beber. Ele também foi avisado para ir com os obis e servir sua cabeça com eles na estrada. Ele foi deixar a parte dos obis num escondido na estrada e se escondeu em um arbusto próximo para espiar alguém que furtaria os obis. Ele estava para pegar nas três flechas. Foi avisado pelo risco de seu temperamento incontrolável, o que explica o porque a Boa permanece a cobra mais paciente até os dias de hoje. Aquele dia coincidiu com o dia em que Deus estava indo fazer parte de um encontro das divindades o qual tradicionalmente começava com a quebra de obi. Deus esqueceu de trazer alguns obis quando ele saiu de casa. Ele estava acompanhado pelo seu servo favorito, o coelho que carregava sua sacola

divina (Akpeminijekun ou Agbavboko). Quando Deus viu a parte na estrada ele pediu ao coelho para juntá-la. Foi auxiliado a ver que continha obi os quais ele esqueceu de trazer de casa. Quando os obis estavam sendo colocados na sacola divina, a Boá saiu perguntou porque Deus também pegaria sua comida quando ele havia esquecido de lhe dar algum veneno. Ele se queixou que tinha sido prejudicado porque carecia de armas com as quais capturar sua comida.

Deus imediatamente simpatizou com ele e explicou que não esqueceu. Avisou ao coelho para expor tudo o que resta-se na sacola divina, e ele saiu com um aşe. A Boá tinha explicado que Ọrúnmìlá preparou 3 flechas para ele e Deus pegou as 3 flechas e abençoou-as. Deus ordenou a Boá para abrir sua boca engoli-las e lhe disse que todas as vezes que ele visse alguma vítima, as flechas sairiam automaticamente para suas narinas e as lançaria em sua vítima. Não era para ele correr sobre sua vítima, mas aguardar no local, para se voltar para ele. Então engoliria a vítima e as flechas retornariam para seu estômago para uso posterior. Antes de partir, Deus apresentou o coelho para ela e advertiu para nunca usar suas armas no coelho. Quando Deus chegou na rua da conferência, descobriu que eles haviam deixado a sacola divina para trás no lugar aonde ele deu armas para Boá. Deus ficou relutante em despachar o coelho para pegar a sacola, por medo que a Boá faminta talvez posse impulsionada a usar as novas armas adquiridas nele. Mas o coelho assegurou a Deus que ele coletaria discretamente a sacola sem provocar a Boá.

Quando o coelho chegou lá começou a provoca a Boá. Acusou-a de ser preguiçosa por aguardar no local, quando deveria estar se movendo ao redor para procurar por comida. O coelho provocou a Boá atormentando tanto que até mesmo começou a puxar a cauda da Boá, a qual era proibido. Vencido pelo temperamento, as flechas em seu estômago se moveram para suas narinas e ele lançou-as à vontade para atingir o coelho, que então rapidamente removeu a sacola divina e correu de volta para encontrar Deus na conferência. Quando o coelho voltou para Deus informou que ele tinha sido atacado pela Boá. Deus disse ao coelho que ele tem provocado muito a Boá para ficar sujeito a sua fúria e avisou o coelho que sua real proclamação era que ele (o coelho) retornaria para a Boá para morrer. O coelho voltou com grande esforço para aquele local e morreu assim que chegou lá e a Boá o engoliu. Este incidente assegurou a Boá que a arma dada a ele por Deus era efetivamente eficaz. Ele então ficou muito feliz.

No final do encontro, Deus teve que carregar sua sacola para casa ele mesmo. Chegando ao local aonde a Boá se assentava ela instantaneamente se prostrou para agradecer-lhe pela assistência dada. Deus, entretanto perguntou-lhe por contrariar sua ordem de não atacar o coelho, seu servo, e a Boá explicou como provocada. Deus falou-lhe que estava preparado para perdoá-la naquela ocasião porque ela agiu sobre provocação.

Deus, entretanto proclamou que desde então, a própria Boá morreria no mesmo dia em que ele atacá-se e matá-se um coelho. Desde então nomeou o esquilo para estar narrando a localização da Boá como um sinal de aviso aos animais. Assim que Deus partiu, monte de esquilos cercou a Boá e começou a gritar para ela com estas palavras:
Okaa reeoo - Elewu obobo
Waa wooo - Elewu obobo

Desde aquele dia o esquilo tem se tornado o mais duro inimigo de Boá.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA ODE

Ode é a palavra Yorùbá para o exterior, que é o lado de fora do pátio da casa. Houve um tempo no céu em que houve fome e todo lugar se tornou sem vida. O povo ficou muito faminto para envolver-

se no trabalho doméstico rotineiro do lado de fora, e Ode estava muito doente. Ele deu um jeito de ira até Ògúnda-Meji para divinação e foi avisado a fazer sacrifício com 200 cestas de pimenta, e sementes de gengibre, (ighere em Yoruba ou Oziza em Bini), 200 sementes de pimenta (aligator) e um galo. Ele também foi avisado a dar um bode para Èṣu. As duzentas cestas de pimenta foram lançadas ao fogo e o povo correu de dentro de suas casas para tomar ar fresco fora. A vivacidade começou a borbulhar novamente do lado de fora e o povo começou a cantar e dançar.

EJI-OKO SEDUZ A ESPOSA DA MORTE

Foi um dos seus seguidores chamado Ala boun boun lofo kpiriri kparara, quem fez divinação para Eji-Oko quando ele sem saber seduziu Epipayemi, a esposa clara do Rei da Morte. Ala boun boun era na realidade o marimbondo, que alertou Ejioko para evitar ter alguma coisa a com a mulher amarela, que estava para ser a Rainha da Morte. Entretanto foi avisado a dar um bode a Èṣu, o que se recusou a fazer porque não tinha intenção de ter nada a com a mulher amarela do Rei da Morte.

Não muito tempo depois, o Rei da Morte enviou sua esposa Epipayemi com uma bolsa de dinheiro para comprar um bode para ele no mercado de Oja-Ajigbomekon Akira. Ao mesmo tempo, Eji-Oko, tinha pensado melhor, e resolveu fazer o sacrifício indo ao mercado para comprar ele mesmo o bode para uma oferecer a Èṣu.

Quando Epipayemi chegou ao mercado, ela comprou um bode e uma quantidade de condimentos de cozinha, e deixou-os em sua barraca para olhar outra coisa no mercado.

Nesse ínterim, Eji-Oko chegou ao mercado e descobriu que o único bode do mercado era o amarrado na barraca de Epipayemi. Ele não largou o bode com a determinação que o compraria de quem quer que fosse. Logo em seguida, Epipayemi chegou a sua barraca para encontrar um homem agarrado no seu bode. Ela estava irresistivelmente bela. Disse a Eji-oko que ela era a proprietária do bode, porque seu marido, o Rei da Morte, a tinha enviado ao mercado para comprá-lo.

A despeito desta revelação, Eji-oko forçadamente tomou o bode dela e o levou para sua casa. Indomavelmente, a mulher não largou sua corda e combateu com Eji-oko até que chegaram a sua casa. Chegando em casa, ele usou o bode para fazer sacrifício para Èṣu e declarou seu amor por Epipayemi. Agora estava anoitecendo e havia se tornado muito tarde para Epipayemi retornar para casa.

Ela não tinha opção à não ser passar a noite com Eji-oko que fez amor com ela durante a noite. Contudo, ela o alertou das conseqüências de seus atos, porque estava certa de que Eji-oko não poderia suportar a fúria do seu marido.

Na manhã seguinte, quando Epipayemi fracassou em retornar para casa, Morte começou a questionar o povo que foi ao mercado no dia anterior, no porque sua esposa não retornara para casa. Eles explicaram-lhe que a viram combatendo sobre o bode com um homem negro conhecido por ser um dos filhos de Ọrúnmìlá.

Morte então enviou dois mensageiros a Eji-oko para alertá-lo que por seduzir sua esposa, estava indo dentro de sete dias para tratar com ele.

Foi naquele momento que ele se recordou o que o marimbondo lhe disse na divinação sobre o risco de seduzir a esposa do Rei da Morte. Sabendo que estava indefeso em face do castigo que o aguardava, decidiu resignar-se e a se lamentar parando de comer qualquer comida.

No quinto dia, Osonyin, o irmão divino de Ọrúnmìlá decidiu visitar Eji-oko. Chegando a casa de Ejioko, o encontrou recluso aguardando a morte. Osonyin lhe disse para arranjar coragem e firmar-se. Ele se ofereceu para ir e confrontar Morte.

Osonyin pediu a Eji-oko para se vestir com o que ele usava para se transfigurar, assim como seu bastão de divinação (Uroke) e seu boné. Ele vestiu a roupa e o boné, segurando o bastão em sua mão. Quando Osonyin chegou na casa de Morte, ele rapidamente reconheceu a casa porque era lavada diariamente com sangue humano.

Ao entrar na casa, sentou-se na sala de entrada e exigiu ver o Rei da Morte porque ele tinha vindo lhe prestar visita. Quando foi dada a descrição do visitante ao Rei da Morte, ele soube que fora Eji-oko quem enviara Osonyin para ir e provocá-lo. Irado, Morte deu instruções para o visitante ser preso, executado e esquartejado em pedaços pequenos.

Os seguidores da Morte pegaram Osonyin e surraram-no e cortaram-no em pequenos pedaços e peças. A pedido de Morte, os pedaços do corpo de Osonyin foram espalhados na encruzilhada.

Em tempo, seus executores voltaram para a casa e Osonyin estava sentado placidamente esperando por eles. Assim que viram-no, ele insistiu que não desperdiçassem seu tempo porque ele veio ver o Rei da Morte. Estáticos com o susto e pasmos, os mensageiros reportaram a Morte que o visitante estava de volta na casa antes deles e depois que eles haviam matado-o e esquartejado em pedaços. Morte ordenou-lhes para matá-lo novamente e atirar seus pedaços no rio para alimentar aos peixes.

Mais uma vez, eles mataram e esquartejaram seu corpo em vários pedaços pequenos e lançaram-os no rio. Quando retornaram para casa para informar a realização da missão, encontraram Osonyin novamente na sala neste momento soltando fumaça porque era muito difícil ver o Rei da Morte. Ele indagou se o Feroz Morte estava com receio de ver uma divindade mais nova.

Quando informaram Morte de sua misteriosa ressurreição, ele lhes disse para cortá-lo mais uma vez, cozinhar os pedaços e jogá-los no incinerador para serem queimados até cinzas. Mas antes que eles retornassem para casa, Osonyin mais uma vez estava aguardando-os na sala esbravejando que entraria de penetra se Morte continuasse se recusando a vê-lo.

Sem saber exatamente o que fazer dele, Morte enviou seus mensageiros para pedir a Osonyin para dizer a seu irmão que ele havia cedido Epipayemi para ele em paz. Quando eles narraram a mensagem a Osonyin, ele berrou que para não criar uma confusão no céu, Morte deveria enviar um de seus mensageiros para acompanhá-lo a entregar a mensagem para seu irmão. Morte imediatamente concordou e enviou um de seus guarda-costas para acompanhar Osonyin e levar a mensagem a Eji-oko.

Osonyin também enviou uma mensagem para Morte insistindo que ele lhe trouxesse obi. Os obi foram rapidamente enviados, mas Osonyin insistiu que Morte deveria sair para abri-los ele mesmo. Morte por fim saiu e abriu os obi dando um pedaço para Osonyin, enquanto ele mesmo comia outro pedaço. Osonyin foi para casa com os pedaços de obi restantes após agradecer Morte por sua hospitalidade condizente.

De volta a casa, Ejioko não tinha palavras suficientes com as quais expressar sua gratidão para Osonyin por sua incomparável proeza, Ejioko então convocou o marimbondo que fez divinação para ele para cantar em louvor em meio a comidas e bebidas.

Ala boun boun lofo kpiriri kparara e Osonyin acrescentou o refrão:

Esemi luku kpaa, Odidi mode luku kpaa Odidimode
Significando:

Não fui eu mesmo que Morte matou, mas a minha imagem de lama que Morte matou porque Osonyin freqüentemente desaparecia quando os carrascos de Morte estavam matando-o. Com o que, Eji-oko tomou Epipayemi como sua esposa.

A SEGUNDA ESPOSA DE EJIOKO

Ele fez divinação para o galo e para o papagaio quando ambos procuravam esposas para casar. Ele os avisou para dar um bode a Èşu, para que o costume de passar excrementos em seus quartos não os privassem da honra de casar com esposas respeitáveis. Ambos argumentaram que o sacrifício era desnecessário já que era seu costume passar restos em qualquer lugar que eles dormissem.

Houve também uma linda virgem que foi a ele para divinação para saber como conseguir um marido responsável. Ela foi avisada a fazer sacrifício para evitar o infortúnio de comprometer-se em dois casamentos frustrados antes de estabelecer-se em um terceiro. Ela achou desnecessário fazer o sacrifício porque sua boa sorte e inteligência nata eram suficientes para ver através das dificuldades.

Não muito tempo depois ela encontrou o galo que estava muito bem apessoado. Ela caiu mais uma vez por ele e concordou em casar. Ela se mudou para sua casa sem nenhuma demora. Desta forma, a dupla que se recusou a fazer o sacrifício, havia casado em desafio ao aviso do sacerdote de Ifá. Na manhã seguinte a noiva descobriu que seu marido havia espalhado excrementos em toda sua cama. A mulher ficou completamente desgostosa. O povo imediatamente começou a ridicularizá-la por casar com um marido que desejava excremento em sua cama. Ela não podia suportar o constrangimento, e então, deixou o galo tão rapidamente quanto se casou com ele.

Um pouco depois, ela encontrou o papagaio, outra pessoa muito bonita. Apaixonou-se por ele imediatamente e concordou em casar-se. Quando ela preparou sua primeira refeição, o papagaio lhe disse que teriam que fazer suas refeições em separado. Ela ficou curiosa para descobrir o porque o marido impôs tal embargo. Quando preparou milho para o papagaio, ela apenas comeu os miolos macios do milho e abandonou o resto. Os despojos ficaram espalhados em todo o quarto.

Em outra ocasião após servir sua refeição, ela foi esconder-se para observar o modo do papagaio se alimentar. Viu que ele estava comendo com seus pés e espalhando os restos de comida ao seu redor. Quando mais tarde ela enfrentou o papagaio questionando-o sobre o porque de ele espalhar a comida ao seu redor, o papagaio respondeu que a vida era muito curta que não era seu costume comer a parte velha de alguns alimentos. Perguntado porque comia com seus pés, ele explicou que era costume do seu povo fazer de tal forma. Novamente considerou a situação demais para ela e pela segunda vez, ela deixou o papagaio. A predição do sacerdote de Ifá tinha rapidamente se manifestado.

Neste estágio decidiu ir novamente consultar o oráculo e foi avisada para dar um bode a Èşu e um carneiro para o Ifá de seu pai. Ela deu o bode a Èşu mas não teve recursos suficientes para compara um carneiro para Ifá. Foi avisada a se acalmar, ela haveria de casar com um sacerdote de Ifá.

Ao mesmo tempo, Ejioko sonhou que estava casando com uma segunda esposa. Ele consultou Ifá, e seu próprio Odu surgiu. Convocou seus subordinados, Uroke e Orofa para interpretar o significado.

Eles lhe disseram que uma mulher estava vindo até ele e que era uma princesa. Foi avisado a dar um bode a Èṣu e um carneiro a Ifá. Ele fez os sacrifícios no dia seguinte.

Ao mesmo tempo, a princesa deixou a casa de seu pai com destino desconhecido para consultar dois Awo chamados Elemo Ugo e Osoro Ugomugo. Ela saiu de casa com uma bolsa contendo ẹkọ, àkarà, ekuru, e adun. Um pouco antes de chegar à cidade de Itoko aonde vivia Ejioko, ela sentiu necessidade de defecar. Desconhecido para ela despejou excremento no topo de uma paciente boá a qual estava deitada no chão e a folha com a qual limpou seu ânus, caiu em um caracol por perto. Após se aliviar, ela continuou sua jornada. Os dois Awo tinham vindo visitar Ejioko.

Quando chegou na cidade de Itoko, ouviu os dois Awo fazendo divinação e tocando o chão com sua faca divina, (Aja em Yoruba e Aza em Bini), e entoando cânticos de encantamento. Ela retirou de sua bolsa algo para comer e quando estava começando a comer, Èṣu esticou suas mãos em direção a ela e toda comida que estava comendo ficou presa em sua garganta. Quando começou a sufocar, ela correu para pedir socorro na casa de Ejioko. Quando entrou, ela gesticulou pedindo por água. Eles lhe deram com a caneca de água de Ifá e Èṣu rapidamente retirou suas mãos de sua garganta e ela reviveu imediatamente. Ela foi então levada a tomar assento. Sentindo revigorada, agradeceu a Ifá colocando sua cabeça no chão.

Eles fizeram divinação para e lhe disseram que era uma princesa. Eles também lhe disseram que ela tivera dois casamentos abortados e estava se preparando para um terceiro. Foi também avisada que seu pai tinha seu próprio Ifa, para o qual ela fora previamente avisada por meio de divinação a oferecer um carneiro, mas havia falhado em fazê-lo. Eles lhe disseram que ela fez um sacrifício para Èṣu mas não para Ifá e ela confirmou suas revelações. Contudo, eles insistiram que ela ainda teria que servir Ifá com um carneiro antes de poder se assentar.

Ela também foi informada de que deixou resíduo humano em um arbusto na estrada antes de sua chegada a cidade de Itoko. Eles revelaram que a náusea que ela sofreu antes de entrar na casa foi porque Ọrunmila estava realmente aborrecido com ela por ter deixados excrementos na boá que iria ser usada para servi-lo, e cobrir o caracol com o qual ele iria acalmar sua vida, com as folhas que ela usou para limpar seu ânus.

Ela desconhecia estes relatos, mas se ofereceu para ir e mostrar aos Awo o local aonde se aliviara.

Quando eles chegaram ao local, todos viram que a boá ainda estava deitada sob os excrementos e mais adiante um caracol deitado sobre as folhas que ela usou para limpar seu ânus. As duas coisas foram carregadas para casa para serem usadas para servir Ifá. Antes a comida usada para o sacrifício foi cozida, e já estava escura. À princesa foi dado inhame pilado para comer. Depois ela juntou-se a Ejioko para servir a cabeça dele com a boá. Ela passou a noite com Ejioko. Logo em seguida ela perdeu sua menstruação e ficou grávida. Ela teve uma menina para quem foi dado o nome de Ayo.

Quando surge este Odu para uma mulher solteira na divinação, ela deverá ser avisada a fazer sacrifício para que não case com dois maridos antes de se assentar na vida com um terceiro. Se ela já for casada, será avisada que tampouco está na casa de seu terceiro marido ou está se preparando para deixá-lo, mas deverá fazer sacrifício.

EJIOKO FOGE DO CÉU PARA A TERRA

Quando ele por fim constituiu seu plano para fugir para o mundo, não poderia vir como os outros através do útero. Ele fugiu do céu para a terra com seus pertences. Foi à divinação para um sacerdote de Ifá chamado Olorí ire oyinkpin nigba kara ofun Orísa loorun. Ele estava se preparando para ir a Deus para pegar a bandeira de seu anjo guardião e foi avisado para fazer sacrifício com um porco, uma cabra, uma ovelha, um carneiro, um boi, uma tartaruga macho e uma tartaruga fêmea, uma pata e um pato. Após fazer o sacrifício, partiu para o palácio divino de Deus.

Chegou ao palácio quando Deus estava tomando seu café da manhã. É proibido a qualquer pessoa ver Deus quando estava comendo e Ejioko não sabia que Ele estava fazendo sua refeição. Deus lhe entregou uma pequena bandeira de seu anjo guardião de Ejioko, mas ele ignorou a pequena e preferiu roubar a bandeira maior que viu lá, e partiu. A que ele surrupiou, pertencia ao anjo do Rei.

Tão logo ele pegou a bandeira maior, rapidamente embarcou em uma longa jornada para a terra. Ele já estava escalando o sexto morro que conduzia a terra, quando Deus descobriu que Ejioko tinha partido com a bandeira errada. Deus enviou um mensageiro para chamá-lo de volta.

Antes que o mensageiro pudesse alcançá-lo, ele já tinha entrado no mundo. O mensageiro retornou para reportar a Deus que Ejioko tinha escapado para o mundo, assim ele foi deixado para prosperar imensamente na terra. Antes de partir do céu, tinha sido alertado pelos Awo a não se permitir tornar-se descontrolado, e foi avisado que para ele prosperar deveria aprender a ser paciente e até mesmo moderado, para evitar o risco de ser rodeado por pessoas mal intencionadas.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA OYI

Assim que ele chegou ao mundo, a primeira pessoa para quem ele trabalhou foi uma mulher chamada Oyi. Abemale Ekokan, Aboju regun regun, adifa fan oyi tolo ile igba. A mulher tinha casado com muitos maridos sem ter nenhum filho. Quando ela estava se preparando para casar com um sacerdote de Ifá chamado Igba, encontrou Ejioko que fez divinação para ela. Ele recomendou-lhe a fazer sacrifício com 20 ratos, 20 peixes, um pombo, um bode, um galo e uma galinha. Os ovos encontrados nas vísceras da galinha seriam usados para preparar um remédio para ela. Ela era a filha do Orísa Nla de Itakpa.

Ela fez os sacrifícios e partiu para uma cidade, aonde encontrou um sacerdote de Ifá chamado Igba e casou-se com ele. Ficou grávida no mês seguinte e deu à luz a dois pares de gêmeos. Depois de parir quatro crianças para Igba, ela deixou-o com as crianças para procurar outro marido, porque o homem acreditava que tinha tido filhos suficientes.

Ela foi novamente à divinação e foi dito para fazer sacrifício com um par de 20 coisas diferentes. Ela fez o sacrifício e partiu para a cidade de Ewi-Ado aonde casou com um homem Oke-Ila, que não tinha esposa.

Logo ficou grávida e deu à luz a três pares de gêmeos durante o seu segundo casamento.Quando o homem propôs que eles já tinham tido filhos suficientes, ela também abandonou-o em busca de outro marido.

Mais uma vez ela foi à divinação e foi avisada a fazer sacrifício com um par de 40 materiais diferentes. Após executar o sacrifício, viajou para Ijero aonde ela casou em um vilarejo chamado

Ikoro, cerca de três milhas da cidade de Ijero. Ela teve quatro pares de gêmeos para o novo marido de Ikoro. Ela era clara, mas nenhuma de suas crianças tinha herdado sua tez.

Nesse meio tempo, uma das quatro crianças que ela teve com seu primeiro marido, persuadiu seu pai a ir com ele em busca de sua mãe. Ao mesmo tempo, o marido Ikoro lhe disse que ele não estava interessado em ter mais filhos. Ela insistiu que queria mais filhos, e quando o marido não se mexeu, ela deixou-o para Ijebu.

Em Ijebu, novamente ela foi à divinação e fez sacrifício. Ela encontrou outro marido para quem teve seis pares de gêmeos. Mais uma vez a desavença seguiu-se quando o homem se recusou a se deitar com ela por temer ter mais filhos. Todas as outras esposas do homem tinham-no deixado porque não tinham filhos. Assim que elas viram Oyi dando a ele filhos, todas voltaram para ele.

Mas Oyi estava novamente a caminho, era a vez de Abeokuta. Quando estava chegando em Abeokuta, encontrou um caçador que estava retornando da floresta com cinco animais diferentes. Ela ouviu por acaso o caçador se lamentando em lágrimas que ainda que tivesse matado cinco animais na floresta, não tinha esposa em casa que prepararia a carne. Oyi rapidamente concordou em ir com ele para sua casa. Quando o marido fez divinação para sua nova esposa estabelecida, ele foi avisado que a mulher o deixaria se ele tomasse uma segunda esposa.

Com aquele alerta, o homem não pretendia ter outra esposa porque Oyi teve sete pares de gêmeos para ele até mesmo em idade avançada. Agora ela era muito velha e morou em Abeokuta até o fim de sua vida.

Quando surge na divinação para uma mulher estéril, ela será avisada a fazer sacrifício, mas que ela terá muitos filhos de vários maridos.

EJIOKO SE INSTALA NA TERRA

Logo após chegar na terra, ele decidiu ir a divinação com três Awo chamados Ugun soríre soríre Okpari, Akala Igbo soríre soríre, ogbijojoso-run, mede soríre. Quando ele chegou em sua casa, encontrou Alamiyo, o Chefe dos Caçadores de Itoko que também veio para divinação.

Ambos, o caçador e Ògúnda-meji foram avisados a fazer sacrifício contra os problemas de ingraditão dos beneficiários de sua generosidade. Ògúndameji foi avisado a dar uma cabra preta para seu Ifá e um bode para Èşu. Ele fez o sacrifício. Por outro lado, o caçador foi avisado a oferecer um bode para Èşu e servir Ògún com um cachorro, uma tartaruga e um galo. Ele não fez o sacrifício.

O caçador era muito eficiente em sua profissão, e não considerou necessário fazer qualquer sacrifício. Muitos anos mais tarde, o caçador teve um sonho que o apavorou e ele foi à divinação. Foi novamente relembrado do sacrifício que tinha anteriormente sido avisado a fazer, e insistiu que não tinha necessidade do auxílio de nenhum sacrifício. Os próximos Awo que ele abordou se chamavam Oríre sumi sisee e Mada bo la tise Oríre, won difa fun Alamiyo tiishe Ororí ode nila Illa Orangun. Ele mesmo se chamava Alamiyo e era o chefe dos caçadores na cidade de Illa Orangun.

Avisaram-no que se não executasse o sacrifício, sua bondade e benevolência encurtariam sua vida. Nesse instante, ele foi avisado a dar três bodes para Èşu, uma cabra para Ọrúnmìlá, uma cabra para sua cabeça, um cachorro, um galo, uma tartaruga para Ògún e seis ovos e um coelho para as mais velhas da noite. Ele ainda assim não fez nenhum dos sacrifícios.

Enquanto isso, ele saiu de casa em uma expedição de caça com seu instrumento, um boomerang (Ekpede em Bini e Akatapo em Yoruba). Ao cair da noite chegou à cidade de Ipògún. O povo de Ipògún havia tido um problema ameaçador causado por um pássaro misterioso o qual costumava ir a cidade e deixar um rastro de homens mortos atrás de si. O pássaro era chamado Agbe em Yoruba ou Ukhiokhio em Bini. Em todo lugar ele bradava "kpògún" três vezes, partia e logo em seguida vinte pessoas morreriam na cidade.

O pássaro havia desafiado a perícia dos melhores caçadores da região. Na última vez, eles ofereceram um bode para Èṣu que lhes garantiu que o caçador que mataria o pássaro estava vindo por si para a cidade.

Quando Alamiyo acordou na manhã seguinte, foi convocado pelo Alto Chefe da cidade, que lhe falou a respeito do problema do pássaro misterioso. Quando eles estavam sentados do lado de fora da casa do Chefe discutindo, o pássaro mais uma vez surgiu. Gritou "Pògún" uma vez, mas antes de gritar a segunda vez, Alamiyo mirou e matou-o. A novidade logo se espalhou ao redor e trouxe alegria e regozijo geral na cidade.

Enquanto o povo ainda estava festejando, Èṣu rodeou para instigar um jovem homem da cidade a protestar aos mais velhos para expulsar Alamiyo da cidade com base em que um caçador que era capaz de matar qualquer pássaro misterioso com um tiro não pouparia toda a cidade se alguém se atrevesse a ofendê-lo no futuro. O Chefe reconheceu as objeções erguidas pelo jovem e rendeu-se ao seu desejo, expulsando Alamiyo da cidade de Ipògún.

Perplexo pela reviravolta dos acontecimentos, Alamiyo foi para a próxima cidade chamada Iyinta aonde novamente foi convocado a resolver um antigo problema de um misterioso pássaro que costumava carregar montes de mortos para a cidade. O pássaro, chamado Aluko em Yoruba e Awe em Bini, costumava visitar a cidade periodicamente. Assim que entrava na cidade, permanecia na entrada da cidade e gritava "pogbon" três vezes após trinta pessoas morreriam. Quando ele estava sendo informado a respeito da calamidade endêmica, o pássaro chegou e tomou posição na árvore da vida (Akoko ou Ikhinmwin) na entrada da cidade. Alamiyo esperou o pássaro gritar "Pogbon" duas vezes antes de mirar. Ele alvejou o pássaro e derrubou-o no chão, morto. Mais uma vez, toda a cidade festejava e cantava em louvor ao caçador que executou o fato milagroso.

Logo em seguida, Èṣu novamente instigou o povo da cidade contra ele e foi compelido para fora da cidade. Ele já estava começando a pagar o preço de sua teimosia.

Ele viajou para a próxima cidade de Iye, aonde foi cumprimentado com alívio e expectativa porque eles tinham ouvido o que ele tinha feito nos dois lugares aonde tinha visitado anteriormente. Estava seguro que não iriam pagá-lo com o tipo de ingratidão mostrada a ele nos lugares anteriores que ele visitou. Eles lhe contaram de um cervo (Agbonrin em Yoruba e Erhue em Bini) que costumava visitar a cidade de tempos em tempos para permanecer no topo de um monte para bradar "Palura", com o que conduzia a morte de quarenta pessoas e a destruição de muitas construções. Não muito depois, o cervo tomou posição no monte e assim que ele abriu sua boca para gritar "Palura", foi acertado por Alamiyo.

Ele pretendia se estabelecer na cidade de Iye, mas enquanto os festejos prosseguiam, Èṣu gerou o rumor que Alamiyo que costumava enviar o cervo à cidade, o que explicava ser ele o único caçador que foi bem sucedido em se do cervo.

Como se aquela incitação não fosse suficiente, Èṣu se transformou em um visitante de Ilu Ipògún e Iyinta e questionou-os se ele alvejou o cervo sem olhá-lo e se a flecha retornou para ele. Eles

confirmaram que as mesmas coisas aconteceram em Iye. Ele perguntou se não era possível para um único homem destruir toda a população de um lugar. Com o que o visitante/Èṣu começou uma guerra cantando e eles expulsaram-no da cidade de Iye – Kuode jere, kuode jere, kuede jere.

Após ter sido expulso da cidade de Iye, ele decidiu esconder seu boomerang a fim de ocultar sua profissão. Ele também era divinador, então escolheu praticar a arte Awo a qual também fazia muito bem. Ele adentrou sorrateiramente na cidade de Ijesha, e não sendo reconhecido, conseguiu casar com a filha do Owa de Ijesha. A princesa lhe deu quatro filhos. Sua esposa havia justamente tido o quarto filho quando estourou a guerra entre Oyo e Ijesha. O exército invasor de Oyo estava desferindo a devastação sobre o povo de Ijesha. O Owa de Ijesha reuniu seu povo e comunicou-lhes para participar de uma divinação em massa para desvendar como refrear a ameaça do exército invasor.

Na assembléia, Èṣu se transfigurou em um sacerdote de Ifá visitante, que revelou ao povo de Ijesha que presente entre eles, mas desconhecido, estava um famoso caçador de Itoko que executou maravilhas em Ipògún, Iynta e Iye. O homem anunciou que o caçador havia ocultado sua profissão e identidade desde que veio a Ijesha por conta da ingratidão demonstrada a ele por aqueles lugares. O Èṣu transformado em Awo também anunciou que o homem com o sufixo "Iyo" em seu nome e casado com uma princesa, era o único que com sua misteriosa arma, poderia refrear o avanço das tropas de Oyo. Quando todos os olhos se voltaram em direção de Alamiyo, o visitante acrescentou que o próprio homem tinha um problema, o qual o seguiu em todo o caminho do céu e tinha persistido na terra. Ele havia se recusado teimosamente a fazer o sacrifício prescrito. Se ele fosse bem sucedido em fazê-lo, se tornaria o mais famoso personagem de Ijesha. Se ele continuasse se recusando a fazê-lo, terminaria cometendo suicídio se enterrando vivo.

Com aquelas revelações Alamiyo levantou e o Awo visitante lhe disse, após concordar que falhou em fazê-los, que o sacrifício tinha se multiplicado. Então lhe foi requerido para dar três bodes para Èṣu, uma cabra para Ifá, uma cabra para sua cabeça, dois cachorros, duas tartarugas e dois galos para Ògún, e um coelho, galinha e ovos para as mais velhas da noite.

Alamiyo então em lágrimas disse que tinha feito muitos favores para a humanidade, e tinha sido pago com muita ingratidão, que ele não se julgava estar sob nenhuma obrigação de continuar a ser caridoso com ninguém. Neste estágio, as mulheres da cidade que tinham muitos de seus maridos na guerra, voluntariamente contribuíram com dinheiro para comprar os materiais para o sacrifício. Os sacrifícios foram imediatamente feitos, e na manhã seguinte, ele retirou seu boomerang donde havia escondido, tocou-o levemente, fechou seus olhos e lançou três flechas na direção do exército invasor. Cada lance matou 200 soldados de Oyo e as três flechas retornaram para ele. Quando o exército de Oyo viu que sua potência estava sendo dizimada por um atacante invisível, entraram em pânico e deram meia volta em seus calcanhares em debandada. A paz retornou imediatamente a Ilesha. Logo em seguida o Rei de Ilesha morreu e visto que tinha uma única filha, e Alamiyo que era o seu marido, foi coroado o Owa de Ibokun – Ijesha. Ele foi um dos que deu o nome de Ibokun-Ijesha – significando, onde alguém fica aborrecido por fazer favores. Finalmente ele se alegrou e cantou em louvor aos seus Awo. Seu reinado foi muito pacífico e próspero.

ÒGÚNDA-MEJI CURA A ESTERILIDADE DAS ESPOSAS DO OLOFEN

O Rei de Ifé estava preocupado que suas três esposas haviam sido grávidas muito desejadas, mas não puderam dar à luz. Ele havia procurado o auxílio de todos os sacerdotes de Ifá por perto em vão. Nesse ínterim, ouviu de um sacerdote de Ifá chamado Ògúnda-meji que estava vivendo sozinho em um vilarejo na estrada de Ijesha chamado Ilu-Ògún. Ele foi forçado a se retirar para o

vilarejo quando foi declarado “persona non grata” na cidade de Itoko aonde havia vivido desde que veio ao mundo. Seu sucesso como sacerdote de Ifá foi aclamado em todo o redor, mas também o expôs a inimizade dos Awo mais velhos que viviam em Itoko antes dele.

Ele havia anteriormente preparado um sabão de boa sorte para o Rei de Ifé o qual ele usou freqüentemente com seus três caçadores. O sabão auxiliou seus caçadores a retornarem da floresta com caça grossa, mas não poderia auxiliar suas esposas a levar até o final suas gravidez.

Seus caçadores eram chamados:
1 – Orísi Taasi
2 – Oríisi Taasi e
3 – Atama Taasi.

Um dia os três foram à floresta em uma caçada. O primeiro caçador alvejou um elefante e ele foi morrer na cidade, no pátio de trás do palácio do Rei. Quando o elefante foi carneado, uma criança humana estava estabelecida dentro do seu estômago carregando uma coroa em sua cabeça e contas em seus membros.

O segundo caçador alvejou um búfalo na floresta e este veio morrer no palácio no mesmo local.

Quando ele foi aberto, um prato de madeira fechado com dois compartimentos contendo dezesseis sementes de Ifá em cada lado, estava dentro de suas entranhas.

O terceiro caçador alvejou um cervo na floresta e também veio morrer no mesmo ponto. Quando foi aberto, seu estômago mostrou uma cabaça contendo um bastão mágico (Aşe).

O Rei ficou obviamente intrigado e se perguntou qual mensagem foi trazida por estes estranhos acontecimentos. O Rei retirou seu próprio Ifá e consultou-o e Ògúnda Meji foi o Odu que surgiu. Neste ponto ele enviou mensagens a todos os Awo em seus domínios para virem e interpretarem o significado destes eventos e o Odu que surgiu.

Todos tentaram, mas falharam em interpretar o significado das estranhas ocorrências. Como todos falharam, uns após os outros, foram presos e lançados em uma cela no palácio. Todos os sacerdotes de Ifá conhecidos no reino tinham sido tratados da mesma forma e não restou nenhum. O rei então lembrou-se do Awo que lhe preparou o sabão de boa sorte para, apesar de que ninguém parecia recordar-se dele. Todaia algumas pessoas informaram que restava apenas um Awo no reino, era Ògúnda-meji que estava vivendo em reclusão na estrada de Ijesha, em um vilarejo chamado Ilu Ògún. O Rei rapidamente ordenou que o homem fosse trazido ao palácio sem demora.

Aquilo coincidiu com o dia em que Ògúnda-meji estava servindo sua cabeça. Quando os mensageiros estavam atravessando o rio para encontrá-lo, eles encontraram as três princesas adultas de Ifé, lavando suas roupas no rio. As meninas haviam atingido a idade ideal de casamento, mas haviam prometido que só casariam com os homens que fossem bem sucedidos em descobrir seus nomes. Eles eram os únicos conhecedores em como eram chamadas as princesas. Os dois mensageiros reais cumprimentaram-nas e continuaram sua jornada.

Chegando ao vilarejo de Ògúnda-meji, descobriram que naquele instante ele estava servindo sua cabeça e o sabão e o inhame pilado estavam sendo preparados. Entregaram a mensagem que o rei o queria imediatamente na cidade de Ifé, mas seu anfitrião insistiu que elee deveriam comer do inhame antes de partirem. Eles sentaram-se para saborear a refeição e seus corações se alegraram.

Após comerem, ele lhes deu vinho de palma fresco para beber e finalmente lhes deu obi em sinal de respeito.

Após desfrutar a sua hospitalidade, eles resolveram lhe contar o porque foi convocado pelo Rei, a fim de que ele talvez não terminasse na cadeia como todos os outros convocados antes. Primeiro, lhe deram os nomes das três filhas do Rei que haviam prometido casar apenas com o homem que soubesse seus nomes. Disseram-lhe que se ele quisesse casar com novas esposas, poderia ter as três garotas pronunciando seus nomes como: Iboru, Iboye e Ibòsise. Este acontecimento explica o porque Ọrúnmìlá não proíbe o casamento com mais de uma esposa da mesma casa ou família.

A seguir, revelaram o que o Rei o queria, que era interpretar o significado das estranhas descobertas nas vísceras dos três animais mortos pelos três caçadores reais no mesmo dia. Já que eles mesmos não sabiam o significado, foi avisado a se preparar para esclarecer o enigma o qual havia desafiado a competência de todos os Awo do reino de Ifé, e que foram lançados na cela. Eles alertaram no a manter seus segredos. Ele agradeceu por lhe contarem tanto o quanto fizeram e suplicou-lhes para contarem ao Rei que ele estava servindo sua cabeça, mas apareceria no dia seguinte.

Logo que eles partiram, retirou suas sementes divinatórias e consultou Ifá. Foi avisado a dar um bode a Èṣu e viajar com obis e planta madura para sua jornada. Ele também foi avisado a ser generoso com qualquer um que encontrasse no caminho porque a solução dos enigmas lhe seria dado no caminho para Ifé. Ele fez conforme lhe foi dito.

Ele partiu para Ifé muito cedo no dia seguinte. Assim que adentrou o último trecho de floresta antes de Ifé, encontrou uma velha mulher sentada a beira da estrada. A mulher parecia muito triste e faminta. Ela chamou-lhe implorou por comida porque não comia há três dias. Ele lhe deu sua banana da terra madura assada e água de sua bolsa. Após comer e beber, ele lhe deu obi para ficar com ela, bem como o restante da banana da terra madura em sua bolsa. A velha mulher agradeceu-lhe. Quando estava preste a deixar a velha mulher, ela lhe perguntou aonde ele estava indo e ele respondeu que havia sido convocado para uma missão no palácio do rei em Ifé.Ela lhe disse que ele foi convocado para Ifé para:

1- Revelar o motivo pelo qual as três esposas do Olofen que tinham estado grávidas por um longo tempo, ainda não haviam parido;
2 – O significado do Elefante, Búfalo e Cervo que foram respectivamente alvejados por Orísi Tasi, Oríisi Taasi e Atama Taasi, mas que vieram morrer no pátio do palácio;
3 – A mensagem enviada pelos três misteriosos objetos encontrados nas vísceras dos três animais, e
4 – Se ele escolhesse novas esposas, revelar os nomes das três filhas crescidas do Olofen.

Ela alertou-o que a primeira proeza que ele executaria seria se livrar de uma velha feiticeira que freqüentemente se sentava na entrada do palácio do rei e que tinha o poder de destruir a memória e conhecimento de todos os Awo vindos ao palácio, o que explicava o porque os outros Awo convocados antes haviam falhado. A velha senhora avisou-o a ordenar a execução daquela mulher antes de entrar no palácio porque ela era a responsável por todos os infortúnios cercando o reino.

Sua próxima tarefa seria ordenar a libertação de todos os Awo aprisionados e proclamar que era proibido manter algum Awo em correntes ou cadeias, porque qualquer cidade aonde um Awo era mantido preso sempre estaria em grande tumulto. Depois disso, ele entraria no palácio. As primeiras pessoas a recebê-lo seriam as três filhas do Rei. Elas cumprimentariam-no de joelhos e ele responderia chamando-as pelos seus nomes, Iboru, Iboye, Ibòsise.

Em seguida encontraria o Olofen, e solicitaria a ele para interpretar o Odu-ifá que estava na tábua e dizer-lhe o porque suas três esposas grávidas não pariam para mais de três anos. Ele deveria começar revelando ao Rei que suas três esposas não estavam de todo grávidas. Uma delas tinha um (ant-heap) (Odidimade em Yoruba e Ulelefe em Bini) em seu estômago. A segunda delas tinha um formigueiro em seu estômago, enquanto que a terceira tinha um inhame d'água em seu estômago.

Então ele se movimentaria para desvendar os acontecimentos dos animais e os estranhos achados em seus estômagos. Ele deveria fazê-lo dizendo que o Rei tinha três caçadores, que ele deu permissão usar para a caçada, o sabão que para seu uso exclusivo. Foi o uso bem sucedido do sabão para a caçada que fez o Rei da floresta abastecer o útero de suas esposas com aqueles materiais, já que ele provia animais da floresta para crianças humanas. Era para ele dizer em seguida que o Elefante, Búfalo e Cervo que vieram morrer em seu jardim, após serem alvejados na floresta, foram o último aviso do Rei da floresta, que era suficiente.

Por fim ele foi interpretar os conteúdos das vísceras dos animais como segue:
a) A criança humana viva, carregando uma coroa e contas, achada no estômago do elefante era uma mensagem que o tempo estava se aproximando quando ele já não mais teria mais velhos em seus domínios para aconselhá-lo exceto pessoas jovens;
b) O significado do prato de Ifá achado no estômago do Búfalo era a mensagem de Deus que Ọrúnmìlá é a divindade que poderia sempre consultar para revelar-lhe o futuro; e
c) A cabaça com Aşe encontrada no estômago do cervo significava que o Oba novamente reinaria em seus domínios e que seria tão famosos quanto o Olofen.

Quando ele se prostrou para agradecer a velha senhora, não conseguiu vê-la novamente. Ela havia evaporado no ar fino. Ele então prosseguiu em sua jornada e logo chegou ao palácio.

Quando ele chegou ao palácio, a seqüência de eventos foi levemente invertida. As três garotas estavam do lado de fora estendendo suas roupas para secarem. Tão logo as viu, cumprimentou-as com um ar familiar chamando-as por seus nomes uma após as outras. Ele cumprimentou-as uma a uma com "Bom dia, Iboru, Bom dia Iboye e Bom dia Ibòsise". Elas rapidamente deixaram as roupas que estavam estendendo do lado de fora e abraçaram-no com as palavras que finalmente teriam dado a um marido. Imediatamente se ofereceram em casamento e quando ele lhes disse que tinha uma tarefa no palácio do Rei, elas lhe disseram que elas eram as filhas do Rei e seguiriam-no para apresentá-lo ao seu pai como seu marido.

Quando ele chegou na entrada do palácio do Olofen, ficou em pé do lado de fora e pediu ao Oba para sair. Ele proclamou que a mulher idosa que sentava na entrada deveria ser espancada para morrer de uma vez, porque simplesmente era ela a responsável por todos os infortúnios envolvendo o Rei e o reino nos tempos recentes. A mulher foi imediatamente surrada para morrer e arrastada para longe.

Depois disso ele se encaminhou com o Rei para o interior da câmara do palácio, aonde o Olofen mostrou-lhe o Odu-Ifá que surgiu na divinação, o qual por acaso era o seu próprio Ifá. Ele então disse ao Olofen que tinha dezesseis Awo fechados na cela do palácio por não serem capazes de traduzir o Odu. Ele lhe disse que não foi devido à carência de habilidade por parte dos Awo, mas o resultado de um feitiço ruim lançado sobre eles pela feiticeira que tinha justamente sido executada. Ela sentou na entrada para apagar todo conhecimento, memória e habilidade de predizer o futuro de qualquer Awo que passasse por ela. Este é o motivo porque aqueles Awo esqueceram o que dizer quando chegaram no palácio. Ele disse ao Rei que era proibido manter um sacerdote de Ifá preso e que ele deveria libertá-los logo.

O Rei imediatamente ordenou que todos os Awo deveriam ser desenclausurados e trazidos para a câmara externa do palácio. Depois disso, ele olhou novamente o Odu-Ifa no chão e perguntou pelos caçadores Reais chamados:

(I) Orísi Taasi, que tinha recentemente alvejado um elefante na floresta que veio morrer no pátio do palácio, carregando uma criança humana com uma coroa em sua cabeça e contas em seus membros. Quando o caçador surgiu para se identificar, voltou-se para o Olofem e disse-lhe que a menos que fizesse sacrifício, o tempo era iminente quando todos os mais velhos de seus domínios morreriam por sua vez deixando-o para ser aconselhado pelos mais jovens.

(II) Oríisi Taasi, que no mesmo dia alvejou um búfalo na floresta que veio ao pátio do palácio para morrer no mesmo local e carregava um prato de Ifá com 32 sementes em seu estômago. Ele se voltou para o Rei e disse-lhe que era uma mensagem de Ọrúnmìlá, que ele sempre consultaria Ifá para solucionar todos os seus problemas. Divinando com aquelas sementes, sempre acharia solução para todos os seus problemas.

(III) Atama Atasi – que também alvejou um cervo na floresta que veio ao palácio para morrer no mesmo local e carregando um Aşe moldado (Oghoríboje em yoruba e Ekhuae em bini). Ainda se dirigindo ao Rei, ele disse que o significado que nenhum outro Rei depois dele equipararia sua fama, influência e autoridade.

Ele então questionou o Rei por permitir o sabão da boa sorte preparado para ele, ser usado para caçada pelos seus três caçadores. Ele adicionou que o Rei da Floresta enviou os três animais para alertá-lo a parar de pilhá-los com encantamentos. Ele bradou se o Rei não sabia que era porque ele preferia animais à crianças que suas esposas haviam parado de ter filhos, e todas as três que estavam grávidas tinham seus fetos transformados em (ant-heap) e formigueiro e inhame d'água. Ele revelou que tão logo ele parasse de usar o sabão para caçar, suas esposas dariam a luz a crianças humanas normais.

Ògúnda Meji foi presenteado com louvor e carregado no alto em procissão ao redor da cidade. Ele foi proclamado o mais eficiente sacerdote de Ifá que tinha sido visto nos tempos recentes. De volta ao palácio, disse ao Rei que para a paz retornar para Ifé, ele tinha que acalmar os Awo aprisionados, compensando a cada um deles com uma cabra. O Rei concordou. Em apreciação por sua salvação, todos os Awo entregaram suas cabras para Ògúnda Meji, mas ele declinou em aceitá-las. Disse-lhes para servirem seus Ifá com elas, mas depois de matar a cabra, era para eles dizerem que era ele, Ògúnda Meji, que matou a cabra e não eles. Aquela havia se tornado a tradição de Ifá até este dia, da qual, após sacrificar um animal para Ọrúnmìlá, a pessoa sacrificando-o dirá, Eesemi lookpaa, Ògúnda jameji loonkpa, e tocando de leve a oferenda sacrificada com a faca.

Nesse ínterim, o rei decidiu agradecer Ògúnda meji com uma canção:
Ojudu loon shawo Alara
Ota Legbeje loon shawo Ijero,
Okon shosho ata mode loon daun looni,
Okpe – mo dami dami dami, orere, oo
Orere dami dami dami orereoo
Dami dami dami orere dami dami dami orere
Dami lowo uku,
Orere dami dami dami oo orere
Dami lowo ojojo,
Orere dami dami dami orere,
Igbese orun mi, ose arin.

O Rei recompensou-o plenamente com presentes, prometendo em casamento suas três filhas que haviam proclamado-o seu marido. Ele também foi feito o Baalògún de Ifé, o próximo Chefe supremo, título para o Rei.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AGUOFENIA (O FOSSO CAÇADOR)

O fosso caçador costumava escavar grandes buracos para capturar animais. Quando algum animal caía no buraco cavado no chão, não seria capaz de subir nele. No dia seguinte, ele viria e capturaria a vítima. Era um negócio muito próspero para ele e costumava fazer divinação e sacrifício nele todo ano. O buraco é chamado Ofen em Yoruva e Uye em Bini.

Neste ano em particular, ele foi a Ògúnda meji para divinar para a fim de ser bem sucedido nas caçadas neste ano. Ele foi solicitado a dar um bode para Èşu, mas libertar primeiro duas presas após o sacrifício e matar a terceira presa. Ele fez o sacrifício e escavou o buraco para o próximo ano de caça. A primeira vítima foi uma Boá (Oka ou Aru) o qual ele puxou para fora e libertou. Após ser libertada, a Boá olhou para trás e prometeu retornar para ajudar um dia. Aguofenia se questionou como uma Boá poderia alguma vez ser útil para ele.

No dia seguinte, o buraco capturou um coelho o qual ele novamente libertou. O coelho também olhou para trás após ser capturado e prometeu retornar para ajudar algum dia. Ele disse ao coelho para seguir o seu caminho porque não podia atinar como um coelho lhe poderia ser de alguma forma.

No dia seguinte, o buraco capturou um gato do mato, (ogbo ou Abon). Ao invés de matá-lo conforme fora avisado a fazer, ele libertou-o, porque esperava alguma coisa maior. Depois disso o buraco não capturou mais nada.

Nesse meio tempo ele começou a passar por privações.

Depois de algum tempo, o coelho visitou Aguofenia e achou sua casa pobre e repleta de penúria. O coelho decidiu auxiliá-lo cavando um buraco da casa de Aguofenia ao tesouro do Rei dentro do palácio. Por meio do buraco, o coelho foi capaz de esvaziar o tesouro do Rei para dentro da casa de Aguofenia. Logo em seguida ele se tornou muito próspero e sua casa começou prosperar rapidamente com opulência.

O gato do mato, Ogbo, que fora libertado por Aguofenia ao invés de ter sido morto como fora avisado a fazer, também o visitou. Ogbo perguntou-lhe como conseguiu sua nova prosperidade e ele traiu seu benfeitor revelando que o milagre fora executado pelo coelho. Ogbo rapidamente foi reportar o acontecido ao Rei que mandou chamar Aguofenia ao seu palácio para se explicar. O Rei tinha notado o roubo no seu tesouro e agora estava certo que Aguofenia era o cúmplice.

Após entrevistar Aguofenia, que negou a acusação, o Rei prometeu confrontá-lo com testemunhas durante sete dias, durante os quais Ogbo era para estar presente para confirmar suas alegações. Aguofenia chorou em casa desesperado, sabendo que a pena inevitável era a morte. Em seu caminho para casa ele encontrou a Boá que lhe disse para não se preocupar porque a situação apresentava a oportunidade para retribuir o bem anterior feito a ele.

No sétimo dia, Ogbo, um coletador de vinho, devia coletar algum vinho do arbusto antes de ir ao palácio. A Boá tomou posição, ocultando sua cauda no caminho o qual Ogbo estava indo trilhar para as palmeiras. Assim que Ogbo pisou no rabo da Boá, a última lançou suas flechas nele

instantaneamente. Quando implorou a Boá para retirar as flechas de seu corpo ela lhe disse que era muito tarde já que Ogbo sabia que era proibido para qualquer um tocar sua cauda. Ele ainda foi coletar seu vinho e apressou-se para casa para se preparar para a sessão na corte do palácio.

Ele tomou seu banho, se vestiu, e partiu para o palácio. Quando estava chegando, o veneno contido nas flechas da Boá derrotou-o e ele deixou seu objetivo para morrer no local aonde a Boá alvejou-o.

Nesse meio tempo, o tribunal do palácio estava sentado e todos estavam esperando Ogbo aparecer. Após esperarem em vão por um longo tempo, alguém veio mais tarde informar que Ogbo deixou-se cair morto no caminho para o palácio. O Rei então concluiu que o ancestral e as divindades tinham determinado seu próprio julgamento e ele estava preparado para abdicar de sua decisão. Ele presumiu que Obo morreu por que deveria ter mentido. Aguofenia foi então inocentado e exonerado. Foi neste estágio que Aguofenia cantou em louvor de Ògúndameji, o coelho e a Boá.

Em seu louvor proclamou que o sacrifício manifestado era para aqueles que executavam-no, mas que ninguém deveria ignorar o aviso de um divinador, como ele fez falhando em matar o Ogbo a terceira vítima de seu buraco armadilha. Ele continuou:
"Quem poderia ter acreditado que uma formiga poderia auxiliar o elefante,
Que a minhoca poderia salvar a Boá constritor das garras da morte.
O coelho e a boá foram sempre às benfeitoras de sua vida.
Na verdade amor com amor se paga a outro.
Como o mal gera o mal para outro".

ELE TAMBÉM FEZ DIVINAÇÃO PARA DOIS PESCADORES: COMO ÒGÚNDAMEJI RECEBE O CODNOME DE ÒGÚNDA-JA-MEJI

Havia dois amigos que eram sócios no negócio de lago artificial para peixes.Um deles chamado Oni tinha o lago enquanto o outro chamado Ooni tinha o instrumento ou a vara de pescar o peixe.
Oni Nubu, Enugha
OoniNugba, Enubu

Ambos foram à divinação com Ògúndameji e ele os avisou a dar um bode a Èṣu. Eles o fizeram. Depois disso, foram ao lago, mas capturaram um único peixe grande. Oni o proprietário do lago insistiu em ficar com o peixe porque ele possuía o lago. Ooni a proprietária da vara argumentou que sem seu instrumento, não teriam capturado o peixe. Ele também insistiu que se dava o direto de ficar com o peixe. Uma violenta discussão estava feita. Ao mesmo tempo, Ògúnda Meji foi alertado por Èṣu a ir na direção do lago. Ele encontrou os dois amigos lutando e foi capaz de apaziguar a questão deles declarando que ambos tinham o direito a uma parte da caça.

Ele então usou um cutelo para repartir o peixe em duas metades iguais da cabeça ao rabo, dando uma metade para cada um deles, Ambos então ficaram satisfeitos. Assim foi aonde ele obteve seu codinome de Ògúnda ja eja meji em resumo, Ògúnda ja Meji, que é , Ògúnda que dividiu um peixe em duas metades iguais.

SEUS SUBROGADOS TOMARAM CONTA DA DIVINAÇÃO PARA O PRÍNCIPE HERDEIRO DO REINO DE BENIN

Neste estágio de sua vida, Ògúndameji decidiu que já era hora de se retirar da prática ativa. Ele havia se tornado tão próspero e famoso que tinha muitos subordinados Awo trabalhando para ele.

Após o incidente do lago de peixes decidiu que apenas divinaria para o Rei depois disso. Se alguém mais viesse até ele, solicitaria a seus seguidores para divinar. Estes seguidores, no entanto eram igualmente eficientes na arte e prática de Ifá.
Entre cada subordinado estavam os seguintes:
Abe kekere mu, loode Iyango;
Epon olude wole dere dere dere;
Taa bi ta Awo omode
Irele bi irele, Awo agba lagba
Abugbegbe sorun Awo ajero kin Osa;
Ajaa ku, omu Orí lugbogbo;
Adiye ku, oko ose meji si eyin tioríwo tioríwo;
Awon lo difa fun Aganmurere;
Tiinshe omo oye, oba ado aluwaleke;

A pequena faca é usada para todas as tarefas menores;
Grandes testículos que se estendem até o chão;
O jovem sacerdote de Ifá é tão preciso quanto pimenta;
Paciência e tranqüilidade são atributos de um experiente sacerdote de Ifá;
O sacerdote com um tumor na cabeça é o divinador de Alara;
O sacerdote com um tumor no pescoço é o divinador de Ajero;
O cachorro morto depositou sua cabeça no cutelo usado para levá-lo a morte;
A galinha agonizante usou seus dois pés para cavá-lo.

Estes foram os Awo subordinados de Ògúnda Meji que fizeram divinação para Aganmurere, o herdeiro do trono do Reino de Benin, aonde o rei se adornava com contas. Eles avisaram o possível herdeiro para servir Ògún com um cachorro, um galo e uma tartaruga por conta de uma guerra iminente. Eles também avisaram a servir a divindade do solo com uma ovelha, e servir seu anjo guardião com uma cabra branca, a fim de ter um reinado pacífico.

Nesse meio tempo, o povo de Taakpa, uma província do reino de Benin, se rebelou contra o trono de Benin. Aganmurere comandou as tropas invasoras que subjugaram o povo de Taakpa. As tropas Bini foram vitoriosas e Aganmurere subseqüentemente subiu ao trono de seu pai e se tornou o Orongun ou o Orogbua de Ado.

Ele tinha um reinado razoavelmente pacífico porque nenhuma guerra foi feita em solo Benin durante o seu reinado. Ele também teve o crédito em expandir o império Edo para Eko, Isidahome (ou Dahomey) Iga ou Ga na velha Costa do Ouro, e o oeste do Congo, Itogo, ec. Ele também informou haver trazido sal para Benin de Isidahome pela primeira vez.

Mais tarde em sua vida, ele convocou Ògúnda Meji e seus subordinados para Ado aonde expressou sua gratidão com elaborados presentes para eles.

ELE AUXILIOU O POVO DE OYO EM SUA GUERRA COM ILESHA

Um certo dia, enquanto vivia em Oyo, ele teve um sonho que o apavorou. Ele convocou três de seus subordinados para fazerem divinação a respeito do sonho:
Ekun lu uki Oyo
Ooku lu uki Ijesha
Aikiki le eruse ale ano Looyo oohun.
Odafafun Orunmila, Uku elegidigbe gidide.

Ekun é o cumprimento tradicional de Oyo;
Ooki é o cumprimento tradicional de Ijesha;
Um cumprimento expressando um mal feito no dia anterior não dará alegria.

Estes foram os nomes dos seguidores, que fizeram divinação para Ògúnda Meji quando, como a espada de Damocles, o perigo de uma mortandade em massa estava pairando sobre o mundo. O Rei da morte havia coberto o homem forte da terra de um tipo cruel de destruição em massa. Os três Awo avisaram Ògúnda Meji a fazer sacrifício com uma cabra do mato inteira (Edu em Yoruba e Oguonziran em Bini) galo e 5k em 201 lugares. Ele também foi avisado a dar um bode a Èṣu. Ele deveria usa a pele da cabra do mato para fazer um tambor grande e dar um galo a Ògún.

Subseqüentemente, a guerra estourou entre Oyo e Ijesha, o que ocasionou um toque de recolher de 24 horas imposto em Oyo. Não foi permitido a ninguém sair. Entretanto se fez necessário fazer divinação para o Alaafin de Oyo, mas ninguém se atrevia a sair. Èṣu foi a Ògúnda Meji em sua capacidade como um dos divinadores reais e lhe disse para ir ao palácio para divinar para o Rei. Ele ficou muito assustado em ir, mas Èṣu persuadiu-o a tocar o tambor que ele havia justamente feito da pele da cabra do mato diretamente até o palácio.

Cantando com os nomes dos Awo que fizeram divinação, ele cantou e tocou até o palácio. Quando chegou ao palácio, Hostilidade havia terminado com a retirada do exército invasor de Ijesha.

Paz e tranqüilidade então retornaram a Oyo.

ÒGÚNDA-MEJI PARTE PARA O CÉU

Da mesma forma como veio ao mundo sem passar através de um útero feminino, ele partiu para o céu na idade avançada sem passar através do túmulo. Como já foi mencionado o Rei da Morte havia inventado um sistema para eliminar os poderosos Awo na terra. Eles seriam convocados ao céu um após o outro a curar o Rei da Morte que estava "doente". Em seguida ao fim da guerra Ijesha-Oyo, ele teve um sonho no qual se encontrava no céu mas não podia retornar para a terra. Ele convocou dois de seus mais eficientes seguidores chamados:
Uroke mi lawo ligonrin, e
Oroke milawo le eturuye

Para fazer a interpretação do sonho. Eles lhe disseram que o Rei da Morte estava enviando uma mensagem para ele ir ao céu para divinar. Eles lhe disseram que a tarefa a que seria convocado para fazer era cansativa e árdua, mas já que nenhuma tarefa era impossível para Ọrúnmìlá, ele sobreviveria se fizesse às preparações adequadas. Foi dito a dar um bode para Èṣu em casa e também dar um pequeno bode incluindo àkarà, ẹkọ, ewo (Obobo em Bini) água e algodão em rama, para Èṣu na floresta. Ele deveria fazer o segundo sacrifício na floresta em seu caminho para o céu.

Ele fez o primeiro sacrifício em casa e foi se preparar para sua jornada ao céu para encontrar o Rei da Morte. No dia seguinte, foi visitado pelos dois homens vestidos no uniforme de cavaleiros do céu. Ele não sabia como eles haviam chegado até sua casa, apenas encontrou-os em sua sala de visitas. Disseram-lhe que era requisitado pelo Rei da Morte para ir e curá-lo no céu. Ele se ofereceu a recebê-los, mas se recusaram porque estavam sob as ordens de não comer ou beber de ninguém que visitassem. Ele lhes perguntou como estavam indo viajar para o céu e eles disseram que supostamente saberia o que fazer e desapareceram de suas vistas.

Para viajar para o céu, ele tinha que vestir sua roupa mística com a qual poderia desaparecer. Assim que estava completamente preparado, foi em seu cômodo misterioso e imediatamente se achou no último portão para o céu.

Antes de adentrar, foi até a floresta para fazer o segundo sacrifício. Quando se estabeleceu em um ponto da floresta para fazer o sacrifício viu uma velha mulher com seus membros atolados no chão e seus olhos escoando um líquido desagradável como se a ponto de morrer. Outras pessoas costumavam vê-la e passar por ela, mas ele parou e ajudou-a. Ele retirou seus pés e mãos libertando das amarras com as quais estavam presos ao chão, e apanhou o algodão em rama para seu sacrifício para limpar seus olhos. Vendo que obviamente a mulher estava faminta, lhe deu o ẹkọ e àkarà para comer e água para beber. A mulher lhe perguntou pelo bode em sua bolsa e ele lhe deu.

Ele então continuou em sua jornada satisfeito que ele tinha servido Èṣu na floresta. Antes de chegar à casa do Rei da Morte, ele encontrou uma linda garota que lhe perguntou se a reconhecia. Perguntou se ele não viu uma velha senhora na floresta. A garota mentiu que a mulher era sua mãe, mas era de fato ela, agora transformada em uma garota de boa aparência. Ele lhe perguntou onde estava indo e ele respondeu que estava indo responder a um chamado do Rei da Morte. Ela revelou que era a mãe do Rei da Morte e ele ficou assustado.

Ela lhe disse que o Rei da Morte não estava doente e tudo o que ele queria era apenas destruir todos os Awo eficientes da terra, porque eles estavam esgotando sua fonte de suprimento de comida salvando os seres humanos de morrer.

Ela acrescentou que estava indo auxiliá-lo por conta dos favores que ele fazia para as pessoas incluindo ela mesma.

Ela revelou que todas as manhãs, o Rei da Morte tinha o hábito de vestir a roupa de sua esposa, que é o traje da Doença (Doença sendo a esposa do Rei da Morte) com a qual se fazia ver como se ele estivesse preste a morrer. A vestimenta era costumeiramente amarrada atrás de sua perna. Muitos doutores haviam sido anteriormente convocados para curá-lo, mas todos eles tinham falhado. Nenhum deles foi capaz de sobreviver à prova preliminar pela qual Morte testava suas capacidades. Era lhes solicitado para fincar uma lança (Okpaorere em Yoruba e Osogan em Bini) no chão da câmara interna do Rei da Morte.

Desconhecido deles, o chão era revestido de pedras. Quando a lança não podia fincar no solo os Awo eram amarrados para execução. Ela revelou que trinta Awo da terra já tinham sido amarrados daquela forma.

Ela avisou-o que era capaz de fincar a lança no chão, que tinha que golpeá-la na boca de um dreno de água no interior da câmara, o qual era o único ponto fofo na sala. Ele poderia reconhecer o local pela presença de um sapo gigante naquele ponto. Ele não deveria ter medo de atingir o sapo, porque ele desapareceria assim que mirasse para fincar. Se ele não visse o sapo, encontraria uma velha mulher sentada e fiando algodão em rama, com seu pé cobrindo o ponto fraco. Ele não deveria ter medo de acertar seu pé, porque ela o removeria quando fizesse mira.

Por fim ela lhe deu as seguintes recomendações:
I) Ele não deveria partir o obi ruim que seria presenteado a ele antes de ver o Rei da Morte;
II) Ele deveria insistir em ver o Rei da Morte desacompanhado;
III) Ele deveria exigir a libertação dos 30 Awo nas correntes antes de aceitar alguma recompensa; e
IV) Ele não deveria aceitar nenhum presente físico porque a polícia celeste não poderia permiti-lo levá-los embora. Ela então lhe deu uma cabaça pequena de sua cabeça com a qual ele poderia bater

no chão para capturar o que quer que fosse dado a ele. Ele deveria usar a cabaça para desaparecer de volta para sua casa.

Ele então compreendeu a manifestação do sacrifício que ele tinha feito, do contrário não havia jeito de ter podido acessar estas informações vitais.

Antes de a garota desaparecer ela prometeu que sempre viria em seu socorro nos momentos críticos durante sua exploração.

Sem mais apreensões depois disso, prosseguiu para a casa do Rei da Morte aonde foi recepcionado pelos cavaleiros da guarda da Morte.

Assim que se encontrou dentro da casa, eles disseram-lhe que a tradição era para ele fincar uma lança no chão antes de tomar seu assento. Ele foi em direção à câmara interna aonde tambores estavam ressoando e começou a dançar ao som da música com a lança na mão. Ele dançou ao redor da sala e sem nenhum aviso, assustou a velha senhora sentada próxima ao dreno de água e por ação reflexiva ela retirou seu pé da boca do dreno e ele fincou a lança direto naquele ponto que se prendeu no chão. Ele ganhou aplausos e louvores de todos aqueles que estavam presentes.

Foi então lhe dado obi para recepcioná-lo. Ele se recordou do aviso da jovem e insistiu que antes de apreciar qualquer entretenimento, tinha primeiro que ver quem o convocou para executar a tarefa para a qual o chamaram ali. Ele exigiu ver o Rei da Morte sozinho.

Ele foi então permitido a ver o Rei da Morte sozinho. Morte reconheceu-o como o homem que seduzira sua esposa muitos anos antes, e louvou-o por fugir com ela. Ele elogiou-o também por curá-lo de sua aparentemente incurável indisposição. Ògúnda Meji gargalhou hilariante e cumprimentou o Rei da Morte. Ele lhe disse que estava ciente que tinha que pagar o débito que ele se comprometeu para morrer no final, mas que ainda não veio fazer dentro dos termos do Rei da Morte. Ele se estabeleceu para negócios sérios e Morte disse que estava apenas simulando a doença vestindo a roupa de sua esposa e que não havia nada de errado com ele.

Ògúnda Meji então se ajoelhou para desamarrar a roupa das pernas do Rei da Morte e com aquilo, ele removeu a roupa da Doença e Morte parecia saudável e com boa aparência. Ògúnda Meji ameaçou queimar a roupa, mas Morte se negou porque ela realmente pertencia a sua esposa, e alertou-o a não contar o seu segredo a ninguém no céu.

Depois disso, Ògúnda Meji foi até a câmara externa com o Rei da Morte tendo aparentemente curado-o. Ele foi novamente louvado e aplaudido pelo anfitrião celeste quando este tomou seu assento no trono.

Antes de tomar seu assento, Ògúnda Meji bateu sua cabeça e houve urro alto o qual sacudiu as bases do céu e todo mundo implorou-lhe para se acalmar. Ele então ordenou a libertação imediata de todos os trinta Awo que foram colocados na cadeia antes dele. Sabendo o que Ògúnda Meji era capaz de fazer, Morte rapidamente ordenou a libertação dos trinta Awo da terra, mas visto que eles se recusaram a fazer sacrifício antes de partirem da terra, já não poderiam mais retornar para a terra.

Morte deu-lhe muitos presentes sabendo que era impossível para ele levá-los para fora do céu. Após complementar os preparativos para o seu retorno para casa, ele se cercou com os presentes que recebera e retirou a cabaça que a garota lhe dera. Ele borrifou seu conteúdo em todos os presentes e ele lhes disse, incluindo os trinta Awo para se prepararem para irem para casa.

Com aquele encantamento todos eles desapareceram e imediatamente estavam sentados na sala de estar da casa de Ògúnda Meji, na terra.

Todos os Awo agradeceram-no e prometeram sempre se lembrar dele em tudo que eles fizessem. Há alguns relatos que Ògúnda Meji não retornou para o céu porque preferiu permanecer lá.

O relato que foi passado ao escritor é que ele retornou para a terra, mas morreu uma morte normal logo mais tarde.

Antes de finalmente deixar a terra, ele disse aos seus filhos que deveriam sempre fazer favores, apesar de que sempre seriam pagos com ingratidão.

Ele advertiu-os a não permitir que problemas os detivessem da tarefa humanitária, porque tanto tempo quanto eles pudessem operar como discípulos leais de Ọrúnmìlá, benevolência sempre lhes traria salvação e prosperidade. Ele acrescentou que a ingratidão feita pelos seus beneficiários multiplicaria para eles a recompensa de Deus Todo Poderoso.

Suas últimas palavras em seu leito de morte estão contidas no seguinte poema:

Oroo (a planta sem folhas) é muito benevolente;
Que ela foi deixada sem folhas;
Mas é a única planta que sobrevive a todas as condições climáticas.
Igeregere ou Afuma (a planta que cresce em cima de outras árvores) era tão benevolente;
Que não tinha raízes no chão;
Mas foi coroado o Rei de todas as plantas.
O solo faz tantos favores ao mundo,
Que seu significado nem sempre é apreciado;
Mas ele é o herdeiro final do universo,
O sol é tão benevolente;
Que é detestado e louvado pelos seus beneficiários;
Mas ele vive para sempre.
Seus filhos sempre serão muito mais prósperos;
Do que aqueles que mostraram lhes ingratidão.
Da mesma forma como um ladrão nunca prosperará;
Tantas quantas as vítimas de seus roubos.
Por fim ele disse aos seus filhos, para não abraçar a caça de nenhum tipo como profissão, seja para animais, pássaros e répteis na floresta, ou peixes na água. Com aquelas palavras de advertência, ele mergulhou em uma grande distância.

CAPÍTULO XXII – OSAMEJI

II II
I I
I I
I I

Pouco se sabe sobre o trabalho de Osameji no céu. É dito que ele fez divinação para o homem branco quando ele estava vindo para o mundo. É dito ele ter avisado ao homem branco no seguinte poema:

Oyi Odade owo
Oyi Owewu okun
Oyi rÒgún – Oyi bÒgún
Oyi rgbon – Oyi bogbon
Adifa fun Oyibo nigbati oyibo maa gunle sikole aye.

O homem branco foi avisado a fazer sacrifício a fim de ser capaz de criar, inventar, desenvolver, atingir grandes alturas e merecer a honra universal e o respeito. Ele fez o sacrifício.

Quando este Odu surge na divinação, a pessoa será avisada que ele terá uma criança que merecerá o respeito de tudo e todos.

Quando uma mulher chamada Ogodo yaya estava partindo do céu, ela foi aos Awo acima listados para fazer divinação a fim de ser capaz de ter um filho que mudaria o curso dos acontecimentos no mundo.Ela foi avisada a fazer sacrifício com algodão, rato, peixe, galo e uma galinha. Ela fez o sacrifício e veio para o mundo. Chegando ao mundo, não teve filhos, então foi a dois Awo na terra chamados Ukporo bayi e Aila baayi. Ela foi avisada para fazer sacrifício com um rato, um peixe, um galo e uma galinha. Ela fez o sacrifício e começou a ter filhos.

Pouco depois, ela quis ter mais filhos e novamente foi até o divinador. Foi avisada a fazer sacrifício com 40 ovos e um bode para Èṣu. Após executar o sacrifício nasceu uma criança com a pele clara e o cabelo encaracolado. Com medo do tipo de criança que ela teve, correu aos Awo que fizeram divinação para explicarem o que significava. Eles disseram que já que ela deixou o céu com o desejo de dar a luz a uma criança que modificasse a face da terra, seus desejos haviam se manifestado, e foi avisada que a criança estava indo iniciar uma nova geração de homens brancos na terra. Assim foi como a raça branca veio a existir.

Quando este Odu surge na divinação para uma mulher, ela será avisada que após ter muitas crianças, daria a luz a um albino. Este é o porque é dito que o homem negro veio ao mundo antes do branco, apesar de que foi o homem branco que modificou o curso dos acontecimentos no mundo.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O ALGODOEIRO

O algodoeiro também foi a Osameji no céu para divinação quando estava vindo para o mundo. Naquele tempo, o povo do mundo estava vestindo apenas folhas. Ao algodoeiro foi dito para fazer sacrifício por causa da promessa de ir ao mundo para prover vestuário para a humanidade. Foi dito para fazer sacrifício com um bode para Èṣu adicionando abundância de giz (efun). Por sua vez o algodão era marrom em sua coloração, mas quando produziu filhos na terra, eram envoltos em cabelos brancos (lã) a qual foi alterado por Èṣu com o giz que o algodoeiro fez o sacrifício.

Também foi Èṣu que advertiu a espécie humana para fiar e tecer o algodão em forma de roupas para vestirem ao invés de folhas.

OSAMEJI SE PREPARA PARA VIR AO MUNDO

Quando Osameji descobriu que a maioria das divindades tinha vindo para o mundo, ele decidiu ir e ver o que o lugar tinha de bom. Ele foi a três Awo chamados:
Age eni je, ee mo odun
Ala ra ra ije eemaagbe
Ogbologbo ekutele, Eeje erin ogini ninu ule.

Qualquer coisa que ataca alguém não sabe quando os anos terminam.

Ele que comprou comida cozida para comer não se preocupa em conhecer o fazendeiro que a produziu.

O grande rato doméstico não permite ao gato permanecer em casa.

Osameji foi avisado a fazer sacrifício porque estava indo praticar sua arte de Ifá em meio de feiticeiros. Foi avisado a dar um bode para Èṣu, uma galinha de angola (guine) para seu Ifá e um pombo para sua cabeça. Ele não executou o sacrifício, pois estava com pressa de seguir para o mundo.

Apesar de um dos dezesseis filhos de Ọrunmila que decidiu vir ao mundo, contudo ele não encontrou o caminho a tempo, por causa do bode que ele falhou em dar para Èṣu. Seu anjo guardião não pode guiá-lo porque também não fez o sacrifício para ele. Sua cabeça tão pouco veio em seu auxílio, porque também não ofereceu sacrifício. Por isso ele ficou perambulando no caminho até ele chegar à beira de um rio no céu antes de atravessar para o mundo. Na beira do rio, ele encontrou a mãe das feiticeiras, Iyami Osoronga que tinha estado ali por um longo tempo porque ninguém aceitou ajudá-la a atravessar o rio.

Ela também estava indo ao mundo, mas estava tão fraca para atravessar a pequena frágil ponte sobre o rio. A ponte era chamada de Ponte Ekoko.

Iyami Osoronga implorou-lhe para levá-la através do rio, mas ele explicou que a ponte não comportava dois passageiros ao mesmo tempo. Ela então propôs que ele deveria abrir a sua boca tanto que ela pudesse entrar nela. Ele concordou e ela tomou o espaço dentro de seu estômago.

Quando ele chegou a terra no final da ponte, disse a ela para sair, mas ela se recusou com base em que seu estômago a provia com uma refeição conveniente. Seus problemas com as feiticeiras haviam começado. Quando ela se recusou a desembarcar, ele pensou que poderia blefar dizendo que ela morreria de fome dentro de seu estômago, mas ela disse que não morreria por tanto tempo que ele tivesse fígado, coração e intestinos, porque aqueles eram seus petiscos preferidos.

Ele compreendeu qual problema estava enfrentando, quando a mulher mordeu seu fígado. Então retirou seus instrumentos divinatórios e consultou Ifá para resolver o impasse. Ele foi avisado por Ifá a fazer um sacrifício urgente com uma cabra, um pote de óleo e um pano branco, o qual retiraria rapidamente de seu Akpo minijekun.

Ele rapidamente cozinhou o fígado, coração e intestinos da cabra e disse a Iyami que a comida já estava pronta. Quando ela farejou o aroma convidativo da comida, saiu do seu estômago. Eentretanto lhe disse que era proibido a ela comer sob as vistas de qualquer um. Ele então fez uma tenda com o pano branco e ela foi para baixo da tenda e saboreou a refeição. Quando estava comendo Osameji correu longe e rapidamente procurou um útero para entrar e vir para o mundo.

Tão logo Iyami terminou a refeição, ela procurou Osameji ao redor, mas ele não estava em parte alguma. Ela começou a gritar seu nome Osasa, Osasa,Osasa, que é o lamento das feiticeiras até hoje. Ela ainda está procurando por Osameji até hoje.

O NASCIMENTO DE OSAMEJI

Osameji correu para o útero da primeira mulher que ele cruzou quando estava correndo longe de Iyami Osoronga. Mal sabia ele que estava apenas correndo da frigideira para cair no fogo, porque a mulher que estava para se tornar sua mãe era um membro do culto de Iyami Osoronga.

Ele veio para socorrer o marido cuja esposa tinha completado as preparações para oferecê-lo como sacrifício para as mais velhas da noite.

Quando ele nasceu, chorava até tarde da noite, mas ninguém sabia o que era responsável pelo seu choro noturno. O pai era um homem leigo que não tinha conhecimento do que fazer. Assim que ele chorava a noite os pais precisavam levantar para pacificá-lo. Era apenas a mãe que sabia o segredo do porque a criança estava sempre chorando durante a noite.

A criança costuma chorar para interromper o processo ritual de sacrificar o pai para um banquete no culto das feiticeiras. Aquele procedimento continuou até a criança estar velha o suficiente para falar. Após ele crescer o suficiente para ser capaz de falar, ao invés de apenas chorar durante a noite, ele gritaria a palavra Iyami Osoronga a qual imediatamente acordaria a mãe e ela desta forma se afastaria abruptamente da cerimônia ritual noturna de tentar sacrificar o marido. Isto acostumava a acontecer em um dia particular toda semana.

Numa noite, as feiticeiras pressionaram a mãe para explicar o porque ela costumava deixar seus encontros abruptamente sempre que estavam orando com a cabra (ela costuma transformar o marido em uma cabra, antes de tentar matá-lo, as feiticeiras não matam seres humanos sem primeiro transformá-los em animais). Ela explicou que seu filho coincidentemente costuma gritar o nome de feiticeira mãe (Iyami Osoronga), no momento dos procedimentos. Ela foi instruída a ir com seu filho no próximo encontro o qual era a assembléia geral e dia de banquete. Todas as feiticeiras haviam contribuído com dinheiro para servir suas cabeças aquela noite. Quando o dia chegou, elas serviram as cabeças de todos os seus membros. Quando chegaram onde Osameji estava sentado também serviram sua cabeça, mas ele não comeu da cabra usada para servir suas cabeças porque ele não contribuiu pagando os custos da compra dela, já que não tinha sido iniciado no culto.

Na manhã seguinte ele levantou e foi a seu pai avisá-lo para servir sua cabeça com uma cabra, por causa do sonho que teve. Ele lhe disse para fazê-lo de modo que talvez melhora-se porque ele tinha estado doente por muito tempo. O pai aceitou o conselho do pequeno menino e comprou uma cabra para sua cabeça. Após o sacrifício, Osameji pediu a sua mãe para providenciar um pote de argila aberto e cheio de óleo. Ele juntou as partes da cabra e todas as sobras não comestíveis da carne e colocou-as no pote adicionando óleo e sal tão bem quanto areia do chão (representada hoje pelo iyerosun) ele então foi depositar o pote no incinerador (otitan em Yorùbá e otiku em Bini). Aquele foi o primeiro oferecimento por algum ser humano para as mais velhas da noite e também é como oferendas são feitas a elas até hoje. Após o sacrifício todos foram dormir, mas pela manhã seguinte sua mãe não acordou. Desde então seu pai ficou bem. As coisas começaram a se esclarecer para ele após a morte de sua mãe e por fim disse a seu pai que sua mãe era a responsável por sua indisposição, e narrou como costumava vê-la em seus sonhos.

É por esta razão singular que alguns sacerdotes de Ifá se referem a Osameji como um feiticeiro, mas ele nunca foi. Desde então as pessoas começaram a respeitá-lo. Qualquer um que quisesse servir sua cabeça sempre convidava Osameji para executar o sacrifício para ele ou ela. Ele era capaz de realizar reuniões com as feiticeiras certas do tempo que sua mãe tocou sua cabeça com o bastão o que o tornou possibilitado de acompanhá-la nas reuniões das feiticeiras. Desde então ele foi capaz de se encontrar com elas, mas não podia comer com elas porque não era formalmente iniciado. A

partir desse dia, é possível com o auxílio de preparações similares, para um noviço encontrar-se com feiticeiras, sem ser formalmente iniciado em seu culto.

ÈṢU FINALMENTE RECEBE SEU BODE DE OSAMEJI

Seu primeiro trabalho como sacerdote de Ifá foi auxiliar uma mulher grávida em seu trabalho de parto. Èṣu tinha estado por muito tempo aguardando-o para iniciar seu sacerdócio antes de encontrá-lo para resgatar seu bode. Assim que se tornou um homem, ele se casou como uma jovem, moça bonita que também era uma feiticeira. A casa que vivia era também habitada por feiticeiras. Toda a cidade na qual ele morava era um local infestado de feiticeiras. Èṣu o empurrou ao local como punição por sua estúpida recusa em lhe dar um bode. Quando ele foi à cidade descobriu que todo mundo tinha deixado a cidade em direção a fazenda, de tal forma que ele aguardou durante todo o dia seguinte em que a cidade já estava desolada exceto de uma mulher grávida que estava em trabalho de parto. Sendo a única pessoa ao redor, ele auxiliou a mulher a dar a luz.

Não tendo comido desde o dia anterior ele estava realmente faminto e quando tentou achar alguma coisa na casa para comer, se dirigiu para o depósito de comida aonde inadvertidamente deixou cair um ovo que se quebrou em pedaços. O próximo objeto que ele tocou imediatamente mudou a pigmentação de suas duas mãos para albino branco. Este acontecimento assustou-o tanto que ele correu para a floresta.

Quando os habitantes da cidade retornaram da fazenda a recém mulher parida lhes contou do visitante que veio a cidade. Assim que eles ouviram sobre sua chegada, começaram a procurá-lo, pois estavam certos de transformar a próxima vítima sacrificial no culto das feiticeiras. Neste meio tempo, ele encontrou um caçador na floresta que lhe disse que a cidade de que veio estava totalmente habitada por feiticeiras. Ele também lhe disse que o povo estava o procurando naquele instante e que sua vida estava em perigo. Para se desviar do perigo, foi solicitado a dar um bode a Èṣu imediatamente.

Ele então providenciou um bode de sua bolsa divinatória e deu-o a Èṣu. Após sacrificar o bode, o caçador pegou folhas da floresta e lavou a cabeça de Osameji com elas. Osameji não sabia da onde o homem pegou água e nem o pote com o qual lavava as folhas. Então compreendeu que Èṣu havia provavelmente se transfigurado no caçador. O caçador lavou a suas mãos com a substância bem como todo seu corpo. Imediatamente suas mãos recuperaram a sua pigmentação normal.

Neste meio tempo, a criança recém parida que falou do dia em que nasceu, narrou como Osameji veio à cidade e como a cor de suas mãos mudou. Com aquela marca de identificação todo o povo achava que seria fácil prendê-lo assim que o capturassem, mas após o banho que o caçador lhe deu, seu corpo inteiro começou a escurecer tanto quanto antes.

Quando ele tentou escapar da área, Èṣu lhe disse para não se esconder porque era necessário desmentir a informação dada sobre ele ao povo, pela criança recém nascida, com medo que as feiticeiras perseguissem-no aonde quer que fosse até que o matassem. Èṣu enfatizou que ele já era um alvo e que uma vez que as feiticeiras marcavam alguém para a execução, não havia escapatória, exceto através de cheque-mate e sacrifício. Com o que ele concordou e seguiu Èsù para a cidade.

Quando chegou à cidade, a mulher identificou como o homem que quebrou o ovo e poluiu seu remédio. Quando elas o questionaram, ele negou. Elas avisaram-no para mostrar suas duas mãos as quais tinham dito que haviam se tornado brancas do remédio que ele tocou. Elas descobriram que as suas duas mãos tinham a mesma cor do resto do seu corpo, tão negras quanto o carvão. O povo

então se voltou para a mulher para ela explicar como sabia que era o estrangeiro quem cometeu a ofensa e ela revelou que foi seu filho mais velho que disse.

Já que ficou claro que a mulher havia mentido, acusaram-na de ingratidão grosseira por tentar destruir o homem que veio auxiliá-la no esforço de conseguir dar a luz em tempo, quando ninguém estava em casa. As mais velhas rapidamente modificaram o veredicto de morte pela execução da mulher e seu filho. Osameji suplicou em vão para poupar a vida dos dois, mas elas disseram para não desperdiçar suas palavras, porque nada havia como perdoá-las em sua própria tradição. A mãe e a criança foram executadas porque é proibido sob pena de morte para alguém mentir na cidade.

Para agradecer Osameji pela assistência que prestou em sua ausência, ela recompensaram-no com presentes compostos por um homem, uma mulher e uma cabra, todos feiticeiros. Chegando em casa ele ofereceu a cabra para Ifá e deu outro bode para Èṣu para expressar sua gratidão por ter vindo em seu socorro no momento crítico. Ele então fez um banquete em louvor a Ọrúnmìlá.

AS FEITICEIRAS DESCOBREM A VERDADE

Durante o encontro seguinte das feiticeiras elas descobriram que foi Èṣu quem auxiliou Osameji a falsificar os acontecimentos da história que lhes foi dada pela mulher e pela criança executadas, e então decidiram que Osameji deveria morrer antes do final daquele ano. Ele viu em seu sonho e decidiu convocar os seguintes Awo para divinação:
Ajibola ni sawo ki maaki, meeki
Opolo mi ko yongidi le wa
Akidan mi Ata mode
Ojo ko ba mu ni run, Oni moni dede.

Quando consultaram Ifá para ele, seu Odu surgiu. Eles lhe disseram que a morte estava por acontecer antes que aquele ano acabasse e que nada poderia ser feito para pará-lo. Após estas más notícias, ele ficou sozinho e começou a chorar. Quando a esposa viu que o fim do seu marido estava por vir, ela empacotou seus pertences e partiu.

Chegando ao mercado ela encontrou dois sacerdotes chamados Oleu ken bi aja e olurin kurin oma erukunse soro soro. Eles a questionaram se por acaso não seria a esposa de Osameji e ela confirmou, mas adicionou que as feiticeiras haviam lançado uma sentença de morte sobre seu marido e que havia sido confirmado na divinação que ele morreria antes que o ano acabasse, e que era por conta da irreversibilidade da situação que ela estava partindo.

Eles a persuadiram a retornar com eles para sua a casa e garantiram a ela que estavam convencidos que haveria de ter um remédio porque Ọrúnmìlá não se rende às impossibilidades. Eles ainda encontraram Ọsameji chorando com seus olhos baixos. Quando lhes contou o Odu que surgiu, eles perguntaram se ele estava chorando porque o significado dele era aquele, e que era o ano em que prosperidade estava vindo em seu caminho, se ele pudesse fazer o sacrifício necessário. Eles lhe disseram que ele teria um novo filho naquele ano, construiria sua própria casa e teria dinheiro plenamente, se ele pudesse dar:
I) Bode para Èṣu;
II) Porco para Ifá e
III) Pombo para Olokún.

Ele rapidamente comprou as coisas e eles o auxiliaram a fazer o sacrifício. Ele indenizou os visitantes e eles partiram da casa.

E no final daquele mês sua esposa perdeu sua menstruação e ficou grávida. Não muito tempo depois sua popularidade aumentou muito e seu trabalho se tornou muito próspero e dinheiro veio a ele de todas as direções. Tão logo sentiu que tinha dinheiro suficiente, ele comprou sua própria casa.

Após completar sua casa, sua esposa deu à luz. Ele adentrou o novo ano com opulência e contentamentos sem precedentes.

Para expressar sua gratidão aos divinadores que lhe trouxeram a prosperidade, ele deu um porco e uma cabra a ifa, e um bode a Èṣu e um galo e um pombo para Olokún. Para o banquete ele convocou os dois pares de Awo que lhe fizeram divinação e após a vitória e comemoração, ele cantou em louvor aos Awo e divindades e todos se alegraram por ele sobreviver a suas dificuldades.

OSAMEJI FAZ DIVINÇÃO PARA OS DEZESSEIS OBA

Ofuu fuu Lere Oodo giri, odule alara Isa omo ojibolu. Owole saka saka, Owole soko soko.
O Peregrino Onipresente, ou vento, que faz o que ele gosta e entende o que ele faz, era o nome de Osameji.

Ele foi ao palácio do Alara, Oba muito poderoso que era famoso por destruir Awo famosos à vontade. Ele contou a Alara que Morte havia completado as preparações para sepultar alguém em sua casa e que aquele fato estava selado para ele, o Alara, porque as mais velhas da noite haviam-no levado a julgamento e o condenado a morte e que nada poderia salvá-lo, exceto o sacrifício com uma cabra, uma galinha, um coelho e o talo de uma banana da terra. Alara Isa se recusou a encarar o jovem Awo com seriedade. Vendo que o aviso foi ignorado, Osameji deixou o palácio.

Ele também foi a Ajero, Olowo de Owo, o Illa de Orangun, o Owa Obokun de Ijesa, o Ewi de Ado Ajuwaleke e o restante dos dezesseis Oba do mundo conhecidos naquele tempo. Um após o outro, todos o ignoraram. Eles não sabiam muito a respeito das feiticeiras e sua influência sobre o mundo e assim não sabiam que crédito e peso dar ao aviso de Osameji. Ele se sentiu sob obrigação divina de alertar os Oba de sua morte iminente, fazendo sua parte. Então retornou para casa e ao chegar também foi até dois Awo para divinação e foi dito que Morte também estava em seu caminho e que a sepultura tinha sido preparada pelas mais velhas da noite em sua casa. Ele também foi avisado a fazer sacrifício com uma cabra, uma galinha, um coelho e o talo de uma banana da terra preparada como um caixão. Ele rapidamente fez o sacrifício.

Um mês depois a morte repentina do Alara Isa foi anunciada e um após outro, todos os dezesseis Oba que ele tinha advertido, se juntaram aos seus ancestrais. Quando os representantes da noite que estavam consumindo os Oba, chegaram até a casa de Osameji, viram que ele havia construído fortificações ao seu redor e deixaram-no ileso. Eles se regalaram com o banquete que ele havia preparado por intermédio do sacrifício feito, mas já que eles tinham feito uma sepultura em sua casa, enterraram o crânio da cabra e o caixão do caule da banana da terra em cima dele, e deixaram sua casa. Ele viveu até a idade avançada.

OSAMEJI É ACUSADO DE SER UM FEITICEIRO

Numa noite, ele sonhou que foi chamado a juízo perante a conferência das divindades e acusado de uma ofensa secreta. Na manhã seguinte ele foi até um Awo chamado Asare Lo, Awa Ajoyo, para

divinação. Foi avisado a fazer sacrifício com um carneiro, dez caracóis, um coelho e um peixe para Ifá, a fim de que talvez alguém não levantasse uma falsa acusação contra ele. Ele fez o sacrifício.

Neste meio tempo houve confusão entre os dezesseis Olodus de Ọrúnmìlá quando Orongun-Meji acusou Osameji de ser o feiticeiro que estava matando os filhos Eji-Elemere. A acusação criou tanto furor que os dezesseis Olodus convocaram uma conferência para solucionar a questão. Eles descobriram que os filhos de Eji-Elemere estavam sendo mortos por suas esposas. Osameji foi então inocentado e Orangun-Meji foi avisado a se desculpar por mentir contra ele.

OSAMEJI DESCOBRE A CAUSA DOS SEUS PROBLEMAS

Ele estava ficando preocupado porque estava justamente solucionando um problema após o outro. Ele foi a um Awo chamado Esi Saara, Esi Jasan, que o avisou a dar um bode a Èṣu e um porco para Ifá e oito ovos e um bode castrado para as mais velhas da noite. Ele fez o sacrifício.

Logo após o sacrifício, sua esposa mais velha sentiu uma palma em sua face e começou a confessar como estava fomentando um problema após o outro para ele por meio de feitiçaria. A mulher confessou tudo que ela havia feito e prometeu que daí em diante ele não iria ter mais problemas e que desfrutaria felicidade perpétua por todo o resto de sua vida. A mulher então lhe implorou por perdão e ele a atendeu. Depois disso, Osameji não teve mais problemas com feiticeiras.

OSAMEJI FINALMENTE AJUSTA SUAS CONTAS COM A FEITIÇARIA COM UM CONVÊNIO

Ele foi o único que as trouxe ao mundo e que as salvou da extinção total da face da terra. O caso a princípio diz respeito a Orísa N'Lá que, como representante do próprio Deus na terra, era o chefe das divindades, inclusive a comunidade feiticeira.

Orísa tinha dois lagos ao redor de sua casa. Um deles costumava secar durante a estação seca enquanto que o outro provia suprimento de água por todo o ano. Os dois lagos eram usados normalmente por tudo e todos. Mas as esposas de Orísa estavam gracejando dele por permitir feiticeiras, entre outros, a fazerem uso do seu lago. Ele reagiu fazendo do lago permanente exclusivo para o uso de sua família, neste meio tempo permitindo as feiticeiras a usarem aquele que secava na estação seca.

Tendo conhecimento que seu lago não poderia provê-las com água durante a estação quente, as feiticeiras foram à divinação em que fazer para garantir suprimento de água por todo ano em seu lago. Foram avisadas a dar um bode para Èṣu, que após comer, mergulhou no lago exclusivo de Orísa N'Lá, removeu a pedra com a qual o manancial do lago era represada e transferiu-a para o lago das feiticeiras. O efeito da pedra foi impedir a água de escoar solo adentro. Garantido que seu lago já não mais secaria, elas designaram dois pássaros para guardá-lo contra intrusos. Os pássaros eram chamados Ikaare (Akpalakperam em Bini) e Otuutu (Emrimohi em Bini).

Quando chegou a estação seca o lago de Orísa N'Lá rapidamente secou, enquanto que o das feiticeiras permaneceu cheio de água. As feiticeiras deram aos dois pássaros o sinal de chamada para alertá-las se algum intruso viesse para apanhar água de seu lago. Quando os familiares de Orísa N'lá ficaram sem água, foram ao lago das feiticeiras. Os pássaros os permitiu coletar água mas as esposas também foram ao lago para tomar seus banhos. Foi neste momento que os pássaros começaram a dar seus sinais de chamado para suas líderes.

Ikaare foi o primeiro a anunciar “Aya Orísa weeee” e Otuutu gritou “Aya Orísa ponmi tu tu tu tu “. Com o que, as intrusas compreenderam que havia guardas vigiando o lago. Elas rapidamente deram meia volta e correram para casa.

Quando as feiticeiras vieram perguntaram aos guardas quem eram os intrusos e eles responderam que eram membros da família de Orísa N’Lá. Elas juraram punir Orísa N’Lá por infringir a proclamação que ele mesmo fez, por permitir sua família de usar o lago.
As feiticeiras avançaram cantando:
Eni Asoro, omo eronk aafobo oniyan,
To Orísa Taayare, Aarije, Aarimu.
Pandemônio é permitir perder hoje
Todos os pássaros da floresta irão falar como seres humanos.
Nós devoraremos Orísa N’Lá suas esposas neste dia.

Quando Orísa N’Lá ouviu a canção de guerra das feiticeiras à distância, fugiu da sua casa para tomar refúgio com Ògún. Ògún ficou preparado para fazer a guerra com os invasores e sentou-se de fronte a sua casa aguardando a chegada das feiticeiras. Assim que elas chegaram no portão de Ògún, ele arremessou seu fósforo e lançou faíscas de fogo. Mas elas engoliram Ògún com seus instrumentos ígneos e Orísa N’Lá escapou pela porta dos fundos. Ele tomou refúgio no palácio de Ṣàngó e o mesmo fato aconteceu a ele. Orísa N’Lá correu para a casa de todas as outras divindades mas todos elas foram engolidas pelas feiticeiras invasoras.

Orísa N’Lá por fim correu para a casa de Ọrúnmìlá e ele preparou um esconderijo em seu altar para escondê-lo. Ele fez Orísa N’Lá se esconder sobre o altar e cobriu-o com sua cabeça se projetando através do pano branco. Este é hoje a importância para a elevação que se projeta sobre a cobertura branca no altar de Ọrúnmìlá. È chamada de Oríte.

Osameji então retirou sua tábua divinatória (Akpako) e preparou seu pó divinatório e marcou seu próprio Ifá e com Uroke, ele soprou-o sobre sua casa bradando Ero, Ero, Ero, (que está em paz, paz, paz): Quando as feiticeiras alcançaram a encruzilhada fechada para sua casa perderam seu rumo e ficaram confusas. Mas enviaram seus dois batedores para orientar o seu avanço para aonde quer que Orísa N’Lá estivesse. Os dois batedores encontraram Ọrúnmìlá frente a sua casa e disseram que eles haviam seguido os passos de Orísa N’Lá até sua casa. Ele confirmou que ele de fato estava guardando-o, mas apelou a eles que ele já estava tão pálido e sem vida que se o matassem naquelas condições, não haveria carne nele. Ele os convenceu a darem sete dias para engordá-lo antes de o matarem. Ele então se ofereceu para partilhar da carne de Orísa N’Lá.

Ele falou para eles um encantamento o qual é proibido ser mencionado ou falado porque invoca devastação. O resumo é que ele conjurou-os para aceitarem qualquer explicação que ele desse por ocultar Orísa N’Lá. Sob a influência do encantamento eles concordaram e retornaram para a base.

Na manhã seguinte Osameji fez divinação e ele foi avisado a dar uma galinha branca para Ifá e um bode para Èsu. Ele rapidamente fez sabendo que as feiticeiras encurtariam o compromisso de seguir-se dias e noites. Ele também foi avisado a preparar um banquete com coelhos para as feiticeiras e preparar vinho de palma envenenado com Iyerosun e o encantamento sobre o qual não poderia ser mencionado.

Ele também preparou uma área cercada à frente da sua casa e colocou um tipo de goma adesiva, chamada Aare em Yoruba, e Uho em Bini, para besuntar a cerca. Ele preparou dezesseis assentos de madeira, também besuntados com a goma, e colocou-os dentro do cercado.

O dia marcado chegou e Osameji preparou o banquete colocando a comida e bebida dentro do cercado. Tão logo as feiticeiras chegaram, tomaram seus assentos e começaram a comer e beber. Após comerem e beberem disseram a Osameji para entregar Orişa N'Lá e antes que ele pudesse dar uma resposta uma delas avistou Orişa N'Lá dentro do altar de Ọrúnmìlá donde ele surgiu para ver os invasores. Aquela que o viu gritou que Orişa N'Lá estava sob o altar de Ọrúnmìlá. Quando elas se moveram para atacar, Èşu havia colado-as firmemente em seus assentos e elas estavam impossibilitadas. Quando tentaram rolar os assentos a cola na cerca deteve suas asas. Elas estavam totalmente dominadas.

Neste ponto, Osameji deu sua faca de Ifá (Aza) para Orişa N'Lá e ele fixou-a no Uroke e eles começaram a destruir as feiticeiras uma após a outra. Quando haviam destruído todas, elas deram o sinal de rendição. Eles não sabiam que uma delas deu um jeito para se esconder sob o altar de Ọrúnmìlá, o mesmo lugar aonde Orişa N'Lá tinha se escondido antes do ataque.

Enquanto eles estavam matando-as eles estavam cantando:

"Ota mi po yee
Okon kon nu uku saan paa yeye."

Meus atacantes são muitos.
Eu os matarei um após o outro.

Quando Orişa avistou que uma estava escondida sob o altar de Ọrúnmìlá, ele quis matá-la da mesma forma, mas Osameji impediu-o, pois ele não poderia destruir nada colocado sob seu altar de Ifá da mesma forma que sua vida (Orişa N'Lá) foi poupada sob o mesmo altar.

Eles então retiraram a feiticeira que era uma mulher e removeram a cola de seu corpo. Quando eles examinaram-na atentamente descobriram que ela estava grávida. Osameji então comentou que era proibido matar intencionalmente uma mulher grávida. Em Bini se diz: "Aigbozi gbeken".

Orişa N'Lá insistiu que se era permitido a mulher sobreviver, ela daria origem a mais feiticeiras que tentariam destruir o mundo como a primeira geração de feiticeiras tentou. Acredita-se decididamente que se aquela mulher tivesse sido morta naquela noite, teria significado o fim da genealogia (criação) da feitiçaria na face da terra. Orişa N'Lá contudo sugeriu que ela seria obrigada a tomar um juramento de não destruir pessoas inocentes na terra.

Osameji então propôs a Orişa N'Lá que o solo (Ile) era a única divindade com capacidade para destruir as feiticeiras se elas se comportassem mal, visto que o solo é a única força que supervisiona todas as outras forças e ações terrestres. Ele cavou um buraco no chão e preencheu-o com todos os tipos de alimentos comestíveis com obi colocado no topo delas. Eles então fizeram-na jurar ao chão (Ile) matá-la ou a qualquer um de seus filhos de geração a geração se elas em alguma ocasião matassem algum dos filhos seus ou de Ọrúnmìlá sem uma causa justa. Ela fez o juramento e comeu o obi no topo do monte.

Contudo ela lhes pediu para deixá-la saber como iria comer se não podia matar nenhum dos filhos de Deus ou de Ọrúnmìlá. Orişa N'Lá replicou que se ele ou algum de seus filhos as ofendesse ou suas coisas fossem retiradas delas, ele pagaria pela ofensa matando um animal, seja um carneiro, uma cabra, ave, etc e derramaria o sangue do lado de fora da casa. Aquele é o sinal que as oferendas haviam pago a ela pelas ofensas cometida. Elas então deixaram no sozinho. Este é o significado da Sarah com que os filhos de Deus fazem até hoje. É o sinal que a oferenda é de um filho de Deus e as feiticeiras irão aceitá-la e garantir os pedidos do ofertante.

Por outro lado Osameji disse que se ela visse alguma comida preparada em um pote e depositada na encruzilhada, na beirada estrada ou no topo de um incinerador, ela deverá saber que é de um filho de Ọrúnmìlá e deverá aceitar a comida e deixar o ofertante sozinho. Este é o Etutu (Izobo em Bini) que Ọrúnmìlá freqüentemente adverte os seus seguidores a fazer de noite quando estão com problemas com as feiticeiras. Este é o motivo porque o Iyerosun marcando Osameji é freqüentemente traçado na tábua de divinação quando oferendas são feitas para a noite.

O encantamento, que não pode ser mencionado aqui, e que os sacerdotes de Ifá repetem quando estão fazendo uma oferenda para a noite, é para fazê-los se lembrar que as oferendas pertencem a Ọrúnmìlá e que devem se lembrar do juramento que ministraram a sua mãe naquele dia fatídico.

O significado destas revelações é que nenhuma outra divindade é capaz de resistir às feiticeiras quando elas decidem atacar. Elas podem subjugar todos eles, com exceção de Deus e Ọrúnmìlá, por causa do jeito que eles as manipularam naquela noite fatídica. Alguém que acredita que encantos e outros preparados diabólicos podem subjugar a feitiçaria está apenas se iludindo, a menos que elas quebrem contrato que sua mãe registrou naquela noite e que salvou-as da extinção total.

CAPÍTULO XXIII - ETURA-MEJI

I I
I I I I
I I
I I

Lahila Ilala hu. Este é o signo chamado Otumeji, porque ele é o único no céu que fez divinação para Baba Imole, antes de deixar o céu para este mundo. Ele foi para divinação com Otumeji que no céu era chamado Eni Baba Iaaba.

Eni a ba la aba, Eeni abaa laaba,
Eni aba la baa lanpe ni baba, adifa fun Imole
Abewu gereje tiojokosi ibikon tio maakere aye je.

Significando:
A pessoa que você encontra uma vez encontra de novo, e encontra depois como um velho na cidade, é chamado um homem velho. Que era o nome do Awo (Otumeji) que fez divinação para a cabeça dos Imoles para possibilitá-las herdar a prosperidade da terra com o mínimo de esforço, de uma posição sedentária.Baba Imole, foi avisado a fazer sacrifício com quatro galinhas, quatro galos, quatro pombos e quatro caracóis, e ele fez o sacrifício.

Quando ele chegou ao mundo, combateu por um longo tempo antes que ele fosse capaz de realizar o seu destino, mas quando por fim encontrou Otumeji novamente na terra, fez o mesmo sacrifício para ele em uma gruta e lhe disse que seu rebanho iria se multiplicar, mas que a recompensa de seu sacrifício seria colhida pelos seus descendentes e seguidores. Ele foi avisado que dinheiro viria sempre com muito pouco ou nenhum esforço. Aqueles que querem conhecer a verdade sobre Deus sempre chega até ele por uma mensagem.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O AMENDOIM

Quando amendoim estava vindo para o mundo, foi Otumeji, quem fez divinação para ela. Amendoim estava ansiosa para ter muitos filhos na terra a fim de que sua família talvez gozasse de eterna popularidade. Mas ela foi recomendada a fazer sacrifício para que após ter muitos filhos, seus irmãos e irmãs não se voltassem para destruí-los.Ela foi avisada a servir Ifá com um carneiro e Èṣu com um bode. Ela se recusou a fazê-lo, e partiu para o mundo.

Chegando ao mundo, ela foi realmente muito produtiva porque tinha muitos filhos ao mesmo tempo. Nesse meio tempo, Èṣu informou o coelho que havia também tido seus filhos e estava procurando por comida com que alimentá-los, e que amendoim havia tido filhos, mas escondeu seus jovens no subsolo. Èṣu também atraiu a atenção do ouriço (ekun em Yoruba ou Orere em Bini) para o valor nutritivo dos filhos de amendoim. Seguindo o conselho de Èṣu todos eles começaram a comer os filhos de amendoim. Quando ela descobriu que estava ficando sem filhos, foi até um Awo chamado Jemi Sudi para divinação. O Awo também a avisou para servir Ifá com um carneiro e Èṣu com um bode. Após os sacrifícios, Èṣu foi ao fazendeiro adverti-lo para colocar armadilhas ao redor de sua fazenda a fim de capturar os animais intrusos que estavam devastando sua fazenda. O fazendeiro de acordo cercou sua fazenda com armadilhas as quais capturaram muitos dos animais intrusos. Quando os animais viram que amendoim havia sido efetivamente fortificado, desistiram da fazenda, e o amendoim e seus filhos foram deixados para desenvolver-se e sobreviver para se tornarem um rentável produto agrícola para a humanidade. As sementes de amendoim também sobreviveram para manter sua geração florescendo até hoje. Depois amendoim foi agradecer Ọrúnmìlá por auxiliá-la a sobreviver ao ataque violento de seus parentes.

FEZ DIVINAÇÃO PARA O HOMEM BRANCO QUANDO ELE ESTAVA ANSIOSO PARA SABER COMO PRODUZIR UM SER HUMANO VIVO

O trabalho mais importante feito no céu por Otumeji é a revelação de como o homem branco tentou aprender de Deus como produzir um ser humano. O homem branco havia se tornado de tal maneira evoluído na terra no campo das invenções que ele pensou que deveria coroar seus feitos indo até Deus para aprender dele como produzir um ser humano. Quando chegou no céu, consultou um Awo chamado Ayegbe kooshe gbere gede, “Nenhum espelho pode ser amplo o suficiente para ver o comprimento de um ano inteiro”. Kafiriron kadun (loon difa fun oyibo tooma ko ushe ona omo lowo Orísa). O homem branco foi avisado a dar um bode para Èṣu, mas ele se recusou a fazê-lo porque não acreditava em fazer sacrifícios fetiches.

Sem fazer o sacrifício ele foi até o palácio de Deus e pediu para ser ensinado como produzir um ser humano. Já que Deus nunca recusa nenhum pedido feito a ele, avisou o homem branco para ir buscar lama para o trabalho, o que ele fez. Deus tinha um espelho grande em sua oficina com o qual ele observava até quando dar forma em algum objeto. Ele examinou o reflexo do objeto do espelho e aprovou-o como perfeito antes de confirmá-lo como estando em ponto de existir.

Com a lama trazida pelo homem branco, Ele moldou a imagem de um ser humano e o homem branco observou-o. Após moldar a imagem, Deus deixou-o para secar e neste meio tempo foi para sua câmara interna para atender a outros pedidos.

Assim que Deus saiu, Èṣu veio até a oficina na forma de um policial celeste e perguntou ao homem branco se ele não poderia replicar a imagem preparada por Deus. O visitante confirmou que ele podia. Èṣu então lhe disse para ir para casa com a imagem, porque ela falaria depois de seca.

Com aquela parte do aviso enganoso, o homem branco partiu com a imagem humana. Entretanto quando chegou em casa à imagem não podia falar depois de seca. Este é o porque o homem branco é incapaz de moldar alguma imagem falante até hoje. Foi por conta do sacrifício que o homem branco se recusou a fazer. Quando Otumeji surge na divinação para alguém ansioso para fazer alguma coisa, ele deverá ser avisado para exercitar muita paciência a fim de que talvez possa pegar a base da questão.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA A SINCERIDADE E PARA A FALSIDADE

Com o seguinte poema ele advertiu a Sinceridade e a Falsidade no céu quando elas estavam discutindo;

Oso gegege – obeke
Odewu gereje gereje, ofi iboka mole
Eni toba yole da ohun were were
Aamayo Oluware she.

Eu arremesso um projétil;
E ele acerta um trapaceiro;
Que fez um longo traje;
Para ocultar sua traição.
Quem quer que se esconda para praticar;
Perversidades contra os outros;
Terá o mal envolvendo-o abertamente.

Sinceridade e Falsidade estavam discutindo entre si. Sinceridade argumentava que ele era mais poderoso que Falsidade. Por outro lado Falsidade argumentava que ele era mais forte que Sinceridade.

Otumeji avisou-os que o poder de Falsidade é passageiro e efêmero e que Sinceridade, apesar de vagarosa e frágil, vence Falsidade no final. Ele então cantou:

Lojokon, Lojokon;
Alekpo sika Lojokon;

Não importa como maldade é poderosa;
Justiça sobrepuja a maldade no final.

OTUMEJI PARTE DO CÉU PARA A TERRA

Havia dois amigos no céu que concordaram em partir para a terra ao mesmo tempo. Orí Ala (que era chamado de Otumeji na terra) e Orí Atosi. Eles foram à divinação com dois Awo chamados Odogbo kon Areyi e Odogbo kon Oro orun. Eles foram avisados a fazer sacrifício com um carneiro para cada um de seus anjos guardiões. O carneiro era para ser usado para banquetear as divindades.

Eles também foram avisados a fazer sacrifício com um bode para Èṣu, incluindo um cutelo e mingau (Ogiri). Orí Ala fez o sacrifício, mas Orí Atosi se recusou a fazer qualquer sacrifício. Ele insistiu que assim que Deus desse permissão para alguém ir para o mundo, ele seria um desperdício

de valoroso dinheiro e esforços para fazer algum sacrifício adicional para as divindades mais baixas. Ambos partiram para o mundo.

Depois que cresceram na terra, voltaram a ser amigos íntimos. Suas profissões era catar lenha para vender. Certo dia, Otumeji insistiu que ambos deveriam ir a divinação para descobrir como prosperar em seu comércio. Seu amigo, que era chamado Alaroye na terra, argumentou que era uma ação inútil desperdiçar valoroso dinheiro, que eles ganharam da venda da madeira, na divinação. Eles foram até um Awo chamado Peremu sheke para divinação. Otumeji juntou todas as suas economias que totalizavam 65k e arrastou seu amigo para acompanhá-lo para a divinação. Cada um deles tinha um instrumento (matchet) com o qual apanhavam lenha no mato e um galo para acordá-los de manhã para se prepararem para suas tarefas diárias.

Na divinação, cada um deles foi avisado a fazer sacrifício com um cutelo, um galo, e uma roupa na qual ele viajou para o mato. Alaroye brincou que o Awo queria privá-los de seus únicos pertences e insistiu que ele nunca faria tal sacrifício de auto privação.

Quando Otumeji chegou em casa, decidiu que retornaria ao Awo para fazer o sacrifício. Ele pegou seu cutelo, seu único e favorito galo e o traje (Etalubo em Bini e Bamte em Yorùbá) restando apenas sua respiração nele. Ele também foi com todo o dinheiro guardado com ele em casa.

Ele também foi avisado a adicionar a almofada que ele costumava carregar a lenha da floresta para o mercado.

O Awo fez o sacrifício queimando a almofada e a roupa e deixou o cutelo no altar de Èşu. Através de um encantamento, o Awo contou para Èşu que Otumeji tinha feito o sacrifício com todos os instrumentos com os quais ele seguia a vocação que ia contra o seu destino e implorou a Èşu para preparar seus pés para trilhar no caminho certo de seu destino. Ele então sacrificou o galo no altar de Èşu. Depois do sacrifício, Otumeji foi para casa com as mãos vazias, sem a menor idéia do que fazer em seguida.

Na manhã seguinte, Alaroye veio até ele para o dia de rotina na floresta de catar madeira. Quando eles chegaram ao mato, Otumeji coletou madeira com as suas mãos porque não tinha cutelo para usar. Seu amigo catou mais madeira com o cutelo que ele recusou a usar para o sacrifício.

Foi momento de pegar a corda com a qual amarrar sua madeira. Ele pediu ao seu amigo para emprestar seu cutelo para aquele propósito, mas Alaroye recusou-se a auxiliá-lo, com base em que se não tinha seu próprio cutelo, ele não teria que emprestar. Seu amigo concluiu sua própria tarefa e partiu para casa, deixando Otumeji para "assar em seu próprio sumo".

Depois que seu amigo deixou-o, ele usou seus dentes para cortar a corda para amarrar sua lenha. Quando estava cortando a corda com seus dentes, ele viu uma tartaruga gigante, arrebatou-a, e usou a corda para amarrá-la. Ele então foi catar outra corda com a qual amarrar sua madeira. Quando ele conseguiu a segunda corda, viu ainda outra tartaruga e novamente amarrou-a. Ele amarrou a primeira tartaruga no meio de seu fardo de madeira e amarou a segunda tartaruga no topo da bagagem. Ele então carregou a lenha para casa com uma tartaruga claramente visível no topo da bagagem, enquanto a outra tartaruga estava oculta dentro do feixe de lenha. No momento que partiu para casa, já estava escuro e ele estava muito faminto.

De volta ao céu, a filha de Olokún, a divindade da água, estava tendo um parto difícil e tinha sido avisado que eles precisavam de uma tartaruga para fazer sacrifício a fim dela ter um parto seguro. Olokún havia enviado uma pequena missão ao mercado de oja ajigbomekon para pegar uma

tartaruga a todo custo. Aquele mercado era freqüentado pelos habitantes do céu e da terra. Ao mesmo tempo, a esposa do Ala, a divindade da prosperidade, também estava doente no céu e a ponto de morrer. Ala foi avisado na divinação a fazer sacrifício com uma tartaruga para que talvez sua esposa ficasse bem. Ele também tinha enviado mensageiros ao mercado para pegarem uma tartaruga a todo custo. Os mensageiros celestes tinham rastreado o mercado inteiro durante todo o dia para comprar alguma tartaruga disponível, mas não puderam pegar nenhuma para comprar.

Quando eles retornaram ao céu para informar o fracasso da missão, apelaram a Deus por sua assistência divina, quem enviou o policial celeste para tomar posição na fronteira entre o céu e a terra e localizar algum local aonde existissem tartarugas. Neste meio tempo, Èşu tinha causado todas as tartarugas vivas a se enterrarem no subsolo e todas foram obscurecidas na invisibilidade.

Foi naquele ponto que Otumeji estava retornando do mato com uma tartaruga no topo de seu fardo de lenha. Da posição que eles ocuparam, os policiais celestes viram Otumeji indo para casa com uma tartaruga. Eles cobriram a distância e sem tempo abordaram Otumeji e se ofereceram para comprar a tartaruga. A barganha pela tartaruga então começou e havia atingido um ponto que eles estavam preparados a pagar 200 homens, 200 mulheres, 200 sacolas de dinheiro, 200 trouxas de roupas, 200 alqueires de contas, 200 cabras, 200 carneiros, 200 vacas, etc., quando Èşu surgiu na forma de um caçador neutro. Ele avisou aos mensageiros celestes para retornarem para casa para trazerem a recompensa ofertada a fim de que talvez persuadisse o vendedor a concordar.

Os representantes de Olokún foram os primeiros a retornar e lhes foi dada à primeira tartaruga em troca das recompensas que eles trouxeram. Èşu então perguntou a Otumeji se ele tinha outra tartaruga para vender e ele respondeu que tinha deixado uma dentro de seu fardo de lenha. Assim que os representantes de Olokún partiram, Èşu recomendou-o para ocultar seus presentes em uma cabana próxima. Depois disso eles tomaram posição para aguardar a chegada dos representantes de Ala. Logo em seguida os representantes de Ala chegaram com sua recompensa as quais eles de bom grado e rapidamente pagaram e coletaram a segunda tartaruga, se alegrando porque haviam vencido os representantes de Olokún. Com a partida dos mensageiros celestes, Otumeji levou todas as suas coisas para a cabana e os humanos cativos foram rapidamente colocados para construir uma residência para seu novo mestre. Todavia, Èşu alertou-o a ir e vender sua lenha e se alimentasse com o que proviesse disso. Ele vendeu a por 65k e Èşu lhe disse para utilizar o dinheiro para comprar sua comida do dia a dia para comer. Aquele foi à última de sua lenha comercializada.

Sua vida foi imediatamente transformada de penúria para fartura e ele se tornou facilmente o homem mais rico das redondezas. Ele agora tinha um novo estabelecimento para si com muitas esposas, servos e comerciantes sob seus chamados e ordens.

Um dia, seu amigo compreendeu que não tinha visto Otumeji no mato por muito tempo. Decidiu ir e procurar por ele. Chegou ao seu portão com sua almofada e cutelo e sentiu o ar da prosperidade por toda à volta, com muitas construções pontilhando todo o estabelecimento. Ele estava confuso. Sua primeira reação quando não viu o costumeiro caçador Otumeji foi pensar que ele provavelmente havia sido desapropriado pelos ricos ocupantes. Quando estava caminhando ao redor, o porteiro interceptou-o, e ele explicou que estava procurando por seu sócio, Otumeji. Por ousar mencionar o nome de seu Lord, o porteiro começou a bater nele. Ele entretanto insistiu que o homem era seu amigo e eles levaram-no para dentro para encontrar seu mestre.

Quando ele viu Otumeji, não pode reconhecê-lo. Contudo ele insistiu que estava procurando por seu amigo, com quem costumava comercializar lenha. Otumeji perguntou-lhe se ele reconheceria o homem se o visse. Com o que Otumeji começou a verter lágrimas e se identificou. Ele revelou que foi o dia que ele abandonou-o na floresta após se recusar a emprestar-lhe para usar seu cutelo que

ele descobriu sua recém-descoberta fortuna. Otumeji recordou-lhe que sua prosperidade era proveniente do sacrifício que ele fez. Ele também perguntou-lhe se estava pronto para fazer seu próprio sacrifício e ele respondeu afirmativamente mas se aborreceu porque ele não tinha dinheiro.

Naquele estágio, Otumeji lhe deu dinheiro com que fazer seu sacrifício e apanhou cinco homens, cinco mulheres, cinco cabras, cinco sacolas de dinheiro, etc., para agradecer ao Awo que fez divinação e o sacrifício para ele e implorou-lhe para fazer o sacrifício atrasado de seu amigo. Ele também deu cinco bodes para Èşu para agradecer-lhe pela assistência que ele lhe prestou.

Após o sacrifício, Otumeji levou-o para lhe dar uma casa. E morar com seu próprio séqüito de seguidores. Ambos viveram juntos e prosperaram imensamente em seguida. Eles ficaram muito íntimos de Peremu sheke, o Awo que fez divinação e sacrifício para eles.

OTUMEJI ABRE CAMINHO PARA A PROSPERIDADE VIR PARA O MUNDO

É importante enfatizar que foi Èşu quem causou a doença na filha de Olokún e na esposa de Ala. Foi ele também o responsável por esconder todas as tartarugas possíveis do céu e da terra. Ele inventou subterfúgios para criar uma atmosfera favorável para auxiliar Otumeji.

Quando os policiais celestes retornaram para o céu, informaram a Deus o alto custo para comprar uma simples tartaruga da terra. Deus se perguntou que era provavelmente por causa da pobreza predominante na terra que elas tinham se tornado tão exorbitante. Deus então ordenou ao guardador do tesouro no céu para abrir os portões do tesouro para dinheiro partir para a terra. Uma constelação de dinheiro então partiu para a terra.

Mais uma vez, Èşu foi até Otumeji e lhe avisou que dinheiro estava vindo em grande escala para a terra, mas que eles só entrariam na casa do anfitrião que fosse capaz de ornar sua casa com o que eles comiam e gostavam. Èşuù avisou Otumeji para esticar um pano branco em frente a sua casa e obter muito inhame amassado (Ewo em Yoruba e Obobo em Bini) para jogar ao redor de sua casa.

Após alertar Otumeji para se preparar para a aproximação de visitantes celestes, Èşu foi encontrar grande número de dinheiro no caminho, e alertou que o povo do mundo estava por demais desorganizado para providenciar acomodações adequadas para eles. Ele lhes avisou que havia apenas um homem chamado Otumeji que era capaz de lhes dar hospitalidade condizente.

Sem se deter em nenhum outro lugar, eles marcharam para a casa de Otumeji, aonde realmente encontraram uma atmosfera familiar para se desenvolverem. Assim foi como Otumeji se tornou o mais próspero personagem no mundo conhecido naquele tempo. Quando Otumeji surge na divinação para um homem pobre, ele será avisado para ter seu próprio Ifá e fazer o sacrifício necessário depois do que sua fortuna sem dúvida florescerá.

A ORÍGEM DO GOLPE DE ESTADO CONTRA ANTIGUIDADE/ AUTORÍDADE

A próxima revelação de Otumeji é como aconteceu que ambos o jovem e o velho têm algum tipo de autoridade. Tradicionalmente, antiguidade e idade são atestadas de sabedoria e autoridade. Uma pessoa jovem não é permitida, e não se atreve a interferir quando os mais velhos estão deliberando. Otumeji tem nos dito como a tradição foi alterada para tornar possível para pessoas mais novas a disputarem por posições e influência, com seus mais velhos. Ele nos conta que quando uma pessoa

jovem (Juventude) e as pessoas mais velhas (Idosos) estavam indo pedir a Deus por AṢE, eles foram à divinação com três Awo chamados:

Otin lotin ejo – Bebida não alcoólica doce (agradável)
Obilobi Uwa – Nobre Obi
Emulemu ara jonjo – Vinho alcoólico.
Loon difa fun Omode ipapo;
Abufun agbalagba Ipapo.

Ambos avisaram a fazer sacrifício, depois do que eles partiram para o céu.

Quando chegaram no céu, Deus lhes disse para retornarem depois de sete dias com 21 búzios cada. Aquilo foi antes que Èṣu fechasse a rota entre o céu e a terra, cujos detalhes nós veremos nos próximos livros. Ainda era possível naquele tempo viajar indo e vindo entre o céu e a terra. O Idoso não teve dificuldade em coletar 201 búzios. Juventude apenas pode juntar 50 búzios. No dia indicado, eles partiram separadamente para o céu.

Neste meio tempo, Juventude encontrou Idoso no caminho e se ofereceu para auxiliá-lo em carregar o fardo de búzios, para o Idoso, que ficou grato por este tipo de gesto. Juventude, entretanto, avisou ao Idoso que não poderia viajar em seu passo lento. Juventude, por conseguinte, viajou em um passo rápido, mas prometeu esperar pelo Idoso nos portões do céu. Juventude se movimentou muito rápido e logo chegou ao céu.

Antes de alcançar o céu, Juventude amarrou seus 50 búzios junto com os 201 búzios do Idoso em um pacote simples e partiu com eles em direção ao palácio divino de Deus. Chegando ao palácio, ele entregou a quantidade de 251 búzios como se fosse seu próprio prêmio para uma alta autorídade. Deus, entretanto lhe avisou para aguardar a chegada do Idoso.

Quando o Idoso em seguida chegou, agradeceu a Juventude por auxiliá-lo a carregar sua parcela e por aguardá-la. Mas quando ele exigiu seus búzios de Juventude, o último negou alguma vez tê-lo auxiliado com o pesado fardo e insistiu que todo ele lhe pertencia. Ele na realidade acusou o Idoso de tentar privá-lo de sua parte. O seguinte argumento atraiu a intervenção de Deus que perguntou quanto cada um deles coletou. O Homem jovem explicou que saiu de casa com 251 búzios porque estava ansioso para ter a autoridade mais forte. Quando o fardo foi contado, realmente continha 251 búzios. Deus então decidiu que os búzios pertenciam ao Jovem homem e ele lhe deu o ASE.

Este incidente explica porque os jovens são capazes de apoderar-se da autoridade e controlar o poder de seus mais velhos em várias comunidades de seres humanos até os dias de hoje. Antes daquilo, alguém tinha que obter o status de um idoso antes de aspirar alguma força de autoridade. Esse é o porque jovens pessoas participam do governo até hoje, apoderando-se do poder de seus mais velhos no mundo. Esta não é a situação no céu aonde Mais Velhos ainda gozam de supremacia.

Quando surge na divinação, a pessoa deverá ser avisada a não permitir a ninguém carregar sua bolsa para ele se estiver viajando, podendo correr o risco de perdê-la. O sacerdote de Ifá que é o responsável por esta revelação, Chefe Omoruyi edikpayi, confirmou que se manifestou assombrosamente para um homem que uma vez veio até ele para divinação.

Awo Omoruyi Edokpayi uma vez visitou outro Awo chamado Adeniyi, que estava fazendo divinação para um sacerdote Muslim (Alfa) chamado YÈsùful Adeniran, de Usi em Ekiti área de

Ondo, estado da Nigéria. Edikpayi é da cidade de Benin, enquanto que Adeniram era de Usi em Ekiti e Adeniyi era de Imesi em Ekiti.

Quando Edokpayi chegou até a casa de Adeniyi, ele encontrou o Odu Otumeji na tábua de Ifá e como era tradição no Ifismo, o anfitrião pediu a Edokpayi para interpretar o Ifá na tábua.

Edokpayi disse a Yesùfu para fazer sacrifício com uma tartaruga, clava e cutelo, a fim de evitar perder seu dinheiro ou sua vida durante uma viagem que se apresentasse. Yesùfu fez o sacrifício antes de partir em viagem para a cidade de Igbomina no estado de Kwara.

Seu trabalho era muito lucrativo e ele obteve um lucro líquido de N600.00 dos pagamentos feitos pelos seus clientes. Ele então deu o dinheiro para seu anfitrião guardar para ele até a data de sua partida. Depois disso, ele fez mais algum dinheiro com que guardou consigo.

Nesse ínterim, seu anfitrião, que estava em débito com muitos credores, gastou N600.00 de Yesùfu para pagar parte de seus débitos. Depois que Yesùfu anunciou a data de sua partida, o anfitrião começou a se perguntar como ele iria conseguir o dinheiro para devolver para seu convidado. Por fim, disse que não havia nada que ele pudesse fazer para levantar o dinheiro, ele decidiu que a única solução era queimar Yesùfu para morrer em seu sono.

Na véspera de sua partida, seu anfitrião havia confirmado seus planos mórbidos. Naquela noite, ele se manteve no corredor adjacente ao quarto do convidado no qual Yesùfu estava. Mas Yesùfu participou de orações especiais até muito tarde naquela noite. Por volta das 02:00h da manhã a paciência do anfitrião terminou e ele decidiu que dormindo ou não, era hora de levar a cabo seus desígnios nefastos.

Ele se moveu sorrateiramente para o quarto com a arma na mão para assassinar Yesùfu por trás. Um pouco antes levantou a mão para bater e sentiu um tapa em sua face e sua queda atraiu todos os membros da hospedaria inclusive o próprio e atônito Yesùfu. Èşu interviu por conta do sacrifício feito por Yesùfu.

O anfitrião mais tarde explicou as circunstâncias que levaram-no a tal decisão desesperada e apelou para Yesùfu perdoá-lo, mas ao mesmo tempo agradeceu a Deus por interrompê-lo em levar adiante seus planos. Yesùfu perdoou seu anfitrião e lhe disse para esquecer o dinheiro.

Ele partiu para casa na manhã seguinte e foi narrar o incidente ao Awo Edokpayi.

Este desvio prático da vida real foi trazido para ilustrar como a interpretação do corpo de odu de Ifá pode ser exatamente perfeita.

OTUMEJI VAI ATÉ IMODINA PARA AUXILIAR OS IMOLES

É revelado que Otumeji viajou para Imodina e que ele foi o que ensinou para Alufas, a arte que eles praticam até o dia de hoje. Antes da partida, eles foram à divinação com um grupo de Awo chamados:

Ru Ru Ru Laha
Ru Ru Ru Lohun
OO holoo lo hun
Agbada mofi Odo

Odo ni fi lu agbada.
Awon loon difa fun Otumeji nijotofe
Ko awon Alufa jade ni nu Odu ale.

Estes foram os Awo que fizeram divinação para Otumeji quando ele estava indo retirar os Imole da caverna.

Ele foi avisado a fazer sacrifício com um bode para Èṣu por causa do evangelho (gospel) de Ifá que estava indo para pregar em um país desconhecido (Ilu Aimon). Após viajar por um longo tempo, ele estava começando a se perguntar se tinha alguma idéia clara de onde estava indo. Quando não pode responder por seu destino, decidiu que era hora dele voltar. Ele estava acompanhado pelos dezesseis Awo inclusive aqueles mencionados acima e muitos membros de sua equipe doméstica. Eles haviam pego comida suficiente para durar por três meses, mas o estoque foi acabando.

Naquela noite, Ọrunmila surgiu e lhe disse que o povo já estava aguardando por ele no lugar aonde estavam indo e lhe disse que teria que viajar por volta de trezentos dias e trezentas noites antes de chegar. Ele informou-o que teria muito trabalho para fazer tanto no caminho como no lugar. Ọrúnmìlá assegurou-lhe que ele nunca ira passar necessidade do que comer durante sua jornada.

Nesse meio tempo, ele havia passado através de todo o cinturão de floresta e estava começando a ir para o território montanhoso e arenoso. Estava também começando a ficar muito quente. Sua equipe estava começando a ficar entediada e eles sentaram ao lado de uma rocha muito grande para repousar. Quando estavam repousando, ouviram vozes como se fossem aquelas do povo, que vivia debaixo da terra. Otumeji rapidamente organizou uma excursão da rocha e viu uma abertura tão bem quanto passos levando para dentro e fora dela. Ele decidiu empoleirar-se no buraco para ver o tipo de povo que se movia para dentro ou para fora dele. Não muito tempo depois, viu algumas pessoas saindo do que parecia com uma caverna. O povo ficou surpreso em vê-lo porque eles pensavam que eram os únicos habitantes do mundo ao redor. Ele não entendeu sua linguagem e eles não entenderam a sua própria, mas de algum modo, foram capazes de se comunicarem uns com o outro. Ficou claro que Otuneji e seus seguidores queriam comida e os homems da caverna ficaram muito felizes em ajudar.

Após abastecê-los com comida, Otumeji decidiu fazer uma divinação e rapidamente descobriu que tinham um problema. Ele perguntou pelo seu líder que se identificou, demonstrou a ele que o motivo que trouxe seus seguidores para a caverna era porque ele era um eunuco. O homem confirmou a sua história. Este problema esta freqüentemente associado com todos os filhos Ugbodu de Otumeji. O Onoifa tem que ser preparado para ele no altar de Èṣu com um bode, depois do que seus problemas terão fim.

Ele avisou ao homem que era por causa da papa (Akamu) que ele costumava beber que desenvolveu a impotência. Ele lhe disse para deixar de tomar a papa e também apontou para o próximo homem e lhe disse que ele estava se queixando da carência de dinheiro. Quando ele perguntou-lhe o nome do lugar, eles lhe disseram que era uma vila na cidade de Imodina.

Ele disse para o segundo homem que a razão de seus problemas financeiros era porque ele abandonou a divindade (Ṣango) que o seguia pelo mundo. Depois disso o povo se perguntou com qual força e poder Ọrúnmìlá era capaz de fazer estas revelações. Para provar o poder, começou a ensinar-lhes sua própria arte de divinação. Antes que eles pudessem alcançar a perfeição, todos teriam que partir para lutar em uma guerra e seu líder que era chamado Momodu conduziu-os para a batalha, deixando apenas a mãe de seus líderes para trás na caverna. Era desconhecido para Otumeji, que ninguém foi deixado para tomar conta da velha mãe, quando também saiu para

exploração de divinação. Trinta e um dias depois da partida dos Imole para a guerra, Otumeji retornou a caverna apenas para descobrir que a mãe de Momodu havia morrido de fome.

Por toda a parede da caverna a mulher marcou 31 golpes indicando que ela passou fome por 31 dias, antes de se tornar um fantasma. Entretanto Otumeji preservou o corpo da mulher em um secador especial.

Nesse meio tempo, Otumeji havia começado a fazer sua própria fazenda com que produzia boa colheita. Tão logo Momodu e seus seguidores retornaram do campo de batalha, eles devastaram todas as fazendas ao redor inclusive a que era de Otumeji. Ele então fez divinação em como salvar sua fazenda, e foi avisado a fazer sacrifício para Èşu com um bode, um galo, uma corrente e uma clava. Ele rapidamente fez o sacrifício.

Em seguida ao retorno de Momodu, ele descobriu da morte de sua mãe, e depois de ver as marcas de sua mãe na parede, compreendeu que a desamparada mulher morreu de fome. Quase que imediatamente ele proclamou que todos os seus seguidores deveriam passar fome por 31 dias para chorar a morte de sua mãe.Ele também proclamou que o sacrifício de jejuar por trinta e um dias em comemoração a morte de sua mãe deveria se tornar uma obrigação anual.

Acredita-se piamente que o tutelado dado aos Imole por Otumeji explica a íntima similaridade entre a divinação de Ifá e a Divinação Alfa. As marcas são as mesmas apesar dos nomes serem diferentes. Eles também são em múltiplos de dezesseis.

Após o sacrifício feito por Otumeji para Èşu, o último obteve meios para trabalhar pela comida que lhe tinha sido dada. Quando os seguidores de Momodu retornaram para a fazenda de Otumeji para destruí-la de uma vez por todas, Èşu tinha usado a corrente com que ele fez o sacrifício para colocar uma armadilha invisível ao redor da fazenda. Assim que eles tiveram um impacto na fazenda, a armadilha lançou-os e capturou sete deles, que desapareceram no céu. Os sete restantes cairam no chão. Donde os sete começaram a rezar com suas mãos e faces voltadas em direção ao céu para implorar a Deus para trazer de volta seus sete colegas que desapareceram.

OTUMEJI VAI A IMEKA

Após a morte de sua mãe, Momodu se dirigiu para próximo de Imeka para se estabelecer, e foi também seguido por Otumeji que agora tinha um grande séqüito seguindo-o. Quando Otumeji chegou a Imeka ele encontrou Momodu que lhe disse que tinha estado tentando resolver os seguintes problemas do povo de Imeka:
I) Para livrar o ambiente da cidade de um dinossauro (localmente chamado de keneun) que estava aterrorizando a vida dos moradores das cavernas e rochas ao redor;
II) Para solucionar o problema de esterilidade que prevalecia no lugar e ;
III) Reduzir a altura da rocha, que estava suspensa sobre a cidade como um penhasco.

Otumeji tinha um recipiente chamado Ado que continha seus instrumentos de autoridade. Com eles podia fazer e desfazer. Em primeiro lugar ele retirou parte do conteúdo de uma vara e ordenou a todas as rochas que rodeavam a cidade de Imeka a destruírem uma região despovoada e imediatamente todas as rochas foram esmigalhar-se no chão e ao mesmo tempo, todos os dinossauros foram esmagados até a morte. Assim é como a geração de dinossauros se tornou extinta em Imeka e rocha se desintegra em cascalho.

Assim que Otumeji executou estes fatos de reduzir a altura das pedras e eliminar a ameaça dos dinossauros, uma garota instintivamente veio de joelhos e curvou sua cabeça no chão para agradecer-lhe. Outros na cidade imitaram-na, e desde então esta garota se tornou uma das seguidoras de Otumeji. Otumeji disse para Momodu que antes de resolver a terceira questão de esterilidade, ele gostaria de ver o Rei da cidade.

Ele foi avisado que só era possível ver o Rei uma vez no ano. Naquele ponto, Otumeji disse a um de seus seguidores para trazer um seixo que ele tinha trazido todo o caminho de Ifé. Assim que ele colocou o seixo no chão, ele se multiplicou em 200 seixos. Quando os guardiões viram o milagre, se juntaram ao redor de Otumeji e seus seguidores. Sem tempo, uma multidão tinha se juntado. Ele disse a cada um deles para escolher uma das 200 pedras em lançar em direção ao palácio do Rei.

Ele lhes disse que a operação era necessária a fim de fazer o Rei vir para fora. Quando ele lançou os seixos o vento carregou-as caindo no telhado da residência do Rei. Quando o som dos seixos caindo em seu telhado se tornou insuportável, o Rei decidiu sair por si e verificar o que estava acontecendo. Quando o Rei saiu, viu Otumeji e seus seguidores e o Rei foi rapidamente informado sobre as maravilhas já feitas pelos visitantes.

O Rei também confirmou a eles que seu maior problema no país era uma (childlessness). Otumeji perguntou-lhe que recompensa lhe daria se fosse bem sucedido em resolver o problema. Ele prometeu que ele e seu povo de geração em geração continuariam a cantar em louvor de Ọrunmilá. Neste estágio, Otumeji também pediu ao Rei para lançar um dos seixos na direção de seu palácio como os outros tinham feito anteriormente. Otumeji também pediu a um de seus seguidores para acertar Momodu com uma clava que ele tinha com ele. Depois de bater em Momodu, Otumeji perguntou-lhe se o efeito foi doloroso e ele confirmou que foi realmente doloroso.

Otumeji então lhe perguntou porque ele foi esconder Amina, a esposa de Audu seu segundo comandante. Momodu confessou que ele só fez porque amava a mulher. Naquele ponto, Audu, que estava presente naquele momento, retirou sua adaga e apunhalou-o. Momodu foi ferido fatalmente, mas Otumeji retirou um (coco-yam) e deu para Momodu comer e o ferimento de adaga cicatrizou imediatamente. Otumeji, entretanto indicou para a Audu a caverna onde sua esposa estava escondida e ele foi lá e encontrou sua esposa e se abraçaram. A esposa rapidamente se ajoelhou para implorar por perdão com a explicação que havia sido avisada que ele fora morto em combate durante a guerra. O marido disse-lhe que foi um visitante estrangeiro que direcionou para aonde ela estava escondida. Quando ela foi avisada dos trabalhos maravilhosos já feito pelo visitante, ofereceu-se para encontrá-lo a fim de que a ajuda-se a ter um filho.

Ambos foram encontrar Otunmeji que lhe disse para se alegrar porque ela iria engravidar e que seu primeiro filho seria uma menina. A mulher perguntou como poderia expressar sua gratidão a Ọrúnmìlá se sua predição acontecesse. No mês seguinte, Amina ficou grávida depois de Otunmeji ter deixado Imeka em continuação a sua excursão. Mais tarde ela teve uma criança que foi que eles nomearam Ifátumo, significando Ifá é suficiente para confiar, que mais tarde foi modificado para Fátima. Assim que Amina ficou grávida todas as outras mulheres em Imeka, começaram a ficar grávida. Mas Otunmeji avisou ao Rei de Imeka que as divindades não estavam felizes com o modo com que Momodu escondeu a esposa de Audu e que antes nenhuma mulher sob seu reinado ficaria grávida, ela tinha que ser escondida das vistas do público da mesma maneira. Todo mundo depois disso que quis que sua esposa ficasse grávida, tinha que escondê-la de olhos públicos. Assim é como a convenção de vestir véus pelas mulheres começou em Imeka. Desde aquele tempo todos os visitantes de Imeka são solicitados a lançar pedras como Otunmeji oríentou os Imoles a fazer, aos pés da rocha que uma vez estava suspensa como um penhasco sobre a cidade.

É dito que Otunmeji viveu no país de Aimon pelo total de vinte anos. Apesar de que seus seguidores preferiram passar o resto de suas vidas lá, os costumes e tradições da área foram longe demais e de natureza diversa para Otunmeji contribuir para sua estada permanente. Este é o porque se diz no ifismo que Ọrúnmìlá preferiu o povo de Imeka, mas já que era um país aonde posição e fortuna carregavam mais influência que a idade, ele preferiu retornar para Ifé. Ele estava particularmente perturbado pela aceitação que reforçou as normas e morais de vida naquela área inteira, o que deu orgulho do lugar para rejeitar a pobreza e lesões corporais como provas de justiça.

Do mesmo modo que um homem rico, ele quis tudo para estar confortável na vida, visto que ninguém deseja uma vida de privação e penúria no tribunal do destino. As divindades foram mandadas para o mundo para viverem em paz umas com as outras, como elas faziam no céu e para abominar a violência e a discórdia. Otunmeji retornou para o céu logo após sua volta para Ifé.

CAPÍTULO XXIV – IRETE-MEJI / EJI-EDE / EJI-ELEMERE

I I
I I
I I I I
I I

Um dos trabalhos mais importantes feito por Ejiede no céu foi fazer divinação para o pombo e para o pântano antes de eles partirem do céu. Ele também fez divinação para os frutos secos da palma, (Ironeyin, Imom-edin em Bini). Ele era chamado ugbakun ou ugbayeke, yeke, yeke, yeke, Odifáfun, kpa kuru, (ou eyele) Abufun ERE (pântano) ati Ironyin (restos do fruto da palma). Ele advertiu todos os três a fazerem sacrifício a fim de viver pacificamente e saudavelmente na terra. Eles foram fazer o sacrifício com o ovo, seus vestuários, eka, ẹkọ e ewó (ou Obobo). Apenas o pombo e os restos de fruto de palma, fizeram os sacrifícios como foram orientados.

O pântano (Ere em Yorùbá) ou (Ekhuoro em Bini) se recusou a fazer o sacrifício. Depois eles partiram para o mundo. Chegando ao mundo o pombo teve uma vida muito pacífica e saudável, e a cada momento ela voava sempre gritaria, Ugbakun, Ugbakun, de Ifá Fun, kpakpa kuuru, Ounyon, Ifáni, Okureyin, Okureyin, Okureyin, que é o lamento de triunfo da pomba até hoje, em que está agradecendo a Ọrúnmìlá por ter feito divinação e sacrifício para ela, que fez sua permanência saudável e que o progresso se deita a sua frente.

Por outro lado os restos do fruto de palma (Ironyin ou Imon Edin em Bini), ficou seco e bem, enquanto que o pântano que se recusou a fazer sacrifício permaneceu doente e encharcado até hoje.

Quando este Odu surge na divinação, o consulente deverá ser avisado a pegar suas roupas costumeiras preferivelmente pretas, adicionar um pombo, ovo, ẹkọ, eká, e ewo (ou obobo) para sacrifício a fim de ficar bem, se ele estiver indisposto naquele momento. Todos os materiais para o sacrifício serão embrulhados na roupa preta e o embrulho é usado para esfregar seu corpo da cabeça para o dedão e queimar num pântano do rio e ele certamente ficará bem.

EDI ELEMERE REVELA COMO ỌRÚNMÌLÁ BATALHOU POR PROSPERIDADE EM FAVOR DE SEUS SEGUIDORES

Após Deus ter completado seu trabalho de criação, Ele decidiu criar a árvore da prosperidade chamada, EGE (Igi Ege em Yorùbá) ou (Erhan uwa em Bini) em outras palavras, a árvore da riqueza. Para proteger a árvore, Deus apontou a Boá, o carneiro, e o galo para agir como os guardiões. Assim que a árvore da riqueza cresceu, todas as duzentas divindades (Ugba Orumolé em Yorùbá ou Ihenuri em Bini) tentaram em vão colher prosperidade da árvore. Todos falharam porque não se incomodaram em descobrir o segredo para colher seus frutos. Foi à vez de Ọrúnmìlá fazer uma tentativa. Mas antes de se atrever na árvore, decidiu ir a divinação com o seguinte sacerdote de Ifá:
Akponmi, Owo Ule Ejá,
Okpajiba, Owo Ule Okparo,
Alugbogbo, Kuuku Ni Shegun,
Ogugu Lutu,

Significando:
1. A pessoa que tira água do rio, destrói a casa do peixe.
2. Apenas um homem paciente pode ser bem sucedido em matar um pequeno animal chamado Okhuokhua que constrói 200 casas, mas vive em uma delas.
3. É o primeiro projétil forte que destrói o mal.

Estes foram os três sacerdotes de Ifá que fizeram divinação para Ọrúnmìlá antes de ele tentar subir na árvore da riqueza. (Ege).

Ele foi avisado a destruir sua casa no céu antes que pudesse levar sua prosperidade para o mundo. Ele foi avisado a construir uma casa com folhas especiais (Ede ahe em Bini) no altar de Èşu e para os Awo para destruí-la com 1 bode. Este é o porque quando este Odu surge na divinação à pessoa pode ser questionada se está construindo uma casa, e se ele então confirmar, será avisado a suspender a construção da casa por algum tempo.

Após fazer o sacrifício inicial, ele foi ainda a outro sacerdote de Ifá chamado Ogbolugbo Odo, Odon Oun Lodon Orun Run, de outro modo conhecido como (Agogo Lila, aberun, yamunya, awon loon difa fun Òrúnmìlá nigbati, Oyagun ege igi agunla.), foi avisado a fazer sacrifício com grande quantidade de milho, grande quantidade de pedaços de inhame e grande quantidade de ratos. Ele deveria fazer o sacrifício para Èşu com 1 bode e 1 escada, ele deveria ir somente com os materiais sacrificiais em uma sacola quando fosse ao pé da árvore da riqueza.

Chegando ao recinto da árvore, a cobra Boá foi a primeira a se armar para atacar. Como ele foi dito para fazer, rapidamente lançou um rato para Boá que o engoliu imediatamente. O galo então bateu suas asas em preparação para cantar, mas ele rapidamente lançou uma grande quantidade de milho e ele se sentou para comer a comida. Com estes movimentos, as ameaças da Boá e do galo foram eliminadas. O carneiro foi o próximo a atacá-lo. Mais uma vez ele lançou os pedaços de inhame para o carneiro e este começou a comer, ainda com sua bolsa em seu lado, Ọrúnmìlá subiu na árvore com a escada instalada por Èşu e colheu todos os frutos do topo da árvore.

Tendo comido todo o milho que quis, o galo procurou ao redor por Ọrúnmìlá e o viu no topo da árvore da riqueza. Ele então bateu suas asas e cantou dizendo; Ọrúnmìlá Gegoo or. Que é o canto do galo até hoje, e significa que Ọrúnmìlá foi primeiro a subir na árvore da riqueza. Em respostas, Ọrúnmìlá cantou, Okege, Igi agulá, Ifá gegé, Igi oola lÒgún Okege Igi agulá.

Quando este Odu surge durante a iniciação no Ugbodu, o iniciado deverá ser mandado plantar três árvores como segue:
1. Um galo para plantar árvore Ege chamado (isa em Bini).
2. A cabeça de uma Boá para plantar (Eb alaho em Bini).
3. Um carneiro para plantar UkpÒgún – kperegun, e uma pedra retirada do leito de um rio corrente é usada para preparar Èşu para ele.

Este é o segredo que Ọrúnmìlá é capaz de fazer seu filho rico e próspero.

EJI ELEMERE VEM PARA O MUNDO

Depois de adquirir o segredo da prosperidade, Eji Elemere decidiu que era hora de vir para o mundo. Ele foi até dois sacerdotes de Ifá chamados Eji wewewe, Ogbojo, e Ojo giiri, oun gbati ba owuro. Estes foram os dois Awo que fizeram divinação para ele. Eles avisaram-no a fazer sacrifício para evitar problemas em ter filhos no mundo. Foi avisado a servir seu Ifá com uma cabra e dar um bode para Èşu. Ele rapidamente fez o sacrifício e partiu para o mundo.

Chegando ao mundo, foi a uma cidade chamada Oke mesi aonde praticou a arte de Ifá. Ele foi muito próspero, mas não teve um filho. Mais tarde casou com uma mulher que lhe deu uma filha. Entretanto ele permanecia ansioso para ter mais filhos. Certo dia decidiu consultar seu Ifá no porque não era capaz de ter um filho, como ele era de outro modo tão próspero que costumava fazer elaborados sacrifícios durante seu Festival Anual de Ifá. Ele costumava convidar todos os Awo das redondezas para participar de seus festivais anuais.

Depois da divinação, seu Ifá lhe disse para fazer sacrifício com um cervo inteiro (Agbonrin em Yoruba e Erhue em Bini). Não sendo um caçador, viajou para uma vila próxima de Udo aonde costumava praticar sua arte de Ifá, como sua base. Quando chegou à vila, encontrou uma mulher chamada Kporoye que era casada mas desprovida de filhos e foi a divinação no que fazer para ter filhos. Ele fez divinação para ela e assegurou que ela teria um filho, se pudesse fazer sacrifício com uma galinha e um coelho. A mulher rapidamente providenciou o coelho e a galinha para o sacrifício. Eji-Ede usou então a galinha para fazer sacrifício para Ifá e preparou o coelho para ofertar para as mais velhas da noite. Ele lhe disse para depositar o sacrifício próximo a um buraco marcado de noite.

Depois de fazer o sacrifício para ela, partiu para a floresta para pegar algumas folhas para seu trabalho. Ele foi com seu espelho hipnótico de cristal. Quando estava catando as folhas, viu um cervo à distância através de seu espelho e o conjurou a vir até aonde estava para poder capturá-lo. Era um veado muito grande. O animal obedeceu a seu comando e ele agarrou-o. Tão logo o veado compreendeu que estava em perigo, começou a lutar com seu caçador. Na batalha que se seguiu, ambos caíram em um buraco fundo. Dentro do fosso, encontraram uma grande cobra que também caíra vítima do buraco. Uma vez dentro do buraco, ele era capaz de matar o veado com um bastão, mas não poderia carregá-lo para a superfície. Ele gritou por ajuda, mas ninguém o ouviu, tanto que teve que passar a noite no buraco.

Na manhã seguinte, ele olhou no seu espelho, e viu um grupo de crianças em seu caminho para a floresta para averiguarem suas armadilhas e então ele cantou para eles:

Omode Udo
Moya gbamila,
Atano, abo,

Aaaritije, aaritimu,
Ela minu Olofin yi,
Ela minu Olofin yi Orunmila,
Ela minu Olofin yii ooo.

Quando as crianças ouviram a sua canção que era um chamado de SOS, elas foram em direção ao buraco para espiar e se perguntaram o que poderiam fazer para auxiliá-lo a sair do buraco, deste modo eles partiram frustrados. Era a hora em que os adultos iam para as suas fazendas. Quando ele os viu através de seu espelho e novamente cantou.

Agba Udo moya gbamila
Agba Udo moya gbamila

Sua canção atraiu os homens e eles foram ao buraco para espiá-lo. Quando viram-no, eles zombaram, questionando porque um Doutor que era capaz de salvar os outros era incapaz de salvar a si mesmo do buraco. Eles ridicularizaram-no com palavras que ele sempre pedia a eles para fazer sacrifícios com galinhas, cabras e bodes, e sem fazer nenhum esforço para ajudá-lo, eles partiram.

Depois, foi hora das mulheres irem ao mercado. Depois de vê-las através de seu espelho, ele cantou-lhes.

Obinrin Udo moya gbamila
Obinrin Udo moya gbamila

Quando elas ouviram seu lamento por auxílio, foram averiguá-lo e reconheceram-no. Elas também provocaram-no que se ele era tão eficiente, como ele se gabava de ser, ele não precisaria de ajuda de outros para sair do buraco. Elas então ridicularizaram-no com todas as carnes e dinheiro que ele tinha tomado delas no passado e também partiram sem estenderem uma mão em ajuda.

Depois Kporoye quem ele tinha avisado para depositar seu sacrifício próximo a um buraco estava vindo para depositar seu sacrifício. Ele a viu através do espelho. Após depositar seu sacrifício ela se voltou para voltar quando ele cantou do buraco.
Kporoye Omon abalu
Udu Omun
Ekpo jere Oktipa
Imon gba mila etc etc etc.

Quando ela ouviu a canção retornou ao buraco e o viu dentro dele. Ela questionou como ele chegou lá e ele explicou que caiu no buraco enquanto tentava capturar o veado que lhe foi solicitado para fazer sacrifício. Ele apelou para auxiliá-lo a sair do buraco. Ela se queixou que não tinha nada com que auxiliá-lo a sair. Ele então a avisou para remover seu pano de cabeça e descê-lo no buraco enquanto segurava firme no final dele. Quando ela estendeu o pano de cabeça ele não conseguiu alcançar a profundidade do buraco. Ele então conjurou o pano de cabeça para se esticar para baixo e ele obedeceu a seu comando até se agarrar nele. Ele primeiro amarrou o pano de cabeça nas patas do veado morto. A mulher se perguntou se ela poderia puxá-lo junto com o veado, mas ele insistiu que ele não poderia sair sem o veado. Ele então cantou a seguinte canção:

Bami gbe bara
Gbegbe leyin
Mole gbegbe
(Esta canção é utilizada pelos sacerdotes para movimentar Ifá de uma posição para outra)

Quando ele estava preste a sair completamente do buraco, as patas do veado das quais o pano de cabeça estava atada soltaram e o resto do corpo caiu de volta no buraco. Ao mesmo tempo, Kporoye sentiu bater em suas costas e a roupa que ela vestia foi arrancada de seu corpo e ela ficou nua.

A vista da nudez da mulher foi muito para Ejiede resistir. Ele imediatamente se lançou na mulher que o relembrou que era proibido fazer amor no chão limpo. Então ele recuou e colheu folhas Ahe suficientes para uma cama improvisada e então prosseguir o procedimento de fazer amor com ela. Aborrecida que Ejiede tirou vantagem dela, após oferecer-lhe uma mão em auxílio, ela insinuou que havia justamente completado sua menstruação. Em resposta ele lhe disse para não se preocupar porque ela iria engravidar em seguida a aquele incidente e que ela daria à luz a um menino.

Antes de partirem, a mulher, contudo insistiu em ter meios de localizá-lo em caso de sua predição se tornar verdade. Ele informou à mulher que ele era de um lugar chamado Okemesi. Sua casa era lavada com matéria preta. Ele acrescentou que havia um corpo humano seco na entrada de sua casa e que havia uma árvore na entrada principal de sua comunidade que era famosa por produzir sementes de coroas de seu topo, contas de seu caule, e corais de suas raízes. A árvore era chamada Okporo, kporo. Após lhe dar estas informações, eles seguiram em caminhos separados.

Chegando em casa, Ejiede usou a pata amarrada do veado para servir seu Ifá. Por sua parte Kporoye perdeu seu período no final daquele mês e ficou grávida. Ela era a filha do Oba de Ijero. Ela estava naquele tempo também casada com o Oba de Illa aonde vivia. Foi difícil para alguém acreditar que ela podia ficar novamente grávida porque estava passando da idade de ter crianças. Mas na plenitude do tempo, ela deu à luz a um menino que era o carbono, cópia de Eji Elemere. O marido ficou tão feliz que Kporoye tinha lhe dado um filho que lhe deu o privilégio de lhe dar o nome. Ela chamou o filho de Olomo (Nonyamon em Bini).

A criança começou a crescer e como estava atingindo a idade de raciocínio, ela lhe contou como ele nasceu. Para o espanto de seus colegas mais velhos, ele era acostumado a cantar o mesmo tipo de canção que seu pai, que nunca tinha encontrado, era acostumado a cantar. Ele também era habituado a colher todas as folhas como seu pai costumava fazer e seus colegas de diversão estavam sempre o ridicularizando por imitar um sacerdote de Ifá que veio uma vez a cidade. Quando ele chegou em casa em uma ocasião perguntou para sua mãe quem era realmente seu pai, em vista do que o povo estava falando por trás dele. A mãe insistiu que ele ainda era muito jovem para ser informado de toda a história. Entretanto quando persistentemente exigiu saber a verdade, ela narrou a história de como ela ficou grávida e deu-lhe uma descrição da casa de seu pai na cidade de Okemesi e de como ela encontrou seu pai.

Sabendo a história de seu nascimento, ele insistiu que a mãe deveria levá-lo de uma vez para seu pai. A mulher não tinha escolha à não ser obedecer a seu comando. Na manhã seguinte, ele se colocou a caminho para Okomesi para procurar por Ejielemere. A jornada para a cidade envolvia o risco de atravessar a floresta que era habitada por três bandidos. Um dos bandidos vivia em Ado-Ekiti, aonde o pai de Kporoye era o rei. O segundo bandido veio de Okemesi aonde Ejielemere vivia. O terceiro era de Illa aonde Kporoye era casada. Os nomes dos bandidos eram:

I) Ikpata Ule ado
II) Efifo kelo onon ijero
III) Amonita, amonide, ke se mi la ale ugotun.
Eles eram os reis da floresta.

Quando mãe e filho chegaram à floresta, foram presos pelos três bandidos. Um dos bandidos sugeriu que os dois cativos deveriam ser mortos. O outro dos dois, entretanto recusou firmemente o

propósito. O bandido que vivia na cidade de que eles se afastaram, propôs que os dois cativos deveriam ser vendidos em escravidão e que em seguida deveria ser dividida igualmente entre os três. O bandido que vivia na cidade aonde o pai de Kporoye vivia, pegou-a para vender em escravidão, enquanto que o bandido que vivia aonde Ejielemere vivia, pegou Olomo para vender em escravidão.

Todo este tempo, Ejielemere ainda não tinha tido filhos. Na época de seu festival anual ele deu dinheiro para sua esposa para comprar para ele um escravo para usar como sacrifício humano para seu Ifá junto com outros materiais e animais. Quando sua esposa chegou ao mercado, ela viu Olomo que apesar da estatura baixa, no entanto, tinha um bom corpo. Ela gostou dele imediatamente e comprou-o. Quando estava alcançando a casa com seu comprador, Olomo viu a árvore carregada de coroas de contas, e coral na entrada da comunidade aonde eles estavam entrando. Quando chegaram na casa, ele também viu o corpo humano seco amarrado na entrada principal da casa, que estava pintada com um material de cor preta. Olomo estava satisfeito que esta era a casa de seu pai porque batia com a descrição dada a ele por sua mãe.

Quando Ejielemere viu o jovem escravo, deixou-o sob a custódia de uma velha mulher que vivia próximo a ele. A mulher deveria tomar conta dele por sete dias antes do festival. Na manhã seguinte, Ejielemere partiu para a floresta para coletar folhas e outros instrumentos para o festival vindouro. A velha mulher deu ao jovem escravo um monte de frutos de palma para quebrar, e este incidente explica o porque é proibido quebrar frutos de palma em nenhuma casa onde uma cerimônia de iniciação de Ifá está tendo lugar pela duração de sete dias. Também explica porque é proibido para um sacerdote de Ifá quebrar frutos de palma ele mesmo.

Quando garoto estava quebrando os frutos de palma, começou a cantar a canção que relembrava os eventos acontecidos no seu nascimento, como ele foi informado por sua mãe. Quando a velha mulher ouviu a canção, ficou determinada a contar a Ejielemere sobre isso. Quando ele retornou da floresta, ela narrou para ele a canção do jovem escravo. A mulher subseqüentemente propôs a Ejielemere a ocultar-se no dia seguinte, após fingir ter saído de casa para ter a possibilidade de ouvir a canção do rapaz.

Na manhã seguinte ele deixou a casa sob a aparência de estar indo para a floresta com sua bolsa para coletar folhas. Entretanto retornou para casa pela porta dos fundos. Nesse meio tempo, foi dada ao garoto outra porção de frutos de palma para quebrar e quando ele estava sentado quebrando os frutos de palma, ele começou a cantar novamente:

Meu nome é Olomo
O nome da minha mãe é Kporoye;
Filha de Ajero kin osa;
No país de Ijero;
Casada com Ewi de Ado.
Minha mãe Kporoye me contou;
A história de como a busca por um filho;
Levou-a para divinação para Udo;
Aonde ela encontrou um sacerdote de Ifá;
Que fez divinação e sacrifícios para ela.
Quando ela estava para entregar;
O sacrifício próximo ao buraco;
Ela ouviu um lamento de ajuda à distância.
De dentro do buraco.
Olhe, era o sacerdote de Ifá;

Que fez sacrifício para ela;
Que estava dentro do buraco.
Quando ela o ajudou;
A sair do buraco;
Ela caiu no chão;
E sua glória feminina foi exposta.
O sacerdote de Ifá;
Qua não pode resistir;
A urgência da natureza;
Caiu sobre ela;
E fez amor com ela.
Minha mãe Kporoye,
Não tem visto o sacerdote de Ifá desde então.
Mas sua predição verdadeira;
Aqueles eventos fortuitos trouxeram assim um menino;
Eu nasci de Kporoye;
Em sua idade avançada;
Numa época em que ninguém;
Esperava dela trazer uma criança assim.
Apesar de que o marido de minha mãe;
O Oba de Ale Ugotun;
Aceitou me como seu filho;
O sangue de meu verdadeiro pai;
Corre em minhas veias.
E o motivo pelo qual eu venho;
Cantando canções e coletando folhas;
Como era dito de meu pai;
Ser um hábito de fazer;
Feito pelos meus colegas;
Chamar-me por nomes engraçados.
Um dia, eu confrontei minha mãe Kporoye;
Para me contar a verdadeira história do meu nascimento.
Ela me contou que meu pai;
Veio do país de Okemesi;
E que na entrada de sua casa;
Havia uma árvore de contas de dinheiro.
Os ramos e folhagem;
Da árvore brotavam coroas.
Do tronco brotavam contas;
E das raízes brotavam corais.
Na entrada de sua casa;
Está um corpo humano seco.
Após ouvir a história;
Eu insisti em vir e ver meu pai.
Em nosso caminho para Okemesi;
Nós fomos presos por três bandidos;
E vendidos separadamente como escravos.
Eu lamentei que eu nunca mais;
Veria meu pai novamente.
Até mesmo se eu morrer como um escravo;
Eu posso agora garantir o resto;

Que eu cheguei ao final;
Ao país e a casa do meu pai.
A descrição dada pela minha mãe;
Me garante que a casa;
Para quem eu fui por fim vendido como escravo;
E aonde eu agora quebro estes frutos de palma;
É na verdade a residência de meu pai.
Ejielemere de Okemesi;
Se eu morrer dentro de seis dias;
Eu não terei vivido em vão;
Porque eu vou morrer;
No peito de meu pai.

Quando Ejielemere ouviu a simplória canção do jovem escravo, estava em lágrimas, e se perguntou se o garoto era produto do amor que ele fez por acaso com a mulher próxima ao buraco no qual ele caiu muitos anos antes, enquanto buscava um veado com que fazer o sacrifício a fim de ter um filho. Então ele foi para seus aposentos aonde solicitou para o garoto ser trazido até ele para recantar a canção a qual tinha apenas ouvido em segredo. Ele ordenou ao garoto sob pena de morte instantânea a cantar a canção mais uma vez. Estando em seus joelhos, o garoto cantou novamente, desta vez em lágrimas. Após ouvir o refrão da canção, Ejielemere decidiu testar a veracidade da história. Ele motivou um auto forno para ser preparado. Quando as chamas do fogo estavam alcançando o teto da residência, disse ao garoto após friccioná-lo com seu pó divinatório para caminhar nas chamas. Ele conjurou o fogo para consumir o garoto se ele estivesse contanto uma história falsa, mas para cobrir seu corpo com o giz da vitória se ele era na verdade seu filho. Sem qualquer hesitação, o garoto caminhou nas chamas, e dançou e cantou dentro do fogo até que elas estivessem completamente extintas.

Apesar daqueles fatos milagrosos, Ejielemere ainda não estava satisfeito. Ele também tinha preparado um grande pote de água fervendo no qual ele lançou o garoto em um ritual similar. Enquanto estava dentro do pote de água fervendo, o garoto começou a cantar.

Omi are domi tutu.
Que é "Água quente havia se tornado água gelada",
enquanto ele estava dançando dentro do pote de água fervendo.

Por fim ele chamou seu pai para retirá-lo do pote porque ele estava ficando com frio. Seu pai então o abraçou e descobriu que seu corpo estava frio como gelo. Ele exclamou prazerosamente que tinha encontrado um filho perdido, e aceitou-o como seu verdadeiro filho. Subseqüentemente o dia do Festival amanheceu, e todos os Awo dos lugares próximos haviam se reunido. Antes então Ejielemere havia dado um bode para Èṣu, que então influenciou a cerimônia de execução tradicional. Então veio o momento para oferecer as vítimas sacrificiais, cabras, carneiros, galinhas etc haviam sido sacrificadas. Quando foi hora do sacrifício humano o garoto tinha sido amarrado aguardando a execução. Mas o executor sob a influência de Èṣu, que sabia que o garoto era de fato filho de Ọrunmila, cegou o fio da faca tanto que ela não pudesse cortar o pescoço da vítima. O executor se rendeu dizendo que Ifá tinha se recusado a aceitar a vítima. Ele então soltou o garoto, colocou-o de pé e desafiou os Awo a observá-lo lado a lado com o anfitrião, Ejielemere para ver se não havia aguçada semelhança entre eles. Os Awo identificaram e concordaram na semelhança. Os Awo então concordaram que o garoto deveria ser deixado livre para o pai naquela vez.

Neste meio tempo a divindade chamada Egi cujo papel era carregar o crânio de todas as vítimas degoladas para o céu chegou para executar sua função. Os Awo então cantaram para ele:

Egi mogbOrí eku.
Orí eku lomagba,
Mama gbOríe nio.
Egi mogbo rieja,
Oríe ja lomangba,
Mama gbOríenio.
Egi mogbOríeron
Orí eron loomangba
Mama gbOríenio.

Os Awo estavam tocando as cabeças do pai e do filho com o crânio de cada animal. Depois disso Egi partiu para o céu.

Naquele momento Ejielemere retirou seus instrumentos de autoridade (AṢE) e proclamou que a partir daquele dia Ọrunmila já não mais ofereceria um ser humano como sacrifício para Ifá. Isto marcou o fim de sacrifício humano no Ifismo.

Quando terminou a cerimônia, Ejielemere perguntou a seu filho o paradeiro de sua mãe Kporoye e o filho narrou que a mãe tinha sido vendida como escrava na cidade de seu pai. Ele rapidamente decidiu ir a busca da mulher para trazê-la para casa viva por bem.

O pai de Kporoye, o Ajero de Ijero também oferecia um sacrifício humano em seu festival anual. Ele tinha também ordenado para um escravo ser usado para sacrifício naquele ano. O mensageiro que foi ao mercado, coincidentemente também comprou Kporoye para seu pai. Quando foi trazida ao palácio de seu pai, foi mandada lavar a casa em preparação para o festival. O Ọba tinha esquecido que ele tinha uma filha com o nome de Kporoye. Quando ela estava esfregando o chão, começou a cantar a história de sua vida, de seu pai, como ela partiu de casa, aonde ela casou, quem desposou, como teve um filho, e como foi presa por bandidos e vendida como escrava.

A mulher que estava tomando conta da escrava chamou o Ọba para ouvir a canção da escrava. Depois de ouvir a canção, o pai chamou-a por seu nome Kporoye e ela lhe respondeu. Depois disso o Ọba chamou sua mãe para identificar Kporoye. Vendo-a ambos caíram em lágrimas se alegrando pelo reaparecimento da filha que ele tinha a muito dado como morta. Ela foi imediatamente libertada da servidão e vestida apropriadamente como uma princesa. O Ajero também proclamou que a partir daquele dia, seres humanos não mais seriam usados para sacrifício no seu reino.

Nesse meio tempo, princesa Kporoye informou seus pais que seu outro problema era como localizar o pai de seu filho e como achar seu filho. Ao mesmo tempo, Ejielemere tinha deixado Okemesi em busca de Kporoye. Ele se vestiu de farrapos e aguardou na beira da estrada. Em seu caminho para o rio, Kporoye viu Ejielemere e reconheceu-o logo apesar das roupas esfarrapadas que estava vestindo. Em outra ocasião ele retornou como vendedor de lenha e Kporoye reconheceu-o novamente quando estava retornando seus escravos da fazenda, mas em cada uma das ocasiões ela resistiu à tentação de revelar seu entusiasmo.

Depois disso, Ejielemere foi à floresta, preparou folhas de palmeira e se vestiu com elas como um mascarado e começou a dançar seguindo em direção a Ijero. Foi quando Ajero e seus familiares viram o mascarado dançando ao redor deles e quando Kporoye viu o mascarado ela disse para seus pais que aquele era Ọrúnmìlá, mas eles discordaram dela porque Ọrúnmìlá não estava acostumado a se vestir como um mascarado. Após assisti-lo durante algum tempo a distancia, Kporoye saiu para o jardim do palácio de seu pai para admirar o mascarado. O mascarado então começou a dançar em

volta dela. Quando ele veio perto dela, o mascarado agarrou-a e fugiu com ela. Assim que eles ficaram longe das vistas ele removeu sua máscara e se identificou para Kporoye e apelou para ela retornar para casa com ele.

A fim de evitar o risco óbvio de ser interceptado no caminho ele vestiu Kporoye como o mascarado e seguiu a como escolta para sua cidade natal. Quando ele chegou a sua casa em Okumesi, ele revelou o mascarado e Kporoye abraçou seu filho Olomo que saiu para se alegrar seus velhos amigos em comemoração ao seu reencontro com sua mãe. Poucos dias depois o povo da cidade compreendeu que Ejielemere tinha tomado uma segunda esposa. Kporoye estabeleceu-se com ele e teve cinco outros filhos em adição a Olomo. Uma vez a família estando completamente reunida eles viveram uma vida próspera por muito tempo.

SUCESSO DEPERTA A INIMIZADE PARA EJI ELEMERE

Contudo Eji Elemere tinha se tornado muito rico e famoso e conseqüentemente especialmente indicado como um dos quatro divinadores reais de Oyo. Os outros três moravam no céu e Ejielemere era o único morando na terra. Os nomes dos outros três eram:

I) Okpotere – Awo Ode Omanikin
II) Otaarata Awo Imina Ale
III) Agbara mija gidi gidi – Awo Ode Ilakporo.

Eles costumavam ir a divinação no palácio do Olofen a cada os cinco dias. O Rei tinha ficado tão apreensivo a respeito da competência e popularidade de Ejielemere, que ele decidiu tramar sua destruição. O Rei criou um buraco para ser cavado no chão de seu palácio em um precipício fundo, cobrindo a boca do buraco com uma esteira estendida sobre ele. Conseqüentemente convidou Ejielemere para visitá-lo no palácio. Assim que ele chegou ao palácio, foi levado a sentar-se na esteira estendida sobre o buraco fundo. Mal se sentou na esteira caiu então no buraco, encontrando-se imediatamente no céu. Enquanto no céu, caminhando desorientadamente ao redor, ele cruzou com um de seus companheiros Awo celeste, com quem costumava fazer divinação no palácio do Alafin.

O homem perguntou-lhe o que ele estava fazendo no céu e ele respondeu que ele veio para retribuir ao terceiro deles uma visita. Todos os três Awo celestes logo se juntaram e sacrificaram uma cabra para banqueteá-lo, e quando o banquete chegou ao fim, ele conseguiu se aprontar para retornar para a terra. Mas seus colegas convenceram-no a passar a noite com eles e ele concordou. Na manhã seguinte, quando estava dando partida a sua jornada de retorno, os Awo presentearam-no com uma cabra mostrando para ele um atalho para a terra. Ele instantaneamente se encontrou de volta em sua casa terrestre. Assim que chegou em casa, banqueteou seus amigos e seguidores com a cabra que trouxe do céu.

Três dias depois, era hora para a próxima visita de divinação ao palácio do Alaafin, mas naquela ocasião ele se recusou a ir ao palácio. Assim que os três Awo do céu apareceram no palácio, eles não viram Ejielemere. Quando questionaram ao Alaafin porque Ọrúnmìlá não estava presente, ele replicou que Ejelemere havia fugido da terra. Entretanto os Awo insistiram que um mensageiro deveria ser enviado para procurar por ele em sua casa. Dois mensageiros foram enviados a sua casa antes que ele respondesse. Quando ele por fim apareceu tomou sua posição habitual. Antes que o dia de trabalho começasse formalmente, ele revelou como tinha sido tratado pelo Alaafin quatro dias antes. O Alaafin não tinha defesa para a acusação, tanto que foi imediatamente multado em quatro cabras e quatro barris de vinho.

O Rei pagou a multa e a divinação do dia foi feita de acordo. Quando os Awo se ergueram para retornar para suas respectivas casas e destinos, eles entoaram uma canção como segue:

Okpoteere Awo Ode –omanikin
Otaarata, Awo Imina Ale
Agbaramija gidi
Awo Ode Ilakporo
Eji elemere, awo Ode Oyo
Awa merenrin loon shawo, awa merenrin loda faatun
Olofen
Osheinde jomiin, jomiin,
Osheide jomiin, jomiin.

Significando, nós viemos fazer divinação para o Alaafim, mas ele nos recompensou com ingratidão, relembrando que uma boa ação merece outra, enquanto que uma má ação destrói um relacionamento mútuo.

COMO O BODE SE TORNOU O ALIMENTO BÁSICO DE ÈṢÙ

No auge de sua prosperidade, todos os Awo decidiram se reunirem na casa de Eji Elemere, porque ele costumava fazer elaborados banquetes. Ele tinha um moinho de óleo na floresta aonde produzia óleo de palma. Aja e Obuko eram seus dois servos. Num determinado dia após a divinação matutina, ele foi advertido a não ir ao moinho naquele dia. Era o dia do encontro dos Awo. Mas sua esposa logo descobriu que não havia óleo para usar para preparar o banquete daquele dia. Ele decidiu correr ao moinho para pegar óleo de palma para o banquete do dia. Antes de partir, ele alertou seus dois servos para não dizer a ninguém onde estava indo.

Antes de retornar do moinho, os Awo começaram a chegar, um após o outro. Quando eles perguntaram aos dois servos sobre a localização de seu mestre, Obuko respondeu que ele tinha ido ao moinho de óleo. Ele havia ignorado completamente as instruções do seu mestre em não revelar sua missão para ninguém. Mas Aja, entretanto veio em auxílio da imagem do seu mestre acusando Obuko de estar mentindo. Ele corrigiu que seu mestre tinha apenas ido a floresta atrás da casa para pegar folhas para usar em um sacrifício especial para a reunião do dia. Aja se afastou sorrateiramente através da porta dos fundos da casa, com uma roupa branca na mão e foi avisar seu mestre o que havia acontecido. Aja lhe contou que ele tinha sido traído por Obuko.

Eji ede, então colocou a roupa branca trazida pelo leal Aja, dizendo-lhe para retornar para casa para limpar completamente a câmara de conferência. Tão logo Aja seguiu para casa, ele também foi com algumas peças de inhame e fruto seco de palma (Ironyin em Yorùbá) e (Imom edin em Bini).

Chegando em casa ele cumprimentou seus convidados, mas eles se recusaram a responder. Contudo ele se desculpou por não estar em casa para recebê-los, mas explicou que apenas saiu para coletar materiais para fazer um sacrifício especial para o interesse coletivo. Ele revelou que Ifá recomendou o sacrifício como resultado da divinação matutina que ele fez naquele dia. O sacrifício seria feito para Èṣu lavando a cabeça de todos eles no altar de Èṣu com a cabeça cortada de um bode. Ele se queixou que o único material que faltava para o sacrifício era o bode. Visto que o Obuko era o próprio, todos os olhos se voltaram em sua direção. Obuko foi capturado imediatamente e usado para o sacrifício. Este acontecimento explica porque:

1. É comum se dizer que foi a boca do bode que o matou.
2. Daquele dia o bode se tornou o instrumento popular de sacrifício para Èṣu.
3. Aja ou o cão nunca é usado por Ọrúnmìlá para nenhum sacrifício por conta de sua lealdade declarada para seu mestre.

Quando este Odu surge na divinação, o consulente deverá ser avisado para tomar cuidado com seu servo que está planejando traí-lo ou mentir contra ele.

A DIVINAÇÃO PARA (YEYE OLOMO MEFA) MÃE DE SEIS FILHOS

Quando um colega de Ejiede visitou-o em um dia de descanso, uma mulher que tinha perdido três dos seus seis filhos, visitou-o para divinação. O nome do Awo visitante era Ekpukpu dedede. Após a divinação a mulher foi avisada a fazer sacrifício porque a morte ainda estava muito próximo ao seu encalço, e que ela corria o risco de perder o restante dos seus filhos para as frias mãos da morte. O sacerdote de Ifá disse-lhe para fazer sacrifício com o óleo da fruta da palma, uma esponja, sabão, um pente, quiabo, pimenta, óleo, um rato, um peixe e um coelho e dar um bode para Èṣu.

O sacrifício para Èṣu foi feito e o restante dos sacrifícios foi preparado para ser entregue por ela mesma para a mãe da morte no céu. Ela carregou o sacrifício para o céu na época em que ainda era possível ir da terra para o céu e voltar. Chegando ao céu, Yeye Olomo Mefa encontrou a mãe da morte em casa. Quando questionada sobre o objetivo de sua missão, explicou que veio ao céu para implorar por sua ajuda em persuadir seu filho, Morte, a não tomar mais nenhum de seus filhos.

A mãe da Morte disse a mulher para sentar e aguardar o retorno de seu filho que estava em uma missão na terra. Assim que ela sentou, perguntou a velha mulher se já não era a hora de cozinhar comida para comer. A mãe da Morte explicou que antes de cozinhar, ela tinha que aguardar pela chegada de seu filho com seus humanos capturados, que eles cozinhariam para comer, mas a velha mulher queixou-se que não havia condimentos na casa para preparar a sopa. A visitante então mostrou o sacrifício que ela trouxe da terra que continham todos os condimentos tradicionais para preparar uma sopa. Yeye Olomo Mefa então começou a preparar a sopa para a casa. Quando a sopa estava sendo preparada, a visitante observou que o cabelo da velha senhora estava mal cuidado. Ela propôs que ela poderia trançar o cabelo dela, mas a mãe da Morte explicou que não tinha sabão e esponja para tomar banho e que não havia óleo do fruto de palma e pente para escovar seu cabelo. Yeye Olomo Mefa então tirou todos os materiais porque eles estavam entre as coisas contidas em seu sacrifício. A velha senhora tomou seu banho com o sabão e esponja e depois de comerem eles começaram a trançar seu cabelo.

Após trançar o cabelo a velha senhora lhe disse para adentrar a casa porque seu filho estava prestes a chegar dentro em pouco. Não muito depois, Morte retornou com um ser humano o qual foi à única caça que ele trouxe da terra. A sua mãe brigou com ele por voltar com apenas uma vítima após estar longe por um longo tempo. Morte explicou que todos os outros tinham feito sacrifícios e que o único homem insensato que se recusou a fazer o sacrifício foi aquele que capturou. A mãe então lhe disse para admirar seu novo visual, mas para fazer sua refeição primeiro. Após comer, a mãe lhe disse que foi um visitante da terra que veio para apelar a ele por ajuda que lhe deu seu novo visual e preparou a comida que ele comeu. Ela então explicou que a mulher veio para solicitar a salvação de seus três filhos restantes, tendo perdido três deles para a Morte.

Neste ponto Yeye Olomo Mefa saiu e ao avistar Morte ela começou a tremer. Morte tranqüilizou-a para não tremer, porque se quisesse matá-la, teria feito muito antes de retornar para casa no céu, tendo em vista sua grande vantagem. Foi então que ela suspirou de alívio e juntou com serenidade

suficiente para explicar seus problemas. Após ouvi-la, Morte lhe disse para mencionar os nomes de seus três filhos restantes e ela deu os seguintes nomes:
1. Oota (pedra);
2. Aale (solo);
3. Abiri Shoko (Olikhoro em Bini) – uma planta flexível que cresce com pequenos ganchos em todo seu corpo e tem um grande tubérculo.

Após ouvir seu apelo Morte prometeu que nunca ele tocaria novamente em nenhum de seus filhos restantes. Este é o porque Ọrúnmìlá diz:
1. Oota Eeku;
2. Ale eerun;
3. Abiri Shoko Eerare Eshi.

Significando:
1. A pedra não morre.
2. Solo não fica doente.
3. O ano não passa para aquele que não vê a planta de Abiri Shoko.

Este é o porque os três não morreram por causa do sacrifício feito por sua mãe. Quando este Ifá surge na divinação, a pessoa deve ser questionada se ele ou ela tem seis filhos. Tendo, a pessoa será recomendada a fazer sacrifício para evitar perder três deles para a Morte, se ainda não tiver acontecido.

CAPÍTULO XXV – EKA-MEJI

I I I I
I I
I I I I
I I I I

O nome de Ekameji no céu era Ikere Iyamsi. Ele era um Awo muito poderoso no céu, tendo muitos seguidores sob seus cuidados. Entre tais seguidores estavam, Ekpo-Keune e Eninuo Keun que fizeram divinação para Utukpa. Entre outras palavras, foi o pequeno óleo e a pequena linha que fizeram divinação para a lamparina quando ele estava vindo para colher à recompensa dos seres humanos. A lamparina foi avisada a fazer sacrifício com um galo e 1 galinha e ele o fez. Depois disso recebeu um escravo humano para servi-lo eternamente. Este é o motivo até hoje que um ser humano é quem reabastece ou reacende a lamparina quando está a ponto de se extinguir. Quando a lamparina estava preste a apagar, o povo freqüentemente chama um menino ou uma menina para reabastecer ou reacendê-la. Se não houver ninguém ao redor, a pessoa deverá fazê-lo por si mesma, tudo em prol da lamparina. Importante como comida, ar e paz são para o corpo, eles agem por si mesmos enquanto que por sua vez, a lamparina é a única que é sempre servida por seres humanos.

Este é porque quando Ekameji surge na divinação para uma pessoa ela é avisada a fazer um sacrifício similar. Se o consulente é um homem ele será avisado que uma mulher está vindo para se casar com ele por vontade e que a mulher o servirá obedientemente e lealmente até o fim de sua vida. Se é uma mulher ela será avisada que encontrará um novo marido que virtualmente a servirá como um escravo e não pensará em casar com nenhuma outra mulher depois disso.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O GATO

Um dos subalternos de Ekameji chamado Iba Rere foi o sacerdote de Ifá que fez divinação para Uno (fogo). Outro sacerdote Ikelewii foi um dos que fez divinação para o gato quando ele estava vindo ao mundo para caçar. O gato foi avisado para fazer sacrifício com uma faca e uma tesoura segura (Awan em bini e Eemu em Yorùbá) acrescentando galo e pombo. Foi pedido a ele para fazer sacrifício afim de que nenhuma vítima que ele agarra-se pudesse escapar. Depois de fazer o sacrifício, ele veio para o mundo. Para sua caçada, ele desenvolveu uma estratégia. O fogo em consideração de que le fez sacrifício tornou-se a bola de luz dentro de seu globo ocular. Assim que ele olhava uma vítima tomaria uma posição e focalizaria a luz brilhante em seus olhos para ofuscar a vítima e dizer Mootishebo Ikelewi e pular sobre a vítima e agarrá-la. Assim é como o gato caça até hoje.

Na divinação a pessoa deverá ser avisada para faze sacrifício afim de que tudo que ele está aspirando alcançar possa frutificar.

EKAMEJI SE PREPARA PARA VIR AO MUNDO

Oríginalmente ele costumava a ser o mais novo discípulo "ODU" de Ọrúnmìlá. Ele usualmente sentava entre os discípulos e não com os 15 apóstolos (olodus). Quando ele estava se preparando para vir ao mundo foi a um sacerdote de Ifá chamado Ukere, Gbagburu, Wanu-Awo Oji. Ele avisou para fazer sacrifício com um bode para Èşu, e um carneiro para seu Ifá. Depois disso, Èşu a Ọrúnmìlá e lhe disse que Ikere Iyansi (Ekameji) era eficiente e experiente o suficiente para ser um Olodun. Assim é como ele se tornou um dos 16 Olodus.

A maneira que Èşu fez foi contar para Orişa Nla que os Odus mais velhos eram subordinados a Ekameji e Orişa Nla sancionou-o para deixar o grupo de Odus e se juntar aos Olodus.

EKAMEJI PARTE PARA TERRA

Antes de finalmente deixar o céu ele foi a dois Awos para divinação e eles eram chamados Awi Are, Ese Orín Ejo Eure Ejo Onajawa. Eles avisaram para dar outro bode a Èşu, 1 galinha da angola para seu Ifá e 1 pombo para sua cabeça, a fim de evitar o perigo de ter problemas insuperáveis na terra. Ele fez os sacrifícios e partiu para o mundo, em sua nova características como um dos Olodus.

Chegando ao mundo descobriu que por causa de sua pouca idade na genealogia dos apóstolos no corpo literal de Ifá, estava freqüentemente subestimados pelos Olodus, que davam pouca ou nenhuma importância ao que ele dizia. Ele também estava tendo problemas em manter-se dentro de um determinado orçamento. Ele não tinha esposa e nem filhos. Nesse meio tempo, Èşu criou novos problemas para Deus desfazendo sua arte criativa e projetos. Como Deus estava acostumado a fazer, ele decidiu ir disfarçado para descobrir o que estava causando seus problemas. O primeiro Awo que ele encontrou foi Ekameji. Antes de fazer divinação para ele e sem saber que era o Pai Todo Poderoso, Ekameji exigiu uma bolsa de dinheiro ou equivalente a 50 K como honorários de divinação. Ele disse ao consulente que Èşu era o responsável por destruir seu trabalho, e que ele tinha que oferecer 1 bode em sacrifício. Deus respondeu que ele não poderia juntar o dinheiro para comprar o bode. Ekameji retirou um bode de sua casa e usou-o para servir a Èşu para o supostamente destituído consulente, que ele não pode reconhecer como Deus todo poderoso. Ele meramente fez o favor com base em humanitarismo e compaixão. O consulente então agradeceu

Ekameji, e perguntou pela residência restante dos Awos mais velhos. E mostrou-lhe a direção da casa em que Ejiogbe vivia na cidade. O visitante partiu para a casa de Ejiogbe para divinação.

Chegando na casa de Ejiogbe sua reação ao pedido de Deus para divinação foi que ele não tinha tempo para divinação naquele momento importante. Com aquela recusa, Deus deu meio volta e retornou para o céu. Antes de ele chegar em casa, Èşu tinha largado de suas artes e projetos, e as coisas tinham voltado ao normal, tendo aprisionado-o. Três dias depois Ele se vestiu em seu traje completo como o Deus Todo Poderoso e novamente partiu para a terra. Quando Ekameji o viu tremeu e se arrepiou. Ele disse a Ekameji para não se apavorar porque veio para repassar o custo do sacrifício para ele 3 dias antes. Após compensá-lo pelo bode, Deus ordenou que daí então ninguém deveria contestar qualquer coisa que Ekameji dissesse. Assim foi como Ekameji recebeu seu instrumento de autorídade "Aşe" de Deus que tornou proibido para qualquer sacerdote de Ifá ou divinador questionar o que quer que ele proclamasse. Deus também lhe disse que ele teria toda a prosperidade que ele deseja-se enquanto estivesse na terra. Depois disso, teve grande quantidade de dinheiro, esposas e filhos.

EKAMEJI GANHA UMA COROA

Quando chegou ao mundo, Ekameji foi um dos mais novos Olodus e, por conseguinte não tinha coroa para si mesmo. Quando descobriu que todos os outros Olodus já tinham coroas, decidiu ir a divinação para saber o que fazer para ter sua própria coroa. Ele foi até um sacerdote de Ifá chamado Efuye Miile, que o avisou a fazer sacrifício com um rato, um galo e uma tartaruga. Após o sacrifício ter sido feito, ele foi convidado pelo Rei de Ifé para solucionar um quebra cabeça que ele fez vitoríosamente. Para recompensá-lo, Olofen lhe enviou uma Coroa de Contas, roupas, sapatos e uma bengala.

Muito cedo na manhã seguinte, ele vestiu sua nova roupagem, na qual ele parecia tão esplêndido como para ganhar a admiração de suas esposas. Após trajar formalmente sua nova roupagem, ele decidiu fazer um agradecimento ao Rei. Quando ele por fim surgiu no palácio, sua nova roupagem irritou os Olodus mais velhos. Ele foi recebido cordialmente pelo Rei, mas retornou para casa preocupado com a reação dos Olodus.

Chegando em casa, ele convocou um Awo chamado Agbe Onide, Awo Olode Igbodo, para divinação. O Awo avisou-o para fazer sacrifício por uma longa vida e prosperidade. Ele lhe disse para dr um bode para Èşu, e um cão para Ògún e um bode castrado incluindo oito ovos para as mais velhas da noite. Depois de fazer o sacrifício ele não teve mais problemas com os Olodus mais velhos. Ele ao final das contas viveu até a idade avançada.

POEMA PARA CORRIGIR OS TRAÇOS DIFÍCEIS DE EKAMEJI

É dito que quando Ekameji aparece para alguém no Ugbodu durante a cerimônia de iniciação a pessoa é provável a experimentar tremendos problemas na vida, a menos que ele seja capaz de conseguir um sacerdote de Ifá eficiente para tornar claros os obstáculos inevitáveis para ele. Ọrúnmìlá foi capaz de fazê-lo para seu filho Ekameji com o seguinte poema:

Abimonkon nule Ooni
Aroleka abi Ikejire
Aro likaun kaun gbara
Kai bikon tiibimon meji loode

Aaro nikaani
Agbalikaka Ikani mÒgún
Okalule Ojiji
Ojoo doja riomon eja
Okalule toromi
Ojo loja riomon eku
Oka inon ojo olojaara
Oka lule Orísa
Owe wu oje
Okalule oduro kpekpekpe
Ojo Oloja Ikin
Oduro Oshokungbeni Ikin joko
Owa maawo eyin re ashetii

Tradução:

Uma criança que nasceu em casa;
É interpretada como um problema difícil.
Uma segunda criança nascida,
É dito ser um bom presságio.
Este era o quebra-cabeça.
Como é que alguém explica a chegada;
Da Fortuna ou do Infortúnio na mesma casa.
Infortúnio permitirá a Fortuna florescer?
Um sábio foi trazido para explicar o enigma;
O homem sensato explicou que;
O filho da dificuldade é enguia ou peixe elétrico,
Que mora em um rio;
Cheio de numerosos peixes inofensivos.
Este é o porque a enguia elétrica;
É o Rei dos peixes;
E porque os peixes inofensivos;
Abundam como eles podem ser;
Não podem desafiar a enguia elétrica.
No mesmo jeito do rato;
Com um nariz pontiagudo;
É tão pavoroso que é o Rei dos ratos.
É chamado em Itoromi em Yorùbá;
E Okhan em Bini.
Que é também porque o abdômen imprevisível;
Tornou-se o Rei do corpo.
E porque o exemplo ganhou importância;
Na casa de Deus.
Porque ele não enferruja;
E porque o Oluro se tornou;
O Rei de todos os Ikins;
Na casa de Ọrúnmìlá;
Por causa de sua posição frontal e sua parte de trás;
Que estão alinhadas com prosperidade.

Quando Eka meji surge no ugbodu, significa que o sujeito terá dificuldade na vida e em viver no meio de inimigos poderosos, que sempre irão se esforçar para destruí-lo a menos que todos os materiais mencionados acima sejam coletados para o propósito de preparar o Ono-Ifa (Odiha em Bini) para facilitar sua passagem através da vida.

CAPÍTULO XXVI – ETURUKPON-MEJI/ OLOGBON-MEJI

I I I I
I I I I
I I
I I I I

Eturukpon meji por outro lado conhecido como ologbon-meji revela como a faculdade da inteligência veio para o mundo. Esta revelação esta contida nos nomes dos Awo ou dos sacerdotes de Ifá que eram seus divinadores celestes. Seus nomes foram revelados no seguinte poema:
Ologbon logbon kii taa koko omi.
Omoron moron eekika yekpe Ode.
Okpitan eekpitan mun Ekiti,
Ubore jade leewa.
Significando:

Ninguém pode ser habilidoso o suficiente;
Para empacotar a água com sua roupa.
Ninguém pode ser inteligente o suficiente;
Para contar a areia da terra.
Nenhum sábio pode ser suficientemente conhecedor de provérbios;
Para revelar seus próprios segredos por meio de parábolas.
É também Ologbon meji que revelou como Ọrúnmìlá e as outras divindades retornaram do mundo. Antes de fornecer os detalhes desta revelação. É importante mencionar alguns dos trabalhos conhecidos que ele fez no céu.

OLOGBON FEZ DIVINAÇÃO PAR EKUN E PARA IFAA (O TIGRE E O GATO DO MATO)

Para o propósito deste capítulo, nós iremos nos referir ao Tigre como Ekun e ao gato do mato como Ogbo. Ogbo teve um sonho aterrorízante e decidiu ir a Ọrúnmìlá para divinação. Ekun e Ogbo nasceram dos mesmos pais. Após divinar Ọrúnmìlá disse a Ogbo que era necessário fazer sacrifício para sua cabeça com uma galinha da angola porque seu irmão, Ekun, estava tramando matá-lo para comer. Ele também foi avisado em abster-se de servir a cabeça de outras pessoas, não importando a proximidade do relacionamento. Acima de tudo, ele deveria ser muito cuidadoso e vigilante com todos os acontecimentos ao seu redor. Ele fez o sacrifício.

Ekun também foi a Ọrúnmìlá para divinação no que fazer para ser capaz de matar seu irmão Ogbo para comer. Ele foi avisado a dar um bode a Èṣu. Apesar de ele ter prometido ante Ọrúnmìlá fazer o sacrifício, no entanto ele mudou seu pensamento no caminho para casa. Argumentou consigo que a carne de um bode que ele foi solicitado a sacrificar era tão rica quanto à do frágil Ogbo. Ele, por conseguinte se recusou a fazer o sacrifício. Ekun, entretanto abordou outros animais e prometeu se abster de matar qualquer um deles se pudessem atrair Ogbo para sua armadilha. Ele então disse lhes para persuadirem Ogbo em concordar a vir e servir sua (Ekun) cabeça, desta forma criando a

oportunidade de capturá-lo. O leopardo, também nascido dos mesmos pais como os dois, se ofereceu para convencer Ogbo.

Neste meio tempo, Ekun amarrou uma cabra com a qual servir sua cabeça. Depois disso, esfregou se corpo com óleo do fruto da palma para parecer doente.Quando o leopardo chegou até a casa de Ogbo, ele lhe disse que seu irmão Ekun estava muito doente e que o divinador tinha avisado que apenas ele, Ogbo, poderia salvá-lo servindo sua cabeça. Apesar de ele ter se lembrado da advertência dada a ele por Ọrúnmìlá para não servir a cabeça de ninguém, ficou relutante em recusar o favor ao seu irmão. Contudo se encaminhou para a casa de seu irmão para servir sua cabeça. Chegando lá, encontrou todos os outros animais se apiedando com Ekun. Havia uma atmosfera de indescritível melancolia e parecia como que se Ekun estivesse realmente a ponto de morrer. Contudo, olhando direto nos olhos de Ekun, Ogbo compreendeu de uma vez o que seu irmão estava pretendendo. Ele imediatamente propôs que a vítima sacrificial a cabra, deveria ser sacrificada por outro animal após o que ele utilizaria a cabeça decapitada da cabra para nomear a cabeça de Ekun de acordo com a tradição. Sua sugestão foi aceita, e a Hiena sacrificou a cabra e deu a cabeça para Ogbo. Quando Ogbo estava orando com a cabeça da cabra na mão, ele estava dançando constantemente para trás enquanto apontava a cabeça da cabra em direção aonde Ekun se situava. Quando ele fez isto, estava cantando. Ele louvou Ọrúnmìlá que fez divinação para ele. Desta Forma:

Ologbon logbon kii shebi Ojo,
Ifa bolo bolo niitee Ekun,
Odifafun funmi Olu Ifaa.
Mogbo, moru.
Eyiin eyiin lamujo, Eyiin jo are.

Quando ele cantou, ele permaneceu dançando para trás. Após agradecer a honra a distância, ele esfregou sua própria cabeça com o crânio da cabra e correu para longe. Quando Ekun viu a inesperada reviravolta dos fatos, acusou os outros animais ao redor dele por serem coniventes com a fuga de Ogbo. Ele imediatamente atacou e devorou alguns deles. Apesar de Ogbo ter sobrevivido a estratégia maléfica de Ekun por causa do sacrifício que ele fez, enquanto os projetos de Ekun contra Ogbo falharam em se materializar por causa do sacrifício que se recusou a fazer.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA EGHERUN O PÁSSARO MAIS BONITO NO CÉU BEM COMO PARA O UGUN OU ABUTRE

Ologbon Ologbon shoro Ologbon
Ufa yeye shoro aye
Odafa fun egherun
Abufun Ugun.
Significando:

O prudente venera a sabedoría;
A raposa pratica a caçada.

Estes foram os nomes dos Awo que fizeram divinação para Egherun, quando ela estava indo se casar com o Abutre. Os pássaros mais aceitáveis tinham feito propostas iniciais de casamento a ela, mas ela declinou-as todas. Ugun começou a se perguntar como uma bela garota poderia assim notoríamente recusar todos os pretendentes aceitáveis para sua mão em casamento. Ele decidiu desafiá-la achando uma estratégia própria para chantageá-la até a submissão. Ele foi à floresta para

pegar um monte de frutos de palma frescos na beira da estrada e então foi se esconder para vigiar com cuidado os frutos. Por sua vez Egherun não poderia nunca resistir à tentação de colher frutos de palma aonde quer que ela os encontrasse. Naquele dia em particular, ela tinha ido ao mercado. Em seu caminho de volta viu os atrativos frutos de palma na beira da estrada e não pode resistir à urgência de catá-los do monte.

Depois de catar tantos frutos de palma que ela poderia carregar convenientemente, estava prestes a partir quando Ugun começou a acusá-la de roubo, uma ofensa que acarretava a sentença de morte. Ela começou a implorar a Ugun que não surpreendentemente, recusou todos suas súplicas.

Ela então perguntou o que ele queria dela em troca da indignidade e o risco de ser chamada em juízo diante dos mais velhos, aonde a punição para aquilo era a morte. Neste ponto, Ugun proclamou que o único castigo efetivo para o crime era casar-se com ele.

Ela concordou em casar-se com ele, mas Ugun insistiu que ela tinha que ir com ele imediatamente até sua casa. Ela não teve escolha à não ser aceitar. Ela não poderia viver com o constrangimento do conhecimento público, assim sendo Egherun tinha aceitado por fim casar com o horroroso abutre, depois de rejeitar a proposta de muitos admiradores elegíveis.

Depois de passar muitas noites sem dormir ela decidiu ir a Ọrúnmìlá para divinação. Após a divinação, Ọrúnmìlá lhe disse para fazer sacrifício com dois galos que ela produziu imediatamente.Um dos galos deveria ser aberto e oferecido como sacrifício em uma encruzilhada. Foi avisada para depositar o galo ela mesma na encruzilhada e após se esconderia por perto para vigiar o sacrifício. Ugun tinha saído de casa para ir procurar comida com que alimentar sua noiva. É de conhecimento comum que o Abutre não pode resistir à visão de carne morta. Quando ele estava retornando para casa, veio pela estrada, aonde viu o galo sacrificial. Ele voou até o ponto e pousou paa comê-la. Depois de comer para a alegria de seu coração, embrulhou o restante para ser levado para casa para sua esposa. Quando ele foi para casa, Egherun saiu do esconderijo para acusá-lo de roubo. Quando ele argumentou que um marido não pode ser acusado de roubo por sua esposa, ela contrabalançou explicando que cada argumento só pode ser admissível dentro uma casa matrimonial de um casal, e que até mesmo então tinha que ser averiguado diante de um grande tribunal dos mais velhos. Ela insistiu que não fez o sacrifício na encruzilhada para ele, o que significa que ele tinha roubado.

Compreendendo que sua posição era desesperada, Ugun quis saber o que ele precisava fazer para pagar a ofensa. Em resposta, Egherun explicou que o que ele tinha que fazer era rescindir o casamento imposto a ela sob coasão e proclamar publicamente que ela não mais era sua esposa. Ugun não teve escolha, mas para libertar egherun do vínculo do casamento pela proclamação que ela estava livre para deixá-lo e retornar para sua casa. Egherun imediatamente voltou à casa de ugun para remover todos os seus pertences para levá-los por bem.

Foi daquele dia que começou o ditado:

Mii Omon Igbatii Egherun do Ugun;
Mii Omon Igbati Egherun ko Ugun;

Significando:

Ninguém soube quando Egherun casou com o Abutre e quando ela o deixou.

Quando este Odu surge na divinação à pessoa será avisada que ele ou ela irá casar com alguém sob coasão, mas aquele casamento não irá durar, se o sacrifício for feito.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA O CAÇADOR COM UMA ESPOSA TEIMOSA

Havia um caçador que tinha um acordo secreto com as mais velhas da noite em auxiliá-lo nas suas expedições de caçada. Elas proviam para ele suas caças sob a condição que sempre as permitiria a sugar o sangue de qualquer animal que ele matasse. Enquanto isso, sua esposa estava ansiosa para saber o porque ele costumava vir para casa com animais decapitados. Ela decidiu seguí-lo até a floresta para descobrir o que estava acontecendo com as cabeças e o sangue dos animais que ele estava matando. Ele não sabia que a esposa costumava acompanhá-lo até a floresta.

Em uma das ocasiões, as mais velhas da noite lhe disseram para prevenir qualquer um que estivesse seguindo-o até a floresta para desistir de fazê-lo. Chegando em casa ele falou a sua esposa sobre o alerta e ela fez de conta como se não tivesse nada a ver com ela.

Em sua próxima expedição de caça, a esposa seguiu sua trilha até a floresta atrás dele. Chegando na floresta ele começou a caçada. Quando terminou a caçada, foi até a reunião das mais velhas da noite e elas drenaram todo o sangue e colocaram-no em um pote de barro. Neste estágio as mais velhas da noite perguntaram-lhe se em desafio a suas instruções, ele veio com algum espião. Ele negou ter vindo com alguém. Insistiram que alguém veio com ele e lhe disseram para averiguar. Elas removeram as folhas com que sua esposa se cobriu e ordenaram-lhe que saísse. Quando o caçador descobriu que era sua esposa, ele implorou a elas para poupar sua vida e perdoá-la. Elas lhe disseram que não havia perdão no mundo das feiticeiras.

Elas disseram lhe para levantar e avisaram-na que já que era tão curiosa para querer saber o que elas estavam fazendo com o sangue dos animais mortos pelo seu marido, ela teria que pagar o preço de sua transgressão. Elas coletaram todo o sangue drenado dos animais alvejados pelo marido naquela noite e fizeram-la beber. Após beber o sangue, ela começou a padecer de paralisia, ou perda de sangue. Ficou tão doente que o marido não tinha tempo para dedicar para a sua caçada. O povo da noite tinha retirado seu apoio dele por causa da ação de sua esposa. Ele depois foi apascentar as mais velhas da noite e depois de pagar a multa estipulada, elas concordaram em modificar a punição da mulher, proclamando que daí então, a mulher veria o sangue apenas uma vez no mês que é a menstruação que todas as mulheres tem até hoje.

Na divinação, um homem será avisado que ele tem uma esposa que é mais poderosa que ele mesmo e está planejando prejudicar seus negócios. Se ele fizer o sacrifício com um bode para Èşu, os planos tanto serão exposta ou ela o deixará antes de executar seus planos nefastos.

OLOGBON-MEJI PARTE DO CÉU PARA A TERRA

Os três awo referidos no início deste capítulo foram aqueles que fizeram divinação par Ologbon-meji antes de ele vir para a terra. Ele foi avisado a fazer sacrifício com um pato para seu Ifá, uma tartaruga para sua cabeça, e um bode para Èşu. Ele foi solicitado a fazer sacrifício porque iria para ser beneficiário de toda a inteligência das divindades chegando ao mundo. Assim é como ele ganhou o nome de Ologbon-meji após fazer o sacrifício.

Chegando ao mundo, ele estava virtualmente a serviço de todas as divindades principais. Ele serviu cada um deles em sua vez, e foi capaz de aprender suas maneiras secretas. Quando obteve a

liberdade, eles submeteram-no a muitos testes nos quais ele passou porque tinha aprendido muito com eles. Este é o porque alguém que é nascido por Eturukpon-meji no Ugbodu deverá procurar todas as divindades principais em adição ao (hamely) Ifá, Ṣàngó, Ògún, Olokún, Eziza, Sankpana, etc,etc. Ele se tornará tão eficiente que os outros começarão a aprender com ele. Ele teve muitos filhos, casa, e clientes.

ELE SEDUZIU A ESPOSA DE ÒGÚN

Uja (ou Efae em Bini) esteve casada com Ògún por um longo tempo sem ter um filho. Um dia, Eturukpon-meji foi à floresta para pegar folhas para seu trabalho. Encontrou uma mulher na floresta, que desconhecido para ele, era a esposa de Ògún. O motivo pelo que ela não podia ter um filho era porque estava habituada a comer o sangue dos animais mortos pelo seu marido da floresta.

Ela imediatamente retribuiu a afeição de Eturukpon-meji e concordou em casar com ele, mas insistiu em permanecer na floresta.

Contudo ela disse para ele que seu marido formal freqüentemente a alimentava com sangue animal e carne e disse-lhe que ele não continuaria a alimentá-la com a mesma qualidade de alimento. Todavia ele abateu uma cabra e preparou um inhame pilado com sopa para ela comer e adicionou Iyerosun. Quando ele apresentou a comida para ela, ele cantou um poema como segue:

Alaghere, aya ose ari,
Wa ya gbi eje oni,
Aisode laari ibi,
Awo onje leeyi oo.

Então ele se ocultou e a mulher saiu para pegar a comida. Ela comeu e devolveu os potes aonde Eturukpon-meji deixou a comida. Assim foi como ele a alimentou por sete dias. Foi no sétimo dia que ela o seguiu até em casa da floresta.

Chegando em casa, ela ficou doente. Tendo descoberto que Ujaa tinha sido seduzida, Ògún começou a amaldiçoá-la. Seu novo marido convocou seus Awo para divinação e ele foi avisado a ir e pagar um dote dela. Este é o porque é necessário para qualquer filho de Ọrúnmìlá pagar um dote por uma mulher que ele tenha seduzido. Para pagar o dote, ele deveria fazer um sacrifício com um bode, um galo, uma tartaruga e cachorro. Ele deveria preparar uma cabana cercada com folhas de palma, cozinhar a carne lá e deixar a comida para seu marido formal apanhá-la na cabana. Ele fez conforme foi dito, no mesmo local aonde Ujaa viveu temporariamente na floresta.

Quando Ògún chegou lá, ele viu a comida dentro da cabana e sem se preocupar em encontrar quem seduziu sua esposa, ele comeu a comida, satisfeito que o sedutor pagou por ela.

No final daquele mês, Ujaa ficou grávida e teve um filho pela primeira vez em sua vida.

COMO ÒRÚNMÌLÁ DEIXOU O MUNDO

Gudu Gudu Aboju gberegede,
Ojo baba aluwe taa gudugudu,
Ologbon logbon koota koko omi,
Omo ran, koo mooye yekpe ile.

Alaa raa raa, emo bibi ale gbe kpekun,
Aje kuru jàkarà ni moru ko eere,
Odifa fun Òrúnmìlá baba shawo lÒsi,
Igbe ri okun tinyin tinyin.

O tambor de grande semblante.
A água usada para banho,
No banheiro,
Respinga nas paredes e no chão,
Do banheiro.
Nenhum homem é suficientemente sábio,
Para contar a areia da terra.
Ninguém viaja longe o bastante,
Para conhecer a dimensão da terra.
Ele que come àkarà e moyin moyin,
Conhece a (sobriquet) dos feijões.

Estes foram os Awo que fizeram divinação para Ọrúnmìlá quando ele estava retornando para o céu através do mar. Quando ele partiu para o mar (Okun) seus seguidores perguntaram por ele. Agora que você está deixando-nos para melhor, quem nós iremos chamar de nosso pai. Ele lhes disse para se referirem a alguém que eles achassem conveniente como seus pais. Ele decidiu retornar para o céu para nunca mais voltar ao mundo fisicamente de novo. Entretanto ele lhes disse que enviaria instrumentos através da árvore da vida (palmeira) através do que ele sempre falaria para eles.

CAPÍTULO XXVII – OSE-MEJI

I I
I I I I
I I
I I I I

Osegunmeji é conhecido por ter feito alguns trabalhos espetaculares no céu. Ele era apenas notório por sua disposição para briga. Era o único que, entretanto, revelou como dinheiro veio do céu para a terra. Ele revelou como um Awo chamado OROKUN ARO KOOSE MUNUKUN fez divinação para dinheiro quando estava se preparando para partir do céu. O mesmo Awo fez divinação para as divindades no que fazer para serem capazes de conseguirem os benefícios que aquele dinheiro pudesse dar. O significado do Awo é – O joelho do aleijado não se dobra. Cada uma das divindades foi avisada a fazer sacrifício com dezesseis pombos, dezesseis galinhas, dezesseis ratos, dezesseis peixes, dezesseis bolinhos de feijão (àkarà) e dezesseis ẹkọ. Em vez de fazerem o sacrifício individualmente como foram advertidos a fazer, decidiram juntar as mãos e fazer um único. Após o dinheiro ter partido para o mundo em forma de búzios, crescendo do céu até atingir o chão.

Logo que identificaram o impacto do dinheiro no chão, as divindades foram juntas e ponderaram em como levá-lo para suas várias casas para gastar. Ọrúnmìlá entretanto alertou-os para não retirar o dinheiro até procederem nova divinação e sacrifício. Ògún desafiou Ọrúnmìlá a ficar em casa e fazer sua divinação e sacrifício enquanto que o restante deles ia escavar o dinheiro. Ele se perguntou o que seria necessário para fazer divinação e sacrifício antes de comer a comida servida na mesa. Ọrúnmìlá aceitou a contestação e lhes disse que não tinha a intenção de acompanhá-los na

escavação do dinheiro, e naquele determinado momento, nem impor seu desejo e que eram livres para continuar sem ele.

Ògún pegou sua enxada e pá que fabricou para aquele propósito e partiu para o monte de dinheiro. Chegando lá, cavou muito o monte de dinheiro, retirando de um lado tudo o que foi capaz de extrair. Quando ele cavou fundo no monte, a camada de cima cedeu, e a avalanche caiu sob Ògún e esmagou-o vivo sob os escombros, restando quatro pedaços de búzios em seu peito.

Sanpana foi o próximo a ir ao monte, e terminou da mesma forma com 16 búzios em seu peito. Todas as outras divindades tiveram experiência similar incluindo Ṣàngó e Olokún. Quando eles não retornaram para casa, Ọrúnmìlá começou a se preocupar com o que tinha acontecido. Decidiu ir e verificar por si o que estava impedindo-os de voltar. Chegando descobriu todos mortos e juntou e amarrou em partes separadas o número de búzios que ele achou no peito de cada um deles.

Desta forma é dito que a avareza é que mandou de volta a primeira geração das divindades que habitavam a terra, para o céu. Osegunmeji, entretanto adverte que se a questão de dinheiro não é controlada com discrição e paciência, virá uma avalanche sob o procurador e irá destruí-lo.

Este é o porque todos aqueles que correm atrás de dinheiro com cobiça e avareza serão destruídos sob uma avalanche de dinheiro.

Neste meio tempo, Ọrúnmìlá decidiu que não havia lugar de acesso ao dinheiro do modo como os outros fizeram e foram para casa sem alcançar o monte. Ele preferiu abordar a situação com suas características secretas.

Chegando em casa, consultou Ifá que lhe disse para fazer sacrifício com dois pombos, duas escadas de mão e quatro ferrolhos. Ifá lhe disse para fixar os ferrolhos em cada um dos quatro cantos do monte, e servir o monte com os dois pombos. Ele foi avisado a jogar inhame amassado (Obobo em Bini e Ewo em Yoruba) ao redor do monte porque o pombo e o inhame amassado eram as comidas prediletas de dinheiro e foi avisado a posicionar as escadas no monte e começar escavando do ápice para a base.

Ele fez conforme foi avisado por ifá e quando ofereceu o sacrifício, ele falou um encantamento dizendo ao dinheiro que ninguém mata aquele que lhe oferta comida, e implorou ao dinheiro para não matá-lo como fez com os outros, tendo oferecido sua comida a ele. Depois disso escalou o monte com as escadas e escavou-o em pequenas quantidades até que levou tudo para sua casa. Foi a partir daí que Ọrúnmìlá começou a assentar no topo do dinheiro que é o porque seu altar é freqüentemente decorado com um trono de búzios. Para consultar Ọrúnmìlá em divinações sérias, o sacerdote de Ifá tem que assentá-lo primeiro em um trono de búzios.

Após levar o monte de dinheiro para sua casa, convocou os filhos mais velhos das divindades mortas e deu para casa dum deles o número de búzios que achou no peito de seus respectivos pais. É o número de búzios que Ọrúnmìlá deu para os filhos das divindades mortas que eles usam para divinação até hoje.

Os filhos de Ògún usam quatro búzios para divinação, enquanto os filhos de Sanpana e Ṣàngó usam dezesseis búzios para divinação.

Este é o porque em qualquer momento que Osegunmeji apareçe na divinação para alguém, a pessoa será advertida a procurar por dinheiro com cuidado e discrição a fim de que não possa destruí-lo.

ATIVIDADES DE OSEMEJI NO CÉU

Ele era orígínalmente um dos apóstolos mais velhos de Ọrúnmìlá que é o porque é chamado Arugbo-ifá (o mais velho apóstolo de Ifá). Ele foi, contudo muito poderoso e traiçoeiro. Por exemplo, seus pais costumavam deixar seus irmãos e irmãs mais novos sob seus cuidados sempre que eles iam ao mercado ou até a fazenda. Ele, entretanto era habituado a instigar as crianças a brigarem entre si, e as crianças costumavam manter muitas injúrias no processo.

Uma vez quando seus dois irmãos mais novos Olugbodo (Akobie) e Fefe (Ehoho) foram deixados sob seus cuidados, ele incitou Fefe, o mais novo, contra Olugbodo, e eles começaram a lutar. No decurso da luta, Fefe usou um cutelo para atingir a perna de Olugbodo e ele ficou aleijado que é o porque o último não tem pernas para caminhar. Ele então se tornou a divindade dos infantes, que é servido pelas crianças pequenas até hoje.

Por sua parte, nunca estava fazendo o bem e quando cresceu para se tornar um adulto, era apenas notado por conquistar lutas nos quatro cantos do céu. Todos o temiam. Seu nome era Ajakadi. Seus pais preocupados em que ele se tornasse um ser incômodo, advertindo-o a ir para divinação e ele foi a um velho sacerdote de Ifá que o avisou a fazer sacrifício com um bode pequeno e o osso de uma coluna vertebral de uma cobra para Èṣu, uma cabra para sua cabeça e um carneiro para Ifá, matando o carneiro antes de oferecê-lo. Sua cabeça deveria ser lavada com a cabeça do carneiro adicionando 201 folhas.

Ele foi advertido que quando sua cabeça estivesse sendo lavada, cantaria o seguinte encantamento:

Gbogborogbo ni ika she yoju Orí
Alaja lesùnmare la ju orun,
Òsika Awodi loni Keye miin mara,
Eleda mi, jekimi begbe jo.

As mãos são mais compridas que a cabeça,
Quando estendidas para cima.
O arco-íris corta o céu completamente,
E não em metades.
É um pássaro ruim que tenta,
Prevenir os outros pássaros,
De voar no céu.
Meu anjo guardião
Me dê prosperidade daí para frente
Com meus contemporâneos.

Por causa de sua total confiança em sua força, não se incomodou a fazer o sacrifício. Ele cresceu para se tornar um homem muito alto e forte. Era um lutador invencível. Toda manhã saía de sua casa no céu para desafiar cada uma das divindades para uma competição de luta, na qual ele era invariavelmente vitorioso. Aquele era o propósito para que ele foi avisado a adicionar a vértebra da cobra para sacrificar para Èṣu para abrandar sua força. Que é também porque os filhos de Osegunmeji são advertidos a evitarem carne de cobra.

Será relembrado que quando nasceu, seu pai preparou um remédio com um machado e uma coroa de um galo e incrustou-os em sua cabeça. È o porque cresceu para ser um guerreiro invencível.Começou suas competições de luta com Ògún que ele derrotou com facilidade. Ele prosseguiu com cada uma das outras divindades e foi vitorioso sobre todos eles. Mas ele mal foi

capaz de ter recursos para ter comida para comer porque todas as boas divindades do céu ficaram com medo dele.

Um dia seu anjo guardião, que não estava feliz com sua situação, estava determinado a fazer alguma coisa para debilitá-lo afim de que ele pudesse prosperar. Seu anjo guardião foi implorar para Èṣu com um bode e uma vértebra de uma cobra para subjugar Ajakadi. Èṣu comeu o bode e elaborou uma estratégia para negociar com ele.

Quando foi novamente hora do desafio de luta anual no céu, todos os anfitriões celestes se reuniram, e as divindades tinham tomado suas respectivas posições por ordem de idade. Mais uma vez, Ajakadi foi o primeiro a sair para ser desafiado. Como usualmente, ele se destacou por um longo tempo e ninguém se atrevia a sair para desafiá-lo. Como era a tradição, se ninguém desafiasse um lutador, ele era livre para desafiar alguém. Ele apontou na direção na qual Ògún, divindade da guerra e mais velho e mais poderosa de todas as divindades estava sentado, e desafiou-o para abrir a competição.

Ògún não teve opção e aceitou o desafio. Assim que se colocou na arena, Ajakadi pulou sobre ele e rapidamente ergueu Ògún com toda sua força no ar, mas quando ele largou Ògún para deixar cair no chão, Èṣu focalizou seu gás misterioso nele e milagrosamente, ele caiu no chão primeiro depois Ògún caiu sobre ele. Apesar de Ògún não saber como aconteceu que seu desafiante fosse lançado ao chão primeiro.

Enquanto no chão, chamou Ògún para decapitá-lo com sua espada. Ele se lamentou que não tendo caído no chão ainda em um desafio de luta, não poderia medir a profundidade da indignidade de estar aos seus pés novamente. Quando Ògún retirou sua espada para decapitá-lo, Èṣu interviu e anunciou que se alguém se atrevesse a decapitar Ajakadi haveria tribulações sem fim e cataclismos por todo o céu.

Para demonstrar ao que ele estava destinado, Èṣu causou um tremor no chão de todo céu. O céu e o chão do céu começram a se fechar um sobre o outro e imediatamente, houve escuridão total.

Entretanto, Deus viu a confusão que foi gerada e gritou para perguntar quem estava perturbando a paz do céu. Deus foi informado que Ògún tinha justamente derrubado Ajakadi, o lutador invencível no desafio anual de combate. Deus imediatamente ordenou que o que quer que tivesse sido feito para acalmar Ajakadi seria feito para recompor a tranqüilidade ao céu. Novamente, Èṣu interviu e anunciou que era proibido para Ajakadi cair ao chão e que para apascentar o chão no qual ele caiu, as seguintes expiações seriam presenteadas a ele:

200 Homens
200 Mulheres
200 Vacas
200 Cabras
200 Carneiros
200 Cães
200 Bolsas de dinheiro, e
200 de todos os itens de riqueza.

As expiações foram rapidamente providenciadas e Èṣu resmungou na orelha de Ajakadi que ele deveria aceitar as oferendas. Logo que as aceitou, o chão e o céu se moveram de volta para seus lugares. Houve luz novamente e a calma retornou aos quatro ventos do céu.

Chegando em casa com suas novas aquisições de riqueza, deu um forte bode para Èşu para agradecer-lhe por ter vindo em seu auxílio. Ele também deu a maior das vacas e a maior das cabras e carneiro para seu anjo guardião. Foi neste ponto que Osemeji compreendeu que seus dias de lutador estavam acabados no céu e que era hora de seguir para a terra. Entretanto prometeu que enquanto estivesse na terra, ele continuaria com seus desafios de luta.

OSE-MEJI PARTE PARA A TERRA

Osemeji partiu do céu para a terra sem falar com ninguém. Não fez divinação nem sacrifício. Ele nasceu para pais que tinham perdido a esperança de ter algum filho. Ele nasceu com cabelos grisalhos em sua cabeça e viveu até a idade avançada na terra, mas só após seu retorno ao céu fez sacrifício. Nós veremos mais tarde como ele fez isso.

Quando cresceu, provou ser um terror entre seus colegas da mesma idade. Seus pais morreram quando ele ainda era um garoto e viveu por seus próprios recursos depois disso. Ele também não praticou a vocação de Ifá nem alguma profissão respeitável. Era um lutador itinerante. Mas não estava tendo uma vida feliz. Ele mal podia dar-se ao luxo de alimentar a si mesmo porque não fez nada do que era capaz para ganhar a vida.

Um dia, saiu para seu desafio de luta, sendo o único profissional conhecido, foi ao palácio do Alará para desafiá-lo a uma disputa de combate. Ele derrotou o Alará na disputa, mas não teve recompensa na vitória. Ele então foi para Ijero aonde também desafiou o Ajeró para uma luta. Ele também foi vitorioso sobre o Ajeró, mas não conseguiu recompensas pela façanha. Ele foi para owo aonde ele desafiou o Olowo. A seguir se moveu para Benin aonde desafiou o Obá-Ado. Ele fez o mesmo com todos os 16 Obá do mundo conhecido naquele tempo.

Após seu roteiro de luta, ele estava retornando para casa de mãos vazias quando encontrou três sacerdotes de Ifá na beira da estrada entre Ado e Ifé e foi parado por eles.

Os awos eram chamados:
Oshe kele, Ogba Ògún
Onagbaja, Ogba Ogoji
Ekoji Otunla, Ogba agrikpa obuko, significando
Alguém que (summersaulted) e obtém vinte recompensas
Alguém que se move adiante e obtém 40 recompensas.
Alguém que ganhou um bode há três dias atrás.

Ele foi avisado após a divinação que estava sofrendo porque não estava seguindo a profissão que dele era esperado fazer na terra. Eles asseguraram, entretanto que ele prosperaria no final de sua escolhida profissão de lutador, mas apenas depois de fazer o sacrifício que tinha deixado de fazer no céu. Não os levou a sério porque não podia imaginar como viajaria ao céu para fazer o sacrifício.

Naquela época, Èşu tinha fechado a rota entre o céu e a terra. Os Awo lhe disseram que ele não poderia contar com ninguém que tivesse desafiado em uma luta para ajudá-lo com alguns presentes.

Entretanto foi advertido a dar o que quer que ele pudesse conseguir para seu falecido pai que o salvou de seu apuro. Chegando em casa, ele ofereceu um galo para seu pai e implorou-lhe para auxiliá-lo a colocá-lo na trilha de seu destino.

Enquanto isso seu pai foi ao seu anjo guardião ao céu e se queixou que Osemeji não estava indo bem na terra. Seu anjo guardião disse que era por ele ser muito belicoso. Seu pai e seu anjo guardião decidiram persuadir as coisas boas do céu a ir e visitar Osemeji na terra.

Tradicionalmente assim que um galo canta de manhã, é sinal que todas as coisas boas da vida estão deixando o céu em sua visita diária ao mundo. O grupo consiste de filhos, paz, riqueza, domicilio, dinheiro, saúde e prosperidade. Todos eles deixam o céu nas primeiras horas da manhã para visitar quem quer possa recebê-los na terra. Eles visitam a quarta parte do céu habitada pelos anjos guardiões de todos os moradores da terra antes de partirem do céu de manhã.

O pai de Osemeji passou aquela noite com o anjo guardião de seu filho no céu. Mas próximo às horas da manhã seguinte, após o galo cantar, as coisas boas do céu foram informadas pelos anjos guardiões que eles estavam partindo para a terra e perguntou se tinham alguma mensagem para seus pupilos. O guardião de Osemeji saiu e apelou a eles para visitarem seu pupilo na terra. Todos foram unânimes em responder que não ousariam visitá-lo porque ele os destruiriam. Relembraram seu anjo guardião do quanto belicoso ele era no céu e a confusão que causou antes de partir para a terra. Eles insistiram que bem e mal não podem viver juntos exceto como combatentes e que ardor e frieza não podiam viver juntos, assim como luz e trevas não vivem no mesmo ambiente no mesmo tempo. Enquanto insistia nos antagonismos e desonra daqueles que o teriam beneficiado, eles nunca iriam em sua direção. Com estes pronunciamentos, as boas novas do céu partiram para a terra.

Depois disso seu pai começou a chorar sobre a infelicidade da situação de seu filho. Ele então apelou mais uma vez a seu anjo guardião que revelou que o fez para passar a noite com ele afim de que pudesse ser uma testemunha do que tinha estado experimentando desde que Ajakadi partiu para a terra. Seu anjo guardião disse que tinha por anos estado persuadindo as boas novas do céu a visitar Osemeji, mas que eles haviam consistentemente se recusado a fazer pelas justas razões que tinham dado. Como resultado das persistentes súplicas de seu pai, o anjo guardião resolveu criar uma nova estratégia para proceder com a situação. Ele disse ao pai para retornar para sua casa e que veria seu filho antes que o galo cantasse na próxima manhã. O pai não entendeu a importância do que o anjo guardião disse. Logo que o pai de Osemejim partiu, o anjo guardião foi à esposa da morte e deu seus presentes de obi. Será relembrado que Doença é a esposa do Rei da Morte. Assim como as boas novas do céu visitaram a terra diariamente, Doença, esposa do Rei da Morte, visita o mundo diariamente. Morte em si não vai ao mundo, ele envia emissários.

O anjo guardião de Osemeji persuadiu a senhora Morte a encontrar seu pupilo na terra e convocá-lo ao céu porque tinha alguma coisa importante para fazer para ele. A velha mulher concordou em entregar a mensagem no mesmo dia.

Enquanto isso na terra, Osemeji foi subitamente pego pela doença, o que era uma novidade porque nunca tinha estado indisposto até o momento. Próximo à tarde daquele dia, a doença ficou séria e ele entrou em coma. Já que ninguém gostava dele, não tinha ninguém para atendê-lo. Na realidade, o povo ficou feliz quando soube de seu coma. Logo antes da meia noite, ele se tornou um fantasma, e ninguém ainda sabia que tinha morrido, porque não havia ninguém para atendê-lo visto que não tinha esposa e nem seus próprios filhos.

Assim que a vida se afastou dele, surgiu imediatamente no céu diante do seu anjo guardião, que antes tinha dito ao seu pai para retornar para sua casa após anoitecer naquele dia. Seu pai foi depois disso apresentado na casa de seu anjo guardião quando Osemeji voltou ao céu. Foi então que seu pai compreendeu o que seu anjo guardião quis dizer, quando disse que ele veria seu filho antes que o galo canta-se na manhã seguinte. Ambos deram as boas vindas a ele e em seguida o galo cantou, seu anjo guardião orientou-o a se esconder sob a esteira que ele tinha preparado para a ocasião.

Logo após o galo cantar, as coisas boas do céu estavam novamente visitando a casa de cada anjo guardião. Quando chegaram ao portão de seu anjo guardião, este chamou cada um deles por seus respectivos nomes, filhos, companheiros, riqueza, saúde, propriedade, dinheiro, etc e implorou-lhes mais uma vez para visitar seu pupilo Osemeji na terra porque ele estava sofrendo lá. Mais uma vez, eles disseram que não estavam acostumados a cantar a mesma canção dia sim e dia não. Eles lhe disseram que seu pupilo lutador era muito vingativo para proceder a uma recepção de acordo para algum deles e que tinham prometido nunca ir próximo à estrada aonde ele vivia na terra, muito menos visitar sua casa. Eles disseram em uníssono que não era seu costume visitar ninguém que os destruiria, já que o homem era muito belicoso. Eles adicionaram que alguém que se atrevia a derrubar Reis e Príncipes e divindades igualmente em disputas de lutas, os esmagaria facilmente entre seus dedos.

Seu pai então gritou que o homem sob a esteira podia escutar o que as divindades agentes da fortuna estavam dizendo a respeito dele. Ele ficou pasmo embaixo da esteira. Foi só então que ele compreendeu que tinha estado procurando os finais impróprios na vida. Logo que as anfitriãs da beneficência passaram, ele saiu para perguntar a seu anjo guardião e seu pai o que devia fazer e foi avisado a fazer o sacrifício que falhou em fazer antes de deixar o céu. Ele foi avisado a dar imediatamente um bode a Èṣu que lavaria sua cabeça e suas costas para reduzir aos poucos sua força diabólica e física. Ele fez o sacrifício desta vez porque as cabras que ele deixou para trás no céu tinham se multiplicado enumeramente. Ele também foi avisado por seu anjo guardião para oferecer a maior de suas vacas ao policial celeste em um banquete.

Após isso seu anjo guardião lhe disse para pegar um caminho especial para retornar para a terra. Assim que ele colocou seus pés no caminho, piscou seus olhos na terra e imediatamente recuperou a consciência. Três dias depois, ficou bem e apesar do que havia tomado conhecimento inicial, que ele relembrou vividamente, mais uma vez começou a se preparar para seu roteiro de lutas, mas antes retirou uma de suas cabras e sacrificou para seu pai e deu um de seus carneiros para Ifá; que é a representação terrestre de seu anjo guardião e fez um grande banquete com ele. O povo ao redor se perguntou o que tinha mudado seu visual visto que ele não estava consciente de haver feito nenhum sacrifício anteriormente. Ele também deu um bode a Èṣu. Dois dias depois daquilo, partiu para o palácio de Alara. Em seu caminho, encontrou um velho sacerdote de Ifá, que era uma transfiguração de Èṣu e o homem pretendia ser um adivinho. O velho homem lhe disse que ele estava indo para um desafio de luta, mas que apesar de poder derrotar seus oponentes, deveria fazer de conta que caia no chão logo que se envolvesse com eles e que deveria tomar cuidado com os eventos que se seguiriam, com o resultado daquilo ele não deveria se arrepender. O homem lhe disse claramente que assim que ele gritasse Gidigbo, Gidigbo que é a assinatura musical para uma partida de luta livre, deveria fingir cair no chão.

Ele começou com o palácio de Alara, aonde ele gritou Gidigbo, Gidigbo, e o chamado trouxe o Alara. Assim que eles se engancharam um no outro, Osemeji largou o Alara e rapidamente caiu no chão antes que o rei caísse nele. Em harmonia com a advertência que o velho sacerdote de Ifá (Èṣu) tinha lhe dado, permaneceu caído no chão sem se levantar.

Nesse meio tempo Èṣu criou uma confusão sem precedentes na cidade. A cidade toda foi envolvida totalmente pelas trevas e o chão começou a tremer. Os galos começaram a botar ovos e as galinhas começaram a cantar. As mulheres que estavam grávidas começaram a ter falsos trabalhos de parto e os animais da floresta estavam correndo desordenadamente na cidade, enquanto os animais domésticos começaram a escapar para a floresta.

Quando o Alara viu o que estava acontecendo, implorou a Osemeji para levantar do chão. Mais uma vez, o mais velho sacerdote de Ifá que Osemeji encontrou no caminho, surgiu não se sabe donde e

interferiu. O homem disse ao Alara que era proibido ao filho de Ọrúnmìlá cair no chão e que para ele se levantar, é necessário acalmá-lo com 100 de cada componentes da massa humana, jovens e mulheres solteiras, vacas, cabras, galinhas, galos, sacolas de dinheiro etc.

Por pavor, o Alara, rapidamente ordenou a cada casa na cidade a providenciar a expiação. Logo que eles foram reunidos, Osemeji levantou e o velho homem preparou Iyerosun (pó divinatório) e soprou no ar, e luz, paz, e tranqüilidade rapidamente tomaram o lugar das trevas, confusão e tumulto. Osemeji então ordenou aos presentes humanos para carregarem a expiação para sua casa em Ifé e começar a construir ma nova residência antes que ele retornasse para casa.

Na manhã seguinte ele foi ao palácio do Ajero Kin Osa aonde a mesma coisa aconteceu seguida de uma visita similar ao Illa Orongun, Olowo, Ooni, Oba Ado etc, aonde ele conseguiu recompensas semelhantes. No final de sua missão, se tornou um homem excedentemente rico e a prosperidade veio para seu caminho para sempre.

Este incidente marcou o início do pagamento em dinheiro para divinação, porque lançando o Okpele instrumento divinatório no chão significa a queda que Osemeji teve nas mãos dos reis, para o que eles pagaram expiação.

Este é o porque quando Osemeji surge na divinação, a pessoa deverá ser avisada a abster-se de fazer alguma coisa que envolva uma demonstração de força. Será avisado que ele não está prosperando na vida e que prosperidade não vira em seu caminho a menos que mude seus caminhos para recorrer à cautela e discrição em todas as suas atividades.

OSEMEJI ASSUME A ARTE E A PRÁTICA DE IFÁ

Logo que ele se tornou rico, Osemeji decidiu desistir de lutar. Já que ele não conhecia outra profissão, ele decidiu dar emprego a um número de requisitados sacerdotes de Ifá para viverem com ele. Conseguiu alguns dos mais eficientes Awo no mundo ao redor também para viver com ele ou para fazer visitas de divinação em seu lugar. Um dos sacerdotes de Ifá era Ose kele baba laro ile Ọrunmila.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA AKINYELE DE IWERE

Akinyele era um famoso chefe na cidade de Iwere. Uma noite teve um sonho no qual viu um homem com um chifre, carregando uma arma em seu ombro, e guardando o portão de uma casa com nenhum cômodo, cheio de tesouros. O próprio Akinyele foi atraído por outro (bystander), que o advertiu a tentar abrir a casa porque sua fortuna estava armazenada nela. Quando se moveu para o portão da casa, o homem chifrudo apontou a arma para ele parando-o, tentou persuadir o porteiro a deixá-lo a entrar na casa, mas o homem estava indomado. Ele acordou arfando sem fôlego.

Na manhã seguinte, ele foi à casa de Ose Kele, mas foi avisado que ele tinha ido a Ifé para visitar Osemeji o lutador. Chegando lá falou ao sacerdote de Ifá a respeito do sonho e ele fez divinação sobre isto. Ele foi avisado que a boa sorte e a morte estavam de tocaia ao redor dele, mas que se ele fizesse o sacrifício necessário à fortuna viria dentro de seu alcance e ele evitaria a morte prematura. Ele foi avisado a fazer sacrifício com 10 ratos, 10 peixes, 10 pombos, (5 galinhas e 5 galos), 10 galinhas da angola, 2 cabras e 3 bodes, 1 porco macho e 1 fêmea e 1 carneiro. Ele fez o sacrifício.

Avisado de que foi Èşu que ele viu no sonho que estava situado no topo de sua fortuna. Ele foi depois disso servir Èşu espirrando o sangue do bode, não apenas no altar de Èşu mas a pequena distância em todo redor do altar.

Após o sacrifício, quando Èşu se moveu de seu altar para comer o bode que lhe foi dado fora de sua base, ele inconscientemente desceu da fortuna de Akinyele na qual estava sentado, e seu anjo guardião puxou a fortuna para a casa de Akinyele. Depois disso, as coisas começaram a melhorar ao redor dele.

Uma noite houve uma forte ventania e ele se sentiu bem com ele mesmo. Ele levantou para ir a privada do lado de fora de sua casa. Estava caindo uma chuva muito forte. Quando estava na latrina, ouviu um grande som e quando se levantou para descobrir o que estava acontecendo, viu o telhado da latrina desmoronar. Ele já estava do lado de fora da porta quando uma árvore esmagou a latrina sob seus escombros caídos. Mas ele já estava realmente fora da latrina e ficou grato a Deus por poupar sua vida do acidente.

Na manhã seguinte, ele descobriu que foi a velha árvore de obi de trás de sua casa que tinha sido arrancada pela raiz pela força da ventania que acompanhou a tempestade da noite anterior. Quando foi examinar a árvore caída, viu que entre as raízes estava uma cesta de objetos de metal, que continham muitas contas, dinheiro e uma coroa, que tinha sido enterrada lá pelos seus ancestrais. Ele levou a cesta para sua casa e o conteúdo o fez muito rico. Ele foi capaz de fazer uma roupa de contas para si e depois foi coroado o rei de Iwere.

Na realidade para o sonho que teve, ele foi bem sucedido em descobrir sua fortuna escondida e em evitar o incidente que o mataria. Quando este Odu surgir na divinação, a pessoa deverá a ser avisada a fazer sacrifício afim de que os obstáculos que estão bloqueando sua prosperidade possam cessar.

A ESTÓRIA DE MÁ SORTE DE OLOKOSE

Olokose era um dos Awo que moravam com Osemeji. Um dia decidiu fazer uma viagem praticando Ifá. Ele iria acompanhado por sua esposa, Omude. Antes de partir, Osemeji insistiu que deveria pedir a seus colegas para fazerem divinação para ele. Os seguintes sacerdotes de Ifá que também viviam com Osemeji, foram reunidos para divinar para ele.
Ojuri, koogbi koofo,
Aje Okpo Uya maabi,
Oun tooshe gbagba to fi ile re sile,
Oun tooba tiri koofi rera,

O olho que viu, mas que não descobriu.
Ele que persistiu no sofrimento,
Mas não se aborreceu com isto.
Infortúnio acontece a muita gente, mas que não tirou deles suas casas.
Tudo aquilo que um homem experimenta
Ele suportará dignidade.

Os quatro Awo advertiram Olokose a oferecer um bode para Èşu antes de viajar, afim de que talvez não perdesse todos os seus bens por conta da viagem e sua esposa para um homem mais poderoso.

Ele se recusou a fazer o sacrifício porque confiava em sua competência e capacidade e partiu na expedição com sua esposa.

Ele era apesar de tudo um sacerdote de Ifá muito eficiente e aonde quer que fosse, era bem sucedido em causar um bom efeito em seus anfitriões que compensavam-no com muitos benefícios e recompensas.

Por fim, foi a um homem chamado Agunfan, que era tão poderoso que ele era um onipresente guerreiro. Quando ele viu Olokose agarrou em combate e apoderou-se de todos os seus pertences e de sua esposa para ele. Após isso expulsou Olokose da cidade. Ele então voltou para casa de mãos vazias e sem sua esposa.

Quando este Odu por conseguinte surgir na divinação para uma pessoa que está se propondo a embarcar em uma viagem, deverá ser avisado a fazer o sacrifício contra o risco de perder sua propriedade para uma pessoa vingativa sem ser capaz de revidar.

A DIVINAÇÃO PARA OLUBADAN DE ÌBÀDÀN

O Rei de Ìbàdàn tinha um filho teimoso chamado Okoko maniko que estava sempre causando problemas nos domínios de seu pai. Certa vez, o filho ficou adoentado e estava a ponto de morrer.

Tendo ouvido falar da fama de Osemeji em Ifé, o Rei enviou mensageiros para irem a divinação neste lugar. Por conta da importância da mensagem, Osemeji reuniu os seguintes sacerdotes de Ifá para divinação:

Kii Aroju wo Igbo
Biaba de Odan ton, ofeni yio daa.

Se alguém é paciente na floresta,
Encontrará por acaso um varredor
Que fará movimentos com tranqüilidade.

Ele avisaram que um bode deveria ser oferecido para Èşu uma vez que pudesse salvar da morte e das mãos das forças do mal que estavam determinadas a levá-lo para longe da terra. O sacrifício foi rapidamente feito e antes que os mensageiros retornassem para Ìbàdàn, Okokomaniko já estava se sentindo melhor.

Quando este Odu surge para uma pessoa adoentada, ela deverá ser alertada a fazer sacrifício por causa de suas maneiras teimosas. A pessoa será alertada que tem um filho teimoso que não ouve conselhos. Ele também será avisado a preparar Ifá para o filho se ele quiser viver muito. Se a pessoa não tem filhos ainda, deverá preparar Ifá para o primeiro filho que venha a ter.

ELE FEZ DIVINAÇÃO PARA OLOKÚN

Quando Olokún veio ao mundo, era tão bela que não se preocupava em descobrir qual era o seu destino. Ela estava sofrendo e homens estavam com medo de se arriscar a se aproximar. Ela então ouviu falar de Osemeji e foi até ele para divinação.

Osemeji convocou um de seus Awo chamado Jeje jeje mule para fazer divinação para ela. Ela foi advertida a fazer sacrifício com uma cabra para seu anjo guardião, um bode para Èşu, e uma sacola de dinheiro, e uma peça de pano branco para o lugar do mercado. Ela imediatamente fez todos os sacrifícios. Ela também foi avisada que o motivo de não poder casar e ter filhos era por causa das

mais velhas da noite que tinham seus olhos sob ela e tinham a envolvido inteiramente com um véu que a fez parecer repugnante aos homens apesar de sua beleza. Para descarregar o mal marcado nela, o Awolhe disse para ir buscar um pote e um galo. O Awo coletou folhas chamadas Ewe Iwo (Ebe Asivbogo em Bini) para lhe preparar um banho. Ela teve garantia que assim que começasse a se banhar com o pote, todos os seus inimigos começariam a morrer um após o outro. Foi lhe ensinado um encantamento para repetir todas as vezes que ela estivesse tomando banho com o pote.

Não muito depois, os homens e as mulheres que ela tinha confiado como seus confidentes íntimos e próximos começaram por sua vez a morrer. Pouco depois daquilo, o Ọba da cidade convocou-a para se tornar sua esposa e ela concordou. Ela logo engravidou, e teve muitos filhos. Suas atividades comerciais se tornaram prósperas e ela apresentou-se como principal distribuidora de fortuna e prosperidade para seu marido e seus domínios.

A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE OSEMEJI

Osemeji tinha se tornado muito famoso e próspero. Ele não estava a par que uma de suas esposas era uma feiticeira e que estava planejando destruir sua fama e fortuna. Ele teve um sonho assustador numa noite em que estava preso em cadeias. Ele então convocou dois de seus mais eficientes Awo para fazerem divinação para ele. Eles se chamavam Eshi Saare e Eshi Joson e lhe avisaram para fazer mais um sacrifício a fim de evitar o perigo de julgamento e aprisionamento. Foi avisado a dar um bode para Èṣu, um porco para Ifá e uma cabra para sua cabeça.

Neste meio tempo, sua esposa mais nova foi ao mercado e alertou os vendedores de chapéus, vendedores de galinhas, vendedores de cabras, roupas, porcos, e os vendedores de todos os utensílios imagináveis no mercado, para tomarem cuidado com suas mercadorias por causa de um ladrão (cuja descrição que ela deu se enquadrava com a identidade de seu marido) que estava na cidade planejando saquear. O povo do mercado começou a se questionar donde a mulher veio e eles foram informados que ela veio de Oke Tase em Ifé aonde seu marido vivia.

As novidades foram repassadas ao Rei de Ifé que ordenou ao executor real para ficar preparado para uma execução sumária do ladrão, depois posicionou a polícia local para capturar o ladrão assim que ele se movimentasse para saquear.

Foi neste estágio que Osemeji fez o sacrifício para Èṣu, Ifá, sua cabeça, Ògún, e a noite. Após o sacrifício, a mulher que foi, de outro modo à esposa de Èṣu expulsa do céu, donde ela escapou para o mundo, roubou uma série de materiais do mercado e ocultou-as na casa de seu marido (Osemeji).

Nesse ínterim, os proprietários das coisas roubadas saíram em busca da casa do ladrão com a descrição anterior dada pela mulher. Tendo comido seu bode, Èṣu rapidamente colocou um véu misterioso ao redor da casa de Osemeji o que tornou difícil para qualquer um comparar a aparência externa da casa com a descrição dada pela mulher. O problema assim reduzido e o não conhecimento que foi sua esposa que o começou, ele continuou a viver com ela e ela lhe deu cinco filhos. Após armar muitas maquinações e falhado, ela desistiu e viveu em harmonia com o marido.

OSEMEJI VIVEU MUITO MAIS QUE QUALQUER OUTRO OLODU

Os Olodus, que são, os dezesseis principais apóstolos de Ọrúnmìlá, estavam acostumados a irem ao rio para lavar os sinais da idade de seus corpos. Após tais banhos, eles freqüentemente saiam com a

aparência de muito mais novos de que sua idade. Em um desses encontros semanais, os Olodus concordaram na data em que eles iriam ao rio para sua sessão anual de limpeza de pele.

Retornando para casa da conferência, Osemeji convocou um de seus Awo chamado Gere Gere Shalu Gere, para fazer divinação para ele sobre a viagem que estava por vir ao rio. Ele foi avisado a oferecer um bode a Èşu por causa dos benefícios que o aguardavam no rio. Ele fez o sacrifício sem nenhuma demora.

No dia indicado, todos os 16 Olodus se encontraram no rio e começaram a dar seus mergulhos por ordem de idade. A cada um deles foi solicitado dar três mergulhos. Quando foi a vez de Osemeji, sendo o 15º Olodu, ele mergulhou a primeira vez e saiu do rio com um peixe seco na mão esquerda e um peixe fresco na mão direita. Ele deu o 2º mergulho e emergiu com um pano branco em sua mão esquerda e um preto em sua mão direita. Em seu 3º e final mergulho saiu com 200 búzios na mão esquerda e contas na mão direita.

Os outros Olodus acusaram-no de ter praticado magia, mas ele contestou dizendo que nem sabia como fazer divinação, quanto mais magia.

Chegando em casa ele reuniu seus Awo subalternos e lhes disse para interpretarem seus achados no rio. Ele foi informado que os peixes indicavam que ele viveria muito, o suficiente para gozar todas as coisas boas da vida. O pano dizia que ele viveria em paz e em harmonia até o final de sua vida, que seria muito longa. O último achado significava que ele teria uma vida de prosperidade e abundância. Ele na verdade viveu uma vida plena e longa muito mais que os outros Olodus na terra.

CAPÍTULO XXVIII – OFUN – MEJI

I I I I
I I
I I I I
I I

Ofunmeji, que era chamado Orangun Deyin Ekun no céu era o filho mais velho de Ọrúnmìlá. Ele era na verdade o primeiro Odu para vir ao mundo, mas nós veremos as circunstâncias nas quais ele retornou para o céu para se tornar o último dos Olodus para vir ao mundo. Foi ele que, revelou que levaram 6 dias para o Deus Todo Poderoso completar seu trabalho criativo, após o que ele descansou no 7º dia. Nós leremos mais dessa história em breve. Enquanto isso vamos examinar alguns outros trabalhos importantes associados a Ofunmeji no céu.

OFUNMEJI REVELA QUANTO TEMPO DEUS LEVOU PARA COMPLETAR SUA CRIAÇÃO

Odibi reku reku lere
Odibi ridi ridi
Je aje akakpo Ògún
Kobo eledare
Ibi reku reku
Odibi reku reku lere
Odibi ridi ridi

Je akakpo Ọrúnmìlá
Kobo eledaare
Ibi reku reku lere
Odibi ridi ridi
Je aje ugba Erumole
Kiwonbo eleedaa won
Ibi reku reku

O problema difícil que foi resolvido pacientemente no final:

Era o nome do Awo que fez divinação para Ògún, Olokún, Ọrúnmìlá, e todas as outras divindades.

Ele os advertiu a fazerem sacrifício para seus anjos guardiões durante um período de seis dias, a fim de descansarem em paz e tranqüilidade no 7º dia.

Ọrúnmìlá questionou porque o sacrifício deveria levar 7 dias ao invés de 1 dia. O Awo respondeu que Olodumare (Deus) levaria seis dias para criar a terra, oceanos, atmosfera, plantas, animais e humanidade. Motivo para Deus criar todas as matérias orgânicas e inorgânicas antes de criar a espécie humana era para providenciar abrigo para o homem, água para ele beber, comida para comer, ar para respirar e para ele se estabelecer numa rotina de vida no céu a partir do 7º dia. Ele revelou que Deus descansou no 7º dia após completar a criação da divinosfera. Ele informou-os que em harmonia com o que foi estabelecido anteriormente por Deus na criação, levariam seis dias para completar a cerimônia de iniciação de qualquer sacerdote divino, e ele deveria limpar a casa e descansar no 7º dia. É apenas através desse processo que o sacrifício se manifestará.

Ọrúnmìlá novamente perguntou se a cerimônia levando 7 dias não criaria discussão e confusão durante a pequena extensão da cerimônia. O Awo respondeu que é proibido haverem disputas e discórdia durante a cerimônia de iniciação na casa de um sacerdote. Ai koro Lule awo. Orangun deyiin ekun – eekpaa.

COMO O PAPAGAIO SE TORNOU UM SÍMBOLO DE NOBREZA

Foi Ofunmeji quem revelou no céu como o papagaio foi transformado em um pássaro honorável e como ele adquiriu suas penas vermelhas. Ele assim o fez através do seguinte poema:

Idemu Odide Werewe,
Oni batti anni Aje ile eni dide ninde,
Ayaa ile eni dide ninde,
Omo ile enii dide ninde, significando:

Multiplicado em pequena quantidade.
Ele que obteve múltipla riqueza.
Ele que teve também múltiplas esposas.
Assim como ele que teve muitos filhos que tem se multiplicado.

Este é o encantamento com o que a divinação foi feita para o papagaio, antes que todas as divindades viessem a descobri-lo, não apenas como um instrumento de decoração, mas também como um símbolo de autoridade e influência. Ele foi avisado a fazer sacrifício com uma peça de pano vermelho, um galo vermelho, pano preto, um pombo, uma galinha e osun. Ele fez o sacrifício na casa de Èṣu. Depois disso Èṣu convocou o papagaio para uma operação transformadora.

Èşu besuntou o pano vermelho com osun e envolveu-o ao redor das penas da cauda do papagaio e prendeu-as em seu ânus. No final da operação, todas as penas da cauda do corpo do papagaio ficaram vermelhas. Quando Èşu foi questionado sobre o significado da operação, respondeu proclamando que daí em diante, todas as divindades só poderiam ser capazes de ter autoridade e ver o futuro, por meio do uso das penas vermelhas do papagaio. Ele os orientou a comprarem as penas vermelhas do papagaio para se adornarem e enfeitarem. O que explica porque não há divindade que não use as penas do papagaio até hoje, sendo a luz com que eles vêem no futuro. Desde então o papagaio se tornou um pássaro nobre bem como alguém afortunado.

ỌRÚNMÌLÁ CONVERTE A AUTORÍDADE DE TODAS AS OUTRAS DIVINDADES PARA SÍ MESMO

Ofunmeji também revela como Ọrúnmìlá foi bem sucedido em coletar e converter para seu próprio uso, todos os instrumentos de autoridade (AŞE) dado por Deus para todas as divindades. Ele fez assim no seguinte poema:

Okiti kpuke,
Awo eba-ono,
Adifafun Ọrúnmìlá,
Nigbatii Ofelogba aya gbogbo,
Erumole lowo Ògún

Ògún, a divindade do metal e a mais velha de todas as divindades, era o detentor de todo o Aşe (instrumentos de autoridade) dado a eles por Deus. Isto significava que qualquer um deles que quisesse usar seus instrumentos de autoridade teria que ir por si mesmo a Ògún.

Enquanto isso Ọrúnmìlá, a sabedoria divina, inventou uma maneira de tomar todos de Ògún. Este é o motivo pelo qual ele foi à divinação para Oketikpuke, o adivinho da estrada, que lhe disse que ele seria bem sucedido se ele fizesse o sacrifício com uma ovelha, um pombo, e 1 rabo de cavalo. Ele fez o sacrifício de acordo.

Após o sacrifício ele saiu para uma visita na casa de Ògún. Chegando disse a Ògún que veio para retribuir uma visita. Após a troca costumeira de gentilezas, disse a seu anfitrião com o seguinte encantamento que na verdade veio para pegar todos os poderes das divindades que estavam sob sua custódia:

Uma criança pequena não recusa o leite materno.
A ave não recusa o convite para o milho.
O pênis não recusa o convite para a vagina.
Ninguém pode ignorar a picada de uma cobra.
Ninguém resiste à necessidade de tossir.
Ninguém ignora a picada de um escorpião.
A terra não pode recusar os raios do sol.
O pano não pode recusar o ataque violento de uma agulha.
Ninguém pode impedir o gato de caçar o rato.
Ninguém desobedece o chamado da natureza.
Desta forma você, Ògún não pode resistir à visão de um cachorro.

Assim que ele completou a recitação do encantamento, sem nenhuma hesitação que fosse, Ògún foi a seu recinto secreto e trouxe para fora todos os Aşe e timidamente entregou-os para Ọrúnmìlá.

Com os poderes seguros em suas mãos, Ọrúnmìlá tomou seu caminho. Assim que chegou em casa ele engoliu todos os Aşe. Todo esse tempo, Ògún agiu como se estivesse em transe. Não ocorreu a ele perguntar a Ọrúnmìlá porque ele foi tirar os poderes dele.

Cinco dias depois, Ògún compreendeu que os poderes não estavam mais em seu poder. Após revirar sua casa para localizar os poderes, ele relembrou que a única divindade que o tinha visitado nos últimos cinco dias foi Ọrúnmìlá. Ele decidiu visitar Ọrúnmìlá porque ele não sabia como explicar a perda dos poderes sem que nenhuma das divindades veio pedir pelos seus próprios. Quando ele chegou à casa de Ọrúnmìlá, ele questionou o que ele foi fazer em sua casa durante a última visita. Mas enfaticamente Ògún perguntou a Ọrúnmìlá se foi ele que veio retirar as forças de todas as divindades dele.

Quando Ọrúnmìlá compreendeu que Ògún não tinha nenhuma recordação clara do que aconteceu quando tomou os poderes dele, decidiu investir em uma alucinação mental temporária de Ògún.

Ọrúnmìlá negou sequer ter visitado Ògún, quanto mais ter pego algum poder dele. Bastante deprimido Ògún caminhou de volta para casa desiludido. Assim foi como Ògún perdeu todos os poderes das divindades para Ọrúnmìlá que apesar de mais novo já havia se tornado mais poderoso que qualquer um deles. Quando Ògún deixou sua casa, Ọrúnmìlá cantou a seguinte canção:

Shigo shigo agoton,
Mukomi ton kio to shiiyere,
Shigo shigo agoton,

Que é porque, no surgimento desse Odu na divinação o consulente é advertido a fazer sacrifício a fim de evitar o risco de perder um trunfo muito querido para uma trama secreta.

OFUNMEJI PARTE PARA A TERRA

No céu, ele era chamado Orongun Deyinekun. Ele era conhecido por ser altamente temperamental e ríspido quando pretendia vir para a terra. Seu anjo guardião lhe disse que a menos que fizesse alguma coisa para amenizar seu temperamento, não iria ter um tempo fácil na terra. Ele então decidiu ir à divinação e foi a uma divinadora que não tinha lábios. Ela era chamada Ugbin eenowo eenose, Ejo kodu kodu, significando: O caracol que não tem mãos e nem pernas, O caracol que se move sob seu abdômen.

Ela advertiu Orongun Deyinekun a fazer sacrifício para prosperar na terra porque ele estava indo para ser um homem provido de muitas funções desde que fosse capaz de ter controle de seu temperamento. Ela advertiu-o para servir seu Ifá com 16 caracóis, que suavizariam e diminuiriam sua agressividade. Ele também foi advertido a servir Èşu com um bode. Ele fez os sacrifícios e recebeu as bênçãos de Deus e de seu Anjo Guardião antes de partir para a terra.

O NASCIMENTO DE OFUNMEJI

Ele nasceu como filho de um rei, que o chamou Ada-Abaye. Ainda quando criança, teve uma mostra de que tudo que ele dizia se tornava verdade. Ele era o último filho do rei, e tudo o que ele pedia lhe era dado. Quando se tornou um homem, se tornou muito ditador, e não estava acostumado a ouvir nenhum conselho. Seus desejos eram lei e ele insistiu em fazer à sua maneira a todo tempo.

Após a morte de seu pai ele se tornou o rei em seu lugar. Seu reinado foi marcado arbitrariedades extremas e tensão. Seu povo estava sob severo estresse e agonia mental. Quando veio a se tornar muito difícil para o bem estar, seu povo se reuniu e lhe disse desafiante que eles não podiam mais tolerá-lo como seu rei. Como se empresta manifestação para o enredo ser lançado contra ele, ele também decidiu abdicar de seu trono. Todo este tempo, ele não teve esposa e nem filhos.

OFUNMEJI RETORNA PARA O CÉU

Ele estava tão desgostoso com o que os habitantes fizeram na terra que decidiu retornar para o céu para investigar seus problemas. Durante sua jornada de retorno ao céu encontrou a mulher sem lábios, que fez divinação para ele antes que atingisse o céu, mas não a reconheceu porque tinha perdido toda a memória do que ocorreu anteriormente no céu. No entanto, ele não teria ignorado a advertência dada antes da sua partida na primeira vez. Ele estava surpreso por ver a criatura incomum não tendo nem pernas, nem mãos e correu apavorado. A mulher chamou-o de volta e ele e não correu se aproximou da mulher relutantemente.

O aspecto repugnante da mulher era porque estava afligida com lepra. Em ver a sua condição ele exclamou "eekpa" atônito. É a exclamação tradicional até o dia de hoje assim que Ofunmeji surge na divinação. A mulher, entretanto implorou-lhe para fazer divinação para ela porque, suspeitava que ele era um sacerdote de Ifá. A mulher disse-lhe que duas coisas ela queria muito em sua vida, era como curar a sua doença e ter um filho. Ele então retirou seus instrumentos de divinação e consultou para ela.

Após a divinação, ele lhe informou que se pudesse fazer os sacrifícios necessários, ela ficaria bem e também teria filhos. Foi lhe solicitado fazer sacrifícios com três cabras, três galinhas, três pombos, três caracóis, três ratos, três peixes, três orogbos, três obi e três medidas de comprimento (10,914 metros) de pano branco.

Foi neste estágio que ela perguntou a Ofunmeji se ele compreendia que estavam no céu, aonde ela não podia obter estes materiais. Ofunmeji convidou-a a retornar com ele para a terra afim de que pudesse fazer o sacrifício para ela lá. Depois disso ele carregou-a em seu retorno.

Logo em seguida, eles atingiram uma encruzilhada tripla (Orítameta). Antes que eles passassem a encruzilhada à mulher lhe disse que devido a sua condição ela não estava apenas proibida de viver na cidade, mas também viajar a luz do dia. Naquele ponto eles encontraram um homem que era um inspetor da encruzilhada chamado Ashipa. Com o auxilio de Ashipa, eles cortaram caminho pela floresta e construíram uma cabana lá. A pedido da mulher, a cabana não tinha porta e o único caminho conhecido para a entrada da cabana era o ponto em que a árvore da vida (Ako Oko em Yoruba e Ikhinmwin em Bini) estava plantada, bem como o local no qual uma folha de palma estava amarrada na cabana. Antes de deixá-la para apanhar os instrumentos para o sacrifício, Ofunmeji perguntou-lhe como ele seria capaz de vê-la já que a cabana não tinha entrada. Ela ensinou-o a repetir o encantamento, depois do que ele colocaria suas costas para a parede sob a folha de palma e o portão se abriria. Ele deveria dizer "Oro Oyin kiimu eyon, eekpa – aikoro lule awo". Antes de deixá-la, Ofunmeji descobriu que ela só tinha um seio. Aquela cabana era chamada Ile-Odi popularmente conhecida como Ileji.

Resumindo sua jornada para o céu, Ofunmeji visitou seu confidente íntimo chamado Akpena que tinha estado procurando por uma esposa. Após contar-lhe a condição da mulher perguntou se ele estava preparado para casar com alguém tendo aquelas deformidades. Surpreendentemente, Akpena concordou em se encontrar com a mulher. Depois disso Ofunmeji pediu a Akpena para coletar todos

os materiais para o sacrifício e ambos retornaram para a cabana. Após o sacrifício, Ofunmeji apresentou formalmente Akpena à mulher.

Antes que a mulher concorda-se em se tornar à esposa de Akpena, ela retirou uma misteriosa vara na qual ele foi feito jurar nunca revelar sua condição. Ela também disse que se alguém mais viesse para a cabana para vê-la por alguma razão, ele deveria ser ofuscado para preveni-lo de ver sua condição. A única exceção era Ofunmeji e todos os outros sacerdotes de Ifá depois dele. Antes de qualquer um vê-la, o mesmo juramento deveria administrado a ele ou a ela, não revelar sua condição.

OFUNMEJI RETORNA PARA O CÉU

Assim que o sacrifício foi feito, a mulher aleijada ficou curada de sua lepra, assim como sua juventude e beleza feminina se tornaram notáveis. Depois do que Ofunmeji decidiu abreviar sua jornada para encontrar a causa de todos os seus misteriosos problemas. Chegando ao céu ele rapidamente se dirigiu para casa da sacerdotisa de Ifá aleijada que tinha divinado para ele anteriormente. A mulher não foi encontrada em lugar algum. Seu anjo guardião lhe disse que a mulher já tinha partido para a terra e avisou-o para fazer tudo para localizá-la, porque era a única que poderia fazer sua prosperidade na terra. Foi então que ele compreendeu que era a mulher que ele tinha justamente colocado na cabana na terra. Ele rapidamente retornou ao mundo.

Ofunmeji foi o primeiro dos Olodu ou apóstolo de Ọrúnmìlá a ser tornar um rei na terra, porque ele foi o primeiro a vir para a terra. Ele caiu em desgraça por causa de suas tendências ditatoriais.

Durante sua segunda vinda para a terra ele se tornou o último dos 16 Olodus da genealogia de Ifá, depois de Ejiogbe e outros que tenham vindo. Aquilo, entretanto não foi até ele restabelecer contato com a mulher que por sua vez fez divinação para ele. Após a divinação, a mulher avisou para fazer sacrifício com dois pombos, pano preto, bengala, inhame pilado, obi e búzios em uma encruzilhada que se tornaria novamente um rei. Nós veremos mais tarde como o sacrifício beneficiou Ofunmeji.

A ORÍGEM DA FRATERNIDADE SECRETA

O casamento da garota aleijada com Akpena prosperou imensamente. Eles foram avisados que deveriam de ter 16 filhos entre eles. Pouco é conhecido, entretanto dos outros filhos com exceção dos dois mais velhos que eram chamados Ogbo apelidado de Yaya e o próximo chamado de Oni apelidado de Yoyo. Eles cresceram como gatos e cachorros sempre brigando um com o outro. Certa vez resolveram usar de meios diabólicos para destruição mútua. Quando seus pais descobriram que estavam correndo o risco de destruir um ao outro, colocaram-os em uma cabana que foi anteriormente habitada por sua mãe e fizeram-nos jurar sob o encanto de sua mãe chamada Edan.

No juramento eles prometeram nunca conspirar ou fazer alguma coisa um contra o outro. Aquela foi à primeira cerimônia de iniciação em uma fraternidade secreta.

O nome Ogboni é derivado dos nomes dos dois fundadores Ogbo e Oni. É considerada a ser a primeira sociedade secreta na terra de acordo com Ọrúnmìlá.

A SEGUNDA VINDA DE OFUNMEJI PARA TERRA

Quando ele chegou ao mundo na segunda vez, começou a praticar a arte de Ifá, se especializando em preparar encantamentos de boa sorte para os outros.

Por isso, é dito dele, Ofun lofueni Owo, Ofun lofueni Omo, Ofun lo fueni Aya, significando: Que Ofunmeji é responsável por prover assistência ao povo desejoso de ter o benefício do dinheiro, casamento e nascimento de filhos. Ele era um eficiente benfeitor nestas questões. No entanto, ele estava sendo desprezado e ridicularizado pelo povo que o viu quando caiu da graça para o gramado.

Ele, entretanto replicou para estes zombadores alertando o povo para não atormentá-lo indevidamente porque ainda tinha meios de esfolar e espancar a face do provocador.

A despeito de seu aviso, muitos sujeitos espertos continuaram a desprezá-lo e atormentá-lo. Ele começou a destruir aqueles que estavam abalando-o. Quando o povo começou a sentir a fúria de sua reação, começaram a ficar apavorados. Enquanto isso ele decidiu ir a divinação, aonde foi avisado a desistir de sua postura agressiva. Os Awo que fizeram divinação para ele naquela ocasião foram:

Afuye Omo aje
Ewon bale lowoji
Odidere Awo agbado
Elomon biriti
Babalawo Edu.

Eles lhe disseram para fazer sacrifício por paz, prosperidade, riqueza, e vida longa.

Eles fizeram todos os sacrifícios para ele e ele se tornou tão rico que terminou sendo o Orongun de Illa Orongun. Ele também viveu até a idade avançada. Com tudo é dito, que seu amigo Akpena que casou com uma mulher aleijada se estabeleceu por fim em Itagbolu aonde o altar existe até hoje.

A DIVINAÇÃO PARA ORANGUN E AKÒGÚN

Obo to bo tOrí eku
Ekutele to soro fun toni ojo oroju
Ojona gooni ojo oroju
Adifa fun orongun. Abufun akÒgún.

O macaco preso no telhado,
Fica faminto por negligência,

É o nome do Awo que fez divinação para Orongun e AkÒgún quando eles estavam disputando o trono de seu falecido pai.

Quando eles lutavam a ponto de se destruir um ao outro, os ministros intervieram. Eles decidiram dar o trono a seu tio. Seu tio não durou muito no trono e em seguida à sua morte, os dois irmãos ajustaram suas contas amigavelmente. Por fim os ministros decidiram dar o trono ao mais velho dos irmãos, Orongun, enquanto que o mais novo Akongun, foi feito porta voz da cidade, sem este consentimento nenhuma decisão de alguma importância, era dada em alguma ocasião. Orongun teve um pacífico e longo reinado com o suporte de seu irmão Akongun.

DIVINAÇÃO PARA AGANBI, A MULHER ESTÉRIL DE IFÉ

Ofun tututu bi eleji
Amuji kutu wenu,
Ibi Titu maa kanju
Ororun ale won maa nissin.
Adifa fun aganbi ile ife nijo toon fi omi oju shubere omo tuuru tu.

Ofun, o branco, é tão frio quanto a água da chuva.
Beber água do pote é mantê-lo limpo toda manhã,
Antes de enchê-lo novamente.
A sombra fria não precisa se preocupar
Por carência de companhia,
Porque o sol em breve trará clientes para ele.

Estes foram os Awo que fizeram divinação para a mulher estéril de Ifé quando todos seus relacionados abandonaram-na como um caso de má sorte, porque ela não tinha filhos. Ela foi avisada a fazer sacrifício com um pano branco, um galo branco, uma galinha branca, milho, e mel, e casar com um sacerdote de Ifá. Ela fez o sacrifício e por fim casou com um sacerdote de Ifá.

Ela logo ficou grávida e deu a luz a uma criança. Em sua próxima gravidez deu a luz a um par de gêmeos. Depois disso, todos seus amigos e relacionados, que tinham-na abandonado, retornaram para se alegrar com ela. Ela se tornou muito feliz e cantou em louvor aos Awo que fizeram divinação para ela.

Quando este Odu surge na divinação para uma pessoa que está ansiosa para ter um filho, ele deverá ser informado para exercitar paciência e fazer sacrifício. Se o sujeito é um homem, ele será informado a providenciar seu próprio Ifá. Se uma mulher, ela será avisada a casar com um sacerdote de Ifá praticante após fazer o sacrifício.